



Escola de Sociologia e Políticas Públicas

Departamento de Sociologia

## A agência dos idosos residentes em dois bairros lisboetas

Carla da Silveira Ramos

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de  
Doutor em Sociologia

Orientador(a):

Professora Doutora Maria das Dores Guerreiro, Professora Associada  
Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

Março, 2019



Escola de Sociologia e Políticas Públicas

Departamento de Sociologia

## A agência dos idosos residentes em dois bairros lisboetas

Carla da Silveira Ramos

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de  
Doutor em Sociologia

Júri:

Professora Doutora Teresa Seabra, Professora Auxiliar, Instituto Universitário de Lisboa  
Professora Doutora Maria Irene de Carvalho, Professora Associada, Universidade de Lisboa  
Professor Doutor José de São José, Professor Auxiliar com Agregação, Universidade do Algarve  
Professora Doutora Maria Isabel Dias, Professora Associada, Universidade do Porto  
Professora Doutora Rosário Mauritti, Professora Auxiliar, Instituto Universitário de Lisboa

Março, 2019



## Índice

<b>Introdução .....</b>	3
<b>Parte I – Referencial teórico .....</b>	6
Capítulo 1 – Algumas considerações sobre o envelhecimento .....	6
Capítulo 2 – As teorias sobre os conceitos de agência e estrutura .....	10
2.1. – Principais contornos das teorias do curso de vida .....	10
2.1.1. – Os conceitos de agência e estrutura nas teorias do curso de vida .....	15
2.2. – Os conceitos de agência e estrutura na teoria sociológica geral .....	17
2.2.1. – Agência humana (agregação) .....	19
2.2.2. – Estrutura (princípio) social .....	29
2.2.3. – Para uma superação do fracionamento objetivismo-subjetivismo .....	33
Capítulo 3 – Das teorias da modernidade avançada ao estudo das redes sociais .....	50
3.1. – As teorias da modernidade avançada (ou reflexiva) .....	50
3.2. – O estudo do capital social .....	54
3.3. – O estudo das redes sociais .....	60
3.3.1. – Uma abordagem genérica das análises (a partir) das redes sociais .....	60
3.3.2. – As redes sociais conforme os trabalhos sobre a cidade .....	66
3.3.2.1. – Estudos sobre as redes de vizinhança urbana .....	78
3.3.3. – As redes sociais do lugar da Sociologia da Família .....	84
3.3.4. – As redes sociais e o Estado-Providência .....	94
<b>Parte II – Eixos de análise e metodologia .....</b>	99
Capítulo 4 – Modelo analítico .....	99
Capítulo 5 – Metodologia .....	106
<b>Parte III – Integrantes dos campos empíricos de observação .....</b>	116
Capítulo 6 – Os campos empíricos de observação: os espaços e as pessoas .....	116
6.1. – O Bairro de São José .....	116
6.1.1. – As populações e os espaços urbanos do lado Este do Bairro de São José .....	119
6.1.2. – Do passado para cá: mudanças nas relações sociais dos residentes idosos do lado Este do Bairro de São José .....	131
6.2. – O Bairro de Benfica .....	137
6.2.1. – Os espaços urbanos da Rua dos Arneiros .....	140
6.2.2. – Espaços urbanos das proximidades da Rua dos Arneiros .....	144
6.2.3. – Do passado para cá: mudanças nas relações sociais dos residentes idosos da Rua dos Arneiros e das proximidades desta rua .....	147
6.4. – Os espaços e as populações das freguesias de Benfica e São José, segundo os Censos .....	150
6.5. – Caracterização (residencial, socioeconómica e sociofamiliar) dos entrevistados .....	163
<b>Parte IV – Análise dos dados empíricos .....</b>	165
Capítulo 7 – Agência, orientada para o curso de vida, dos idosos residentes nos bairros de São José e Benfica .....	165
Capítulo 8 – Agência nos espaços e comunidades locais, interlocais e supralocais acionada, durante a modernidade avançada, pelos idosos residentes em São José e Benfica .....	204
<b>Conclusão .....</b>	279
<b>Referências bibliográficas .....</b>	290
<b>Anexo A – Outros integrantes dos campos empíricos de observação .....</b>	301
<b>Anexo B - Caracterização dos entrevistados .....</b>	319
<b>Anexo C - Detalhes biográficos .....</b>	325
<b>Anexo D - Pormenorizações das redes e do povoamento das redes e do espaço .....</b>	370

## Resumo

Centrámos esta tese de doutoramento não apenas no estudo da agência orientada para o curso de vida e da agência orientada, durante a modernidade reflexiva, para os espaços e comunidades (locais, interlocais e translocais), mas também no estudo das estruturas (estrutura posicional, estrutura reticular e estrutura espacial local), que mais ordenaram e mais ordenam estas agências. Como espaços contextualizadores dessas preocupações, esta investigação centrou-se em dois contextos urbanos, constituídos enquanto campos empíricos de observação, o Bairro de Benfica (periferia de Lisboa) e o Bairro de São José (centro de Lisboa), e nos seus idosos residentes. Fizemos uma pesquisa de terreno associada a uma metodologia qualitativa com um complemento quantitativo.

Para estudarmos aquelas questões do curso de vida segmentámos os idosos entrevistados em duas diferentes coortes nascidas entre 1920 e 1933 e entre 1934 e 1952. Porém, ao estudarmos aquelas questões da modernidade reflexiva, encontrámos quatro tipos de agentes: i) agentes consistentes, ii) agentes moderados, iii) agentes incentivadores, e iv) agentes conversadores.

Foi possível concluir que os agentes sociais idosos não estão completamente subordinados às estruturas. De facto, encontrámos diferentes (inter e intra) articulações da agência, orientada para o curso de vida, e daquelas estruturas, apesar de as estruturas posicionais dos progenitores ocasionarem diferenças nos cursos de vida. Encontrámos, também, diferentes (inter e intra) articulações da agência, orientada, durante a modernidade reflexiva, para os espaços e comunidades (locais, interlocais e translocais), e daquelas mesmas estruturas. Deste modo, considerámos que os indivíduos idosos são distinguidos por uma multiplicidade de experiências.

**Palavras-chave:** Agências, estruturas, indivíduos idosos, pesquisa especialmente intensiva.

## Abstract

We centred this PhD thesis not only in the study of agency oriented to life course and agency oriented, during late modernity, to (local, interlocal and trans-local) spaces and communities, but also in the study of the structures (positional structure, network structure and local space structure), which more ordered and order these agencies. As contextualizing spaces of these concerns, this research was centred in two urban contexts, constituted as empirical fields of observation, Quarter of Benfica (Lisbon periphery) and Quarter of São José (Lisbon downtown), and in their elderly inhabitants. We did a field research associated to a qualitative methodology with a quantitative complement.

To study that questions about life course we divided the old interviewees in two different cohorts born between 1920 and 1933 and between 1934 and 1952. Nevertheless, when we studied that questions about late modernity, we discovered four types of agents: i) consistent agents, ii) moderated agents, iii) encourager agents, and iv) talkative agents.

It was possible to conclude that old social agents are not completely subordinated to structures. In fact, we discovered various articulations between and within agency, oriented to life course, and that structures, despite the fact that parents' positional structures occasioned differences in the life courses. We also discovered various articulations between and within agency, oriented, during late modernity, to (local, interlocal and trans-local) spaces and communities, and that structures. For these reasons, we considered that older individuals are distinguished by a multiplicity of experiences.

**Key words:** Agencies, structures, older individuals, especially intensive research.

## Introdução

Na presente investigação, algo relativamente padronizável em investigação sociológica (ver Almeida et al., 1995; e, igualmente, Quivy e Campenhoudt, 1992; Silva e Pinto, 1986), a definição do problema e das questões de partida encontrou-se, diretamente, relacionada com a fase exploratória, que se consubstanciou na recolha de informação bibliográfica e autoral, bem como na realização de encontros diretos<sup>1</sup>, ambos os procedimentos realizados de modo bastante preliminar.

A fase exploratória confirmou que o estudo dos contornos das redes de relacionamentos geracionais dos idosos residentes nos bairros de São José e Benfica – situados, respetivamente, no centro (ou nas imediações da Avenida da Liberdade) e na periferia da cidade de Lisboa – constituía uma questão principal, sendo interessante contextualizá-la com recurso às atividades desenvolvidas nos espaços urbanos locais pelos idosos residentes, às componentes dos mesmos espaços urbanos e às trajetórias reticulares desses idosos residentes.

Tendo como sustentação as descobertas preliminares, resultantes da fase exploratória, clarificámos o que tencionávamos estudar e construímos um desenho do caminho, em termos de problemática, modelo de análise e hipóteses, que norteou a recolha de informação (consultar em Almeida et al., 1995). Trabalhámos com um esquema teórico aberto, no qual o modelo de análise e as hipóteses, que surgiram do mesmo desenho inicial, foram reformulados no decurso da observação, tendo sido descobertos outros pontos de interesse, ao contrário de um esquema no qual os problemas completamente preestabelecidos foram investigados com a orientação de

<sup>1</sup> No âmbito das observações exploratórias, fizemos várias incursões pelos lugares e obtivemos várias informações, mas existiram certas situações com maior relevância. Se os etnógrafos tentam aceder aos terrenos sem o apoio de informantes privilegiados, intermediários nas interações e no conhecimento dos factos, podem ser, mais ou menos delicadamente, convidados a retirar-se, algo que é já conhecido do trabalho de Whyte (2005). Não foi de estranhar que fossemos, delicadamente, convidados a retirar-nos de uma pastelaria, localizada no lado Oeste da Avenida da Liberdade, por um grupo de residentes idosas desse lado do Bairro de São José, que ficaram bastante desconfiadas com a nossa presença continuada. Passámos, também, longas horas em duas pastelarias do Bairro de Benfica, com o objetivo de fazer contactos com residentes idosos das proximidades da Rua dos Arneiros, mas essas incursões foram em vão. Nestas incursões notámos que os idosos que rejeitaram e foram indiferentes estiveram, no momento em que o demonstraram, embebidos em redes de relacionamentos e atividades com outros residentes idosos.

um modelo de análise predeterminado (Becker e Geer, 1982; Céfaï, 2003). Por isso, o campo de observáveis – ou seja, os indivíduos<sup>2</sup> e os ângulos da realidade a investigar – foi afinado à medida que percorremos o caminho da investigação (ver Almeida et al., 1995).

Inicialmente, estivemos, sobretudo, interessados em analisar as populações idosas de residentes no Bairro de São José e na Rua dos Arneiros, uma rua integrada no Bairro de Benfica. Durante a observação, como tínhamos algum interesse em conhecer, também, o enquadramento espacial próximo da Rua dos Arneiros e os idosos que habitam nesses espaços, selecionámos a Calçada do Tojal e o Bairro do Charquinho. Igualmente durante a observação, verificámos que a (antiga) *Junta de Freguesia de São José*, posicionada do lado Este do Bairro de São José, era, especialmente, povoada pelos residentes idosos do mesmo lado, o que ocasionou a observação de mais situações desenroladas entre os idosos aí residentes, mais ativos e participativos nas atividades da junta de freguesia e noutras sociabilidades, designadamente naquelas que tomam lugar nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade. Não obstante, prosseguimos a definição de quem investigar de modo flexível, sendo que a alargámos a outros idosos, quando se mostrou interessante e lucrativo para a investigação.

Numa fase mais adiantada, esta investigação foi orientada por um critério comum, que se desenvolveu em torno da “(...) explicação da ordem social, definida como ordem factual, isto é, como o resultado da padronização do mundo social.” (Pires, 2007, 15). Daqui ressaltou a importância de melhor conhecer não apenas as agências operadas pelos idosos residentes em ambos os bairros de São José e Benfica, como também as estruturas que mais as constrangeram e constrangem ou que mais as favoreceram e favorecem. Por conseguinte, em primeiro lugar, propusemos responder às questões de partida: (i) Como é que os idosos residentes nos bairros de São José e Benfica açãoaram (e açãoam) a sua agência no curso de vida?; (ii) Como é que os idosos residentes nos bairros de São José e Benfica (açãoaram e) açãoam a sua agência, durante a modernidade avançada, nos espaços e comunidades locais, interlocais e translocais?.

<sup>2</sup> Pretendemos, de antemão, estudar as populações idosas de dois espaços residenciais urbanos da cidade de Lisboa: os bairros de São José e Benfica. Nesta sequência, os critérios que justificaram a escolha desses espaços foram os recursos económicos e as idades dos residentes idosos. Os mesmos critérios estão relacionados com as localizações desses espaços na cidade e com os seus tempos de edificação. O Bairro de São José está localizado nas imediações da Avenida da Liberdade (centro de Lisboa) e inclui um conjunto de edificações com centenas de anos de história e o Bairro de Benfica está situado na periferia da cidade e inclui uma fração relevante de construções mais atuais. As localizações de ambos os bairros na cidade e os seus tempos de edificação apoiaram, num primeiro momento, a definição dos recursos económicos e das idades dos residentes idosos, pois considerámos que os residentes idosos do Bairro de São José possuíam menores recursos económicos e eram mais velhos. Mesmo assim, no Bairro de Benfica encontrámos desigualdades espaciais, quando pensamos nos tempos de edificação de uma mesma rua ou de um mesmo espaço, e um exemplo destas realidades espaciais, com repercussões importantes em termos das idades dos residentes idosos, é a Rua dos Arneiros. Esta rua, onde os idosos residentes, além disso, se caracterizam por realidades socioeconómicas distintas, constituiu-se como um laboratório, intensamente, pertinente. Contudo, visámos conhecer realidades dos espaços e dos residentes idosos das suas proximidades.

Em segundo lugar, ao considerarmos as mesmas questões de partida subentendemos uma outra questão de partida: (iii) Quais são as estruturas que mais constrangeram e constrangem ou que mais favoreceram e favorecem estas agências?

Desta maneira, os objetivos do presente estudo centraram-se na articulação empírica da diáde conceptual: (i) Agencial, dimensionado através da agência no curso de vida e da agência nos espaços e comunidades (locais, interlocais e translocais), durante a modernidade avançada; e (ii) Estrutural, dimensionado através das estruturas reticular, posicional e espacial local.

Selecionámos estas temáticas por se fazer notar uma lacuna na investigação sociológica sobre a agência e a estrutura, em particular, no que diz respeito à agência protagonizada pelos idosos residentes em contexto urbano. Propusemos, deste modo, combinar temáticas e questões teóricas relevantes e atuais da Sociologia contemporânea e tanto privilegiámos as temáticas e questões teóricas menos estudadas empiricamente, como privilegiámos aquelas mais estudadas empiricamente. Como foi afirmado por Rui Pena Pires:

“Há muito que sustento ser necessário criar condições para uma maior cumulatividade no domínio da teoria sociológica, selecionando e recombinando contributos originários de diferentes escolas e correntes. A insistência na irredutibilidade dessas escolas e correntes traduz-se num enorme desperdício dos resultados do trabalho inteligente, informado e árduo de dezenas de sociólogos. Esses resultados podem e devem ser rigorosamente escrutinados com base tanto em novos desenvolvimentos teóricos como nos contributos da investigação empírica.” (2007, 11; cf., ainda, Parsons, 1950).

Seguimos uma metodologia qualitativa ancorada em observação direta e participante nas sociabilidades dos idosos investigados, entrevistas semiestruturadas, desenho de linhas-da-vida, genealogias, mapas das redes amicais e de conhecimento, e análise documental. Para além disso, fizemos recolha e análise estatística da informação censitária (de 2011). Neste sentido, combinámos, igualmente, diferentes perspetivas teóricas com diferentes óticas metodológicas, nomeadamente, combinando dimensões como a agência no curso de vida, a agência nos espaços e comunidades locais, interlocais e translocais e as estruturas posicionais, reticulares e espaciais locais com as metodologias qualitativas e quantitativas.

Numa sociedade do envelhecimento, em que o número de idosos já se sobrepõe ao dos jovens, é importante pesquisar a agência destes idosos, nomeadamente daqueles residentes em meio urbano. Por isso, com esta pesquisa visámos demonstrar os hibridismos protagonizados pelos agentes sociais idosos e, ainda, dar um contributo para o conhecimento mais aprofundado dos diferentes modos como as populações idosas residentes nos bairros de Benfica e São José fizeram e fazem a diferença no mundo em que vivemos ou (re)inventaram e (re)inventam este nosso mundo.

## **PARTE I – REFERENCIAL TEÓRICO**

### **Capítulo 1**

#### **Algumas considerações sobre o envelhecimento**

De acordo com Ana Alexandre Fernandes (1997, 1): “A passagem do século XIX para o século XX, a par com alterações económicas e sociais profundas, coincide com a *transição demográfica* (fenómeno que representa a mudança de um regime demográfico com altas taxas de mortalidade e de natalidade para um outro em que a mortalidade e a natalidade se voltam a equilibrar, mas a níveis muito mais baixos)”. As mudanças do regime demográfico ofereceram às populações contemporâneas, simultaneamente, um aumento importante da esperança média de vida (cf. ainda Fernandes, 1997). Contudo, o aumento da esperança média de vida ocasionou, igualmente, o surgimento de um maior número de idosos dependentes.

Por meio dos dados recolhidos, Karin Wall, José José e Sónia Correia (2001) obtiveram dois tipos-ideais elementares sobre a prestação de cuidados a idosos dependentes: (i) arranjos de cuidados familiares (centrados nos parentes próximos do idoso dependente e partilhados por duas a três pessoas ou levados a cabo, somente, por uma pessoa), que se subdividem em apoio familiar de fortes necessidades de cuidado (‘hands-on’ family care) e apoio familiar de fracas necessidades de cuidado (‘watching over’ family care)<sup>3</sup>; e (ii) arranjos de cuidados matizados (caracterizados por uma mistura entre cuidadores familiares e outro tipo de cuidadores), que se subdividem em cuidado intensivo (‘hands-on’) no domicílio e cuidado matizado de vigilância (‘watching over’), entre outros. As famílias que prestam cuidados intensivos (‘hands-on’ care) a idosos sofrem impactos nos domínios da saúde, das rotinas quotidianas e das atividades sociais e de lazer (Wall, José e Correia, 2001). Com sustentação nos discursos de cuidadores familiares de idosos dependentes, Ana Alexandre Fernandes, Ana Paula Gil e Inês Gomes

<sup>3</sup> A prestação de cuidados aos idosos com fortes necessidades de cuidado, que engloba atividades intensivas, como fazer a higiene diária, ajudar a vestir/despir, sentar/levantar ou ajudar a comer/beber, etc., é bastante diferente da prestação de cuidados aos idosos com fracas necessidades de cuidado, que abarca, exclusivamente, cuidados leves, como vigiar ou supervisionar (Wall, José e Correia, 2001; cf. José e Wall, 2006).

(2010) elaboraram uma tipologia dos sentidos e modos de atuar, que foi constituída por quatro tipos: dádiva/amor, justeza/dever, justiça/crítica e, mesmo, desamor/violência. Os resultados de José (2012) acentuaram uma pluralidade de cuidados a idosos dependentes, sempre que existem divisões entre elementos da rede familiar e outros indivíduos que não pertencem à mesma rede, a qual assenta em diferentes articulações.

José e Wall (2006) constataram que trabalhar e cuidar – individualmente ou unicamente com o apoio do parentesco – de um idoso com fortes necessidades de cuidado é extremamente difícil. Esta dificuldade, de conciliar trabalho profissional e os mesmos cuidados, é atenuada quando se usufrui de apoios extrafamiliares remunerados em sistema de tempo inteiro, o que é permitido apenas em agregados domésticos que conseguem pagar esses serviços (José e Wall, 2006). Por outro lado, as menores dificuldades de conciliação entre estas duas esferas de ação encontram-se nas famílias que se ocupam de idosos com fracas necessidades de cuidado (José e Wall, 2006). Por conseguinte, as carências dos indivíduos, no que diz respeito à prestação de cuidados a idosos dependentes ou a outros familiares, precisam de ser garantidas e, para isso, é necessário impulsionar as funções do Estado e da sociedade em matérias como a promoção de circunstâncias vantajosas para a autonomia dos cuidadores (Pimentel e Albuquerque, 2010).

Conforme Gil (2007), o avanço histórico das políticas sociais orientadas para a velhice tem sido limitado no prosseguimento de medidas inovadoras, que motivem o envelhecimento ativo. Neste mesmo sentido, torna-se necessário conceber políticas que fomentem a saúde, a participação e os estilos de vida ativos, as mesmas políticas trazem, indiretamente, consigo a prevenção de situações em que os idosos se tornam incapacitados (Gil, 2007). Para além disso, é essencial criar políticas que assentem em questões relacionadas com os serviços qualificados e os equipamentos<sup>4</sup>, bem como tomar medidas de apoio às famílias (Gil, 2007) e, deste modo, assegurar o melhoramento das carências dos idosos e das suas famílias.

Os autores que referimos, anteriormente, debruçaram-se sobre questões relacionadas com a prestação de cuidados a idosos dependentes e com estes idosos. Contudo, importa centrar o objeto de estudo num maior número de situações importantes, que apesar de, em certos casos, acompanharem aquelas questões, noutras casos, extravasam as mesmas questões, uma vez que respeitam, de um modo mais alargado, aos hibridismos subjacentes aos idosos (residentes em dois bairros lisboetas).

<sup>4</sup> Machado (1994) notou carências acentuadas de equipamentos direcionados para os idosos em praticamente todas as freguesias lisboetas, sendo predominantes equipamentos tais como os centros de convívio e os centros de dia, que definem a maioria dos apoios disponíveis para os indivíduos idosos, enquanto auxiliares do seu quotidiano, geralmente, marcado por viver só ou viver com outro idoso.

Foi, habitualmente, defendido que os indivíduos tornam-se idosos aos sessenta e cinco anos (Guerreiro, 2003; Timonen, 2008) e esta mesma idade é coincidente, na generalidade dos países europeus, com a entrada na reforma (Fernandes, 2001). Mesmo assim, a noção de idade não só contém uma definição de tipo cronológico, como também contém, por exemplo, outras definições de tipos sociocultural, biológico e psicológico. É necessário entendermos, pois, que não existe uma definição (correta e fixa) de idoso, todas as definições são incompletas e as mais frequentes são, geralmente, arbitrárias (Timonen, 2008).

De facto, os idosos apresentam significativa heterogeneidade em função das diferentes categorias etárias em que se englobam, segundo as suas múltiplas definições, bem como em função do género, dos seus diferentes modos de vida, diferentes graus de autonomia, diferentes estratos socioeconómicos, diferentes contextos residenciais, familiares e amicais (ver Cann e Dean, 2009; Vincent, Phillipson e Downs, 2006). Determinados autores referiram que a idade cronológica, o género, o estado civil, as redes sociais, as condições socioeconómicas, etc., são fundamentais para a inclusão em contextos de qualidade de vida<sup>5</sup>, que fazem com que os idosos se diferenciem por meio do traçado dos mesmos aspetos sociais e individuais (Bond e Corner, 2004; Walker, 2005; por exemplo). No horizonte das condições subjetivas de bem-estar, que foram relacionadas com alguns daqueles indicadores objetivos (Pinquart e Sörensen, 2000), foi, igualmente, evidenciada a importância da pluralidade encontrada nos indivíduos idosos, isto é, a importância de que o envelhecimento contemporâneo, apesar de se desenrolar universalmente, é, também, heterogéneo (Bond e Corner, 2004; Cann e Dean, 2009; Fernandes, 2001; Timonen, 2008; Vincent, Phillipson e Downs, 2006; Walker, 2005). Esta perspetiva contrasta com uma outra que – propositadamente ou não – homogeneíza as pessoas idosas (Cann e Dean, 2009).

Conforme escreveram Fernandes, Gil e Gomes (2010), a noção de invisibilidade social tem grandes relevância e aplicabilidade sociológicas quando se encontra associada a processos de ausência de relações com o contexto público, já que torna possível investigar mecanismos de exclusão social (e distanciamento individual) em vários sectores. A última etapa do curso de vida é um exemplo dos mesmos sectores, pois encerra situações como a institucionalização da passagem à reforma, o aumento da esperança média de vida e as situações de incapacidade ou

<sup>5</sup> Os domínios mais cruciais para a qualidade de vida dos idosos são: satisfação subjetiva (qualidade de vida global segundo a interpretação dos idosos), fatores de autonomia pessoal (capacidade para fazer escolhas e para controlar e negociar o seu ambiente), fatores de saúde (bem-estar físico, saúde mental, etc.), fatores culturais (idade, género, religião, etc.), fatores socioeconómicos (rendimento, bens materiais, etc.), fatores do contexto social (redes sociais, atividades recreativas, etc.), fatores do contexto espacial (arranjos residenciais, facilidades para ir às compras, usar os transportes públicos e manter atividades de lazer, etc.) e, ainda, fatores de personalidade (bem-estar psicológico, felicidade, etc.) (Bond e Corner, 2004).

doença (Fernandes, Gil e Gomes, 2010). Segundo estas autoras, “(...) a passagem [dos idosos] à reforma ou a condição de velhice conduzem-nos, na maioria das vezes, à invisibilidade social, isto é, eles ausentam-se do cenário em que decorre uma boa parte da vida pública.” (2010, 173).

Apesar disso, se é incorreto negar que existem indivíduos idosos excluídos socialmente e afetados por problemas de isolamento, solidão e carência de redes sociais de apoio, é também incorreto traçar um retrato da evolução histórica em que os idosos teriam passado de um grande apoio para o isolamento completo e a inexistência de sistemas de apoio (Timonen, 2008; cf. Fernandes, 2001). Note-se que a par com o crescimento do número de idosos sós, assistiu-se a um volume significativo de idosos que, já em idades bastante avançadas, continuavam a viver em casal (Guerreiro, 2003) e as mesmas questões influenciam as redes de relacionamentos (inter e intra) geracionais contidas pelos idosos (Cornwell, 2009). Para muitos idosos, além da rede familiar, a comunidade de amigos e vizinhos é mais e mais importante (Timonen, 2008). Por conseguinte, os indivíduos idosos estão imersos numa (maior ou menor) rede social, que lhes dá (mais ou menos) apoios e tem uma influência nas experiências de envelhecimento (Timonen, 2008).

Para Virpi Timonen (2008), as interações e os apoios sociais influenciam positivamente a saúde, a longevidade e, até mesmo, a reação a problemas de saúde. Este envolvimento social está associado à rede do indivíduo (homem ou mulher em contacto com), ao tipo de apoios de que usufrui (ter alguém para desabafar quando se sente mal, por exemplo) e à importância do entrosamento em atividades sociais (pertencer a um clube ou a outra organização, trabalhar em movimentos religiosos, etc.). Apesar do contexto social do envelhecimento se ampliar da rede de parentesco para os amigos, os vizinhos e um maior ou menor número de atividades que as pessoas idosas levam a cabo, não obtemos um entendimento dos idosos no seu contexto social sem compreender as estruturas familiares que os envolvem, visto que a família tem um impacto substancial nas redes de apoio disponíveis para os idosos (Timonen, 2008). No entanto, Vern Bengtson, K. Warner Schaie e Linda Burton (1995) observaram vários pontos do mapa-múndi, nomeadamente através do *Project AGE*, e constataram que os entendimentos sobre a família e os modelos de vida familiar são distintos. Efetivamente, no interior dos hibridismos subjacentes aos idosos, não só encontramos hibridismos nas redes de parentesco em que estes se integram, como também encontramos hibridismos noutras redes sociais em que os mesmos podem estar incluídos, o que ocasiona a formação e a manutenção de diferentes relacionamentos, apoios e atividades sociais.

## Capítulo 2

### As teorias sobre os conceitos de agência e estrutura

#### 2.1. Principais contornos das teorias do curso de vida

As teorias do curso de vida encontram-se relacionadas com a descodificação dos efeitos e dos correlatos do ano de nascimento e da idade, para os quais se torna importante especificar os conteúdos englobados a estes respeitos. A complexidade desta preocupação é ilustrada pelas subsequentes dimensões temporais e características posicionais que se obtêm dos dados sobre a idade: (i) o tempo de vida ou a duração da vida dos indivíduos desde o nascimento até à morte – a idade cronológica como um ponto aproximado do estágio na sequência etária; (ii) a agenda social do curso de vida (casar e entrar na reforma, por exemplo), que é definida pelos critérios relativos às normas e aos papéis sociais de uma certa idade; e (iii) o tempo histórico no decurso da mudança social – o ano de nascimento ou a entrada num determinado sistema como factos respeitantes ao posicionamento histórico (Elder, 1975).

“A literatura sociológica sobre a idade é informada por duas perspetivas teóricas gerais e os seus entendimentos complementares sobre a diferenciação das idades no curso de vida: a sociocultural e a coorte-histórica.” (Elder, 1975, 167).

Para Glen Elder (1975), na perspetiva sociocultural estão reunidos os significados da idade e as alterações contextuais dos mesmos. O nascimento, a puberdade e o falecimento são ocorrências biológicas do curso de vida, no entanto, os significados destas nas sociedades são ocorrências sociais ou construções sociais, como podemos observar na diferente organização das categorias da idade que se desenvolve em torno das sociedades. As diferenças de idade são reveladas por expectativas normativas, direitos e recompensas. Deste modo, as categorizações etárias, enquanto divisões socialmente reconhecidas do curso de vida, quando são generalizadas

socialmente ou quando estão limitadas a certos meios institucionais, são definidas por normas<sup>6</sup> constitutivas da autodefinição e especificadoras dos papéis, dos comportamentos apropriados e dos calendários temporais (Elder, 1975). Efetivamente, no contexto das sociedades ocidentais, o seguimento do curso de vida é diferencial, pelo menos parcialmente, no que concerne à idade, visto que os papéis e os comportamentos são ordenados, em parte, com fundamento (normativo) na idade (Mortimer e Shanahan, 2004).

Já na perspetiva coorte-histórica, segundo Elder (1975), a idade cronológica representa um estágio da vida, enquanto o ano de nascimento ou a entrada num determinado sistema (por exemplo, a idade no primeiro casamento ou numa formação académica) posiciona o indivíduo num enquadramento histórico como o elemento de uma coorte<sup>7</sup> própria. As coortes, mesmo que sejam diferenciadas por uma mentalidade coletiva ou por padrões de vida<sup>8</sup> específicos, não são, geralmente, categorias etárias socialmente reconhecidas e especificadas normativamente. Esta perspetiva coorte-histórica (e hierárquica) da estratificação etária está sustentada na premissa de que as camadas etárias influenciam os indivíduos (Elder, 1975). Uma perspetiva histórica (como esta), além de fornecer uma conjuntura da mudança ao longo do tempo, clareia os modos como as circunstâncias e os acontecimentos históricos influenciam as experiências de vida de diferentes grupos etários (Elder, 1978; cf. Hareven, 1994).

As coortes são, mais genericamente, distinguidas no seguimento de mudanças céleres e representam uma direção da mudança social, no sentido em que coortes sucessivas divergem quanto aos padrões de vida (Elder, 1975). Por isso, é esperado que as diferenças mantidas entre coortes sejam um reflexo da mudança social (Mortimer e Shanahan, 2004). Além disso, quando coortes sucessivas encontram o mesmo acontecimento histórico, estas fazem-no em diferentes momentos da vida e o impacto do acontecimento é, portanto, contingente em relação ao estágio vivencial de cada uma das coortes, naquele momento do acontecimento histórico (Elder, 1975).

<sup>6</sup> “Em termos muito sintéticos, podem sistematizar-se os efeitos de ordenação social imputáveis à estrutura cultural, definida enquanto estrutura normativa, como efeitos de padronização atribuíveis à codificação externa das normas. Normas são todas as regras de conduta legitimadas por valores e partilhadas por um conjunto particular de pessoas, existindo também como expectativas internalizadas.” (Pires, 2007, 34). Os papéis sociais constituem as expectativas de comportamento definidas normativamente, por exemplo, quando as mesmas expectativas estão relacionadas com as posições sociais (*status*) (cf. Pires, 2007).

<sup>7</sup> De acordo com Mortimer e Shanahan (2004), os elementos de uma mesma coorte partilham os acontecimentos históricos e, tendencialmente, partilham as oportunidades e os constrangimentos postos pelas sociedades num certo momento, partilham, no mesmo momento ou em momentos relativamente próximos, as experiências do ciclo de vida (entradas na infância, na adolescência, etc.) e partilham as diferentes componentes daquela coorte (como o tamanho, os níveis de formação, etc.). No entanto, as mesmas tendências não impedem que observemos diferenças no interior de uma mesma coorte, no que respeita aos padrões de vida (Elder, 1975).

<sup>8</sup> O modelo proposto por Viegas et al. (2009) para a análise dos padrões de vida comprehende estes eixos analíticos: educação/formação, trabalho/produção e consumo/tempos livres.

Por isso, as idades e as circunstâncias históricas que são próprias da mesma coorte – bem como as propriedades mais gerais dessa coorte, por exemplo, a composição e o tamanho – orientam o seguimento do curso de vida (Elder, 1975). De facto, o curso de vida de uma coorte particular traduz as suas experiências em circunstâncias (históricas) de prosperidade ou de crise (Elder, 1975).

Os relacionamentos geracionais dos idosos são melhor compreendidos na sequência do curso de vida e das mudanças históricas, que influenciaram os indivíduos em vários pontos da vida (Hareven, 1994) e que continuam a influenciá-los. Ao invés de explicarem os idosos como um grupo homogéneo, as teorias do curso de vida explicam-nos enquanto coortes (etárias) que se movimentaram no tempo histórico (Elder, 1978; Hareven, 1994) e prosseguem determinadas movimentações. No entanto, aqueles relacionamentos geracionais não só são plasmados pelas circunstâncias históricas (particulares), como são, identicamente, plasmados pelas experiências individuais e familiares com que os indivíduos se depararam anteriormente na vida (Hareven, 1994) e com que se deparam presentemente.

Em resumo, compreendemos, com recurso aos contributos anteriormente apresentados, que o âmago das teorias do curso de vida é a sincronização do ‘tempo individual’, do ‘tempo familiar’ e do ‘tempo histórico’. Estas teorias contêm três questões indispensáveis: (i) o tempo das transições vivenciais dos indivíduos no quadro da mudança histórica; (ii) a conjunção das transições vivenciais dos indivíduos com as transições vivenciais das suas famílias e o impacto da mesma nas relações familiares; (iii) o impacto dos acontecimentos passados, norteados pelas circunstâncias históricas encontradas anteriormente, nos acontecimentos ulteriores (Hareven, 1994).

O tempo das transições vivenciais dos indivíduos compreende o movimento de entrada em diferentes universos e de saída dos mesmos universos, ao longo do curso de vida, como são a família, a formação, o trabalho profissional e a comunidade. Esta realidade conduz a uma pergunta importante: como é que os indivíduos sequenciam e temporizam as mesmas transições nos contextos históricos modificáveis? A definição e o prosseguimento temporal das transições estão focados nos quadros sociais e culturais em que as transições acontecem e na elaboração do curso de vida, em distintos períodos de tempo e em distintas sociedades (Hareven, 1994).

Mark Rank e Thomas Hirsch (2001) observaram as experiências de pobreza (abaixo do limiar de pobreza) e de afluência (dez vezes acima do limiar de pobreza) na adultúcia, tendo em consideração o rendimento familiar completo (que inclui os ordenados do agregado doméstico, o património, os benefícios da segurança social ou outros benefícios), e demonstraram que a

raça (branca ou negra), a formação (mais ou menos de doze anos de formação) e, com menor intensidade, o género (masculino ou feminino) constituem as particularidades mais cruciais que dividem os americanos quanto à manutenção das (ou à passagem pelas) mesmas experiências. Neste mesmo enquadramento, integrar a raça branca, possuir mais de doze anos de formação e, com menor intensidade, ser do género masculino contribui, fortemente, para a consecução do sonho americano (*American Dream*) e, nos outros casos, experienciase o pesadelo americano (*American nightmare*). Notemos que estes autores relacionaram as experiências (formativas) de partes do curso de vida com outros fatores (a raça e o género), no sentido de concretizarem os objetivos pretendidos (cf. Mortimer e Shanahan, 2004).

Uma outra questão indispensável da perspetiva do curso de vida abrange a conjugação das transições vivenciais dos indivíduos com as transições familiares, como sair de casa, casar, entrar no mercado de trabalho. Os indivíduos possuem uma multiplicidade de configurações familiares e estas configurações mudam ao longo do tempo e apresentam variações segundo os diferentes enquadramentos históricos (Hareven, 1994). Nas teorias do curso de vida são, pois, sugeridos a importância, assim como os modos, de relacionar as informações sobre os processos familiares, o tamanho e a composição das famílias dos indivíduos com as mudanças históricas das sociedades (Vinovskis, 1977). Para além disto, certos autores evidenciaram que, dos meios rurais aos meios urbanos, a pressão económica sentida nas famílias interage com as questões comportamentais e relacionais das mesmas (Elder et al., 1992; Elder et al., 1995).

O entendimento das relações (inter e intra) geracionais nas sociedades contemporâneas está subordinado ao conhecimento dos processos abrangentes de mudança social, que orientam as transições vivenciais, ocorridas durante o curso de vida, os padrões familiares e as relações familiares recíprocas (Hareven, 1994).

As relações recíprocas de apoio são constituídas ao longo da vida e reexaminadas em interação com as circunstâncias históricas – como são exemplos as migrações<sup>9</sup>, as depressões, as guerras e os colapsos ou os declínios das economias locais – que os indivíduos encontram em diferentes pontos das suas vidas (Hareven, 1994). Os tipos de apoios e as expectativas de dar e receber apoios na idade idosa são orientados pela cultura e pelas estratégias que os indivíduos acionaram ao longo da vida e continuam a acionar, enquanto se movimentaram e movimentam no tempo histórico (Hareven, 1981; Hareven, 1994) e formam parte de um processo continuado

<sup>9</sup> A generalidade dos processos associados às migrações, por exemplo, acha-se enraizada no tempo, esta surge em acontecimentos históricos particulares e encerra as influências daqueles acontecimentos, sendo que as migrações influenciam sempre o futuro dos indivíduos (Mortimer e Shanahan, 2004).

de relacionamentos entre progenitores, filhos, outros familiares e, até mesmo, outros indivíduos que não pertencem, objetivamente, à família<sup>10</sup> (Hareven, 1994).

Consequentemente, as forças históricas contêm um papel terminante na conjugação das trajetórias individuais e familiares. As forças históricas influenciam, diretamente, os indivíduos (e, igualmente, as famílias) no momento em que estes as encontram e continuam a influenciá-los também, indiretamente, ao longo de todo o curso de vida; o que significa que as experiências de cada coorte são orientadas quer pelos acontecimentos e condicionamentos históricos que os seus integrantes encontram num certo momento das suas vidas, quer pelo impacto cumulativo das sequências históricas que influenciaram as precedentes transições vivenciais (Hareven, 1994). Efetivamente, as transições anteriores têm consequências permanentes ao influenciar as transições seguintes, mesmo após terem passado numerosos anos ou décadas (Elder, 1998), o que acontece, em parte, devido a consequências comportamentais que ativam “(...) vantagens e desvantagens cumulativas.” (Elder, 1998, 7).

Na teoria da vantagem/desvantagem cumulativa (cf. Dannefer, 2003) foi adotada, mais categoricamente, a perspetiva de que uma ‘tendência sistemática’ é promotora da ‘divergência interindividual’, relativamente a uma determinada característica (tal como a saúde, o dinheiro ou o *status*), com a passagem do tempo. O objetivo mais importante desta teoria é compreender os processos sociais que se apresentam, relativamente, estáveis e que operam em cada uma das sucessivas coortes (Dannefer, 2003). A sua lógica central manifesta uma inflexibilidade das tendências sociais que são bastante resistentes à mudança. Para esta teoria, mais objetivamente, o facto de que padrões congruentes de desigualdades ao longo do curso de vida (pelo menos no que diz respeito aos rendimentos) foram descobertos por diversos investigadores, reunidos em diversas tradições, que observaram coortes durante décadas, sugere que o mesmo fenómeno é, relativamente, estável nas sociedades contemporâneas (Dannefer, 2003).

Continuamos a assistir, no nosso século, a uma visão das trajetórias assente em factos relacionados com influências relativamente determinantes que geram continuidades e, algumas vezes, impossibilidades de ter acontecido de outro modo. Assim, notamos que a continuidade e os aspetos cumulativos da mesma permanecem no contexto das sociedades contemporâneas,

<sup>10</sup> Hartup e Stevens (1997) questionaram a aplicação das teorias do curso de vida ao estudo dos relacionamentos amicais e sugeriram que os contributos destas teorias possibilitam uma análise da *estrutura profunda*, usada para caracterizar os relacionamentos quanto à sua essência (significado) em termos sociais, e da *estrutura superficial*, referente às trocas sociais que os caracterizam em quaisquer momentos ou situações. Os autores mostraram que a primeira estrutura assenta numa reciprocidade (estável) ao longo do curso de vida e a segunda varia consoante a idade dos indivíduos, designadamente, no que respeita às atividades e conversas desenvolvidas com os amigos.

tendo suscitado discussões complementares, por exemplo, no que concerne à reprodução social (Bourdieu, 1984; 1997).

### **2.1.1. Os conceitos de agência e estrutura nas teorias do curso de vida**

Mesmo pensando que a continuidade e a cumulatividade são traços das sociedades da contemporaneidade e assuntos incontornáveis nos estudos sobre o curso de vida, analistas como Elder (1998), por exemplo, contemplaram, igualmente, nas suas investigações os fenómenos de agência humana que minoram as carências dos indivíduos.

Mustafa Emirbayer e Ann Mische (1998, 970) definiram a agência do seguinte modo: “(...) o engajamento temporalmente construído pelos atores de diferentes meios estruturais – os contextos temporais e relacionais da ação – que, através da relação dos hábito, imaginação e julgamento, reproduzem e transformam essas estruturas em resposta interativa aos problemas postos pelas situações históricas mutantes.”.

De acordo com Elder (1994), as teorias do curso de vida obedecem a quatro princípios fundamentais: as vidas e os tempos históricos, os momentos vivenciais, as vidas relacionadas e a agência humana. Mais particularmente, nas sociedades onde a mudança ocorre rapidamente, as diferenças no ano de nascimento posicionam os indivíduos em distintos contextos históricos que incluem constrangimentos e oportunidades. O curso de vida dos indivíduos manifesta estes diferentes contextos. Os impactos históricos no curso de vida transformam-se em impactos de coorte, nos quais a mudança social individualiza os padrões de vida das coortes, à medida que estas se sucedem (Elder, 1994). Os quadros históricos moldam as trajetórias sociais (na família, na formação e no trabalho profissional) e estas dão o retorno e influenciam os comportamentos e os modos de desenvolvimento (Elder, 1998). Os momentos vivenciais, por seu turno, dizem respeito à incidência, à duração e à sequenciação dos papéis, bem como às mais importantes expectativas e crenças assentes na idade. Estes implicam o norteamento das diversas trajetórias, as sincronias e as assincronias que estas mesmas compreendem (Elder, 1994). O impacto das transições vivenciais ou ocorrências sucessivas é contingente no momento em que as mesmas acontecem na vida dos indivíduos. As experiências individuais e os acontecimentos históricos estão articulados por meio das famílias e das vidas relacionadas dos parentes. Efetivamente, as experiências vivenciais dos familiares estão relacionadas e as influências históricas e sociais estão patentes nessas redes de relações compartilhadas (Elder, 1998). No entanto, tal como as relações familiares, as outras relações (por exemplo, as relações amicais e profissionais) entre

os indivíduos, ao longo do curso de vida, englobam regulações e apoios sociais (Elder, 1994). Os indivíduos estão aptos para selecionar os caminhos que percorrem, um fenómeno conhecido como agência humana, mas estas seleções não acontecem num vácuo social, uma vez que as escolhas são contingentes em relação às oportunidades e aos constrangimentos das estruturas sociais e culturais. Por isso mesmo, os indivíduos constroem o seu curso de vida, por intermédio das escolhas e das ações a que procedem, no interior das oportunidades e dos constrangimentos, que são indissociáveis dos condicionamentos estruturais (Elder, 1998). Como é que os idosos investigados procederam ao agenciamento do curso de vida? Quais foram os condicionamentos estruturais que mais constrangeram ou mais favoreceram aquele agenciamento? Observamos continuidades (e manutenções) ou, pelo contrário, observamos mudanças (e elaborações) no curso de vida dos mesmos idosos?

A agência (humana) no curso de vida engloba uma capacidade para fazer escolhas em ‘pontos de viragem’ do curso de vida (Hitlin e Elder, 2007). Além disso, Elder (1998) defendeu que certos indivíduos experienciam o desenvolvimento de certas transições em redor de ‘pontos de viragem’, nos quais as desvantagens acumuladas no seu curso de vida são minimizadas por organizações (o serviço militar foi um exemplo). A expressão ‘construindo um novo curso de vida’ significou, no trabalho de Elder (1998), o processo de adaptação e interdependência entre os membros da rede familiar, no sentido de compensarem as carências económicas.

Benjamin Cornwell (2011) descobriu que a reforma, a viuvez, o esvaziamento do ninho envolvem, em particular, a perda de redes e o declínio dos contactos sociais que, de outro modo, prolongam a exposição a distintos espaços sociais (o trabalho e a família, respetivamente). Em presença destas realidades, os idosos compensam as lacunas nos contactos próximos cultivando novos relacionamentos (Cornwell, 2011), como aqueles mantidos com grupos sociais informais (redes vicinais e outras redes amicais) ou formais (centro de dia, igreja, comércio tradicional).

No livro organizado por Jeylan Mortimer e Michael Shanahan (2004), Elder acrescentou um quinto princípio relacionado com o desenvolvimento da vida (*life-span*) e orientado pela noção de que a idade e o desenvolvimento humano são processos eternos, bem como substituiu o nome do princípio as vidas e os tempos históricos por os tempos e os lugares, ao observar que a vida dos indivíduos está embebida e é influenciada pelos tempos e lugares históricos em que estes se encontram ao longo do curso de vida (cf. Elder, 1998). No mesmo trabalho de Mortimer e Shanahan (2004), outros autores consideraram a importância da generalidade dos princípios para o estudo de temáticas como as migrações e as relações intergeracionais.

A Sociologia da Família centra-se nas questões mais importantes da abordagem do curso de vida, designadamente, sempre que estas questões estão relacionadas com as trocas, os apoios e as reciprocidades familiares. A estrutura e a agência – a história e a biografia – encontram-se relacionadas, segundo Julia Brannen, Peter Moss e Ann Mooney (2004), quando se estudam as interpretações das mulheres, inseridas em diferentes fases históricas e em contextos familiares específicos, sobre as normas e os valores do trabalho profissional e das tarefas do cuidar. Estes autores também assumiram que a agência dos elementos da família, em determinados espaços e tempos, produz um intercâmbio com as forças estruturais.

Os elementos das diferentes gerações justificam de modos diferentes os factos de darem (ou não darem) apoios a outros e de receberem (ou não receberem) apoios de outros (Brannen, Moss e Mooney, 2004). Estas mesmas justificações são ‘culturas de transmissão’<sup>11</sup> modeladas pelo posicionamento no curso de vida, ou pelo momento em que os indivíduos se encontram próximos ou afastados de um ponto em que é importante darem apoios (e) ou receberem apoios, bem como pelos períodos históricos em que aconteceram transferências de recursos.

Para além das discussões que respeitaram aos conceitos de agência e estrutura, quando articulados com o curso de vida, e foram, principalmente, incluídas no contexto das teorias do curso de vida, encontramos outras discussões pertinentes sobre estes conceitos, que entraram no domínio, mais genérico, dos fundamentos e dinâmicas subjacentes à ordem social e foram incluídas no contexto da teoria sociológica geral.

## **2.2. Os conceitos de agência e estrutura na teoria sociológica geral**

Conhecer e expor os sustentáculos e as dinâmicas da ordem social, percebida enquanto a consequência da padronização do universo social, estabelece, justamente, um objetivo capital das teorização e investigação sociológicas, mas não tem constituído um ponto de partida destas, e esses conhecimento e exposição lucram em ser multidimensionais (Pires, 2012; cf. igualmente Pires, 2007). De facto, em termos algo mais detalhados:

“Pergunta: como se explica a emergência de padrões ordenados de atos e relacionamentos protagonizados por indivíduos autónomos, criativos e livres? E, segunda pergunta, que consequências têm sobre esses indivíduos aqueles padrões de atos e relacionamentos que se constituem, por sua vez, em contextos e meios da sua atividade? A resposta a estas questões, que

<sup>11</sup> Os autores pretendiam encontrar traços das ‘culturas de transmissão’ – como sejam “os tipos de racionalidades que os entrevistados usaram para se referir às transferências intergeracionais ou à sua ausência” (Brannen, Moss e Mooney, 2004, 150) – por intermédio da linguagem e da forma com as quais as pessoas contaram as suas histórias, mas salientaram que, tendo em consideração que os processos de transmissão não são necessariamente conscientes, esperaram apenas identificar certos significados culturais mais gerais relacionados com a transferência de recursos.

podemos resumir como o ‘problema da ordem’, constitui um dos objetivos nucleares da sociologia, em particular da teoria sociológica geral, qualquer que seja a tradição teórica considerada (...” (Pires, 2012, 31).

Os autores da teoria sociológica geral têm oferecido um contributo imprescindível para o entendimento da ordem social (Pires, 2007). Podemos afirmar que as ideias teóricas de Talcott Parsons (1968), incluídas na corrente funcionalista ou estrutural funcionalista, constituíram o mais importante debate sociológico, a este respeito, que conduziu aos discursos ulteriores sobre os conceitos de agência e estrutura. De facto, Parsons é, adequadamente, considerado o pai da teorização sociológica contemporânea e a sua proposta deu origem à teoria sociológica geral, como uma subdisciplina da Sociologia, que se ocupa da produção sistemática de ferramentas concetuais a serem usadas na pesquisa empírica do universo social (Mouzelis, 2008).

Segundo Pires (2007), Parsons consistiu num teórico estruturalista ou sistémico, que principiou o seu trabalho com uma teoria da ação, abrangedora de uma ‘conceção voluntarista da ação’ (cf. Parsons, 1968). Neste mesmo princípio, a teoria incluiu, por meio de um debate crítico das preocupações de Vilfredo Pareto, Thomas Marshall e Émile Durkheim, uma pedra-angular manifestada na definição de ‘ato elementar’ (Pires, 2007; cf. Ritzer, 2003; Scott, 1995). Um ‘ato elementar’ implica cinco componentes: um ator (juntamente com o seu esforço), fins, meios, orientações e condições (Pires, 2007; Ritzer, 2003). O ator seleciona os fins de uma dada ação e os meios apropriados para alcançar esses mesmos fins, tomando em consideração as circunstâncias situacionais do acionamento e as orientações ideacionais que são partilhadas socialmente (Pires, 2007; Scott, 1995). Mais tarde, os eixos analíticos do ‘ato elementar’ foram, tristemente, algo empobrecidos com os efeitos do seu trabalho ulterior, que se concentrou no tratamento das orientações ideacionais em prejuízo dos condicionamentos situacionais, bem como sublinhou os valores e normas, de entre as distintas orientações ideacionais (Pires, 2007; cf. Parsons, 1991; Mouzelis, 2008). Tendo fundamento nesta mesma redução, a construção ‘voluntarista’ da ação pode ser sintetizada num enunciado bastante simples: os indivíduos agem ao fazer escolhas constrangidas por normas e valores partilhados socialmente ou, por outras palavras, a ação é ordenada, frequentemente, em termos normativos e das ações ordenadas deste mesmo modo provém, tendencialmente, a ordem (societal) moral (Pires, 2007; cf. Parsons, 1991).

Nas últimas fases do trabalho de Parsons, as influências foram direcionadas do sistema e dos seus predicados funcionais para o indivíduo e os seus papéis em detrimento do sentido contrário (Mouzelis, 2008). Os atores (especialmente os atores coletivos) foram, deste modo, observados como resultados passivos das determinações do sistema ou estes mesmos foram, completamente, omitidos da cena social (Mouzelis, 2008).

### **2.2.1. Agência humana (agregação)**

“A independência do indivíduo não é apenas uma propriedade subjetiva dos agentes humanos. É uma propriedade objetiva, isto é, que se exprime em atos. De facto, todo o indivíduo pode, em qualquer momento, agir (e não apenas pensar) em termos novos ou não esperados pelos outros. Só que, no que ao problema da ordem diz respeito, essa situação é irrelevante se não tiver consequências sobre terceiros. E, do ponto de vista de cada indivíduo, essas consequências serão irrelevantes, ou mesmo indesejáveis, se não forem por ele minimamente previsíveis (...)

A possibilidade de fazer a diferença no mundo em que se vive constitui a primeira e mais radical manifestação do problema da independência do indivíduo (designada por vezes como a questão da agência). Porém, a possibilidade de alguém agir de modo independente, com consequências prolongadas no tempo e alargadas no espaço, requer o controlo da reação dos outros a essa atuação independente. Ou seja, a independência dos atos de uma pessoa só é efetiva se os atos dos outros dependerem dos atos dessa pessoa, pelo menos em parte. Requer, por isso, o acionamento de mecanismos de construção da ordem, como o poder e a organização, acionamento esse condicionado pelo acesso a recursos sociais distribuídos de modo previamente ordenado. O que significa que a ordem é simultaneamente condição da ação independente (padrões de acesso aos recursos) e um dos seus resultados, sempre que essa ação independente é efetiva, isto é, sempre que tem consequências.” (Pires, 2012, 32).

### **Microssociologia interpretativa (comunicativa): o enfoque na agência**

O desenvolvimento, ao longo de 1960 e 1970, do paradigma relativo à microssociologia interpretativa foi entendido por Nicos Mouzelis (2008) como uma reação (talvez exagerada) às componentes involuntárias e profundamente sistémicas da abordagem de Parsons. Deste modo, no interacionismo simbólico e na etnometodologia os indivíduos não foram observados como recetáculos passivos do mundo social, mas foram observados (contra Parsons) como produtores deste mesmo mundo (Mouzelis, 2008).

O trabalho de George Mead foi desenvolvido pelo seu aluno Herbert Blumer, professor da Escola de Chicago até aos anos 1950. Durante os últimos anos de ensino em Chicago, Blumer coordenou as primeiras investigações de Erving Goffman (Scott, 1995). Os professores mais importantes de Goffman foram Robert Park, Ernest Burgess, Louis Wirth e, mais tarde, Everett Hugues, sendo que Goffman identificou-se com o rótulo de etnógrafo urbano huguesiano e não, propriamente, com o de interacionista simbólico (Verhoeven, 1993). Como escreveu John Scott (1995), Blumer e Goffman tornaram-se nas figuras que lideraram o progresso do interacionismo simbólico e os estudos de ambos foram complementares em diversos assuntos. Blumer preparou um desafio ao estrutural funcionalismo, contudo, os seus argumentos possuíram um enorme impacto apenas mais tarde. Howard Becker, também aluno de Everett Hugues, produziu uma quantidade de estudos nos anos 40 e 50 do século XX, mas o seu trabalho sobre o desvio, nos anos 1960, continuou o desafio de Blumer ao estrutural funcionalismo (Scott, 1995).

A vida dos atores é, para George Mead, um processo continuado de *atividade* incessante (Scott, 1995). Os indivíduos não reagem a ‘estímulos’ ou a condicionamentos objetivos de um modo automático ou mecânico, uma vez que, com o intento de levarem a cabo os seus projetos, desenvolvem um processo de ‘definição’ ou ‘interpretação’ (Mead, 1934) indicativa da situação e agem com fundamento nesta ‘definição’ ou ‘interpretação’ (cf. Scott, 1995). A intervenção e o envolvimento ativo daqueles indivíduos no mundo social exigem, portanto, o uso informado de um conhecimento prático e este facto distingue-os dos outros animais (cf. Scott, 1995).

De acordo com Mead (1934), a linguagem é um veículo de construção simbólica, sendo central na ‘definição’ da situação (cf. Scott, 1995). A linguagem que os indivíduos usam para construir o mundo é uma fração da cultura e, tal como quaisquer fenómenos culturais, possui uma natureza cultural, visto que as palavras e as ideias, que aquela expressa, são elementos da herança cultural que os grupos sociais partilham (Scott, 1995). Estes mesmos indivíduos não conseguem ‘definir’ a situação a não ser que usem termos socialmente partilhados e, quando chegam à ‘definição’ da situação, estes mesmos empregam símbolos – sendo estas construções simbólicas que intercalam a ação e os condicionamentos objetivos (Scott, 1995). Na letra de Mead:

“O pensamento implica sempre um símbolo que vai invocar a mesma resposta no outro que invoca no pensador. Tal símbolo é uma universalidade do discurso; este é universal no seu carácter. Nós assumimos sempre que o símbolo que nós usamos é um que vai invocar na outra pessoa a mesma resposta, enquanto que este é uma parte do seu mecanismo de conduta. Uma pessoa que está a dizer algo está a dizer para ela própria o que diz aos outros; de outra maneira ela não sabe de que está a falar.” (1934, 147).

O aspeto fundamental da (inter)ação social é a ‘conversação de gestos’ (Mead, 1934), que não inclui, simplesmente, gestos físicos, mas inclui, especialmente, uma transformação em símbolos (cf. Scott, 1995). A (inter)ação torna-se simbólica quando os indivíduos lhe concedem um significado que a justifica (Scott, 1995; cf. Blumer, 1986; Mead, 1934). Por isso mesmo, o aspeto simbólico da (inter)ação resulta de um processo de comunicação, por intermédio do qual os indivíduos não só reproduzem, como também produzem e transformam, aquele significado e o mesmo processo torna possível a ‘definição’ dos indivíduos, enquanto objetos (Mead, 1982; Scott, 1995). Deste modo, nos contextos (inter)acionais, o comportamento de cada interveniente faz uma ativação, mediada por símbolos, significados e definições, do comportamento do outro (cf. Blumer, 1986; Scott, 1995).

Por conseguinte, os traços do mundo exterior com maior importância para a ‘definição’ (ou ‘interpretação’) dos indivíduos são os outros indivíduos e os seus comportamentos ou ações (Scott, 1995). Para além de tomarem em consideração as ações de indivíduos específicos, para

prosseguirem as suas ações e os seus intentos acionais, os indivíduos tomam, identicamente, em consideração as ações do ‘outro generalizado’ (Mead, 1934, 1982; cf. Scott, 1995). Como fez notar Mead (1934, 154):

“A comunidade organizada, ou o grupo social, que dá ao indivíduo a sua unidade do eu [isto é, do *self* nos termos originais] pode ser chamada ‘o outro generalizado’. A atitude do outro generalizado é a atitude de toda a comunidade. Deste modo, por exemplo, no caso de tal grupo social como uma equipa de críquete, a equipa é o outro generalizado na medida em que esta entre – como um processo organizado ou uma atividade social – na experiência de qualquer um dos membros da mesma.”.

Estas questões estão subordinadas a um processo de socialização ou *educação*, na qual os indivíduos são capazes de responder por si próprios de um modo semelhante à generalidade dos elementos da sua sociedade, por meio da internalização das respostas dos indivíduos na generalidade (Mead, 1982; Scott, 1995). Esta internalização das atitudes dos outros constitui a estruturação social da mente e os indivíduos transformam-se em membros da sociedade, sendo que a construção do eu é decorrente de um processo de socialização (Scott, 1995). O mesmo eu designa a estrutura das ações generalizadas dos outros membros de uma sociedade (Mead, 1982; Scott, 1995). Portanto, Mead (1934) desaprovou a ideia de que as ‘estruturas’ têm propriedades independentes das propriedades dos indivíduos (cf. Scott, 1995).

O trabalho de Herbert Blumer, alusivo ao interacionismo simbólico, manifestou que as ‘definições’ tendem a incluir um *stock* de conhecimento admitido, tomado por certo e partilhado pelo conjunto de elementos da sociedade, uma vez que a cultura tende a fornece-lhes um *stock* comum de símbolos, ou seja, um mapa cognitivo ou uma orientação conceitual simplificadora do decurso das suas ações (cf. Scott, 1995). No entanto, apesar dos indivíduos não inventarem símbolos repetidamente de cada vez que agem, os mesmos aceitam-nos só temporariamente. Como a relevância dos outros indivíduos é construída por meio de símbolos, a interação social acontece simbolicamente: é uma ‘interação simbólica’ (Blumer, 1986; Scott, 1995).

Os indivíduos ‘interpretam’, reciprocamente, as suas ações no sentido de as conciliarem uns com os outros e a ação coletiva é um modo particular das ações conciliadas dos indivíduos (Scott, 1995). No interacionismo simbólico a presença de ‘estruturas sociais’, as determinações e os constrangimentos destas foram questionados (Scott, 1995). Neste sentido, Blumer negou que a ‘sociedade’, a ‘organização social’ ou a ‘estrutura social’ constituem forças impessoais e abstratas com uma capacidade para determinar ou constranger as ações individuais e coletivas e propôs que estas são, unicamente, o contexto e podem ser o resultado (mediado) das mesmas ações (Scott, 1995). Este autor (1986, 87) fez o seguinte comentário sobre o mesmo assunto: “Primeiro, do ponto de vista do interacionismo simbólico a organização da sociedade humana é o enquadramento no interior do qual a ação social toma lugar e não é determinante desta ação.

Segundo, tal organização e as mudanças nesta são o produto da atividade das unidades atuantes e não de ‘forças’ que deixam tais unidades atuantes sem valor.”.

Os interacionistas simbólicos defenderam que a ação social se encontra organizada em correspondência com instituições sociais (Scott, 1995). Como disse Blumer (1986, 19): “Uma rede ou uma instituição não funciona automaticamente por causa de algumas dinâmicas internas ou requisitos do sistema; esta funciona porque as pessoas fazem algo em diferentes pontos, e o que estas fazem é o resultado de como estas definem a situação na qual são chamadas a agir.”. Portanto, as redes sociais, enquanto aglomerações de ações entrelaçadas, não são entidades que existem separadamente das pessoas – as mesmas não constituem ‘sistemas sociais’ com ‘pré-requisitos funcionais’ ou ‘imperativos’. Estas redes são um enquadramento e uma consequência do processo por intermédio do qual os indivíduos ‘definem’ ou ‘interpretam’ as situações e têm influência nas ações dos mesmos, exclusivamente, quando são tomadas em consideração por estes (Scott, 1995).

Em resumo, nas conceções mais importantes do interacionismo simbólico, a elaboração interativa da eventualidade real da comunicação sofre negociações das interpretações, sendo, tendencialmente, selecionadas e determinadas as interpretações que proporcionam a interação (Pires, 2007). Porém, a necessidade da contínua monitorização dos significados estabelecidos e a frequente criação de outros significados asseguram que o processo de interpretação contenha a possibilidade de mudar (Scott, 1995). Ao usarem símbolos os indivíduos contribuem para a transformação destes símbolos e os resultados da interação não são determinados, mas estão, contrariamente, em aberto (Scott, 1995). Desta forma, as sociedades constituem-se como meios comunicacionais, uma vez que para os indivíduos comunicarem é necessário interpretarem o significado das ações deles mesmos e das ações dos outros e estas interpretações ocorrem em situações de interação que determinam, ainda que temporariamente e incompletamente, as suas consequências (Pires, 2007).

O estudo de Howard Becker, sobre a natureza do desvio, foi um enorme motivo para o crescimento do interesse no interacionismo simbólico, durante os anos 60 do século XX (Scott, 1995). Becker fez interagir os processos de ‘categorização’, ou de classificação social, com as sequências de interação e evidenciou a natureza relacional das categorias sociais usadas para organizar a interpretação da variedade do mundo social, sendo que o tratamento da simbologia da interação concorreu para a explicação do formato como são, cognitivamente, organizadas as interpretações do mundo social (Pires, 2007). Becker (1991) frisou que o desvio não constitui um atributo individual, mas uma definição ou ‘etiqueta’ que é atribuída às ações dos indivíduos

por aqueles com quem os mesmos interagem (cf. Scott, 1995). Nas palavras de Becker (1991, 183): “Quando vemos o desvio como ação coletiva, nós imediatamente vemos que as pessoas agem com um olho na resposta de outros envolvidos nesta ação. Elas tomam em conta o modo como os seus companheiros vão avaliar o que elas fazem, e como esta avaliação vai afetar os seus prestígio e posição.”.

A perspetiva da relação entre autoimagem e reação social dependeu muito do trabalho de Erving Goffman, que desenvolveu, igualmente, o trabalho de George Mead (Scott, 1995). Para Goffman (1959), a vida social é uma *performance* ‘teatral’, em que os indivíduos realizam uma interpretação criativa dos ‘papéis’ desempenhados (cf. Scott, 1995), sendo a interação uma parte da questão da interpretação, visto que os indivíduos fazem uma interpretação da situação de interação (Pires, 2007). Quando procedem à interpretação, os indivíduos usam e manipulam argumentos culturais, gestos, discursos, cenários, adereços e territórios (Pires, 2007). Goffman recorreu à metáfora dramatúrgica no sentido de analisar o modo como aqueles usos e aquelas manipulações ordenam a interação, enquanto *performance* num palco, mas a encenação das *performances* interacionais não só possibilita a interpretação comum da situação, como clarifica o seguimento da interação e a sua iteração (Pires, 2007).

Segundo Goffman, os comportamentos em torno de um papel constituem uma fração de improviso ativo e estratégico (Scott, 2006). Por isso mesmo, os atores empregam determinados ‘cenários’ e ‘propriedades’ (ver Goffman, 1959) para legitimar a impressão do seu eu, com que pretendem convencer os outros (cf. Scott, 1995). Em concordância com as palavras de Goffman (1959, 40): “Se o indivíduo quiser que a sua atividade seja significante para os outros, este tem de mobilizar a sua atividade para que expresse durante a interação o que deseja convencer. De facto, o ator pode ser requerido não só para expressar as alegadas capacidades, mas também para o fazer durante o rasgo de um segundo na interação.”.

A interação reiterada tende para a ritualização, especialmente quando ocorre em palcos, isto é, tende a convocar guiões culturais, formalizados e partilhados, reproduzindo-os por meio do seu uso (Pires, 2007). Deste modo, os *performers* e as suas *performances* apresentam-se no contexto de mundos sociais, ou são ‘socialmente situados’, e estes mundos são orientados por ritualizações performativas que direcionam a ‘ordem da interação’ (Goffman, 1983; cf. Ritzer, 2003). No mesmo sentido, a ritualização das ações quotidianas opera como um forte aparelho de ordenação da interação (Pires, 2007). Becker e Goffman discutiram, na sua obra, o impacto da organização social no eu dos indivíduos, mas adotaram um questionamento dos conceitos estruturais, já observado em Blumer (Scott, 1995). Como referiu Goffman: “Eu preciso apenas

de lembrar-vos que a dependência da atividade interacional em matérias fora da interação – um facto caracteristicamente omitido por aqueles de nós que se focam nos procedimentos *face-to-face* – não implica em si mesma uma dependência das estruturas sociais.” (1983, 12).

O interacionismo simbólico e, rigorosamente, a visão dramatúrgica, permitiu orientar, analiticamente, as conexões entre encontro, ritual e interpretação no seguimento da construção da ‘ordem da interação’, particularizando a irredutibilidade da mesma à ordem institucional, e permitiu, também, evidenciar a efetividade e a especificidade das características performativas da ação em termos interpretativos (Pires, 2007). Das presumíveis fragilidades do interacionismo simbólico duas surgiram como as mais importantes: (i) consideração insuficiente das emoções humanas, e (ii) desatenção às estruturas sociais. A primeira fragilidade envolve a noção de que o interacionismo simbólico não foi suficientemente psicológico, enquanto a segunda envolve a noção de que o mesmo não foi suficientemente sociológico (Plummer, 1991).

Concretizada na interação e organizando a mesma interação, a interpretação no âmbito comunicacional contém dois constituintes: um constituinte mais expressivo ou mais processual e outro constituinte mais reflexivo ou mais cognitivo; e ambos os constituintes foram estudados nas abordagens interpretativas. Contudo, podemos argumentar que o primeiro constituinte foi alvo de maior discussão no interacionismo simbólico, e, mais especialmente, no ponto de vista dramatúrgico de Goffman, e o segundo constituinte foi mais discutido na etnometodologia de Garfinkel (Pires, 2007).

O trabalho de Harold Garfinkel (cf., em termos exemplificativos, 1999) concorreu para o pensamento, hoje genericamente aceite na Sociologia, de que a ordem simbólica faz parte da incorporação da ordem social (Pires, 2007). Esta ordem simbólica decorre do acionamento de processos cognitivos ao visar (ou possibilitar) a interpretação ‘do que o mundo é’ e estabelecer, do mesmo modo, um sentido dos factos do universo social, que permite organizar os modos de interação (Pires, 2007). O sentido dos factos é apoiado num exercício reflexivo de padronização dos significados da ação, manifesto na construção de tipificações, cuja relevância se encontra em concordância com a sua importância como práticas ordenadoras dos modos de interpretação envolvidos na interação (Pires, 2007).

No contexto da etnometodologia, similarmente ao interacionismo simbólico, os atores foram considerados produtores, ao contrário de resultados passivos do universo social. Quando a interação reflexiva é colocada no âmago do trabalho, a preocupação está mais direcionada para o modo como os indivíduos usam construtivamente os papéis, com o objetivo de interagir com os outros e participar ativamente nos jogos sociais com maior complexidade, e está menos

direcionada para o modo como os papéis afetam o comportamento dos indivíduos ou o âmbito no qual os indivíduos se encontram ou não em conformidade com as expectativas normativas (Mouzelis, 2008). As mesmas preocupações conduziram os autores a apresentar a ordem social mais em termos de habilidades sociais relacionadas com significados situacionais, no caso do interacionismo simbólico, ou mais em termos de conjuntos de perspetivas e adoções cognitivas sobre as realidades do universo social, que são tomadas por certas, no caso da etnometodologia, e menos em termos de normas e valores conjuntos (Mouzelis, 2008). Estas perspetivas da ação interpretativa visaram o estudo dos sistemas e dos mecanismos de interação, que conduzem à fixação do sentido, relationalmente norteado, das ações sociais, no entanto, outras perspetivas existem que acentuam a importância do estudo de um outro sentido das ações sociais (as suas razões), como norteamento destas mesmas ações (Pires, 2007). Estas últimas perspetivas são, geralmente, chamadas teorias da ação racional.

### **Teorias da ação racional (preferência)**

As teorias da ação racional constituem uma outra proposta importante para transcender, por intermédio da disponibilização de fundamentos micro, o essencialismo que identificam nos paradigmas holistas convencionais, nomeadamente em Parsons<sup>12</sup> (Mouzelis, 2008).

“As teorias da ação racional têm sido uma área de grande crescimento na ciência social recente, mas foram pouco além dos importantes *insights* de George Homans.” (Scott, 2006, 172). Efetivamente, uma das primeiras variantes influentes deste tipo de abordagem foi a teoria da troca produzida por Homans (Pires, 2007). Segundo Homans (1958), a interação social e as estruturas sociais são, absolutamente, redutíveis ao comportamento individual. Efetivamente, Homans disse que não existem estruturas sociais autónomas e independentes dos indivíduos, dado que estas traduzem, unicamente, os canais da ação dos mesmos indivíduos (Scott, 1995) e são originadas pelas dinâmicas das trocas sociais (Homans, 1958).

O comportamento individual foi entendido por meio de os fundamentos da psicologia comportamental (Scott, 1995). “O modelo comportamental da ação racional foi, durante muitos anos, a forma mais influente da teoria da troca em sociologia.” (Scott, 1995, 75). Os indivíduos foram observados como detentores de certas vontades e certas necessidades que os levam a agir de um certo modo; ainda assim, a ‘racionalidade’ não é uma estratégia consciente, mas é uma

<sup>12</sup> Parsons defendeu que é necessário considerar a presença de uma realidade normativa suprasituacional (cf. Pires, 2007).

resposta aprendida (Scott, 1995), ou seja, se na formação da ação racional há um cálculo sobre a relação meios-fins, na ação rotineira a ‘racionalidade’ não se exprime de modo diretamente calculado ou motivado (Pires, 2007). Neste sentido, não existe uma diferença fundamental entre o comportamento humano e o comportamento animal (Scott, 1995), visto que se um indivíduo possui um interesse ou uma necessidade, tende a realizá-lo ou a satisfazê-la por intermédio de comportamentos que foram bem-sucedidos precedentemente e como os comportamentos bem-sucedidos são, tendencialmente, os que melhor respondem a questões situacionais comuns, a racionalidade dos atores justifica a tendência para a padronização das respostas (Pires, 2007). Na interação, o comportamento voluntário é orientado pelo ‘reforço’ (ou pelas condicionantes), que emerge através de punições ou recompensas que as ações recebem, mas os indivíduos estão também sujeitos a ‘custos’ (Scott, 1995). Como argumentou Homans (1958, 598):

“Eu começo com a ligação à psicologia comportamental e o tipo de afirmações que esta faz sobre o comportamento de um animal experimental assim como o pombo (...) Quanto mais esfomeado o pombo está, quanto menos milho ou outro alimento este tinha recebido no passado recente, mais frequentemente vai dar bicadas. Por isso, se o comportamento é frequentemente reforçado, se ao pombo é dado muito milho de todas as vezes que este dá bicadas, o intervalo de emissão vai cair quando o pombo ficar *satisfeito*. Se, por outro lado, o comportamento não é reforçado de todo, então, também, o seu intervalo de emissão vai tender a cair, embora muito tempo possa passar antes deste parar completamente, antes deste estar extinto. Na emissão de muitos tipos de comportamento o pombo fica sujeito a uma *estimulação aversiva*, ou o que eu devo chamar ‘custo’ em resumo, e isto, também, vai levá-lo a reduzir no tempo o intervalo de emissão. A fadiga é um exemplo de um custo. Extinção, saciedade e custo, ao reduzirem o intervalo de emissão de um tipo de comportamento particular, tornam mais provável a emissão de um outro tipo de comportamento, incluindo não fazer nada.”.

Para além disso, segundo Pires (2007), as formulações teóricas de Homans englobaram contributos da antropologia sistémica e estes mesmos possuíram maior influência do que os contributos da economia, porque a interação social foi considerada um processo de troca social norteado por interesses imateriais e recompensado em termos simbólicos. Por conseguinte, as ações económicas abrangem a troca de bens e serviços, mas os indivíduos, no entanto, trocam apoios, aprovação e outros tipos de ações que valorizam, enquanto atores racionais e centrados nos seus próprios interesses (Scott, 1995). Segundo John Harsanyi (1969), tanto Homans como outros autores fizeram tentativas para usar, mais rigorosamente, modelos da escolha racional aplicados à análise do comportamento social não económico. Porém, a tradição neoclássica do *homo economicus* possui uma influência nas teorias da ação racional, visto que estas assentam nos critérios da otimização e da maximização enquanto definidores das escolhas dos indivíduos (Mouzelis, 2008). Como foi mencionado por Homans:

“O comportamento social é uma troca de bens, bens materiais, mas também aqueles não materiais, como os símbolos de aprovação e prestígio. As pessoas que dão muito aos outros tentam obter muito destes e as pessoas que obtêm muito dos outros estão sob pressão para dar muito a estes. Este processo de influência tende a desenvolver-se num equilíbrio que visa a igualdade das trocas.” (1958, 606).

Para Homans, o comportamento social é uma categoria específica do comportamento voluntário, em que a ação de um determinado indivíduo castiga ou recompensa a ação de outro (Scott, 1995). O comportamento social, que se encontra articulado com o reforço mútuo, é um processo de troca que, como referimos nas palavras de Homans (1958), retém o equilíbrio entre as punições e as recompensas, visto que a extinção e a saciedade, por exemplo, tornam possível a efetuação de outro tipo de comportamento. De acordo com Pires (2007), a definição do uso de ‘racionalidade’, enquanto caso singular de recurso ao circuito estímulo-resposta (reforço), está patente no enunciado dos princípios mais elementares da teoria da troca, já anteriormente descritos: a resposta aprendida (as ações recompensadas são, tendencialmente, reproduzidas), a utilidade marginal decrescente (há, tendencialmente, uma menor valorização da recompensa frequente), a reciprocidade (os ganhos recíprocos vão, tendencialmente, reproduzir a troca) e a justiça distributiva (uma proporcionalidade entre custos e recompensas motiva a reprodução da troca).

Podemos afirmar, na senda de Harsanyi, que:

“(...) a economia clássica tem aumentado substancialmente o poder explanatório do conceito de comportamento racional, ao expandi-lo de escolhas entre meios alternativos, para um dado fim, para escolhas entre fins alternativos. Sob este conceito mais geral, o comportamento de uma pessoa vai ser racional se ela escolher entre diferentes objetivos de acordo com uma escala de preferências consistente, isto é, de acordo com a relativa importância ou utilidade que ela determina para cada objetivo particular.” (1969, 515).

### **Raymond Boudon: racionalidade subjetiva**

Para Pires (2007, 18): “Remonta também a [Max] Weber a distinção entre escolhas de diferentes relações meios-fins, por um lado, e escolhas de fins alternativos da ação, por outro, como processos que implicam tipos diferentes de racionalidade.”. Na senda de Pires (2007), aquela distinção foi fundamentada nos eixos de racionalidade axiológica (já que é conduzida por valores) e de racionalidade instrumental (já que é conduzida por interesses). Conforme disse Pires (2007), ao proceder a uma atualização da mesma distinção, Raymond Boudon distinguiu entre racionalidade cognitiva e racionalidade utilitária (ou seja, racionalidade instrumental) e considerou a racionalidade axiológica como sendo um caso específico da primeira. Na primeira modalidade, as razões da ação correspondem à crença (de modo diferente do interesse) que diz respeito tanto à forma como o mundo ‘deve ser’ – o correspondente à racionalidade axiológica do contexto weberiano – quanto à forma como o mundo ‘é’ – que Boudon designou, em sentido estrito, racionalidade cognitiva (Pires, 2007). Dito noutros termos, as escolhas sobre os fins são

sustentadas não só nas crenças sobre o que está ‘certo ou errado’ na ação humana, como também nas crenças a respeito da forma como o mundo se encontra (Pires, 2007). Como esclareceu Pires (2007), as ações observáveis são explicáveis com alusão às razões da ação, não exclusivamente quando decorrem de escolhas no quadro instrumental, mas também quando são orientadas por crenças prescritivas (racionalidade axiológica) e, ainda, por crenças descritivas (racionalidade cognitiva). Deste modo, um ato racional está incluído no quadro cognitivo (em sentido estrito) sempre que obedece à subsequente proposição formulada por Boudon (1995, 40): “X tinha razões válidas para fazer Y, porque Y decorria da teoria Z, esta teoria é sem dúvida susceptível de crítica, mas X tinha razões válidas para acreditar nela.”. Pires (2007) propôs que se substitua a teoria (ou o conhecimento) Z pela norma (ou o valor) Z na formulação de uma proposição sobre o ato racional que está incluído no quadro axiológico.

Estas mesmas ‘razões válidas’ são as que têm sentido no âmbito cognitivo do indivíduo e, em concomitância, são para o mesmo verosímeis por serem percecionadas, por apreensão ou experiência própria, assim como são partilhadas por outros indivíduos (Pires, 2007). Noutros termos, uma determinada estratégia pode ser “(...) *objetivamente* má (...) Ela constitui, porém, *subjetivamente* uma resposta natural e racional ao desafio – os indivíduos têm efetivamente as *razões mais válidas* para escolher uma estratégia de imitação (...)” (Boudon, 1995, 39). Neste contexto específico, o ato é racional mesmo que as convicções descritivas que o norteiam sejam objetivamente falsas, porque as falsas crenças têm determinadas consequências sociais e podem originar, em simultâneo, efeitos associados do género da ‘profecia que se autorrealiza’ (Pires, 2007). Deste modo, as ideias empregadas por Boudon na conceção daquela distinção reportam para o significado de racionalidade enquanto ‘racionalidade subjetiva’ (cf. Pires, 2007), como foi elucidado por Boudon (1995, 40): “Com a noção de *racionalidade subjetiva*, afastamo-nos totalmente da representação da ação como escolha óptima – ou simplesmente satisfatória – entre soluções possíveis. Aqui, o actor decide a partir de um ou de vários *princípios* que se lhe afiguram ajustados ao problema colocado.”.

Como disse Pires (2007, 22): “O uso do conceito de racionalidade estratégica aproxima-nos pois do domínio das teorias interaccionistas, ou seja, da análise do modo como as dinâmicas de interacção contribuem para a interpretação dos sentidos da ação, reduzindo a ambiguidade e os efeitos de desconhecimento nas cadeias de interacção.”.

Em grande medida, a distinção entre as teorias da ação social foi interpretada, por Pires (2007), no domínio estritamente lógico (apesar de não ser assim no domínio genealógico dos conceitos), como uma manifestação de análises assimétricas das componentes interpretativa e

racional da mesma ação. As teorias da ação interpretativa favoreceram a análise dos sistemas e processos de interação, que possibilitam a fixação do sentido relacionalmente norteado da ação social; em compensação, as teorias da ação racional centram-se, tendencialmente, nas razões da ação, isto é, no aspetto racional do comportamento, enquanto motivação para esse mesmo comportamento (Pires, 2007).

No primeiro quadro, a modelização da vida societal concretiza-se nas negociações que, no cerne das dinâmicas interacionais, possibilitam fixar o sentido das ações e são eficientes no domínio relacional, unicamente, porque são direcionadas relacionalmente e, por conseguinte, tendencialmente uniformizadas. No segundo quadro, a modelização, por um lado, concretiza-se na escolha dos sentidos mais eficientes da ação, racionalmente orientadores das opções a que os agentes cognoscíveis e atuantes procedem e, por outro, decorre das consequências complexas de aglomeração dos resultados destas opções (Pires, 2007).

A criação de teorias concorrentes, ajustadas a esta oposição, abrange o enfase unilateral em dimensões de análise (interpretação e razão) da ação social que ganharia com uma definição complementar de ambas, porque a ação social é tanto comunicacional como racional, segundo combinações transformáveis socialmente e contextualmente (Pires, 2007). Realmente, segundo Pires (2007), os indivíduos precisam de um sentido comum para fazerem escolhas sociais (o que compreende processos e mecanismos de comunicação e interpretação) e precisam de tomar decisões no que concerne às relações meios-fins e (ou) aos fins alternativos para concretizarem estas escolhas. A proposta de Jeffrey Alexander (1987, 15) caminhou, também, no sentido da complementaridade entre diferentes teorias ou da construção de uma teoria multidimensional: “Têm também havido algumas tentativas na história do pensamento social – muito poucas e infrequentes – para transcender estas dicotomias de um modo multidimensional.”.

Para além da dicotomia (interpretação/razão) encontrada nas abordagens da ação social, antes detalhadas, em que os autores colocaram maior assento nesta mesma ação social, outras abordagens houveram em que os autores colocaram maior enfoque na estrutura social.

### **2.2.2. Estrutura (princípio) social**

De acordo com Pires (2007, 28): “Em termos impressivos, por estrutura entende-se um princípio de organização de algo composto por partes interligadas: uma construção, um cristal, uma molécula (...) Por estrutura social entende-se, portanto, um princípio de organização de

um sistema social, sendo que se entende por sistema social um conjunto organizado de relações sociais.”.

### **Estruturalismos marxista e antropológico: regularidades ocultas**

Distintamente de Parsons, a microssociologia interpretativa e as teorias da ação racional evidenciaram os sentidos da ação dos agentes. Noutro ângulo, o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss propôs ir além do estudo das componentes dos agentes (dadas ou produzidas), tal como propôs ir além das questões sobre a passividade ou a atividade dos agentes (Mouzelis, 2008). O enfoque passou das estratégias, interpretações, significados dos agentes e da sua inclusão em contextos institucionais particulares para os ‘códigos ocultos’ seguidos pelos agentes, sem que estes tenham consciência/conhecimento teórico dos mesmos códigos (Mouzelis, 2008). Para Lévi-Strauss (1970, 168; ver, igualmente, Lévi-Strauss, 1962): “O pensamento selvagem é o pensamento da ordem, mas é um pensamento que não pensa. Nisso ele atende bem às condições do estruturalismo (...) ordem inconsciente – ordem concebida como sistema de diferenças – ordem suscetível de ser tratada objetivamente, ‘independentemente do observador’.”.

Baseado no trabalho linguístico de Ferdinand de Saussure, Lévi-Strauss quis entender em que medida podemos encontrar ‘gramáticas ocultas’ tanto na linguagem como em outros campos (a família, a construção de mitos, a cozinha, etc.). No estruturalismo antropológico, a generalidade dos autores focou as lógicas internas de um todo particular e quis descobri-lo, por intermédio da sua desagregação em frações elementares para, seguidamente, expor as relações lógicas entre as mesmas frações que se encontram ‘ocultadas’ dos atores (Mouzelis, 2008).

No contexto do estruturalismo marxista em vez do estruturalismo antropológico, Louis Althusser (nomeadamente, 1977) escolheu uma metodologia semelhante no estudo dos modos de produção, ao segmentar um modo de produção nas frações mais elementares (por exemplo, matérias primas, produtos finais, meios, relações de controlo e relações de propriedade), tendo, posteriormente, descoberto as relações ocultas entre estas frações (Mouzelis, 2008).

### **Michel Foucault: práticas sem indivíduos**

No quadro do pós-estruturalismo, a exploração de regularidades ocultas foi abandonada, mas foi, contudo, mantida a hostilidade do estruturalismo para com a observação dos indivíduos

enquanto criadores relativamente autónomos do seu universo social (Mouzelis, 2008). Além disso, o cerne do pós-estruturalismo não constituiu “(...) uma nova forma de funcionalismo. O sistema não está de nenhum modo em equilíbrio, nem é, exceto no mais extensivo dos sentidos, um sistema.” (Dreyfus, 1982, 187-188).

Os autores pós-estruturalistas observaram os indivíduos como modelados por práticas discursivas e não discursivas e por subjetividades, que consistem em produções sem produtores orientados conscientemente (Mouzelis, 2008). O trabalho de Michel Foucault (1971) enfatizou a produção discursiva como organizada, selecionada, controlada e redistribuída, por intermédio de um determinado número de procedimentos específicos que pretendem intensificar os poderes e os riscos, dominar os acontecimentos aleatórios e evitar o abuso, a materialidade (cf. Foucault, 1966, 1977). Também por este motivo, Foucault defendeu que essas subjetividades, como são exemplos os santos, os pervertidos e os lunáticos, são o resultado de práticas discursiva e não discursiva impessoais, que procedem de uma diversidade de campos ou disciplinas (Mouzelis, 2008). Por conseguinte, o autor (1975; cf. Mouzelis, 2008) demonstrou que o surgimento da modernidade ocasionou um alargamento ao conjunto da sociedade das microtecnologias de poder, que antes se encontraram restringidas ao encarceramento e às instituições totais (prisões, academias militares, etc.). Noutros termos, o autor considerou que aconteceu uma transferência dos modos convencionais de dominação e exploração (nos quais a fronteira entre dominador e dominado, explorador e explorado, foi óbvia) para modos de subjugação em que o subjugado não consegue identificar o subjugador (Mouzelis, 2008; cf. Dreyfus, 1982). Por isso mesmo, os indivíduos encontram-se mergulhados numa subjugação generalizada, involuntária e impessoal (Mouzelis, 2008; cf. Dreyfus, 1982; Foucault, 1975).

No mesmo sentido, o poder tem um formato capilar, visto que as suas microtecnologias disciplinares atravessam os círculos da vida societal e ocasionam um regime generalizado de subjugação, do qual a fuga é, praticamente, impossível (Mouzelis, 2008). Deste modo, Foucault (1980, 141) comentou, a este respeito, que “(...) o poder *está* ‘sempre já lá’, que alguém nunca está ‘no exterior’ deste, que não há ‘margens’ para aqueles que rompem com o sistema pularem fora.”.

Esta teoria “(...) parece remover os agentes humanos de um estádio central ao colocá-los entre a multiplicidade de discursos e práticas que eles não controlam, eles são simplesmente os canais e os condutores de discursos de conhecimento e poder. Contudo, este descentramento da agência permite uma iluminação da natureza do poder enquanto discurso (...)” (Caldwell, 2005, 107).

## Abordagens contemporâneas de estrutura social (emergência)

Em concordância com as palavras de Pires (2007, 29):

“(...) proponho que se defina estrutura social como o conjunto de propriedades sistémicas ordenadoras da acção social com o estatuto de realidade emergente reconhecível pelos seus efeitos objectivos (no sentido realista do enunciado). Essas propriedades manifestam-se tanto no plano relacional como no plano cultural, tanto constrangendo a acção porque ordenando, externamente, os ambientes desta, como ordenando directamente a acção porque, internalizados, sustentam generativamente o seu desenvolvimento.”.

Na rota da discussão de estrutura social, José López e John Scott (2000) sugeriram que a estrutura social é um conceito que aglomera três aspetos interdependentes da ordenação da vida social: relacional, institucional e incorporado. A ‘estrutura relacional’ compreende “(...) as próprias relações sociais, entendidas como padrões de interconexão e interdependência (...) entre os agentes e as suas ações, tal como entre as posições que estes ocupam.” (López e Scott, 2000, 3). A ‘estrutura institucional’ é um outro aspeto da estrutura social “(...) compreendendo aqueles padrões culturais e normativos que definem as expectativas que os agentes possuem no comportamento uns dos outros e que organizam as suas relações contínuas uns com os outros.” (López e Scott, 2000, 3). Finalmente, temos um outro aspeto da estrutura social designado como ‘estrutura incorporada’ que “(...) é encontrada nos hábitos e aptidões que estão inscritos nos corpos e mentes humanas e que lhes permitem produzir, reproduzir e transformar as estruturas institucionais e as estruturas relacional.” (López e Scott, 2000, 4). Ainda assim, note-se que na discussão da incorporação da estrutura é suposto o reconhecimento de que a ‘estrutura externa’ é antecedente à internalização<sup>13</sup> (Pires, 2007).

Os vários descentramentos dos indivíduos, que emergiram como uma reação à noção de *homo rationalis*, são fundamentais como métodos para investigar o simbólico, o discursivo e, genericamente, os modos como o social opera por via da linguagem/palavra (Mouzelis, 2008). No entanto, os centramentos nos indivíduos são também fundamentais, uma vez que a mudança e a estabilidade (dos códigos e discursos) só podem ser explicadas com recurso às interações

<sup>13</sup> Neste domínio, encontramos as preocupações conceituais de Pierre Bourdieu e Anthony Giddens. Para Bourdieu, a internalização é, sobretudo, o modo de ordenamento dos instrumentos cognitivos do social que se articula com os interesses relacionados com as posições e cujo resultado é a emergência de padrões analogicamente ordenadores da ação (Pires, 2007; cf. Bourdieu, 1972). Segundo Giddens, a internalização é, essencialmente, o modo operante de aprendizagem de comportamentos sociais com a forma de regras e recursos acionados enquanto fórmulas para a ação (Pires, 2007; cf. Giddens, 1984). Os lucros da mobilização daquelas mesmas propostas no sentido de uma complementaridade são indiscutíveis: a ‘fórmula para a ação’ propôs uma hiper-reflexividade dos agentes, já o ‘ordenamento analógico da ação’ propôs uma subreflexividade desses mesmos agentes (Pires, 2007). Mais do que antagonismos, trata-se de possibilidades extremas da ação que beneficiam em ser conferidas a tempos, domínios e circunstâncias particulares da estruturação (Pires, 2007).

de atores relativamente autónomos (Mouzelis, 2008). Ambas as vertentes são essenciais, porque as identidades não são pré-construídas nem estáveis, mas são, constantemente, transformadas e reproduzidas por meio de processos articulados de (inter e intra) ação (Mouzelis, 2008). Pela mesma razão, descentrar e centrar os indivíduos é, igualmente, essencial para a construção de pontes entre a multiplicidade de abordagens teóricas presentes nas Ciências Sociais (Mouzelis, 2008).

### **2.2.3. Para uma superação do fracionamento objetivismo-subjetivismo**

Como vimos anteriormente, desde o legado de Parsons, aconteceu uma proliferação de abordagens teóricas, que propuseram conceptualizar os atores sociais e as estruturas sociais em uma pluralidade de formas, habitualmente, contraditórias (Mouzelis, 2008). Deste modo, se, por um lado, na síntese de Parsons os indivíduos foram descritos como passivos, por outro lado, o interacionismo simbólico e a etnometodologia transformaram a posição silenciosa dos atores numa posição ativa e nas visões estruturalista e pós-estruturalista os atores foram descentrados e as práticas sem sujeito, os códigos ocultos ou os textos substituíram as perspetivas a respeito das estratégias e intersubjetividades (Mouzelis, 2008). A proliferação de diferentes abordagens teóricas conduziu a uma fragmentação, porque os autores não conciliaram as suas elaborações (Mouzelis, 2008). De facto, Anthony Giddens (1984) defendeu que estas mesmas abordagens produziram duas orientações teóricas contraditórias: uma orientação evidenciou a sociedade (objetivismo), tendo uma outra evidenciado o indivíduo (subjetivismo) (cf. Scott, 1995). Mais recentemente, surgiram projetos (teóricos) que intentaram ultrapassar a ausência de conexões profícias, a compartimentação e a fragmentação crescentes da vaga pós-parsoniana dos anos 1960 e 1970 – ao representarem pontes articuladoras destas orientações sociológicas objetivista e subjetivista – e que formaram, pois, sínteses conciliadoras das mesmas orientações (Mouzelis, 2008), como sejam os projetos de Pierre Bourdieu, Anthony Giddens, Margaret Archer e Nicos Mouzelis.

#### **Pierre Bourdieu: teoria das práticas (sociais)**

Todos os estudos empíricos de Pierre Bourdieu (por exemplo, 1972, 1984, 1998, 2001) mostraram indivíduos entrosados em práticas, estes indivíduos atuam de modos padronizados,

mas não, completamente, idênticos e as suas ações encerram tipicidades que são, em grande medida, previsíveis (cf. Parker, 2000). Os indivíduos foram vistos como tendo uma reduzida dificuldade em saber ou entender o que têm de fazer, examinando as regras, unicamente, quando ficam bloqueados ou necessitam de se explicar a outros indivíduos, que não participam nas suas atividades (Parker, 2000). As experiências etnográficas do autor sugeriram a conceptualização dos indivíduos como socialmente formados e absolutamente envolvidos em mundos sociais, de modo que o indivíduo e o social não equivaleram a categorias mutuamente exclusivas (Parker, 2000). Os indivíduos foram, portanto, observados enquanto seres coletivos e os focos principais do autor foram não só compreender como acontece a padronização dos indivíduos e das suas ações, mas também, em conexão com o primeiro, compreender a variabilidade e a singularidade que compõem cada episódio ou instante de prática (Parker, 2000). Bourdieu reconheceu que as componentes de indeterminação das práticas surgem de duas condições: (i) a irredutibilidade das diferenças entre os indivíduos, e (ii) as variabilidades entre os contextos históricos nos quais as práticas são efetuadas (Parker, 2000).

O contributo de Bourdieu para a teoria sociológica (centrada nas práticas) foi a resposta à questão: o que torna as práticas exequíveis? (Parker, 2000). As práticas constituíram a opção teórica para impedir as dicotomias tradicionais, mas requereram a formulação de certos detalhes teóricos (Parker, 2000). Bourdieu respondeu a esta questão e formulou estes detalhes ao centrar-se no que os agentes necessitam para se entrosar em qualquer tipo de práticas (Parker, 2000). A resposta de Bourdieu foi que existe uma dialética entre disposições e posições, para a qual é importante o conceito de *habitus* (Parker, 2000).

Bourdieu (1972) definiu *habitus* como um sistema constituído por disposições duráveis e transmissíveis que, incluindo o conjunto das experiências anteriores, opera em cada instante como uma matriz de entendimentos, de julgamentos e de ações e definiu as disposições, por sua vez, como mecanismos geradores das interpretações e da agência com a forma de traçados acionáveis por analogia (cf. ainda Pires, 2007). Considerar que o *habitus* apresenta o conjunto das experiências anteriores significou que o mesmo corresponde ao resultado internalizado do posicionamento relacional dos indivíduos e das suas trajetórias e, por isso, o conceito de *habitus* presumiu as ideias de campo e espaço social relacional (Pires, 2007). Bourdieu (1972) definiu espaço social como um espaço multidimensional de posicionamentos sociais, relationalmente constituídos, que presumem distintos tipos e distintos volumes de capital, assim como definiu capital enquanto o conjunto de património relationalmente constituído (cf. ainda Pires, 2007).

Bourdieu considerou que os agentes estão interessados em adquirir o poder concedido por quatro tipos de capital: económico, cultural ou simbólico, social e político (cf. Parker, 2000; Pires, 2007). Nesta sequência, o autor comparou as diferentes formas de agir dos grupos sociais que têm mais ou menos capitais e afirmou que a distribuição dos indivíduos no espectro social resulta de ‘dois princípios de diferenciação’: o capital cultural e o capital económico. Quanto mais afinidades têm os indivíduos quanto à posse destes mesmos capitais mais próximos estão relationalmente e se, porventura, têm menos afinidades estão mais distantes relationalmente (ver Bourdieu, 1997), sendo que existe uma irredutibilidade destas questões ao capital social, como disse Bourdieu (1980, 2):

As “(...) *relações* permanentes e úteis (...) são irredutíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou mesmo no espaço económico e social porque elas são fundadas nas trocas inseparavelmente materiais e simbólicas, em que a instauração e a perpetuação supõem o reconhecimento desta proximidade. O volume de capital social que um agente particular possui depende, então, da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume de capital (económico, cultural ou simbólico) possuído por cada um daqueles com quem ele está relacionado. O que significa que, embora este seja relativamente irredutível ao capital económico e cultural possuído por um agente determinado ou mesmo pelo conjunto dos agentes com o qual ele está relacionado (...) o capital social não é nunca completamente independente do facto de que as trocas que instituem um inter-reconhecimento supõem o re-conhecimento de um mínimo de homogeneidade “objetiva” e de que este exerce um efeito multiplicador sobre os capitais possuídos.”.

Deste modo, segundo Pires (2007), o capital e o espaço social foram integrantes de uma conceptualização de estrutura social enquanto estrutura externa do tipo relacional e distributivo. No prosseguimento desta conceptualização, Bourdieu introduziu o conceito de campo, definido enquanto subespaço relacional circunscrito pela distribuição de algum capital, em redor do qual se propagam lutas sociais conflituais (Pires, 2007; cf. Lahire, 2001). Os distintos campos, apesar de serem relativamente independentes, intercetam-se, mas existiu uma tensão entre o primado da autonomia do campo e a transferência de importância estrutural para o campo económico, cuja lógica invadiu, tendencialmente, os outros campos (Pires, 2007; cf. ainda Lahire, 2001). Conforme foi argumentado por Bourdieu (1989, 12): “(...) as fracções dominantes, cujo poder assenta no capital económico, têm em vista impor a legitimidade da sua dominação (...)”.

Mais precisamente, a compreensão de Bourdieu a respeito das práticas sociais englobou as posições no campo pertinente, assim como as disposições, que os indivíduos possuem e usam nas competições de poder decorridas nesse mesmo campo (Mouzelis, 2008; cf. também Lahire, 2001). “Esquematicamente, portanto, temos:

Campo/posições + disposições = práticas sociais” (Mouzelis, 2008, 36).

Sinteticamente, para o conceito de *habitus* foi fundamental a localização dos indivíduos em grupos sociais e classes sociais e a competição para preservarem e melhorarem essa posição

em ‘campos’, onde tipos diferentes de ‘capital’ estão ancorados (Parker, 2000). Os indivíduos pertencentes ao mesmo grupo social ou à mesma classe social têm maiores probabilidades de se encontrar em situações semelhantes, quando comparados com os indivíduos pertencentes a outros grupos ou classes sociais (Scott, 2006). A título de exemplo, na abordagem de Bourdieu (1984), a respeito da ‘distinção’, o *habitus*, quando articulado com os posicionamentos, origina lutas (sociais) conflituosas, desenroladas no campo (da produção) cultural, em redor (do gosto ou) das apreciações estéticas<sup>14</sup>.

Bourdieu recusou o postulado do subjetivismo, concernente aos indivíduos universais, racionais, autocentrados e autointeressados, visto que, ao contrário, os poderes agenciais dos indivíduos decorrem de estarem ‘posicionados’ e serem socializados no interior de contextos sociais detentores de interesses competitivos (Parker, 2000). Este autor recusou, conjuntamente, o postulado do objetivismo, concernente aos mecanismos que operam automaticamente para manter as estruturas sociais, visto que estas estruturas só se mantêm quando os atores agem, na prática, em cada situação do quotidiano (Parker, 2000). A agência é, analogicamente, ordenada pelos interesses relacionados com os posicionamentos e pela internalização, ou pelas questões ‘posicionais’ e ‘disposicionais’, e torna-se objetivada, mas a manutenção das estruturas sociais é provocada pelo acionamento dos indivíduos e torna-se subjetivada (cf. Pires, 2007).

Em particular, o dualismo sujeito-objeto foi, ainda, transcendido por meio do conceito de *habitus*, que, como vimos antes, respeita ao sistema de disposições generativas (que funciona como uma matriz percepção, cognitiva, avaliativa e acional) obtido pelos indivíduos ao longo da sua socialização (cf. Mouzelis, 2008; Pires, 2007). Este esquema generativo de disposições (adquiridas) permite que os indivíduos se relacionem com os outros em vários contextos sociais (Mouzelis, 2008; ver, identicamente, Scott, 2006). Bourdieu assinalou que o *habitus* tem uma dimensão objetiva, porque está sustentado na internalização de estruturas sociais (objetivas), que são historicamente desenvolvidas e prosseguem o seu desenvolvimento histórico, e contém, ainda, uma dimensão subjetiva, porque está orientado para os relacionamentos com os outros e, logo, para a participação nos jogos do quotidiano (Mouzelis, 2008). Para António Firmino da Costa (1999, 293): “Os *habitus*, ‘estruturas estruturadas e estruturantes’, como diz Bourdieu,

<sup>14</sup> O *habitus* é constituído por numerosas disposições, como são as formas de classificação, os modos de comer, falar e andar e os critérios de preferência e gosto (Scott, 2006). Por exemplo, as apreciações estéticas a respeito do belo tornam-se no alicerce de competições sociais e são empregadas para assinalar uma ‘distinção’ (Parker, 2000; cf. Bourdieu, 1984). Para Bourdieu (1984, 11): “A sociologia é raramente mais semelhante à psicanálise social do que quando se compara um objeto como o gosto, uma das mais vitais apostas nas lutas sustentadas (...) no campo da produção cultural.”. O autor (1984, 56) disse que: “Sendo o produto das condicionantes associadas a uma classe particular de condições de existência, esta [disposição estética] une todos aqueles que são o produto de condições similares enquanto os distingue de todos os outros. E esta distingue de um modo essencial (...”).

são (...) geradores e organizadores das práticas culturais e, em geral, das práticas sociais (...)" . Em detalhe, conforme esclareceu Maria Setton (2002, 63): "O *habitus* é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para as funções e as ações do agir quotidiano." .

A agência é favorecida e constrangida pelo *habitus*. A agência é favorecida no sentido em que os indivíduos têm capacidade para prosseguirem os seus interesses, enquanto incluídos em grupos sociais e classes sociais. Como notou Bourdieu (1989, 11): "As diferentes classes e fracções de classe estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses (...)" . No entanto, os agentes são apanhados nas competições existentes e encontram-se, involuntariamente, comprometidos a tomar partidos e participar, sendo constrangidos para alcançar certos objetivos (Parker, 2000). O poder dos agentes, ao estabelecerem quais os meios a usar para a defesa dos seus interesses, é constrangido pela desvantagem ou vantagem relativa na distribuição do poder, que se encontra nos campos em competição, sendo que o dominado e o dominador reproduzem, frequentemente, a estrutura e os posicionamentos na mesma (Parker, 2000). Assim, a estrutura (externa) é internalizada e reproduzida nas práticas dos indivíduos (Scott, 2006).

Os quadros em que o *habitus* tem uma funcionalidade reprodutiva foram vistos como conjunturas, relativamente, permanentes na história da institucionalização da dominação, mas, mesmo que o dominado sinta dificuldade em mudar a ordem dos acontecimentos, a história é, de certo modo, composta por descontinuidades (Parker, 2000). A agência e a estrutura (externa) foram, então, relacionadas por meio do poder, que tem consequências sistémicas no formato como cada uma foi conceptualizada, de tal modo que a estrutura (externa) distribui o poder dos agentes, sendo uma estrutura (externa) do tipo distributivo (cf. Parker, 2000; Pires, 2007). Os indivíduos, por seu turno, enquanto beneficiários daquela estrutura, mobilizam o seu poder para conservar a sua agência, provocando, incidentalmente, realinhamentos no interior da estrutura distributiva, inovações nos campos e mudanças no *habitus* (cf. Parker, 2000).

### **Anthony Giddens: teoria da estruturação**

Na teoria de Anthony Giddens, "(...) a estrutura incorporada existe não como realidade subjectivada da estrutura externa mas como instância de concretização desta." (Pires, 2007, 39).

A abordagem teórica de Giddens propôs, por esta via, compatibilizar o estrutural funcionalismo com o estruturalismo e o pós-estruturalismo, que discutiram as questões objetivistas, e também com a microssociologia interpretativa, que abordou as questões subjetivistas (Mouzelis, 2008; cf. Scott, 1995). Segundo Giddens (1984, 2):

“Uma das minhas principais ambições na formulação da teoria da estruturação é pôr um fim a cada um destes esforços imperiais de construção. O domínio básico de estudo das ciências sociais, de acordo com a teoria da estruturação, não é a experiência dos atores, nem a existência de alguma forma de totalidade social, mas as práticas sociais ordenadas ao longo dos espaço e tempo. As atividades sociais humanas, tal como alguns sistemas autorreprodutivos na natureza, são recursivas. O que quer dizer, estas não são trazidas à existência pelos atores sociais, mas continuamente recreadas por eles via todos os meios com que eles se expressam *como* atores. Nas e pelas suas atividades os agentes reproduzem as condições que tornam estas atividades possíveis.”.

No centro da imaginação sociológica de Giddens encontrou-se a análise dos dilemas sociais e naturais dos indivíduos, expressos nos modos como estes experienciam as interações sociais (Parker, 2000). Giddens dispôs os indivíduos no foco do estudo da vida social, enquanto ‘sujeitos a ser’, mas observou que os mesmos indivíduos estão subordinados aos outros, no que concerne às oportunidades das interações sociais, por meio das quais estes se constituem como agentes capazes de agir significativamente (Parker, 2000). John Parker (2000) designou a noção de que os indivíduos cimentam a sua segurança nas experiências concretas e diretas da interação (social) como o ‘interacionismo metodológico’ de Giddens.

Deste modo, o que é requerido para a continuação dos fluxos das interações sociais – a que Giddens denominou ‘integração social’ – é uma condição *sine qua non* para a ação subjetiva dos agentes (Parker, 2000). A ‘integração social’ constitui a reciprocidade entre os agentes nas interações face a face e é conseguida por intermédio de uma ‘monitorização reflexiva da ação’ (Scott, 1995; cf. Giddens, 1984). O prolongamento da vida social é firmado nesta continuada ‘monitorização reflexiva da ação’, que é determinante nas interações sociais (Parker, 2000; cf. Scott, 1995).

A interpretação de estrutura torna necessário que, como foi sublinhado por Giddens, se diferencie, em termos analíticos, os conceitos de estrutura e de sistema social (Pires, 2007; cf. Scott, 1995). O autor (1984, 25) entendeu que estruturas são: “Regras e recursos, ou conjuntos de relações transformativas, organizados enquanto propriedades dos sistemas sociais.”. O autor (1984, 25) entendeu, igualmente, que os sistemas sociais<sup>15</sup> constituem: “Relações reproduzidas

<sup>15</sup> Giddens considerou que a Sociologia tem que reformular o entendimento da sua história, visto que esta mesma ciência emergiu como uma proposta de entendimento dos aspectos particulares da sociedade moderna, que começou a existir no século XIX (Scott, 1995). Logo, a modernidade é um tipo de sistema social e, para Giddens, o objetivo disciplinar da Sociologia é investigá-la, sendo elementar compreender o que está incluído no estudo histórico-sociológico dos sistemas sociais no geral (Parker, 2000). Por conseguinte, Giddens examinou quais as origens das

entre atores ou coletividades, organizadas enquanto práticas sociais regulares.”. De resto, por estruturação o mesmo autor (1984, 25) entendeu: “Condições que governam a continuidade ou a transmutação das estruturas e, portanto, a reprodução dos sistemas sociais.”.

Os agentes estão ‘habilitados’ para acionar os poderes agenciais, no contexto histórico, porque têm acesso aos pré-requisitos para a agência ou ao que Giddens denominou ‘estruturas’ (Parker, 2000). A significação, a legitimação e a dominação são ‘modalidades de estruturação’ e os indivíduos usam as regras e os recursos (estruturas) convenientes para formar as situações de agência (Parker, 2000). As regras que conduzem a significação permitem uma comunicação significante, aquelas que conduzem a legitimação admitem as sanções morais, já os recursos alocativos e autoritativos admitem o comando de objetos e de pessoas, respetivamente (Parker, 2000; cf. Pires, 2007; Scott, 1995). As estruturas, como ‘os recursos e as regras’, têm um efeito ao serem conhecidas e acionadas pelos indivíduos e este acionamento, no sentido de permitir atividades situadas e contextualmente particulares, fixa a existência destas estruturas, sendo esta existência só ‘virtual’<sup>16</sup> (Parker, 2000; cf. Ritzer, 2003). Estas estruturas existem ao estarem presentes nos momentos da sua constituição ou na ‘instanciação’ (Parker, 2000). Neste mesmo quadro, Giddens definiu “(...) estrutura como a ordem virtual instanciada nas práticas sociais.” (Pires, 2007, 39). Por conseguinte, segundo Giddens (1984, 17):

“Dizer que a estrutura é uma ‘ordem virtual’ de relações transformativas significa que os sistemas sociais, como práticas sociais reproduzidas, não têm ‘estruturas’, mas antes exibem ‘propriedades estruturais’ e que a estrutura existe, como presença no tempo-espacó, apenas nas suas instanciações durante essas práticas, e como traços de memória que orientam a conduta de agentes humanos informados.”.

Por isso mesmo, os poderes subjetivos da ação estão, decisivamente, subordinados ao conhecimento que os atores têm para agir ou à sua ‘consciência prática’ das regras convenientes para darem sentido às situações e dominarem os recursos mais cruciais (Parker, 2000). Giddens formou uma perspetiva da ação por intermédio de um ‘modelo estratificado do agente’ que contém três estados de consciência – consciência discursiva, consciência prática e inconsciência (Scott, 1995; cf. Giddens, 1984). As ‘necessidades’ e os ‘desejos’ inconscientes são as razões que conduzem a ação, mas têm que ser tomados em consideração conscientemente e acionados antes de influenciarem a ação social (Scott, 1995). A consciência discursiva (reflexividade) e a

regularidades, relativamente permanentes, dos sistemas sociais, no contexto das interações sociais, condicionadas (e produtivas) historicamente (Parker, 2000).

<sup>16</sup> As estruturas, como potencialidades do passado, são conservadas ao serem acionadas no presente (Parker, 2000). Agir é, obrigatoriamente, garantir que uma regra ou um recurso são reproduzidos e, sendo assim, usar é sempre usar novamente e a continuidade das estruturas implica a ativação do passado que os agentes fazem no presente (Parker, 2000). No entanto, a recursividade não garante que as estruturas tenham uma futura continuidade, porque estas só são acionadas, subsequentemente, se forem sustentadas correntemente (Parker, 2000).

consciência prática (racionalização) orientam a ação, quando o ator formula uma definição (ou interpretação) da situação com que se depara (Scott, 1995; cf. Ritzer, 2003). A ‘consciência prática’ está subordinada aos indivíduos tomarem muito por certo o ‘conhecimento recíproco’ sobre as exigências rotineiras dos diferentes contextos interacionais (Parker, 2000; cf. Scott, 1995). A parte mais considerável dos agentes usa, exclusivamente, a ‘consciência prática’ em situações familiares e rotinadas, nas quais é dispensável dar razões para os seus procedimentos (Parker, 2000; cf. Scott, 1995). No entanto, estas razões podem ser dadas, ao serem requeridas, por meio da linguagem orientada pela ‘consciência discursiva’ (Parker, 2000; cf. Scott, 1995).

A agência é uma qualidade permanente dos indivíduos, pois os mesmos encontram-se continuamente englobados em interações, não é uma questão de os atores não deterem intenções e projetos ou objetivos (Parker, 2000). É uma agência de ‘instanciação’ ou de presença contínua das estruturas e os indivíduos não perdem tempo a determinar os seus objetivos, visto que ao estarem embebidos nas rotinas do quotidiano são, espontaneamente, repetitivos, mas estes são agentes, já que podem atuar de outro modo (Parker, 2000). “A agência refere-se não às intenções que as pessoas têm ao fazer algo, mas às suas capacidades para fazerem esse algo em primeiro lugar (...)" (Giddens, 1984, 9). A agência histórica é, neste sentido muito alargado, constituída involuntariamente (Parker, 2000).

Para Giddens (1984, 19): “Uma das principais proposições da teoria da estruturação é que as regras e os recursos veiculados na produção e reprodução da ação social são, ao mesmo tempo, os meios de reprodução do sistema (...)" As estruturas constituem, então, o veículo (ou a condição) e o resultado da ação (Parker, 2000; cf. Mouzelis, 2008; Pires, 2007), isto é, o “(...) factor de constrangimento e de possibilidade da ação (‘teorema da dualidade da estrutura’)." (Pires, 2007, 39). Estas estruturas são veículos subjetivos uma vez que possibilitam as relações entre os indivíduos nos seus contextos sociais (Mouzelis, 2008). Estas são resultados objetivos porque ao serem acionadas e, logo, reproduzidas tornam-se, marcadamente, institucionalizadas (Mouzelis, 2008). O uso das estruturas pelos agentes tem, portanto, consequências recursivas. Pires (2007, 39) esclareceu esta questão do modo seguinte:

“A ideia de recursividade é, como se sabe, ilustrada por Giddens com recurso a uma analogia linguística: eu consigo falar, comunicando, porque uso, de modo prático e rotineiro, as regras da língua que falo; e ao falar de acordo com essas regras contribuo para a sua reprodução. Do mesmo modo, eu consigo interagir de modo reconhecível, e portanto efectivo, porque acciono regras sociais e ao agir accionando essas regras estou a contribuir para as reproduzir.”.

Giddens conceptualizou a relação entre agência e estrutura como uma ‘dualidade’ e, de acordo com a mesma conceptualização, nenhum dos termos associados contém uma existência autónoma (Parker, 2000). As estruturas (regras e recursos) são usáveis e a agência, por sua vez,

está subordinada às regras e aos recursos, o que produz uma articulação sujeito/objeto (Parker, 2000; cf. Mouzelis, 2008). Por isso mesmo, Giddens não só recusou o subjetivismo, visto que considerou os poderes dos agentes como dependentes do uso das estruturas ou do uso das regras e dos recursos – os constrangimentos que possibilitam a agência – e objetivizou os agentes (Parker, 2000; cf. Mouzelis, 2008), como ainda recusou o objetivismo, visto que considerou as estruturas como realidades ‘virtuais’, cuja existência é preservada e cujas energias generativas são executadas, unicamente, por intermédio do acionamento inteligente e prático dos agentes, e subjetivizou as estruturas (Parker, 2000; cf. Mouzelis, 2008).

Consequentemente, a abordagem de Giddens teve fundamento no subjetivismo, mas o autor admitiu que uma teoria sociológica conveniente requer: (i) a incorporação de elementos relacionados com as condicionantes históricas involuntárias da agência, (ii) considerações teóricas relativas à subjetividade dos indivíduos e aos seus poderes agenciais, e (iii) a adequada apreciação das regularidades dos sistemas sociais e da reprodução social (Parker, 2000).

### **Margaret Archer: abordagem morfogenética**

“Em rigor, só concebendo o acionamento da estrutura como procedimento rotinizado se torna possível sustentar o enunciado da dualidade da estrutura (...)" (Pires, 2007, 40). Uma perspetiva diferente argumentou que não há sincronismo na relação entre ação e estrutura, mas sequencialidade.

O tópico da sequencialidade foi lançado na discussão sociológica, em redor das teorias estruturacionistas, por Margaret Archer que, rejeitando a precarização conceitual da noção de ‘estrutura’ em Anthony Giddens, como consequência da apreciação da mesma enquanto ordem virtual, destacou que a temporalidade é inseparável das relações entre ação e estrutura e que os sistemas sociais compreendem propriedades emergentes (Pires, 2007). Aquela mesma noção de sequencialidade foi concebida por meio do ciclo morfogenético (Pires, 2007). Segundo Archer: “(...) qualquer ciclo que por acaso prenda a nossa atenção, devido ao seu interesse substantivo, é também identificado por ser precedido de ciclos anteriores e seguido de alguns posteriores – quer este seja reprodutivo ou transformativo, morfoestático ou morfogenético. Necessariamente a ação é contínua (‘nenhuma pessoa: nenhuma sociedade’) mas, devido às ações das pessoas ao longo do tempo, as estruturas são descontínuas (apenas relativamente duradouras) e uma vez que são mudadas, então, as atividades subsequentes são condicionadas e moldadas de modo absolutamente diferente (esta sociedade não é exclusivamente o produto daqueles aqui presentes, nem a futura sociedade é unicamente o que os nossos herdeiros produzem).” (1995, 154).

A abordagem de Archer inscreveu-se numa construção de estrutura social que a autora considerou não ser reificada (Parker, 2000), mas também não ser virtualizada. Por conseguinte,

Archer disse que podemos usar o conceito de estrutura de modos que não sejam desumanizados, deterministas ou mecanicistas e disponibilizou uma conceptualização, que ao fazê-lo interagir com o conceito de ação e com uma sequência temporal, não reduziu o último conceito nem foi reduzido pelo mesmo (Parker, 2000). Na letra de Archer:

“A reificação não ameaça. É afirmado que as estruturas sociais são apenas eficazes através das atividades dos seres humanos, mas na única maneira aceitável, ao admitir que estas são os efeitos das *ações passadas*, frequentemente da autoria de pessoas longamente mortas, que lhes sobreviveram (e esta libertação temporal é precisamente o que as faz *sui generis*). Portanto, estas continuam a exercer os seus efeitos sobre os atores subsequentes e as suas atividades, como possuidoras autónomas de poderes causais.” (1995, 148).

A autora pretendeu elaborar ideias que dissessem respeito às diferentes relações entre a ação e a estrutura e permitissem esclarecer porque é que certos casos são do modo que são, para tal usou o dualismo como uma marca que tipificou a sua abordagem e a distinguiu de Giddens (Parker, 2000). A autora acentuou, portanto, que nestas relações existe um dualismo, porque a ação e a estrutura são reciprocamente irredutíveis, em lugar de uma dualidade, que identificou como uma conflagração entre ambos os termos (Pires, 2007). Objetivamente, o dualismo analítico acolheu que não existem realidades sociais sem existirem pessoas, que as mesmas realidades se expressam no comportamento das pessoas e que é importante usar um individualismo descritivo (Parker, 2000). Desta forma, “(...) é possível separar estrutura e agência por meio do dualismo analítico e examinar as suas relações de forma a dar conta da estruturação e reestruturação da ordem social.” (Archer, 2011, 161-162). Por conseguinte, é, exatamente, porque os indivíduos (agência) e a sociedade (estrutura) são, indissociavelmente, coexistentes que se torna necessário usar uma metodologia explanatória que os diferencie analiticamente<sup>17</sup> e, deste modo, investigar as suas relações mutáveis (Parker, 2000).

As conceções de ‘emergência’ e ‘condicionantes’ detiveram uma importância crucial no pensamento de Archer (Parker, 2000). ‘Emergência’ conduz a uma subordinação das estruturas às atividades, mas, também, a uma obtenção de propriedades independentes. ‘Condicionantes’ significam que as mesmas propriedades autónomas obtidas pelas estruturas vão, ulteriormente, potenciar ou constrar a ação. Os poderes dos indivíduos e das estruturas são, grandemente, defendidos e limitados, uma vez que se encontram articulados com uma sequência temporal e a abordagem morfogenética propôs um contexto de investigação em termos de uma sequência analítica temporal (Parker, 2000). Primeiro, existem condicionantes preexistentes à ação social

<sup>17</sup> Realmente, como é enunciado por Archer: os “(...) princípios fundamentais do realismo (...) podem unicamente ser respeitados e refletidos por meio de um Realismo Metodológico que aborda a estrutura e a agência através do ‘dualismo analítico’ – a fim de ser capaz de explorar as articulações entre estes estratos separados com as suas próprias propriedades autónomas, emergentes e irredutíveis (...)” (1995, 159).

que é investigada. Ulteriormente, acontecem situações de interação social, em que os indivíduos pretendem cumprir os seus objetivos ao usar os seus poderes. Por fim, surgem as consequências dos episódios de interação entre os agentes e as mesmas constituem-se em torno da elaboração ou da reprodução das condicionantes da ação (Parker, 2000; cf. Archer, 1995).

A componente da perspetiva de Archer com maior importância foi que as estruturas são, unicamente, concebidas como reais (sem reificação) ao serem entrelaçadas, ao longo do tempo, com os poderes agenciais dos indivíduos (Parker, 2000). Em termos analíticos, a relação entre estrutura e agência é de rotatividade histórica entre as condicionantes que a estrutura impõe aos agentes e a elaboração ou reprodução desta estrutura pelos agentes em interação (Parker, 2000). Ao longo do tempo, as estruturas são influenciadoras e influenciadas, como também é a agência, sendo que o dualismo analítico está submetido à temporalidade (Parker, 2000). De facto, como evidenciou Archer (1995, 138): “A pré-existência e a autonomia denotam *descontinuidades* no processo de estruturação/restruturação, que só podem ser compreendidas ao fazer distinções analíticas entre o ‘antes’ (Fase 1), o ‘durante’ (Fase 2) e o ‘depois’ (Fase 3) (...).” Os resultados de mudança ou reprodução (nos agentes e nas estruturas) transformam-se nas condicionantes da ação posterior e assim sucessivamente (Parker, 2000). Aqueles “(...) resultados, que podem ser amplamente reprodutivos ou largamente transformativos, dependem do entrelaçamento da estrutura, da cultura e da agência, mas sem considerá-las inseparáveis (...).” (Archer, 2011, 160-161).

De acordo com Parker (2000), Archer defendeu que podemos abordar as propriedades dos sistemas sociais, sem reificação, ao demonstrar que estes são emergentes e relativamente autónomos da ação dos agentes. Embora os sistemas sociais sejam originados pelos indivíduos, acabam por conquistar poderes que não pertencem aos indivíduos que os originaram, nem aos indivíduos que os mesmos sistemas condicionam. Se não existissem forças sociais autónomas, em relação aos indivíduos, não existia nenhum modo como os resultados de atividades passadas constrangessem o presente. Se os indivíduos fossem o único veículo de constrangimento, era impossível existir uma influência futura, depois da ação (ou, mesmo, a vida) dos indivíduos terminar. Archer considerou que os sistemas são (a) relativamente autónomos, (b) preexistentes aos indivíduos, (c) eficazes causalmente; e que estas premissas não implicam reificação (Parker, 2000).

Deste modo, a autora formulou ‘conjuntos de propriedades emergentes’ (Archer, 1995), compreendidas pelos sistemas sociais (Pires, 2007), e adicionou as propriedades culturais às propriedades estruturais e às propriedades agenciais. As mesmas propriedades contêm modos

irredutíveis de relações internas, mas contêm, também, uma autonomia relativa para colaborar no processo de estruturação (isto é, no processo de transformação ou reprodução de condições) (Parker, 2000).

Archer (1995) observou que o cultural e o estrutural constituem as ‘partes’ e, segundo a abordagem construída por esta mesma autora: “Em poucas palavras, os constrangimentos e as possibilidades derivam das propriedades emergentes estruturais e culturais. Estas têm o poder generativo de impedir ou facilitar projetos de diferentes tipos provenientes de grupos de agentes que estão diferencialmente posicionados.” (Archer, 2003, 7).

O estrutural apresentou as relações internas entre as dimensões materiais da existência social e compreendeu, por exemplo, a divisão de recursos e, em termos mais gerais, as relações interorganizacionais (Parker, 2000). Estas dimensões materiais englobam ‘naturezas’ próprias, exercem uma influência autónoma nos resultados e são diferentes das propriedades das pessoas (Parker, 2000).

O cultural traduziu as propriedades relacionais atinentes aos bens culturais, que exercem influências de um modo mais autónomo do que as pessoas acreditam realmente (Parker, 2000). À semelhança do estrutural, este tipo de ‘parte’, originada pelas interações entre os indivíduos, adquire uma autonomia dos mesmos por intermédio das suas relações internas (Parker, 2000). Archer (1994, 280) acrescentou que “(...) foi possível esboçar um *genérico* ciclo morfogenético para a cultura, usando as mesmas fases que foram empregadas na análise da estrutura social (Condicionante Estrutural → Interação Social → Elaboração Estrutural), deste modo apontando o caminho para a unificação teórica.”.

Por fim, o agencial constituiu as ‘pessoas’, sendo aqui que encontramos as, reguladas e reguladoras, propriedades das pessoas. Archer criou diferentes tipos de ‘pessoas’ e diferentes articulações entre os modos como esses tipos colaboram para a estruturação (Parker, 2000). A autora elegeu, analiticamente, “(...) os seres humanos, os agentes sociais e os atores sociais, observando todos os três como indispensáveis na teorização social, mas irredutíveis uns aos outros.” (Archer, 1995, 249). Nesta sequência, Archer (1995) construiu o ‘modelo estratificado das ‘pessoas’’. Os seres humanos são de um ‘tipo natural’ com traços biológicos e pré-sociais distinguíveis (Parker, 2000). O eu (*self*) e a personalidade constituem o que o social impõe aos seres humanos para que estes sejam agentes sociais, o que acontece através do posicionamento no interior de organizações (Parker, 2000). As pessoas consistem, forçosamente, em ‘agentes primários’ dos interesses de uma certa organização, porque necessitam de se relacionar com o mundo por via de sistemas materiais estratificados (Parker, 2000). No sentido de serem ‘agentes

corporativos' determinadas pessoas implicam-se, dinamicamente, na participação e elaboração de relações entre organizações, ao mobilizarem recursos organizacionais (meios) e possuírem razões para se comportarem de um certo modo e não de um outro ('fins' ou interesses). O social também influencia as pessoas no desempenho dos papéis que podem ocupar, transformando-se, então, em atores sociais (Parker, 2000).

A delinear das pessoas enquanto *agentes sociais* de organizações hierarquizadas, na origem das quais as mesmas se transformam em *atores sociais*, ambos os elementos baseados na humanidade dos *seres humanos*, mostrou que qualquer um dos três, sendo indecomponível dos restantes, também possui uma autonomia relativa (Parker, 2000). As 'partes' favorecem e condicionam as 'pessoas' e as últimas têm poderes para escolher o modo como respondem aos favorecimentos e condicionamentos (Parker, 2000). Por exemplo, como explicou Archer (2003, 16):

“(...) sugerir a ‘conversação interna’ como o processo de mediação ‘através’ do qual os agentes respondem às formas sociais – falivelmente e corrigivelmente – mas, acima de tudo, intencionalmente e diferentemente – é atribuir três propriedades às suas deliberações reflexivas. É defendido que a conversação interna é: (a) genuinamente interior, (b) ontologicamente subjetiva, e (c) causalmente eficaz.”.

A 'emergência' não é, apenas, uma componente da estrutura e da cultura, visto que a morfogénese é dúplice, o que significa que o acionamento da agência modifica, potencialmente, todas as suas condições, incluindo os agentes (Parker, 2000). Segundo Archer (1995, 247): “Por outras palavras, uma ‘morfogénese dupla’ está envolvida: a agência leva à elaboração estrutural e cultural, mas esta mesma é elaborada no processo.”.

Archer e Giddens concordaram que as divergências entre o subjetivismo e o objetivismo têm de terminar, pois a ação e a estrutura pressupõem-se reciprocamente (Parker, 2000). Ambos consideraram que a “(...) subjetividade agencial reflete sobre a objetividade social”<sup>18</sup> (Archer, 2003, 133) e que as práticas sociais são, indiscutivelmente, modeladas pelas circunstâncias da ação, concebendo resultados que formam o quadro das interações seguintes, bem como ambos consideraram que a história contém influência na ação humana (cf. Parker, 2000). No entanto, a concordância, no que respeitou à pertinência da relação entre a agência e a estrutura para o cumprimento dos objetivos da teoria sociológica, conduziu a uma intensa discordância, no que

<sup>18</sup> Archer não disse que os constrangimentos sociais são opressivos e que as suas condicionantes se assemelham a determinações, nem disse que existe uma autodeterminação de indivíduos talentosos, bem munidos de recursos e politicamente emancipados, que mudam a estrutura a seu favor (Parker, 2000). As contrariedades, as contingências e, por isso mesmo, a abertura das estruturas, assim como os esforços, as competências e a imaginação das pessoas e, por isso mesmo, a abertura da agência assentam em resultados emergentes e no facto de as estruturas serem ou não transformadas ou reproduzidas de algum modo (Parker, 2000).

respeitou a como essa relação foi conceptualizada para impedir o subjetivismo e o objetivismo (Parker, 2000).

Nesta linha, a posição morfogenética/dualismo analítico/emergentista, em comparação com aquela estruturacionista/dualidade/elisionista, incluiu a temporalidade na relação entre a agência e a estrutura. Ao contrário do argumento de Giddens, assente na conceptualização da constituição da sociedade por intermédio do momento a momento, a conceção morfogenética estabeleceu os diferentes modos como o passado constrange as ações presentes e de que modo essas ações afetam esses constrangimentos (Parker, 2000). Segundo Archer (2007, 37): “(...) as configurações e os cursos históricos tomados pelas estruturas sociais são morfogenéticos por natureza (não se ajustando a nenhuma das analogias tradicionais – mecânica, orgânica, ou cibernética – mas sendo modelados e re-modelados pela interação entre os seus constituintes – partes e pessoas (...)).”.

Archer sujeitou os constituintes da teoria social a um processo de ‘descompressão’, no sentido de executar um isolamento dos constituintes relativamente autónomos dos factos sociais (Parker, 2000). A ‘autonomia’ expressou que os mesmos exercem uma influência que se torna independente dos modos de estruturação, mas ‘relativamente’ expressou que a influência opera por meio de relações de dependência com os restantes constituintes relativamente autónomos (Parker, 2000). Deste modo, ao longo do tempo, cada constituinte é regulador e regulado, mas é, exatamente, porque são efetuadas exigências intensas a cada um que a responsabilidade pelas consequências não pode ser imputada a nenhum isoladamente, foi a estratégia para contornar o subjetivismo e o objetivismo e produzir uma orientação para a análise do social (Parker, 2000).

### **Nicos Mouzelis: reformulação da síntese de Giddens**

Nicos Mouzelis formulou críticas e alternativas à teoria da estruturação, que decorreram em paralelo com a abordagem de Margaret Archer, e, embora surjam distinções de ênfase e argumentação, como Archer, Mouzelis propôs a viabilidade da sociologia histórica ou ‘macro’ e forneceu uma caixa de ferramentas ‘macro’ (que impediu a reificação), ainda assim, também promoveu o diálogo entre as abordagens macro e micro (Parker, 2000). Segundo Parker (2000), este mesmo autor fez uma conceptualização dos sistemas sociais como realidades, de um certo modo, permanentes e diferenciou-os dos indivíduos, que os produzem e são constrangidos pelos mesmos, estando, desta maneira, comprometido em realçar, sobretudo, a dimensão objetiva das

realidades sociais. Também segundo Parker (2000), esta constituiu uma orientação elementar do autor, não obstante o fundamento parcial na ‘dualidade da estrutura’, concebida por Giddens.

Por meio do conceito de hierarquia, Mouzelis distinguiu o modo de relação que justapõe as componentes das instituições, os jogos dos participantes nas interações e a variabilidade dos constrangimentos estruturais e da agência (cf. Parker, 2000). Como afirmou Mouzelis (1991, 167): “A ligação entre hierarquias sociais e os conceitos de integração social e do sistema têm sido outra grande preocupação deste trabalho (...) em termos não só de posições organizadas verticalmente (integração do sistema), como em termos de séries de jogos sociais relacionados hierarquicamente (integração social).”.

As relações hierárquicas motivam constrangimentos estruturais, anexados aos diferentes níveis em que os indivíduos operam (macro, meso, micro); estes constrangimentos e a agência derivam da posição dos indivíduos em relação a outros, cujo poder é diferente do seu (Parker, 2000). Os mesmos constrangimentos estruturais advêm da relação com os outros, posicionados hierarquicamente, com quem os indivíduos interagem e, no quadro da dimensão da vida social relacionada com a ‘integração social’, os participantes, isto é, os indivíduos que interagem uns com os outros, individualmente ou coletivamente, lutam para conservar ou melhorar as posições relativas nos ‘jogos sociais’ e usam as habilidades das posições em que se encontram (Parker, 2000). As posições hierárquicas não originam, automaticamente, determinados resultados, os jogos não são, forçosamente, vencidos pelos elementos do topo da hierarquia, a não ser que as contingências respeitantes às habilidades e à sorte se apresentem, igualmente, favoráveis, por isso, Mouzelis criticou a reprodução da abordagem de Bourdieu ao sublinhar que as dimensões interacionais-situacionais dos jogos são irredutíveis (Parker, 2000), no entanto, associou-se a este mesmo autor na dimensão disposicional. Como escreveu Mouzelis (1991, 106): “(...) se alguém quiser compreender a conduta dos atores tem que ter em conta as dimensões *posicional* (no sentido da posição/papel social), *disposicional* (no sentido do *habitus*), e *situacional* da existência social destes.”.

Para o autor, os atores orientam-se para as estruturas, dados elementos do seu contexto social, de distintos modos que dependem da localização institucional (os sistemas e as regras) e figuracional (os jogos sociais) (Parker, 2000). O autor mobilizou as diferenciações estruturais de linguística entre as dimensões sintagmática e paradigmática nas críticas a Giddens (Parker, 2000) e articulou-as com as noções de dualidade e dualismo. No mesmo enquadramento, como apresentou Mouzelis (1995, 151): “Eu tentei demonstrar a utilidade das noções de dualidade e dualismo de ambos sujeito-objeto para compreender como os participantes se relacionam com

os todos institucionais no nível paradigmático, bem como com os todos figuracionais no nível sintagmático.”. O paradigma estabelece as regras que orientam, expondo de um modo simples, o uso das partes de um discurso, estas regras são virtuais, porque indicam, exclusivamente, as condições de possibilidade e não traçam ou determinam qualquer expressão histórica (Parker, 2000). Já o sintagma é uma sequência concreta, originada por intermédio da mobilização das regras paradigmáticas, e descreve uma ordem particular de acontecimentos, que, relativamente aos fenómenos sociais, corresponde às histórias concretas de interação e aos próprios resultados transformativos ou reprodutivos destas histórias (Parker, 2000).

Consequentemente, as estruturas são parcialmente virtuais, mas não totalmente, uma vez que não só incluem as capacidades paradigmáticas ‘das regras e dos recursos’, enquanto realidades virtuais, mas também incluem a concretizada dimensão sintagmática (Parker, 2000). A concordância parcial com a teoria de Giddens alargou-se à dualidade da relação entre agência e estrutura (Parker, 2000). Mouzelis concordou que os agentes se encontram, habitualmente, relacionados com as condições paradigmáticas da ação numa rotina tomada por certa, ao usarem a consciência e os conhecimentos, que gera, plausivelmente, efeitos recursivos, porém, o autor defendeu que os atores, também normalmente, não se encontram relacionados com as condições paradigmáticas numa rotina tomada por certa, quando se afastam, dualisticamente, das regras e se relacionam com estas de um modo teórico, contemplativo e (ou) estratégico (Parker, 2000). Os indivíduos são seguidores ou críticos de rotinas e as capacidades de teorizar e manipular a estrutura, que alguns destes possuem, concorrem para a estruturação da história (Parker, 2000). A reformulação do autor, no que concerne à ‘teoria da estruturação’, incluiu, pois, a articulação das diferenças entre as dimensões paradigmática e sintagmática da estrutura e as relações de dualismo e dualidade entre a estrutura e a agência (Parker, 2000). Como afirmou Mouzelis:

“No nível *paradigmático*, a orientação dos atores para as regras, como uma ordem virtual, pode implicar uma *dualidade sujeito-objeto* – quando as regras ou as estruturas são tomadas por certas e tornam-se ambas veículo e resultado da conduta social (dualidade paradigmática); ou esta pode requerer um *dualismo sujeito-objeto* – quando os atores, por razões teóricas ou estratégicas/de monitorização, se distanciam a si próprios das regras seguidas por eles mesmos e/ou por outros.

Quando, além disso, no nível *sintagmático*, os atores se orientam a si próprios não para as regras como uma ordem virtual, mas para os jogos efetivos que eles jogam, ao seguirem tais regras no tempo e no espaço, ali também a sua orientação diz respeito a ambos dualidade e dualismo. Quando os atores estão envolvidos em jogos sociais para a construção, reconstrução ou transformação de algo para o qual contribuem substancialmente, eles relacionam-se com estes em termos de *dualidade sujeito-objeto*. Quando, por outro lado, eles estão envolvidos em jogos para a produção e reprodução de algo para o qual a sua contribuição é pequena, eles relacionam-se em termos de *dualismo sujeito-objeto*.” (1991, 166-167).

Como consequência, Mouzelis, ao examinar a alternativa dualidade/dualismo, usou um critério que fez interagir os termos desta alternativa e acolheu a sua modificação em dimensões complementares atinentes à relação agência-estrutura (Pires, 2007). O critério proposto baseou-

se na hierarquização social, ou seja, na estratificação dos agentes e das posições sociais, que é influenciadora das consequências da ação (Pires, 2007). Daqui resulta que o poder diferencial dos indivíduos expressa-se pelo modo como mobilizam a estrutura quando agem, sendo que os indivíduos colocados em posições que não admitem uma elaboração da regra mobilizam-na, tendencialmente, de modo rotineiro e os indivíduos colocados em posições de poder concebem a regra com a sua agência, atuando estrategicamente (Pires, 2007). Conforme a abordagem de Mouzelis (1991, 108): “(...) quando os membros vulgares são considerados não em agregado, mas como atores *individuais* relacionados com outros atores horizontalmente e verticalmente, então – se queremos compreender como as microssituações conduzem aos macrofenómenos – é crucial (...) sublinhar a contribuição altamente desigual dos atores (...).” A diferenciação hierárquica da agência admitiu, pois, que certos atores, por razão do seu posicionamento nas hierarquias, possam conter poderes macroscópicos (Parker, 2000). No entanto, o modo como a agência é ação nos jogos que se desenrolam entre os indivíduos contribui, de certo modo, para que a história esteja em aberto e seja imprevisível (Parker, 2000).

Mouzelis apresentou os contornos vitais da sua teoria deste modo:

“(...) Eu procurei mostrar duas ideias: (a) como as ferramentas concetuais que eu estou a oferecer (i.e. os todos figuracionais/institucionais, a dualidade/dualismo paradigmática e sintagmática, as hierarquias sociais, as dimensões dos jogos posicionais/disposicionais/inter-acionais) se relacionam umas com as outras, e (b) como estas ferramentas concetuais podem eliminar algumas conceções erróneas sobre as explicações funcionalistas em sociologia.” (1995, 152).

Como é que os idosos estudados agenciam nos espaços e comunidades locais, interlocais e translocais? Quais são os condicionamentos estruturais que ordenam os seus agenciamentos? Existem diferenças entre os idosos no que concerne aos mesmos agenciamentos?

Em resumo, como disseram Steven Hitlin e Glen Elder (2007), relativamente à agência humana que é operada só por atores individuais, os indivíduos não agenciam, unicamente, com intentos temporalmente próximos (*agência pragmática*), nem tão pouco agem com intentos, exclusivamente, situacionais (*agência identitária*). Naqueles modos de agência foi colocado o enfoque nas situações atuais e nas formas como os atores concebem as interações e, ao fazê-lo, reproduzem e modificam as estruturas. No entanto, o horizonte, temporalmente, distendido da *agência no curso de vida* complexifica a natureza da agência, porque a reflexividade se expande a objetivos mais distantes no tempo e a insegurança a respeito da oportunidade de os alcançar está associada ao seguimento da agência. Existem distinções entre as oportunidades que todos os indivíduos possuem, como a *agência existencial*, e as oportunidades que certos indivíduos têm com maior facilidade. De qualquer modo, apesar dos maiores constrangimentos ou maiores oportunidades as escolhas são realizadas. A agência encontra-se presente.

## Capítulo 3

### Das teorias da modernidade avançada ao estudo das redes sociais

#### 3.1. As teorias da modernidade avançada (ou reflexiva)

No centro das teorias da modernidade reflexiva foi discutido o poder, constantemente, crescente dos atores societais ou da ‘agência’ comparativamente à estrutura (Beck, Giddens e Lash, 2000). A tese destas teorias teve como afirmação essencial a progressiva independência da agência relativamente à estrutura, ou melhor, a imposição da estrutura para que a agência seja livre (Beck, Giddens e Lash, 2000). Segundo Ulrich Beck, Anthony Giddens e Scott Lash (2000, 189): “Na modernização reflexiva, as mudanças estruturais forçam a agência a libertar-se da estrutura, forçam os indivíduos a libertar-se das expectativas normativas das instituições da modernidade simples e a envolver-se na monitorização reflexiva dessas estruturas, assim como numa automonitorização na construção das suas próprias identidades.”.

Beck, Giddens e Lash (2000, 108) confrontaram, nestas mesmas teorias, a modernidade reflexiva com outras duas fases da história das sociedades<sup>19</sup>, de acordo com este confronto: “O que está aqui em questão já não é a justaposição directa e dicotómica de tradição e modernidade, tão querida pelos grandes clássicos da teoria sociológica – Weber, Durkheim, Simmel e Tönnies. O que está em questão é uma concepção em três fases da mudança social – da tradição à modernidade (simples), e daí à modernidade reflexiva.”<sup>20</sup>. Deste modo, segundo Beck (1999, 10):

<sup>19</sup> À semelhança de Beck, Giddens e Lash, também Toffler (1980) propôs a ramificação da história das sociedades em três vagas (primeira vaga, segunda vaga e terceira vaga).

<sup>20</sup> Giddens (1996) apresentou as fases da história das sociedades e descreveu os seus traços mais marcantes. As sociedades tradicionais ou as sociedades pré-modernas foram constituídas pela divisão estrutural entre ‘cidade’ e ‘zona rural’. As cidades foram locais particulares onde as estruturas políticas e económicas diferenciadas tiveram o seu centro, mas as zonas rurais foram o eixo da produção agrícola e foram estruturadas em redor de comunidades aldeãs autónomas, que apresentaram bastantes semelhanças com as das sociedades tribais, sendo a vida nas cidades

“No que nós temos chamado a primeira modernidade, o problema de quem tem e quem não tem o direito à liberdade foi respondido com recurso a certos assuntos como a ‘natureza’ do género e da etnicidade; contradições entre os direitos universais e as realidades particulares foram estabelecidas por uma ontologia da diferença. Deste modo, até o princípio dos anos 1970, mesmo nos países ocidentais, às mulheres foram negados direitos civis, como os da propriedade e os dos seus próprios corpos. Na segunda modernidade, a estrutura da comunidade, do grupo, da identidade perdeu o seu cimento ontológico. Depois da democratização *política* (o Estado democrático) e da democratização social (o Estado de bem-estar) uma democratização cultural está a mudar os alicerces da família, das relações de género, do amor, da sexualidade e da intimidade.”.

Conforme defenderam Beck, Giddens e Lash (2000, 2): “Se a modernização simples (...) significa, no fundo, primeiro o descontextualizar e segundo o recontextualizar das formas sociais tradicionais pelas formas industriais, então, a modernização reflexiva significa primeiro a descontextualização e segundo a recontextualização das formas sociais industriais por outro tipo de modernidade.”. Consequentemente, Beck, Giddens e Lash (2000, 13) vieram defender, igualmente, que: “‘Individualização’ significa, primeiro, a descontextualização, e segundo, a recontextualização dos modos de vida da sociedade industrial substituindo-os por outros novos, nos quais os indivíduos têm que produzir, encenar e montar eles próprios as suas biografias.”. A individualização foi considerada o fator da mudança social (Beck, Giddens e Lash, 2000). Segundo este contorno, a modernidade simples existiu enquanto moderna, no sentido em que a individualização já quebrou, grandemente, as antigas estruturas tradicionais – a comunidade aldeã, a família extensa, a igreja – da sociedade tradicional (Beck, Giddens e Lash, 2000). No entanto, ainda não existiu, completamente, como moderna, já que o processo de modernização percorreu apenas uma fração do caminho, porém, as novas estruturas típicas da modernidade simples – classes sociais, burocracia governamental, Estado de bem-estar, regras de trabalho taylorista, sindicatos – ocuparam a posição das estruturas tradicionais (Beck, Giddens e Lash, 2000). A completa modernização só emergiu quando, no âmbito da modernização seguinte, a agência também foi libertada, até dessas (simples) estruturas sociais modernas (Beck, Giddens e Lash, 2000).

Se quanto à modernidade simples foi notada uma subjugação, na modernidade reflexiva foi incluída uma capacitação dos indivíduos, se quanto à modernidade simples foi, igualmente, atribuído o cenário de normalização e atomização de Foucault, então, ao contrato reflexivo foi

independente da vida das zonas rurais (cf. Scott, 1995). A mudança das sociedades tradicionais para as sociedades modernas aconteceu no Ocidente com a transferência do feudalismo para o capitalismo (cf. Scott, 1995). Os finais do século XX eclipsaram certos aspectos da modernidade anterior, que têm sido substituídos por outros aspectos, e são observados como uma fase de modernidade tardia, radicalizada ou avançada ou, ainda, reflexiva (cf. Scott, 1995). Para Beck (1997, 15), modernização reflexiva “(...) é suposto significar a autotransformação da sociedade industrial (...), a desinserção e a re-inserção das suas dicotomias, certezas básicas, de facto, das suas antropologias; isto é, a mudança das fundações sociais da modernização da sociedade industrial pela modernização da sociedade industrial.”.

conferida a individualização genuína ou a possibilidade de uma subjetividade independente dos enquadramentos naturais, sociais e psíquicos (Beck, Giddens e Lash, 2000).

Segundo Beck, Giddens e Lash (2000), é fulcral chamar à discussão a natureza bastante diferenciada das tradicionais estruturas sociais e das simplesmente modernas. Mesmo que em ambas tenha acontecido uma individualização não absolutamente desenvolvida, o seu conjunto de estruturas foi, extremamente, dissemelhante (Beck, Giddens e Lash, 2000). Noutros termos, enquanto das sociedades tradicionais decorreram estruturas *comunais* (na aceção giddensiana de ‘regras e recursos’), as sociedades da modernização simples supuseram estruturas *coletivas*, no interior das quais as relações comunais foram quebradas e o ‘nós’ já foi transformado num grupo de indivíduos atomizados e abstratos. Tratou-se, então, de uma coletividade que presumiu já o anonimato (Beck, Giddens e Lash, 2000). A individualização da modernidade avançada, ou reflexiva, libertou os indivíduos dessas estruturas coletivas e abstratas, tais como a família nuclear, a classe social, a nação e a crença integral na veracidade da ciência (Beck, Giddens e Lash, 2000).

Giddens usou, por conseguinte, o termo ‘distanciamento’ para traçar os processos que relacionam a agência e a estrutura com o desenvolvimento dos sistemas sociais (Parker, 2000). Quando os indivíduos usam as estruturas acionam, ou tornam presente, as interações e relações sociais, que, de outro modo, eram inexistentes ou virtuais (Parker, 2000). As regras e os recursos simplificam a relação entre as propriedades das situações de ação momentâneas, imediatas e proximais com o que é mais remoto no tempo-espacó (Parker, 2000). Os agentes não usam, simplesmente, as estruturas, mas usam as estruturas para alargar o seu poder de fazer a diferença no contexto do ‘distanciamento’, fugindo às condições que restringem as interações íntimas (Parker, 2000). Como argumentou Giddens (1996, 84): “As relações pessoais, cujo objectivo principal é a sociabilidade, informadas pela lealdade e pela autenticidade, tornam-se tanto parte das situações sociais da modernidade quanto as instituições globalizantes do distanciamento espacio-temporal.”. Noutro livro o autor explicou um dos aspetos desta questão: “Quando falo de solidariedade nas sociedades actuais, o termo não se pode referir a uma identidade nós/eles, ou simplesmente a uma inclusão erigida a partir de um sentimento de ‘nós’ da comunidade em relação ao país. A solidariedade ou a coesão social deve referir-se agora a redes, por vezes centradas nas localidades, mas amiúde mais dispersas (... )” (Giddens, 2007, 145).

Por conseguinte, no âmbito da discussão de reflexividade, Giddens e Beck estudaram a autorreflexividade (por meio da qual a agência se reflete sobre si mesma e o controlo prévio e heterónomo dos agentes é substituído pelo autocontrolo) na transição para o controlo autónomo

das biografias (individualização) e das relações amorosas (sentimentalização) (Beck, Giddens e Lash, 2000). Giddens (1994), por exemplo, debruçou a sua atenção, particularmente, sobre os modos como os agentes pretendem readquirir controlo nas suas vidas, por meio das construção e reconstrução de um ‘projeto reflexivo do *self*’, concretizadas com recurso ao ambiente-chave da ‘relação pura’ (cf. Beck e Beck-Gernsheim, 1995; Scott, 1995). Estas mesmas necessidades emergiram, em parte, uma vez que com “(...) o progresso da democratização quotidiana, a deferência para com a autoridade, mas também a tradição e o costume, passaram a ter um papel menor na vida das pessoas” (Giddens 2007, 146), tendo surgido uma destradicionaisação, com a perda de importância da tradição, a par de uma secularização, com a emergência de regras seculares, mas tendo surgido, igualmente, uma maior insegurança.

Ambos os autores consideraram ser importante a questão da insegurança, mas Giddens orientou a preocupação para a ordem social, enquanto a preocupação de Beck foi orientada para a mudança social (Beck, Giddens e Lash, 2000). Para ambos, a minimização da insegurança é um objetivo da reflexividade (Beck, Giddens e Lash, 2000). Neste contexto, Beck, Giddens e Lash (2000, 73) assinalaram: “Muitas das nossas actividades quotidianas tornaram-se abertas à escolha, ou melhor (...) a escolha tornou-se obrigatória (...) Analiticamente, é mais exacto dizer que todas as áreas da atividade social se tornaram governadas por decisões (...)”. Em grande medida, as teorias da modernidade avançada ou reflexiva expuseram um programa consistente de individualização, segundo a aceção de que ‘eu sou eu’, em que o ‘eu’ se encontra mais liberto das relações comunais e mais apto para construir a própria biografia (Beck, Giddens e Lash, 2000). Para Beck (1992, 135):

“Individualização, neste sentido, significa que a biografia de cada pessoa é removida de determinações dadas e colocada nas suas próprias mãos, aberta às e dependente das decisões. A proporção das oportunidades de vida que são fundamentalmente fechadas à tomada de decisão está a decrescer e a proporção da biografia que é aberta e tem que ser construída pessoalmente está a aumentar.”.

Com fundamento nas mesmas noções, Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (2001) afirmaram que a vida pertence aos próprios indivíduos (*life of one's own*), o que significa que as biografias estandardizadas se transformaram em ‘biografias faça você mesmo’ ou biografias preferidas, biografias de risco, que podem ser, igualmente, biografias interrompidas e biografias destruídas ou biografias bem-sucedidas.

Por um lado, para os autores das teorias da modernidade avançada, os indivíduos são mais individualizados, o que traz consigo um maior distanciamento nas relações sociais, mas, para outros autores, os indivíduos formam e desenvolvem redes de relacionamentos, tanto mais distantes como mais proximais; os últimos autores apresentaram uma alternativa ao conceito de

individualização. Os mesmos autores consideraram, também, que os indivíduos sentem vontade (e desejo) de estar em rede (por exemplo, Wellman e Berkowitz, 1991) ou que se acham mais entrosados cínicamente quando as redes são densas (Putnam, 2000). Neste contexto, assistimos ao reconhecimento, cada vez maior, da importância do capital social e das redes para a coesão e integração sociais. Como consequência da evolução tecnológica, da interligação entre países e da globalização, a *sociedade em rede* (Castells, 2002) entrou, ainda, na discussão sociológica. Por outro lado, Mark Granovetter (1985, 487) considerou ser benéfico evitarmos os contrastes teóricos assentes na sub e sobressocialização:

“Uma análise frutífera da ação humana requer que evitemos a atomização implícita nos extremos teóricos das conceções sub e sobressocializado. Os atores não se comportam ou decidem como átomos no exterior de um contexto social, nem aderem servilmente a um argumento escrito para eles pela particular interceção de categorias sociais que por acaso ocupam. As suas tentativas de ação intencional estão, em vez disso, embebidas num sistema de relações sociais contínuo e concreto.”.

De acordo com as teorias da modernidade avançada (ou reflexiva), os indivíduos fazem tomadas de decisão para construírem as suas biografias. Os mesmos indivíduos refletem, acham e constituem redes sociais, conscientemente, pensadas? Os mesmos indivíduos alimentam laços sociais apenas com os familiares ou têm margem de manobra para decidir quem integram nas suas redes sociais? Os mesmos indivíduos têm capacidade de agir no quadro de outros domínios do seu contexto social e espacial?

### **3.2. O estudo do capital social**

De acordo com Pires (2007), a construção relacional de estrutura social fragmenta-se em duas subvariantes, que têm origem em tradições sociológicas diferentes: a tradição marxista e a sociologia formal de George Simmel. Na tradição marxista, a estrutura relacional remete para as consequências da padronização originada pelas desigualdades, sendo a mesma estrutura considerada uma ordem distributiva. Por conseguinte, o enunciado fundamental deste conceito de estrutura relacional pode ser sintetizado do modo seguinte: a posições idênticas nos sistemas das desigualdades correspondem, tendencialmente, comportamentos individuais semelhantes e interesses partilhados, estes comportamentos e interesses não apenas aclaram as probabilidades acrescidas de similaridade da ação individual, como constituem, igualmente, os fundamentos da ação coletiva (Pires, 2007). Já na sociologia formal de George Simmel, embora possa ainda ser referida a abordagem de Émile Durkheim (cf. Pires, 2007), “(...) o conceito de estrutura remete para o conjunto de propriedades formais do sistema social, isto é, para o modo como as relações sociais são morfologicamente ordenadas.” (Pires, 2007, 31). No contexto da Sociologia

contemporânea, esta construção formalista de estrutura relacional acha-se, de acordo com Pires (2007), expressa nas inúmeras correntes da análise de redes, quer seja nas correntes que se desenvolvem com base na teoria da troca, quer seja nas correntes que se desenvolvem no quadro da sociologia económica. Nas mesmas correntes destacam-se, sobretudo, dois conceitos: o de capital social, enquanto recurso relacional, e o de rede, enquanto configuração sistémica (Pires, 2007). Com o uso do conceito de capital social, um entendimento morfológico da estrutura faz-se articular com um entendimento distributivo dessa, não obstante, os recursos a que dá acesso a posição social no sistema não são externos ao mesmo sistema, uma vez que são definidos enquanto recursos relacionais, associados ao tipo de rede e à localização dos indivíduos na rede (Pires, 2007).

O conceito de capital social é, profundamente, analisado desde o final do século XX, segundo diferentes perspetivas. Houveram autores que acentuaram o significado difuso que o conceito detém, por razão do seu uso em doses excessivas (cf. DeFilippis, 2001; Lin, 1999; Portugal, 2007a), designadamente, pelo senso comum (Portes, 1998). Por isso, Alejandro Portes (1998) observou que as suas capacidades heurísticas e o seu significado original estão a ser postos, severamente, à prova. Outros comentários a respeito do capital social manifestaram ser difícil comprovar as suas capacidades heurísticas para a teoria sociológica e entender se conduz a questões frutuosas ou, pelo contrário, se representa “(...) apenas uma reinvenção de ‘velhas ideias’ num novo contexto histórico.” (Portugal, 2007a, 14).

É importante, sinteticamente, apresentarmos as definições do conceito de capital social e mencionarmos a sua relação com outras ideias sobre este conceito, criadas por aqueles que foram considerados os pais do capital social: Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam (cf. Adam e Roncevic, 2003). Entretanto, fazemos também um confronto crítico a estes autores nas palavras de alguns outros autores que se ocuparam do mesmo tópico.

Pierre Bourdieu (1980, 1984, 1997) foi um sociólogo importante para o estudo do capital social, uma vez que foi o primeiro a construir uma análise sistemática do capital social e fê-lo interagir com uma teoria das práticas sociais. Bourdieu (1980, 2), no seu emblemático artigo “Le capital social. Notes provisoires”, definiu-o como elaborado em torno de “(...) o conjunto dos recursos atuais ou potenciais que estão relacionados com a posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento (...).”

Bourdieu (1980) considerou que o volume de capital social de um indivíduo depende do volume de capital (económico e cultural) possuído por aqueles com quem este se relaciona, juntamente com a extensão das redes de relacionamento que este indivíduo consegue mobilizar.

Deste modo, os indivíduos relacionam-se segundo as proximidades no volume de capital social, capital cultural e capital económico (de acordo com o reconhecimento de uma homogeneidade ‘objetiva’), detidos por cada um daqueles que constitui o relacionamento. Para Nan Lin (1999), este autor problematizou o capital social como o investimento dos elementos de certos grupos ou de certas redes, incluídos em reconhecimentos recíprocos, e, sendo assim, o fechamento e a densidade das redes ou dos grupos são requeridos.

James S. Coleman (1988) publicou outro importante artigo denominado “Social capital in the creation of human capital”. À época, as teorias a respeito da ação social dividiram-se em duas correntes fulcrais (Coleman, 1988). Por um lado, relevou-se a importância das obrigações, regras e normas para a condução da ação social, sendo esta ação, então, produzida, constrangida e reencaminhada pelo contexto social. Por outro lado, o enfoque foi posto nos atores enquanto indivíduos centrados em si e detentores de objetivos e ações independentes. O capital social de Coleman articulou as duas correntes numa orientação teórica em Sociologia. Coleman (1988, S98) construiu outra definição de capital social: “O capital social é definido pela sua função. Ele não é uma entidade isolada, mas uma variedade de diferentes entidades com dois elementos em comum: todas estas consistem em alguns aspetos das estruturas sociais e estas facilitam certas ações aos atores – quer pessoas ou atores corporativos – dentro da estrutura.”. Do mesmo modo, o capital social é frutífero, permite o cumprimento de objetivos que não são cumpridos na sua ausência e possibilita, por meio de certos aspetos das estruturas sociais, que os indivíduos realizem o que lhes interessa. De acordo com Lin (1999), não importa rejeitar que uma relação funcional produz a hipótese (por exemplo, os recursos embebidos nas redes permitem aumentar as probabilidades de encontrar melhores empregos), mas os dois conceitos devem ser tratados separadamente e medidos independentemente (por exemplo, o capital social é um investimento nas relações sociais e melhores empregos são apresentados por estatuto profissional e posição na supervisão).

Depois deste artigo, que deu o mote aos mais essenciais conteúdos sobre o capital social, Coleman (1990) publicou *Foundations of Social Theory*. Para este mesmo autor, existem cinco formas de capital social, que representam o que os relacionamentos sociais possuem de frutuoso para os recursos individuais de capital: obrigações e expectativas, informação, normas e sanções, relações de autoridade, organizações intencionais. Coleman (1988, 1990) adicionou que certos tipos de estruturas sociais são mais importantes para a motivação de algumas formas de capital social: o fechamento da rede social (as normas que são concebidas limitam os efeitos nefastos externos e ampliam os efeitos positivos internos) e a organização social conveniente. Para Lin

(1999), os requisitos de fechamento e densidade das redes sociais, que visam uma existência de capital social (profícuo), não constituem os únicos requisitos necessários, porque é importante acolhermos os (benefícios dos) relacionamentos com conhecidos (cf. Granovetter, 1973, 1983).

Frane Adam e Borut Roncevic (2003, 158) viram “o capital social como um genótipo com muitas aplicações fenotípicas”, sendo possível encontrar um ‘genótipo’ naquela definição de Coleman – alguns aspectos da estrutura social que fomentam a ação social – defendida pela maioria dos autores, mas a formulação é demasiado ampla para um programa de pesquisa mais unificado. Opcionalmente, os mesmos autores notaram que, na investigação científica do social, há um grande (e crescente) conjunto de ‘fenótipos’ nas aplicações do capital social, porque este é, extremamente, dependente do contexto.

A obra *Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community*, de Robert Putnam (2000), passou além do mundo académico e penetrou no quotidiano político, como foi manifesto nos discursos de George W. Bush e William Hague. Segundo Putnam (um cientista político), certos autores haviam evidenciado uma transformação do capital social na sociedade americana. Ao usar a metáfora dos capitais físico e humano, a ideia de capital social pautou-se pelo valor que contêm as redes sociais. Putnam (2000, 19) definiu o capital social como as “(...) relações entre os indivíduos – redes sociais e normas de reciprocidade e confiança que resultam das mesmas.”. Para o autor, o capital social apresenta-se segundo diversas formas e tamanhos e tem diversos usos, identicamente ao capital físico. Entre os diversos processos, relacionados com o capital social, uma distinção foi útil para Robert Putnam e Lewis Feldstein (2003): capital social *bonding*, ou seja, a formação de relacionamentos entre indivíduos similares em aspectos cruciais, que tendem a pertencer à intimidade uns dos outros; e capital social *bridging*, ou seja, a formação de relacionamentos entre indivíduos diferentes, que tendem a ser estranhos.

Putnam (2000) investigou qual o motivo por que os americanos deixaram de se entrosar cívicamente. Porque é que ocorreu um desligamento cívico? Com diversos indicadores propôs demonstrar que os americanos não se juntam tanto, não confiam tanto, não dão tanto e também não falam tanto, amigavelmente e informalmente, a respeito de assuntos sem importância (cf. Putnam e Feldstein, 2003). Por conseguinte, segundo Putnam e Feldstein (2003), a implicação em associações cívicas, a sociedade em igrejas, clubes e federações, a participação em assuntos públicos, o tempo passado com a família, os vizinhos e os amigos, os presentes baseados na filantropia e, até, a confiança em outras pessoas – tal como a participação nos clubes eponímicos de *bowling* – sofriam nas últimas três décadas uma grande diminuição (de 25 para 50 por cento). A pluralidade de mudanças económicas e sociais – como sejam a banalização da televisão, a

realização de trabalho profissional por ambos os cônjuges, o alastramento urbano (e, sobretudo, o espargimento dos subúrbios), etc. – tornaram desatualizada uma fração importante do capital social dos americanos. Deste modo, Putnam (2000, 19) argumentou que o capital social “(...) chama a atenção para o facto de que a virtude cívica é mais poderosa quando embebida numa rede densa de relações sociais recíprocas.”.

Esta abordagem, porém, tem, recentemente, sido criticada, nomeadamente por Philip Webb (2011), visto que se defende assentar na tensão indivíduo-sociedade, que não toma em consideração as trajetórias da América. Ao usar o exemplo putnamiano dos clubes de bowling, Webb (2011) disse que o surgimento destas associações não representou um desenvolvimento louvável naquele momento. Clubes e associações afastaram as mulheres e os homens, as mães e os pais de suas casas. “Muito antes de *bowling alone* se tornar um problema *bowling together* foi um.” (Webb, 2011, 98). A emergência da vida associativa na sociedade civil compromete outros tipos de relacionamentos sociais, designadamente os relacionamentos com a família. Por outro lado, a assunção básica da teorização sobre a sociedade civil – a tensão entre o indivíduo e a sociedade – descura, geralmente, um terceiro fator de tensões manifesto na comunidade, outro modo de coletividade. Os antagonismos entre a sociedade civil e a comunidade não são, simplesmente, questões importantes das estruturas sociais (ou das formas de relacionamentos), as mesmas distinções teóricas correspondem, simultaneamente, a mudanças históricas na vida social, ou, pelo menos, a mudanças nos modos de discutir e representar a vida social (Webb, 2011).

Para complementar o mapeamento das críticas a Robert Putnam (2000), no que respeita às várias debilidades que certos autores têm encontrado na sua teoria, convém desenvolver os aspetos principais do artigo de James DeFilippis (2001), intitulado “The myth of social capital in community development”.

Para DeFilippis (2001), por um lado, Putnam realizou, no seu estudo, uma transição da análise micro (indivíduo) para a análise macro (comunidade, cidade ou região) e discorreu que o capital social se encontra dissociado do capital económico, destituído das relações de poder e envolvido na assunção de que os ganhos, interesses e benefícios dos indivíduos são equivalentes aos das comunidades; e, por outro lado, os subúrbios americanos têm redes sociais e confiança entre os elementos dessas redes, assim como contêm muitas associações e organizações não-governamentais e o que não têm é, efetivamente, o capital económico e o poder que se encontra, parcialmente, relacionado com este capital. Portanto, segundo o autor, a importância concedida à interpretação putnamiana de capital social ocasiona a perda de uma vantagem potencial do

conceito para a intervenção junto do desenvolvimento comunitário, ao contrário da importância dada à teoria de Bourdieu que favorece a mesma intervenção.

As críticas a Putnam também se encontraram no trabalho de Benjamin Cornwell (2009), baseado, entre outros itens, na discussão a respeito do capital social (redes) *bridging*. Cornwell (2009) definiu o capital social *bridging* como o capital social em que são formadas pontes entre, pelo menos, dois indivíduos (ou grupos) que não têm contacto entre si. O autor direcionou-se, nomeadamente, para a importância do capital social *bridging* dos idosos, tendo demonstrado que a idade não está, significativamente, associada ao mesmo capital e não constitui, portanto, um obstáculo para os idosos terem poder e independência (por exemplo, no que respeita a terem controlo) relativamente às suas redes sociais, contudo, os reformados e os indivíduos com uma saúde debilitada possuem menos capital social *bridging*. Cornwell (2009) verificou, ainda, que o capital social *bridging* e a saúde<sup>21</sup> dos idosos estão positivamente associados. É, deste modo, vantajoso para os idosos, no que respeita à saúde, independência e autonomia deterem capital social em que são formadas pontes entre, pelo menos, dois indivíduos (ou grupos) que não têm contacto entre si (Cornwell, 2009).

Em resumo, Bourdieu (1980) considerou que o volume de capital social está conjugado com os volumes de capitais económico e cultural. Coleman (1988, 1990) observou os benefícios do capital social, que se encontram formalizados na produção de resultados. A teoria de Putnam (2000) representou um passo em frente na abordagem colemaniana do capital social produtivo (cf. Portugal, 2007a), pois, quando o capital social se desenvolve em torno de redes de relações densas, afeta o envolvimento cívico e os benefícios que daí se auferem (cf. Putnam e Feldstein, 2003). Como resultado, segundo Putnam, os benefícios do capital social são maiores quando os cidadãos ativos e altruístas procedem ao seu desenvolvimento (cf. Adam e Roncevic, 2003).

De acordo com Sílvia Portugal (2007a), enquanto Bourdieu e Coleman responderam à pergunta “O que faz a minha rede social por mim?”, Putnam preocupou-se com outra pergunta “Como será possível tirar partido de uma rede social densa?”. Por isso mesmo, Putnam estudou uma dimensão mais coletiva e menos individual do capital social e foi muito responsável pela expansão contemporânea dessa perspetiva, trabalhando de uma maneira diferente de Bourdieu e Coleman, que estiveram mais direcionados para o ator na operacionalização deste conceito (cf. também Adam e Roncevic, 2003). Uma terceira linha de abordagem do conceito de capital social foi formada, segundo Portugal (2007a), por trabalhos de certos autores, que analisaram,

<sup>21</sup> O autor estudou a saúde por intermédio da saúde cognitiva (por exemplo, saber qual é o presente dia da semana) e da saúde funcional (desempenhar atividades independentemente).

igualmente, as redes sociais, como sejam Nan Lin (1999, 2001), Ronald Burt (1995)<sup>22</sup> e Barry Wellman (1999). Estes mesmos autores encontraram fundamentos na abordagem colemaniana, no que respeita à definição de capital social, mas distanciaram-se desta abordagem em termos teóricos e, sobretudo, metodológicos (Portugal, 2007a).

Nan Lin (1999, 39) definiu o capital social, de modo afinado e no sentido de proceder à operacionalização dos seus elementos críticos, como “(...) o investimento dos indivíduos nas relações sociais através do qual eles ganham acesso aos recursos aí embebidos para aumentar os retornos esperados de ações instrumentais e expressivas.”. Para as ações instrumentais, o autor identificou três retornos prováveis: económico, político e social; cada um constitui capital adicional. Para as ações expressivas, o autor identificou, igualmente, três retornos: saúde física, saúde psíquica e satisfação com a vida. Estes retornos das ações instrumentais e expressivas reforçam-se mutuamente. Também para Lin (2001, 19), o capital social é o “(...) investimento nas relações sociais com retornos esperados no mercado.”. Para Lin (2001), este mercado pode ser económico, político, laboral ou comunidade e os indivíduos entram em interações e redes, tendo como objetivo fundamental a produção do lucro aí gerado. Uma rede social é criada por muitos interesses nos seus muitos segmentos – interesses distintos agrupam nós em distintas partes da rede. Estar num nó da rede motiva, diretamente ou indiretamente, um potencial acesso a outros nós (atores) dessa rede. Os recursos embutidos nesses nós transformam-se no capital social dos atores. O capital social reflete mais do que os simples nós da rede, porque os atores estão incluídos em sistemas hierárquicos e noutras redes e trazem recursos inerentes às posições nessas hierarquias (Lin, 2001).

Provavelmente, o que há a extrair dos autores que referimos e examinámos é que todos são válidos mediante as suas especificidades. O importante parece ser mobilizar os conteúdos de cada trabalho, em concordância com a pertinência das mesmas abordagens, no quadro das suas diferentes perspetivas autorais, para a discussão dos contextos empíricos em estudo.

### **3.3. O estudo das redes sociais**

#### **3.3.1. Uma abordagem genérica das análises (a partir) das redes sociais**

O conceito de capital social está, estreitamente, relacionado com as análises (a partir) das redes sociais. A mais-valia heurística deste conceito de capital social para o estudo das redes

<sup>22</sup> Burt (1995) analisou as consequências do capital social em ambientes organizacionais e propôs, nomeadamente, que o capital social é importante para os seus diretores, em termos de promoções.

sociais decorre, essencialmente, da conceção destas últimas enquanto provedoras de recursos (Portugal, 2007a). Tal como este conceito de capital social, nas últimas décadas, o conceito de rede tem estado muito em voga e sobre este muito se tem teorizado. Inês Pereira (2006) afirmou que, com o propósito de explicar e analisar distintos processos e dinâmicas sociais, a ciência sociológica recorre a um composto de metáforas com diferentes capacidades explicativas, tendo a metáfora da rede um papel com cada vez maior importância, porque alcança nos dias que correm uma primazia relevante (cf. Miranda, 2003). Por conseguinte, segundo Pierre Mercklé (2004, 6): “Hoje incontestavelmente na moda, a noção de rede serve agora para designar uma grande variedade de objetos e de fenómenos.”.

Interessa reter o modo como, por meio da definição de estrutura como padrão de inter-relações num sistema, ou como forma geral, apesar das formalizações específicas, é apresentado o conceito de rede (Pires, 2007), sobre o qual vamos expor algumas importantes abordagens contemporâneas. Uma rede pressupõe, nestas abordagens contemporâneas da análise (a partir) das redes, qualquer conjunto de laços (relações) entre certos pontos (indivíduos, organizações ou posições) de um sistema relacional (Pires, 2007). As redes estão subordinadas ao tipo e ao grau de diferenciação estrutural desses mesmos sistemas (ou seja, de especialização das suas partes), diferenciam-se em consequência das propriedades dos pontos e laços que integram o sistema e estabelecem circuitos de recursos e informações entre pessoas e grupos, que estão interligados sistematicamente (Pires, 2007). “De uma forma operacional, a análise a partir das redes sociais pode sintetizar-se em algumas questões muito simples: Quem? O quê? Como? – Quem faz parte das redes? Quais os conteúdos dos fluxos das redes? Quais as normas que regulam a sua acção?” (Portugal, 2007a, 24).

No entanto, esta mesma análise, concebida a partir das redes sociais, aglomera diferentes nomenclaturas, que dependem dos autores que as empregam, sendo, habitualmente, conhecida enquanto *social network paradigm* (Leinhardt, 1977); *structural analysis* (conduzida, de modo exemplificativo, por Wellman e Berkowitz, 1991); *network analysis* (Knoke e Kuklinski, 1988; Wasserman e Faust, 1994) – ou o homólogo francês *analyse des réseaux* (Mercklé, 2004) – e, identicamente, *actor-network-theory* (Latour, 2005) (a respeito desta enumeração, cf., também, Portugal, 2007a).

A *structural analysis* é, geralmente, fragmentada em dois grandes distintos tipos, como fizeram notar Barry Wellman e Stephen D. Berkowitz (1991, 25-26):

“Os analistas estruturais americanos têm tido duas sensibilidades distintas. Uma minoria influenciadora é *formalista* (...) Concentrados na forma dos padrões da rede mais do que no seu conteúdo, eles têm partilhado uma sensibilidade simmeliana de que padrões similares de laços podem ter consequências comportamentais similares, não interessa qual o contexto

substantivo (...) A segunda sensibilidade (...) tem sido um estruturalismo amplo, usando uma variedade de conceitos analíticos e técnicas para tratar as questões substantivas que têm preocupado a maioria dos sociólogos.”.

Certos exemplos da mesma primeira sensibilidade da “análise estrutural” encontram-se reunidos em Samuel Leinhardt (1977). Segundo este mesmo autor (1977, xiii), o que chamou *social network paradigm* “(...) operacionaliza a noção de estrutura social ao representá-la em termos de um sistema de relações sociais unindo distintas entidades sociais umas às outras. No interior deste quadro, o assunto da estrutura das relações sociais transforma-se num de padrões de organização sistemática.”.

Desde o final dos anos 70, a “análise estrutural” aglutinou um núcleo de conceitos que possibilitam formular as suas preocupações e defender que, enquanto paradigma, se deu uma manifesta institucionalização (Wellman e Berkowitz, 1991). Conforme Wellman e Berkowitz (1991), autores que entraram na segunda sensibilidade da “análise estrutural”, um ponto-chave essencial para compreender esta análise assenta no reconhecimento de que as estruturas sociais são passíveis de uma representação por meio de redes – como conjuntos de nós (elementos do sistema social) e conjuntos de laços reveladores das interconexões entre os conjuntos de nós. Os analistas estruturais associam, habitualmente, os ‘nós’ aos indivíduos. Ainda assim, estes podem representar, do mesmo modo, grupos, domicílios, corporações, Estados-Nação ou outras sociedades. Os ‘laços’ são empregados para demonstrar as relações estruturadas entre os nós, as transferências, as amizades ou os fluxos de recursos.

“A análise estrutural americana fez escola sobretudo com os estudos sobre as redes sociais enquanto fonte de suporte social.” (Portugal, 2007a, 10). Sobre a mesma questão temos os estudos clássicos de Claude Fischer (1982), *To Dwell Among Friends. Personal Networks in Town and City*; assim como de Barry Wellman (1999), *Networks in the Global Village. Life in Contemporary Communities*. De acordo com Wellman (1999), no século transato, as facilidades na comunicação e nos transportes foram tão desenvolvidas que os indivíduos podem manter relacionamentos com os familiares e com amigos residentes no exterior dos seus espaços locais de residência, sendo que a maioria dos laços sociais, no mundo ocidental, não constitui laços de vizinhança. Estas observações permitiram uma definição de comunidade “(...) enquanto ‘comunidade pessoal’, um conjunto de laços de uma pessoa com amigos e familiares, vizinhos e colegas de trabalho.” (Wellman, 1999, xv).

“A análise estrutural das redes baseia-se na premissa de que estas têm uma realidade própria, no mesmo sentido em que os indivíduos e as relações a têm, pelo que a sua influência não pode ser reduzida ao simples efeito de constrangimentos normativos, atributos pessoais ou efeitos cumulativos de múltiplas interacções.” (Portugal, 2007a, 7-8). Esta “análise estrutural”

“(...) permite estudar o modo como os indivíduos são condicionados pelo tecido social que os envolve, mas, também, o modo como eles o usam e modificam consoante os seus interesses.” (Portugal, 2007a, 8).

As preocupações da *network analysis* estão englobadas em dois debates importantes da tradição sociológica: um dos mesmos debates concerne ao uso das análises micro na elaboração macrossociológica e o outro concerne à relação entre a ação individual e a estrutura social. De modo geral, segundo a *network analysis*, a teorização sociológica macroestrutural necessita de ter fundamentos micro, isto é, os fundamentos para as produções sociológicas sobre estruturas e atividades, em termos mais complexos de agregação, devem emergir dos níveis interpessoais (Portugal, 2007a).

De acordo com Stanley Wasserman e Katherine Faust (1994), os enfoques da *social networks analysis* são as relações entre entidades sociais, bem como os padrões e as implicações dessas relações, sendo o ambiente social representado com recurso aos padrões ou regularidades das relações entre unidades interativas e a estrutura concebida como a presença nas relações dos mesmos padrões de regularidade. Conjuntamente com o uso de conceitos relacionais, sendo fundamentais os conceitos de ator, laço relacional, diáde, tríade, subgrupo, grupo, relação e rede, para os autores, os princípios mais importantes que distinguem a mesma análise de outras abordagens, como a “análise estrutural” (de Wellman e Berkowitz, 1991, por exemplo), são os seguintes: (i) os atores e as suas ações são melhor observados como interdependentes do que como unidades independentes e autónomas; (ii) os laços relacionais entre os atores são canais de transmissão ou ‘circulação’ de recursos (tanto materiais como imateriais); (iii) os modelos de redes centrados nos indivíduos supõem que a estrutura das redes produz oportunidades ou constrangimentos para a ação individual; (iv) os modelos de redes conceptualizam a estrutura (social, política, económica, entre as demais) como sendo detentora de padrões continuados de relações entre atores.

Também segundo David Knoke e James H. Kuklinski (1988, 10):

“A *Network Analysis*, ao enfatizar as relações que conectam as posições sociais no interior de um sistema, oferece um pincel valoroso para pintar um desenho sistemático das estruturas sociais globais e das suas componentes. A organização das relações sociais, deste modo, torna-se num conceito-central para a análise das propriedades estruturais das redes, no interior das quais cada indivíduo ator está embebido, e para detetar fenómenos sociais emergentes que não têm existência ao nível do indivíduo ator.”.

Mercklé (2004), defensor da “análise das redes sociais” enquanto via mesossociológica, propôs dar, em simultâneo, dois contributos para esta mesma: analisar os comportamentos dos atores por meio das redes em que estes se incluem e analisar a estruturação das redes por meio

das interações e motivações dos indivíduos (cf. Portugal, 2007a). Além disso, o autor (2004, 10) evidenciou a importância do uso da tríade (combinação entre três elementos): “Se a tríade é considerada, de uma só vez, como a mais pequena e a maior unidade social pertinente, daqui procede, logicamente, que ela é a ‘única’ unidade social pertinente e, portanto, o conjunto de propriedades estruturais deverá ser apreendido a esta escala de observação.”.

No princípio dos anos 1980, um conjunto de investigadores da *École des mines* de Paris ocupou-se de um aspeto das sociedades da modernidade avançada, esquecido pelas Ciências Sociais, que respeitou às ciências e às técnicas. De que modo são produzidas? Como é que as suas mais-valias contribuem para transformar as sociedades? Este trabalho deu origem a uma abordagem, atualmente, reconhecida: a “sociologia da tradução”, com conceitos-chave como a tradução, o *script*, o lucro e a controvérsia (Akrish, Callon e Latour, 2006). Para Bruno Latour (2005), a mesma abordagem, igualmente denominada *actor-network-theory*, “sociologia das associações” ou “sociologia da inovação”, encontra-se em oposição a uma sociologia do social, ao recusar uma dissociação entre os indivíduos e as instituições. Por conseguinte, esta mesma abordagem “(...) tem desenvolvido um papel fundamental na análise da construção das redes e nas formas da sua manutenção e extinção.” (Portugal, 2007a, 10).

Os tipos de laços que constituem as redes (sociais) foram, ainda, distinguidos de vários modos. Em traços largos, segundo Vincent Lemieux (1999), os laços são positivos, negativos, neutros ou mistos. Os laços positivos existem no seio das redes de parentesco ou das redes de íntimos, onde se experimenta um sentimento de identificação e os indivíduos que as englobam consideram pertencer uma identidade comum. Os laços negativos são constituídos em redor da diferenciação e os atores sentem incluir-se em identidades diferentes. Em certos núcleos de vizinhos ou amigos, os laços formados são de indiferença (neutros) ou envolvem componentes positivas e negativas (mistos). Já para Robert Milardo (1988), os laços são ativos ou passivos e ambos são importantes para os indivíduos, mas tendem a operar de diferentes modos. Os laços ativos abrangem interações habituais que consistem na troca direta de interferências, apoios, conselhos e críticas. Os laços passivos englobam interações ocasionais e são cuidadores ou, pelo menos, influenciadores, mas podem estar marcados pela ausência de apoios mais do que pela sua presença.

Mark Granovetter (1973, 1361) definiu força dos laços interpessoais – um aspeto retido da interação à pequena escala – como “(...) uma combinação (provavelmente linear) entre a quantidade de tempo, a intensidade emocional, a intimidade (confiança mútua) e os serviços recíprocos que caracterizam o laço.”. Segundo Granovetter (1973, 1983), os indivíduos que se

envolvem em laços fracos, ou laços com conhecidos<sup>23</sup>, obtêm ideias, influências e informações, designadamente, em termos de emprego, diferentes daquelas que são transferidas no contexto dos seus relacionamentos mais próximos, ou laços fortes, e estão, geralmente, articuladas com a intimidade e a vida privada. Por conseguinte, os laços fracos têm a sua força, sendo recursos importantes para tornar possível uma efetivação da coesão social, ao favorecerem, por exemplo, a mobilidade de oportunidades, por meio de fluxos de informação e ideias entre determinadas especialidades. Deste modo, um sistema social sem laços fracos é fragmentado e incoerente. Segundo Pires (2007), a diferenciação entre laços fortes e laços fracos retém, se a atualizarmos ao nível formal, a diferenciação clássica entre relações comunitárias (laços fortes) e relações societárias (laços fracos): as últimas constituem relações intraindividuais que implicam menos consumo de emoções e de tempo, menos reciprocidade e intimidade que as primeiras. Segundo o mesmo autor, esta tese contemplou o plano micro (as oportunidades de mobilidade), o plano macro (a coesão social) e a articulação entre ambos (a circulação de informação entre distintos conjuntos de redes). Os laços fracos “(...) não só articulam micro e macro como *contribuem* para a constituição deste último por permitirem relacionar em cadeia e repetidamente, ainda que intermitentemente, mais indivíduos num espaço mais alargado.” (Pires, 2007, 32).

Para David Morgan (2009), as relações com os conhecidos podem ser entendidas como tipos particulares de conhecimento que um indivíduo possui do outro, distinto do conhecimento abstrato que existe entre estranhos e do entrelaçamento complexo de biografias que compõe as relações entre íntimos. As relações com os nós de conhecidos contribuem para a formação de uma noção do quotidiano em termos do tempo, do espaço e das práticas e, então, reproduzem e consolidam este mesmo quotidiano numa base frequente (Morgan, 2009). Os relacionamentos com os conhecidos são, seguramente, pertinentes no caso dos vizinhos, se bem que aqui surgem também relações de intimidade (Morgan, 2009).

Segundo Pires (2012), os relacionamentos entre indivíduos constituem relacionamentos de interação. Estes mesmos são relacionamentos ordenados pelo uso partilhado de regras e recursos de comunicação ou por princípios estereotipados de comportamentos possibilitadores da combinação de ações. Esta ordenação é observada nos processos visíveis e pressentíveis de comunicação gestual e verbal que surgem nos encontros entre os indivíduos (Pires, 2012). Os relacionamentos entre grupos, por seu turno, são relacionamentos entre conjuntos de indivíduos e falar nestes conjuntos é igual a falar de relacionamentos entre indivíduos (Pires, 2012). Nem

<sup>23</sup> Os mesmos laços constituem pontes entre o grupo de amigos próximos em que os indivíduos estão englobados e os grupos de amigos próximos desses conhecidos.

todas as características dos relacionamentos sociais são normativamente organizadas por via de papéis, sendo a interdependência sistémica entre espaços sociais desiguais organizada por via da padronização de oportunidades conferidas aos que os ocupam e não por particularização dos seus comportamentos (Pires, 2012). Espaços sociais com características semelhantes em termos de desigualdades combinam indivíduos com oportunidades idênticas e, por conseguinte, com probabilidade de se comportarem identicamente e terem interesse em agir conjuntamente (Pires, 2012). Formam-se, pois, hierarquias de indivíduos, designadamente classes, que são explicadas não a nível absoluto, mas no espaço social a que denominamos hierarquias de estratificação (Pires, 2012).

### **3.3.2. As redes sociais conforme os trabalhos sobre a cidade**

Nos primeiros estudos sobre a cidade e os habitantes urbanos: “A metrópole europeia e o observador distanciado foram descritos como ‘estranhos’. O intelectual afastado espelhou o anónimo e estranhou os indivíduos que foram observados: o observador social foi um estranho entre estranhos.” (Atkinson e Delamont, 2005, 42).

A cidade de Georg Simmel (1997) é ocupada por pessoas que incluem uma proteção, constituída pelas reações indiferentes e económicas ao invés das reações emocionais, contra a grande confusão das descontinuidades e flutuações dos ambientes externos. A calculabilidade, a pontualidade e a exatidão, impostas pela extensividade e complexidade da vida urbana, sendo, estreitamente, relacionadas com os fatores capitalistas e racionais, elevam o sentido da vida e conduzem à exclusão de impulsos irracionais e espontâneos. A cidade é, portanto, o centro de uma cultura moderna, caracterizada pela predominância do espírito objetivo em detrimento de um espírito subjetivo, uma regressão cultural com respeito ao espiritualismo, ao idealismo e à bondade. Além disto, um tipo neurasténico de personalidade encontrou-se, ativamente, presente nos trabalhos de Simmel sobre a cidade e os seus habitantes (Atkinson e Delamont, 2005). Por isso mesmo, segundo aquele autor (1997, 31), a “(...) base psicológica sobre a qual se constrói a individualidade metropolitana é a intensificação da vida emocional decorrente da mudança brusca e continuada dos estímulos internos e externos.”. Diferentes componentes das pequenas localidades e dos meios rurais consomem, por assim dizer, “(...) menos energia mental do que

as imagens em movimento alucinante, as diferenças pronunciadas contidas em tudo o que é visto de relance e o carácter inesperado dos estímulos intensos (...)" (Simmel, 1997, 32)<sup>24</sup>.

William I. Thomas e Robert E. Park foram ambos os cofundadores da *Escola de Sociologia de Chicago* (cf. Castells, 1984), tendo também o mesmo estatuto na prática no que diz respeito à tradição de Chicago, na qual o problema da mudança social foi fulcral e esteve, intimamente, relacionado com os padrões de migração massiva, os conflitos crescentes entre o trabalho e o mercado, a célere urbanização, a eventualidade alargada de acontecer uma guerra e o modo como os atores responderam a estes fenómenos ou acontecimentos (Fisher e Strauss, 1991). Inicialmente, à tradição de Chicago interessou, em particular, desenvolver as questões da urbanização, das componentes urbanas e dos urbanitas, nomeadamente daqueles que tinham migrado para a cidade. Efetivamente, tal como Paul Atkinson e Sara Delamont salientaram:

"A tradição europeia da sensibilidade urbana foi paralela à sociologia americana. Este é o principal fio das mais antigas manifestações da sociologia de Chicago. Park providenciou uma ligação direta com a tradição europeia, tendo sido diretamente exposto ao pensamento social de Simmel na Alemanha. Park combinou as suas próprias experiências como jornalista e a exploração sociológica da cidade (...)" (2005, 42-43).

Ao expor os primórdios da carreira de ambos os autores, identicamente Berenice Fisher e Anselm Strauss (1991) notaram que os mesmos estiveram expostos à influência dos primeiros precursores da Sociologia, visto que estudaram na Alemanha e só depois chegaram a Chicago. Para Thomas, a "(...) desorganização, reorganização e integração de grupos móveis – quer os polacos agricultores ou os imigrantes arménios – apresentaram o maior problema."<sup>25</sup> (Fisher e Strauss, 1991, 7). As preocupações ecológicas de Park assentaram nos conflitos e acomodações entre grupos, que emergiram no sentido de se adaptarem a questões espaciais, e na possibilidade de que esta competição ecológica conduzisse à competição económica e acompanhasse uma certa ordenação (política e moral) das relações sociais (Fisher e Strauss, 1991). As tendências profundas da urbanização favoreceram o estudo destas mesmas preocupações, já que pareceram consistir em "(...) crescentes antagonismos entre grupos raciais e étnicos enquanto lutam para encontrar um lugar na cidade, e o colapso destes arranjos básicos quando mais indivíduos estão emancipados e começam a reagrupar-se em especialidades ocupacionais." (Fisher e Strauss, 1991, 8). Para Robert Park, Ernest Burgess e Roderick McKenzie (1984), as grandes cidades,

<sup>24</sup> A correspondência sociedade-espço, segundo Castells (1984), faz, geralmente, uso de uma espécie de ‘teoria do reflexo’, por intermédio da qual a sociedade se reflete no espaço, mas a sociedade não se encontra, nem pode encontrar-se, na exterioridade do próprio espaço.

<sup>25</sup> The Polish Peasant in Europe and America (Thomas e Znaniecki, 1984) trouxe consigo questionamentos, que não obtiveram conclusões muito seguras no sentido afirmativo, a respeito de uma plausível integração dos polacos agricultores residentes na América, um grupo que atravessou algumas dificuldades na adaptação às condicionantes americanas, e a sua influência para a integração da América enquanto um todo.

onde as relações tendem a ser impessoais, racionais e definidas, principalmente, em termos de dinheiro e interesses, constituem laboratórios, categoricamente, adequados para a investigação do comportamento social.

A tentação causada pelas grandes cidades é, segundo estes últimos autores, o produto de estímulos urbanos que proporcionam os reflexos desejados pelos indivíduos e geram um tipo de comportamento humano que pode ser comparado ao desejo da mariposa pela chama, algo como um género de tropismo. Esta atração é firmada num sentimento, de certo modo, primitivo e primário que conduz os indivíduos a desejarem expandir e manifestar as suas disposições congénitas. Os desejos são, assim, satisfeitos por intermédio da confusão e do excitamento que a vida da cidade produz, ao recompensar a excentricidade e conferir maiores oportunidades às disposições criminosas, ao contrário do que acontece no campo ou nas pequenas cidades (Park, Burgess e McKenzie, 1984).

A cidade foi analisada não meramente como uma construção artificial ou um mecanismo físico, mas, mais que isso, como sendo envolvida pelo processo vital das pessoas que aí residem. Realmente, se a forma geométrica da cidade, exemplificada pela unidade de distância formada pelo quarteirão (*block*), sugeriu que a cidade é uma construção puramente artificial, a cidade é, contudo, igualmente baseada nos hábitos e costumes das pessoas residentes, e ambos os eixos inseparáveis da cidade moldam-se e modificam-se reciprocamente (Park, Burgess e McKenzie, 1984). Deste modo, segundo os mesmos autores, a estrutura espacial da cidade, que impressiona com as suas vastidões e complexidades, tem o fundamento na natureza dos indivíduos, da qual constitui uma expressão, mas, simultaneamente, molda os indivíduos de acordo com o desenho e os interesses que abrange e, portanto: “Uma muito larga parte das populações das grandes cidades, incluindo aqueles que residem em moradias e apartamentos, vive muito como as pessoas fazem em algum grande hotel, encontrando-se mas não se conhecendo umas às outras.” (Park, Burgess e McKenzie, 1984, 40). Por isso, as distâncias morais são estabelecidas pelos contornos da cidade, um mosaico de pequenos mundos que se aproximam mas não se transpõem mutuamente (Park, Burgess e McKenzie, 1984).

Então, segundo Walter Benjamin (1997), o olhar de Baudelaire sobre as ruas de Paris foi aquele de um homem alienado, do *flâneur*, cujo modo de existência silenciou, num halo de tranquilidade, a angústia imediata dos residentes nas grandes cidades. O *flâneur* encontrou-se também no limiar da metrópole e da classe burguesa, sendo que não se reconheceu nem numa nem noutra e buscou o seu refúgio na multidão. “Este arquétipo reside em uma grande parte dos primeiros documentos sobre a cidade (...) Benjamin identificou o *flâneur* como ambos o

modelo do observador social e o arquétipo do habitante urbano.” (Atkinson e Delamont, 2005, 42).

“O urbanismo como modo de vida” (Wirth, 1997) foi balizado, em termos de grandes tendências das relações sociais, pelas acelerações e exterioridades das relações urbano-sociais, que abrem a racionalidade, o utilitarismo e a inexistência de espontaneidade e de participação nas questões da sociedade, no sentido em que os indivíduos pretendem, essencialmente, atingir, unicamente, os seus objetivos, o que, conjuntamente, forma um estado anómico. A metrópole comprehende, pois, o cenário destinado a uma multidão anónima, distanciada ou só (Reisman, 1961). Nas grandes cidades americanas, segundo disse David Reisman (1961), o conformismo é assegurado pelas preferências e expectativas do outro com quem os indivíduos, no entanto, interagem superficialmente (‘sociedades dependentes dos direcionamentos do outro’). Estas grandes cidades diferenciam-se, então, das sociedades onde o conformismo foi modelado pela tradição (‘sociedades dependentes dos direcionamentos da tradição’), tal como se diferenciam, também, das sociedades onde o conformismo foi assegurado pela predisposição dos indivíduos, desde muito cedo, para internalizarem um conjunto de objetivos (‘sociedades dependentes dos direcionamentos interiores’)<sup>26</sup>. Como disse Riesman (1961, 25):

“A família já não é uma unidade reticular próxima à qual ele pertence, mas meramente uma parte de um ambiente social amplo para o qual o último se mantém atento (...) A pessoa orientada para o outro tem que estar apta para receber sinais de perto e de longe; as fontes são muitas, as mudanças rápidas. O que pode ser, então, internalizado não é um código de comportamento, mas o elaborado equipamento necessário para assistir a estas mensagens e ocasionalmente para participar na sua circulação (...) Este equipamento de controlo, em lugar de ser como um giroscópio, é como um radar.”.

A insaciabilidade causada pela necessidade de aprovação dos contemporâneos, sejam aqueles que conhecem ou com quem estão indiretamente relacionados, como os *opinion makers* e outros profissionais dos *mass media*, compõe estes indivíduos residentes nas grandes cidades. Às redes de parentesco associou-se um alargado envolvimento social e as fronteiras entre os familiares e os estranhos foram quebradas, havendo uma sobreposição do familiar e do estranho no âmbito de uma quase inexistência de intimidade nas relações sociais (Riesman, 1961).

Segundo Atkinson e Delamont (2005, 44):

<sup>26</sup> Não obstante, os tipos de sociedades foram considerados apenas *tipos* abstratos e firmados em uma seleção de problemas históricos, particularmente, de duas transições marcadas em termos temporais, a primeira compreendeu o surgimento do Renascimento, da Reforma, da Contrarreforma, da Revolução Industrial e das mudanças políticas dos séculos XVII, XVIII e XIX, e a segunda correspondeu à passagem de uma era de produção para uma era de consumo. No entanto, os mesmos tipos, fragmentados por questões transicionais, podiam coexistir, mundialmente, em áreas distintas, no momento em que foram criados por Riesman (1961). Riesman (1964), ao reconsiderar as questões do individualismo, disse que em muitas partes do mundo os vestígios de um forte individualismo foram, até então, um perigo social, enquanto em outras partes do mundo a multiplicidade do que denominou ‘grupismo’ transformou-se, crescentemente, numa ameaça.

“Enquanto os mais antigos observadores europeus e americanos encontraram um ambiente urbano de estranhos e anonimato fugaz, marcado pela deslocação da modernidade, eles e os seus contemporâneos também exploraram sítios de intimidade e coerência cultural. Houve domínios de organização que resistiram à entropia da fragmentação e alienação urbana, produzindo sítios para a identidade pessoal e o significado. A favela, o ‘bairro’ urbano e o local de trabalho foram, deste modo, reconstruídos sociologicamente como manifestações locais de ordem e intimidade.”.

Os ‘estudos de comunidade’ ou de ‘cidades dentro de cidades’ (*these cities within cities*) (Park, Burgess e McKenzie, 1984), porque eram constituídas por pessoas da mesma raça ou por pessoas de diferentes raças mas da mesma classe social<sup>27</sup>, que ocuparam uma área claramente definida, que englobou também um conjunto de instituições, revelaram ter um enorme interesse para a investigação, devido, mais exatamente, aos traços de intimidade e solidariedade das redes sociais locais, formadas entre os habitantes, que se opunham ao desentendimento e antipatia dos indivíduos e grupos de indivíduos, no geral, quando coagidos pela cidade:

“No ambiente da cidade, a vizinhança tende a perder muito do significado que é possuído nas formas de sociedade mais simples e mais primitivas. Os fáceis meios de comunicação e de transporte, que permitem aos indivíduos distribuir a sua atenção e viver ao mesmo tempo em vários mundos diferentes, tendem a destruir a permanência e a intimidade da vizinhança. Por outro lado, o isolamento dos imigrantes e agrupamentos raciais dos assim chamados ghettos e áreas de segregação populacional tendem a preservar e, onde há preconceito racial, a intensificar as intimidades e solidariedade dos grupos locais e de vizinhança.” (Park, Burgess e McKenzie, 1984, 9-10).

Neste enquadramento, os alunos do *Departamento de Sociologia da Escola de Chicago* foram aconselhados, nomeadamente por Park, a trabalhar segundo os parâmetros da etnografia (Anderson, 1993) e alguns dos mesmos encontraram maiores afinidades com as questões das comunidades urbanas marginais. No estudo sobre os *hobos*, uma categoria singular de operários migrantes sem emprego estável e sem domicílio, pertencendo, por conseguinte, formalmente, à população dos sem-abrigo, Nels Anderson (1993), ele próprio um *hobo*, transportou-nos para um tempo da histórica americana em que esta pertença os despiu dos atributos respeitantes às componentes relacionadas com o desempenho de profissões instáveis e com a forte adaptação às condições de migração. Igualmente sem trazer à discussão as ideias de pobreza e degradação da comunidade investigada, William Foote Whyte (2005) observou que a comunidade italiana residente no North End de Boston apresentou um formato social organizado internamente, nomeadamente, quanto à consonância entre as interações e as posições hierárquicas nos *gangs* mafiosos locais e à manutenção ou desintegração dos mesmos *gangs*, consoante a posição de

<sup>27</sup> O ‘estigma’ de Goffman (1988) referiu-se a um atributo, enormemente, negativo e foi aplicado a ambientes mais alargados. No entanto, o autor considerou que este compreende situações no interior do espaço urbano devido à sua apropriação por comunidades residenciais étnicas, raciais e religiosas com grande concentração de indivíduos estigmatizados, a par com desviantes sociais, também estigmatizados, como sejam adictos, delinquentes, boémios, mendigos, etc.

quem os abandonou, mas apresentou, igualmente, dificuldades de integração na sociedade que a circundou, o que motivou uma lealdade à pertença comunitária e ao país de origem.

É interessante notarmos que a cidade também continuou a ser observada na Europa, por alguns outros autores, como Ferdinand Tönnies (2010), enquanto causa para o surgimento de certas patologias. No entanto, a dicotomia sociedade-comunidade (*gesellschaft-gemeinschaft*) de Tönnies tem sido, devidamente, criticada (cf. Costa, 1999).

A antiga tradição dos ‘estudos de comunidade’ alcançou um estatuto próprio, quando se tratou dos estudos intensivos de uma cidade pequena e quando se tratou – o que foi habitual – do estudo de uma unidade social (Castells, 1984). São exemplos disso os *Yankee City Studies* e com base nestes estudos temos *Caste and Class in a Southern Town* de John Dollard (1957)<sup>28</sup>, sendo, igualmente, de evidenciar, neste contexto, os trabalhos do *Institute of Community Studies* de Londres e como um destes trabalhos, especificamente urbano, temos *Family and Kinship in East London* de Michel Young e Peter Willmott (2007).

O ângulo de estudos da *Escola de Chicago*, relacionado com a desorganização social e a aculturação, expandiu-se com um novo estilo, designadamente, ao trabalho de Lewis Killian e Charles Grigg (1962), bem como ao trabalho de Marshall Clinard (1960). As descobertas dos primeiros autores não sustentaram, completamente, as hipóteses<sup>29</sup> visto que, entre as amostras de brancos e negros, apenas os brancos têm maiores níveis de anomia em meio urbano, estando os negros em uma situação contrária. Para os brancos, uma baixa formação escolar, tal como um autoposicionamento numa classe baixa, estão associados a maiores níveis de anomia nas grandes e pequenas cidades. Nestas últimas, ser negro encontra-se associado a altos *scores* de anomia. Deste modo, para os negros, a impessoalidade das cidades, as participações políticas e organizacionais mais extensivas, assim como uma alta posição no espectro social, pareceram combater a anomia. Clinard (1960) demonstrou que a cultura da comunidade urbana produz indivíduos de um tipo social criminoso caracterizado por técnicas e calão vocacionados para o crime e por uma história progressiva de vida criminal. Consequentemente, os transgressores

<sup>28</sup> Este estudo discutiu, entre outros assuntos, as condições socioeconómicas dos brancos e dos negros investigados, os padrões de casta relacionados com a educação, a política e a religião e as representações de casta baseadas, por exemplo, nos preconceitos sobre os negros.

<sup>29</sup> Os autores partiram das hipóteses de que: (i) a metrópole constitui um meio anómico ao contrário das pequenas cidades e os residentes citadinos têm, pois, maiores níveis de anomia quando comparados com aqueles que moram nas pequenas cidades; (ii) as posições no espectro social, ao munirem as pessoas de acesso a meios para atingirem objetivos, contribuem para a anomia e um baixo nível de formação escolar, baixo estatuto socioprofissional e autoposicionamento em uma classe baixa estão, pois, relacionados com alta anomia.

residentes nas zonas com débil ou moderado urbanismo<sup>30</sup>, em contraste com aqueles residentes nas zonas com extensivo urbanismo, não são definidos, anteriormente à experiência prisional, como integrantes de um tipo social criminoso e não se consideram criminosos.

Muito sustentada nos contributos de Simmel e Park, bem como nos contributos de Wirth e Goffman, Lyn Lofland (1998) interessou-se em compreender os princípios de regularidade e padronização com que os cidadãos orientam, em contexto urbano, até os mais apressados e ostensivos encontros “corriqueiros”. As interações no espaço público não são estatuídas pelo silêncio dos indivíduos, mas sim pela cautelosa atenção que tomam aos ‘princípios de interação com os estranhos’<sup>31</sup>. Estes princípios constituem ‘princípios preponderantes’, em alternativa a uma abundância de regras meticulosamente focadas, e correspondem à motilidade cooperativa, à abstração civil, à proeminência do papel de espectador, ao apoio condicionado e ao civismo orientado para a diversidade. Os estranhos – e outros indivíduos que interagem no domínio público – contam com ou empregam, simultaneamente, o conhecimento dos mesmos princípios, o presumível entendimento dos significados, partilhados conjuntamente, que dão à linguagem corporal e às aparências e os comportamentos e identidades, apropriados a um determinado espaço, para produzir certos resultados, como sejam a privacidade, a desatenção e a evasiva, a defesa territorial, a (im)possibilidade de ajudar alguém que esteja em uma situação difícil, as sociabilidades céleres e as (des)igualdades. De facto, segundo Atkinson e Delamont (2005, 43): “Não há uma questão de transformar o anonimato em conhecimentos; antes, o anonimato ele próprio tem que ser administrado e controlado, tomando-se precauções contra as suas potenciais ameaças.”.

No entanto, as incursões dos autores contemporâneos nem sempre se apresentaram em concordância com as teses defendidas pelo *Departamento de Sociologia da Escola de Chicago*. Para Claude Fischer (1982), ironicamente, Robert Park e os colegas descobriram, normalmente, culturas suburbanas muito coesas, particularmente, junto daqueles que migraram para a cidade, mas consideraram, geralmente, os mesmos casos como exceções temporárias aos processos de desintegração. Portanto, segundo Fischer (1982), alguns trabalhos focaram a convicção de que a vida moderna destrói a ‘comunidade’ ou, por outras palavras, de que a sociedade moderna

<sup>30</sup> O urbanismo refere-se, de acordo com o autor, a um conjunto de componentes das relações sociais que englobam, por exemplo, a impessoalidade e a existência de mobilidade. Três tipos de residência têm diferentes quantidades de urbanismo: débil (quinta), moderado (aldeia) e extensivo (cidade).

<sup>31</sup> No quotidiano urbano, “(...) os residentes, trabalhadores ou visitantes enfrentam uma condição de anonimato generalizado. Em situações rotineiras ou inusitadas, a forma social que é a grande cidade exige aos cidadãos uma competência acrescida: quer na interpretação das situações e das diferenças, quer nas modalidades com que se implicam na interação com aqueles que embora estando próximos lhes são simultaneamente desconhecidos. Daqui advém a notada reserva que pauta o dia-a-dia metropolitano.” (Dornelas et al., 2010, 53).

quebra as relações entre os indivíduos, elimina os compromissos com a família e os vizinhos, bem como cria encontros superficiais com conhecidos. A comunidade estaria desintegrada em uma massa de indivíduos atomísticos e alienados, sendo a ordem moral, precariamente, mantida por instituições de controlo de massas. A cidade constituiu o lugar central do drama supradito. Segundo Fischer (1982, 1): “Que a vida urbana vicia a comunidade é um maior subtema na ideia de perda da comunidade.”. O autor pretendeu testar empiricamente este mesmo subtema, ao afirmar que:

“Os laços dos indivíduos uns com os outros são a essência da sociedade. As nossas vidas do dia-a-dia estão preocupadas com pessoas, com recebermos aprovação, provarmos afetos, trocarmos bisbilhotices, apaixonarmo-nos, solicitarmos conselhos, darmos opiniões, aliviarmos a raiva, ensinarmos boas maneiras, providenciarmos ajuda, darmos impressões, mantermo-nos em contacto – ou preocuparmo-nos sobre porque é que não estamos a fazer estas coisas. Ao fazermos todas estas coisas nós criamos uma comunidade. E as pessoas continuam a fazê-las, hoje, na sociedade moderna. As relações que estas interações definem, por seu turno, definem a sociedade, e mudanças nessas relações marcam mudanças históricas na vida da comunidade.” (1982, 2).

A escolha foi, igualmente, um assunto importante para Fischer (1982). Nós decidimos relacionar-nos com pessoas ou evitá-las, ajudar ou não, questionar ou não; nós moldamos os contornos das nossas relações, nós projetamos, antecipamos e inquietamo-nos com o futuro das nossas redes de relações. Nós construímos redes, o que faz parte de construir uma vida. Estas mesmas escolhas são constrangidas por modelos de circunstâncias (idade, educação, emprego, compromissos familiares, rendimento, saúde) – que podem, de um modo mais indefinido, ser denominados estrutura social – não sendo totalmente espontâneas (Fischer, 1982). A dimensão da estrutura social com um interesse mais profundo, para Fischer (1982), foi a comunidade residencial, visto que o espaço onde os indivíduos residem molda as redes de relações que os mesmos formam e desenvolvem uns com os outros.

Este autor investigou os residentes em grandes cidades e em pequenos centros, tendo concluído que os primeiros estão menos envolvidos com os parentes e com os vizinhos, porque têm oportunidade de ser mais seletivos, por via das alternativas disponíveis nas grandes cidades. Os residentes urbanos detêm, por exemplo, tipicamente mais laços com simplesmente amigos, principalmente nos casos em que têm poucos compromissos e mais recursos. Esses residentes urbanos não estão, assim, isolados, mas contêm relações de diferentes tipos, já que o urbanismo tende a promover a amizade em detrimento das famílias, vizinhanças e igrejas. De facto, a vida moderna concede recursos aos indivíduos – afluência, segurança física, educação, transportes, etc. – que lhes permitem manter redes de relacionamento no exterior dos contextos tradicionais (das famílias, vizinhanças e organizações religiosas). O urbanismo mostrou, igualmente, ter um pequeno efeito quanto à adequabilidade dos apoios sociais (Fischer, 1982).

No quadro das intervenções estatais francesas que visaram solucionar problemas sociais relacionados com as classes que possuem menos recursos económicos, Gérard Baudin (2007) defendeu que o espaço físico não constitui, mecanicamente, um indutor de relacionamentos e comportamentos sociais, quando muito trata-se, eventualmente, de um indicador. Este autor criticou, similarmente, as políticas estatais promotoras de uma mistura socio-espacial assente na espacialização dos problemas sociais (isto é, na resolução de problemas sociais por via da intervenção no espaço).

Para Morgan (2009), existem diversos tipos de vizinhanças e modos de habitar a cidade e nem todos eles operam segundo os parâmetros da solidão e da alienação, porque encontramos comunidades no interior da cidade ou no interior de partes da cidade. Os residentes das áreas mais fragmentadas e anónimas não são, inclusivamente, completos estranhos e possuem algum conhecimento uns dos outros, mesmo que troquem, somente, cumprimentos mútuos. Porém, os entendimentos mais tradicionais de comunidade focam-se nas redes de parentesco, bem como se focam nas redes amicais, ao invés de se centrarem nas redes de conhecidos e as últimas são ignoradas ou incluídas numa ideia geral de comunidade (Morgan, 2009).

De acordo com António Firmino da Costa (2003, 123):

“Um certo número de asserções genéricas sobre as cidades contemporâneas, em voga no novo senso comum mediático, tende a ver nelas, pura e simplesmente, cenários de desolação relacional, dos quais teriam praticamente desaparecido os laços sociais. Na contra-corrente destes enunciados, demasiado apriorísticos e superficiais, tem vindo a ser realizado um conjunto de trabalhos que podem contribuir de maneira significativa para superar, em relação a essas abordagens, tanto insuficiências teóricas como défices de observação. No primeiro destes planos, fazem-no tomando decididamente em consideração os contextos e os processos interacionais. No segundo, conseguem-no conduzindo observação sistemática precisamente ao nível da interacção.”.

Este autor (1999) discutiu a hipótese (central) de que os processos sociais e simbólicos interligados com a identidade cultural de Alfama não estavam, completamente, elucidados por intermédio das duas sequências de dimensões analíticas agrupadas pelos conceitos de *cultura* e *classe social*, eles requeriam também, em articulação com as anteriores, uma terceira sequência, com um estatuto teórico idêntico, combinada no conceito *quadros de interação*. Concretamente sobre o *quadro de interação* do bairro, o autor sublinhou que o mesmo quadro, no que respeita às dimensões, morfológica, relacional e simbólica, detém uma configuração original e, mesmo assim, parcialmente semelhante à que compõe os contextos rurais, o que não significa que todos os ângulos do *quadro de interação* presente no bairro sejam análogos aos das aldeias.

Dois alicerces que fundam a configuração singular do mesmo quadro são a malha urbana labiríntica do bairro e as redes em que a população residente se aglomera. A interligação entre os dois parâmetros compreende processos interacionais de vizinhança fulcrais. A estreiteza da

malha urbana, o encavalitado dos fogos e a exiguidade das habitações favorecem o povoamento das ruas, as grandes intensidades relacionais, as elevadas densidades das redes de vizinhança e a justaposição de redes e interações. Na paisagem social do bairro desenvolvem-se, também por isso, subdivisões internas que motivam relações de conjugação ou rivalidade, decorridas no espaço, nomeadamente, em torno de *sítios* de vizinhança e *coletividades* associativas. As redes sociais dos alfamistas não estão, porém, confinadas ao espaço de Alfama, sendo as *relações translocais*, com os familiares residentes no exterior do bairro, os indivíduos que ali trabalham e os turistas, tanto ou mais decisivas para o seu *quadro de interação localizado*, como também o são as *relações interlocais*, em que se incluem as rivalidades entre bairros adjacentes, e as *instituições supralocais*, como a *Câmara Municipal de Lisboa*.

Os códigos simbólicos produtores das interações locais possuem um significado muito oculto para os olhares externos, ou uma invisibilidade externa, que se gera por meio das práticas culturais, mas cuja descodificação local, em diversos graus de sentido, só é adquirida por quem se encontra inserido no tecido social de Alfama e participa na sua quotidianidade. Efetivamente, segundo Costa, certas formas culturais, como o fado popular e as marchas bairristas, assumem: “(...) o carácter de linguagens simbólicas cuja codificação e modo de accionamento os membros participantes do quadro de interação local conhecem e dominam. Constituem, assim, neste quadro de interação local, suportes localmente generalizados sobre os quais as pessoas que vivem no quotidiano em Alfama podem comunicar entre si, sintonizar emoções (...) partilhar sociabilidades, coordenar ações de maneira implícita, ou seja, interagir significativamente umas com as outras, em diversas circunstâncias e em vários planos do relacionamento social.” (1999, 338-339).

Certos bairros com maior tempo de existência – os bairros populares – parecem conter a autoridade de simbolizar Lisboa. Estes são divulgados em canções, como o fado popular, em marchas bairristas, no teatro, em guias turísticos da capital, tendo a virtualidade de tipificar enquanto bairros típicos que são (Cordeiro, 1997). Bairro, festa e cidade interagem, portanto, reciprocamente, na construção de uma prática e de um sentido e constituíram as pedras basilares da investigação, realizada por Graça Cordeiro (1997), sobre o Bairro da Bica. Cordeiro (2001, 139) definiu, muito sucintamente, os bairros da cidade de Lisboa como “(...) territórios sociais aproximados, lugares reais e imaginados, no seio dos quais se articulam múltiplas unidades sociais em diferentes escalas.”. Segundo a autora, estas unidades sociais vão:

“Desde a escala mais informal dos pequenos nós de interações de vizinhança, parentesco e amizade, ao registo mais formalizado das sociabilidades enquadradas por associações voluntárias e outras instituições que os integram ou intersectam, até às relações, directas ou mediadas, com entidades de vários tipos, de níveis municipal, regional, ou nacional – todas essas práticas de sociabilidade constituem canais de comunicação transversal entre essas distintas entidades.” (2001, 139).

O bairro emerge como um elemento estruturante das festas dos Santos Populares e a fragmentação de Lisboa em muitos pequenos bairros favorece a compreensão da urbe, enquanto

uma comunidade organizada e integrada. Mesmo assim, a institucionalização de rivalidades quotidianas é, no contexto das práticas sociais, uma das ferramentas que permite a constatação de processos de segmentação interna caracterizados por moldes igualitários, tornando, numa derradeira análise, semelhantes entre si as subunidades territorialmente delineadas (Cordeiro, 1997). Contudo, a autora (2001, 140), tendo como fundamento uma “(...) prática etnográfica microperspectivada fundada em relações interpessoais e tendo como referência um quadro de questionamento da cidade (...)”, constatou a multiplicidade e a fragmentação inerentes à cidade e questionou uma representação, completamente, homogénea da mesma.

Se existem casos na rede urbana onde, praticamente, todos os indivíduos se encontram em contacto com todos os outros, existem também casos em que os indivíduos contêm grupos densos, mas separados, tal como algumas relações que dão a impressão de estarem mais isoladas (Hannerz, 1980). Por conseguinte, Ulf Hannerz (1980) sublinhou a importância da diversidade das relações urbanas e defendeu que, embora seja possível examinar a cidade como uma rede total (ao descurar os laços que se constituem na sua exterioridade), é mais prático pensá-la como uma *rede das redes*, uma ou algumas das mesmas criam um estilo de vida urbano, no conjunto formam a cidade enquanto uma ordem social. Se, no trabalho de Michel Agier (1999), o espaço urbano foi analisado como sendo um conjunto relacionado de lugares (rede total), os meios sociais urbanos foram entendidos como sendo sistemas solidários, contingentemente, mais ou menos mafiosos ou clientelistas (redes parciais). O mesmo autor descobriu que com as redes que circulam na vizinhança, no bairro de residência ou na própria cidade circulam, igualmente, informações, objetos de desejo, imagens que ultrapassam as fronteiras materiais do urbano. As sociabilidades urbanas constituem uma nebulosa de redes parciais que se situam a um nível intermédio da vida social dos urbanitas, interposto entre o domínio doméstico – o qual estas redes não desaprovam necessariamente – e os domínios institucionais e macroestruturais – aos quais estas podem conduzir, porque ao alastrarem-se algumas destas redes transformam-se em empresas, associações ou entram nas instituições existentes, mas mantêm os mesmos valores relacionais e fidelidades. Estas redes parciais são particularidades das sociabilidades alargadas que podem não unicamente resultar na criação de modos duradouros de expressão cultural e política, como também incluir-se nas instituições existentes e impulsionar o seu funcionamento, de acordo com os seus princípios (Agier, 1999).

Luís Baptista (2005) observou que se encontram duas realidades do espaço público e da cidade: de uma parte, os espaços lúdicos, ativados por grandes empresas de entretenimento com as suas componentes de animação e aquisição, apenas acessíveis a determinados grupos sociais;

e de outra parte, os espaços a evitar, que são menos frequentados e entregues ao poder político, enquanto não são canalizados para um usufruto lúdico. Temos, pois, a cidade dos consumidores, animada e particular, e a cidade restante, a ser analisada pelos respetivos mecanismos públicos de reinserção social e de segurança. Gilberto Velho (1989, 97) constatou que os residentes de diferentes zonas de Copacabana (Brasil) possuem um ‘mapa social’ ou, dito de outro modo:

Um “(...) modelo consciente de uma imagem da sociedade (...). Essa sociedade é, para essas pessoas, constituída por estratos que têm como uma de suas definições essenciais a sua distribuição espacial que vai ser fundamental para definir os status dos indivíduos, atribuindo-lhes mais ou menos vantagens ou privilégios que são, basicamente, oportunidades de acesso a determinados padrões materiais e não materiais. Os estratos têm limites claros, à medida que se definem espacialmente.”.

As pluralidades encontradas nas cidades têm, também, sido discutidas de alguns outros modos. Fran Tonkiss (2005), ao contrário de observar o espaço urbano como um espaço fixo (e definido homogeneamente), identificou múltiplas noções de cidade: o lugar de divisões sociais e encontros sociais, o campo de poderes e políticas, a paisagem material e simbólica, o espaço incorporado, o território das experiências quotidianas. De modo amplo, Manuel Castells (1984) destacou a pluralidade das ‘formas espaciais da sociedade’ e criticou a dicotomia rural-urbano, uma vez que, de certo modo, o urbano compreende o rural, se pensarmos que a urbanização se generalizou nas sociedades industriais:

“Mas, o que é o urbano? (...) O problemático é que nos encontramos diante de uma distinção que se caracteriza paradoxalmente pela ausência de critérios de distinção, dado que, em termos de conteúdo social, parece aludir-se especialmente à distinção entre sociedade industrial e sociedade agrária, enquanto no que se refere às formas espaciais da sociedade, não podemos reduzir a sua diversidade a uma simples dicotomia, nem colocar esses diferentes aspectos num ‘continuum’.” (1984, 69).

Todos estes contributos, que demonstraram a importância dos trabalhos sobre as cidades e sobre os grupos de indivíduos que as frequentam, cruzaram fronteiras e atribuíram um ímpeto, presentemente, muito aceso ao domínio de investigação da Sociologia Urbana, como confirma o surgimento, muito moderno, de uma rede de pesquisa, incluída na Associação Europeia de Sociologia, que diz respeito à Sociologia Urbana (*Urban Sociology – European Sociological Association Research Network* 37).

Por um lado, interessa saber em que é que um bairro como Benfica se distingue ou não do que certos estudos mostram ocorrer em bairros históricos, dos quais São José é um exemplo. Por outro lado, as relações de sociabilidade em contexto urbano têm sido estudadas por vários autores, sem que, na maioria dos estudos, o olhar tenha sido expressamente focado nas gerações idosas. Importa entender como é que estas relações de sociabilidade se (re)configuram na fase mais avançada do percurso de vida, em que os indivíduos abandonam o mercado de trabalho e, progressivamente, vão perdendo autonomia e capacidades.

### 3.3.2.1. Estudos sobre as redes de vizinhança urbana

A tese dos autores do *Departamento de Sociologia da Escola de Chicago*, a respeito do anonimato dos cidadãos, teve seguidores contemporâneos, dos quais vimos um caso. Também mais recentemente, alguns autores consideraram que o declínio da vizinhança está instituído, cientificamente, e tem na origem fatores urbanos estruturais, como são o colapso das profissões tradicionais, a mudança social, aliada a maior mobilidade social, e as políticas nacionais (por exemplo, a habitação social), que concentram os indivíduos com menores recursos económicos nas mesmas vizinhanças (Broughton, Berkeley e Jarvis, 2011). Sobretudo, no que respeita ao alastramento dos subúrbios, constatou-se que destruiu, consideravelmente, a vizinhança urbana tradicional e ocasionou um estilo de vida mais desconectado (Putnam, 2000; cf. Bould, 2003). Deste modo, alguns estudos sobre as relações sociais, que tiveram inspiração nos sociólogos de Chicago, continuaram a acentuar o anonimato dos cidadãos e outros estudos, que discutiram as relações de vizinhança, mantiveram o acento no enfraquecimento dos laços de vizinhança.

Outras teorizações sugeriram que a vizinhança<sup>32</sup> é melhor compreendida, em toda a sua plenitude histórica, como um processo dinâmico que é enriquecido e reforçado, mais do que diminuído ou até anulado, pelos processos associados à modernidade: industrialização e novas tecnologias, globalização, complexidade política dos modernos Estados-Nação, crescimento da cidade... (Garrioch e Peel, 2006). Se as dinâmicas da vizinhança acompanham, pois, mudanças significativas, certos autores salientaram algum ou mesmo um considerável rejuvenescimento. Notou-se que se a vizinhança desapareceu tal qual existiu, está também a ser, simultaneamente, recreada (Garrioch e Peel, 2006). Um exemplo desta questão emergiu da substituição funcional dos apoios do Estado-Providência desempenhada pelos relacionamentos de vizinhança (Santos, 1993; Hespanha, 1993).

Em resumo, David Garrioch e Mark Peel (2006) observaram a vizinhança enquanto um processo ou uma estratégia dinâmica que entrecruza circunstâncias históricas particulares e é reforçada pelas condicionantes da modernidade. Portanto, os relacionamentos sociais urbanos formalizados nas redes de vizinhança – e nas questões e oportunidades de proximidade que as

<sup>32</sup> De acordo com Morgan (2009), em termos formais, as vizinhanças são bastante flexíveis e detêm subdivisões identificáveis em numerosos grupos de pessoas que constituem ‘subcomunidades’. No entanto, uma vizinhança não é exclusivamente composta por indivíduos, mas é também composta por habitações e outros edifícios, estradas, sinais e outros espaços públicos e semipúblicos, tal como é composta por fronteiras identificáveis que constituem pontos de referência comuns (Morgan, 2009).

mesmas negoceiam – descrevem um ritmo consistente na história daqueles que vivem na cidade (Garrioch e Peel, 2006).

Sally Bould (2003) examinou a vizinhança de subúrbios americanos do Atlântico e do Nordeste da América. Os vizinhos são, predominantemente, brancos e de classe média. O seu trabalho investigou uma questão que assentou na preocupação sociológica (e histórica) com o desaparecimento das vizinhanças urbanas tradicionais, nas quais as redes de vizinhança foram compostas por relevantes apoios nas tarefas do cuidar de crianças. Nas vizinhanças tradicionais as famílias estiveram relacionadas, ao longo de uma grande área, por associações voluntárias e instituições, como sejam a igreja e as escolas; tratou-se de uma integração social imputada, já que requereu características imputadas de religião, etnicidade e, habitualmente, nascimento ou pertença familiar à comunidade (Bould, 2003). À data da investigação, as mesmas instituições, onde foram significativas, não aproximaram as fronteiras da vizinhança, por isso, Bould (2003) utilizou uma definição de vizinhança assente em relações próximas numa área de um para dois quarteirões, o que permitiu que os residentes conhecessem as crianças e as suas famílias bem, mesmo que estas crianças frequentassem diferentes escolas ou igrejas.

Na hipótese inicial de Bould (2003) existia um grande nível de isolamento das famílias vizinhas, uma expectativa que traduziu a literatura sociológica desenvolvida quanto ao tema. No entanto, as famílias dos subúrbios revelaram-se estreitamente relacionadas nas tarefas do cuidar de crianças. Nas mesmas famílias, as mulheres são apoiadas nestas tarefas, o que alimenta uma forma de capital social apresentada nas relações sociais que se desenvolvem no exterior do lar: as relações de vizinhança. Deste modo, estas vizinhanças suburbanas são similares às antigas vizinhanças, uma vez que incluem altos níveis de interação social, redes de apoio, resolução de problemas pelos vizinhos e sentido de dever para com as crianças dos outros. Porém, o capital social destas vizinhanças cuidadoras não depende da igreja tradicional, de laços de parentesco ou étnicos ou da existência de organizações formais.

Bart Wissink e Arjon Hazelzet (2011) assinalaram que, em resposta às teorizações que disseram haver um forte enfraquecimento da coesão social, alguns autores, durante as recentes décadas, argumentaram que, no Japão, a vizinhança urbana funciona como promotora da vida societal. Através de uma amostra recolhida em Tóquio (Japão), Wissink e Hazelzet (2011) procederam à construção de uma tipologia, que pretendeu analisar três características das redes sociais: fonte primária (contextos sociais onde os inquiridos conheceram muitos dos contactos); dispersão das redes (locais onde estão situados os nós das redes sociais); composição das redes (características dos elementos que compõem as redes sociais, em termos de rendimentos).

A análise dos dados evidenciou cinco tipos-ideais: *vizinhos* (os contactos sociais, com características semelhantes, em termos de rendimentos, estão baseados na vizinhança, que é a primeira fonte de contactos); *cuidadores de crianças* (similar ao caso anterior); *trabalhadores* (contactos, outra vez, com características semelhantes, em termos de rendimentos, e ligados, maioritariamente, ao emprego); *viajantes* (contactos também com características semelhantes, ao mesmo nível, e localizados no exterior do espaço vicinal, mas a fonte não é unívoca, visto que estabelecem contactos na escola, durante os tempos livres e por intermédio das crianças); e, finalmente, *intermediários* (as suas redes são dominadas por contactos mistos, em termos dos rendimentos, que estão integrados no emprego ou na vizinhança). Os autores concluíram que a vizinhança em Tóquio é, relativamente, mesclada e, para certos grupos, é uma importante fonte de relações. Os autores descobriram o tipo *intermediários*, que apresenta contactos mistos, em termos de rendimentos, integrados no emprego ou na vizinhança, mas é, geralmente, assumido que o género e a classe social plasmam os relacionamentos de vizinhança (Morgan, 2009).

O tipo *vizinhos* é constituído, maioritariamente, por idosos e a idade idosa aumenta a probabilidade de os indivíduos conterem redes locais, mas os idosos não são os únicos a conter redes locais, porque os autores observaram, também, esta tendência em relação aos *cuidadores de crianças*, com uma constituição, sobretudo, feminina. Para os idosos, contudo, a vizinhança representa uma opção importante, que é difícil de substituir (Filipovic, 2008). Neste sentido, Piet Bracke, Wendy Christiaens e Naomi Wauteric (2008) notaram que, quando os indivíduos envelhecem, contam mais com o apoio dos filhos e dos vizinhos, o que significa que, para os mesmos indivíduos, a família nuclear, particularmente os filhos, e os contactos mais próximos se tornam as fontes mais importantes de apoios. Efetivamente, a importância das relações de vizinhança para os idosos foi documentada em vários estudos (Morgan, 2009). Pelos mesmos motivos, os idosos podem ser definidos como indivíduos que relacionam os diversos elementos da vizinhança entre si e a sustentam como uma unidade de coesão (Filipovic, 2008).

Misun Hur e Hazel Morrow-Jones (2008) compararam grupos contentes e descontentes com a vizinhança. Segundo os primeiros, os fatores mais significativos da zona residencial são o aspetto das habitações e o tamanho dessas habitações (com o maior grau de importância), os serviços governamentais locais e as oportunidades recreativas. A interação através de atividades sociais é mais importante do que a interação por comunicação<sup>33</sup>, o que significa que os membros

<sup>33</sup> Para obter informação sobre a interação por comunicação, o investigador perguntou “Com que regularidade conversa com os seus vizinhos?”. Para obter informação, desta feita, sobre a interação através de atividades sociais, o investigador perguntou: “Com que regularidade toma parte em algum tipo de atividades ou eventos vicinais que envolvam outros residentes da sua vizinhança?”.

destes grupos participam, conjuntamente, em atividades e eventos organizados pela vizinhança e não conversam só com os vizinhos. Para os segundos, o fator mais importante é o aspeto das habitações. A segurança, a composição racial e a proximidade de áreas problemáticas contêm uma influência dominante, o que remete para (possíveis) problemas sociais. Nenhum fator de interação é significativo para os residentes descontentes com a vizinhança, o que indica que as atividades e as conversas são menos comuns nestas áreas.

Marino Bonaito, Mirilia Bonnes e Massimo Continisio (2004) investigaram a relação entre os aspetos considerados para a avaliação de um lugar e as atividades desenvolvidas. Mais particularmente, os autores investigaram, com referência aos residentes de uma vizinhança na cidade de Roma (Itália), a relação entre avaliação/satisfação com a vizinhança, de uma parte, e atividades/práticas urbanas, de outra parte. Os autores sentiram a necessidade de integrar na sua análise a perspetiva sistémica do lugar de residência nas suas interconexões com outros lugares. O lugar de residência foi, deste modo, estudado como parte de um sistema de multilugares (ou interlugares). O mesmo sistema foi composto por três sublugares: vizinhança residencial, centro e subúrbios.

Bonaito, Bonnes e Continisio (2004) formaram, pois, quatro tipos-ideais de residentes. Para os mesmos autores, um sistema de práticas urbanas orientado para a integração – grande variedade no povoamento do espaço urbano, grande mobilidade urbana e muitas trocas sociais – está associado a maior satisfação com os aspetos relacionais (que têm a ver com a segurança) da vizinhança, a avaliações mais negativas no que diz respeito aos aspetos do funcionamento dos serviços (perceção da adequabilidade e disponibilidade dos serviços) e, em menor grau, aos aspetos físico-espaciais (avaliação do tamanho e habitabilidade) da vizinhança. Estas mesmas componentes acham-se reunidas nos tipos *hiperativos multilugares* e *utilizadores de qualidade*. Contrariamente, um sistema de práticas urbanas orientado para os fechamento e confinamento domésticos – reduzida variedade no povoamento do espaço urbano, baixa mobilidade urbana e poucas trocas sociais – está associado a uma grande satisfação com os aspetos físico-espaciais e de funcionamento dos serviços da vizinhança, mas expressa um descontentamento geral com os aspetos relacionais (de segurança) da vizinhança. Estas mesmas questões acham-se reunidas nos tipos *confinados à vizinhança* e *utilizadores marginais e evasivos*. Vemos, também, que os idosos se encontram concentrados nos segundo, terceiro e quarto tipos e que os terceiro e quarto tipos são compostos por indivíduos com menos recursos económicos, tendo o segundo tipo uma composição muito diversificada, em termos de recursos económicos.

Por conseguinte, a relação heterogénea entre as atividades desenvolvidas num sistema de multilugares e a avaliação da vizinhança (um dos sublugares constitutivos daquele sistema), realça, claramente, a multiplicidade de residentes dessa vizinhança que, efetivamente, vivem a cidade e as redes de relações urbanas distintamente, tal como avaliam a vizinhança de diferentes modos (Bonaito, Bonnes e Continisio, 2004), sendo que os idosos residentes encontram-se, com exceção do primeiro tipo, englobados nesta multiplicidade.

Algumas outras descobertas trouxeram a lume que os relacionamentos recíprocos e a confiança nos vizinhos, tal como a prestabilidade dos vizinhos no conhecimento e nos contactos (*neighborliness*), aumentam com uma presença considerável de componentes físico-espaciais promotoras de condições para as interações urbanas, por exemplo, varandas frontais, caminhos pedestres, distância das ruas de grande trânsito, ausência de grades nas janelas e portas e ausência de lixo e *graffitis* (Wilkerson et al., 2011). Maiores rendimentos aumentam a satisfação ao nível individual (com a vida e a situação pessoal) dos residentes em Baltimore (América), mas quanto maiores são os níveis de capital social da comunidade, percecionados pelos indivíduos<sup>34</sup>, maior é a satisfação ao nível da vizinhança (Vemuri et al., 2011) A grande qualidade ambiental prediz, de modo consistente, maior satisfação, tanto ao nível individual como ao nível da vizinhança, e morar num ambiente urbano limpo e verde contém, assim, bastantes vantagens (Vemuri et al., 2011). Para Andrea Dassopoulos e Shannon Monnat (2011), a participação em encontros locais está associada a uma maior satisfação com a vizinhança, os indivíduos que consideram existir forte coesão social na vizinhança expressam ainda maior satisfação e a percepção relacionada com a segurança aumenta, significativa e substancialmente, esta satisfação. Certas descobertas sugeriram, também, que a afluência da vizinhança proporciona maior difusão da inovação nos cuidados de saúde e maior promoção de comportamentos salutares e de recursos, estes últimos predominantes em lugares urbanos cujos residentes possuem mais recursos económicos (Wight et al., 2010).

Segundo Deborah Warr (2005), a questão de que as redes de vizinhança são importantes na promoção de maior bem-estar é muito controversa quando nos focamos nos bairros cujos residentes têm baixos recursos económicos. A autora estudou os subúrbios de Corio e Norlane, localizados na franja de Geelong, uma grande cidade de Victoria (Austrália), onde os residentes

<sup>34</sup> A percepção do capital social que a comunidade encerra foi avaliada por intermédio de uma questão sobre quanto fortemente os indivíduos concordaram com ou discordaram das cinco afirmações seguintes sobre a sua vizinhança: os indivíduos da vizinhança estão dispostos a ajudar-se mutuamente, aquela é uma vizinhança com uma malha estreita (*close knit neighbourhood*), as pessoas da vizinhança são confiáveis, existem diferentes oportunidades para conhecer vizinhos e cuidar dos problemas da comunidade, igrejas e outros grupos voluntários ajudamativamente a vizinhança.

possuem baixos recursos económicos. Por intermédio do conceito de ‘estigma’ (ver Goffman, 1988), esta autora questionou as vulnerabilidades das suas redes sociais, das suas experiências de conectividade social e das suas oportunidades para gerar capital social.

Houveram outras pesquisas que notaram a importância da vizinhança para os indivíduos com baixos recursos económicos. Discutiu-se a noção de *barrio advantage* contra a progressão da síndrome da fragilidade, encontrada em pessoas idosas residentes em vizinhanças méxico-americanas, tipicamente, caracterizadas enquanto lugares com altos níveis de pobreza, baixos recursos socioeconómicos, baixo acesso a cuidados de saúde e grande número de residentes que reportam para serviços e ocupações não qualificados (Aranda et al., 2011). Estudou-se, também, a sintomatologia depressiva numa cidade americana do Sul, onde as redes de relacionamentos sociais medeiam a associação entre desvantagem da vizinhança e sintomas depressivos (Haines, Beggs e Hurlbert, 2011). Segundo Daniel Brisson e Inna Altschul (2011), a pesquisa sobre a influência dos processos de vizinhança, especialmente da eficácia coletiva<sup>35</sup>, nos rendimentos dos residentes permitiu constatar que estes processos constituem um fator de modificação a ter em conta nas intervenções com vista ao melhoramento das condições de vida dos indivíduos que têm baixos recursos económicos. Os autores sugeriram que há uma associação substancial entre coesão social da vizinhança e necessidades materiais. Contudo, em vizinhanças de baixos rendimentos, os recursos extraídos de relações socialmente coesas são relativamente pequenos e unicamente suficientes para evitar experiências menores de necessidades materiais (Brisson e Altschul, 2011). Para outros autores, as políticas urbanas devem tomar em consideração a importância de motivar ritmos relacionais que são avaliados como essenciais para a vida urbana (Broughton, Berkeley e Jarvis, 2011).

Juliet Musso e outros (2006) investigaram os efeitos que surgiram da formação de um sistema consultivo de concelhos de vizinhança, que tomou lugar, desde 1999, na cidade de Los Angeles (América) e pretendeu, sobretudo, criar uma instituição que fizesse a mediação entre as comunidades e os setores de *decision making*. Baseados em trabalho de campo e inquéritos a membros que se reúnem nos conselhos de vizinhança, os autores sugeriram que estes podem facilitar a representação dos interesses das comunidades e dispersar o poder de quatro modos: primeiro, formação de capital social *bridging*, isto é, criação de redes que conectam grupos com características diferentes em relação à classe social, à raça ou aos interesses políticos; segundo, criação de uma arena de redes locais com consecutiva formação de capital social *bonding*, que

<sup>35</sup> Os autores distinguiram a eficácia coletiva através de duas componentes: coesão social da vizinhança, baseada nas relações de confiança que os indivíduos têm na vizinhança; e controlo social informal, sustentado na percepção das normas sociais partilhadas e na prontidão acional em prol da vizinhança.

incrementa a capacidade das comunidades para agirem coletivamente; terceiro, alastramento pela cidade de um maior sistema de conselhos de vizinhança, que beneficia as densidades das redes e aumenta os fluxos de informação, sendo que os últimos facilitam, por seu turno, a ação coletiva; quarto, participação da vizinhança, que forma laços impulsionadores da centralidade de grupos distanciados do sistema de comunicação política.

O programa holandês *Onze-buurt-aann-zet*<sup>36</sup> (OBAZ) constitui um exemplo de políticas que, explicitamente, propõem aumentar o volume de capital social e a qualidade da vizinhança através da sociedade civil, sendo os cidadãos a chave deste programa que exigiu uma pequena ajuda do governo (Lelieveldt, 2004). Herman Lelieveldt (2004) notou que o governo holandês foi otimista nas assunções de que o capital social é, celeremente, reparador e de que os seus níveis são facilmente potenciados, como foi expresso nas políticas do género OBAZ. Contudo, existem importantes problemas clássicos (os sentimentos de insegurança devido ao tráfego ou devido a outros motivos, a poluição, etc.) que requerem intervenções governamentais diretas. Paradoxalmente, estas mesmas intervenções governamentais diretas mostraram-se, também, essenciais para manter os níveis de capital social e prolongar a coesão das redes de vizinhança urbana. À intervenção governamental direta foi adicionada uma nova via muito mais indireta, através da qual os governantes fizeram esforços para aumentar a capacidade da vizinhança em se autoajudar, sendo este o objetivo do programa OBAZ. Do estudo de Lelieveldt (2004) resulta indiscutível que o pensamento político verso uma vizinhança profícua deve aliar a intervenção governamental (formal ou) direta a outra mais (informal ou) indireta. Parece, identicamente, fundamental estabelecer processos de capital social *bridging* e *bonding*, por exemplo, quando das discussões e decisões políticas (Musso et al., 2006).

Importa, também, discutir o modo como as redes sociais e as participações dos idosos, residentes nos bairros lisboetas em estudo, se desenvolvem, não apenas no contexto dos espaços urbanos e comunidades vicinais e locais em que estes residem, como, igualmente, no contexto dos espaços e comunidades interlocais e translocais em que estes se encontram integrados.

### **3.3.3. As redes sociais do lugar da Sociologia da Família**

Nos estudos da família foram mais valorizadas as relações conjugais (Durkheim, 1921) e entre os elementos da família nuclear (Parsons, 1971) do que, propriamente, as relações de

<sup>36</sup> O nome do programa significa em português “É a vez da nossa vizinhança”.

parentesco e as redes familiares mais alargadas. Houveram, porém, mudanças nesta tendência dos estudos da família, que sofreu certas transformações, designadamente, quando se focaram as relações intergeracionais e quando, nesse âmbito, se deram contributos para o entendimento dos apoios dados e recebidos intergeracionalmente, como, por exemplo, a prestação de cuidados (Attias-Donfut, 1995; Attias-Donfut e Segalen, 2007; Brannen, Moss e Mooney, 2004). Neste mesmo sentido, tem sido, progressivamente, mais reconhecido que os indivíduos se relacionam com certos familiares, mesmo que não coabitem com estes, e que as redes de parentesco contêm um peso estruturador no traçado das redes sociais (Portugal, 2007b).

Os estudos de Émile Durkheim (1921) foram, habitualmente, considerados as primeiras abordagens que disseram respeito à ‘família conjugal’. O autor teorizou sobre a excelência da conjugalidade, representada pela especialização funcional dos cônjuges, da qual evidenciou a função paternal, e o afastamento dos outros parentes com a consequente ausência de relações intergeracionais (cf. Vasconcelos, 2002, 2005). Nas palavras de Durkheim (1921, 3): “Estamos, então, em presença de um tipo familiar novo. Já que os únicos elementos permanentes são o marido e a mulher, já que todas as crianças deixam cedo ou tarde a casa [paternal] eu proponho chamar-lhe a *família conjugal*.”.

Estes processos foram abordados por François de Singly (1993, 1996), um sociólogo da família que se centrou nas questões da individualização, não deixando de reforçar a importância da família conjugal. Conforme notou Singly (1996), as sociedades modernas não baniram as interdependências e a conjugalidade é uma maneira de ajudar os indivíduos a encontrarem-se e constitui o cerne do aperfeiçoamento dos mesmos indivíduos através do amor e da confiança.

Na sequência de Émile Durkheim, Talcott Parsons e Robert Bales (2007) notaram que os laços familiares se desenrolam segundo o ‘isolamento da família nuclear’ ou o afastamento entre a família nuclear, sexualmente e etariamente especializada, e os outros membros da rede de parentesco (cf. Vasconcelos, 2002, 2005). Para os mesmos autores, este isolamento é:

“(...) manifestado no facto de que os membros da família nuclear, consistindo nos progenitores e nos seus filhos ainda dependentes, normalmente ocupam uma residência separada, que não é partilhada com a família de orientação de ambos os cônjuges e de que este agregado doméstico é no caso típico independente, subsistindo em primeira instância do rendimento ocupacional do marido-pai.” (2007, 10).

Estes primeiros estudos sobre a família, centrando-se na família nuclear ou na família conjugal, não concentraram a sua atenção nas relações de parentesco, nem mesmo nas relações entre a família mais alargada. Porém, sensivelmente na mesma altura em que Talcott Parsons desenvolveu os seus trabalhos com respeito à família nuclear, emergiram outros estudos sobre a essencialidade da rede de parentesco, como sejam, por exemplo, os de Michel Young e Peter

Willmott (2007), precursores das descobertas de que, ao contrário dos relacionamentos entre os membros das famílias urbanas serem mais fracos do que no passado, estas famílias constituem, na esmagadora maioria dos casos, uma fonte importante de apoios e cuidados informais; e de Elisabeth Bott (1971), que se preocupou, por seu turno, com a influência da rede de parentesco na dinâmica interna das conjugalidades (cf. Vasconcelos, 2002, 2005).

A investigação pioneira de Bott (1971) chamou a atenção da comunidade científica para a discussão em torno do conceito de rede social. A autora relacionou a ‘segregação dos papéis conjugais’ com a ‘conexidade’ das redes. Por ‘segregação dos papéis conjugais’ Bott (1971) entendeu um relativo desequilíbrio entre as atividades independentes e complementares, de uma parte, e as atividades conjuntas, de outra parte. As atividades independentes são desempenhadas separadamente, as atividades complementares são diferentes e separadas, mas ajustadas umas às outras, e as atividades conjuntas são desempenhadas em conjunto ou, indistintamente, por qualquer um dos membros do casal em tempos diferentes. Bott descobriu que:

Um “(...) relacionamento de papel conjugal fortemente segregado é definido como aquele no qual o marido e a esposa têm uma proporção relativamente grande de atividades independentes e complementares e uma proporção relativamente pequena de atividades conjuntas. Num relacionamento de papel conjugal conjunto, a proporção de atividades complementares e independentes é relativamente pequena, ao passo que a proporção de atividades conjuntas é relativamente grande.” (1971, 73).

Para Bott (1971, 76), ‘conexidade’ é a “(...) extensão em que as pessoas conhecidas por uma família se conhecem e encontram umas com as outras, independentemente da família.”. A autora constatou que um alto grau de segregação no relacionamento entre os cônjuges esteve relacionado com a detenção de redes de *malha estreita* (*close-knit*), isto é, redes em que muitos dos seus amigos, vizinhos e parentes se conheciam uns aos outros. Pelo contrário, se os casais apresentaram um relacionamento, relativamente, conjunto de papéis detiveram redes de *malha frouxa* (*loose-knit*), isto é, redes em que um pequeno número dos seus vizinhos, amigos e parentes se conhecia mutuamente. Contudo, Bott (1971) observou que os papéis conjugais e a ‘conexidade’ são influenciados por uma multiplicidade de fatores.

Já nos anos 1970, os trabalhos inovadores de Agnès Pitrou (1978)<sup>37</sup> desconstruíram os objetivos e as funções das solidariedades familiares contemporâneas, especificamente, no que diz respeito às classes sociais e às situações de mobilidade social (cf. Vasconcelos, 2002, 2005). Ao mesmo tempo, estes trabalhos mostraram o vigor das relações familiares, porque:

As “(...) solidariedades familiares não estão em via de desaparecimento, nem mesmo nas grandes aglomerações urbanas: bem mais, elas alimentam uma rede quase permanente de trocas de serviços, de conselhos, de informações, de bens... O horizonte

<sup>37</sup> Igualmente nos anos 70, foram interessantes os estudos de Louis Roussel e Odile Bourguignon (1976).

da célula nuclear composta pelos únicos progenitores e pelos seus filhos estende-se, então, para lá dos seus limites – mesmo o horizonte da residência familiar – e o isolamento das famílias não é real (...)" (Pitrou, 1978, 153).

Certos sociólogos contemporâneos da família disseram haver uma ausência de estudos alusivos às redes familiares (Kellerhals e McCluskey, 1988; Kellerhals, Coenen-Huther e von Allmen, 1995), originada pelas conclusões de teóricos clássicos da Sociologia, como Talcott Parsons, que, de um ponto de vista evolucionista, acentuou o ‘isolamento da família nuclear’. Embora a ausência de estudos fosse inspirada em uma interpretação abusiva dos trabalhos de Parsons, como notaram Jean Kellerhals e Huguette McCluskey (1988), constituiu uma realidade até à emergência dos crescentes desenvolvimentos dos sociólogos contemporâneos. Realmente, como Kellerhals e McCluskey (1988, 170) argumentaram: “É verdade, no entanto, que a ideia de uma importância funcional diminuída da rede de parentesco (em relação à situação que predominava nas sociedades pré-industriais) não encorajou trabalhos sobre este tema.”. Deste modo, só mais recentemente (fins dos anos 80 e anos 90) é que se deu o surgimento de um leque alargado de autores que discutiram os contornos das questões sobre o parentesco: para a França descobrimos os estudos de Claudine Attias-Donfut e Martine Segalen (2007)<sup>38</sup> e Chaterine Bonlavet (1993); para a Bélgica encontramos os estudos da equipa de Bernadette Bawin-Legros (1995); para a Suíça temos os estudos da equipa de Jean Kellerhals (1988); para a Inglaterra temos os estudos de Julia Brannen e coautores (2004) e para a América distinguimos os estudos de Vern Bengtson e coautores (1995) e de Eric Widmer (2010)<sup>39</sup>. Estes estudos constituíram, de certo modo, alternativas às conceções de Parsons sobre o ‘isolamento da família nuclear’ e um dos seus ângulos mais cruciais assentou na importância das relações com familiares que não integram a família nuclear e estas relações são tanto intergeracionais como intrageracionais.

A família não foi teorizada, pelos autores contemporâneos, como um grupo parco com fronteiras manifestas, uma divisão, também manifesta, dos trabalhos domésticos e profissionais e consensualmente definida e uma identificação coletiva (Widmer, 2010, ver Widmer, 2006). Os relacionamentos não se restringem aos cônjuges e aos seus filhos e abarcam um número de elementos muito maior. Por outras palavras, os relacionamentos que se desenvolvem no exterior do contexto da família nuclear interessam aos indivíduos (Widmer, 2006, 2010). Se os lares domésticos se sucedem nos percursos individuais, perduram relações familiares com indivíduos que não integram o mesmo lar doméstico. Para dar conta desta mesma realidade, Bonlavet e Lelièvre (1995) propuseram uma noção do ambiente (*entourage*) em que os indivíduos estão

<sup>38</sup> Ver, também, Lesemann, Frédéric, e Claude Martin. Solidarités familiales et politiques sociales. *Notes et Études Documentaires*. 1993, 2/3, 4967-4968.

<sup>39</sup> Esta questão foi discutida, de modo semelhante, por Vasconcelos (2002, 2005).

compreendidos, esta evitou que as autoras procedessem a uma seleção entre o lar doméstico e a família, pois englobou tanto os indivíduos que constituem o grupo doméstico, como também os indivíduos mais importantes da rede de parentesco (cf. Bonlavet, 1993). Para Attias-Donfut (1995a), ao contrário do fechamento da família nuclear, caracterizado pela ausência de laços com a família alargada e, portanto, com outros elementos de diversas gerações, presentemente, as relações geracionais representam o ponto de estabilidade da família, potenciado pelo efeito de enfraquecimento das conjugalidades. De facto, o ‘isolamento da família nuclear’ em relação à família alargada encontra-se hoje muito dissipado (Kellerhals, Coenen-Huther e von Allmen, 1995). A família, nuclear ou alargada, a despeito das mudanças profundas que aconteceram no seu seio, constitui, mais especificamente, o lugar onde começam e se concretizam as relações intergeracionais (Bawin-Legros, Gauthier e Stassen, 1995). A intergeracionalidade não se acha desvalorizada com a construção das individualidades e a independência residencial. Muito ao contrário. O laço intergeracional abrange uma dimensão objetivável por meio dos contactos, dos apoios emocionais, das transferências financeiras, etc., tal como é intenso na dimensão do imaginário (Attias-Donfut e Segalen, 2007).

Os laços intergeracionais contêm dois sentidos: descendente e ascendente. Os idosos transmitem aos descendentes, mas as relações adquirem-se, conjuntamente, no sentido inverso, das gerações mais novas para os idosos (Segalen, 1995, ver também Bawin-Legros, Gauthier e Stassen, 1995). A regulação económica proveniente da dinâmica entre as gerações atua nos dois sentidos, o sentido ascendente, contudo, não é muito comum (Attias-Donfut, 1995a). A maior parte dos recursos materiais<sup>40</sup> seguem no sentido descendente, isto é, passam dos pais para os filhos. O fluxo geracional dos cuidados<sup>41</sup>, por seu turno, caminha quer no sentido descendente, sobretudo os avós prestam cuidados às crianças, quer no sentido ascendente, sobretudo os avós (mas algumas vezes também os pais) prestam cuidados à geração dos bisavós. Ainda que os apoios prestados no sentido descendente excedam em número os que são prestados no sentido ascendente, há uma extensiva reciprocidade à disposição da família (Brannen, Moss e Mooney, 2004).

Mesmo assim, outros autores defenderam que nas relações de progenitura-descendência nem sempre existe uma ‘reciprocidade imediata’ (Bawin-Legros, Gauthier e Stassen, 1995). De modo sintetizado, na relação entre os progenitores e os descendentes, a ‘reciprocidade imediata’

<sup>40</sup> Os apoios materiais foram divididos em apoios financeiros, apoios para arranjar uma casa, serviços relacionados com o melhoramento das condições de habitação e apoios para conseguir um emprego (Brannen, Moss e Mooney, 2004).

<sup>41</sup> A prestação de cuidados foi dividida em cuidados prestados às crianças e aos idosos (Brannen, Moss e Mooney, 2004).

(ou o cruzamento significativo entre os apoios descendentes e os mesmos apoios ascendentes) concretiza-se nos relacionamentos afetivos entre estas gerações e os outros domínios de apoios (financeiro, doméstico e do cuidar) não conhecem essa mesma reciprocidade (Bawin-Legros, Gauthier e Stassen, 1995). Deste modo, por exemplo, o perigo de falecimento relacionado com o *stress* oriundo de uma viuvez longa (com mais de cinco anos) é, parcialmente, compensado pelos relacionamentos afetivos com os descendentes, que encerram, portanto, consequências na longevidade dos progenitores idosos, especialmente, no momento em que estes são viúvos, tal como no bem-estar destes idosos (Bengtson e Giarrusso, 1995), que retribuem a afetividade.

O mecanismo das trocas familiares de apoios entre as gerações, por meio das sucessivas acumulações e transmissões, produz movimentos ininterruptos de retorno ao passado<sup>42</sup>, quer na forma de bens económicos ou no campo da cultura e das ideias (Attias-Donfut, 1995a). Porém, os recursos materiais e os capitais sociais e culturais são, exclusivamente, certos recursos entre outros recursos transmitidos intergeracionalmente e não podem ser dissociados das tarefas do cuidar (Brannen, Moss e Mooney, 2004). Se os serviços práticos e as transferências de dinheiro (isto é, os apoios instrumentais) originam, evidentemente, um conjunto de interdependências no interior da família – os indivíduos dependem de uma variedade de outros indivíduos sem, necessariamente, terem essa noção – não são, certamente, os únicos ou os mais significantes, sendo enfatizadas as importâncias cognitivas e emocionais dos membros da família, embora existam em alguns casos trocas instrumentais duradouras e outros apoios, especialmente para casais com crianças (Widmer, 2010).

Com fundamento nas descobertas anteriormente apresentadas, tem sido, recentemente, defendido que há uma multiplicidade de laços familiares e cada um destes inclui dependências e apoios entre as gerações e os grupos etários (Bengtson, Schaie e Burton, 1995). Portanto, as relações intergeracionais estão longe de ser homogéneas (Bawin-Legros, Gauthier e Stassen, 1995) e, além disso, o quadro dos relacionamentos e intercâmbios intergeracionais demonstra estar cheio de vitalidade (Attias-Donfut, 1995a), assim como as solidariedades familiares entre as gerações demonstram estar cheias de vida (Bawin-Legros, Gauthier e Stassen, 1995), o que traz consigo uma contribuição terminante para o bem-estar dos indivíduos envolvidos, apesar de estarem enquadrados numa modernidade avançada (Bengtson e Giarrusso, 1995).

<sup>42</sup> Os processos de transmissão tendem a iterar-se entre as gerações familiares, uma vez que aqueles que receberam tendem a dar, mas não, forçosamente, a quem lhes deu; quando dão às gerações mais jovens transmitem, desse modo, a ‘cultura do dar’ (Brannen, Moss e Mooney, 2004). Aqueles avós que receberam mais apoios quando foram crianças dão mais apoios aos netos e recebem, por sua vez, mais apoios quando estão em idades avançadas (Attias-Donfut e Segalen, 2007).

Porém, houveram outros comentários a respeito dos estudos contemporâneos da família que observaram que as suas descobertas não foram, totalmente, contrárias ao distanciamento da família nuclear, apesar de não pretenderm definir um único modelo de Família (Vasconcelos, 2002, 2005), uma vez que manifestaram que se os distintos apoios familiares implicam relações (intra e inter) geracionais, estes, normalmente, não se distribuem ao longo da família alargada, como é suposto ter acontecido nas sociedades primitivas, mas, exclusivamente, da família mais próxima, tendo a família alargada uma importância muito relativa nos mesmos apoios, quando comparada com a linha vertical (Vasconcelos, 2002, 2005). Por conseguinte, certos autores consideraram que as discussões contemporâneas, em torno do ‘isolamento da família nuclear’, não levaram a demonstrar uma efervescência generalizada dos laços de parentesco (Kellerhals, Coenen-Huther e von Allmen, 1995).

Assim, a composição da rede de parentesco restrita, isto é, integrante dos membros que a nutrem e que se relacionam efetivamente, apresenta diversas componentes que a caracterizam, mais genericamente, e foram qualificadas por intermédio das eventuais diferenças na densidade (a relação entre os parentes com quem existe uma relação e o total de elementos da rede) das relações de parentesco, que, geralmente, corresponde a uma pessoa sobre três (Coenen-Huther, Kellerhals e von Allmen, 1994; ver também Kellerhals e McCluskey, 1988; Kellerhals, Coenen-Huther e von Allmen, 1995): (I) Verticalidade – Os elementos da família relacionam-se mais com os ascendentes e os descendentes do que com os colaterais? – Os laços parentais e filiais prevalecem em detrimento dos laços colaterais consanguíneos (cf. Vasconcelos, 2002, 2005). O parentesco alargado (tios, primos e sobrinhos) não entra, grandemente, em linha de conta, tendo uma importância muito relativa, quando comparado com a linha vertical. Mas o apoio moral constitui um campo de ‘especialização funcional’ dos laços colaterais diretos (laços de fratria). Mesmo assim, as disponibilidades que se fazem notar em direção à linha vertical (pais e filhos) são muito mais intensas e difusas. (II) Transitividade – Os indivíduos privilegiam os elementos da família biológica? – Há uma concentração do parentesco em torno dos laços biológicos em detrimento da família dos cônjuges, sendo que os laços de aliança se manifestam pouco concretamente. (III) Lateralização – As relações de parentesco são eletivamente em linha feminina ou masculina? – As relações expressivas (contactos e proximidades afetivas) são distribuídas pelos lados feminino e masculino da família. Em matéria instrumental (serviços domésticos, guarda às crianças, etc.), os apoios dados e recebidos são bastante lateralizados e manifestam-se, principalmente, em linha feminina, com exceção dos donativos financeiros e empréstimos de dinheiro. (IV) Polarização – Certos estatutos (de filha, de mulher mais velha ou de filha mais velha) são transições obrigatórias em torno das quais se organiza a família? –

As iniciativas tomadas para promover encontros, contactos telefónicos e os apoios nas tarefas domésticas, na guarda das crianças, etc. são, marcadamente, femininos e matrilineares (cf. Vasconcelos, 2002, 2005), de modo que faz sentido perguntar se não é mais legítimo substituir a noção de solidariedades familiares por solidariedades das mulheres, unicamente os apoios materiais escapam a esta tendência. As mulheres não só prestam mais apoios ao longo dos anos, como também os recebem mais frequentemente (Bracke, Christiaens e Wauteric, 2008)<sup>43</sup>.

O tipo de estrutura familiar chamado ‘estrutura familiar *beanpole*’ (Bengtson, Rosenthal e Burton, 1990), uma particularidade dos países onde se completou a transição demográfica, abrange, no que respeita à composição, um número maior de gerações, um número menor de irmãos e um ainda menor número de crianças. Estas descobertas foram, também, discutidas por Bengtson, Schaie e Burton (1995), tendo os autores afirmado que a ‘verticalização’ da família não é uma característica dos países industrializados de hoje, porque menos respondentes do que o esperado pertenceram a uma família com mais de três gerações, o que apontou para a escassez dos bisavós naqueles países. O tamanho da família – ao contrário da intergeracionalidade das relações – aumenta, necessariamente, os contactos entre os familiares e os apoios recebidos por estes, mesmo assim, as estruturas familiares intergeracionais são transversais e apoiam os seus membros (Bengtson, Schaie e Burton, 1995). No entanto, para Kellerhals, Coenen-Huther e von Allmen (1995), a seleção dos membros da família com quem desenvolver laços significa que a amplidão das trocas é, relativamente, independente do tamanho das famílias.

Kellerhals e McCluskey (1988) realizaram uma investigação que se debruçou sobre as redes de apoio em famílias urbanas e salientaram que estas redes são partilhadas conjugalmente e, por isso, o casal focaliza-se num número reduzido de laços. Consequentemente, Kellerhals e McCluskey (1988) concluíram que aquelas redes familiares de apoio, precisamente, por serem selecionadas e constituírem ‘uma pequena sociedade para uso próprio’, podem não satisfazer a totalidade das necessidades encontradas. Efetivamente, apesar da disseminação indiscutível dos apoios prestados pela rede de parentesco, a mesma forma um complemento localizado e cobre, sobretudo, carências específicas em situações de doença, contrariedades financeiras, divórcio, etc. (Kellerhals, Coenen-Huther e von Allmen, 1995, ver ainda Coenen-Huther, Kellerhals e von Allmen, 1994). Por meio de investigações sociológicas contemporâneas, que recorreram à construção de tipologias, certos autores enfatizaram, também, a importância que concerne aos

<sup>43</sup> Alguns estudos questionaram o que pode representar um enfoque excessivo na expressão *women in the middle*, que considera que as mulheres são as principais cuidadoras dos progenitores idosos. Por intermédio da exploração dos apoios prestados pelos homens e pelas mulheres, os mesmos estudos concluíram que enquanto os homens se encarregam das tarefas de tomada de decisão e de manutenção, bem como organizam apoios sociais e concedem apoios económicos, as mulheres assumem, predominantemente, os cuidados práticos diários (Hareven, 1993).

relacionamentos das famílias conjugais contemporâneas com as suas redes sociais mais vastas (por exemplo, Aboim, 2005, 2006; Aboim e Wall, 2002; Kellerhals, 2004; Kellerhals e Widmer, 2007; Widmer, Kellerhals e Levy, 2004)<sup>44</sup>.

Mesmo assim, Portugal (2007b) notou que a rede de parentesco confere aos indivíduos uma segurança não comportada pelos outros laços e, em concomitância, impõe obrigações e deveres precisos, tendo um peso estruturador no traçado das redes sociais. Consequentemente, as funções e a normatividade dos laços familiares acentuam as suas vitalidade e importância na configuração das redes sociais. De facto, é à custa da sua funcionalidade que os laços familiares continuam a ser os laços mais essenciais (Bawin-Legros, Gauthier e Stassen, 1995). A rede de parentesco mostrou, assim, ter propriedades mágicas ao fazer equivaler o que não é equivalente, ao permitir que a dependência se conjugue com a autonomia, ao agrupar liberdades e deveres e ao mudar, positivamente, o significado da dívida (Portugal, 2007b).

Se a família nuclear cumpre um papel essencial na biografia dos indivíduos e se existem diversas opções de relacionamentos com os pais, irmãos e os seus cônjuges, avós, tios e primos, os indivíduos relacionam-se, também, com amigos e vizinhos, considerados como membros da família, e todos estes relacionamentos formam configurações familiares (Widmer, 2006, 2010). Estas desempenham funções integrativas cruciais para o curso de vida dos indivíduos, mas, no entanto, não são infinitamente diferentes umas das outras e um número pequeno de modelos de família, mesmo assim, com similaridades entre si, foi encontrado por Widmer (2006, 2010). Estas configurações têm uma centralidade nos apoios de que os indivíduos necessitam, porque estes são, sobretudo, dados pelos membros da família ou considerados da família. Os indivíduos não estão só embebidos em interações com estes membros, estão, funcionalmente, embebidos nas mesmas (Widmer, 2010). Para além disso, o isolamento não constitui a generalidade destas configurações e só uma minoria de indivíduos se encontra separada desses mesmos elementos (Widmer, 2010). No cenário social contemporâneo em que as diádes conjugais se tornaram mais débeis, estas configurações familiares apresentam recursos disponíveis, que têm, porém, os seus obstáculos, como são os conflitos e as ambivalências (Widmer, 2010).

Contudo, também aqui, apesar da importância de certos nós da genealogia familiar, que não pertencem, unicamente, à família nuclear, e apesar dos indivíduos poderem considerar que certos vizinhos e amigos são seus familiares, mesmo quando não o fazem, limitam as relações

<sup>44</sup> Wall e Guerreiro (2005) consideraram importante entender a organização social do trabalho doméstico por meio de uma tipologia dos modos de divisão deste trabalho que incluiu os tipos: trabalho feminino (sobretudo a mulher ou trabalho segmentado pelos cônjuges), divisão conjugal (bastante partilha ou alguma partilha), alguma delegação (mulher e empregada doméstica ou mulher e familiares residentes) e divisão familiar.

com os outros a um número reduzido de elementos com quem trocam apoios (Widmer, 2006, 2010).

Bracke, Christiaens e Wauteric (2008) lançaram a ideia de que os indivíduos com idades compreendidas entre os dezasseis e os trinta e quatro anos têm menos responsabilidades com a família e não só dão apoios aos progenitores e a outros familiares, como também os dão aos amigos e aos vizinhos. No entanto, a família – mais especificamente, o cônjuge, os progenitores e os descendentes – ganha importância à medida que os indivíduos ficam mais velhos. Ainda assim, foi, geralmente, associado às famílias com baixos recursos económicos um entendimento da família segundo a ideia do ‘Nós-Família’, ideia que privilegia a importância da família em detrimento das outras redes (Fabien, et al., 2007).

Segundo Coenen-Hutter, Kellerhals e von Allmen (1994), as sociabilidades familiares são mais importantes nas famílias modestas (com rendimento mensal inferior a 4000 francos) do que nas famílias abastadas (com rendimento mensal inferior a 9000 francos), mas nas últimas as sociabilidades não familiares são mais significativas, sendo o isolamento um elemento mais frequente das primeiras famílias. Nessas famílias abastadas os apoios concedidos aos parentes são, comparativamente, mais financeiros (aumentando o montante de apoios materiais com o rendimento da família nuclear), sendo mais pessoais (serviços domésticos, cuidados às crianças, etc.) nessas famílias modestas (Coenen-Hutter, Kellerhals e von Allmen, 1994). Mesmo assim, os indivíduos com menos escolaridade recebem menos apoios dos parentes e os indivíduos que possuem mais escolaridade dão mais apoios aos não familiares, particularmente aos amigos e colegas (Bracke, Christiaens e Wauteric, 2008). No contexto empírico das famílias portuguesas, Pedro Vasconcelos (2002, 2005) notou que as categorias socioprofissionais com mais recursos económicos (empresários e dirigentes, profissões intelectuais e científicas e profissões técnicas e de enquadramento intermédio) são alvo quer de maior número de ajudas quotidianas<sup>45</sup>, quer de maior número de grandes ajudas ao longo do curso de vida<sup>46</sup>, tendo sublinhado a estruturação dos apoios em termos das desigualdades de capitais.

<sup>45</sup> As ajudas quotidianas foram definidas enquanto ajudas recebidas atualmente, em termos de apoios financeiros (dádiva ou empréstimo de dinheiro, pagamento de despesas), apoios materiais (dádiva de alimentos, objetos e roupas para a casa e para a família), serviços domésticos (tarefas domésticas, dádiva de comida já feita), outros serviços (pequenas reparações, transporte de pessoas, recados, etc.), cuidados às crianças (tomar conta durante o dia ou a noite, levar à escola, ao médico), apoio moral (conversar sobre problemas, desabafar, etc.) (Vasconcelos, 2002, 2005).

<sup>46</sup> As grandes ajudas ao longo do curso de vida incluíram os apoios para festas importantes (casamentos, batizados, etc.); a dádiva de um montante elevado de dinheiro, de automóveis, de apartamento ou moradia, de terrenos ou de outros bens imóveis, de um negócio (ou oferta de sociedade na empresa), de garantias financeiras (fiança) para compras importantes; a dádiva ou ajuda na compra de móveis e eletrodomésticos; o recebimento de uma herança;

Em resumo, como vimos a propósito das análises das redes sociais, espaços sociais (ou familiares) com características semelhantes, em termos de desigualdades, combinam indivíduos com oportunidades idênticas e, por isso mesmo, com probabilidade de terem interesse em agir conjuntamente (Pires, 2012).

### **3.3.4. As redes sociais e o Estado-Providência**

O Estado-Providência, que nos acompanhou no estudo das sociedades desde a Segunda Guerra Mundial, apresentou diferentes formatos e graus de desenvolvimento nas sociedades europeias, mas com maior ou menor grau ele tem estado presente nas mesmas sociedades (cf. Hantrais e Letablier, 1996a, 1996b). “A Segunda Guerra Mundial concedeu outro maior ímpeto à realização dos princípios de solidariedade social.” (Berend, 2003, 18). Algumas teorias que analisaram estas problemáticas discutiram, conjuntamente, as questões que trouxeram consigo a crise do Estado-Providência. Crise que se acentuou fortemente na União Europeia (Giddens, 2014). Como consequência daquelas formulações teóricas, assistimos a uma compreensão do indivíduo num contexto social em que este, enquanto cidadão, recebe maior ou menor apoio do Estado.

No período de reconstrução do pós-guerra, certos países europeus tornaram-se atentos às responsabilidades familiares que, sobretudo, em famílias grandes, estiveram, normalmente, relacionadas com a miséria e a pobreza, sendo um dos objetivos redistribuir verticalmente os rendimentos – isto é, dos indivíduos e famílias com altos rendimentos para aqueles com baixos rendimentos – ao atingir, usualmente, famílias menos favorecidas (Hantrais e Letablier, 1996a; cf. Hantrais e Letablier, 1996b). Também no decurso dos anos 1940 e 50, enquadrados por uma expansão económica e um crescimento demográfico, os países nórdicos e britânicos integraram, prontamente, uma redistribuição horizontal dos rendimentos – isto é, dos indivíduos e casais sem filhos para aqueles que possuíam filhos e o mesmo rendimento – por meio de subsídios concedidos aos indivíduos e casais com filhos, segundo conceitos de bem-estar ancorados nos direitos universais e financiados pelos impostos (Hantrais e Letablier, 1996a; ver igualmente Hantrais e Letablier, 1996b). Os países britânicos estiveram, identicamente, na origem de um desenrolamento legislativo (entre 1945 e 1949), relacionado com as questões do bem-estar, que contemplou a importância de criar organizações de bem-estar, destinadas às questões do apoio

o empréstimo financeiro para compras importantes; o empréstimo de habitação e o apoio para arranjar um emprego (Vasconcelos, 2002, 2005).

médico gratuito e das reformas para as gerações idosas, como é a segurança social, que foram introduzidas, posteriormente e de modo similar, em outros países europeus (Berend, 2003).

É, habitualmente, dito que os anos 1960 e o início dos anos 1970 constituíram a *golden age* do Estado de Bem-Estar europeu, traduzida por o crescimento económico considerável, o baixo desemprego, as desigualdades relativamente ténues e a proteção desenvolvida da saúde e do cuidar (Giddens, 2014), aos quais acresceram o crescimento demográfico, o pleno emprego masculino (Crompton, 2006), um forte entrelaçamento entre a produção e o consumo de massas, tendo, além disso, decorrido uma forte sinergia entre Estado e mercado; tudo isto no âmbito do compromisso fordista, cujos efeitos profícuos se observaram até ao início de 1970 (Kaufmann, 1996). No entanto, segundo Anthony Giddens (2014), para alguns países europeus nunca houve uma *golden age*, visto que os provimentos de bem-estar foram frouxos e inadequados. Mesmo para os países com sistemas de bem-estar mais avançados, tudo funcionou de um modo distante de ser dourado na *golden age*.

Com o surgimento dos anos 1990, começaram a desenhar-se ou a desenvolver-se novas questões entrecruzadas, não obstante a delimitação a que procedemos em termos demográficos, socioeconómicos e familiares, que se constituíram como problemas para o Estado-Providência: (i) questões demográficas, como a diminuição dos índices de fecundidade e de mortalidade e o intrínseco aumento do envelhecimento populacional (Commairie e Singly, 1997; Commairie e Martin, 1998); (ii) questões socioeconómicas, como a entrada (maior) das mulheres no mercado de trabalho (Commairie e Singly, 1997) e consequente (maior) externalização do cuidar, além da internalização já existente (Kaufmann, 1996) e o aumento das desigualdades (Commairie e Martin, 1998); (iii) questões familiares, como os frescos arranjos residenciais e familiares, o surgimento de numerosas combinações conjugais, o aumento do número de divórcios e, ainda, a diminuição do número de casamentos (Commairie e Singly, 1997).

Estas mesmas questões motivaram uma crise do Estado-Providência, que deixou de assegurar certos benefícios que até ali tinham sido o seu apanágio. Segundo Jacques Commairie (1996), a ‘miséria da família’ é indissociável dos assuntos políticos. Deste modo, as mudanças nos papéis do Estado afetam, terminantemente, as exigências da família; no entanto, o papel do Estado não deve conduzir, necessariamente, a um efeito de substituição, no qual o Estado faz mais do que as famílias, mas pode aumentar a qualidade das relações familiares ao exigir menos das famílias (Brannen, Moss e Mooney, 2004).

Segundo Jacques Commairie e Claude Martin (1998), a individualização motivou uma ‘democratização da vida privada’, ou seja, o cumprimento de uma aspiração de autonomização

na relação entre ordem política e ordem familiar, o que significa que os dois mundos quase não se intercetam e os Estados apoiam menos as suas famílias. Para os autores, é importante que a reflexividade política, ou o conhecimento das insuficiências do político, inclua um fundamento nas problemáticas familiares, que se apresentam como suscetíveis de contribuir para tal. Estas mesmas conceções reforçam a importância de não delimitar fronteiras inelásticas entre privado e público, familiar e não familiar, questões sinuosas e subtis (Kaufmann, 1996).

No que diz respeito à comparação entre as famílias mais e menos favorecidas, quanto aos recursos económicos e de apoios, notou-se que em Portugal tem menos quem mais precisa, designadamente, quando se pensa nos apoios do Estado (Torres e Silva, 1998; Wall, 1995; Wall, José e Correia, 2002). Alguns autores demonstraram que uma certa compensação das mesmas insuficiências se encontra nas consequências profícias advindas dos relacionamentos entre os indivíduos, como observaram os teóricos do capital social (por exemplo, Coleman, 1988, 1990), nomeadamente, em termos da dinamização societal expressa na prestação de apoios informais (Hespanha, 1993; Hespanha, 1995; Santos, 1993; Sennett, 2006).

Nas ditas ‘sociedades com um nível de desenvolvimento intermédio’, como é o caso da sociedade portuguesa, observou-se, no âmago da proteção social, uma débil intervenção estatal complementada por uma grande vitalidade dos sistemas informais de apoio e das solidariedades primárias. Estes sistemas e solidariedades possibilitam aos indivíduos desenvolver estratégias autónomas para preservar a reprodução económica e social e, por isso, compensar parcialmente as lacunas do Estado-Providência (Hespanha, 1995). Neste ângulo, certos autores concluíram que as redes de parentesco e as redes de vizinhança substituem, funcionalmente e parcialmente, o Estado-Providência, quando os indivíduos têm carências económicas e de apoios (Hespanha, 1993; Santos, 1993). Neste enquadramento, as lacunas do Estado-Providência são colmatadas por uma “(...) sociedade suficientemente rica em relações de comunidade, interconhecimento e interajuda (...)” (Santos, 1993; 43) ou uma sociedade-providência pós-moderna. Estas redes sociais foram assim denominadas porque fez sentido deixar de as considerar formas sociais pré-modernas, por não terem já origem em universos simbólicos e em relacionamentos sociais das sociedades pré-modernas (Santos, 1993). Por isso, a sociedade-providência não constitui mais um resíduo pré-moderno, destinado a ser eliminado pelo alastramento do Estado-Providência, por um lado, e as redes de relacionamento da sociedade civil compreendem uma importância determinante, ao serem fomentadas enquanto recursos alternativos ao Estado-Providência, por outro (Hespanha, 1995).

Mesmo assim, o Estado moderno efetua um conjunto de políticas económicas e sociais que beneficiam não só o capital, como, igualmente, as organizações sindicais e determinadas frações dos assalariados. Por outro lado, as mesmas políticas desenvolvem, também, a formação profissional e a qualificação dos indivíduos, as simetrias entre os sectores públicos e privados da economia e estabelecem, identicamente, políticas organizacionais de incremento dos direitos de cidadania (Viegas e Costa, 1998). Porém, no contexto das sociedades da modernidade tardia, se os progressos na difusão do conhecimento admitiram o impedimento da apologia marxista, não transformaram as compactas estruturas do capital e das desigualdades ou, pelo menos, não as transformaram tanto como imaginamos ter acontecido nos tempos já posteriores à Segunda Guerra Mundial (Piketty, 2013).

No enquadramento da crise económica, que se acentuou grandemente nos últimos anos, alguns autores descontinaram a situação em que a Europa se encontrou e conjecturaram soluções. O livro de Jürgen Habermas (2013), designado *The Crisis of the European Union: a Response*, apresentou uma reflexão das soluções para o projeto europeu, no momento em que a crise da zona euro ameaçou a continuidade da *União Europeia*. Para o autor, estas soluções, ao contrário de assentarem na transformação do sistema europeu de governação num federalismo executivo pós-democrático, fundam-se na criação de uma ‘comunidade cosmopolita’ que aglomere uma comunidade de cidadãos mundiais – ou uma associação supranacional de cidadãos – com uma comunidade internacional de Estados-Nação e assegure, entre outras questões, uma tomada em consideração das óticas dos ‘cidadãos nacionais’, interessados na manutenção das liberdades de que usufruem no seu Estado-Nação, e dos ‘cidadãos mundiais’, interessados na igualdade de oportunidades e de redistribuição entre os Estados-Nação. Anthony Giddens (2014) publicou *Turbulent and Mighty Continent: What Future for Europe?*, onde pretendeu, do mesmo modo, encontrar soluções para colmatar os efeitos desta maior crise da história da *União Europeia* e mostrou a importância de uma complementação entre federalismo económico, obrigatório para a conservação do euro, e federalismo político. Esta complementação formaliza-se num sistema mais dinâmico em termos de liderança, que inclua uma legitimação política, assim como uma maior estabilidade económica.

Agora que nos encontramos no acordar da crise económica, há a necessidade de tomar medidas concertadas, que sejam promotoras de uma recuperação célere, como medidas, por parte de cada Estado-Nação, que promovam uma estimulação da economia nacional<sup>47</sup>, afetando

<sup>47</sup> Swedberg (2003) afirmou que a Sociologia do Direito se acha, intrinsecamente, relacionada com a Economia, em três esferas: economia de Estado, economia corporativa e economia doméstica.

os outros Estados-Nação, já que as importações sofrem um aumento na quantidade, e medidas de uma concertada resposta internacional, que requerem a presença de *experts* nas instituições internacionais (Stiglitz, 2010). De acordo com George Akerlof et al. (2014), após a economia global ter emergido da crise económica, é fundamental acionar políticas macroscópicas, como sejam as políticas de saída do afrouxamento quantitativo ou das vantagens e desvantagens do estímulo financeiro fiscal.

No contexto desta crise económica, que se acentuou fortemente, faz sentido questionar como é que os idosos investigados encararam esta crise, ou seja, qual foi o modo como disseram que a mesma os esteve a afetar, bem como se as suas redes sociais estiveram modificadas com esta crise e, nesse sentido, se constituíram uma resposta efetiva para colmatar os efeitos desta crise e se foram substitutos funcionais das decorrentes lacunas do Estado, quanto ao seguimento profícuo das suas funcionalidades de apoio.

Como são as articulações entre as estruturas (posicionais, reticulares e espaciais locais) e os agenciamentos acionados (no curso de vida e nos espaços e comunidades locais, interlocais e translocais) pelos idosos residentes no Bairro de São José, um bairro situado nas imediações de um espaço citadino nobre e central (Avenida da Liberdade)? Ocorre uma invisibilidade dos idosos aí residentes, que estão afastados dos domínios públicos? Estas articulações são distintas das que ocorrem com residentes idosos de bairros de consolidação mais recente, como é o caso de Benfica, onde coexistem residentes de diferentes faixas etárias e estratos sociais? É grande a visibilidade dos seus residentes idosos? Importa melhor conhecer a agência destes residentes idosos e de que maneira as estruturas posicionais, reticulares e espaciais locais a (favoreceram e) favorecem ou a (condicionaram e) condicionam, podendo mesmo torná-los (in)visíveis.

## **PARTE II – EIXOS DE ANÁLISE E METODOLOGIA**

### **Capítulo 4**

#### **Modelo analítico**

No modelo analítico (definitivo) desta pesquisa centrámo-nos no desmembramento de uma diáde conceptual, formada em torno do conceito de agencial e do conceito de estrutural. Por conseguinte, fizemos uma operacionalização destes conceitos, a partir de uma construção das dimensões que os incluem e dos indicadores correspondentes, que tomou em conta não só o referencial teórico como, igualmente, os dados empíricos.

Duas leituras de agência compreendem o conceito, mais abrangente, de agencial. Por um lado, temos uma agência conjunta definida enquanto “(...) o engajamento temporalmente construído pelos atores de diferentes meios estruturais (...) que reproduzem e transformam (...) essas estruturas (...)” (Emirbayer e Mische, 1998, 970). Por outro lado, temos uma agência independente definida enquanto a ação “(...) independente, com consequências prolongadas no tempo e alargadas no espaço (...)” (Pires, 2012, 32) que “(...) requer o controlo da reação dos outros a essa atuação independente. Ou seja, a independência dos atos de uma pessoa só é efetiva se os atos dos outros dependerem dos atos dessa pessoa, pelo menos em parte.” (Pires, 2012, 32). A existência de agência é, deste modo, unicamente, considerada “(...) sempre que essa ação independente é efetiva, isto é, sempre que tem consequências.” (Pires, 2012, 32).

De uma parte, dimensionámos este conceito de agencial a partir da agência acionada no curso de vida, isto é, a partir das escolhas e ações a que os investigados idosos procederam, independentemente e (ou) conjuntamente, ao construírem o seu curso de vida, no interior das oportunidades ou dos constrangimentos, que são indissociáveis das condicionantes estruturais (Elder, 1998), sendo que estas escolhas e ações transformaram ou reproduziram as estruturas. Os indicadores que inserimos nesta dimensão são: o modo como os investigados definiram, ao longo do tempo, uma posição na hierarquia social (por intermédio da escolaridade e do trabalho profissional); o modo como os investigados definiram, ao longo do tempo, os seus contextos

residenciais; e o modo como os investigados reconfiguraram, ao longo do tempo, as suas redes de relacionamentos (inter e intra) geracionais (reconfigurações das redes de relacionamentos geracionais).

De outra parte, dimensionámos aquele conceito de agencial a partir da agência acionada nos espaços (públicos e semipúblicos) e nas comunidades locais, interlocais e translocais, no decurso da modernidade avançada, isto é, a partir das escolhas e ações a que os investigados idosos procederam (e procedem), independentemente e (ou) conjuntamente, ao construírem, conscientemente ou inconscientemente, os espaços (públicos e semipúblicos) e as comunidades locais, interlocais e translocais, no interior das oportunidades ou dos constrangimentos, que são indissociáveis das condicionantes estruturais (cf. Elder, 1998), sendo que estas escolhas e ações transformaram ou reproduziram (e transformam ou reproduzem) as estruturas. Neste sentido, enquadrámos o intervalo temporal da modernização avançada desde 1970 até aos nossos dias.

Em primeiro plano, fizemos uma operacionalização desta agência acionada nos espaços (públicos e semipúblicos) e nas comunidades locais, interlocais e translocais, no decurso da modernidade avançada (ou tardia), a partir das intervenções que motivaram ou podiam motivar o melhoramento dos espaços e das comunidades locais e translocais, como sejam: a formação e a manutenção de espaços (semipúblicos) locais orientados, sobretudo, para residentes locais; a efetuação de um abaixo-assinado sobre espaços (públicos) locais e (ou) o envolvimento neste mesmo; as propostas, as reclamações e os alertas sobre os espaços (públicos e semipúblicos) locais; a divulgação de atividades que acontecem nas organizações locais; tal como a realização de voluntariado em organizações translocais. Em segundo plano, constituímos outro indicador da mesma agência, acionada nos espaços (públicos e semipúblicos) e nas comunidades locais, interlocais e translocais, em redor das conversas (ou trocas de impressões) que respeitam a estes espaços e comunidades (locais, interlocais e translocais). Em terceiro plano, na decomposição analítica da mesma agência, acionada nos espaços (públicos e semipúblicos) e nas comunidades locais, interlocais e translocais, considerámos, também, indispensável estudar os povoamentos daqueles espaços e das redes (de relacionamentos geracionais) locais, interlocais e translocais. Por conseguinte, outro indicador desta mesma agência consiste nos povoamentos dos espaços locais, interlocais e translocais, isto é, nas atividades que os investigados idosos levam a cabo, fundamentalmente, no exterior da habitação (e, mais precisamente, em determinados espaços públicos e em determinados espaços semipúblicos), aos quais adicionámos os povoamentos das redes (de relacionamentos geracionais), isto é, as funções dos investigados nas suas redes de

relacionamentos, formalizadas nos pequenos ou grandes apoios instrumentais ou simbólicos prestados às mesmas redes.

Particularmente, com referência aos tipos de pequenos apoios simbólicos, que só foram considerados pequenos quando a sua prestação ocorreu no sentido de colmatar, exclusivamente, os aborrecimentos associados ao quotidiano, encontramos o apoio moral (escutar um desabafo, dar um conselho), que é, frequentemente, acompanhado de outros pequenos apoios simbólicos, formalizados no convívio e (ou) no divertimento. O convívio e o divertimento acontecem no contexto de programas *outdoors*, programas *indoors* e viagens para dentro ou para fora do país, que englobam ambos os programas *outdoors* e *indoors*. A estes pequenos apoios simbólicos enumerados adicionámos o aconselhamento direcionado para assuntos contratuais (como, por exemplo, escolher a melhor companhia para fechar um contrato).

Os grandes apoios simbólicos abarcam o apoio moral, o convívio e o divertimento em situações excepcionais e críticas (como situações de doença, morte na família, divórcio, solidão acentuada, tentativa de assalto, acidente no apartamento). Para além disso, contemplámos ainda a cedência (posterior a um divórcio) do nome de família para fins profissionais e a assunção de responsabilidades morais pelo património (edificado e financeiro) de outrem.

Conjugámos os pequenos apoios instrumentais em tipos distintos que são iguais à dádiva esporádica ou ao empréstimo esporádico de uma quantia pouco importante de dinheiro, à dádiva esporádica de um bem pouco dispendioso ou ao empréstimo muito esporádico de um bem muito dispendioso, bem como à prestação, de modo gratuito e espaçado, de um serviço que requer um pagamento<sup>48</sup>. Já os grandes apoios instrumentais reúnem a dádiva mensal de uma quantia média de dinheiro e de um bem pouco dispendioso, a dádiva excepcional de uma quantia importante de dinheiro ou de um bem muito dispendioso, o empréstimo, prolongado no tempo, de um bem muito dispendioso, o contributo para a obtenção de uma quantia importante de dinheiro ou de um bem muito dispendioso e a prestação, de modo gratuito e diário, de um serviço que requer um pagamento<sup>49</sup>.

<sup>48</sup> As dádivas esporádicas ou empréstimos esporádicos de uma quantia pouco importante de dinheiro (menor que 150 euros) acontecem com uma frequência inferior a uma vez por mês, o que também acontece para a dádiva de um bem pouco dispendioso (como um eletrodoméstico), mas o empréstimo (durante menos de um mês) de um bem muito dispendioso (parte do seu apartamento ou de outra casa para habitação) acontece excepcionalmente ou anualmente. A prestação, gratuita e espaçada (com a frequência de uma vez por semana ou menos), de um serviço que requer um pagamento integralmente fazer tarefas agrícolas, domésticas ou de cuidar (como, por exemplo, cuidar de crianças ou idosos, fazer uma limpeza do domicílio, fazer e transportar as compras para a casa de alguém), tratar de assuntos bancários ou outros assuntos necessários, acompanhar alguém a pé ou transportar alguém de carro para qualquer lugar onde precise de ir, ajudar a solucionar um assunto burocrático que não consegue resolver.

<sup>49</sup> Uma quantia média de dinheiro respeita a um valor superior a 150 euros e inferior a 500 euros, uma quantia importante de dinheiro respeita a um valor superior a 500 euros, um bem muito dispendioso respeita a uma casa

Ao operacionalizarmos o conceito de agencial a partir da agência acionada no curso de vida e da agência acionada nos espaços e comunidades locais, interlocais e translocais, durante a modernidade tardia, o mesmo conceito de agencial ficou dimensionado com certos cambiantes analíticos, que são suscetíveis dos discorimentos empíricos correspondentes. Porém, ambas as dimensões analíticas do mesmo conceito de agencial têm pontos de entrecruzamento, apesar de estarem apresentadas separadamente na operacionalização deste mesmo conceito de agencial.

Além disto, desenvolvemos uma outra parte do modelo de análise em redor do conceito de estrutural, definido enquanto o conjunto sistémico de elementos ordenadores da agência, por intermédio de oportunidades e constrangimentos, “(...) com o estatuto de realidade emergente reconhecível pelos seus efeitos objectivos (no sentido realista do enunciado).” (Pires, 2007, 29).

Por um lado, dimensionámos este conceito de estrutural a partir da estrutura posicional, isto é, um subconjunto organizado de elementos que contribuem para o delineamento da posição dos investigados no espelho social e ordenam a agência, sendo os indicadores o nível escolar ou académico completado pelos investigados e a categoria em que os mesmos estiveram (ou estão) socioprofissionalmente integrados.

Por outro lado, dimensionámos esse conceito de estrutural a partir da estrutura espacial local, isto é, um subconjunto organizado de elementos que formam o espaço urbano local e que ordenam a agência. Em primeiro plano, esta dimensão é informada pela morfologia dos espaços urbanos locais, isto é, as componentes respeitantes à forma e ao aspeto exterior destes espaços urbanos<sup>50</sup>. Em segundo plano, outro indicador desta mesma dimensão inclui as organizações locais – isto é, os conjuntos humanos localmente situados e, hierarquicamente, orientados por coordenações e cooperações, com vista ao cumprimento de certos objetivos – que estão sediadas nos espaços semipúblicos locais, povoados, geralmente, no caso de se efetivar o pagamento de um ou mais bens ou serviços. Em terceiro plano, certas organizações interlocais e supralocais mais vastas, que transpõem, mas influenciam diretamente ou indiretamente, os espaços urbanos locais (e os seus residentes), constituem um outro indicador da estrutura espacial local.

ou um automóvel. O empréstimo de um bem bastante dispendioso concerne aqui ao empréstimo de uma parte do seu apartamento, ou de outra casa, para habitação, ou de um automóvel, durante um período igual ou superior a um mês. O contributo para a obtenção de uma quantia importante de dinheiro ou de um bem muito dispendioso respeita ao apoio na obtenção de um emprego ou aos apoios na construção de uma casa, no aluguer de um quarto, de uma “parte de casa”, de uma casa, respetivamente. Por fim, a prestação, de modo gratuito e quotidiano, de um serviço que requer um pagamento concerne à realização de tarefas agrícolas e com os animais, tarefas domésticas ou do cuidar ou ao acompanhamento de alguém para um lugar onde precise de ir.

<sup>50</sup> A morfologia dos espaços urbanos locais compreende a existência de jardins, a inclinação dos espaços urbanos públicos, a malha urbana constituída pelos arruamentos e edificado, o tamanho e as condições das habitações, a existência de elevadores nos prédios, etc.

Por um outro lado, dimensionámos o mesmo conceito de estrutural a partir da estrutura reticular, definida enquanto um subconjunto organizado de elementos que constituem as redes de relacionamentos (inter e intra) geracionais dos investigados e ordenam a agência. As redes de relacionamentos geracionais designam conjuntos finitos de indivíduos e os relacionamentos geracionais formados pelos mesmos indivíduos. Os indivíduos (nós) representam entidades sociais que são aqui, unicamente, materializadas em pessoas singulares e os relacionamentos geracionais (laços geracionais) significam conexões entre dois ou mais indivíduos. A mesma dimensão de estrutura reticular abrange indicadores que se constituem em torno da composição das redes de relacionamentos geracionais, das funções das redes de relacionamentos geracionais e do tamanho das redes de relacionamentos geracionais.

Em traços largos, as redes de relacionamentos geracionais integram na sua composição redes familiares e redes não familiares. As redes familiares possuem duas fragmentações mais importantes em redes de parentesco consanguíneo (ou biológico) e redes de parentesco afínico. As primeiras redes segmentam-se em redes de progenitura (ou parentais), redes conjugais, redes de descendência (ou de filiação) e redes de fratria (ou colaterais diretas). Contudo, estão ainda incluídos nas mesmas redes outros nós de parentesco consanguíneo (tios, primos e sobrinhos) e as relações correspondentes, que formam as redes de parentesco alargado. As redes familiares incluem também, de um modo lato, as redes de parentesco afínico, formadas e desenvolvidas com os cônjuges dos consanguíneos e outros familiares destes cônjuges. As redes de compadrio constituem um exemplo importante dessas redes de parentesco afínico<sup>51</sup>.

No âmbito das redes não familiares estão contidas as redes amicais e de conhecimento<sup>52</sup>, que são redes de relacionamentos mais informais desenvolvidos com residentes no interior dos bairros (ou com indivíduos residentes na vizinhança<sup>53</sup> e residentes no interior dos bairros, mas fora da vizinhança) e com residentes em outros locais situados no exterior dos bairros. Contudo, neste âmbito, estão também incluídas as redes (amicais ou não) com profissionais empregados em organizações localizadas no interior dos bairros (ou seja, mais particularmente, indivíduos empregados, profissionalmente, nas lojas de comércio tradicional, nas juntas de freguesia, nos centros sociais ou nos centros de dia), bem como as redes (amicais ou não) com colegas ou ex-

<sup>51</sup> Não incluímos as redes de aliança uma vez que está, sociologicamente, comprovado que há uma concentração do parentesco em torno dos laços biológicos em detrimento da família dos cônjuges (Coenen-Huther, Kellerhals e von Allmen, 1994), o que, também, verificámos empiricamente.

<sup>52</sup> Os sentimentos que concernem às relações com os outros dependem de uma pluralidade de circunstâncias, por isso, deixámos esta definição ao critério de cada um dos investigados, sendo curioso que, por exemplo, no seio de um laço entre certos indivíduos uns sentem que esse laço é amical e outros sentem que esse laço é de conhecimento.

<sup>53</sup> Definimos o espaço da vizinhança como aquele que é ocupado pelo mesmo quarteirão ou por edifícios com uma contiguidade equivalente à de um quarteirão, mesmo que possam pertencer a diferentes ruas.

colegas de trabalho profissional. É nestas redes não familiares que vamos encontrar, em certos casos, nós de parentesco subjetivo ou indivíduos que são considerados familiares, apesar de não pertencerem, verdadeiramente, à família.

Na composição das redes de relacionamentos geracionais estão, deste modo, incluídos diferentes nós (cônjuges, descendentes, irmãos, amigos residentes dentro dos bairros, amigos residentes fora dos bairros, conhecidos residentes dentro dos bairros, conhecidos residentes fora dos bairros, etc.). Todavia, nesta composição entram, identicamente, outras componentes, mais pormenorizadas, dos nós, como a inclusão em uma das gerações<sup>54</sup> (idosos, adultos, adolescentes e crianças) e a inclusão em um dos géneros (masculino e feminino).

Foi, analiticamente, considerado, na presente investigação, que o indicador da dimensão estrutura reticular, concernente às funções das redes de relacionamentos geracionais, representa os apoios prestados aos investigados por certos indivíduos contidos nas suas redes. Neste caso, incluímos distinções entre os pequenos ou os grandes apoios instrumentais ou simbólicos, que foram ou são dados aos investigados, sendo o delineamento dos mesmos apoios correspondente àquele anteriormente apresentado para os apoios dados pelos investigados. Para além disso, o tamanho das redes de relacionamentos geracionais respeita ao número de nós (indivíduos) que as redes contêm, sendo que as redes pequenas contêm um número inferior a cinquenta nós, as redes médias contêm entre cinquenta nós e noventa e nove nós e as redes grandes contêm um número igual ou superior a cem nós.

Ao operacionalizarmos o conceito de estrutural a partir da estrutura espacial local, da estrutura reticular e da estrutura posicional desenhámos mais algumas linhas analíticas para a formulação da análise empírica. Porém, as três dimensões incluem pontos de entrecruzamento.

Do modelo analítico que apresentámos decorre a importância que atribuímos ao uso de um esquema que desagrega, analiticamente, o conceito de agencial e o conceito de estrutural, com o objetivo de investigar, empiricamente, as suas relações (cf. Archer, 1995; Parker, 2000). Para além disso, desagregámos, analiticamente, as dimensões de ambos os conceitos e os seus indicadores, com este mesmo objetivo empírico, de encontrar pontos de entrelaçamento entre aquelas parcelas dos conceitos de agencial e estrutural. Neste âmbito, propomos, identicamente, encontrar articulações no interior do mesmo conceito.

<sup>54</sup> Apoiámos a distribuição dos indivíduos por quatro gerações no mapeamento de Guerreiro (2003). Segundo este mapeamento, as crianças têm uma idade igual ou inferior a catorze anos, os adolescentes têm uma idade que oscila entre os quinze e os vinte e nove anos, a idade dos adultos acha-se abrangida pelo intervalo dos trinta aos sessenta e quatro anos e, finalmente, os idosos têm uma idade igual ou superior a sessenta e cinco anos.

Conceitos	Dimensões	Indicadores
Agencial	Agência no curso de vida	<p>Modo como definiram, ao longo do tempo, uma posição na hierarquia social (por meio da escolaridade e do trabalho profissional)</p> <p>Modo como definiram, ao longo do tempo, os contextos residenciais</p> <p>Modo como reconfiguraram, ao longo do tempo, as suas redes geracionais (reconfigurações das redes)</p>
	Agência nos espaços (públicos e semipúblicos) e nas comunidades locais, interlocais e translocais, no decurso da modernidade avançada	<p>Intervenções que motivaram (ou podiam motivar) o melhoramento dos espaços urbanos (públicos e semipúblicos) e das comunidades locais e translocais</p> <p>Conversas sobre os espaços urbanos (públicos e semipúblicos) e as comunidades locais, interlocais e translocais</p> <p>Povoamentos dos espaços (públicos e semipúblicos) locais, interlocais e translocais</p> <p>Povoamentos das redes geracionais locais, interlocais e translocais (apoios dados pelos investigados – pequenos ou grandes apoios instrumentais ou simbólicos)</p>
	Estrutura posicional	<p>Nível escolar ou académico</p> <p>Categoria socioprofissional</p>
	Estrutura espacial local	<p>Morfologia dos espaços urbanos locais (a existência de jardins, a inclinação dos espaços urbanos públicos, a malha urbana formada pelos arruamentos e edificado, o tamanho e as condições das habitações, a existência de elevadores, etc.)</p> <p>Organizações locais (as juntas de freguesia, os centros de dia, as lojas de comércio tradicional, as igrejas, os supermercados etc.)</p> <p>Organizações mais vastas (organizações inter e supralocais) que contactam com as organizações (e as comunidades) locais</p>
	Estrutura reticular	<p>Composição das redes geracionais, de acordo com os nós familiares ou não familiares em que se fragmentam e com outras componentes dos nós (geração e género)</p> <p>Funções das redes geracionais (apoios recebidos pelos investigados – pequenos ou grandes apoios instrumentais ou simbólicos)</p> <p>Tamanho das redes geracionais (número de nós)</p>

Tabela 1 – Modelo analítico

## **Capítulo 5**

### **Metodologia**

Vamos, nas páginas seguintes, traçar e descrever os procedimentos metodológicos que convocámos nesta investigação, essa exposição é acompanhada de uma reflexão sobre a prática metodológica desenvolvida, por meio de uma narrativa interpretada da abordagem ao terreno, apoiada num diálogo com os autores e com o que os autores recomendam.

Certos autores defenderam a importância de complementar um conjunto de “estratégias múltiplas” (Burgess, 1982), disponíveis para aqueles que se dedicam à pesquisa de terreno, que permitem ultrapassar questões como o uso exclusivo de um método único. De acordo com este ponto de vista, apesar de conferirmos maior importância ao uso de uma metodologia qualitativa, mobilizámos diferentes instrumentos de recolha de informação, ajustados aos parâmetros dos “múltiplos métodos de terreno” (Burgess, 1982).

Consequentemente, atendendo aos passos da investigação e às descobertas preliminares, equacionámos os instrumentos preferenciais para o uso de uma metodologia qualitativa, mas adicionámos um complemento quantitativo. Esta mesma combinação mostrou ser eficaz para a resolução do problema definido (cf. Becker e Geer, 1982). Por intermédio desta metodologia, pretendemos analisar em profundidade as componentes dos lugares e dos idosos residentes em ambos os bairros, mediante distintos ângulos e óticas, sendo central uma abordagem referente à intensividade da análise. Mesmo assim, utilizámos um suplemento quantitativo, formalizado na análise quantitativa de fontes estatísticas ou, mais particularmente, da informação estatística censitária de 2011. Este suplemento permitiu que conhecêssemos em extensão as características dos bairros e das suas populações, ao obtermos informações integrais, designadamente, sobre as edificações e os indivíduos idosos residentes nos mesmos bairros (cf. Almeida et al., 1995).

O trabalho etnográfico constituiu-se como um método basilar da presente investigação (cf. Malinowski, 1932). Há quem defende que o trabalho etnográfico é próprio da Antropologia,

no entanto, como esclareceram Burgess (1982, 1997) e Costa (1986), este método corresponde a uma ferramenta sociológica reificada no âmbito da pesquisa de terreno. Ao desenvolvemos este mesmo método, permanecemos, continuada e informalmente, nos terrenos e procedemos a conversas informais. Estes momentos foram complementados por outros momentos formais, em que usámos entrevistas semiestruturadas.

Desenvolvemos o trabalho etnográfico em redor das interrogações do *Departamento de Sociologia da Escola de Chicago* e do interacionismo simbólico, atribuindo, no entanto, maior importância à perspetiva dos investigados do que às relações entre investigador e investigados (ver Atkinson et al., 2001; Céfaï, 2003).

A observação participante<sup>55</sup> constituiu uma atividade essencial do trabalho etnográfico. Para que a mesma se tornasse efetuável foi necessário aceder aos lugares, onde permanecemos próximos dos grupos sociais e das organizações, durante um intervalo de tempo – a observar as situações em que os indivíduos, frequentemente, se encontraram e como se comportaram nas mesmas, a conversar e a descobrir as suas interpretações dos acontecimentos que decorreram nessas situações e que haviam decorrido nos tempos precedentes – com os objetivos de estudar, experienciar e representar as vivências e os processos sociais que ocorreram e ocorrem dentro e fora desses lugares (cf. Atkinson et al., 2001; Becker e Geer, 1982; Céfaï, 2003). Acedemos às principais fontes de dados – palavras e ações – por meio de uma combinação entre observar, escutar e perguntar (Lofland e Lofland, 1984). O último modo de acesso nem sempre consistiu em questionar diretamente os investigados, em determinados momentos fizemos simplesmente um ou mais comentários sobre o que se conversou informalmente (as chamadas “entrevistas informais” em Lofland e Lofland, 1984), com o intuito de obter informações condicentes.

Quando do *Pacific Sociological Association Meeting*, decorrido em 1974, Goffman (1989, 127) aconselhou a audiência, no que respeitou aos requisitos etnográficos, com palavras como: “(...) eliminem totalmente a própria vida, tanto quando possam conseguir eliminá-la” ou “(...) despojem-se dos vossos próprios recursos”. Velho (1987) discutiu as premissas de neutralidade e imparcialidade, tomadas como apanágios de qualquer investigação, e chamou a atenção para que se as desejamos cumprir o melhor possível – segundo a objetividade relativa que decorre da impossibilidade de, completamente, relativizar, transcender o nosso papel social e entrar no mundo do outro – então, devemos colocar à margem os pré-conceitos subjacentes

<sup>55</sup> Tal como Schwartz e Schwartz (1955, 344): “Para os nossos objetivos definimos observação participante como: um processo no qual a presença do observador numa situação social é mantida para o propósito da investigação científica.”.

ao fenómeno em causa e reavaliar, constantemente, os dados de observação do exótico ou, até, os dados de observação do familiar.

O debate centrado nas diferenças entre os graus de exotismo e familiaridade, de acordo com Burgess (1997), parece assumir em alguma literatura que as situações são absolutamente exóticas ou absolutamente familiares, contudo, no interior de um mesmo contexto social, estas podem ser simultaneamente exóticas e familiares. Portanto, as conceções de exótico e familiar devem ser relativizadas e particularizadas, uma vez que, tal como Costa (1986) recomendou, em primeiro plano, existem distintos graus de exotismo e familiaridade, em segundo plano, o exotismo que um objeto detém para o investigador não é por si o garante de um correspondente conhecimento objetivo, e em terceiro plano, capturar um contexto social como sendo familiar não é equivalente a conhecê-lo bem. Velho (1987) pôs em causa, igualmente, os sinónimos e as designações que são, geralmente, atribuídos às observações do familiar e do exótico, pois o exótico não tem que ser obrigatoriamente o desconhecido e o alheio, bem como o familiar não é forçosamente o conhecido e o próximo. Porquê? Porque o exótico pode encerrar questões que não são estranhas e, por contraponto, os meandros do familiar podem revelar-se desconhecidos ao investigador.

Apenas para motivar um mais fácil entendimento dos formatos, enquanto tipos abstratos e suscetíveis de entrecruzamentos, que compuseram os trabalhos de campo, utilizámos aqui um conjunto de denominações que tem sido, devidamente, criticado. A definição destes formatos englobou, assim, uma ancoragem circunscrita ao grau de intensidade com que frequentámos os espaços urbanos e interagimos com os seus residentes idosos antes de darmos início aos mesmos trabalhos. Os formatos constituíram-se em torno da “observação do familiar”, concretamente, na Rua dos Arneiros, situada no Bairro de Benfica, onde residimos há tempo; da “observação do semifamiliar”, em espaços do Bairro de Benfica que não eram familiares em termos dos seus residentes (e/ou utentes) idosos, sendo-o, contudo, espacialmente; e da “observação do exótico” no Bairro de São José, onde desconhecíamos o espaço urbano e os residentes idosos.

Os moldes do trabalho de “observação do familiar”, que começou no final de Dezembro de 2011, plasmaram-se pelas consequências de residirmos na Rua dos Arneiros há muito tempo, o que nos tornou, espontaneamente, integrantes de redes de vizinhança desta mesma rua, assim como clientes e frequentadores de lugares, onde tivemos sociabilidades, principalmente, com os idosos e onde estes tiveram mais sociabilidades uns com os outros. Os lugares com maior afluência de investigados e sociabilidades foram, em traços largos: os espaços urbanos públicos da Rua dos Arneiros e um segmento da restauração da Rua dos Arneiros, mais particularmente,

a *Primeira Praceta Cafetaria*, o *Restaurante Os Piodenses*, bem como a *Cervejaria Caniço*. A frequentaçāo da maioria destes lugares cobriu-se de uma periodicidade irregular, pois, durante o estudo etnográfico, concedemos maior destaque a certos lugares em determinados momentos ou a lugares distintos desses em outros momentos, no entanto, a *Primeira Praceta Cafetaria* compreendeu uma posição marcante constituída, habitualmente, por três encontros diários com os residentes idosos da praceta. Con quanto importe sublinhar os lugares que estão, diretamente, relacionados com a “observaçāo do familiar” e onde aconteceram os encontros mais profícuos com os idosos residentes na rua, alguns outros lugares foram frequentados com maior ou menor regularidade, como a *Pastelaria Nilo*, situada próximo da Rua dos Arneiros e algo frequentada por residentes idosos desta rua, os centros comerciais (o *Centro Comercial Colombo*, o *Centro Comercial Fonte Nova*, etc.) e outras pastelarias (a *Pastelaria Evian*, a *Pastelaria Califia*, etc.), estes mesmos lugares integram menos o quotidiano dos idosos residentes na Rua dos Arneiros, mas em alguns dos mesmos pudemos encontrar um ou outro dos mesmos idosos.

Ao tomarmos em consideração os resultados das observaçāes exploratórias, em termos de obtenção de investigados, sobressaiu a importância de montar um complexo de estratégias de acesso a outros lugares, frequentados pelos residentes idosos do Bairro de São José e das contiguidades da Rua dos Arneiros, sendo que, nesse mesmo contexto, tivemos encontros com entidades importantes de ambas as freguesias de Benfica e São José<sup>56</sup>.

Postos estes encontros, demos início aos estudos etnográficos nas aulas de Português e Expressão Plástica (para idosos) do *Centro Social Laura Alves*, incluído na (antiga) *Junta de Freguesia de São José*, e nas aulas de Ginástica e Arraiolos (para idosos) do *Centro de Dia do Charquinho*. Os mesmos estudos etnográficos foram segmentados em três períodos distintos<sup>57</sup>. No primeiro período, os trabalhos de “observaçāo do exótico” e “observaçāo do semifamiliar” caracterizaram-se por uma regularidade (semanal) na frequentaçāo de cada atividade, mesmo ao envolverem curtas interrupções quando se mostrou pertinente para a investigaçāo. Quisemos que houvesse um processo gradual de obtenção de confiança, por intermédio das proximidades e semelhanças inerentes à observaçāo participante, e de alcance de um entrosamento, decorrido das conversas informais e das piadas em tom de brincadeira sobre os assuntos prediletos dos

<sup>56</sup> De uma parte, em novembro de 2011, reunimo-nos com a Presidente da *Junta de Freguesia de Benfica* e, depois, sucederam-se outros encontros com a assessoria e o Presidente da *Associação de Reformados de Benfica*, até ser marcada a observaçāo participante. De uma outra parte, em dezembro de 2011, reunimo-nos com o Presidente da (antiga) *Junta de Freguesia de São José* que propôs a primeira observaçāo participante.

<sup>57</sup> O primeiro período aconteceu entre dezembro de 2011 e julho de 2012. O segundo período decorreu de setembro de 2012 a dezembro de 2014. Finalmente, o terceiro período aconteceu de janeiro de 2015 a janeiro de 2016. Em 2018, obtivemos informações de utentes e entrevistados que não reportaram alterações significativas, desde a nossa última visita, entre os outros idosos que conhecemos.

investigados idosos. Ambas as conquistas permitiram chegar às pessoas e aos testemunhos, por exemplo, uma vez que suscitaram abertura durante as conversas que os investigados tiveram em conjunto na nossa presença e durante as conversas connosco. Daqui resultou, gradualmente, a naturalização do modo de perguntar e a obtenção de respostas, por intermédio da formulação de perguntas (cf. Costa, 1986), que alimentaram, deram continuidade às conversas informais e possibilitaram, simultaneamente, ter acesso a informação bastante interessante. Por outro lado, ambas as conquistas permitiram usufruir de testemunhos mais pormenorizados, oriundos das entrevistas semiestruturadas e conversas informais que realizámos ao longo dos anos seguintes.

A frequentaçāo de alguma restauração do Bairro de São José compôs todos os períodos do trabalho de campo, mas dedicámos maior atenção à *Leitaria Francesa* e à *Esplanada do Torel* ou ao Jardim do Torel, pois continham uma proximidade espacial considerável da junta de freguesia. É de notar que às atividades que desenvolvemos no *Centro Social Laura Alves* acresceram outros eventos menos quotidianos, encabeçados pela (antiga) *Junta de Freguesia de São José* e organizados anualmente, como o *Arraial Solidário* e a *Feira do Bem-Estar*, para os quais fomos convidados a participar no primeiro período do trabalho etnográfico.

Durante o mesmo período do trabalho etnográfico, os investigados que conhecemos no Bairro de São José constituíram os nossos “informantes privilegiados” (Costa, 1986; Lofland e Lofland, 1984), sendo que, de um modo mais rico e ativo, nos mostraram o bairro, nos contaram as suas experiências e nos apresentaram elementos das suas redes amicais de vizinhança.

No ano letivo seguinte, o grupo de idosos com quem mantivemos contactos frequentes, durante o ano precedente, deixou de assistir às aulas e passámos a conversar com uma fração do mesmo nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade. Mesmo assim, rodeou-se da maior importância conhecer mais indivíduos e mais redes do bairro. No início de Setembro de 2012<sup>58</sup>, começámos a participar nas aulas de Ginástica (para idosos) do *Centro Social Laura Alves* e no *Vassouras & Companhia*, formado por equipas da (antiga) *Junta de Freguesia de São José*, que faziam, sobretudo, visitas domiciliárias aos idosos residentes na Freguesia de São José. Esta importância de alargar o leque de investigados idosos, residentes no Bairro de São José, voltou a colocar-se mais tarde e foi necessário reunirmo-nos com entidades importantes da *Santa Casa da Misericórdia de Lisboa* para iniciarmos o trabalho de observação participante, no contexto das festas, das sessões de Movimento e dos *ateliers* de Culinária, decorridos no *Centro de Dia*

<sup>58</sup> De acordo com uma reunião precedente com a Técnica de Ação Social (da antiga) *Junta de Freguesia de São José*.

e *Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*<sup>59</sup>. Porém, a observação no *Centro de Dia do Charquinho* não envolveu modificações no tipo de atividades em que participámos.

No âmbito do segundo período do trabalho etnográfico incluímos mudanças nos ritmos de frequentaçāo da “observação do exótico” e da “observação do semifamiliar”. Neste período, o trabalho etnográfico, em torno da “observação do exótico” e da “observação do semifamiliar”, pautou-se por ritmos de frequentaçāo idênticos, em algumas atividades, e mais espaçados, em outras atividades, porque nem sempre a presença no terreno mostrou ser mais produtiva do que os desempenhos científicos (mais essencialmente, a realização de comunicações em encontros científicos) e os outros desenvolvimentos desta investigação. Ainda assim, introduzimos, muito resumidamente em termos de frequentaçāo, diferentes observações, tão participantes quanto possível, no encadeamento de missas decorridas em igrejas de ambos os bairros. Os encontros e as conversas informais com utentes do *Centro de Dia do Charquinho*, que aconteceram nas ruas e estradas do Bairro de Benfica, também incorporaram o trabalho etnográfico deste período em diante. Este mesmo período compreendeu, em simultâneo, o desenvolvimento de uma parte considerável do registo fotográfico e das entrevistas semiestruturadas.

Posteriormente, adveio o terceiro período, ao longo do qual completámos, sobretudo, o uso das anteriores técnicas de recolha de informação e realizámos curtas entrevistas estruturadas a (dez) indivíduos no sentido de construir as linhas-da-vida, as genealogias e os mapas das redes amicais e de conhecimento com maiores níveis de pormenorização<sup>60</sup>.

Ainda assim, se o trabalho de observação acompanhou os parâmetros do “investigador conhecido”, abarcou, identicamente, uma fração de “pesquisa escondida” no espaço público (e aberto) da Avenida da Liberdade, onde qualquer indivíduo tem o direito de estar, mesmo com o objetivo de fazer investigação (Lofland e Lofland, 1984; consulte também Lofland, 1998).

<sup>59</sup> Para este fim, depois de uma reunião com a Diretora da *Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, que aconteceu no princípio de 2014, seguiram-se reuniões com a assessoria, bem como com a Direção do *Centro de Dia e Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*.

<sup>60</sup> Fulcral, nesta investigação, mostrou ser a dupla tarefa, proposta por Roberto DaMatta (2010), de transformar o exótico em familiar e, igualmente, transformar o familiar em exótico. Por um lado, à medida que a familiarização aumentou na “observação do exótico” e na “observação do semifamiliar” diminuiu a importância das organizações, enquanto formas de possuir a confiança dos investigados, e as relações expandiram-se para fora das organizações, como aconteceu com as sociabilidades nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade e as sociabilidades de rua com utentes do *Centro de Dia do Charquinho*. O espargimento para fora das organizações e as suas consequências relacionais aproximaram a “observação do exótico” e a “observação do semifamiliar” da “observação do familiar” e criaram semelhanças de entrosamento entre as mesmas. Por outro lado, emergiram outras semelhanças, entre os diferentes tipos de observação, relacionadas com o espaço urbano dos bairros, porque a inclinação acentuada das ruas do Bairro de São José deixou de nos ocupar, constantemente, o pensamento quando as subíamos, mas também os barulhos e o vaivém de carros na Avenida da Liberdade deixaram de nos incomodar (cf. Goffman, 1989). Para além disso, conseguimos apreender os aspetos estranhos dos quadros empíricos da “observação do familiar” e banalizar os aspetos estranhos dos quadros empíricos dos outros tipos de observação.

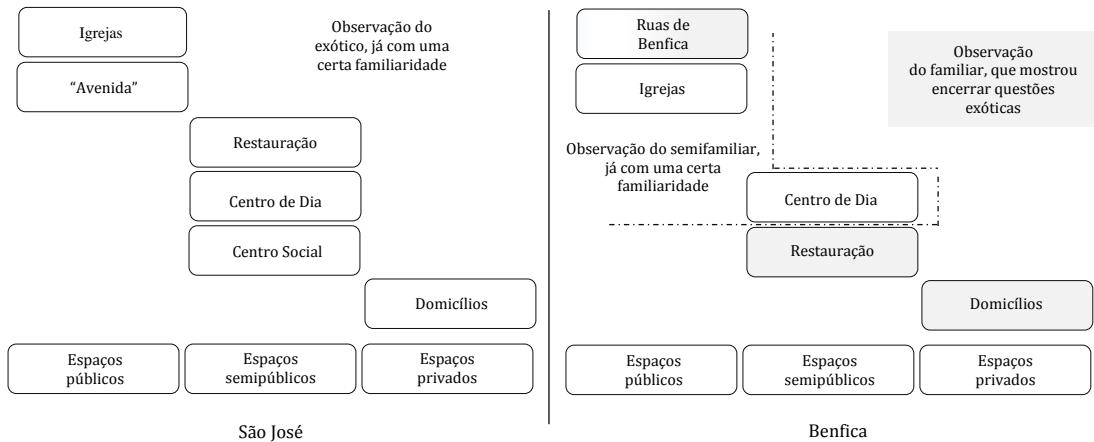


Figura 1 – Descrição esquemática dos últimos formatos observacionais relativos aos trabalhos etnográficos com os residentes idosos dos bairros de São José e Benfica

A observação participante implicou não apenas ganharmos acesso a e inserirmo-nos em determinados mundos sociais, mas também compormos pensamentos escritos e descrições que trazem representações desses mundos aos outros (Atkinson et al., 2001). No que respeita ao uso de notas de campo, existem variações entre os etnógrafos que têm fundamento em diferentes entendimentos dos seus benefícios, em um extremo, os etnógrafos fazem um uso alargado e detalhado de notas de campo, em outro extremo, os etnógrafos consideram as notas de campo como integrantes de uma atividade relativamente marginal (Atkinson et al., 2001). Nos nossos diários de campo optámos pelo meio-termo entre estas duas abordagens. Deste modo, durante o trabalho etnográfico, construímos diários de campo, que incluíram notas de diversos tipos<sup>61</sup>, contudo, estas notas só foram tomadas ao surgirem questões, testemunhos e observações com importância para a pesquisa, por via da seleção das anotações e da eliminação de assuntos que não foram significantes (Atkinson et al., 2001), com o intento de não sobrecarregar os diários.

Após o primeiro período de trabalho etnográfico, iniciámos o registo fotográfico, onde incluímos (quase) duzentas e cinquenta fotografias em condições de serem apresentadas e onde pretendemos registar os espaços urbanos em estudo e as suas contiguidades, as relações (inter e intra) geracionais que mais se destacaram e outras realidades sociais pertinentes, como certos

<sup>61</sup> As mesmas notas de campo foram fragmentadas em três diferentes tipos (Burgess, 1982): (a) notas substantivas, que encerraram pormenores conectados com a descrição de certos investigados; (b) notas metodológicas, que particularizaram o modo de chegar aos lugares, como decorreram os encontros com os agentes organizacionais que permitiram o primeiro acesso aos lugares, as mudanças nos papéis de investigadores; (c) notas analíticas, que discutiram, raramente com base em teorizações anteriormente formuladas, tópicos passíveis de desenvolvimento, temas com interesse para uma análise com maior detalhe empírico. Por vezes, estes tipos de notas entrecruzaram-se no mesmo texto. No desenvolvimento dos diários de campo, as denominadas “notas mentais” foram mantidas até um determinado momento e, automaticamente, transformadas em “notas completas” ou foram, gradualmente, acumuladas até serem transformadas em “notas anotadas rapidamente” (cf., ainda, Atkinson et al., 2001; Lofland e Lofland, 1984).

eventos decorridos nas imediações do Bairro de São José e no Bairro de Benfica. Esta técnica constituiu um suplemento observacional, durante a captura e *a posteriori*, com maior pormenor, conjuntamente com o aspeto ilustrativo dos momentos e circunstâncias em questão.

Os distintos tipos de entrevistas formais podem ser descritos num *continuum*: em uma extremidade, onde encontramos as entrevistas em profundidade, o entrevistador beneficia da componente livre do entrevistado e intercede muito pouco; em uma outra extremidade, onde se posicionam as entrevistas estruturadas ou diretivas, é este quem estrutura a conversa através de conjuntos de questões definidos com precisão. As entrevistas semiestruturadas encontram-se entre as entrevistas em profundidade e as entrevistas estruturadas, porque o entrevistado conduz o pensamento em torno de certos assuntos que entende abordar, de acordo com os quadros de referência do próprio, e daqui surge o formato “não diretivo”; mas a delimitação de um conjunto de questões circunscreve certas reflexões do entrevistado, facilmente impelido pela corrente do pensamento, e reclama o desenvolvimento de *itens*, resultando daqui o formato “diretivo” (cf. Albarello et al., 2005; Almeida et al., 1995; Quivy e Campenhoudt, 1992).

Igualmente depois do primeiro período de trabalho etnográfico, a informação originária do mesmo trabalho foi, ainda, complementada com (vinte e nove) entrevistas semiestruturadas a duas diferentes coortes de idosos, nascidas entre 1920 e 1933 e entre 1934 e 1952. A primeira questão destas entrevistas formais convidou os entrevistados a contarem as suas experiências e trajetórias vivenciais: “Qual é a sua história?”. Pretendemos aqui obter informação sobre as biografias. Pretendemos, identicamente, obter informação sobre o encadeamento temporal (do passado até ao presente) entre os idosos e os bairros, por intermédio das questões: “Como era o bairro quando veio para cá?” e “O que mudou no bairro?”<sup>62</sup>. Efetivamente, desejámos obter o composto de “o sentido do que foi” (Thomas, 2004) e, por contraponto ao passado, “o sentido do que é”. Para obter mais informação de “o sentido do que é” formulámos, principalmente, seis grupos de questões: (i) Atividades desenvolvidas, (antes e) recentemente, dentro e fora dos bairros, e com quem (aconteceram ou) acontecem; (ii) intervenções executadas, recentemente, dentro dos bairros; (iii) tamanho e composição das redes de parentesco e das redes amicais e de conhecimento<sup>63</sup> residentes dentro e fora dos bairros, funções que estas redes desempenham em

<sup>62</sup> A inserção das biografias nos tempos históricos em que os acontecimentos biográficos se deram, tanto antes dos idosos residirem nos bairros como posteriormente, foi conseguida: primeiro, por intermédio da solicitação de datas que organizaram no tempo os acontecimentos biográficos mais importantes, o que, por vezes, suscitou algumas especificações sobre estes mesmos acontecimentos; e, segundo, por intermédio dos nossos próprios conhecimentos sobre História e da análise documental sobre a história dos bairros (cf. Brannen, Moss e Mooney, 2004).

<sup>63</sup> Os entrevistados foram solicitados a lançar números que correspondessem, o mais rigorosamente possível, ao tamanho das suas redes de conhecimento e às componentes dos respetivos elementos, quanto à geração e ao género, devido à impossibilidade de obter uma completa exatidão a respeito destas redes.

termos dos apoios obtidos; (iv) funções que os próprios desempenham em termos dos apoios dados às mesmas redes e representações destas redes; (v) “contactos microssociais” (Cornwell, 2011) ou pormenorização das atividades desenvolvidas, ao longo do dia útil x e do dia de fim-de-semana y; (vi) problemas económicos e sociais que emergiram com a crise.

Escolhemos interlocutores com quem mantivemos uma relação de familiaridade que permitiu estarmos ao corrente das suas trajetórias e situações presentes, sendo, assim, facilitadas as interações e as conversas no decurso das entrevistas. A familiarização dos entrevistados com o local onde decorreram as entrevistas foi outro modo de promover as mesmas facilitações (cf. Beaud e Weber, 1998) e a maioria das entrevistas aos residentes idosos aconteceram em salas dos centros onde os observámos, nos seus apartamentos ou no nosso apartamento (empregámos o último, exclusivamente, para entrevistas a idosos do Bairro de Benfica). Realizámos, ainda, (três) “entrevistas informativas” a funcionárias de organizações que estiveram compreendidas no trabalho etnográfico, sendo uma destas entrevistas importante enquanto complemento das conversas informais com um idoso residente no Bairro de São José, que possuía demência.

Após a audição cuidadosa ou a transcrição praticamente integral das entrevistas, feitas aos idosos residentes nos bairros, procedemos a (dez) curtas entrevistas, segundo um formato estruturado, concretizadas em segundos ou segundos e terceiros encontros, com o propósito de conseguir mais pormenor para a construção de linhas-da-vida (Nilsen, Brannen, Lewis, 2013), genealogias (Guerreiro, 1996; Hespanha, 1993) e mapas das redes amicais e de conhecimento (Wellman e Berkowitz, 1988). Estas técnicas de tratamento e análise de dados modelaram os desenhos das trajetórias de (quinze) idosos, especialmente, em termos escolares, profissionais, residenciais e reticulares, assim como modelaram os desenhos das suas redes sociais, contudo, favoreceram, também, a análise dos dados.

Como lembraram Atkinson e Delamont (2005, 48):

“(...) É muito fácil reconstruir a heroica era de ouro da antiga Escola de Chicago em termos de abordagem etnográfica completamente emplumada. Mas a observação participante – no sentido de hoje – não foi considerada como o único ou mesmo o principal modo de recolha de dados (...) os dados documentais foram mostrados como fontes exemplares para o (...) trabalho sociológico.”.

Na presente investigação foram, também, analisados dados documentais com o objetivo de melhor conhecer a história de ambos os bairros em estudo. Para Scott (1990, 13): “(...) um documento, no seu sentido mais geral, é um texto escrito (...).” Deste modo, partindo das ideias de que todos os documentos são, simplesmente, textos escritos e de que todos os textos escritos são válidos, foi recolhida uma multiplicidade de documentos: tanto documentos em formato de papel, entre os mesmos estiveram monografias, capítulos de livros, artigos científicos, artigos

de jornal, artigos publicados em revistas das juntas de freguesia; como documentos em formato digital, entre os mesmos estiveram documentos inseridos em *sites* e *blogs*.

Para além de usarmos uma metodologia qualitativa, útil para descobrir os processos e as perspetivas dos indivíduos idosos abrangidos pelas situações, empregámos um complemento quantitativo para mapear padrões mais gerais (cf. Bryman e Burgess, 1994), compreendidos na informação censitária (Censos 2011)<sup>64</sup>.

Das operações metodológicas que realizámos, importa enfatizar o primeiro trabalho de aproximação ao terreno sustentado, no fundamental, pelas experiências e pela informação que decorreram, sobretudo, da observação participante. Ulteriormente, esta observação foi efetuada em concomitância com o registo fotográfico, as entrevistas semiestruturadas a uma fração das populações idosas de ambos os bairros, as entrevistas informativas a determinados profissionais e interlocutores das organizações onde decorreu o estudo etnográfico, bem como com a análise documental e a análise estatística da informação censitária. Consequentemente, acionámos um dispositivo de pesquisa, cuja informação apresentamos nos capítulos 6, 7 e 8. Em suma, fizemos aquilo que alguns autores referem ser próprio da pesquisa de terreno, enquanto combinação de vários procedimentos metodológicos (Costa, 1986). Para além disso, articulámos componentes dos residentes idosos de ambos os bairros e as mesmas articulações deram azo à construção de uma tipologia (Weber, 1989).

Conforme um processo de aperfeiçoamento progressivo do desenho da pesquisa, feito à custa dos procedimentos metodológicos que privilegiámos, formulámos as seguintes hipóteses mais precisas (cf. Almeida et al., 1995):

Hipótese 1: Podemos verificar que, dentro da mesma coorte e entre coortes distintas, os idosos residentes nos bairros de São José e Benfica acionaram (e acionam), de modos diferentes, a sua agência no curso de vida e que esta agência foi (e é) mais constrangida ou mais favorecida por diferentes estruturas posicionais, reticulares e espaciais locais, sendo possível que existam articulações destas estruturas entre si. Para além disso, é possível que as estruturas posicionais dos progenitores tenham ocasionado diferenças nos seus cursos de vida.

Hipótese 2: Podemos verificar que, durante a modernidade avançada, os idosos residentes nos bairros de São José e Benfica (acionaram e) acionam, de modos diferentes, a sua agência nos espaços e comunidades (locais, interlocais e translocais) e que esta agência (foi e) é mais constrangida ou mais favorecida por diferentes estruturas posicionais, reticulares e espaciais locais, sendo possível que existam articulações destas estruturas entre si.

<sup>64</sup> Os benefícios da integração destes diferentes instrumentos numa única investigação “(...) não são simplesmente quantitativos (embora, obviamente, possa ser reunida mais informação com uma combinação de técnicas), mas são também qualitativos – podemos quase dizer que um novo estilo de pesquisa nasceu do casamento entre as metodologias de inquérito e trabalho de campo.” (Sieber, 1982, 177). Os benefícios, com uma enumeração mais numerosa no trabalho de Sieber (1982), constituíram-se em torno, principalmente, dos contributos do trabalho de campo para a interpretação e validação da informação censitária e, reciprocamente, dos contributos da informação censitária para a recolha de informação no terreno e a análise da informação obtida no terreno.

## PARTE III – INTEGRANTES DOS CAMPOS EMPÍRICOS DE OBSERVAÇÃO

### Capítulo 6

#### Os campos empíricos de observação: os espaços e as pessoas

O espaço descontínuo em que se constituiu a Lisboa oitocentista foi segmentado por Rodrigues (1993, citado por Cordeiro, 1997) em três grandes manchas territoriais, orientadas pelo crescimento populacional decorrido entre 1800 e 1900: (i) centro histórico, no caminho da terciarização com um resultante despovoamento, incluiu as cinco freguesias de São Julião, Conceição, São Nicolau, Mártires e Santa Justa; (ii) um conjunto de bairros antecedentes ao Terramoto de 1755, que continuaram a existir depois e registaram um crescimento razoável, desenhandando uma cintura em redor do centro histórico e incluindo as freguesias do Castelo, Sé, Santo Estevão e São Miguel (Alfama), São Cristóvão e São Lourenço, Madalena, Socorro (Mouraria), Santiago, Santo André e Santa Marinha (Graça), Pena, São José, Encarnação, Santa Catarina e São Paulo (Bairro Alto e Bica), Mercês, Sacramento e Lapa; (iii) o segmento mais novo da cidade, posicionado em torno daquela cintura, uma zona de transição entre o espaço urbano setecentista e oitocentista, que sofreu um enorme crescimento populacional e incluiu Santos (Madragoa), São Mamede, Santa Isabel, Belém, Alcântara, Ajuda, Benfica, Ameixoeira, Santa Engrácia, Beato, Olivais, Anjos, São Sebastião, Charneca e Arroios.

#### 6.1. O Bairro de São José<sup>65</sup>

Em traços largos, presentemente, o contexto espacial do Bairro (lisboeta) de São José é constituído pelo Marquês de Pombal (a Norte), pelos Restauradores, Rossio e Terreiro do Paço (a Sul), pelo Campo dos Mártires da Pátria (a Este), pelos Bairro Alto e Príncipe Real (a Oeste). O bairro, que se encontra incluído na Freguesia de Santo António, é fragmentado pela Avenida da Liberdade em ambos os seus diferentes lados: o lado Este e o lado Oeste.

<sup>65</sup> “Identificar os bairros de uma cidade (...) conduz a uma necessária articulação entre outras realidades locais, de maior ou menor escala, como sejam as unidades administrativas ou as unidades de vizinhança (...) Tanto uma como a outra parecem (...) ser unidades mais facilmente identificáveis do que o bairro: as *freguesias* têm fronteiras claras, traçadas no mapa com um rigor cartográfico; as vizinhanças correspondem a *nós de interacção vicinal*, mais pequenas do que o bairro.” (Cordeiro, 1997, 39-40). Presentemente, os bairros, territórios espaciais e sociais aproximativos, integram, exclusivamente, o domínio da tradição oral (Cordeiro, 1997). A pesquisa no Bairro de São José conduziu a um traçado do espaço urbano do bairro e da sua sociedade que, em relação à antiga Freguesia de São José, excluiu a parte contígua da Avenida da Liberdade, integrante da delimitação espacial dessa antiga freguesia, bem como os residentes desta avenida.



Figura 2 – Parte do enquadramento espacial do Bairro de São José (2013)  
(com o Arco da Rua Augusta, à esquerda, e uma fração da Praça dos Restauradores, à direita)

No quadro do acompanhamento arqueológico de uma obra na Rua do Passadiço, situada no lado Este do Bairro de São José, no ano 2011, foram descobertos vestígios de uma ocupação que preencheu os arrabaldes da Olissipo Romana, durante o apogeu desta cidade, nos séculos I e II d.C.. Nos séculos V a VII, ocorreram as invasões bárbaras de Lisboa, feitas por povos como os Alanos (iranianos) e os Visigodos (germânicos) e, no decurso do século VIII, os muçulmanos (árabes) conquistaram Lisboa. A artéria que tem o início nas Portas de Santo Antão, localizadas (a Este) nas proximidades do Rossio, e continua no sentido Norte foi, durante muitos séculos, uma das principais zonas de entrada em Lisboa e existiu, igualmente, na época romana. Entre a mesma artéria e o espaço onde foi construída a Avenida da Liberdade correu, ainda no século XII (já Portugal constituía um reino), o Rio de Valverde, que intercetou o braço do Rio Tejo, mais amplo que atualmente, existente no Rossio. Os campos de Valverde foram cultivados com hortas, que abasteceram a cidade, tendo emergido destas circunstâncias as designações “Hortas de Valverde”, “Sítio de Valverde”, “Caminho entre as Hortas” ou, apenas, “Entre as Hortas”.

Já no início do século XV foi fundado o *Convento de Santo Antão*, localizado no atual Largo da Anunciada e pertencente aos *Frades Agostinhos Descalços de Santo Antão*. Em 1539, os frades trocaram o convento com as *Freiras Dominicanas de Nossa Senhora da Anunciada*<sup>66</sup> e, com a entrada das freiras, o nome do convento passou a ser *Convento da Anunciada*. Depois deste convento seguiu uma rua muito comprida – que constitui um segmento da artéria antes mencionada e, atualmente, é denominada Rua de São José, uma das ruas presentes no lado Este do Bairro de São José – flanqueada por quintas de certos elementos da nobreza, que se acredita terem escolhido a zona extramuros da Cerca Fernandina por ser menos densificada em termos

<sup>66</sup> O Palácio dos Andrade, totalmente destruído pelo Terramoto de 1755, foi mandado edificar por Fernão Alvares de Andrade e localizou-se em frente ao convento. O convento, por seu turno, sofreu uma remodelação patrocinada por Fernão Álvares de Andrade, para acolher as freiras provenientes do seu primitivo convento na Mouraria.

de construções. Previamente, em 1537, iniciou-se a primeira confraria portuguesa, a *Confraria de São José* (da *Igreja de Santa Justa e Santa Rufina*) e, passados nove anos, a confraria mudou-se para o espaço denominado “Entre as Hortas” e, mais especificamente, para a *Capela de São José de Entre as Hortas* ou *Capela de São José dos Carpinteiros*, disposta, um pouco a Norte do *Convento da Anunciada*, na atual Rua de São José. Em 1567, esta capela transformou-se na igreja paroquial da, então, recém-criada Freguesia de São José de Entre as Hortas<sup>67</sup>. Em 1755, o terramoto destruiu a fachada desta capela e a irmandade mandou construir a presente fachada. Ulteriormente, em 2013, deu-se uma reabertura da capela, após alguns anos de encerramento.



Figura 3 – Imagem do Patriarca de São José na fachada da *Capela de São José dos Carpinteiros* (2014)

Antes disso, o *Convento da Anunciada* ruiu, completamente, com o Terramoto de 1755. Como o terreno ocupado pelo convento destruído pertencia às *Freiras Dominicanas de Nossa Senhora da Anunciada*, a *Irmandade do Santíssimo Sacramento* comprou-o a estas. Edificada por esta irmandade para sede de freguesia, que, desde 1567, estivera na *Capela de São José dos Carpinteiros*, a construção da *Igreja Paroquial de São José da Anunciada* teve o seu início em 1863 e terminou em 1883. Seguidamente, com a instauração da República Portuguesa, em 1910, surgiram as juntas de freguesia. A emergência das juntas de freguesia, tal como as conhecemos hoje, constituiu um resultado da dissociação entre Estado e Igreja – em que a Igreja perdeu a importância que possuiu anteriormente na ordenação dos quotidiano das suas comunidades – e formalizou a abolição das juntas de paróquia, mas foram conservadas as mesmas delimitações territoriais.

<sup>67</sup> Antes, no final do século XII, tinham emergido as dez primeiras freguesias da Lisboa cristã, que ocuparam um terreno delimitado, tendo como ponto mais fundamental a *igreja matriz* ou a *sede paroquial*, e cujos elementos contribuíram para a ordenação do quotidiano dos residentes locais. “Embora esta unidade – freguesia/paróquia – corresponesse, em tempos, a um segmento de população que com ela mantinha uma ligação de pertença e de identificação, a verdade é que, cada vez mais, se foi transformando numa mera unidade administrativa. Os bairros oficiais, que posteriormente surgiram, definiram unidades de dimensão intermédia entre a unidade mínima administrativa – a freguesia ou paróquia – e o conselho (...).” (Cordeiro, 1997, 42-43).



Figura 4 – Parte superior da *Igreja Paroquial de São José da Anunciada* (2014)

A Freguesia de Santo António emergiu no contexto da reorganização administrativa de Lisboa, que entrou em vigor após as eleições autárquicas de 2013, e resultou de uma conjugação das antigas freguesias de São Mamede, do Sagrado Coração de Jesus e de praticamente toda a antiga Freguesia de São José (tendo uma pequena fração sido introduzida na recente Freguesia de Arroios). Os profissionais da *Junta de Freguesia de Santo António* estão distribuídos pelos edifícios das (três) antigas juntas de freguesia, que constituem, agregadamente, esta nova junta de freguesia. Mas o Bairro (histórico) de São José mantém-se no imaginário dos residentes.

#### **6.1.1. As populações e os espaços urbanos do lado Este do Bairro de São José**

Nas palavras dos residentes idosos do lado Este do Bairro de São José, um segmento das edificações, posicionadas do mesmo lado do bairro, foi fruto da reconstrução pombalina da cidade de Lisboa. No início de 1800, parte da cidade estagnou ou moderou o seu crescimento, sobretudo, como resultado das invasões francesas (que ocasionaram a radicação no Brasil da família real e da sua corte), da Revolução Liberal do Porto (que ocasionou o regresso a Portugal de muitos daqueles indivíduos que se haviam radicado no Brasil e o princípio da Monarquia Constitucional) e da Guerra Miguelista (que ocasionou o segundo reinado da constitucionalista Dona Maria II). Foi, essencialmente, a partir dos anos 1880, já no reinado de Dom Luís I, que esta cidade cresceu, repentinamente, tanto em área, por ampliação dos seus anteriores limites administrativos, como, gradativamente, em população, à custa da entrada, mais proeminente no centro da mesma cidade, de frescos residentes, uma realidade populacional que, hoje, apresenta contornos muito diferentes (Cordeiro, 1997):

“(...) Em 1864 mais de metade da população de Lisboa vivia no centro da cidade (...) Os bairros situados na zona antiga da cidade sofreram, na passagem do século, um processo de densificação que se traduziu em prédios a crescer em altura, traseiras e pequenos espaços livres a povoarem-se de habitações mais ou menos precárias e inúmeros andares a fragmentarem-se em

‘partes de casa’ e/ou quartos, albergando várias famílias. Hoje, este mesmo centro da cidade transformou-se num espaço (...) onde se assiste ao envelhecimento progressivo da sua população (...)” (Cordeiro, 1997, 60).

Como na maioria das cidades, aquele crescimento da capital portuguesa (e o equilíbrio dos seus saldos fisiológicos negativos ou superficialmente positivos) deveu-se a uma população migrante, ou seja, aos numerosos provincianos que ali chegaram em busca de uma vida melhor (cf. Cordeiro, 1997), nem sempre encontrando as melhores condições de vida:

“Com projetos mais ou menos definidos de instalação definitiva ou sazonal ou de passagem para as *Américas*, estes migrantes foram-se fixando e repovoando os velhos bairros de Lisboa, nas suas casas antigas e, por vezes, já degradadas, abandonadas e/ou subalugadas por anteriores ocupantes que se haviam mudado para áreas mais nobres de uma Lisboa que crescia ao longo da Avenida da Liberdade em direção às Avenidas Novas e em recentes urbanizações, como por exemplo Campo de Ourique.” (Cordeiro, 1997, 57).

Presentemente, o centro da designada Área Metropolitana de Lisboa não só comprehende uma população envelhecida, como também comprehende uma população menos numerosa:

Em 1900, a capital comprehendeu (...) cerca de 73% da população da área que virá a constituir a chamada Área Metropolitana de Lisboa. A barreira dos 70% será uma constante, já oriunda do século transacto (1890, 72,60%) e que irá sofrer progressiva erosão a partir dos anos 40, quedando-se em 1950 nos 67,69%, caindo abaixo dos 59% em 1960, à volta dos 45% em 1970, dos 35% em 1981 e nos 29% em 1991.

As posições invertem-se. Da dominação de  $\frac{3}{4}$  da população da sua área contígua, o centro da metrópole conserva no seu interior, cem anos depois, pouco mais de  $\frac{1}{4}$  das gentes que vivem na sua Área Metropolitana (...)” (Baptista, 1994, 59).

Contudo, apesar das cidades centrais perderem habitantes, relativamente às zonas mais periféricas, no que concerne ao turismo, é o centro urbano que domina a área metropolitana. A sua história, o seu património e as suas qualidades inigualáveis, a sua herança arquitetónica e os seus conjuntos de comodidades formam vantagens encantadoras para o destino dos turistas (Hoffman, Fainstein e Judd, 2003). Esta questão é evidente no turismo das imediações do Bairro de São José (ver Anexo A, páginas 302 a 310, com uma descrição da Avenida da Liberdade).

Porém, no lado Este do Bairro de São José, tal como no lado contrário, as ruas são muito inclinadas e as edificações não possuem elevador, o que forma as componentes mais essenciais de um espaço urbano íngreme. A malha urbana do bairro é apertada, devido ao acanhamento das ruas e ao encavalitado das edificações, tendo as mesmas edificações, sobretudo, três, quatro ou cinco andares ocupados com apartamentos que têm (duas a quatro) assoalhadas exíguas<sup>68</sup>, o que forma as componentes vitais de um espaço urbano estreito. No contexto espacial do lado Este do bairro, estas questões, conjugadas com o facto de que os lugares de estacionamento (e os edifícios com garagem) são praticamente inexistentes, limitam a entrada ou a permanência,

<sup>68</sup> Alguns prédios contêm, no piso térreo, habitações com terraços de dimensões reduzidas ou com quintais maiores, onde foram plantadas algumas árvores, flores e outras plantas e onde, por vezes, foram, ainda, construídas piscinas pequenas. Em alguns destes quintais, situados, nomeadamente, na Rua da Fé, existiram coelheiras e galinheiros.

no mesmo lado do bairro, de residentes com menores idades e maiores recursos económicos (tendencialmente, proprietários de um automóvel) e limitam, igualmente, as visitas demoradas dos familiares dos idosos residentes. Por conseguinte, os residentes deste lado do bairro, são, especialmente, idosos com idades avançadas e baixos recursos económicos (ou rendimentos inferiores a 600 euros), que estiveram incluídos, sobretudo, na categoria socioprofissional dos empregados executantes, sendo que observámos, unicamente, um pequeno número de adultos, com os mesmos recursos económicos, tal como um pequeno número de crianças e adolescentes. No entanto, do mesmo lado Este do Bairro de São José existe um número reduzido de prédios devolutos, que não se destacam do conjunto espacial.

Além disso, certas ruas do mesmo lado do bairro foram requalificadas. Em 2011, quinze anos após serem encontrados os primeiros problemas, foram realizadas obras de requalificação na Rua da Fé. Antes, a Rua de São José, cujos problemas começaram a ser detetados em 1947, sofreu obras de requalificação. Recentemente, algumas outras ruas, como a Rua do Passadiço, a Rua do Carrião, a Rua da Esperança do Cardal e a Rua da Metade foram, completamente ou parcialmente, intervencionadas.



Figura 5 – Rua do Passadiço, Rua do Carrião e Rua da Esperança do Cardal (2013)  
(da esquerda para a direita)

Contudo, nem sempre as estradas se acharam calcetadas ou alcatroadas, para facilitar a circulação automóvel, e nem sempre as estradas foram acompanhadas de passeios com calçada à portuguesa, para os indivíduos andarem mais confortavelmente. Quando certos idosos com quem conversámos vieram morar para o bairro as ruas eram muito diferentes:

“Entrevistador: E as ruas eram também assim [em 1956]?

Entrevistado: Ai eram péssimas, então esta minha rua [a Rua da Metade]... Andaram cá uma quantidade de homens da Câmara, da Câmara [Municipal de Lisboa], mas foi já o Vasco [Morgado – Presidente da Junta de Freguesia de Santo António] que tratou disso... vieram para aqui uma quantidade de homens, num dia fizeram esta rua toda até lá a cima, puseram pilares e tudo, tudo, era uma quantidade de homens aí a trabalhar...

Entrevistador: As ruas eram piores?

Entrevistado: Ai, era pé em baixo, pé em cima, pé em baixo, pé em cima, as ruas eram péssimas (...)” (Natália Guerra, ex-residente do lado Este do Bairro de São José).

Do lado Este do Bairro de São José, mais pacato e mais tranquilo do que o lado Oeste (ver Anexo A, páginas 310 a 313, com uma descrição das características históricas, espaciais e sociais do lado Oeste do bairro), quanto aos indivíduos que o frequentam e às organizações aí instaladas, estão situadas a *Capela de São José dos Carpinteiros*<sup>69</sup>, a *Igreja Paroquial de São José da Anunciada* e a sede da *Junta de Freguesia de Santo António*<sup>70</sup>. Também do mesmo lado do bairro, mais precisamente na Calçada do Lavra, existe o *Elevador do Lavra*, um funicular de transporte coletivo, inaugurado em 1884, que é o elevador mais antigo da cidade de Lisboa e faz a ligação entre o Largo da Anunciada e a Rua Câmara Pestana. O mesmo lado compreende, para além disso, o espaço do antigo *Cinema Odéon*, inaugurado nos anos 20 do século XX, que conteve duas entradas muito próximas do *Teatro Politeama* e do *Salão Olympia*.

No curso das décadas de 1930 e 1940, o lado Este do Bairro de São José englobou certas diferenças relativamente ao presente, visto que estiveram, grandemente, patentes as tabernas, que, entretanto, passaram a funcionar como restaurantes, e também existiram bastantes lojas de penhores, como reportou Francisco Ferreira:

“O comércio está todo mais ou menos na mesma (...) os estabelecimentos, praticamente, são quase todos os mesmos, o que havia é o que há, uns mudaram de taberna para restaurantes, por exemplo, um que há aqui ao fundo da Travessa Larga, que é o ‘Cartachinho’, que é o meu restaurante, trabalha muito bem, mas isso era uma taberna, vendia vinho ao balcão e por aí fora, hoje é um restaurante e bom. E o resto é tudo restaurantes que já haviam, mercearias, os que não eram restaurantes eram mercearias, algumas frutarias, haviam drogarias, drogarias haviam aí umas quantas e o resto está tudo mais ou menos na mesma... e haviam casas de penhores, que era o que havia naquele tempo, porque havia muita miséria e depois as pessoas empenhavam um lençol, uma dúzia de pratos, um faqueiro e era assim que vivia a maior parte das pessoas, era com as casas de penhores, depois iam pagando aos poucos com os juros, depois quando tinham tudo levantavam os objetos, mas havia miséria (...)” (ex-residente do lado Este do Bairro de São José).

<sup>69</sup> No lado Este do Bairro de São José foi, também, construída, em 1570, a *Igreja do Convento de Santo António dos Capuchos*, que, atualmente, alberga o *Hospital de Santo António dos Capuchos*.

<sup>70</sup> Próxima da *Igreja Paroquial de São José da Anunciada* existe a *Leitaria da Anunciada*, que foi uma vacaria, a *Vacaria da Anunciada*, onde os residentes do Bairro de São José compraram leite. Esta leitaria mantém algum do traçado arquitetónico de exteriores e interiores, que pertenceu à antiga vacaria, como um painel exterior de azulejos e os arcos interiores, mas está, praticamente, sempre vazia, o que, segundo o seu proprietário idoso, comprova, de resto, que o Bairro de São José está envelhecido. Também a *Leitaria Francesa*, que está situada muito próximo da sede da *Junta de Freguesia de Santo António* e é gerida por um adulto residente no bairro, se encontra, geralmente, quase vazia. Este esvaziamento dos cafés-leitarias ocorreu uma vez que a população do bairro envelheceu, mas também uma vez que os idosos residentes só os frequentam esporadicamente, frequentam-nos, mais assiduamente, em pequenos grupos ou não os frequentam de todo.

Deste lado do bairro existiram, ainda, muitas lojas de antiguidades, das quais se mantêm muito poucas, e mais lojas de comércio tradicional (talhos, mercearias, drogarias, etc.), entre as últimas encontrou-se uma loja de carvoeiro, cuja história não foi esquecida por certos residentes idosos do bairro e, mesmo, das proximidades do bairro, como demonstra o próximo excerto de Alice Simões (residente do Bairro do Sagrado Coração de Jesus):

“E lá em baixo em São José também havia muito comércio, casas de antiguidades, estrangeiros que se viam ali na rua porque vinham ver aquelas casas de antiguidades, havia lá uma quantidade de casas de antiguidades na Rua de São José (...) com coisas lindíssimas, antigas, haviam talhos, haviam essas coisas todas, ainda lá estão duas mercearias, que é a do Ribeiro e a do Zé, em baixo, para baixo também haviam mercearias, haviam tabernas, havia lá um carvoeiro à esquina (...) chamavam-lhe o Carvoeiro do Ladrão porque ele roubava no carvão, pesava o carvão mal (...) Quando foi a guerra (...) lá da Alemanha... tínhamos que ir para a bicha do pão, para a bicha do azeite, para a bicha do açúcar, para a bicha do carvão, para a bicha do petróleo (...) era só um litro. Uma vez fui para esse carvoeiro com a minha irmã (...) éramos miúdas, e fomos para lá para ver se cada uma apanhava seu litro de petróleo e, então, quer dizer, aviaram-me a mim o litro de petróleo e depois houve lá uma que disse: ‘Elas são irmãs!’. Elas são irmãs e a minha irmã já não trouxe, pois, quer dizer, em lugar de trazermos dois litros trouxemos um litro de petróleo.”.

Francisco Ferreira lembrou-se, identicamente, deste carvoeiro quando nos contou como foi o lado Este do Bairro de São José nos tempos passados:

“De resto, havia aqui um carvoeiro muito rico que vendia o carvão aqui para a Avenida da Liberdade, para aquela gente rica, abastecia-se toda aqui, e fez aí uns prédios que estão aí ainda (...) A gente chamava-lhe o Carvoeiro Ladrão, o Zé Ladrão, porque ele no carvão que mandava para a Avenida da Liberdade... os empregados... metia pedras dentro do carvão, fazia muita malandrice.” (ex-residente do lado Este do Bairro de São José).

Nos primeiros tempos de existência, a *Loja da Carne*, situada na Rua das Pretas, acolheu o fabrico de salsicharia e vendeu carne, sendo, hodiernamente, apenas um talho. O seu atual proprietário idoso conheceu o funcionamento do talho há mais de 60 anos, quando trabalhou aí como empregado. Este talho resistiu ao enfraquecimento das lojas de comércio tradicional do bairro, designadamente nesse ramo comercial, manifesto no encerramento de outros talhos das proximidades, mas ressentiu-se com a emergência dos supermercados e com as mudanças que surgiram no bairro relativamente aos que ali habitam. À semelhança deste senhor, o proprietário idoso da “Mercearia do Senhor José”, situada na Rua de São José, trabalhou aí inicialmente na modalidade de entregas ao domicílio e queixou-se das idades avançadas dos residentes idosos e de uma certa desertificação no povoamento do espaço urbano, que ocasionam a existência de um número menor de clientes. Ainda assim, estas duas lojas são frequentadas por muitos idosos residentes deste lado, o que também acontece com uma peixaria situada na Rua da Fé. De modo geral, os proprietários e empregados das lojas de comércio tradicional do bairro estão integrados nas redes de sociabilidade de bairro e certos residentes idosos (a quem, por vezes, dão pequenos apoios instrumentais, quando, por exemplo, lhes vendem fiado) consideram-nos seus amigos.



Figura 6 – Rua das Pretas (à esquerda) e Rua da Fé (à direita) (2014)

“Num bairro com carências sociais e habitacionais como as que existem em Alfama, as juntas de freguesia são fundamentais para muita gente.” (Costa, 1999, 325). Também a *Junta de Freguesia de Santo António* se encontra nestas mesmas condições, no entanto, salientamos aqui, mais detalhadamente, as iniciativas desta junta de freguesia que estão direcionadas para a população idosa residente no Bairro de São José (mas não exclusivamente para esta população). A mesma *Junta de Freguesia de Santo António*, cuja sede se posiciona no lado Este do Bairro de São José, tem um funcionamento importante para os idosos residentes desse lado, dos quais a maioria possui carências escolares e económicas, tendo, simultaneamente, poucos momentos de divertimento e sociabilidades, mas é, também, importante para certos idosos residentes do lado contrário, que se encontram nestas circunstâncias. Este funcionamento é materializado em apoios dirigidos à população de idosos carenciados, cujos mais importantes vamos descrever já de seguida, sendo de destacar, igualmente, os apoios económicos propriamente ditos (como o suplemento económico para quem recebe reformas mínimas), bem como outros apoios, dados, essencialmente, por meio dos *Serviços de Atendimento Geral*, no manuseamento e na obtenção de receitas médicas e atestados médicos, na marcação de consultas, no pagamento de contas e outros modos de intermediação com o exterior (ver também Costa, 1999)<sup>71</sup>.

Para além disso, o *Núcleo Criativo de Santo António* foi concebido pela antiga *Junta de Freguesia de São José*, ao longo do quadriénio 2009/2013, com o objetivo de construir novos modos de intercâmbio, formação e desenvolvimento de redes sociais e, deste modo, enfraquecer o impacto da crise económica. O projeto mantém-se presentemente e rentabiliza alguns espaços inutilizados de certos edifícios que constituem a atual junta de freguesia, assim como estabelece acordos com empreendedores que ocupam os mesmos espaços. Estes empreendedores têm um

<sup>71</sup> Em 2013, com a reorganização administrativa de Lisboa, as juntas de freguesia abraçaram frescas competências, como são as lavagem e varredura de ruas, a manutenção da sinalização (horizontal e vertical) e o licenciamento de proximidade do espaço urbano público, assim como a manutenção dos espaços verdes.

apoio, em termos de espaços, para que as microempresas sejam bem-sucedidas e fazem uma prestação de serviços à junta de freguesia, que consegue abraçar iniciativas de modo mais eficaz sem sobrecarregar o seu orçamento, bem como prestam serviços à comunidade, com a qual se envolvem e relacionam. Diferentes microempresas passaram pelo núcleo criativo, como, por exemplo, a *Academia de Palco*, a *Askyourwish*, o *Gabinete de Arquitetura Casa Eco + Cor*, a *Pinhead*, a *Mar do Sul Produções*, o *Festival A Monstra* e a *Login for Love*, mas propomos expor aquelas cujo funcionamento mais acompanhamos.

Foi o caso da *Oficina de Costura Criativa* que, tendo inspiração no mundo das *Arts & Crafts* e da costura contemporânea, disponibilizou serviços de arranjos e confeções de roupa a baixo custo e, igualmente, um conjunto de outros serviços mais complexos, como os *workshops* de corte e costura, as produções e o *redesign* de roupa<sup>72</sup>. Contudo, a microempresa abandonou as instalações da junta e, uma vez que, em 2011, a antiga *Junta de Freguesia de São José* tinha criado o *Banco Alimentar São José +*, uma iniciativa destinada às famílias identificadas pelo *Programa de Ação Social São José +*, este projeto foi reformulado, em 2016, na criação de uma *Mercearia Social*<sup>73</sup>. Por intermédio da atribuição de um determinado montante em dinheiro (virtual) às famílias carenciadas, mediante o rendimento do agregado doméstico, esta mercearia disponibiliza um conjunto de bens que passam pelos alimentos, produtos de higiene e limpeza, roupas, brinquedos, etc. e são doados por certos comerciantes locais (como, por exemplo, certos proprietários dos restaurantes da freguesia).

Finalmente, outra microempresa que acompanhamos chama-se *Coffeexpress* e funciona nas instalações do *Centro Social Laura Alves*, tendo como objetivos fundamentais confeccionar almoços (a preços reduzidos) na cozinha do centro social para os residentes idosos da freguesia e as pessoas que trabalham profissionalmente na junta de freguesia, tal como servi-los no espaço do centro ou entregá-los ao domicílio. A responsável desta microempresa inspirou os moldes das entregas ao domicílio nos serviços de *room-service* que se fazem nos hotéis, porque tem experiência profissional no ramo da hotelaria, mas ajustou a fonte de inspiração às realidades da freguesia. Os residentes idosos da freguesia são os que mais ganham com esta microempresa, bem como os empregados da junta e outros indivíduos que lá trabalham nos seus projetos.

<sup>72</sup> Outro caso que acompanhamos foi a microempresa *Vestidas para Vencer*, assente num conceito desenvolvido, originalmente, por uma organização norte-americana de nome *Dress for Success*, que promove a independência económica de mulheres com poucos recursos económicos, por intermédio do aconselhamento e da atribuição de instrumentos que encorajam e nutrem o sucesso no trabalho e no quotidiano.

<sup>73</sup> A esta mercearia social, de nome *Valor Humano*, juntam-se outros apoios alimentares, baseados no *Programa Desperdício Zero*, nas doações do *Supermercado Pingo Doce* e nas parcerias com as paróquias da freguesia.

O *Centro Social Laura Alves* abriu em 2011 e, logo neste ano, incluiu atividades, como as aulas de Expressão Plástica<sup>74</sup>, Português<sup>75</sup> e Ginástica para idosos, sendo integrados, passado sensivelmente um ano, o *Projeto Vassouras & Companhia* e a microempresa *Coffeexpress*. Este centro disponibiliza, também, uma lavandaria e espaços para banhos, que estão direcionados, sobretudo, para os residentes que necessitam destes serviços. Acham-se também aqui integradas microempresas pertencentes ao *Núcleo Criativo de Santo António*, sendo de destacar, em 2016, uma microempresa destinada às sessões de acupuntura e algo usada pelos idosos residentes.

As aulas de Ginástica são, presentemente, aquelas que os idosos residentes no (lado Este do) Bairro de São José mais utilizam e são lecionadas a um ritmo confortável e muito dinâmico. Quando começámos o trabalho etnográfico assistiram a estas aulas entre sete a dez idosos, dos quais dois foram do género masculino e, ulteriormente, assistiram quatro idosas e um idoso. Ali podem ouvir-se diversas músicas de Louis Armstrong, da banda sonora do filme *Hair* e, mesmo, de bandas contemporâneas. Os exercícios incluem respiração controlada em consonância com movimentos lentos, mas, para além disso, fazem-se exercícios de Ginástica e dança-se. No fim de 2015, as aulas foram transferidas para uma sala maior, localizada no lado Oeste do Bairro de São José, começaram a incluir exercícios de colchão e continuaram a ser frequentadas pelos mesmos (cinco) utentes idosos.



Figura 7 – Exercícios de Ginástica e Dança numa aula de Ginástica (2013)

O *Vassouras & Companhia*<sup>76</sup> funciona, igualmente, no quadro do *Centro Social Laura Alves*. Este opera, essencialmente, junto da população idosa da freguesia, durante sete horas e

<sup>74</sup> O membro mais importante da microempresa *Oficina de Costura Criativa* lecionou, em 2011 e 2012, as aulas de Expressão Plástica da antiga *Junta de Freguesia de São José*. A estas aulas assistiram entre cinco a sete idosas. Nestas mesmas aulas construímos a maior boneca de trapos do mundo, para concorrer ao *Livro do Guinness*.

<sup>75</sup> Às aulas de Português assistiram, no ano letivo 2011/2012, entre quatro a seis idosos, dos quais apenas um foi do sexo masculino. Após os primeiros meses de 2012, alguns idosos souberam quase escrever o nome e os outros idosos fizeram não somente cópias, ditados e perguntas sobre o texto, como também certas perguntas de gramática.

<sup>76</sup> Este projeto, atualmente coordenado pelo *Departamento de Ação Social*, foi nomeado para um dos prémios do *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações* (2012).

meia de cada dia útil, e tem diversas funcionalidades que respeitam, especialmente, não só aos grandes e pequenos apoios simbólicos (apoio moral e convivialidades em situações delicadas e rotineiras) como também aos pequenos e grandes apoios instrumentais (prestação de serviços). Quanto aos pequenos apoios instrumentais, os elementos que o constituem marcam consultas aos idosos, compram-lhes medicamentos (e, então, complementam os *Serviços de Atendimento Geral* da junta), acompanham-nos ao hospital, ao jardim, à igreja... Quanto aos grandes apoios instrumentais, os mesmos elementos estão presentes no quotidiano de certos idosos residentes na freguesia, realizam-lhes os trabalhos domésticos, ajudam-nos a tomar as refeições, tratam da sua higiene, tendo uma vertente de apoio domiciliário a idosos dependentes, e acompanham-nos, por exemplo, ao *Centro Social Laura Alves*. Contudo, as limpezas domésticas são, algumas vezes, realizadas uma vez por semana, entrando, logo, nos pequenos apoios instrumentais. Não obstante a multiplicidade dos apoios dados, que se desenvolvem segundo um regime gratuito, o *Vassouras & Companhia* efetua, principalmente, visitas domiciliárias.



Figura 8 – Duas idosas que receberam apoios do *Vassouras & Companhia* (2014)

Originalmente, quando da criação, o *Vassouras & Companhia* incluiu cinco mulheres e contou, além disso, com a participação de um homem que fez os arranjos de estores, sanitas, cortinados, enfim, o que aquelas mulheres não conseguiram fazer. Mais recentemente, o projeto foi enriquecido com a integração de dois motoristas e vinte e sete auxiliares, distribuídas em equipas de duas mulheres e organizadas por uma coordenadora que ocupa estas funções desde o início do projeto. No começo de 2016, o projeto apoiou, sensivelmente, vinte e cinco idosos residentes no Bairro de São José, que possuíram idades compreendidas entre setenta e oito anos e noventa anos, algum grau de dependência, baixos recursos económicos (reformas inferiores

a 600 euros) e restrições familiares, quanto aos apoios obtidos (de menos de três parentes) nesse momento, assim como estiveram, frequentemente, em situações de viuvez e monoresidência.



Figura 9 – Parte da equipa do *Vassouras & Companhia* (2014)

As atividades que se desenvolvem no quadro espacial das instalações da sede da *Junta de Freguesia de Santo António* e do *Centro Social Laura Alves* acrescem outros eventos menos quotidianos, encabeçados pela mesma junta, que são um modo de ajudar os idosos a divertirem-se e a conviverem uns com os outros. São alguns exemplos os passeios (como os que decorrem na *Ação Praia Campo Sénior*), as feiras (a *Feira da Alegria*, a *Feira do Bem-Estar*, etc.) e os encontros em formato de festas (o *Arraial Solidário*, os almoços, etc.), tendo alguns idosos sido convidados, durante os primeiros anos de trabalho etnográfico, para assistir a certos espetáculos (como os espetáculos de revista no *Parque Mayer*, o concerto de fado na *Casa da Comarca de Arganil*, etc.).

A *FeirAlegria*, onde se vendem objetos de artesanato e outros materiais, foi criada em 2007 e ocorre, anualmente, na Praça da Alegria. A antiga *Junta de Freguesia de São José* criou, também, a *Feira do Bem-Estar*, outra feira anual que aconteceu, em 2011, no Jardim do Torel e, em 2012, na Praça da Alegria<sup>77</sup>. O *Arraial Solidário* foi iniciado em 2012<sup>78</sup>, por ocasião das festas dos santos populares, e foi subordinado ao tema “São José e Santo António batem-te à porta”. O motivo para a adoção do mesmo tema foi a iniciativa de levar sardinhas e caldo verde a casa dos residentes idosos que não tinham oportunidade de estar presentes no arraial. Mais recentemente, a *Junta de Freguesia de Santo António* passou a organizar uma *Praia Urbana* no

<sup>77</sup> Em 2012, fez-se uma passagem de modelos com certas freguesas idosas, que usaram roupas bonitas e cabelos penteados por um cabeleireiro do bairro e, depois, todos elegeram a mais bonita; fez-se um sorteio de adereços e ofereceram-se presentes aos idosos que quiseram estar na feira. Em duas tendas, estiveram representadas algumas entidades que trabalhavam com a junta. No ano anterior também houve a eleição da Miss Torel 2011.

<sup>78</sup> O evento aconteceu num espaço contíguo às instalações da antiga junta (perto do Jardim do Torel) e foi filmado pela *RTP Informação*, em parceria com o *Instituto Universitário de Lisboa*, para o programa *Inovar é Fazer*.

Jardim do Torel, durante o tempo de verão, ao aproveitar o grande lago aí situado, que serve de piscina, e ao transportar areia da praia, cadeiras e chapéus para o local.

Contudo, a *Junta de Freguesia de Santo António* também fomenta parcerias com outras organizações, no sentido de apoiar os idosos residentes. Em 2011, a *Junta de Freguesia de São José* firmou um acordo com o *Holmes Place Avenida*, localizado muito perto do lado Este da Avenida da Liberdade, e começou a oferecer, uma vez por semana, um desconto nas aulas de Hidroginástica, decorridas nas instalações do ginásio, a residentes da antiga freguesia com mais de sessenta anos. Esta iniciativa permitiu que, no contexto das mesmas aulas de Hidroginástica, se formasse um grupo de idosas residentes no lado Este do Bairro de São José, que se mantém, nesse contexto, até aos dias de hoje.

No âmbito do recenseamento geriátrico da população residente na freguesia, realizado em 2013, a *Junta de Freguesia de Santo António* celebrou parcerias com a *Polícia de Segurança Pública (PSP)* e a *Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML)* – mais especificamente, o *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José* – com o objetivo de aconselhar e encaminhar os idosos que mais necessitam destas organizações.

O *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José* pertence à *Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML)*, localiza-se no Bairro do Sagrado Coração de Jesus e está focado nos residentes idosos deste bairro e do Bairro de São José. No centro de dia, além das funções deste tipo de centros, a monitora (integrada em 2010), geralmente, desenvolve atividades fixas, como sejam os *ateliers* de Culinária, as sessões de Movimento e as festas, no entanto, surgem outras atividades (móveis), por intermédio do contributo de voluntários<sup>79</sup>. Esta organização cria, também, vários passeios (culturais e de recreio) e disponibiliza serviços de lavandaria, apoio domiciliário a idosos dependentes e entrega de refeições ao domicílio.

As sessões de Movimento desenrolam-se com base na importância de proporcionar aos idosos momentos agradáveis, fomentar a coordenação e a concentração, bem como o exercício físico (regular e saudável). Para o cumprimento destes objetivos, a monitora conduz os idosos na realização de movimentos lentos (de pés, pernas, mãos, braços e pescoço) com respiração controlada, os quais são acompanhados ao som de músicas, preferencialmente, com ritmos algo acelerados, como as músicas de Bob Sinclar. Os *ateliers* de Culinária, por sua vez, têm o intento

<sup>79</sup> Em 2013, o contributo de voluntários adolescentes promoveu aulas de Informática para certos idosos. Em 2015, as sessões de Movimento foram, excepcionalmente, dadas por um voluntário adolescente. Ainda em 2015, houve a “Leitura de um Conto” aos idosos interessados, realizada por um voluntário idoso. Também nas festas os artistas mostram o seu trabalho gratuitamente, como aconteceu, durante o trabalho etnográfico, por exemplo, com Gonçalo da Câmara Pereira e com os alunos da *Academia Sénior de São Domingos de Benfica*, dos quais observámos duas diferentes atuações nas modalidades de danças de salão e música popular portuguesa.

de exercitar as funções motoras dos idosos, por via do manuseamento dos ingredientes (partir os ovos, moldar a massa com colheres, etc.) necessários para os doces confeccionados, tal como a memória, por via da memorização das receitas próprias para cada doce.



Figura 10 – Momentos de uma sessão de Movimento e de um *atelier* de Culinária (2014)  
(da esquerda para a direita)

As atividades desenrolam-se em duas salas e numa cozinha, mas este centro de dia tem um pátio exterior, onde acontece uma parte da festa dos santos populares e onde certos utentes fumam um cigarro ou apanham ar. No início de 2016, o centro de dia, que tem uma lotação de vinte e quatro idosos, englobou dezanove idosos (sobretudo, residentes no Bairro de São José e no Bairro do Sagrado Coração de Jesus, mas englobou ainda uma residente nas proximidades de ambos os bairros), que tiveram idades compreendidas entre sessenta e seis e noventa e dois anos, e, apenas, um número reduzido possuía algum grau de dependência. Geralmente, estes idosos possuíram baixos recursos económicos e restrições familiares, quanto aos apoios obtidos (de um número inferior a três parentes) nesse momento, e estiveram em situações de viuvez e monoresidência. As mudanças na frequência do centro de dia, desde 2014 até 2016, não foram muito significativas, o que continua a acontecer presentemente, tendo-se verificado, em 2016, a saída de quatro idosos que foram institucionalizados em lares, a entrada de outros dois idosos e a permanência curta de uma outra idosa, licenciada no ramo artístico.



Figura 11 – Parte da área exterior do centro (2015)

### **6.1.2. Do passado para cá: mudanças nas relações sociais dos residentes idosos do lado Este do Bairro de São José**

Apesar da ausência de certas condições que já existem, presentemente, no espaço urbano do lado Este do Bairro de São José e dos baixos recursos económicos dos residentes, no segundo quartel do século XX, aconteceram sociabilidades consideráveis entre esses mesmos residentes, como relembrou Francisco Ferreira:

“Havia aqui pobreza, haviam aqui uns vizinhos muito pobrezinhos, aquele tempo era difícil, havia muita fome e esses tinham muita fome, aqui nesta casa a minha sogra, como vivia bem, matou a fome a muita gente e emprestou dinheiro a muita gente (...) A rapaziada era amiga, era tudo rapaziada mais ou menos pobre, mas era tudo amigo, jogávamos à bola, aos fins-de-semana íamos jogar à bola aí para fora de Lisboa, nós tínhamos aqui um clube de futebol pobre, mas tínhamos, tinha o nome da rua lá em baixo [Rua do Cardal de São José], *Cardal Futebol Clube*, ainda me recordo, equipamento amarelo, era a nossa distração porque o dinheiro também era pouco.” (ex-residente do lado Este do Bairro de São José).

Os residentes idosos deste lado reportaram que, nos anos 1960 e 1970, o movimento de pessoas nas ruas do bairro foi, significativamente, maior do que agora – devido não apenas ao povoamento dos residentes, mas também aos comerciantes existentes nas ruas durante aquele tempo – visto que, presentemente, as ruas se encontram quase vazias ou quase desertas, como se ninguém lá morasse ou lá trabalhasse, como contou Henriqueta Carvalho:

“Entrevistador: E como é que era São José quando veio para cá [em 1964]? Era assim como agora? (...)

Entrevistado: Olhe, havia mais gente, havia mais movimento na rua, haviam, por exemplo, os leiteiros a vender o leite, os padeiros a trazer o pão a casa, as peixeiros a vender o peixe na rua, era completamente diferente do que é hoje (...) quando era às cinco horas da manhã, aqui na Rua da Fé, já não se via senão gente por aí a baixo para ir para... as mulheres de limpezas e tudo, hoje não se vê ninguém.

Entrevistador: E onde é que haviam pessoas a vender o peixe e os legumes? (...)

Entrevistado: (...) Andavam pela rua a apregoar os pregões e apregoavam a fava rica e os figos, quando vinham com as canastas com os figos, vinham os da Malveira com as carroças, era uma vida completamente diferente como a noite do dia (...) Havia ainda as empregadas domésticas de farda e avental na rua (...)" (residente do lado Este do Bairro de São José).

Certos residentes idosos do mesmo lado consideraram que ali há muito pouco convívio intergeracional, comparativamente ao passado, visto que o número de adolescentes e crianças residentes é bastante reduzido: “Era diferente que haviam mais jovens, muito movimento, agora parece que está tudo morto, não se vê ninguém ao domingo, parece uma quinta que não se vê ninguém, era mais vivo, mais gente, agora não, está tudo muito velho, não há crianças, pouca criança...” (Manuela Gomes, residente do lado Este do Bairro de São José). Outros residentes idosos atribuíram a ausência de relacionamentos (inter e intra) geracionais entre os vizinhos não tanto ao envelhecimento da população residente no bairro, mas, sobretudo, ao renovamento

desta população<sup>80</sup> e, igualmente, aos elementos que consideraram orientar os relacionamentos contemporâneos, como afirmou Vítor Neves nesta passagem:

“Entrevistador: Como é que era o bairro quando veio para cá [em 1952]? O que mudou?

Entrevistado: As pessoas eram diferentes, eram, havia mais familiaridade, parece que as pessoas falavam mais umas às outras e até aqui na sociedade [Casa da Comarca de Arganil] havia bailes quase todos os dias, muita gente, famílias que vinham para aqui, e agora está fechado, não há nada (...) Eu tinha mais pessoas conhecidas, agora já não tenho, não é. Hoje as pessoas estão todas desumanizadas, às vezes nem bom dia nem boa tarde nem nada, cruzam-se todos os dias, mas não se conhecem.

(...) Entrevistador: Porque é que acha que não tem tantos amigos no bairro e, por outro lado, porque é que o bairro deixou de ser tão bairro?

Entrevistado: Essas coisas às vezes acontecem sem a gente dar por isso, a idade vai passando, o tempo vai passando (...) uns dispersam-se, outros morrem, deixam de ligar e é assim.” (residente do lado Este do Bairro de São José).

De uma parte, os residentes idosos deste lado, com quem conversámos informalmente e formalmente, consideraram que o Bairro de São José é um bairro, contudo, de uma outra parte, estes idosos consideraram, também, que o Bairro de São José é, definitivamente, menos bairro do que foi no passado, como mostra o seguinte excerto:

“Entrevistador: Portanto, talvez antigamente São José fosse mais bairro do que agora...

Entrevistado: Era mais bairro que agora, era muito mais, as pessoas saíam mais, as pessoas conviviam mais umas com as outras, das janelas falava-se e agora não se fala com ninguém, é verdade.” (Henriqueta Carvalho, residente do lado Este do Bairro de São José).



Figura 12 – Mesmo assim, presenciamos e entrámos em conversas de janela (e quisemos retratá-las) (2013/2014)

Segundo os testemunhos dos idosos residentes do lado Este do Bairro de São José, estes mesmos idosos, quando vieram morar para o bairro, começaram a alimentar laços amicais e de conhecimento com residentes no bairro e parece-nos que, como disse Costa (1999), o aperto da malha urbana, a proximidade dos fogos e os tamanhos reduzidos das habitações favoreceram o povoamento das ruas, as grandes intensidades relacionais, as elevadas densidades das redes de

<sup>80</sup> Observámos que emergiu uma ocupação habitacional, relativamente recente, do lado Este do Bairro de São José constituída, essencialmente, por adultos chineses, brasileiros e indianos, que não se acham integrados nos grupos de idosos residentes no mesmo lado do bairro.

vizinhança e, geralmente, das redes de residentes no interior do bairro. Então, por um lado, o espaço urbano estreito do bairro fomentou o povoamento dos espaços públicos e semipúblicos, o fortalecimento das redes com os elementos do comércio tradicional do bairro e o povoamento das redes de residentes no bairro e, por outro lado, o espaço urbano íngreme do bairro, quando os indivíduos tinham mais capacidades, não constrangeu os seus relacionamentos.

Hoje, devido à inclinação das ruas, aos prédios sem elevador, à perda de capacidades e aos estilos de vida, que decorrem das elevadas faixas etárias, os idosos residentes no lado Este do Bairro de São José passam muito tempo em casa, mas não se acham, totalmente, confinados ao espaço doméstico e abandonam-no, diariamente ou quase diariamente, para realizar as suas atividades. O povoamento que estes idosos fazem do espaço urbano local é cíclico, isto é, está subordinado às alturas do dia, aos diferentes dias da semana e às estações do ano, sendo à conta do mesmo povoamento do espaço urbano local que estes idosos formam e desenvolvem grupos sociais. Muitos destes indivíduos fazem as compras (por vezes, em conjunto), algumas manhãs por semana, no comércio tradicional do lado Este do bairro e assistem, semanalmente (durante os domingos de manhã), à missa na *Igreja Paroquial de São José da Anunciada*, tendo uma parte destes indivíduos, desde a reabertura da *Capela de São José dos Carpinteiros*, passado a assistir à missa nesta última (aos mesmos dias de manhã). Certos grupos sociais de idosos usam, diariamente ou semanalmente, algumas outras organizações sediadas no lado Este do bairro, ou ao serviço do bairro, como os cafés-leitarias, o *Centro Social Laura Alves* e o *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, e alguns outros espaços públicos do lado Este, como os bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade.

Na paisagem social do mesmo lado do bairro desenvolvem-se, igualmente, subdivisões internas que motivam relacionamentos de conjugação ou rivalidade, decorridos no contexto do espaço urbano, em torno de alguns *sítios* (cf. Costa, 1999), como são os cafés-leitarias e certos espaços da Avenida da Liberdade. Aqui observámos, por exemplo, o surgimento de interações proximais ocasionadas pelo quadro espacial urbano interlocal, que geram situações de conflitos e intrigas entre grupos sociais (de certo modo) rivais, orientadas pela ausência de concordância entre povoamentos diferentes do espaço urbano, bem como geram situações de coesão grupal, no interior de um mesmo grupo social, orientadas pela concordância no povoamento do espaço urbano.

“São tensões que, apesar de existirem, não deixam de manter a ordem e a harmonia do bairro. Existe, a par com as tensões e os conflitos, um interesse em manter a ordem, a espiral, geralmente, não se agrava de tal modo que surjam incompatibilidades (...) ou rejeições (salvo raras exceções) causadas pelas tensões [e pelos conflitos]. ‘Tudo está bem quando acaba bem’ mesmo que se repita.” (Diário de campo).

Estes conflitos e intrigas entre os idosos residentes do lado Este do Bairro de São José são orientados pelos hábitos de povoamento do espaço urbano. Esses hábitos são definidos por considerações sobre qual o povoamento apropriado do espaço urbano e, neste sentido, mostram existirem diferentes considerações sobre este povoamento entre diferentes grupos sociais, sendo que os elementos de um mesmo grupo partilham os mesmos hábitos, que, tendencialmente, são diferentes no interior da mesma coorte e entre distintas coortes de idosos.

De modo exemplificativo, a Avenida da Liberdade descreve algo como uma fronteira que nutre desentendimentos entre os idosos, já que alguns se contentam em ficar sentados nos bancos e não usufruir de, praticamente, mais nada<sup>81</sup>, alguns outros condenam os primeiros e preferem passear e ver as montras e (ou) frequentar determinados serviços de restauração mais acessíveis e outros ainda quase não passam o seu tempo na “Avenida”, condenando aqueles que o fazem. Paulo Barros (residente no lado Este do Bairro de São José) pertence a um grupo social de idosos que aprecia sentar-se, diariamente ou um pouco menos regularmente, nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade e, nesta passagem, descreveu os seus hábitos de povoamento dos mesmos bancos: “Vamos até à ‘Avenida’, ou eu chego primeiro ou elas chegam primeiro, quando há espaço nos bancos sentamo-nos perto uns dos outros, quando não há espaço nos bancos vamos para outros bancos (...).” Natália Guerra pertenceu a uma diáde que apreciou almoçar num espaço de restauração mais acessível da Avenida da Liberdade e, quando deixou de ir aí almoçar, passeou e viu as montras das *boutiques*, mas nunca gostou de ficar sentada nos bancos (de jardim), como comentou nesta passagem a respeito dos seus hábitos de povoamento desta avenida: “(...) para me sentar nos bancos eu não vou para a Avenida da Liberdade, ia quando comia lá, pronto, de resto não... vou dar uma voltinha assim a andar, para sentar nos bancos não (...).” (ex-residente do lado Este do Bairro de São José).

Esta passagem da entrevista a Carolina Martins (residente do lado Este do Bairro de São José) também é ilustrativa das considerações de outro grupo de idosas:

“Entrevistador: Porque é que se sente próxima destas pessoas aqui de São José?

Entrevistado: Porque elas gostam muito de mim e riem-se muito de mim a falar e eu brinco com todas. Eu... (...) quando vão para a Avenida ou quando vão...: ‘Oh meninas, então, para onde é que vão? Oh meninas andam a passear?’ (...) Outras chamam-nas ‘As Velhas’ (...)

<sup>81</sup> Os bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade acolhem alguns residentes idosos do lado Este do bairro, durante as tardes de tempo moderado. Os mesmos idosos substituem estes espaços pelos bancos das paragens de autocarro, que servem de assento e constituem pontos de sociabilidades, durante as tardes de vento. No entanto, nos picos do inverno e do verão, aqueles espaços urbanos públicos não são povoados pelos mesmos idosos, porque as condições climatéricas não permitem que estejam confortáveis. Mesmo durante a primavera, se os mesmos idosos, por vezes, não chupassem um rebuçado, corriam o risco de ficar engasgados (e ter um horrível ataque de tosse), à custa das sementes que caem das robustas árvores, dispostas ao longo da Avenida da Liberdade.

Entrevistador: E o que é que faz com estas pessoas de quem gosta aqui em São José?

Entrevistado: Ai brincamos, brincamos de conversas (...) na rua, quando eu vou à Avenida que eu lá passo (...) O meu diz-me assim: ‘Vai para a Avenida para ao pé das outras.’. ‘Não vou, não gosto de estar sentada na Avenida.’. Passo, falo, brinco. Vou ao *Tivoli Forum*, brinco (...).



Figura 13 – Parte das frequentadoras mais assíduas dos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade (2013)

Os entendimentos e crisspações entre os idosos residentes do lado Este do Bairro de São José, socioeconomicamente concentrados no *bottom-down*, que se encontram relacionados com o povoamento de certos espaços da Avenida da Liberdade, também decorrem da importância desta avenida, já que constitui um cenário essencial de *glamour*, um polo muito dispendioso de comércio e habitação e está socioeconomicamente direcionada para o *top-down*.

Mesmo assim, os bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade têm uma função crucial para os residentes idosos do lado Este do Bairro de São José, uma vez que “(...) são importantes (...) como espaços de convívio, como locais de práticas lúdicas (...) como sedes de estruturação de redes sociais, como núcleos de ancoragem identitária, isto é, de sedimentação interaccional de sentimentos e representações de pertença ao bairro.” (Costa, 1999, 321).

A presença de relações que podemos denominar translocais constitui-se, em simultâneo, como outro elemento de estruturação do lado Este do Bairro de São José enquanto “quadro de interação localizado” (ver Costa, 1999). “Um exemplo destas últimas são as redes sociais que se prolongam do bairro para fora dele, alicerçando relações de carácter múltiplo e canalizando interações repetidas.” (Costa, 1999, 334). Emergem, por conseguinte, relações translocais que são desenvolvidas, exemplificativamente, com familiares residentes no exterior do bairro, como os filhos, que residiram dentro do bairro com os idosos ao longo da infância e da adolescência e, muitas vezes, deixaram o bairro para passar a residir noutras locais, mas continuaram a visitá-lo, na sequência dos encontros que mantêm com os mesmos idosos.

Contudo, observámos compensações ou complementações das relações translocais com parentes expressas nas relações amicais e de conhecimento com profissionais das organizações

governamentais (a *Junta de Freguesia São José* e, após, a *Junta de Freguesia de Santo António*) e não-governamentais (como, por exemplo, o comércio tradicional situado no interior do bairro, o *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*), localizadas no bairro ou ao serviço do bairro. Observámos, também, uma familiaridade nas trocas interacionais com profissionais destas organizações, ainda que os idosos, geralmente, não tenham confessado considera-los amigos ou, até, familiares. Todavia, não fossem estes profissionais considerados amigos e surgia, habitualmente, uma inexistência de redes amicais residentes fora do bairro. A Coordenadora do *Vassouras & Companhia*, no âmbito da entrevista informativa, considerou, igualmente, que este projeto não concede apoios a simplesmente utentes, mas, diferentemente, concede apoios a simplesmente amigos ou, até, a familiares. Já a Monitora do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José* considerou, nesse âmbito, que, mesmo sendo desejável a existência de um distanciamento emocional dos utentes, para melhor desempenhar a sua profissão, este distanciamento revelou-se quase impossível. Efetivamente, observámos que essa familiaridade, que existe nas trocas interacionais entre os residentes idosos do Bairro de São José e os profissionais que trabalham dentro do bairro ou ao serviço do bairro, é acionada pelos mesmos idosos e pelos profissionais das organizações.

De facto, residem do lado Este do Bairro de São José bastantes idosos caracterizados por um longo tempo de residência e englobados em redes societais de bairro, que são formadas e desenvolvidas, de modo proximal, com os profissionais de organizações (governamentais e não-governamentais) locais, com os profissionais de organizações (não-governamentais) mais vastas, relacionadas com o bairro, com os amigos e com conhecidos residentes dentro do bairro. Portanto, apesar dos idosos residentes do lado Este do Bairro de São José imaginarem o bairro enquanto menos bairro do que no passado, hoje, essas descontinuidades das realidades bairristas passadas estão complementadas com uma certa continuidade.



Figura 14 – Rua do Passadiço (2012)

## 6.2. O Bairro de Benfica<sup>82</sup>

Presentemente, o Bairro de Benfica está integrado na cidade de Lisboa e situa-se na zona Norte da mesma cidade. Os espaços urbanos do Bairro de Benfica que os idosos investigados e aí residentes mais frequentam são, em traços largos: o *Cemitério de Benfica* (a Norte e a Este), cuja entrada é adjacente à Estrada dos Arneiros; o Bairro do Charquinho (a Este); a Calçado do Tojal (a Noroeste); a Rua dos Arneiros (que tem o fim a Nordeste e a Noroeste e tem o início a Sudeste e a Sudoeste); a Estrada de Benfica (a Sudoeste, a Sul e a Sudeste) e parte dos espaços circundantes, como a *Igreja de Nossa Senhora do Amparo* (a Sudoeste); o *Mercado de Benfica* (a Sudoeste) e, ainda, o *Hospital da Luz* e o *Centro Comercial Colombo* (a Sudeste).



Figura 15 – Contexto espacial do Bairro de Benfica a Sudoeste e a Sudeste (2013)  
(da esquerda para a direita)

Uma fração do espaço do Bairro de Benfica foi ocupada, com certeza, no século XIII e, posteriormente, Benfica constituiu uma freguesia de lavadeiras, agricultores e indivíduos com altos recursos económicos, nomeadamente, membros da nobreza, que aí tinham os seus palácios e as suas quintas. O seu nome deveu-se, verossimilmente, não apenas a uma situação favorecida, por razão dos indivíduos que aí residiram, como também à abundância de arvoredo e água, que fizeram com que este lugar consistisse num dos lugares mais aprazíveis dos arredores de Lisboa. Foi no começo do século XVIII, antes do terramoto, que Benfica, com o surgimento de diversos palácios, quintas e casas com jardim, começou o seu desenvolvimento (Proença, 2004), sendo que sofreu um enorme crescimento populacional no intervalo entre 1800 e 1900 (ver Rodrigues, 1993, citado por Cordeiro, 1997).

<sup>82</sup> As representações dos residentes idosos sobre o Bairro de Benfica incluem no bairro outros espaços (interlocais), que não estão incluídos na delimitação territorial da Freguesia de Benfica, como, por exemplo, o *Estádio do Sport Lisboa e Benfica* (ou *Estádio da Luz*) e a *Pastelaria Califá*.

De 1209 até ao fim do século XVIII, existiu uma pequena igreja em Benfica, pertencente à *Irmandade do Santíssimo Sacramento*, mas, como surgiu um grande aumento do número de crentes, em 1750, esta irmandade iniciou a construção da *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*, edificada na Estrada de Benfica<sup>83</sup>. Posteriormente, deu-se o Terramoto de 1755, que arrasou a cidade de Lisboa, mas em Benfica matou duas pessoas, danificou as paredes da mesma igreja, que se encontrava em construção, tendo causado muito poucos danos mais (ver Proença, 2004). Depois do mesmo terramoto, a *Irmandade do Santíssimo Sacramento* mandou construir a *Igreja Paroquial de São José da Anunciada* e foi substituída pela *Irmandade de Nossa Senhora do Amparo*. Enquanto a *Igreja de Nossa Senhora do Amparo* foi sede da Freguesia de Benfica, os padres tiveram uma função ordenadora, economicamente, culturalmente e socialmente, da vida dos residentes. Hoje, a *Igreja de Nossa Senhora do Amparo* incrementa o desenvolvimento de redes de relacionamentos entre os seus mais assíduos frequentadores<sup>84</sup> e, designadamente, entre certos residentes idosos da Rua dos Arneiros.



Legenda 16 – Frontaria da *Igreja de Nossa Senhora do Amparo* (2014)

Ao longo do século XIX, o Palácio do Marquês de Fronteira, por exemplo, encontrou-se posicionado no Largo São Domingos de Benfica e, para Lousada (1998, 140): “(...) em 1821, depois de casar, as partidas musicais nocturnas do jovem Fronteira alternavam com o teatro de São Carlos, fosse na sua própria casa de Benfica, fosse na da Condessa de Anadia.”. No século

<sup>83</sup> Esta igreja localiza-se numa fração da Estrada de Benfica, denominada ‘Benfica’ pelos residentes mais idosos, visto que, em meados do século XX, esta constituiu a área do Bairro de Benfica mais desenvolvida, em termos de edificações, de lojas de comércio tradicional e de espaços de culto e entretenimento.

<sup>84</sup> Este incremento assenta, por exemplo, na constituição de encontros litúrgicos e evangélicos. Para além disso, a *Igreja de Nossa Senhora do Amparo* contribui para o melhoramento das condições de vida dos idosos carenciados, residentes em Benfica, por intermédio do *Centro Social Paroquial de Nossa Senhora do Amparo de Benfica*.

XIX, existiram, ainda, em Benfica, diversas quintas acompanhadas ou não de palácios, como a Quinta da Granja, da qual se mantém a residência correspondente e uma parte agrícola; a Quinta do Charquinho, cujos espaços se encontram ocupados pelo Bairro do Charquinho, e a Quinta das Palmeiras<sup>85</sup>, à qual se seguiram a Rua dos Arneiros e o Eucaliptal de Benfica.



Figura 17 – Uma colheita na Quinta da Granja (2014)

A Vila Ana e a Vila Ventura, situadas na Estrada de Benfica, são, também, edificações centenárias que dão um testemunho arquitetónico sobre as casas apalaçadas que representaram a Freguesia de Benfica, no princípio do século XX. Não obstante, existiram na Freguesia de Benfica, a par com as quintas, os palácios, as casas apalaçadas e os indivíduos que aí habitaram, outras realidades socio-espaciais. Por exemplo, o Bairro da Boavista, construído muito próximo do Parque Florestal de Monsanto, foi criado para realojar as famílias de indivíduos empregados nas grandes obras públicas lisboetas, como sejam as obras públicas da Ponte sobre o Rio Tejo e do Viaduto Duarte Pacheco, que residiram, clandestinamente, em outros pontos da cidade de Lisboa. Esta primeira etapa de construção do bairro datou de 1939.

No contexto da reorganização administrativa de Lisboa, a Freguesia de Benfica, da qual está encarregue, em primeira linha, a *Junta de Freguesia de Benfica*, conservou quase a mesma delimitação territorial. Hoje, na Freguesia de Benfica sobrevivem componentes de um espaço verde, à conta de dois parques (fração do Parque Florestal de Monsanto e o Parque Silva Porto), da Quinta da Granja e de (pequenos e grandes) jardins; sobrevivem componentes de um espaço plano, à conta das ruas sem inclinação e da introdução de (dois) elevadores nos edifícios, mais recentemente construídos; bem como sobrevivem componentes de um espaço amplo, à conta das ruas espaçosas, dos intervalos abertos entre os edifícios e da dimensão grande de muitas habitações. Não obstante, sobrevivem, em concomitância, algumas componentes de um espaço íngreme, notórias em poucas ruas inclinadas e na ausência de elevador em certas edificações, e

<sup>85</sup> Também chamada, popularmente, Quinta do Galla ou Mata do Galla, pertenceu a António Guerreiro Galla.

algumas componentes de um espaço estreito, notórias na exiguidade de certas habitações. No âmbito desta composição espacial, continuam a existir, em formatos menos acentuados do que no passado, diferentes realidades socio-espaciais na Freguesia de Benfica.

### 6.2.1. Os espaços urbanos da Rua dos Arneiros

“(...) Isto aqui era completamente diferente (...) não se chamava a Rua dos Arneiros, chamava-se a Travessa dos Arneiros, era uma estrada muito estreitinha (...)” (Luísa Cardoso, residente do lado Noroeste da Rua dos Arneiros). A Quinta das Palmeiras encontrou-se situada a Nordeste desta travessa, que ocupou, por seu turno, os lados Noroeste, Sudoeste e Sudeste.

Uma grande parte das edificações dos lados Noroeste e Sudoeste da Rua dos Arneiros foi construída nos anos 1950, o que sucedeu, identicamente, do lado Sudeste. No entanto, uma fração do lado Sudeste contém edifícios muito mais antigos e o lado Noroeste da última praceta desta rua, normalmente denominada “primeira praceta” por aqueles que nessa praceta residem, contempla um prédio construído já no século XXI e os quatro últimos prédios são, ligeiramente, ulteriores aos anos 1970, tendo o seu espaço sido ocupado com pequenas vivendas. Geralmente, as edificações do lado Noroeste da “primeira praceta” incluem quatro andares, preenchidos com apartamentos (de duas ou três assoalhadas) em dois lados (esquerdo e direito), e um piso térreo, que encerra um quintal ou um terraço em ambos os lados e é complementado, por vezes, com um espaço comercial, o que acontece nas outras áreas Noroeste, Sudoeste e Sudeste desta rua.



Figura 18 – Parte do início da Rua dos Arneiros (2013)  
(que encerra a zona sudoeste, à esquerda, e a zona sudeste, à direita)

Nesta passagem da entrevista, Maria Teresa Castro (residente do lado Noroeste da Rua dos Arneiros) mencionou, principalmente, certas realidades espaciais e sociais da Travessa dos Arneiros, em meados do século XX:

“Entrevistador: E, portanto, da parte que existia (...) a nível de comércio...

Entrevistado: (...) era uma mercearia, que era o Rocha, onde está ali aquele café, o *Doçuras*<sup>86</sup> (...)

Entrevistador: E a *Tasquinha do Miguel* existia?

Entrevistado: Esse já existia. Não era o Miguel (...) eram umas pessoas que até moravam ali. Essa já é muito antiga (...) mas antigamente (...) era só taberna (...)

Entrevistador: (...) Onde é que as pessoas iam na altura?

Entrevistado: (...) Não iam a lado nenhum ou iam até lá a Benfica fazer alguma coisa (...) Não havia muita gente, era só esta gente dali [do lado Noroeste da Rua dos Arneiros], não é, daqui não havia gente, não havia os prédios, era esta quinta [a Quinta das Palmeiras] que chegava aqui (...) Como a gente vivia muito mal (...) davam uma camisolinha na igreja, próximo do Natal, e nessa altura é que eu ia lá à igreja (...) também havia a sopa dos pobres (...) [para onde] vinha muita gente (...).”

Os edifícios da Rua dos Arneiros que foram, gradualmente, construídos no princípio dos anos 1970 encontram-se localizados, exclusivamente, do lado Nordeste e estão distribuídos em cinco pracetas, limitadas pelas construções do lado Noroeste. A “primeira praceta” inclui cinco destes edifícios e qualquer um dos cinco edifícios é segmentado em oito andares, dos quais sete contemplam, frequentemente, dois lados – o lado esquerdo detém quatro assoalhadas e o lado direito tem cinco assoalhadas, ou ao contrário – o que, aliás, é comum em todo o lado Nordeste da rua. Contudo, na terceira edificação da “primeira praceta” cada um dos andares é preenchido com apartamentos enumerados de A (correspondente a apartamentos com quatro assoalhadas) a D (tendo os lados B, C e D três assoalhadas).



Figura 19 – Partes das primeira à terceira pracetas e da última praceta da Rua dos Arneiros (2013)  
(da esquerda para a direita)

Os edifícios do lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros são os únicos, deste mesmo lado, que contêm (dois) terraços no rés-do-chão (direito e esquerdo). Contudo, na parte das traseiras, encontramos, por baixo dos terraços, as garagens destes edifícios, que estão

<sup>86</sup> O *Doçuras* é uma cafetaria situada no lado Noroeste do fim da terceira praceta da Rua dos Arneiros e, sobretudo, frequentada por residentes do mesmo lado da rua. Um pouco abaixo, do mesmo lado, mas ainda no fim da terceira praceta da rua, encontramos a *Tasquinha do Miguel* que, para além de vender, principalmente, bebidas alcoólicas no piso térreo, serve refeições na cave, sendo frequentada, essencialmente, por homens adultos e idosos residentes na Rua dos Arneiros e nas proximidades.

disponíveis para os seus residentes e (ou) são alugadas a organizações que estão ali sediadas ou têm ali uma sucursal. Na parte da frente de determinados edifícios da “primeira praceta” desta rua existem também organizações, entre as quais observamos a *Primeira Praceta Cafetaria*.

A *Primeira Praceta Cafetaria* foi, praticamente desde 1975, uma mercearia, conhecida como a “Mercearia do Senhor Figueiredo”. Os proprietários desta mercearia foram um casal de retornados, que vieram para o Bairro de Benfica após o 25 de abril de 1974 e se estabeleceram, profissionalmente e residencialmente, na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, tendo, já no fim do século XX, alugado a mercearia a outro casal de residentes nesta rua. Seguidamente, os mesmos proprietários mandaram converter o estabelecimento numa cafetaria, onde trabalharam profissionalmente durante cerca de dez anos. Em 2010, a cafetaria foi alugada a uma adulta e, passados quatro anos, o aluguer passou para as mãos de um casal (formado por um idoso e uma adulta), que se mantém na cafetaria até ao presente. Com a entrada da nova gerência, a cafetaria passou a oferecer bolo e arroz-doce caseiros. Encontram-se ali para conversar (durante a manhã e a tarde), sobretudo, certos residentes idosos da praceta, mas nesta cafetaria também assistimos a redes de relacionamento de idosos tanto com adultos como com crianças aí residentes. “(...) Eu conhecia muita gente de vista, mas não sabia quem eram, nunca me tinha relacionado, era bom dia, boa tarde (...) Nesse aspeto, o café aqui tem proporcionado um grande convívio social entre todas as pessoas (...)” (Júlio Mendonça, residente do lado Nordeste da Rua dos Arneiros).



Figura 20 – Frequências da *Primeira Praceta Cafetaria* (2014)

A já encerrada *Padaria A Florescente* – que esteve localizada na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, quase ao lado da *Primeira Praceta Cafetaria* – abriu no começo da década de 1970 e aí trabalhou, profissionalmente, uma empregada até 2003. Neste mesmo ano, essa empregada foi substituída por outra, que deixou de fazer aí trabalho profissional em 2016. Tanto

a primeira empregada como a segunda formaram e desenvolveram redes com os residentes da “primeira praceta” desta rua e a padaria constituiu um ponto de encontros e sociabilidades entre certos residentes da praceta, que se sentaram no seu interior a conversar. Em 2016, entrou ao serviço uma nova empregada, mas a padaria encerrou em 2017.



Figura 21 – Sociabilidades na antiga *Padaria A Florescente* (2014)

Quase localizado à cabeceira da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros encontramos o último prédio da mesma rua, uma das poucas edificações construídas depois dos anos 1970, que alberga não só um conjunto de apartamentos distribuídos em nove pisos, como também a *Escola de Condução Benficas* e o *Restaurante Os Piódenses*.

O *Restaurante Os Piódenses* existe, no último prédio da Rua dos Arneiros, desde o fim do século XX, tendo sido ocupado, muito brevemente, por dois primos dos atuais proprietários. Estes proprietários são quatro irmãos (dois idosos, uma idosa e uma adulta), naturais da aldeia portuguesa do Piódão, que constituíram uma sociedade com parte dos elementos da fratria e trabalham profissionalmente no restaurante, seja na cozinha, quando se trata dos membros do sexo feminino, ou no atendimento ao público, quando se trata dos membros do sexo masculino. Mesmo assim, esta sociedade contratou uma cozinheira e dois empregados de balcão e mesas. O restaurante serve muitos pratos, dos quais o mais típico foi o Cozido à Portuguesa, disponível no Outono e no Inverno, diversos doces e diversas bebidas, sendo o vinho a copo uma das mais consumidas, e é frequentado, sobretudo, por homens de diversas idades residentes na Rua dos Arneiros ou perto da mesma rua. No entanto, após os filhos dos residentes idosos da Rua dos Arneiros e das proximidades saírem de casa dos progenitores para passarem a residir em locais fora do Bairro de Benfica, a clientela do restaurante diminuiu, sobretudo, no horário da noite, mas este continuou a ser frequentado, no mesmo horário, designadamente, por idosos residentes na Rua dos Arneiros: “(...) Há um elo também muito importante que é o elo de amizade que

nós temos com *Os Piodenses* (...) com todos os irmãos" (Júlio Mendonça, residente do lado Nordeste da Rua dos Arneiros).



Figura 22 – Convivialidades no Restaurante *Os Piodenses* (2014)

Outras organizações semipúblicas da Rua dos Arneiros são importantes para os idosos residentes na "primeira praceta", como a "Papelaria do Senhor Salvador", posicionada do lado Noroeste da "primeira praceta", e a "Mercearia do Senhor José", posicionada do mesmo lado da segunda praceta. A *Cervejaria Caniço*, posicionada, efetivamente, no primeiro complexo<sup>87</sup> de edificações do lado Nordeste, ligeiramente mais próximo do início desta rua, é frequentada por certos residentes idosos da "primeira praceta".

### 6.2.2. Espaços urbanos das proximidades da Rua dos Arneiros

A Calçada do Tojal, que se encontra localizada nas proximidades da Rua dos Arneiros, apresentou uma edificação, praticamente, completa antes da construção da maioria dos prédios desta rua e conteve também, há muito pouco tempo, mais comércio tradicional. "Por exemplo, ali nós na nossa calçada tínhamos um bom supermercado, as pessoas de idade até... (...) tinha a padaria (...) até tinha um banquinho ali à porta da padaria (...) nós hoje não temos nada (...)" (Raquel Godinho, residente da Calçada do Tojal). O Bairro do Charquinho está, igualmente, localizado nas proximidades da Rua dos Arneiros, mais precisamente, ao lado do *Cemitério de*

<sup>87</sup> As traseiras deste primeiro complexo formam, juntamente com os prédios do lado Noroeste, a efetiva primeira praceta da Rua dos Arneiros. Ao subir a rua até à praceta seguinte encontramos um segundo complexo, também do lado Nordeste, muito mais pequeno do que o anterior. A partir da próxima praceta notamos que os edifícios do lado Nordeste já não surgem em forma de complexo, o que se repete nas duas últimas pracetas.

*Benfica*, e o seu segmento mais expressivo foi concebido em 1959, isto é, depois da construção dos prédios situados dos lados Noroeste, Sudoeste e Sudeste da Rua dos Arneiros e antes da construção dos prédios situados do lado Nordeste desta rua, tendo constituído um bairro social da *Câmara Municipal de Lisboa*, que, ulteriormente, vendeu os apartamentos aos beneficiários (ver Anexo A, páginas 313 a 318, com a descrição de outros espaços próximos daquela rua).



Figura 23 – Partes do espaço urbano da Calçada do Tojal e do Bairro do Charquinho<sup>88</sup> (2014)  
(da esquerda para a direita)

No âmbito da emergência da *Comissão Social de Freguesia*, a *Junta de Freguesia de Benfica* constituiu um grupo de trabalho que intervém junto dos idosos residentes na freguesia – *Eixo 1 Envelhecimento Saudável* – o qual, organizado com técnicos das entidades parceiras<sup>89</sup>, diagnostica e programa ações para enfraquecer as carências dos mesmos idosos. A *Associação de Reformados de Benfica* é uma entidade parceira desta comissão e um dos dois centros de dia da associação encontrou-se a funcionar, provisoriamente, nas instalações da junta de freguesia. Contudo, encontra-se já construído o definitivo *Centro de Dia de Benfica*. Presentemente, a *Associação de Reformados de Benfica* mantém, ainda, em funcionamento o *Centro de Dia do Charquinho*, localizado no Bairro do Charquinho, que, além das funções deste tipo de centros, abrange atividades (fixas) dirigidas a utentes que não frequentam a vertente de centro de dia,

<sup>88</sup> Podem observar-se alguns melhoramentos efetuados na Estrada dos Arneiros, em 2012, por meio das *Obras de Requalificação de Espaço Público e Reordenamento de Estacionamento*, executadas pela *Junta de Freguesia de Benfica* com o apoio da *Câmara Municipal de Lisboa*, no âmbito do projeto vencedor do *Orçamento Participativo de Lisboa 2011*. Outro exemplo de espaços intervencionados, neste âmbito, foi a Rua dos Arneiros. A *Junta de Freguesia de Benfica* procedeu, ainda, a melhoramentos no espaço urbano público do Bairro do Charquinho.

<sup>89</sup> Entre estas mesmas entidades parceiras estão, nomeadamente, a *Polícia de Segurança Pública*, a *Associação de Reformados de Benfica*, o *Centro Social Paroquial de Nossa Senhora do Amparo de Benfica* e o *Centro Social Polivalente do Bairro da Boavista* (da *Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*).

como as aulas de Ginástica e Arraiolos<sup>90</sup>. Este centro também organiza passeios (de recreio, a baixo custo, que decorrem, geralmente, em distintos locais do nosso país) e compreende outras vertentes de apoio domiciliário a idosos dependentes e entrega de refeições ao domicílio.

As aulas de Ginástica decorrem na varanda térrea do centro e são acompanhadas por música da moda ou outros tipos mais relaxantes. Durante a primeira parte das aulas, os idosos fazem uma caminhada, mexendo alternadamente pernas, braços e ombros, seguidamente, fazem exercícios de Ginástica em pé e sem recurso a utensílios ou fazem exercícios de Ginástica, em pé ou de chão, com recurso a utensílios (como bolas de esponja, barras de madeira e plástico ou colchões), na parte final das aulas, os idosos fazem alongamentos, essencialmente, de pernas, coluna e braços. As aulas contam com doze a treze idosos na primavera e no verão e com oito a nove idosos no outono e no inverno, sendo estes idosos, geralmente, metade homens e metade mulheres, aproximadamente.



Figura 24 – Momentos das primeira e última partes das aulas de Ginástica (2013)  
(da esquerda para a direita)

As aulas de Arraiolos reúnem de duas a quatro idosas, que sabem fazer Arraiolos, tendo já acabado diversos tapetes. Quando estas idosas iniciaram os primeiros pontos de Arraiolos, a professora cedeu algumas lãs e um pedaço de teia. Depois das idosas terem dominado tarefas, como cortar a lã (à mão), enfiar a lã na agulha (dobrando a ponta) e fazer os pontos (horizontais,

<sup>90</sup> No princípio de 2016, os idosos que frequentaram estas duas aulas tiveram idades compreendidas entre setenta anos e noventa e um anos e, de modo geral, possuíram baixos recursos económicos, não possuíram incapacidades relevantes, foram casados e viúvos e viveram em casal ou sós. Às aulas de Ginástica, por exemplo, assistiram dois casais. Estes idosos residiram, sobretudo, no primeiro complexo da Rua dos Arneiros, no Bairro do Charquinho, na Calçada do Tojal e nas proximidades destes locais. Hoje, as aulas são frequentadas pelos mesmos idosos.

verticais e diagonais esquerdos e direitos) de Arraiolos, passaram à realização, monitorizada no decurso das aulas, de tapetes (pequenos ou grandes) de Arraiolos.



Figura 25 – Um momento das aulas de Arraiolos (2013)

### **6.2.3. – Do passado para cá: mudanças nas relações sociais dos residentes idosos da Rua dos Arneiros e das proximidades desta rua**

O Bairro de Benfica é composto por uma pluralidade de residentes idosos e de espaços. A “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, onde residem idosos de várias idades e com vários recursos económicos, é um exemplo desta pluralidade, muito devido às diferenças espaciais dos seus dois lados: (i) o lado Nordeste, que compreende edifícios relativamente atuais e tem uma população idosa residente com idades menos avançadas e com maiores rendimentos (entre 1000 e 2000 euros), que esteve, principalmente, integrada nas categorias socioprofissionais relativas aos profissionais técnicos e de enquadramento e aos profissionais intelectuais e científicos; e (ii) o lado Noroeste, que é composto por edifícios mais antigos e é habitado por uma população idosa com idades avançadas e com rendimentos inferiores (a 600 euros), que esteve, sobretudo, integrada na categoria socioprofissional dos empregados executantes. Alguns outros locais do Bairro de Benfica, como a Calçada do Tojal e o Bairro do Charquinho, que estão situados nas proximidades desta Rua dos Arneiros, são ocupados, residencialmente, por idosos com traços semelhantes aos residentes idosos do lado Noroeste da “primeira praceta” desta rua, em termos de idades, de recursos económicos e da categoria socioprofissional que ocuparam.

Ao longo do dia, os mesmos residentes idosos povoam os espaços urbanos disponíveis no Bairro de Benfica, como, por exemplo: uma fração da Estrada de Benfica, que compreende a *Igreja de Nossa Senhora do Amparo* e certas lojas de comércio tradicional (como as padarias e as pastelarias); algumas outras lojas de comércio tradicional (como as padarias, as cafetarias, os restaurantes, os talhos, as mercearias, as peixarias); o *Centro Comercial Colombo* e os jardins

(mais concorridos, particularmente, durante o verão). As padarias, as pastelarias, as cafetarias e os restaurantes são povoados, quotidianamente, por um número importante de grupos sociais constituídos por estes idosos.



Figura 26 – Atividades de idosos residentes na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros (2014/2015)  
(ida às compras à esquerda e passeio com o animal de estimação à direita)

Por conseguinte, estes mesmos idosos fazem um povoamento, de certo modo, igualitário do espaço urbano do Bairro de Benfica, visto tratar-se de um espaço não demasiado inclinado, aberto espacialmente e economicamente algo democrático, sendo os hábitos de povoamento do espaço urbano local mais igualitários e menos crispados do que no Bairro de São José. Ainda assim, os mesmos povoam-no com diferentes intensidades, em diferentes tempos, em diferentes ocasiões e no contexto de diferentes programas, dependendo das suas capacidades e autonomia, das suas preferências e dos seus grupos sociais (de idosos) residentes no bairro.

Mesmo assim, tanto quando consideramos o *Restaurante Os Piódenses*, como quando consideramos a *Primeira Praceta Cafetaria*, notamos que os relacionamentos entre os idosos residentes na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros se encontram, socialmente, fragmentados entre o lado Nordeste e o lado Noroeste da praceta, sendo que os residentes idosos de cada um dos lados relacionam-se, mais continuadamente, com aqueles que residem do mesmo lado. Esta questão está patente nas sociabilidades que se desenrolam na *Primeira Praceta Cafetaria*:

“As pessoas sentam-se nas mesmas cadeiras onde outras de extremos socioeconómicos mais baixos ou mais altos estiveram sentadas (...) As pessoas arrumam-se em grupos sem se estigmatizarem, visivelmente ou objetivamente, mas durante as várias partes do dia a frequência [da *Primeira Praceta Cafetaria*] (...) muda, sinalizando que querem estar mais com umas pessoas que com outras.” (Diário de campo).

Os idosos residentes em Benfica, que conhecemos, imaginam que Benfica constitui um bairro. Há, contudo, presentemente, nas relações desenvolvidas por uma fração importante dos

idosos residentes na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, uma paisagem social mais aliada, que surgiu, desde 2010, no âmbito da frequência da *Primeira Praceta Cafetaria*, em termos do aumento dos encontros presenciais regulares com amigos residentes no bairro – que constituem, especialmente, residentes idosos dos espaços vicinais – e do aumento dos apoios recebidos dos mesmos e prestados aos mesmos, em alturas de necessidade, que se encontram conjugados com o aumento do tamanho das redes (inter e intra) geracionais de conhecimento e das redes amicais intrageracionais com residentes dentro do bairro (que, ainda assim, na maioria das vezes, não se ausentam em conjunto do mesmo espaço). Estes novos comportamentos surgiram a par com a diminuição do número de porteiras, que contiveram uma função importante na constituição de pontes entre os residentes da praceta.



Figura 27 – Duas antigas porteiras da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros (2013)

Determinados idosos, residentes na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros e na Calçada do Tojal, desenvolvem relacionamentos translocais com amigos residentes fora do bairro, mas a generalidade dos idosos estudados desenvolve os mesmos relacionamentos, exclusivamente ou sobretudo, com elementos da rede familiar (como os filhos e netos). Contudo, encontramos complementações organizacionais não-governamentais dos relacionamentos translocais com familiares, expressas em relacionamentos amicais ou de conhecimento, hoje mais frequentes, com profissionais das organizações locais, sendo a familiaridade, que observamos nas trocas interacionais dos residentes idosos com estes profissionais, expressa de modos mais formais ou mais informais dependendo dos intervenientes nas interações.

Neste sentido, observamos uma descontinuidade entre as anteriores relações de bairro, mais distanciadas, dos residentes idosos da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros e as relações proximais atuais. Há, contudo, uma certa continuidade das anteriores relações de bairro, mais aliadas, dos residentes dos outros locais estudados em Benfica, apesar do número considerável de falecimentos entre estes e do encerramento de algumas lojas de comércio tradicional.

#### 6.4. Os espaços e as populações das freguesias de Benfica e São José, segundo os Censos

Nos conteúdos deste ponto analisamos a informação dos Censos 2011, no que respeita aos integrantes mais importantes dos espaços urbanos, presentes na Freguesia de Benfica e na antiga Freguesia de São José, e das populações (sobretudo, das populações idosas) aí residentes.

O espaço urbano (local) da Freguesia de Benfica abrangeu 2811 edificações que foram, sobretudo, construídas no intervalo de tempo decorrido entre 1946 e 1980. Ao fragmentarmos este intervalo de trinta e quatro anos em intervalos mais curtos, verificamos, especificamente, que 965 (34,33%) edificações foram construídas entre 1946 e 1960, 832 (29,60%) edificações foram construídas entre 1961 e 1970 e 444 (15,80%) edificações foram construídas entre 1971 e 1980. Os tempos de construção dos 522 edifícios abrangidos pelo espaço urbano da Freguesia de São José foram, geralmente, anteriores a 1961; nesta freguesia englobaram-se 208 (39,85%) edifícios construídos antes de 1919, 114 (21,84%) edifícios construídos entre 1919 e 1945 e 94 (18,01%) edifícios construídos entre 1946 e 1960; mesmo assim, 59 (11,30%) edifícios foram construídos entre 1961 e 1970, como apresenta o Gráfico 1.

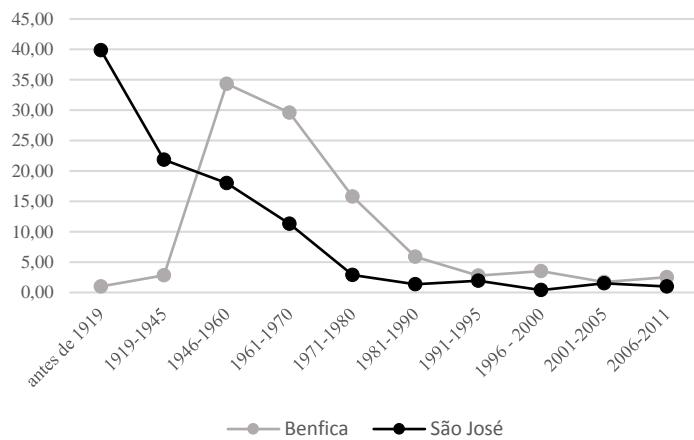


Gráfico 1 – Valores percentuais dos edifícios de Benfica e São José, segundo a época de construção

Uma grande parte dos edifícios localizados no espaço urbano (local) da Freguesia de Benfica incluiu uma estrutura de construção de betão armado, o que aconteceu, sobretudo, nos principais tempos de construção (isto é, entre 1946 e 1960, entre 1961 e 1970 e entre 1971 e 1980) que contemplaram, segundo o uso desta estrutura, 56,64% dos edifícios, um valor relativo igual a 1592 edifícios. Ainda assim, uma percentagem de (316) edifícios igual a 11,24% foi

construída, entre 1946 e 1960, com uma estrutura materializada em paredes de alvenaria com placa, como notamos na Tabela 2.

Estrutura da Construção \ Época de construção	Antes de 1919		1919-1945		1946-1960		1961-1970		1971-1980		1981-1990		1991-1995		1996-2000		2001-2005		2006-2011	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Total	28	1,00	80	2,85	965	34,33	832	29,60	444	15,80	165	5,87	78	2,77	99	3,52	49	1,74	71	2,53
Betão armado	0	0,00	17	0,60	629	22,38	583	20,74	380	13,52	138	4,91	69	2,45	79	2,81	28	1,00	53	1,89
Paredes de alvenaria com placa	0	0,00	23	0,82	316	11,24	72	2,56	51	1,81	27	0,96	9	0,32	19	0,68	21	0,75	18	0,64
Paredes de alvenaria sem placa	13	0,46	40	1,42	14	0,50	177	6,30	11	0,39	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Paredes de alvenaria de pedra solta ou de adobe	14	0,50	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,04	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Outros	1	0,04	0	0,00	6	0,21	0	0,00	1	0,04	0	0,00	0	0,00	1	0,04	0	0,00	0	0,00

Tabela 2 – Edifícios de Benfica, segundo a época de construção, por materiais utilizados na estrutura da construção

Uma fração importante, com uma equivalência numérica a 72,11% (2027), dos edifícios construídos na Freguesia de Benfica, ao longo dos mais significativos períodos de construção (isto é, entre 1946 e 1960, entre 1961 e 1970 e entre 1971 e 1980), conteve um revestimento exterior de reboco tradicional ou marmorite, sendo que os revestimentos exteriores de pedra e de ladrilho cerâmico ou de mosaico não foram usados em numerações consideráveis, o que se encontra patenteado na Tabela 3.

Revestimento Exterior \ Época de construção	Antes de 1919		1919-1945		1946-1960		1961-1970		1971-1980		1981-1990		1991-1995		1996-2000		2001-2005		2006-2011	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Total	28	1,00	80	2,85	965	34,33	832	29,60	444	15,80	165	5,87	78	2,77	99	3,52	49	1,74	71	2,53
Reboco tradicional ou marmorite	28	1,00	74	2,63	929	33,05	727	25,86	371	13,20	150	5,34	73	2,60	80	2,85	41	1,46	58	2,06
Pedra	0	0,00	0	0,00	21	0,75	10	0,36	4	0,14	0	0,00	2	0,07	6	0,21	5	0,18	3	0,11
Ladrilho cerâmico ou mosaico	0	0,00	6	0,21	15	0,53	95	3,38	68	2,42	15	0,53	3	0,11	13	0,46	3	0,11	10	0,36
Outros	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,04	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00

Tabela 3 – Edifícios de Benfica, segundo a época de construção, por materiais do revestimento exterior usados na construção

Geralmente, a estrutura de construção dos edifícios abrangidos pelo espaço urbano da Freguesia de São José correspondeu a paredes de alvenaria sem placa, o que foi, especialmente, verdadeiro para os dois mais antigos e importantes tempos de construção, isto é, antes de 1919 e entre 1919 e 1945, tendo a soma das edificações com esta estrutura de construção totalizado, nos mesmos períodos, 50,20%, um valor percentual igual a 262 edificações. No entanto, o betão armado foi também mais recentemente usado, sobretudo, no terceiro tempo de construção mais importante, isto é, entre 1946 e 1960, assim como no tempo imediatamente a seguir, isto é, entre

1961 e 1970, tendo o uso desta estrutura de construção somado, em ambos os períodos, 19,92%, um valor relativo igual a 104 edificações. As estruturas de construção formalizadas em paredes de alvenaria com placa e em paredes de alvenaria de pedra solta ou de adobe foram usadas num menor número de edificações, como apresentamos na Tabela 4.

Estrutura da Construção \ Época de construção	Antes de 1919		1919-1945		1946-1960		1961-1970		1971-1980		1981-1990		1991-1995		1996-2000		2001-2005		2006-2011	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Total	208	39,85	114	21,84	94	18,01	59	11,30	15	2,87	7	1,34	10	1,92	2	0,38	8	1,53	5	0,96
Betão armado	0	0,00	30	5,75	54	10,34	50	9,58	9	1,72	3	0,57	4	0,77	1	0,19	7	1,34	4	0,77
Paredes de alvenaria com placa	0	0,00	28	5,36	27	5,17	5	0,96	4	0,77	3	0,57	6	1,15	1	0,19	1	0,19	0	0,00
Paredes de alvenaria sem placa	207	39,66	55	10,54	13	2,49	4	0,77	2	0,38	1	0,19	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,19
Paredes de alvenaria de pedra solta ou de adobe	1	0,19	1	0,19	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00

Tabela 4 – Edifícios de São José, segundo a época de construção, por materiais utilizados na estrutura da construção

As edificações construídas no espaço urbano delimitado pela (antiga) Freguesia de São José possuíram, essencialmente, um revestimento exterior de reboco tradicional ou marmorite, que completou 66,47% (347) dos edifícios, quando pensamos nos tempos de construção mais importantes (isto é, antes de 1919, entre 1919 e 1945 e entre 1946 e 1960), mesmo assim, este revestimento exterior foi também usado em 10,73% (56) dos edifícios construídos entre 1961 e 1970. Por conseguinte, o uso de outros materiais para o revestimento exterior dos edifícios, como são a pedra e o ladrilho cerâmico ou o mosaico, não apresentaram números significativos.

Revestimento Exterior \ Época de construção	Antes de 1919		1919-1945		1946-1960		1961-1970		1971-1980		1981-1990		1991-1995		1996-2000		2001-2005		2006-2011	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Total	208	39,85	114	21,84	94	18,01	59	11,30	15	2,87	7	1,34	10	1,92	2	0,38	8	1,53	5	0,96
Reboco tradicional ou marmorite	179	34,29	89	17,05	79	15,13	56	10,73	13	2,49	5	0,96	3	0,57	2	0,38	6	1,15	4	0,77
Pedra	4	0,77	15	2,87	2	0,38	1	0,19	2	0,38	0	0,00	3	0,57	0	0,00	2	0,38	1	0,19
Ladrilho cerâmico ou mosaico	25	4,79	10	1,92	13	2,49	2	0,38	0	0,00	2	0,38	3	0,57	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Outros	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,19	0	0,00	0	0,00	0	0,00

Tabela 5 – Edifícios de São José, segundo a época de construção, por materiais do revestimento exterior usados na construção

As diferenças e as semelhanças entre a Freguesia de Benfica e a Freguesia de São José, no que respeitou ao número de pisos dos (1404 e 305, respetivamente nas primeira e segunda freguesias) edifícios construídos estruturalmente para possuir três ou mais alojamentos, notam-se nos factos de que enquanto a primeira freguesia englobou o valor relativo de 56,48% (793)

edifícios com seis e sete ou mais pisos, apesar de ter encerrado o valor relativo de 15,53% (218) edifícios com quatro pisos, a segunda freguesia englobou uma percentagem de 65,82% (260) edifícios com três e quatro pisos, mas ambas contiveram um valor percentual de edifícios com cinco pisos igual a, ou muito próximo de, 20,00% (cf. Gráfico 2).

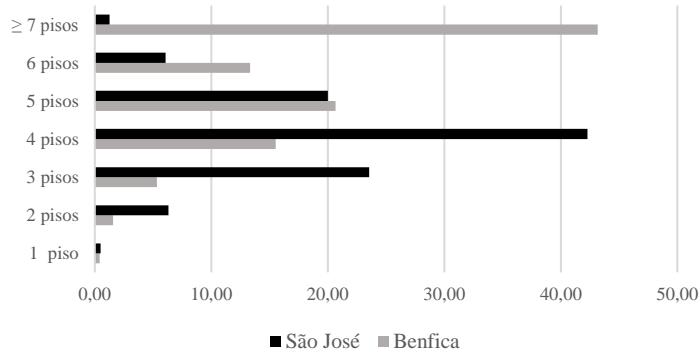


Gráfico 2 – Valores percentuais dos edifícios de São José e Benfica construídos estruturalmente para possuir três ou mais alojamentos, segundo o número de pisos

508 (36,19%) edificações do espaço urbano (local) da Freguesia de Benfica, construídas estruturalmente para possuir três ou mais alojamentos, foram formadas por quatro e cinco pisos, sendo que 22,58% e 30,69% dos mesmos casos, possuíram entradas não acessíveis à circulação em cadeira de rodas e não tiveram elevador, respetivamente. Já 793 (56,48%) edificações deste mesmo espaço urbano, construídas estruturalmente para possuir três ou mais alojamentos, eram constituídas por seis ou mais andares, sendo que 54,70% destes casos tiveram dois elevadores, mas 33,62% possuíram entradas não acessíveis à circulação em cadeira de rodas, apesar de em 22,86% desses casos as entradas serem acessíveis a esta circulação, o que vemos na Tabela 6.

Número de pisos Acessibilidade e existência de elevador	Total		1 piso		2 pisos		3 pisos		4 pisos		5 pisos		6 pisos		≥ 7 pisos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Entrada acessível à circulação em cadeira de rodas	542	38,60	3	0,21	8	0,57	19	1,35	97	6,91	94	6,70	75	5,34	246	17,52
Com elevador	383	27,28	0	0,00	2	0,14	11	0,78	28	1,99	24	1,71	72	5,13	246	17,52
Sem elevador	159	11,32	3	0,21	6	0,43	8	0,57	69	4,91	70	4,99	3	0,21	0	0,00
Entrada não acessível à circulação em cadeira de rodas	862	61,40	3	0,21	14	1,00	56	3,99	121	8,62	196	13,96	112	7,98	360	25,64
Com elevador	477	33,97	0	0,00	0	0,00	2	0,14	4	0,28	21	1,50	90	6,41	360	25,64
Sem elevador	385	27,42	3	0,21	14	1,00	54	3,85	117	8,33	175	12,46	22	1,57	0	0,00

Tabela 6 – Edifícios de Benfica construídos estruturalmente para possuir três ou mais alojamentos, segundo o número de pisos, por acessibilidade a pessoas com mobilidade condicionada e existência de elevador

Os edifícios com entradas não acessíveis à circulação em cadeira de rodas e inexistência de elevador foram duas características da morfologia do espaço urbano da Freguesia de São José, sendo crucial evidenciar o número percentual de 69,37%, no que disso respeito às entradas não acessíveis à circulação em cadeira de rodas dos edifícios com três, quatro e cinco andares, bem como o número relativo de 77,71%, que respeitou à inexistência de elevador nos edifícios com os mesmos números de andares (ver Tabela 7).

Acessibilidade e existência de elevador \ Número de pisos	Total		1 piso		2 pisos		3 pisos		4 pisos		5 pisos		6 pisos		≥ 7 pisos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Entrada acessível à circulação em cadeira de rodas	86	21,77	2	0,51	6	1,52	13	3,29	32	8,10	20	5,06	9	2,28	4	1,01
Com elevador	23	5,82	0	0,00	0	0,00	2	0,51	7	1,77	7	1,77	3	0,76	4	1,01
Sem elevador	63	15,95	2	0,51	6	1,52	11	2,78	25	6,33	13	3,29	6	1,52	0	0,00
Entrada não acessível à circulação em cadeira de rodas	309	78,23	0	0,00	19	4,81	80	20,25	135	34,18	59	14,94	15	3,80	1	0,25
Com elevador	25	6,33	0	0,00	1	0,25	3	0,76	4	1,01	9	2,28	7	1,77	1	0,25
Sem elevador	284	71,90	0	0,00	18	4,56	77	19,49	131	33,16	50	12,66	8	2,03	0	0,00

Tabela 7 – Edifícios de São José construídos estruturalmente para possuir três ou mais alojamentos, segundo o número de pisos, por acessibilidade a pessoas com mobilidade condicionada e existência de elevador

Das 2811 edificações, situadas na Freguesia de Benfica, um número bruto (e percentual) de 2251 (80,08%) edificações consistiu em edificações exclusivamente residenciais. Entre essas edificações exclusivamente residenciais, 1351 (48,06%) edificações foram constituídas por um alojamento, 387 (13,77%) edificações foram compostas por dez a quinze alojamentos e, para além disso, 258 (9,18%) edificações compreenderam dezasseis ou mais alojamentos. Naquela mesma freguesia, 541 (19,25%) edifícios consistiram em edifícios principalmente residenciais. Destes edifícios principalmente residenciais, 181 (6,44%) edifícios apresentaram dez a quinze alojamentos, enquanto 225 (8,00%) apresentaram dezasseis ou mais alojamentos. Também na Freguesia de Benfica, 19 (0,68%) edificações consistiram em edificações principalmente não residenciais.

No quadro espacial da Freguesia de São José, um número relativo 8,43% menor do que nesse quadro da Freguesia de Benfica consistiu em 374 (71,65%) edificações exclusivamente residenciais. Das edificações exclusivamente residenciais, 77 (14,75%) edificações incluíram um alojamento, 52 (9,96%) edificações contiveram três alojamentos, 77 (14,75%) edificações abrangeram quatro alojamentos e, por fim, 110 (21,07%) incluíram cinco a nove alojamentos. O mesmo quadro espacial da Freguesia de São José, diferentemente da Freguesia de Benfica, englobou 120 edifícios principalmente residenciais, um número bruto equivalente a 22,99% (o

que apontou para mais 3,74% do que em Benfica). Destes edifícios principalmente residenciais, 39 (7,47%) possuíram cinco a nove alojamentos. De modo semelhante ao anterior, a Freguesia de São José apresentou um valor relativo 4,68% mais alto do que a Freguesia de Benfica para os 28 (5,36%) edifícios principalmente não residenciais.

Estes dados estatísticos permitem verificar que a Freguesia de São José compreendeu, percentualmente, um maior número de organizações, que se encontraram sediadas nos edifícios principalmente residenciais e exclusivamente residenciais, e, entre estas, um maior número de lojas de comércio tradicional, que se encontraram a funcionar, habitualmente, nos pisos térreos dos edifícios principalmente residenciais.

Os alojamentos familiares da Freguesia de Benfica, ocupados como residência habitual, possuíram, normalmente, água canalizada proveniente da rede pública, bem como instalação de banho ou duche, mas 0,30% dos alojamentos não dispuseram desta instalação, nomeadamente alguns presentes no início da Rua dos Arneiros. Frequentemente, estes alojamentos estiveram equipados com sistema de aquecimento, mas contabilizamos um número percentual de 14,37% alojamentos, relacionado com um número absoluto de 5314 pessoas residentes, que não tiveram sistema de aquecimento.

Instalações dos edifícios	Água canalizada						Instalação de banho ou duche			Sistema de aquecimento						Outros modos de aquecimento		Sem aquecimento		
	Proveniente da rede pública		Proveniente da rede privada		Com água canalizada disponível apenas no edifício		Sem água canalizada disponível		Com instalação de banho ou duche		Sem instalação de banho ou duche		Aparelhos móveis (elétricos, a gás, etc.)		Aparelhos fixos (na parede, fogões, etc.)		Outros modos de aquecimento		Sem aquecimento	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Alojamentos	16455	99,64	57	0,35	0	0,00	3	0,02	16465	99,70	50	0,30	11756	71,18	1247	7,55	1139	6,90	2373	14,37
Pessoas residentes	36376	99,52	168	0,46	0	0,00	6	0,02	36438	99,69	112	0,31	25373	69,42	2965	8,11	2898	7,93	5314	14,54

Tabela 8 – Alojamentos familiares de Benfica, ocupados como residência habitual, segundo as instalações existentes nesses alojamentos

Os alojamentos familiares da (antiga) Freguesia de São José, ocupados como residência habitual, contiveram, normalmente, água canalizada proveniente da rede pública, assim como instalação de banho ou duche, mas 2,81% dos alojamentos não possuíram esta instalação, o que aconteceu, nomeadamente, na Rua do Cardal de São José, situada do lado Este, na Rua da Glória e numa “vila”, situadas do lado Oeste. A generalidade destes alojamentos compreendeu sistema de aquecimento, mas é também importante pensarmos nos 21,33% alojamentos, que albergaram 572 pessoas residentes, sem qualquer sistema de aquecimento.

Instalações dos edifícios Alojamentos e residentes	Água canalizada								Instalação de banho ou duche				Sistema de aquecimento							
	Proveniente da rede pública		Proveniente da rede privada		Com água canalizada disponível apenas no edifício		Sem água canalizada disponível		Com instalação de banho ou duche		Sem instalação de banho ou duche		Aparelhos móveis (elétricos, a gás, etc.)		Aparelhos fixos (na parede, fogões, etc.)		Outros modos de aquecimento		Sem aquecimento	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Alojamentos	1344	99,56	4	0,30	1	0,07	1	0,07	1312	97,19	38	2,81	932	69,04	59	4,37	71	5,26	288	21,33
Pessoas residents	2672	99,48	10	0,37	2	0,07	2	0,07	2629	97,88	57	2,12	1817	67,65	129	4,80	168	6,25	572	21,30

Tabela 9 – Alojamentos familiares de São José, ocupados como residência habitual, segundo as instalações existentes nesses alojamentos

De acordo com a informação dos Censos 2011, a Freguesia de Benfica apresentou 36821 indivíduos residentes, dos quais 10654 foram indivíduos idosos, e já a Freguesia de São José conteve 2746 pessoas residentes, das quais 659 foram pessoas idosas. Na comparação com os dados estatísticos dos Censos 2001, notamos uma diminuição gradual das populações residentes em ambas as freguesias, diminuição patente em menos 4547 indivíduos residentes na Freguesia de Benfica e menos 532 pessoas residentes na Freguesia de São José, o que demonstra existirem variações, entre 2001 e 2011, correspondentes a -10,99% e -16,23%, respetivamente. O quadro das variações incluiu não só diminuições dos números de crianças e adolescentes residentes, como também uma diminuição do número de adultos residentes. Relativamente às diferenças, de 2001 para 2011, no número de idosos residentes, constatamos que na Freguesia de Benfica o número de indivíduos idosos aumentou 21,76%, um valor percentual que exprimiu o aumento de 1904 indivíduos idosos, e na Freguesia de São José o número de pessoas idosas diminuiu 32,34%, o que traduziu uma diminuição de 315 pessoas idosas. Estas variações foram, muito provavelmente, orientadas por mudanças do local de residência, transições para outra geração e falecimentos que se deram, sobretudo, na população idosa.

Segundo a informação censitária de 2011, a população residente na Freguesia de Benfica fracionou-se em 4062 (11,03%) crianças, 5690 (15,45%) adolescentes, 16415 (44,58%) adultos e 10654 (28,93%) idosos. A população residente na antiga Freguesia de São José, por seu turno, fracionou-se em 255 (9,29%) crianças, 467 (17,00%) adolescentes, 1365 (49,72%) adultos e 659 (23,99%) idosos. Quando comparados ambos os bairros, os mesmos apuramentos exibiram maiores números percentuais para os adultos e idosos tanto na Freguesia de Benfica como na Freguesia de São José<sup>91</sup>.

<sup>91</sup> Existiram numerações absolutas (e relativas) de indivíduos em casal (de direito e de facto) concernentes a, na Freguesia de Benfica, 983 (2,67%) adolescentes, 10246 (27,83%) adultos, 6309 (17,13%) idosos; e, na antiga Freguesia de São José, 119 (4,33%) adolescentes, 684 (24,91%) adultos, 295 (10,74%) idosos. Os valores de casais de facto decresceram bastante dos adolescentes para os idosos em ambas as freguesias.

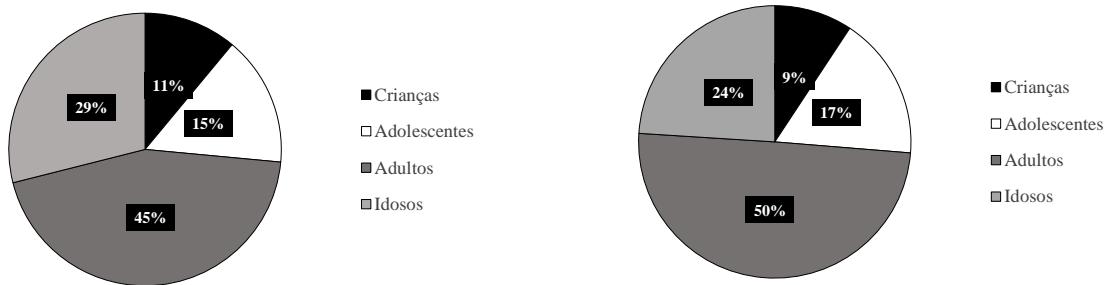


Gráfico 3 – Valores percentuais das populações residentes em Benfica (à esquerda) e em São José (à direita), segundo a geração

Em concordância com esta informação censitária de 2011, em que nos centramos daqui em diante, os idosos residentes na Freguesia de Benfica representaram 28,93% da população residente, um número relativo equivalente a 10654 idosos. As mulheres idosas contiveram um peso de 17,51%, manifesto no valor absoluto de 6447 mulheres, enquanto os seus congéneres masculinos constituíram 11,42% desta população, uma percentagem consideravelmente menor que relevou uma diferença de 6,09% entre mulheres e homens idosos ou, em termos absolutos, de mais 2240 mulheres idosas. Relativamente aos grupos etários de indivíduos idosos que mais se destacaram da população residente na Freguesia de Benfica, encontramos valores (relativos) mais elevados para os indivíduos entre os 65 e 69 anos (7,98%) e entre os 70 e 74 anos (7,32%), havendo já uma diminuição algo considerável entre os 75 e 79 anos (6,27%) e a partir do último intervalo os valores diminuíram grandemente e continuaram em ritmo decrescente, sendo que o número de mulheres foi superior ao número de homens em todos os grupos etários de idosos. Apesar dos indivíduos idosos das duas primeiras faixas etárias serem aqueles que, juntamente com os indivíduos entre os 60 e 64 anos (7,53%), melhor representados estiveram na população residente em Benfica, existiram indivíduos de outros grupos etários (também com maior peso de elementos do sexo feminino) que obtiveram números importantes, como foram os indivíduos entre os 25 e 29 anos (6,27%), entre os 30 e 34 anos (6,54%) e entre os 35 e 39 anos (6,87), e que, ao serem agrupados com os indivíduos entre os 60 e 64 anos, fizeram notar a existência de residentes (adolescentes e adultos) de grupos etários mais novos, que usufruíram, pelo menos habitacionalmente, da mesma freguesia.

Ainda no universo da população residente, a Freguesia de São José apresentou 23,99% de indivíduos com 65 ou mais anos, um valor percentual referente ao valor bruto de 659 pessoas idosas, sendo as mulheres (15,08%) uma fração importante dos mesmos indivíduos idosos e os

homens uma menor parte (8,92%), o que evidenciou uma diferença não negligenciável de mais 169 mulheres. A diferença percentual entre mulheres e homens idosos (6,16%) foi superior à diferença encontrada na Freguesia de Benfica. No entanto, a Freguesia de São José abrangeu, percentualmente, menos idosos residentes do que a Freguesia de Benfica e estes encontraram-se pior representados em menos 4,94%. Os números (relativos) mais elevados destacaram-se, assim, nos indivíduos com idades compreendidas entre os 25 e 29 anos (9,03%) e entre os 30 e 34 anos (10,82%), que contiveram maior representação feminina do que masculina, tal como entre os 35 e 39 anos (8,05%), um grupo etário em que, ao contrário dos anteriores, existiu uma maior representação masculina. Os mesmos números mais elevados refletiram um povoamento residencial diferente do que notamos em Benfica, onde se sublinharam dois intervalos de idades superiores a 64 anos e um imediatamente anterior. Os números (relativos) maiores extraídos da população idosa residente em São José cifraram-se nos idosos com intervalos de idades entre os 70 e 74 anos (5,35%) e entre os 75 e 79 anos (6,01%), nos quais as mulheres estiveram mais acentuadamente representadas, o que aconteceu em todos os grupos etários de pessoas idosas, com exceção do grupo etário entre os 65 e 69 anos, como podemos averiguar na Tabela 10.

Idades	Freguesia de Benfica						Freguesia de São José					
	HM	%	H	%	M	%	HM	%	H	%	M	%
Total	36821	100	16487	44,78	20334	55,22	2746	100	1295	47,16	1451	52,84
≤ 14 anos	4062	11,03	2097	5,70	1965	5,34	255	9,29	127	4,62	128	4,66
15-19 anos	1520	4,13	767	2,08	753	2,05	88	3,20	49	1,78	39	1,42
20-24 anos	1860	5,05	920	2,50	940	2,55	131	4,77	66	2,40	65	2,37
25-29 anos	2310	6,27	1135	3,08	1175	3,19	248	9,03	118	4,30	130	4,73
30-34 anos	2409	6,54	1147	3,12	1262	3,43	297	10,82	145	5,28	152	5,54
35-39 anos	2528	6,87	1217	3,31	1311	3,56	221	8,05	118	4,30	103	3,75
40-44 anos	2164	5,88	994	2,70	1170	3,18	186	6,77	95	3,46	91	3,31
45-49 anos	2148	5,83	1012	2,75	1136	3,09	170	6,19	96	3,50	74	2,69
50-54 anos	2089	5,67	879	2,39	1210	3,29	151	5,50	73	2,66	78	2,84
55-59 anos	2306	6,26	1000	2,72	1306	3,55	174	6,34	84	3,06	90	3,28
60-64 anos	2771	7,53	1112	3,02	1659	4,51	166	6,05	79	2,88	87	3,17
65-69 anos	2939	7,98	1234	3,35	1705	4,63	127	4,62	65	2,37	62	2,26
70-74 anos	2694	7,32	1115	3,03	1579	4,29	147	5,35	58	2,11	89	3,24
75-79 anos	2307	6,27	950	2,58	1357	3,69	165	6,01	56	2,04	109	3,97
80-84 anos	1536	4,17	535	1,45	1001	2,72	119	4,33	41	1,49	78	2,84
85-89 anos	863	2,34	288	0,78	575	1,56	68	2,48	13	0,47	55	2,00
90-94 anos	237	0,64	60	0,16	177	0,48	22	0,80	8	0,29	14	0,51
95-99 anos	69	0,19	24	0,07	45	0,12	10	0,36	4	0,15	6	0,22
≥ 100 anos	9	0,02	1	0,00	8	0,02	1	0,04	0	0,00	1	0,04

Tabela 10 – População residente nas duas freguesias, segundo o sexo, por grupo etário

Não obstante a Freguesia de São José ter englobado, percentualmente, menos idosos do que a Freguesia de Benfica, quando considerarmos o universo da população residente, incluiu no universo, exclusivamente, da população idosa residente, o maior valor percentual (58,43%)

de ambas as freguesias, no que disse respeito às pessoas idosas com idades iguais ou superiores a 75 anos, sendo que notamos uma diferença de 11,31% em relação à Freguesia de Benfica. De facto, a última freguesia conteve uma percentagem (52,88%) superior à primeira freguesia só nos grupos etários entre os 65 e 69 anos e entre os 70 e 74 anos, como vemos no Gráfico 4.

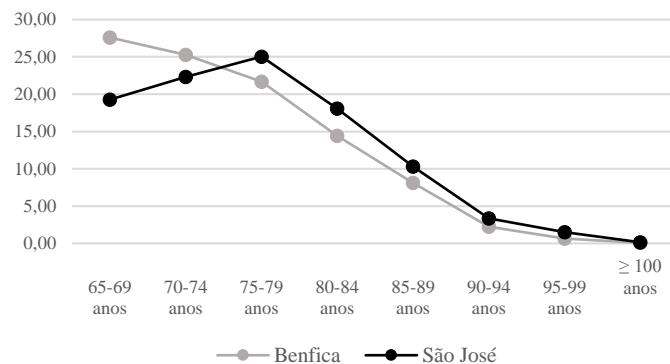


Gráfico 4 – Valores percentuais dos idosos residentes em Benfica e São José, segundo o grupo etário

É também interessante salientar que, ao tomarmos em consideração, exclusivamente, o universo da população idosa residente, a Freguesia de Benfica apresentou um número relativo, ligeiramente, superior de idosos do sexo masculino, quando comparada com Freguesia de São José e, provavelmente, a menor longevidade dos indivíduos do sexo masculino influenciou a percentagem de homens idosos residentes na última freguesia, onde estiveram presentes grupos etários mais elevados de idosos. Por isso, os idosos residentes em São José estiveram melhor representados do que as idosas aí residentes no que concerne ao grupo etário entre os 65 e 69 anos, contudo, nos outros grupos etários (de idades mais avançadas) o número de mulheres foi consideravelmente maior, como podemos observar na Tabela 11.

Freguesias	Freguesia de Benfica						Freguesia de São José					
	HM	%	H	%	M	%	HM	%	H	%	M	%
Idades												
Total	10654	100	4207	39,49	6447	60,51	659	100	245	37,18	414	62,82
65-69 anos	2939	27,59	1234	11,58	1705	16,00	127	19,27	65	9,86	62	9,41
70-74 anos	2694	25,29	1115	10,47	1579	14,82	147	22,31	58	8,80	89	13,51
75-79 anos	2307	21,65	950	8,92	1357	12,74	165	25,04	56	8,50	109	16,54
80-84 anos	1536	14,42	535	5,02	1001	9,40	119	18,06	41	6,22	78	11,84
85-89 anos	863	8,10	288	2,70	575	5,40	68	10,32	13	1,97	55	8,35
90-94 anos	237	2,22	60	0,56	177	1,66	22	3,34	8	1,21	14	2,12
95-99 anos	69	0,65	24	0,23	45	0,42	10	1,52	4	0,61	6	0,91
≥ 100 anos	9	0,08	1	0,01	8	0,08	1	0,15	0	0,00	1	0,15

Tabela 11 – População idosa residente nas duas freguesias, segundo o sexo, por grupo etário

Igualmente no universo da população idosa residente, a distribuição, sobre os níveis de escolaridade completados pelos idosos residentes na Freguesia de Benfica, acentuou um valor percentual (e absoluto) igual a 12,23% (1303) de idosos sem nível de escolaridade completo. A obtenção do primeiro ciclo do ensino básico foi conseguida por 42,59% (4538) da população idosa residente nesta freguesia, o segundo ciclo foi completado por 7,56% (805) desta mesma população e 13,16% (1402) possuiu o terceiro ciclo. O que conferiu destaque à população idosa de Benfica, quando pensamos nos níveis de escolaridade concluídos, foram os valores de idosos que completaram o ensino secundário e um nível do ensino superior (com maior destaque para as licenciaturas e, depois, os bacharelados) correspondentes a 9,54% (1016) e 14,81% (1578), respetivamente. A população idosa da Freguesia de São José revelou-se menos escolarizada, ao apresentar um número relativo de idosos sem nível de escolaridade completo igual a 20,33% (134), mas o número relativo de idosos que completaram o primeiro ciclo do ensino básico foi igual a 56,60% (363). Com exceção dos (56) idosos que concluíram o terceiro ciclo do ensino básico, um conjunto de 8,50%, as percentagens respeitantes aos indivíduos que concluíram os outros níveis de escolaridade foram 5,31% (35) para o segundo ciclo, 4,55% (30) para o ensino secundário e 4,70% (31) para o ensino superior, como constatamos no Gráfico 5.

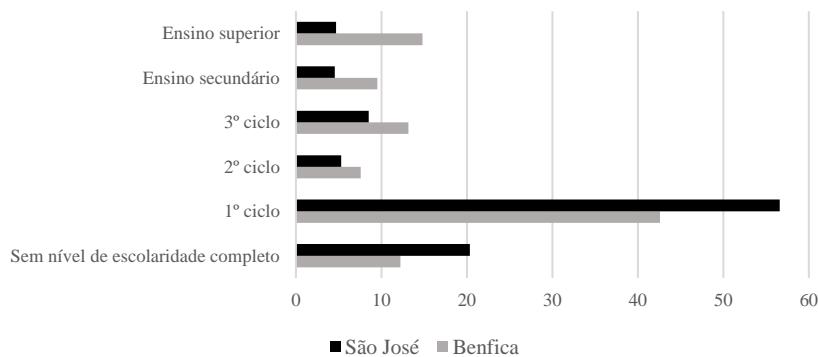


Gráfico 5 – Valores percentuais dos idosos residentes em São José e Benfica, segundo o nível de escolaridade completo

Da população idosa residente na Freguesia de Benfica foram as mulheres idosas com 75 ou mais anos que mais encabeçaram a ausência de um nível de escolaridade completo (6,48%). Com algum nível do ensino básico concluído estiveram, identicamente, as mulheres com 75 anos ou mais em maior número (18,82%). Para o número de idosos que completaram o ensino secundário e um nível do ensino superior, relevaram-se os intervalos de idades entre os 65 e 69 anos e dos 75 a mais anos, mas as diferenças, relativamente ao intervalo entre os 70 e 74 anos, rondaram um valor percentual. Os valores relativos de ambos mulheres e homens idosos que

concluíram aqueles níveis de ensino foram muito próximos, o que demonstrou que tanto as idosas como os idosos possuíram níveis mais avançados de escolaridade. Na população idosa da Freguesia de São José um número considerável de mulheres com 75 ou mais anos (12,44%) não possuiu qualquer nível de escolaridade completo. Dos idosos que completaram o primeiro ciclo do ensino básico existiu maior ênfase nos indivíduos de 75 ou mais anos, que detiveram uma representação de 33,69% – formando as mulheres idosas exatamente o dobro (22,46%) dos homens idosos. No entanto, um maior número relativo de idosos (4,86%) do que de idosas (3,64%) concluiu o terceiro ciclo do ensino básico, o que aconteceu em todos os grupos etários.

Quanto aos números absolutos (e relativos) do estado civil (legal) dos idosos residentes nas duas freguesias em análise, ao termos, outra vez, em consideração o universo da população idosa residente, a Freguesia de Benfica incluiu 709 (6,65%) solteiros, 6228 (58,46%) casados, 738 (6,93%) divorciados e 2979 (27,96%) viúvos e a Freguesia de São José, que compreendeu traços distintos a este nível, englobou 82 (12,44%) solteiros, 287 (43,55%) casados, 60 (9,10%) divorciados e 230 (34,90%) viúvos.

No enquadramento de ambas as freguesias, no que concerne ao estado civil (legal) dos idosos residentes, importa enfatizar as diferenças encontradas, quando da comparação entre as mais importantes percentagens que as caracterizaram. Efetivamente, a Freguesia de São José apresentou, ao refletirmos sobre a população idosa residente, praticamente o dobro de solteiros (12,44%), com uma diferença de 5,79% relativamente à Freguesia de Benfica. Notamos que na Freguesia de São José residiu um menor valor relativo de idosos casados (-14,91%) do que na Freguesia de Benfica, sendo este valor de casados residentes na Freguesia de São José inferior a metade da população idosa residente (43,55%), o que não aconteceu na Freguesia de Benfica, onde o valor de idosos casados perfez mais de metade da população idosa residente (58,46%). Da diferença entre a Freguesia de São José, que conquistou o menor número relativo de idosos casados, e a Freguesia de Benfica decorre que o valor de idosos divorciados e viúvos residentes na primeira freguesia foi, percentualmente, maior, uma superioridade numérica patente em mais 2,17% de divorciados e mais 6,94% de viúvos, algo que foi também notório no valor relativo de solteiros aí residentes, como vimos anteriormente.

Nesse mesmo enquadramento, quando pensamos no estado civil (legal) do universo da população idosa residente, o valor de idosos casados foi superior ao valor de idosas casadas. As solteiras, divorciadas e viúvas com 65 ou mais anos (que completaram 33,89% na Freguesia de Benfica e 43,10% na Freguesia de São José) estiveram muito melhor representadas (em mais 26,24% na Freguesia de Benfica e mais 29,74% na Freguesia de São José) do que os homens

nas mesmas condições e houve mais do quíntuplo de idosas viúvas relativamente aos indivíduos do sexo masculino, em situação de viuvez, residentes em ambas as freguesias, como podemos observar no Gráfico 6. Esta superioridade feminina, no que respeitou ao número de mulheres idosas que se encontraram solteiras, divorciadas ou viúvas, constituiu-se em torno de diferenças representativamente interessantes entre mulheres e homens idosos, pois apontou para o facto de que são, muito provavelmente, as mulheres idosas que se encontram, maioritariamente, em situações (mais ou menos) drásticas de solidão e lacunas nos apoios, por não usufruírem das componentes sociais e económicas que são apanágio das conjugalidades. Importa sublinhar a este respeito o número considerável de idosas viúvas entre os 85 e 89 anos, residentes em São José (6,22%), bem como os números também consideráveis de idosas viúvas entre os 75 e 79 anos (5,64% na Freguesia de Benfica e 6,83% na Freguesia de São José) e entre os 80 e 84 anos (5,43% e 6,37%, respetivamente nas freguesias de Benfica e São José), que residiram nas duas freguesias.

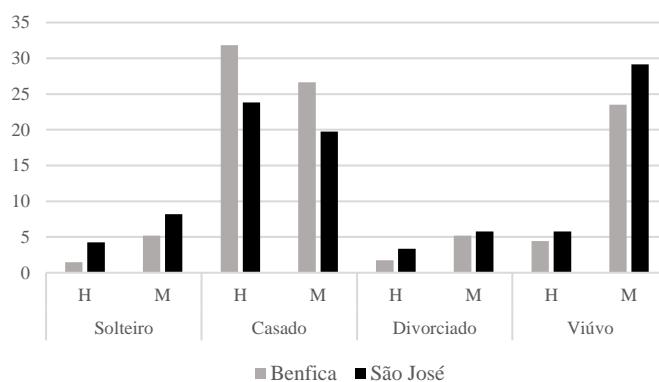


Gráfico 6 – Valores relativos dos idosos residentes em Benfica e São José, segundo o estado civil (legal)

Praticamente metade das 16735 famílias (clássicas) residentes na Freguesia de Benfica compreendeu entre um a três ou mais idosos (45,17%), sendo que 15,89% destas famílias foram constituídas, unicamente, por um idoso. 17,00% destas mesmas famílias foram preenchidas por dois idosos e 13,40% deste último valor apenas incluiu dois idosos, mas 3,61% abrangeu pelo menos mais um indivíduo de outra geração. As características da Freguesia de Benfica que mais se distinguiram, na comparação com as 1429 famílias (clássicas) residentes na Freguesia de São José, disseram respeito à percentagem de famílias, residentes na segunda freguesia, com um ou dois idosos no total das famílias aí residentes, que foi equivalente a 35,76%, e à inexistência de famílias com três ou mais idosos. Na mesma segunda freguesia, 16,52% das famílias residentes foram compostas, exclusivamente, por um idoso. 10,08% das famílias foram constituídas por

dois idosos, tendo uma maior parte (7,63%) apenas dois idosos, mas 2,45% desse valor incluiu também pelo menos um indivíduo de outra geração<sup>92</sup>, como patenteia a Tabela 12.

Dimensão da família \ Famílias clássicas	Freguesia de Benfica										Freguesia de São José									
	Total		Nenhum Idoso		1 idoso		2 idosos		≥ 3 idosos		Total		Nenhum idoso		1 idoso		2 idosos		≥ 3 idosos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Total	16735	100	9176	54,83	4659	27,84	2845	17,00	55	0,33	1429	100	918	64,24	367	25,68	144	10,08	0	0,00
1 indivíduo	5455	32,6	2795	16,70	2660	15,89	0	0,00	0	0,00	670	46,89	434	30,37	236	16,52	0	0,00	0	0,00
2 indivíduos	6112	36,52	2585	15,45	1285	7,68	2242	13,40	0	0,00	454	31,77	261	18,26	84	5,88	109	7,63	0	0,00
3 indivíduos	2882	17,22	1981	11,84	409	2,44	445	2,66	47	0,28	170	11,9	115	8,05	28	1,96	27	1,89	0	0,00
4 indivíduos	1613	9,64	1339	8,00	176	1,05	91	0,54	7	0,04	95	6,65	80	5,60	11	0,77	4	0,28	0	0,00
5 indivíduos	425	2,54	292	1,74	83	0,50	49	0,29	1	0,01	29	2,03	21	1,47	7	0,49	1	0,07	0	0,00
6 indivíduos	156	0,93	111	0,66	30	0,18	15	0,09	0	0,00	8	0,56	4	0,28	1	0,07	3	0,21	0	0,00
7 indivíduos	49	0,29	37	0,22	11	0,07	1	0,01	0	0,00	0	0	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
8 indivíduos	26	0,16	21	0,13	4	0,02	1	0,01	0	0,00	1	0,07	1	0,07	0	0,00	0	0,00	0	0,00
≥ 9 indivíduos	17	0,1	15	0,09	1	0,01	1	0,01	0	0,00	2	0,14	2	0,14	0	0,00	0	0,00	0	0,00

Tabela 12 – Famílias clássicas de ambas as freguesias, segundo o número de idosos, por dimensão da família

Verificamos que uma parte considerável das famílias (clássicas) residentes em ambas as freguesias compreendeu idosos e praticamente metade das famílias com idosos residentes na Freguesia de São José, bem como praticamente um terço do mesmo tipo de famílias residentes na Freguesia de Benfica, foi constituída por um idoso que vivia só. O estado civil (legal) dos idosos aí residentes apontou para que sejam as mulheres a viver e a sofrer com esta realidade que pode, efetivamente, encerrar contornos (mais ou menos) dolorosos em termos da ausência de preenchimentos familiares e, consequentemente, das restrições nos apoios.

## 6.5. Caracterização (residencial, socioeconómica e sociofamiliar) dos entrevistados

Dos trinta idosos entrevistados, vinte e seis residem (ou residiram) nos locais onde esta investigação colocou os maiores enfoques, isto é, no lado Este do Bairro de São José, nos lados

<sup>92</sup> De modo mais abrangente, no universo da população residente, existiram numerações absolutas (e relativas) de pais em casal ou em núcleo monoparental (a residir com, pelo menos, um filho) e de filhos residentes com pais em casal ou em núcleo monoparental concernentes a: na Freguesia de Benfica, 475 (1,29%) pais adolescentes e 3363 (9,13%) filhos adolescentes, 7957 (21,61%) pais adultos e 1702 (4,62%) filhos adultos, 1781 (4,83%) pais idosos e 41 (0,11%) filhos idosos; e, na antiga Freguesia de São José, 32 (1,16%) pais adolescentes e 150 (5,46%) filhos adolescentes, 447 (16,28%) pais adultos e 106 (3,86%) filhos adultos, 105 (3,82%) pais idosos e 3 (0,11%) filhos idosos. Também no universo da população residente, notamos que, na Freguesia de Benfica, existiram 2,84% pais idosos a residir em casal e 2,00% pais idosos a residir em núcleo monoparental, sendo que a percentagem mais elevada (0,10%) de filhos idosos residentes com os pais recaiu sobre os residentes em núcleos monoparentais de mães. Já na antiga Freguesia de São José existiu uma percentagem muito equivalente de pais idosos a residir em casal e em núcleo monoparental e existiram só 3 homens idosos a residir com os pais e, mais especificamente, em núcleos monoparentais de mães.

Nordeste e Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros e nas proximidades desta rua (especificamente, no Bairro do Charquinho e na Calçada do Tojal). Contudo, entrevistámos um pequeno número de indivíduos residentes em outros locais, mais propriamente, no lado Oeste do Bairro de São José, no Bairro do Sagrado Coração de Jesus (um bairro adjacente ao Bairro de São José) e no Bairro da Boavista (um bairro integrado no Bairro de Benfica), e os últimos mantêm relacionamentos com residentes nos primeiros locais.

Os idosos entrevistados são dos sexos feminino e masculino têm, presentemente, idades compreendidas entre os sessenta e seis anos e os noventa e três anos. Se alguns destes mesmos idosos não possuem escolaridade, outros completaram algum nível do antigo sistema de ensino, como a terceira classe, a quarta classe, algum ano de liceu ou algum curso do ensino técnico, havendo idosos que concluíram determinados graus académicos. Estes entrevistados incluíram-se, pois, em diferentes categorias socioprofissionais, que foram, sobretudo: as dos empregados executantes, profissionais técnicos e de enquadramento e profissionais intelectuais e científicos. Exclusivamente, três indivíduos foram incluídos nas categorias socioprofissionais dos operários industriais, pequenos empresários (cf. Guerreiro, 1996) e empresários, dirigentes e profissionais liberais. Com uma situação ativa perante o trabalho existem, também exclusivamente, cinco idosos, que estão incluídos nas categorias socioprofissionais dos empregados executantes e dos trabalhadores independentes<sup>93</sup>.

Os idosos entrevistados são, principalmente, viúvos e casados, havendo um pequeno número de idosas solteiras e divorciadas, e têm, principalmente, entre um e dois filhos, havendo um número pequeno de idosos com três filhos ou sem filhos. Os mesmos idosos entrevistados vivem, principalmente, sós ou em casal, havendo um pequeno número de idosos com outras situações respeitantes à composição do agregado doméstico (ver, igualmente, Anexo B, páginas 320 a 324, onde apresentamos uma tabela com um conjunto de indicadores de caracterização e damos conta das características de cada idoso que entrevistámos).

Num primeiro momento, ao tomarmos em consideração as análises e as descrições antes apresentadas, é possível concluir que estes mesmos campos empíricos de observação e os seus integrantes vêm confirmar a ideia de que a cidade de Lisboa “(...) se tem construído (...) como um espaço não homogéneo, integrador de múltiplas e complexas descontinuidades no tecido urbano, social e cultural – sobre as quais tão pouco se conhece.” (Cordeiro, 1997, 64).

<sup>93</sup> Costa et al. (2000) propuseram um conjunto de categorias socioprofissionais semelhante ao aqui apresentado.

## **PARTE IV – ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS<sup>94</sup>**

### **Capítulo 7**

#### **Agência, orientada para o curso de vida, dos idosos residentes nos bairros de São José e Benfica**

As questões e temáticas sobre a agência, acionada no curso de vida, e as estruturas que a constrangem ou que a favorecem estão muito discutidas por autores como Glen Elder (1994, 1998, por exemplo). Por isso mesmo, decidimos não desenvolver, longamente, estas questões e temáticas, apresentando neste capítulo uma análise empírica resumida sobre as mesmas, que propõe constituir mais uma introdução ao próximo capítulo (que respeita à agência acionada, durante a modernidade avançada, nos espaços e comunidades locais, interlocais e translocais) do que, propriamente, um desenvolvimento empírico pormenorizado. De facto, as informações recolhidas foram muito ao encontro das descobertas dos autores que estudaram estas questões e temáticas. Na senda dos mesmos autores, ao investigarmos a agência, orientada para o curso de vida, dos idosos residentes em ambos os bairros de São José e Benfica, tal como as estruturas (reticulares, posicionais e espaciais locais) que mais a constrangeram ou mais a favoreceram, e as articulações entre essas estruturas, segmentámo-los em duas diferentes coortes.

#### **Coorte nascida entre 1920 e 1933**

Os elementos da primeira coorte nasceram entre 1920 e 1933, isto é, durante os últimos anos da Primeira República Portuguesa ou durante a, geralmente chamada, ditadura militar (do golpe militar de 1926 até à entrada em vigor da Constituição Portuguesa de 1933). Em traços largos, os (quinze) entrevistados desta primeira coorte sentiram, durante mais tempo, o impacto

<sup>94</sup> A organização dos dados empíricos apresentada nesta análise, designadamente, no que respeita à apresentação de fichas biográficas e resumos das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços, bem como os parágrafos introdutórios e conclusivos de uma parte desta análise, foram realizados com base no trabalho de Guerreiro (1996). Os nomes que designam os investigados, aqui envolvidos, não correspondem aos seus verdadeiros nomes.

da Segunda República Portuguesa no curso de vida<sup>95</sup>, tal como sentiram, durante menos tempo, o impacto da Terceira República Portuguesa no curso de vida. Estes mesmos entrevistados são, principalmente, residentes idosos do Bairro de São José.

Parte dos entrevistados inscritos nesta coorte não frequentaram a escola, quando foram crianças. A origem desta questão está nos factos de que, por um lado, as escolas ficaram, muitas vezes, situadas longe das aldeias onde os mesmos entrevistados residiram e, por outro lado, os progenitores não dispuseram de recursos económicos que permitissem financiar o transporte para as escolas e prescindir dos trabalhos domésticos que os entrevistados realizaram e dos trabalhos efetuados por estes nas suas terras e com os seus animais (e/ou nas terras e com os animais de outros indivíduos). No mesmo contexto, os descendentes, habitualmente em grande número, contribuíram para a sobrevivência da família de orientação através das realizações de trabalho doméstico e de trabalho agrícola e com os animais, distribuídas (geralmente) entre os irmãos e os progenitores, sendo que os últimos puderam assegurar, exclusivamente, a residência precária e a alimentação insuficiente, mas daqui resultou, ainda assim, uma partilha de grandes apoios instrumentais entre os membros da família. Cristina Patrício (b.e.1) deu conta de alguns traços das mesmas realidades:

“(...) O meu pai tinha... tinha gado numa propriedade da minha avó, tinha bois, tinha uns porquinhos, tinha umas cabritas, tinha umas ovelhas, tudo pouco, tudo pouco. Então, como o meu pai não podia deixar de trabalhar no campo, quer dizer, tinha que arranjar comida para nós, não é, ele punha assim um dos mais velhos com um dos mais novos a cuidar dos animais, um supor, eu andei muito tempo, em miúda, não é, a cuidar dos porcos com um dos meus irmãos mais velhos, eu, as minhas irmãs era a mesma coisa e assim evitava de meter pessoal, não haviam escolas! Onde a gente morava não haviam escolas! Havia só uma escola que era a hora e meia de carroça de animal. Como é que o meu pai podia? Não podia de maneira nenhuma, não é. Para nos ir levar à escola não podia trabalhar no campo, não tínhamos o que comer, isto é assim mesmo, que a gente comia daquilo que o meu pai semeava no campo, não é.”.

#### **Ficha biográfica e.1 (Cristina Patrício)**

Nasceu numa aldeia perto de Grândola, no ano de 1930. Tem oitenta e oito anos e, em 1953, terminou a quarta classe num colégio particular, situado em Lisboa. É viúva. Teve cinco irmãos. Desde criança que ajudou o pai nas tarefas com os animais e, quando a mãe se separou do pai, fez os trabalhos domésticos e tomou conta da irmã e do irmão mais novos. Esta irmã é a única irmã viva e encontram-se casualmente. De 1948 a 1951, foi empregada interna de um consultório de dentista, instalado em Grândola, uma vila perto da sua terra-natal. Em 1951, migrou para Lisboa e trabalhou, profissionalmente, como empregada interna de famílias, na companhia de uma irmã, até 1957, ano em que casou. Depois de casada, residiu com o marido em quartos alugados, durante vinte e três anos, sendo que, em 1975, morou num (último) quarto situado no lado Este do Bairro de São José

<sup>95</sup> Durante a Segunda República Portuguesa, estes idosos sofreram o impacto, por via do racionamento português, ou souberam do impacto da Guerra Civil de Espanha e da Segunda Guerra Mundial, durante os períodos da infância e (ou) da adolescência.

e, precisamente, na Rua do Carrião, durante cinco anos. A sogra residiu mesmo em frente ao edifício onde esse quarto esteve inserido e foi ajuntadeira. Depois, mudou-se com o marido para a casa onde reside presentemente, localizada na Rua da Fé, do mesmo lado do bairro. O marido adoeceu, em 1983, e faleceu após um ano. Durante o tempo de casada, uma vez que gostou muito da profissão da sogra, fez trabalho profissional como ajuntadeira em oficinas de calçado (1957/1980) e em casa (1980/1983). Atualmente, faz trabalho de costura para certos nós amicais de vizinhança e relaciona-se com outros nós vicinais que criou e fomentou desde 1975, mas relaciona-se, também, mais recentemente, sobretudo, com mais alguns idosos residentes no lado Este do Bairro de São José. Encontra-se com os residentes do lado Este do bairro em sociabilidades de janela e noutras atividades do bairro ou próximas do bairro, como, sobretudo, as aulas de Ginástica da *Junta de Freguesia de Santo António*, lecionadas por uma adulta residente no bairro, com quem tem muita familiaridade, as aulas de Hidroginástica do *Holmes Place Avenida* (tendo começado a frequentar ambas as aulas em 2011) e as conversas nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade (para maior pormenor consulte as páginas 326 a 328 do Anexo C).

Natália Guerra (b.e.2) lembrou-se, também, que não foi possível frequentar a escola, ao longo da infância, uma vez que os pais tinham baixos recursos económicos: “(...) Pois é claro, fiz a minha vida de miúda na província na rua, na rua, porque os meus pais eram pobres e como eram pobres não podiam ter-me num infantário ou coisa assim, numa escola, não podiam, não é, e, então, vivi na rua, vivia na rua bem entendido, mas ao poder da minha mãe e do meu pai e dos meus irmãos, que estávamos todos juntos, éramos seis (...)”.

#### **Ficha biográfica e.2 (Natália Guerra)**

Nasceu, em 1926, numa aldeia próxima de Lamego e, em 2015, teve oitenta e nove anos e foi viúva. Todos os seus cinco irmãos foram mais velhos e, nessa altura, haviam já falecido. Concluiu a quarta classe num colégio particular, situado em Lisboa. Com trinta anos, veio residir com uma irmã e o cunhado para um apartamento na Rua da Metade, presente no lado Este do Bairro de São José, com o objetivo de tomar conta do sobrinho recém-nascido. Passados poucos anos, começou a fazer trabalho profissional na cozinha de um restaurante do *Parque Mayer*, visto que essa irmã trabalhava aí, e ficou empregada, juntamente com a irmã, ao longo de quase todo o seu trajeto profissional, que durou menos de quinze anos<sup>96</sup>. Nos primeiros anos em que trabalhou aí casou, tendo continuado a residir no mesmo apartamento com o marido, o sobrinho, a irmã e o cunhado. Aproximadamente em 1971, o marido faleceu, tinha anteriormente falecido o cunhado, e, em 1988, a irmã também morreu. Pouco tempo depois, o sobrinho casou e deixou de residir no mesmo apartamento. A seguir ao casamento do sobrinho, passou a residir sozinha nesse apartamento, mas continuou a manter laços muito fortes com o sobrinho, que lhe

<sup>96</sup> Certos entrevistados, em situação de entrevista formal, e, mesmo, certos investigados, em situação de entrevista informal, transportaram para as suas realidades, passadas e presentes, os seus sonhos, isto é, o que gostavam que tivesse acontecido, e ocultaram ou modificaram experiências que os envergonharam ou que não quiseram partilhar. Neste contexto, foi importante realizarmos um trabalho de desconstrução do que nos foi contado. Efetivamente, como disse Pais: “No caso concreto da entrevista – e qualquer que seja a sua natureza – o ‘entre-vistado’ acaba sempre sendo visto por entre névoas encobridoras do que pretendemos entrever. A função da entrevista é chegar ao desconhecido, ao ‘não visto’ ou, melhor dizendo, somente ao ‘entrevistado’. O entrevistado é justamente o ‘visto imperfeitamente’, o ‘mal visado’, o apenas ‘previsto’ ou ‘pressentido’” (2003, 101).

deu grandes apoios. Anteriormente ao falecimento da irmã, ambas compraram esse mesmo apartamento, onde residiram sob o regime de aluguer, e colocaram-no em nome do seu sobrinho. Em 2011, começou a frequentar as aulas de Expressão Plástica da antiga *Junta de Freguesia de São José*, onde nutriu laços de conhecimento com residentes idosas do lado Este do bairro, mas possuiu uma amiga idosa, residente do lado Oeste do bairro, com quem, já neste ano, apenas contactou por telefone, devido aos problemas de mobilidade de ambas. Durante este mesmo ano, teve que ser operada a uma perna, na sequência de um atropelamento, e fez a recuperação pós-operatória da mobilidade numa clínica, situada no exterior da cidade de Lisboa. Posteriormente, voltou a residir só nesse mesmo apartamento, continuou a interagir telefonicamente com aquela amiga e a desenvolver laços de conhecimento com residentes idosas do lado Este do bairro, tendo sido apoiada, aos dias úteis, pelo *Vassouras & Companhia* até 2015, ano em que foi institucionalizada num lar.

Mesmo quando os idosos desta coorte frequentaram a escola até às terceira ou quarta classes, visto que os pais conseguiram prescindir de parte do seu trabalho durante aquelas horas – mesmo que não fincassem o transporte e estes mesmos idosos tivessem que fazer longas caminhadas a pé – sofreram privações acentuadas em termos de alimentação e vestuário. Estas mesmas privações relacionadas com o vestuário incluíram, geralmente, a ausência de calçado, tendo as crianças que andar descalças, como notou Teresa Canas (b.e.3): “Bem, a minha história foi viver com muitos irmãos, mas eu era a mais velha, sim, eu sou a mais velha, e muita miséria, não é, naquele tempo não havia dinheiros (...) andava-se descalça na escola e lava-se a roupa ao sábado para vestir ao domingo e, enfim, pronto, era assim.”. Para além disso, estes mesmos idosos não puderam estudar mais, depois de concluírem as terceira ou quarta classes, devido às restrições económicas dos progenitores, que não tiveram poder económico para financiar uma continuação dos seus estudos e precisaram, também, de obter mais grandes apoios instrumentais destes mesmos idosos, por intermédio da prestação de cuidados aos irmãos, por exemplo. Alice Simões (b.e.4), que vive num bairro contíguo ao Bairro de São José, é um exemplo disso, apesar de esta idosa, ao contrário da grande parte dos entrevistados desta coorte, ter nascido em Lisboa: “(...) não pude estudar mais, porque os meus pais não tinham possibilidades para eu estudar que eu queria estudar, eu gostava de ter sido professora, mas... até a professora chegou a chamar a minha mãe, que Deus tem, para ver se conseguiam que eu seguisse... os estudos, mas eles não tinham possibilidades financeiras e tive que desistir (...).” Com Teresa Canas (b.e.3) foi, identicamente, o que aconteceu, como relatou neste trecho:

“Entrevistador: (...) Fez até à terceira classe?

Entrevistado: Até à terceira classe, porque a minha mãe foi falar até com o professor... ah, o professor mandou-a chamar e disse: ‘Então Senhora Mariana não deixa estar a sua filha a estudar porquê? Ela tinha tanto jeito!’, e ela disse: ‘Ah não posso porque tenho uma filha pequenina com cinco meses...’, que ela disse, ‘... e preciso de andar no campo e ela tem que tomar conta da menina.’. Está a ver como faziam antigamente? Era assim. E depois nunca tirei mais estudos (...).”

#### **Ficha biográfica e.3 (Teresa Canas)**

Nasceu numa aldeia do Conselho de Pombal, em 1925. Tem noventa e três anos e fez a terceira classe do antigo sistema de ensino, durante a infância. É divorciada. Cresceu com nove irmãos mais novos e todos se encontram vivos. Em 1937, começou a trabalhar enquanto cuidadora de uma idosa, situação que se prolongou durante dois anos. Em 1942, celebrou matrimónio e, em 1943, teve um filho, ao qual se seguiram mais três filhos, mas uma filha, nascida em 1949, faleceu com quarenta e dois anos. Presentemente, além do filho mais velho, tem dois filhos (um filho e uma filha), nascidos em 1946 e 1952 (respetivamente). Após casar, o marido empregou-se, como polícia, nas Caldas da Rainha e, depois, em Leiria, cidades onde residiu com a sua família de procriação, mas, entre 1954 e 1960, passou a residir com o marido e os filhos numa casa de porteira, localizada num prédio da Avenida da Liberdade, visto que trabalhou aí como porteira, até 1969. Em 1960, tinha trinta e cinco anos, o marido deixou a casa de família. Com os preparativos para a demolição desse prédio, onde residiu e trabalhou profissionalmente, foi morar para uma casa alugada na Rua do Cardal de São José, posicionada do lado Este do Bairro de São José, que, entretanto, comprou e onde reside, presentemente, com o filho mais velho e um neto, por parte da filha que morreu. Contudo, possui, ainda, uma casa na terra-natal, que foi, parcialmente, herdada. Para além disso, entre 1970 e 1987, fez trabalho profissional num cinema, localizado na Avenida da Liberdade, onde vendeu gelados, e, identicamente, num outro cinema, também ali localizado, onde trabalhou na zona de restauração. No ano de 2011, integrou as aulas de Expressão Plástica da antiga *Junta de Freguesia de São José* e, por intermédio destas mesmas, desenvolveu um laço de conhecimento com Manuela Gomes (b.e.8) e um laço de amizade com Henrique Carvalho (b.e.6), previamente formados, com quem tem sociabilidades nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade, juntamente com outros idosos residentes no bairro, que já conhecia ou que passou a conhecer no âmbito destas sociabilidades.

#### **Ficha biográfica e.4 (Alice Simões)**

Nasceu em Lisboa, durante o ano de 1930. Tem oitenta e oito anos e a quarta classe do antigo sistema de ensino, que concluiu durante a infância. É solteira. Com sete anos, em 1937, foi residir com a mãe, o pai e a irmã para uma casa do Bairro do Sagrado Coração de Jesus, um bairro adjacente ao Bairro de São José, porque o pai foi operário de uma organização nacional de imprensa que foi transferida, nesse ano, para a Avenida da Liberdade. Em 1958, a mãe morreu, em 1992, morreu a irmã e, nove anos depois, o pai também morreu, tendo ficado a residir só nessa casa até hoje. Antes, em 1942, começou a trabalhar enquanto costureira e, depois, foi empregada de limpeza. No entanto, aos trinta e sete anos, em 1967, passou a fazer trabalho profissional, como padeira, em sucursais de uma organização de panificação e, em 1979, entrou para uma das mesmas sucursais, estabelecida no Bairro de São José, onde continuou a fazer esse mesmo trabalho profissional, ao longo de doze anos. Nesta sequência, formou e desenvolveu laços amicais e de conhecimento com residentes e profissionais do Bairro de São José, dos quais mantém, sobretudo, um laço amical com uma adulta que a visita, irregularmente, no seu apartamento. Em 2001, partiu um braço e, sete meses depois, partiu o outro braço, o que ocasionou problemas acentuados de mobilidade em ambos os braços, sendo que começou a receber visitas de uma residente adulta no mesmo prédio e grandes apoios instrumentais, sob a forma de compras regulares, de uma adulta empregada no seu bairro. Igualmente nesse contexto, passado pouco tempo, recorreu aos serviços de apoio domiciliário do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José* e, no ano 2012, começou a obter certos apoios da antiga *Junta de Freguesia de São José*, como as limpezas domésticas semanais do *Vassouras*

& Companhia e a entrega de refeições ao domicílio (a baixo custo). Presentemente, está bastante confinada ao espaço doméstico.

Os entrevistados, inscritos nesta coorte, observaram aquelas dificuldades como um ‘mal necessário’ (ou mesmo como um ‘bem necessário’, como vimos no trecho anterior) concernente às obrigações para com a família de orientação e às impossibilidades existentes para as crianças cujas famílias de orientação usufruíram de baixos recursos económicos, como discorreu Paulo Barros (b.e.5):

“Entrevistador: E em que condições é que viviam? Como é que era a casa?

Entrevistado: A casa era uma casa de primeiro andar e que tinha... pronto... tinha uma loja por baixo (...) tinha mais um anexo ao lado e tinha ali uns bocados de terreno, onde nós semeávamos e cultivávamos por ali assim, que hoje é da minha irmã. Nós fizemos partilhas, o meu pai antes de... teve uma grande doença e dias antes de morrer disse: ‘Eu penso que não resisto muito tempo’. Foi buscar duas moedas de ouro que tinha lá, deu uma a mim e outra à minha irmã e disse: ‘Façam tudo por bem.’. E assim foi, eu mais o meu cunhado nem tirámos o marco, nem arrancámos o marco, um fica pior aqui, outro fica pior ali, de qualquer maneira... não... fizemos tudo amigavelmente e é assim.

Entrevistador: E comiam tudo o que queriam nessa altura em que o Senhor Paulo era criança ou devido ao tempo que se vivia...

Entrevistado: Havia um bocadinho de dificuldade, havia sim senhor, porque, é claro, a vida era um bocado dura, o meu pai também tinha um ordenado que não era muito elevado e para a vida... Mas tinha que ser assim, pronto, tinha que ser assim.”.

#### **Ficha biográfica e.5 (Paulo Barros)**

Nasceu numa aldeia do Conselho de Abrantes (mais especificamente, na Beira-Baixa), em 1925. Tem noventa e três anos e completou, em 1937, a quarta classe do antigo sistema de ensino e, em 1955, uma formação (de seis meses) no ramo do desenho de construção civil. É viúvo. Tem uma única irmã. A partir dos oito anos, durante os momentos livres de escola, ajudou os progenitores na realização, sobretudo, das tarefas domésticas. Ainda assim, aos treze anos começou a trabalhar com o pai, de modo remunerado, na qualidade de operário agrícola, o que aconteceu ao longo de três anos. Ulteriormente, trabalhou na qualidade de operário industrial e a seguir, novamente, na qualidade de operário agrícola. Em 1944, migrou para a Amadora e trabalhou como servente de pedreiro, durante um ano, numa obra onde pernoitou, e, seguidamente, em outras obras, tendo, em 1947, continuado os trabalhos na qualidade de pedreiro. No entanto, a partir de 1955, tinha trinta anos, mudou para a situação de encarregado de pedreiro, na qual se manteve ao longo de quarenta e oito anos. Entretanto, depois de ter residido, durante quinze anos, em quartos alugados na cidade de Lisboa, em 1960, foi viver em casal para um apartamento de porteira de um edifício na Rua do Telhal, uma rua situada no lado Este do Bairro de São José, visto que a mulher ficou a trabalhar aí como porteira. Em 1979, tinha o seu filho quinze anos, a mulher faleceu e passou a ser arrendatário desse apartamento. Passados alguns anos, o filho casou e, um ano depois de ter casado, o filho e a mulher deixaram de residir nesse apartamento com ele. Posteriormente, em 1988, construiu a segunda casa na terra-natal e, como aconteceu quando construiu aí a primeira casa, contou com grandes apoios instrumentais da irmã (que fez o transporte braçal de pedras). No ano de 2011, começou a frequentar as aulas de Ginástica e de Português do Centro Social Laura Alves e, por essa via, formou relações

amicais com duas idosas residentes no lado Este do Bairro de São José, Cristina Patrício (b.e.1) e Henrique Carvalho (b.e.6), com quem conversa nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade, juntamente com outros idosos que, também, conheceu nessa altura (para maior rigor consulte as páginas 329 a 331 do Anexo C).

Encontramos, portanto, logo na infância de certos indivíduos desta coorte, as restrições dos apoios dados pela rede familiar, devido aos baixos recursos económicos dos progenitores, que não lhes puderam dar muitos dos grandes apoios instrumentais que são hoje, praticamente, corriqueiros e que, mesmo assim, necessitaram de uma retribuição formalizada na realização de trabalhos domésticos, agrícolas e com os animais. Estas questões assentaram na necessidade de recorrer ao mutualismo familiar, que se prolongou durante muitos anos. Efetivamente, no contexto da realidade portuguesa, ainda em meados do século XX, no interior das condições históricas do salazarismo, em que a troca de grandes apoios instrumentais entre os membros da família foi, praticamente, a única fonte de segurança, as diferentes obrigações familiares foram mais complexas do que são hodiernamente. As restrições acentuadas dos apoios institucionais, formalizados em organizações de bem-estar, segurança social, abonos de família e subsídios de desemprego, conjugaram-se com as pressões económicas e sociais exercidas sobre as famílias<sup>97</sup>. Efetivamente, com a insegurança económica, que caracterizou este regime político, as redes de parentesco foram uma origem praticamente exclusiva de apoios (cf. Rosas, 2001, sobre os mitos ideológicos e propagandísticos ou as “verdades indiscutíveis” que fundaram o Estado Novo, como o *mito* (da importância) *da ruralidade* e o *mito* (da importância) *da pobreza honrada*). O sentido de obrigação dos indivíduos para com as famílias foi também imputado, culturalmente, pelas mesmas famílias e manifestou um compromisso com a sobrevivência, a autorregulação e o bem-estar dessas redes de parentesco (sobre a formulação destas questões, cf. Hareven, 1994).

No contexto das restrições económicas vividas, ao longo da infância, pela maioria dos idosos pertencentes a esta coorte, os mesmos começaram a trabalhar, profissionalmente, muito cedo. De modo exemplificativo, Teresa Canas (b.e.3), quando tinha doze anos, começou a fazer

<sup>97</sup> Por exemplo, os indivíduos desta coorte, nascida entre 1920 e 1933, contaram-nos situações a respeito dos anos de racionamento e das restrições à compra de produtos alimentares, tal como de outros produtos não alimentares, como petróleo e carvão, que aconteceram, anteriormente, nos anos 1930 e 1940, durante a Guerra Civil de Espanha e a Segunda Guerra Mundial. Destes idosos é um exemplo Vítor Neves (b.e.15), que relatou os esforços que fez para tomar, e proporcionar aos pais, uma refeição: “Naquele tempo era um tempo também muito mau, nos anos 20, eu nasci em 28, a minha família também era uma família modesta e a uma certa altura, com a crise, chegou a ir até ao *Quartel dos Militares da Aviação Civil*, em Alverca, comer e buscar comida para os meus pais.”. Já Alice Simões (b.e.4) narrou o modo como a sua mãe orientou as compras de pão, durante os tempos do racionamento: “A minha mãe chamava-me às cinco e meia da manhã (...) e eu ia com o saco do pão ali para a porta da padaria, já lá estavam mais pessoas... para a bicha do pão (...) depois vinha a casa, tomava o pequeno-almoço (...) a minha mãe arranjava-nos, a mim e à minha irmã, ia para a escola e a minha mãe ia para a bicha do pão e eu já lá tinha estado a marcar lugar (...”).

trabalho profissional: “(...) Depois fui servir, tinha doze anos, fui servir, tomar conta de uma velhota e depois tive lá dois anos, dois anos e qualquer coisa. E depois comecei a namorar! (...) Tinha quinze anos já namorava! Namorava... Quando tinha dezassete e qualquer coisa casei, uma criança, não é.”. Paulo Barros (b.e.5) começou o seu trabalho profissional com treze anos, enquanto operário agrícola, e, depois, trabalhou profissionalmente enquanto operário industrial, mas, passado pouco tempo, voltou à situação profissional anterior, como expôs neste trecho:

“Entrei para a escola com oito anos, em 1933, fiz a quarta classe, em 37, com doze anos. No ano seguinte, o meu pai era um cavador e fui cavar para o lado dele, ele ganhava sete escudos e eu ganhava cinco, e andei por ali uns dois, três anos. Depois, fui para uma fábrica do Tramagal (...) andei lá uns três meses, mas depois aquilo era muito longe, tinha que ir aos fins-de-semana e tínhamos que andar três horas e tal por um pinhal abaixo e depois ainda tínhamos que atravessar o Tejo e aquilo foi um dia lá muito complicado que vimos jeitos que ficávamos lá todos embarracados. Depois saí de lá fui cavar terra (...) antes disso, tinha estado na azeitona, a apanhar azeitona lá para um patrão (...).”.

Porém, se certos idosos desta coorte, quando começaram a trabalhar profissionalmente, mantiveram a residência na terra-natal, pois continuaram a residir com a família de orientação, durante algum tempo, outros migraram para vilas mais próximas ou mais distantes da sua terra-natal ou para outras cidades e só posteriormente migraram, definitivamente, para a cidade de Lisboa e outros ainda migraram, logo, para esta cidade. Cristina Patrício (b.e.1), por exemplo, foi trabalhar, profissionalmente, para uma vila próxima da sua terra-natal, vila onde passou a residir, como contou no seguinte trecho: “(...) depois fiz-me mulher, vim para a vila, fui para um consultório de um dentista, tive lá dois anos ou três a atender os doentes, fazer limpeza ao consultório, fazia tudo... ajudava na oficina do dentista (...) depois... ele (...) foi para África (...) e eu vim para Lisboa e vim fazer a minha vida em Lisboa (...).” Um exemplo com outros contornos é Henriqueta Carvalho (b.e.6), que se manteve, residencialmente, na sua terra-natal e aí aprendeu uma profissão, como contou neste excerto: “(...) trabalhei lá na terra em casa de uma prima da minha mãe, tinha uma pensão e trabalhei lá, aprendi cozinha com ela que ela era uma boa cozinheira e depois vim para Lisboa (...).” No entanto, Henriqueta, na sequência do mesmo emprego, desempenhou, igualmente, tarefas em ramos complementares, como tarefas de limpeza e arrumação dos quartos da pensão, na qual trabalharam, igualmente, as suas irmãs.

#### **Ficha biográfica e.6 (Henriqueta Carvalho)**

Nasceu em Alvaiázere, no ano de 1932. Tem oitenta e seis anos e concluiu a terceira classe do antigo sistema de ensino, em 1942. É viúva. Cresceu com seis irmãos, dos quais quatro estão vivos. Dos doze aos catorze anos, trabalhou nas propriedades dos tios e ajudou os progenitores a cuidar dos animais. Aos catorze anos, começou a trabalhar como cozinheira e empregada de limpeza na pensão de uma prima, o que sucedeu ao longo de dezoito anos. Antes de migrar para a cidade de Lisboa, fomentou redes amicais com alguns dos seus conterrâneos, das quais mantêm dez nós amicais. Em 1964, ano em que fez trinta e dois anos, migrou para Lisboa e residiu com

uma das suas irmãs até casar, em 1966. Nesse ano, mudou-se para uma casa do mesmo prédio, onde residiu anteriormente com a irmã, situado no lado Este do Bairro de São José e, mais precisamente, na Rua do Cardal de São José, onde continua, presentemente, a morar só, uma vez que o marido faleceu, em 1981. Seis anos antes do marido falecer, ambos adquiriram esta casa, onde moraram em regime de aluguer, e herdou, igualmente, uma casa na terra-natal, por via do falecimento dos pais, que se deu com um intervalo de, praticamente, dois meses. Já em Lisboa, trabalhou como ajudante de cozinha, durante sete anos, até tirar a carteira profissional de cozinheira. Nesta situação de cozinheira, trabalhou durante dois anos num restaurante, sito na Rua do Arsenal, e durante vinte e quatro anos noutro restaurante, situado nas Portas de Santo Antão. Desde que foi morar para o bairro constituiu e desenvolveu redes amicais e de conhecimento com os residentes e os comerciantes locais, mas conheceu a vizinha mais próxima, que reside no mesmo prédio, em 1969 e, passados nove anos, outra vizinha, um pouco menos próxima, foi morar para um prédio em frente ao seu. Durante o ano letivo 2011/2012, frequentou as aulas de Português e de Expressão Plástica da *Junta de Freguesia de São José* e, por meio destas aulas, englobou dois amigos nas suas redes amicais – Manuela Gomes (b.e.8), que, anteriormente, foi apenas uma conhecida, e Paulo Barros (b.e.5), que não conhecia antes – com quem se encontra nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade, juntamente com outros amigos e conhecidos residentes dentro do bairro. Desde 2011, frequenta também as aulas de Hidroginástica do *Holmes Place Avenida*, na companhia de residentes idosas no lado Este do Bairro de São José (para maior pormenor consulte as páginas 332 a 334 integradas no Anexo C).

Num dado momento do seu curso de vida, os mesmos idosos, pertencentes a esta coorte, migraram para a cidade de Lisboa, onde aprenderam a ter novos estilos de vida e onde, apenas depois, se casaram, como relatou João Fonseca (b.e.7):

“(...) Aos vinte e três anos eu vim para Lisboa... vim para Lisboa solteiro, estive cá em Lisboa trinta e seis meses solteiro (...) e, então, era o seguinte (...) a história da minha vida... primeiro ainda dormi mais (...) uns rapazes, ali no Bairro Alto, quatro noites, e trazia uma malazita e o dinheiro que eu trazia era cento e cinquenta escudos (...) e alugámos lá um quarto (...) e eu trazia a malita com alguma roupita e tal, pouca roupa, e, então, nessa altura (...) vinha lá da província e não tinha bem a noção do que era e eu... a malita pus debaixo da cama e ateí um cordão à cintura e outro à mala com medo que até me abrissem a mala, não é (...)”<sup>98</sup>.

#### **Ficha biográfica e.7 (João Fonseca)**

Nasceu numa aldeia perto de Alenquer, em 1933. Tem oitenta e cinco anos e a quarta classe do antigo sistema de ensino, que concluiu em 1944, ano em que começou a trabalhar no campo com o pai. É casado. Cresceu com quatro irmãos, mas apenas dois estão vivos. Em 1953, pediu um dia de folga ao pai, que lhe concedeu esse dia. Então, arrendou um terreno e, durante esse dia, cultivou-o durante três anos, tendo vendido os produtos agrícolas

<sup>98</sup> João Fonseca (b.e.7), durante parte do tempo de solteiro, dividiu um quarto com um amigo e contou igualmente: “Oh Zé, eh pá, tu que moras num quarto, se a senhora lá que está no quarto não se importasse, o quarto é grande segundo o que tu dizes (...). Cada qual na sua cama, não é. E ele assim: ‘Está bem, eu falo lá com a senhora.’. E depois ele falou com a senhora: ‘Está bem, pronto.’. Falámos lá com a senhora e, então, nessa altura, pagava 300 escudos e roupa lavada, era só roupa lavada (...) mas comer tinha que cá comer fora, por exemplo, ia à mercearia lá... morava na Calçada Engenheiro Miguel Pais, que é ali à Rua da Escola Politécnica... e então, nessa altura, ela tinha lá uma mercearia, ia à mercearia, avia-me, uma posta de bacalhau com batatas ou comprava um pão daqueles pães, lembro-me que era 17 ou 18 tostões (...).”

que cultivou. Em 1956, migrou para Lisboa e residiu em quartos alugados com um amigo e só, sendo que, em 1959, casou e manteve este tipo de residência, até 1962. Entre 1956 e 1958, trabalhou, profissionalmente, para uma organização de transportes coletivos, enquanto operário (cuja função foi abrir sulcos para a montagem dos carris dos elétricos), mas, em 1958, tirou a carta de condução de pesados e começou a fazer trabalho profissional para esta organização como motorista. Em 1989, tinha cinquenta e seis anos, reformou-se. Pela via profissional formou e desenvolveu laços de amizade com alguns colegas de trabalho e mantém, atualmente, sete destes laços amicais. Entre 1990 e 1999, trabalhou, profissionalmente, com um conhecido como jardineiro. Porém, em 1993, começou a trabalhar, profissionalmente, como motorista/estafeta de um laboratório de análises clínicas, situado em Benfica, durante a manhã (das 10h às 13h), e continuou o seu trabalho de jardineiro, durante a tarde, tendo deixado de trabalhar completamente em 1999. Antes disso, de 1962 a 1969, morou numa “parte de casa”, situada na Calçada do Tojal, com a mulher, um casal de cunhados e os dois filhos do mesmo, sendo que, logo a partir de 1962, a filha integrou o agregado doméstico. Foi a partir daqui que formou laços vicinais. Contudo, em 1969, passou a residir com a mulher e a filha num apartamento alugado, também situado na Calçada do Tojal, por intermédio dos grandes apoios instrumentais do proprietário de um talho, aí situado, e da mulher deste, que lhe concederam uma fiança. É neste apartamento que reside, atualmente, com a mulher, visto que, em 1985, a filha deixou a casa dos pais e casou-se. Depois, em 1991, nasceu a primeira neta de três netos (esta rapariga e dois rapazes) e, em 1999, nasceu o neto mais novo dos três netos. Entretanto, obteve uma casa na sua terra-natal. No ano de 2009, entrou nas sociabilidades que tomaram lugar na sala de convívio da casa mãe da *Associação de Reformados de Benfica* e, em 2010, começou a participar nos ensaios e nos espetáculos do rancho da mesma associação. Por estas vias entraram pessoas nas suas atuais redes amicais residentes no interior do bairro. Neste ano, iniciou a frequência das aulas de Ginástica, decorridas no *Centro de Dia do Charquinho*, e das aulas de Natação, decorridas no *Complexo Desportivo da Junta de Freguesia de Benfica*, tendo constituído outros laços amicais, sobretudo, com os utentes das aulas de Ginástica, mas também com certos utentes do *Centro de Dia do Charquinho* que não frequentam as aulas de Ginástica. Em 2014, aquele rancho foi dissolvido, mas continuou a frequentar a casa mãe da associação que, em 2017, encerrou e os utentes foram, provisoriamente, transferidos para o *Centro de Dia do Charquinho* (para mais minúcia consulte as páginas 335 a 337 inseridas no Anexo C).

Porém, mesmo depois de casados, as acentuadas fragilidades económicas prolongaram-se, durante algum tempo, a diversos aspetos do seu quotidiano, nomeadamente quanto ao nível habitacional, como deu conta Manuela Gomes (b.e.8): “Juntámos os nossos trapinhos, fomos para um quarto – A vida foi difícil! – depois viemos para outro, não queriam filhos nos quartos (...). Neste sentido, alguns membros da família reuniram-se na mesma “parte de casa” ou na mesma casa, tendo, assim, partilhado grandes apoios instrumentais, um exemplo desta situação é João Fonseca (b.e.7): “Depois, casei-me (...) fomos para um quarto viver (...) para a Rua Eduardo Coelho, que é ali ao Príncipe Real, (...) tivemos lá três anos, depois vim morar aqui para Benfica com um cunhado meu, que era irmão da minha mulher (...) viemos morar aqui para a Calçada do Tojal (...) era uma ‘parte de casa’... naquela altura a gente não ganhava muito (...). Natália Guerra (b.e.2) partilhou uma casa de quatro assoalhadas com mais quatro

pessoas da sua rede familiar, como relatou neste trecho: “(...) o meu marido já morreu quase há quarenta anos (...) o meu sobrinho nasceu aqui nesta casa, já nós estávamos aqui também e a mãe, a minha falecida irmã, e o meu cunhado (...)”.

#### **Ficha biográfica e.8 (Manuela Gomes)**

Nasceu na Beira-Alta (Castro Daire), no ano 1933. Tem oitenta e cinco anos, não tem escolaridade e é casada. Cresceu com seis irmãos e estão todos vivos. Aos dez anos, foi trabalhar, profissionalmente, para Vila Verde, como empregada interna de uma família e, passados sete anos, uma família do Porto empregou-a nesta mesma área. No Porto conheceu, em 1950, o seu marido e namorou durante dez anos, mas, entretanto, em 1953, migrou para Lisboa. Em 1960, casou, deixou de trabalhar, profissionalmente, como empregada interna e passou a fazer trabalho profissional de empregada doméstica. Depois de casar, foi residir com o marido para quartos alugados, mas tentou partilhar com uma das irmãs uma casa alugada no lado Este do Bairro de São José, tentativa que não resultou porque se crisparam, e voltou a residir num quarto alugado. Enquanto residiu nesse quarto trabalhou, como empregada doméstica, para o filho da proprietária de um edifício da Rua da Fé, localizada no mesmo lado do Bairro de São José, e esta perguntou-lhe se estava interessada em alugar aí uma casa. Foi para lá morar, em 1968, com o marido e com a única filha, que tinha três anos. Mais tarde, em 2002, comprou a casa com o marido e reside aí, atualmente, com o marido e a filha. Anteriormente, em 1998, entrou na reforma. Neste ano, estava a fazer trabalho profissional em espaços de diversão, situados no exterior do bairro, como empregada (diurna) de limpeza, o que continuou a acontecer, entre 1998 e 2006. Entretanto, herdou uma casa na sua terra-natal. Presentemente, na sequência da formação, em 2011, de nós amicais residentes no lado Este do Bairro de São José, por meio das aulas de Expressão Plástica da antiga *Junta de Freguesia de São José*, tem convivialidades com os mesmos nós amicais nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade.

Para além disso, os quartos, as “partes de casa” e, até, as casas para onde estes idosos foram residir contiveram, geralmente, tamanhos exíguos e condições precárias, nomeadamente, no que respeitou às instalações inexistentes, como sejam as instalações de banho ou duche, que continuam a não existir presentemente, de modo minoritário, em ambos os bairros de Benfica e São José, como observámos, relativamente ao último bairro, por exemplo, no caso de Ricardo Lemos (b.e.9).

#### **Ficha biográfica e.9 (Ricardo Lemos)**

Teve oitenta e três anos, em 2012, não teve escolaridade e foi casado. Ao longo da maior parte do seu trajeto profissional, trabalhou como estofador por conta de outrem. Residiu, sobretudo, numa casa alugada da Rua do Carrião, sita no lado Este do Bairro de São José, que manteve as condições de origem, como, por exemplo, a falta de autoclismo e banheira. Teve dois filhos de uma primeira mulher, mas um dos mesmos distanciou-se. A segunda mulher, de quem não teve filhos, deixou de viver consigo devido a um problema de saúde, mas tiveram contacto por telefone. No interior da família, continuou a ter relacionamentos presenciais com a filha e a neta

(por parte desta filha). Desde que residiu no Bairro de São José, formou e desenvolveu relacionamentos com os vizinhos, tanto relacionamentos amicais como relacionamentos de conhecimento. Aos nós de parentesco e aos nós vicinais, com quem se relacionou, juntaram-se, em 2012, os apoios regulares das auxiliares do *Vassouras & Companhia*, com maior destaque para uma destas. Contudo, também em 2012, foi institucionalizado em lar.

Quando chegaram a Lisboa, se alguns idosos já tinham aprendido o seu ofício ou tinham realizado trabalho profissional não só no âmbito desse ofício, como, identicamente, em ramos complementares, alguns outros, mais tarde ou mais cedo, enveredaram, profissionalmente, por áreas diferentes daquelas em que se haviam ocupado anteriormente, nas quais se estabeleceram até à reforma. Depois de estarem a residir em Lisboa, muitos dos entrevistados inscritos nesta coorte, fizeram trabalho profissional nos perímetros (aproximativos) do Bairro de São José ou do Bairro de Benfica ou trabalharam, profissionalmente, nas contiguidades destes perímetros, mesmo que este contributo tenha sido temporário. De um modo geral, os idosos residentes no Bairro de São José (ou próximo do bairro), contribuíram com o seu trabalho profissional para a transformação do espaço urbano local e interlocal (por intermédio da limpeza e construção do edificado) ou contribuíram para o quotidiano dos residentes locais (por intermédio dos trabalhos profissionais de empregada doméstica, costureira ou padeira) ou contribuíram, até mesmo, para o entretenimento de diferentes indivíduos (ao trabalharem em restaurantes<sup>99</sup> e cinemas, situados no bairro ou próximo do bairro). Eduardo Marques (b.e.10), um entrevistado residente no Bairro de Benfica, e a sua inserção prolongada numa organização situada no bairro, é, identicamente, um exemplo categórico: “Trabalhei depois numa empresa (...) que era ali nas Portas de Benfica, trabalhei trinta e três anos, olhe, tenho este relógio que foi oferta da empresa, quando fiz vinte e cinco anos de casa, veja lá que isto está gravado aqui (...”).

#### **Ficha biográfica e.10 (Eduardo Marques)**

Nasceu no Fundão, em 1925. Tem noventa e três anos e, em 1938, completou a terceira classe do antigo sistema de ensino. É casado. Nunca teve filhos, mas teve um irmão e uma irmã mais novos, bem como um irmão por afinidade, igualmente mais novo, fruto de uma recomposição familiar feita pelo pai, quando tinha nove anos. Presentemente, apenas a irmã se encontra viva. Aos dez anos já ajudava o pai nos trabalhos agrícolas e com os animais. Ainda assim, aos catorze anos começou, também, a aprender com o pai o ofício de canteiro em granito, o que aconteceu durante quatro anos. Posteriormente, trabalhou, sobretudo, por conta de outrem, durante vinte

<sup>99</sup> Natália Guerra (b.e.2), que trabalhou com a irmã num restaurante do *Parque Mayer*, é um exemplo das mesmas situações: “O primeiro trabalho que eu fiz foi ao pé da minha falecida irmã na cozinha, na cozinha, mas como ela sabia que eu tinha muito jeito para a cozinha falou com a senhora do restaurante, era um restaurante ali no *Parque Mayer* (...) eu e ela, ganhávamos lá 500 escudos, era em escudos ainda, ainda e era, mas para nós já era muito dinheiro, para nós era muito dinheiro.”.

e um anos, primeiro, como canteiro em granito e, depois, como canteiro em mármore. Antes, em 1943, veio morar para Lisboa, onde alugou quartos durante vinte anos, mas, em 1952, casou. Em 1963, foi morar para uma casa alugada com a mulher e um casal de cunhados, sendo que, em 1967, ficou a residir em casal nessa casa alugada, localizada em Benfica, mais precisamente, no Bairro do Charquinho, e, passados seis anos, deu-se o falecimento da sua mulher. Nesta altura, recebeu grandes apoios simbólicos e instrumentais do mesmo casal de cunhados, residentes em Benfica, com quem continua a relacionar-se presentemente. Desde o ano de 1963, constituiu e desenvolveu laços de amizade e laços de conhecimento com os vizinhos e com residentes em outras zonas de Benfica. Em 1964, integrou uma empresa de construção de edifícios residenciais e não residenciais, estabelecida em Benfica, e fez aí trabalho profissional, durante trinta e três anos, enquanto canteiro em mármore. Entretanto, em 1976, voltou a casar e ficou a residir na mesma casa, já comprada, onde, desde 1963, residiu sob contrato de aluguer. Posteriormente, em 2009, iniciou a frequência das aulas de Ginástica do *Centro de Dia do Charquinho*, onde desenvolve relações de conhecimento com os outros utentes das mesmas aulas. Em 2016, a mulher foi institucionalizada num lar (para maior detalhe consulte as páginas 338 a 340 incluídas no Anexo C).

Mesmo assim, estes empregos permitiram auferir salários baixos, que tiveram a função principal de assegurar que se compraram determinados produtos alimentares e se pagaram os preços das rendas, com dificuldade. Rendas estas que, não raras vezes, como vimos, começaram por se pagar em quartos, por meio da residência só, com o cônjuge ou um amigo, e em “partes de casa” ou casas, por meio da residência com as redes de fratria ou as redes de aliança, para só mais tarde se passarem a pagar em casas alugadas, onde o agregado residencial foi constituído, unicamente, pela família de procriação. “(...) Ela depois perguntou-me se eu queria alugar a casa e eu disse que sim. Para lá fui. Alugámos a casa por 1000 escudos, naquela altura, e depois tivemos lá uns poucos de anos a 1000 escudos e depois comprámos a casa, comprámos o prédio todo e depois dividimos por todos. Foi assim a nossa vida!”, explicou Manuela Gomes (b.e.8).

Efetivamente, determinados indivíduos, aqui inseridos, acabaram por comprar as casas, onde residiram sob regime de aluguer, e uma fração dos mesmos indivíduos possui outra casa no exterior do bairro. No entanto, outros idosos continuaram a residir em casas alugadas até ao presente, mesmo quando possuem uma casa no exterior do bairro. Assim como houveram certos idosos que compraram as suas casas, houveram, igualmente, certos idosos que ascenderam na carreira profissional<sup>100</sup>, como contou Paulo Barros (b.e.5):

“Depois no dia 11 de Abril de 1944 desembarquei na Amadora, por ali andei, fui servente de pedreiro, depois fui pedreiro. Quando tinha trinta anos sabia trabalhar, mas gostava de saber mais alguma coisa. Estava a trabalhar ali na Judiciária, naquele

<sup>100</sup> Foram os casos de Paulo Barros (b.e.5), que ascendeu de servente de pedreiro a encarregado de pedreiro, e de Vítor Neves (b.e.15), que passou de barbeiro a sócio-gerente de uma barbearia. No primeiro caso, esta ascensão na carreira profissional esteve relacionada com uma aprendizagem formativa, mas existiram casos de idosos que estudaram depois de estarem na cidade de Lisboa, apesar desses mesmos estudos não terem significado ascensões na carreira profissional.

edifício que se fez ali, juntamente com os presos e não era preso, mas pronto estávamos a trabalhar (...). Depois, havia lá um encarregado que me pôs lá a trabalhar numa casa a assentar pedras e eu não conhecia o desenho, não sabia o que era o desenho, vai assentando pedras, mas mais ou menos pelo feitio das pedras eu sabia onde é que era... as coisas eram, mas noutras tinha dificuldade e ele passava lá, de vez em quando, e dizia: 'Oh Senhor Martins olhe que eu não sei se está bem se não.'. 'É como está no desenho!'. E sempre a andar, sempre a andar. 'E então isto, o homem não me explica mais nada?'. Depois andava lá um companheiro que tinha estado comigo também ali no *Hotel Tivoli* (...) e esse companheiro disse-me: 'Você não percebe? O encarregado explica-lhe alguma coisa de desenho?'. 'Não'. 'Então e porquê?'. 'É porque ele não me diz nada, quer dizer, eu não percebo de desenho.'. Diz ele assim: 'Você não percebe de desenho porque não quer.'. 'Então porquê?'. 'Porque eu ando ali assim numa escola do Arco do Cego a aprender desenho.'. 'Ah, então posso ir lá consigo?'. 'Pode.'. Trabalhámos até às sete horas, o horário era até às cinco, mas fazíamos mais duas horas extraordinárias, ia para lá para o Arco do Cego, depois saía de lá às onze e meia, meia noite e ia a pé até ao Alto de São João (...) Maneira que por ali fui andando, depois então estive mais um... pouco tempo... poucos meses e fui fazer uma obra em Paço de Arcos como encarregado [de pedreiro] (...)".

Apesar dos constrangimentos decorrentes de uma parcela da sua estrutura reticular, que concerniram às restrições nos grandes apoios instrumentais dados pelas redes de progenitura, de um modo abrangente, estes elementos da presente coorte *construíram um novo curso de vida* (cf. Elder, 1998), visto que, ao acionarem a sua agência (humana), fizeram as terceira ou quarta classes do antigo sistema de ensino, geralmente, ao longo da infância, deixaram de trabalhar na agricultura e com os animais, como a maioria dos seus progenitores, migraram para Lisboa e passaram a desempenhar profissões um pouco mais recompensadoras economicamente, quando comparadas com as profissões dos seus progenitores, que, geralmente, não estudaram. Contudo, estes idosos, geralmente, mantiveram baixos recursos económicos até ao presente, decorrentes da reduzida escolaridade e, então, das profissões pouco qualificadas e mal remuneradas, sendo que a maioria se encontrou, desde o momento em que começou a trabalhar em Lisboa até ao momento em que deixou de trabalhar, integrada na categoria socioprofissional dos empregados executantes, tendo conservado profissões no mesmo ramo, durante a maior parte da trajetória. Não obstante, alguns destes idosos subiram na carreira. Numa fração de casos, este acionamento da agência (humana) foi favorecido por outra parcela da sua estrutura reticular, concernente aos grandes apoios instrumentais prestados pela fratria e (ou) outros familiares, na obtenção de uma residência e (ou) de um emprego. Ainda durante a Segunda República Portuguesa, uma grande parte destes idosos redefiniu, agencialmente e parcialmente, os constrangimentos das estruturas espaciais locais, que respeitaram à exiguidade das suas habitações (contudo, uma pequena parte redefiniu-os já durante a Terceira República Portuguesa), e passou a residir em casas alugadas, unicamente, com a família de procriação, tendo conquistado mais espaço residencial dentro dos bairros e, portanto, tendo redefinido, habitualmente, as condições residenciais apresentadas na morfologia das estruturas espaciais locais. Depois, uma parte destes mesmos idosos comprou as casas onde habitou sob contrato de aluguer.

Apesar dos casos expostos, uma pequena fração dos idosos entrevistados e pertencentes a esta coorte, já que esteve integrada em famílias com maiores recursos económicos, foi mais protegida economicamente, não sofreu as privações anteriormente descritas e completou níveis de escolaridade mais elevados ou, até mesmo, graus académicos bastante elevados. Naquelas circunstâncias encontrou-se Francisco Ferreira (b.e.11), que tirou partido, ao longo do seu curso de vida, dos recursos económicos tanto dos progenitores como dos sogros, como relatou nesta passagem:

“A minha vida foi uma vida normal, uma infância normal, uns pais que souberam educar os filhos, estudámos o pouco que foi possível, todos nós estudámos, éramos três rapazes, tudo estudou (...) e eu tirei o Curso Industrial (...) Depois, seguimos as nossas vidas. Quando chegou a altura do casamento, aos vinte e dois anos, eu casei com uma pequena que andava a estudar no Liceu [Dona] Felipa de Lencastre, que nasceu aqui nesta casa, e aqui casámos, há setenta anos, e depois foi a vida por aí fora. Nunca soubemos o que era fome, a maior parte das pessoas tinha problemas com a alimentação. O pai da minha mulher era chefe de esquadra (...) e vivia muito bem, tanto ele como a minha sogra, tinham muitas propriedades, a minha sogra em Trás-os-Montes e o meu sogro tinha propriedades na Beira-Alta, Tondela, viviam muito bem todos (...”).

#### **Ficha biográfica e.11 (Francisco Ferreira)**

Nasceu em Lisboa, no ano de 1920. Foi viúvo e teve noventa e cinco anos, em 2015, assim como terminou o Curso Industrial do antigo sistema de ensino, em 1934. Um ano antes de terminar este curso veio morar com os pais, um pequeno empresário da restauração e uma doméstica, e com os dois irmãos, mais novos, para o Bairro de São José. Destes dois irmãos apenas o mais novo se encontrou vivo. A partir da altura em que veio morar para o bairro, constituiu e desenvolveu redes amicais com rapazes residentes no bairro. Quando alguns destes casaram e foram residir para o exterior do bairro, deixou de os encontrar, mas manteve relacionamentos com outros que, entretanto, passaram a ser proprietários de lojas de comércio tradicional do bairro. Entre 1940 e 1942, trabalhou como taxista por conta de outrem. Em 1942, casou e foi viver com a mulher e os sogros para um apartamento dos mesmos, situado na Rua da Metade, do lado Este do Bairro de São José, mas os sogros acabaram, mais tarde, por deixar de residir nesse apartamento, que herdou, após a mulher falecer, em 2009, juntamente com uma vivenda e certas propriedades, localizadas numa aldeia próxima de Tondela. Nessa aldeia fez amigos com quem deixou de se relacionar, uma vez que deixou de viajar para lá. Foi naquele apartamento, onde o neto o ia visitar esporadicamente, que residiu até 2015. No mesmo ano em que casou nasceu o único filho. Depois de casado, os sogros ofereceram-lhe um táxi, com o qual trabalhou profissionalmente, ao longo de quase um ano. Posteriormente, entre 1943 e 1985, foi motorista de uma organização nacional de transportes coletivos. Quando entrou na reforma, passou a frequentar mais as lojas de comércio tradicional do bairro para adquirir os seus serviços e para conversar um pouco. No ano de 2012, começou a usufruir dos grandes apoios instrumentais dados pelo *Vassouras & Companhia*, mas, passados três anos, foi institucionalizado num lar.

Após terminarem os estudos certos idosos compreendidos nesta mesma coorte passaram a desempenhar profissões condicentes com a escolaridade obtida. Madalena de Sousa (b.e.12), por exemplo, começou a fazer trabalho profissional num colégio particular, enquanto professora

primária, como mostra este trecho: “(...) então, fiquei com as crianças durante (...) uns meses (...) e a diretora andou-me a espiar e achou que eu tinha muito jeito e, quando eu ia para me despedir, ela fez-me uma proposta (...) se não quer fazer o magistério, faz uma reciclagem, faz a equivalência ao sexto ano e tira o Diploma de Ensino Particular (...) Fui parar ao professorado desta maneira (...)”. Outros não se inseriram, profissionalmente, em empregos condicentes com o nível escolar obtido, como foi o caso de Amália Fernandes (b.e.13), que se empregou como bordadeira numa organização de confecção de vestuário. No entanto, todos os idosos com mais escolaridade fizeram trabalho profissional em organizações instaladas no exterior dos bairros onde residem (ou residiram), ao contrário da maioria dos idosos mencionados anteriormente, já que estiveram em condições de afirmar a independência profissional dos bairros de residência.

#### **Ficha biográfica e.12 (Madalena de Sousa)**

Nasceu no Entroncamento, em 1928. Tem noventa anos e, em 1948, terminou o Curso Comercial do antigo sistema de ensino. É casada com Fernando de Sousa (b.e.14). Em 1942, tinha catorze anos, faleceu o seu pai, que trabalhou enquanto revisor de uma organização nacional de transportes coletivos (sendo a mãe doméstica) e, passado um ano, veio morar com os tios e com um primo para a cidade de Lisboa. Em 1949, depois de acabar esse curso, foi professora primária num externato, durante sete anos e, posteriormente, foi administrativa numa organização de previdência, durante um ano. Antes disso, em 1955, um ano antes de deixar o ensino, casou. No ano de 1957, nasceu o filho e, passados dois anos, nasceu a filha, que aos vinte e três anos migrou para Dortmund (Alemanha). De 1960 a 1975, residiu com o marido e os filhos em Luanda e, depois, em Sá da Bandeira (atual Lubango). No entanto, em 1961, os filhos moraram com os avós paternos em Lisboa, uma vez que começou o terrorismo em Luanda, e saíram de Lisboa para ir residir em Sá da Bandeira. Na última cidade angolana, formou um grupo social com três amigas mais próximas, que integrou no parentesco subjetivo, mas mantém contacto, por telefone, com uma destas amigas e com outra mais distante. No ano de 1975, veio morar com o marido e os filhos para um apartamento dos sogros, construído no lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, que também lá moravam, apartamento onde reside, hoje, em casal. Após vinte anos, formou um grupo amical com quatro vizinhas, que durou uma dezena de anos. No ano 2011, o filho divorciou-se e os relacionamentos amicais entre ambas as famílias ficaram mais inativos. Presentemente, conversa, essencialmente, com sete nós amicais de vizinhança na *Primeira Praceta Cafetaria*, sendo um destes Conceição Santos (b.e.28), mas o filho visita-a com regularidade (para mais particularidades consulte as páginas 341 a 343 introduzidas no Anexo C).

#### **Ficha biográfica e.13 (Amália Fernandes)**

Nasceu, no ano de 1932, em Tremês, uma antiga freguesia próxima de Santarém. Tem oitenta e seis anos e, em 1950, completou o segundo ano do Curso Comercial do antigo sistema de ensino, mas como o único irmão (já falecido), que a acompanhava à escola comercial, ingressou para o serviço militar, desistiu do curso. É solteira. Neste ano de 1950, aprendeu violino e, seis anos antes, tinha aprendido a bordar, durante um ano. No ano 1956, teve o único filho e, nessa altura, encontrou-se com uma depressão nervosa, cujo tratamento foi muito doloroso.

Passados seis anos, em 1962, migrou para Lisboa com a mãe e o filho (com quem residiu, anteriormente, numa casa da sua terra-natal que, mais tarde, herdou) e foi morar com estes para um apartamento, onde, presetemente, vive só, localizado no Bairro do Sagrado Coração de Jesus, que fica nas contiguidades do Bairro de São José. Durante o tempo de residência, travou conhecimento com quatro amigos, com quem conversa um pouco. Neste ano de 1962, começou a fazer trabalho profissional, como bordadeira, numa *boutique* de senhora – localizada no Largo do Rato e integrada numa organização que dispôs, igualmente, de *boutiques* de criança e homem, localizadas noutra zona de Lisboa e no Porto, respetivamente – o que aconteceu ao longo de trinta e cinco anos. Entretanto, o filho casou e foi morar para a Região Autónoma da Madeira, onde, em 1994 e 2000, teve os seus dois netos. Em 2013, integrou a modalidade de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José* e ocorreu uma ampliação das suas redes sociais. Passado um ano, abriu uma clínica dentária no prédio onde mora e a gerência desta clínica ofereceu-se para lhe prestar e presta-lhe, efetivamente, certos apoios (para maiores particularismos consulte as páginas 344 a 345 integradas no Anexo C).

Para além disso, no contexto do trabalho profissional desempenhado e (ou) no contexto de situações de entretenimento, uma fração dos mesmos indivíduos conheceu outros países do mundo, como contou Fernando de Sousa (b.e.14)<sup>101</sup>, que também concluiu um Doutoramento em Biologia e terminou a carreira profissional enquanto diretor de um centro de investigação: “(...) e eu fui para Angola para uma missão que foi nas chamadas Terras do Fim do Mundo, que é o Cuando-Cubango (...) a parte Sudeste de Angola, simplesmente, essa missão passou por outras zonas, passou pelo Huíla, passou por Moçâmedes, etc., não se limitou, apenas, ao Cuando-Cubango (...)”.

#### **Ficha biográfica e.14 (Fernando de Sousa)**

Nasceu no Funchal, em 1929. Tem oitenta e nove anos e completou um Doutoramento em Biologia, focado na sistemática animal, em 1983. Aos oito anos veio residir para Lisboa com os pais, que tiveram ambos carreiras literárias. Em 1955, casou-se com Madalena de Sousa (b.e.12) e, depois, teve dois filhos. Ao longo do ano de 1957, integrou as missões botânicas, desenvolvidas em Angola, de uma organização portuguesa, direcionada para a investigação científica nos antigos países ultramarinos, o que voltou a acontecer em 1959. Depois, entre 1960 e 1975, trabalhou, concentrado na área da mamalogia (e, essencialmente, dos pequenos mamíferos), numa dependência dessa organização portuguesa e exerceu as suas funções em Luanda, nos dois primeiros anos, e em Sá da Bandeira (atual Lubango), nos seguintes anos. Conjuntamente, em 1961 assinou o primeiro trabalho e em 1972 tomou parte no primeiro encontro científico. Depois da independência das colónias, voltou para Lisboa e coabitou com os pais (juntamente com a mulher e os filhos) num apartamento sito no lado Nordeste da “primeira

<sup>101</sup> Este entrevistado passou a infância e a adolescência de modos diferentes e vivenciou a Segunda Guerra Mundial de formas bastante distintas da maioria dos entrevistados integrados nesta mesma coorte, como constatamos nesta passagem: “Eu, como digo, nasci na Madeira, quando vim para Lisboa foi na altura da Guerra de Espanha, portanto, eu sou tão velho como a Guerra de Espanha, sou tão velho como a (...) Segunda Guerra Mundial (...) portanto, assistimos, aqui em Lisboa, à Segunda Guerra Mundial (...) não se falava noutra coisa, havia os germanófonos e havia os anglofones (...)” (Fernando de Sousa, b.e.14).

praceta” da Rua dos Arneiros, até estes falecerem, sendo que a mãe morreu logo em 1975 e o pai viveu mais três anos. É no mesmo apartamento herdado que reside, atualmente, com a mulher, tendo também herdado uma casa de campo com uma área agrícola e de criação de animais. Antes, de 1976 a 1998, fez trabalho profissional no quadro de um (antigo) centro de investigação zoológica, sito em Lisboa e inscrito naquela organização, e foi nomeado diretor do mesmo centro de investigação, no ano 1990. Passados dezoito anos, começaram a falecer colegas de trabalho e amigos que considerou mais próximos, com quem tinha formado e desenvolvido laços em Sá da Bandeira, mas mantém um nó amical desse tempo, bem como um ex-colega de trabalho que conheceu na cidade de Lisboa. Contudo, em 2010, formou laços de conhecimento com idosos amigos da mulher e residentes, principalmente, na vizinhança. No ano 2011, o filho divorciou-se, mas os laços amicais entre ambas as famílias mantiveram-se. Presentemente, encontra-se numa situação de confinamento ao espaço do lar e deixa raramente o mesmo espaço, mas recebe visitas regulares do filho e visitas irregulares desses conhecidos, tendo interações rápidas com os proprietários de uma mercearia e de um talho, situados no bairro, que lhe entregam os alimentos ao domicílio (para maior profundidade consulte as páginas 346 a 348 inseridas no Anexo C).

Antes ou depois de terminarem os estudos, estes idosos migraram, normalmente, para a cidade de Lisboa na companhia dos progenitores ou foram acolhidos por outros familiares, que os sustentaram até uma certa altura, e, mesmo, depois de estarem casados e (ou) de entrarem na parentalidade, ficaram, mais tarde ou mais cedo, a residir com os progenitores ou com os sogros, e obtiveram, portanto, maior estabilidade residencial. Depois do falecimento desses familiares, os mesmos idosos ou os seus cônjuges herdaram, geralmente, algum património no exterior dos bairros onde residem ou residiram, bem como a casa onde residem ou residiram, que é a mesma onde residiram com os progenitores ou com os sogros.

Num quadro histórico em que as questões da reprodução social foram mais acentuadas do que hoje, os recursos económicos dos progenitores e (ou) de outros parentes destes idosos, e os grandes apoios instrumentais recebidos destes mesmos, ocasionaram maiores *vantagens cumulativas* (cf. Dannefer, 2003; Elder, 1998) e, então, maiores continuidades desses recursos económicos no curso de vida, em termos de situações residenciais ou de obtenções de heranças, e maior abertura económica para uma elaboração dos níveis de escolaridade completados e (ou) dos desempenhos profissionais, o que não significa que estes idosos não tenham sido agentes no seu curso de vida. Objetivamente, tal como os outros idosos inscritos nesta coorte, os últimos idosos procederam às suas escolhas (e ações) em *pontos de viragem* do curso de vida (Hitlin e Elder, 2007), no sentido de o construírem, mas estas escolhas (e ações) foram amparadas pelos recursos económicos dos familiares.

Presentemente, as redes de relacionamentos geracionais dos idosos inscritos nesta coorte possuem um tamanho menor e as razões desta diminuição contêm vários graus de importância,

dependendo dos idosos em questão: a entrada na reforma, e consequente perda dos indivíduos com quem se relacionaram profissionalmente; o falecimento de parentes e de amigos residentes dentro ou fora dos bairros; a mudança de local de residência de amigos residentes dentro dos bairros e o encerramento de lojas do comércio tradicional dos bairros, com consequente perda de nós entre os proprietários e empregados do mesmo comércio. Porém, muitos destes idosos reconfiguraram as suas redes de relacionamentos geracionais, por meio da sua agência. De um modo abrangente, estes continuam, habitualmente, a manter contactos irregulares com alguns familiares (como os netos, os irmãos e os sobrinhos) e (ou) contactos regulares com um ou dois familiares (um filho que, por vezes, é complementado com um neto) e conservam laços amicais e de conhecimento, previamente formados, com residentes no interior (e/ou, excepcionalmente, com residentes no exterior) dos bairros e com indivíduos que trabalham, profissionalmente, nos bairros. No entanto, estes idosos criaram, habitualmente, novos relacionamentos amicais e de conhecimento com outros residentes e com outros profissionais empregados nos bairros, através do povoamento das organizações locais. Estas mesmas organizações locais não só impulsionam a formação e o desenvolvimento de redes de relacionamentos (inter e intra) geracionais com os profissionais aí empregados e, muitas vezes, entre os vários residentes idosos locais, com quem conversámos, formalmente e informalmente, como lhes concedem pequenos ou grandes apoios instrumentais ou simbólicos, o que acontece, por exemplo, com Vítor Neves (b.e.15).

#### **Ficha biográfica e.15 (Vítor Neves)**

Nasceu próximo de Alverca, durante o ano de 1928. Tem noventa anos e completou, em 1941, a quarta classe do antigo sistema de ensino. É viúvo. Quando era muito criança, as suas três irmãs foram morar para a Freguesia de Bucelas com uns tios e, desde então, raramente tem contacto com as mesmas. Aos catorze anos, foi trabalhar para uma barbearia, disposta em Alhandra, com o objetivo de aprender o ofício de barbeiro. Cinco anos depois, em 1947, migrou para a cidade de Lisboa, onde casou, em 1948, tendo o único filho nascido em 1950. Nesta cidade, residiu em quartos alugados até 1984, ano em que os proprietários de uma casa, situada do lado Este do Bairro de São José, à qual pertence o último quarto em que residiu (entre 1952 e 1984), deixaram de morar lá e arrendaram-lhe toda a casa, que, ulteriormente, comprou. Entretanto, de 1947 a 1950, fez trabalho profissional numa barbearia, estabelecida no lado Este do Bairro de São José. Depois, foi sócio de outra barbearia, localizada do mesmo lado do bairro, e, entre 1955 e 1985, foi sócio-gerente de outra barbearia, igualmente aí localizada. Três anos antes de se reformar, começaram a morrer os vizinhos que considerou mais próximos e que integrou no seu parentesco subjetivo e, em 2006, faleceu, igualmente, a mulher. No entanto, manteve relacionamentos amicais e de conhecimento com residentes no bairro e continuou a encontrar-se, regularmente, com o filho e a neta. Como consequência do falecimento da mulher, passou a usufruir de certos serviços (mais precisamente, a entrega de refeições ao domicílio e os passeios) do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, bem como começou a povoar, mais frequentemente, uma mercearia e uma papelaria do bairro.

Seguidamente, no ano de 2012, começou a receber grandes apoios instrumentais do *Vassouras & Companhia* e, passados quatro anos, integrou a valência de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José* (para maior detalhe consulte as páginas 349 a 351 integradas no Anexo C).

O que os idosos residentes no Bairro de São José, e introduzidos nesta primeira coorte, gostam mais no bairro são as pessoas – e, nalguns casos, mais especificamente, os nós amicais e de conhecimento ou os outros membros do agregado doméstico – o sítio, o sossego do bairro, certos profissionais do comércio tradicional do bairro, a *Junta de Freguesia de Santo António*, a missa na *Capela de São José dos Carpinteiros* e a proximidade da Avenida da Liberdade. O que estes idosos gostam menos no bairro é de ver os adolescentes a namorar nas ruas do bairro, das intrigas que emergem no bairro e, por vezes, do barulho que determinados vizinhos fazem. Quatro destes idosos dizem gostar de tudo o que está compreendido no bairro, mesmo quando apontam questões de que gostam menos. Geralmente, estes indivíduos não sentem que podiam morar noutro lugar, visto que se sentem bem ali ou já estão habituados, mas dois dos mesmos indivíduos gostavam de se mudar para uma casa melhor ou para um sítio melhor.

O que os idosos residentes no Bairro de Benfica, e inseridos nesta coorte, mais gostam no bairro são as pessoas, o convívio, o sítio, os transportes, o sossego do local onde residem, a *Igreja de Nossa Senhora do Amparo* e o espaço circundante, alguns profissionais do comércio tradicional do bairro e o facto da atividade comercial estar dispersa, ao invés de estar combinada em grandes centros, mas um destes idosos gosta menos do calcetamento à portuguesa do bairro e um outro gostou menos dos conflitos motivados pelo cônjuge. Dois idosos gostam de tudo ou de quase tudo o que está incluído no bairro. Estes idosos não sentem que podiam morar noutro local, porque com a sua idade não lhes faz sentido mudar de residência ou já estão habituados.

Tal como não existem diferenças significativas entre a maioria dos idosos desta coorte, quer tenham maior ou menor escolaridade, no que concerne aos modos como reconfiguraram as suas redes e aos aspetos de ambos os bairros que mais e menos gostam, também não surgem diferenças significativas na relação entre estes idosos e a sua escolaridade, no que concerne aos modos como encararam a crise ou aos modos como disseram (ou não) que esta os afetou.

Um reduzido número de idosos, pertencentes a esta mesma coorte e residentes no Bairro de Benfica, afirmou, convictamente, que a crise económica não os esteve a afetar, pois os seus rendimentos foram suficientes para pagar as despesas. Certos idosos, também integrados nesta mesma coorte e residentes no Bairro de São José, tornaram, identicamente, óbvio um processo de ocultação relativo ao impacto da crise, mas acabaram por contar o que experienciaram com

a mesma crise, em termos do seu impacto na economia doméstica e, nomeadamente, nos preços dos medicamentos, alimentos, eletricidade, água, telefone, rendas de casa (quando residem em casas alugadas), etc. É possível que os dois conjuntos de idosos se tenham retraído quando não contaram definitivamente, ou quando não contaram logo, os seus impedimentos económicos, apesar de estarem afetados pela crise. Porém, muitos dos idosos aqui inscritos não esconderam, desde o princípio, o impacto da crise económica, sendo que uns falaram sobre os seus problemas relativos à economia doméstica, outros falaram sobre a economia de Estado e, precisamente, sobre as suas discordâncias ou concordâncias com as medidas governamentais, nomeadamente, em termos de acesso à saúde, mudanças nos impostos e aumento das reformas mínimas, e outros ainda falaram sobre ambas as questões. Alguns dos idosos que ocultaram, a princípio, o impacto da crise, mas que acabaram por referi-lo, e outros que o referiram imediatamente, falaram da importância de poupar nas despesas e não gastar demasiado.

Contudo, para muitos idosos pertencentes a esta coorte, por um lado, os impedimentos gerados pela crise económica não se compararam com as privações de que sofreram no passado do seu curso de vida, designadamente, em termos alimentares e residenciais, e, por outro lado, esta crise não afetou os seus relacionamentos de parentesco, amicais e de conhecimento e, por isso, não ocasionou maiores distanciamentos ou maiores proximidades e entreajudas nestes relacionamentos, porque não solicitaram mais (pequenos ou grandes) apoios instrumentais aos familiares e não os solicitaram, de todo, aos amigos e aos conhecidos. Deste modo, os mesmos relacionamentos não constituíram uma resposta efetiva para colmatar os impactos desta mesma crise, nem foram substitutos de certas lacunas do Estado, quanto ao seguimento profícuo das suas funcionalidades de apoio, nomeadamente, no acesso à saúde e no aumento dos impostos (sobretudo, no aumento do Imposto sobre o Valor Acrescentado).

## **Coorte nascida entre 1934 e 1952**

Os elementos da segunda coorte nasceram entre 1934 e 1952, isto é, durante a Segunda República Portuguesa. Em traços largos, os (quinze) entrevistados da segunda coorte sofreram, durante menos tempo, o impacto da Segunda República Portuguesa nos seus cursos de vida<sup>102</sup>

<sup>102</sup> Uma grande parte destes idosos nasceu, também, no intervalo de tempo ocupado pela Guerra Civil de Espanha e, depois, pela Segunda Guerra Mundial e uma pequena parte nasceu, também, poucos anos antes da Guerra Civil de Espanha ou poucos anos depois da Segunda Guerra Mundial, sendo que não referem o impacto da Guerra Civil de Espanha e da Segunda Guerra Mundial, formalizado no racionamento português, uma vez que, provavelmente, o sentiram menos, nem referem sequer estes acontecimentos históricos.

e sofreram, durante mais tempo, o impacto da Terceira República Portuguesa nos seus cursos de vida. Estes entrevistados idosos residem, sobretudo, no Bairro de Benfica.

Tal como na coorte precedente, verificamos, no curso de vida de certos elementos desta segunda coorte, que as debilidades económicas reduziram os grandes apoios instrumentais dos progenitores e de outros elementos das famílias e influenciaram, negativamente, a frequência escolar dos rapazes e raparigas pertencentes, geralmente, a famílias de agricultores (cf. Elder, 1975). Deste modo, no contexto das restrições económicas das famílias portuguesas, durante a Segunda República Portuguesa, também aqui, certos idosos pertencentes a esta coorte, quando foram crianças, assumiram mais responsabilidades, como, por exemplo, as responsabilidades decorrentes da realização dos trabalhos domésticos e dos trabalhos árduos na agricultura e com os animais. Neste sentido, as restrições económicas dos progenitores tornaram mais válidos os contributos dos seus filhos, quando estes foram crianças e, até mesmo, depois destes crescerem (cf. Elder, 1998), como contou Constança Guedes (b.e.16), que, aos catorze anos, migrou com três irmãs para Lisboa, onde todas trabalharam, inicialmente, como empregadas internas:

“O ordenado era tão pequeno (...) 50 escudos (...) e desses 50 escudos (...) ainda tínhamos que mandar dinheiro à mãe para a mãe sobreviver na província (...) Viemos nós as quatro cá para Lisboa, todas as quatro servir, todas nos amparámos umas às outras (...) Em solteira não havia dinheiro (...) porque 50 escudos (...) por mês e, ainda, tínhamos que mandar quase tudo... a gente só ficava cá em Lisboa com dinheiro para as cartas, para escrever, e para os telefonemas, o resto tínhamos que mandar tudo à mãe, a gente nem com 20 escudos ficava por mês (...).”

#### **Ficha biográfica e.16 (Constança Guedes)**

Nasceu numa aldeia próxima de Tomar, em 1945. Tem setenta e três anos e a quarta classe do antigo sistema de ensino, que completou num colégio particular, situado em Lisboa. É a mais nova de cinco irmãs e todas estão vivas. O pai faleceu quando tinha seis meses. Em 1959, migrou para Lisboa e, durante doze anos, serviu na casa de uma família, residente em Alvalade, sendo que três das suas quatro irmãs serviram, igualmente, para famílias residentes em Lisboa. Na altura em que migrou para esta cidade migraram, identicamente, outros conterrâneos, que ficaram a residir e a trabalhar em zonas como Oeiras, Alvalade, Odivelas e Avenida de Roma, com quem continuou a relacionar-se até ao presente, e que, entretanto, tiveram os seus filhos e netos, com quem também se relaciona. Em 1963, a irmã imediatamente mais velha, que sempre foi a sua irmã mais próxima, casou com o proprietário de uma mercearia e este começou a promover sociabilidades entre as cinco irmãs, por intermédio de um automóvel que adquiriu; tendo ajudado, economicamente, a sua mãe, bem como a sua irmã mais velha, que sempre residiu na terra-natal. No ano 1965, começou a namorar e, passados seis anos, celebrou matrimónio. Nessa altura, o marido havia participado, como encarregado de pedreiro, na construção de um prédio, edificado no lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, e o proprietário deste mesmo prédio convidou-os para ficarem a residir no apartamento de porteira. No âmbito do convite, ocupou também as funções de porteira daquele prédio. Ao longo de quarenta e quatro anos, em que aí residiu e trabalhou profissionalmente, formou e desenvolveu redes amicais, sobretudo, com residentes da praceta, através de diversas sociabilidades de rua. Em

1972, teve o único filho e, em 2006, nasceu a única neta, de quem toma conta desde muito cedo. Anteriormente, em 1994, estava a mãe ainda viva, crispou-se com a segunda irmã mais velha, no contexto das partilhas entre as cinco irmãs, e a frequência dos encontros presenciais com esta irmã diminuiu. Neste ano, tinha já uma casa na terra-natal, onde, atualmente, passa férias. Em 2015, adquiriu, em conjunto com o marido, um apartamento nos arredores de Lisboa, local onde também reside o filho, e mudou-se para lá.

Neste enquadramento, alguns idosos pertencentes a esta mesma coorte também sofreram privações acentuadas em termos de alimentação e vestuário, mesmo ao longo da adolescência, como nos contou Miguel Brogueira (b.e.17):

“Olhe, não tive mocidade. Os meus pais eram pobres e eu também (...) tive que trabalhar para ajudar a casa, não é, usava uns calçõezinhos pequeninos já com dezasseis anos (...) e a minha mãe disse assim: ‘Oh filho, eu vou pedir dinheiro para te comprar umas calças compridas.’. Fiquei todo contente de ter umas calças, já viu? E, então, a gente passava mal, era com um bocado de broa, duas azeitonas ou três, assim passava o dia (...) andei a guardar gado (...) passei muito, passei muito, Deus queira que os meus filhos não passem o que eu já passei e os meus netos.”.

#### **Ficha biográfica e.17 (Miguel Brogueira)**

Nasceu na antiga freguesia de Santiago (Torres Novas), no ano de 1935. Tem oitenta e três anos e fez o exame da quarta classe, em 1961, no final da adolescência. É casado. É o mais novo de três irmãos, mas a sua rede de fratria integrou outro irmão que já faleceu. Ao longo da infância e da adolescência ajudou os pais na realização dos trabalhos domésticos e agrícolas. No ano 1963, casou, passado um ano, teve o filho e, em 1976, teve a filha. Quando esteve a trabalhar, profissionalmente, numa serração em Torres Novas aconselharam-no a vir para a cidade de Lisboa montar máquinas de costura, cidade para onde migrou, em 1965, tinha trinta anos. O suposto emprego de montagem de máquinas de costura revelou-se, afinal, diferente, visto que consistiu no transporte braçal destas máquinas, ao longo de alguns quilómetros, até à Estação Ferroviária de Lisboa-Santa Apolónia. Ulteriormente, entre 1965 e 1998, fez trabalho profissional numa *boutique*, situada na Avenida da Liberdade, como motorista de entrega de fatos, e, durante os anos 1980, acumulou estas funções com o trabalho profissional realizado num antigo clube noturno, sítio também na Avenida da Liberdade. Quando migrou para Lisboa, ficou a coabitar com um irmão e as famílias de procriação de ambos, numa casa deste, localizada no Campo Grande, o que aconteceu ao longo de quinze anos, até se crisparem. Nesta sequência, desde 1980 que mora do lado Este do Bairro de São José, primeiro, num quarto da Rua da Fé, seguidamente, passou para outro quarto na Rua da Esperança do Cardal e, por fim, alugou uma casa na Rua de São José, onde reside, atualmente, com a mulher e onde formou laços amicais de vizinhança. Para além disso, formou outros laços amicais com idosos residentes perto da vizinhança. Hoje, encontra-se ocupado, profissionalmente, como estafeta de uma relojoaria, situada na Baixa Pombalina, onde trabalha, ainda, o filho coresidente de Teresa Canas (b.e.3), e faz entregas e recolhas, dentro da cidade de Lisboa, de relógios e peças de relógio, por meio dos transportes públicos. Ainda assim, tem sociabilidades com os nós amicais de vizinhança, que constituiu na Rua de São José, assim como se encontra e conversa com os outros nós amicais, residentes das proximidades da sua vizinhança, nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade, que são lugares onde mantém, identicamente, sociabilidades com nós de conhecimento residentes no bairro.

Dolores Lopes (b.e.18), por seu turno, recordou os modos como foi obrigada a fazer os trabalhos domésticos, durante a infância, e o que aconteceu quando não os realizou na perfeição: “(...) eu andava a esfregar o chão com a escova (...) devia ter os meus sete anos (...) a esfregar com sabão amarelo com que se lavava o chão e tinha que ficar amarelinho, senão a vergasta trabalhava, ela era assim, a minha madrasta era muito má (...) e, então, ele [um dos três irmãos por afinidade] passa e põe-me (...) o pé em cima das mãos (...)”.

#### **Ficha biográfica e.18 (Dolores Lopes)**

Nasceu numa aldeia do Norte de Portugal, em 1934. Tem oitenta e quatro anos e não tem escolaridade. A mãe abandonou a família de procriação quando era quase recém-nascida. Dos sete aos dezoito anos, ajudou o pai e a madrasta nas limpezas domésticas e no trabalho com os animais e relacionou-se com três irmãos por afinidade, que não voltou a ver desde aí. Em 1952, com dezoito anos, foi acolhida por uma delegação da *Obra de Santa Zita*<sup>103</sup>, localizada em Águeda, durante sete anos, e realizou trabalho profissional de empregada doméstica em casas de famílias. Em 1959, migrou para Lisboa. Passado pouco tempo e ao longo de dez anos, realizou trabalho profissional no lado Oeste do Bairro de São José, como empregada de limpeza em cabarés, localizados na Praça de Alegria e na Rua da Glória, e em teatros de revista do *Parque Mayer*, durante o dia, e enquanto ajudante de cozinha num restaurante das noites longas, situado na Praça da Alegria, durante a noite. Nesta altura, residiu, principalmente, numa casa muito exígua da Rua da Glória, com uma idosa sua amiga, a quem se juntaram, a partir de 1960, 1962 e 1971, os primeiro, segundo e terceiro filhos, respetivamente. No âmbito do 25 de abril de 1974, ocupou uma outra casa, também situada na Rua da Glória, onde mora hoje, com o segundo filho, em regime de aluguer, mas esta casa mantém as condições de origem, nomeadamente, a ausência de banheira. Com recurso à mesma casa ocupada, começou a fazer trabalho profissional como ama, até 1990, ano em que o filho mais novo adoeceu gravemente, devido a um problema de toxicodependência. Em 1995, o mesmo filho faleceu e, passado um ano, nasceu a neta que lhe presta mais apoios. Entretanto, constituiu e nutriu laços amicais e de conhecimento com residentes e comerciantes do lado Oeste do bairro. Poucos anos após o falecimento do filho, começou a povoar a vertente de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, onde se encontra integrada presentemente, tendo a mesma organização um papel fundamental nas suas sociabilidades amicais e de conhecimento, alimentação e higiene vigiada (por razão de problemas de mobilidade) (para mais detalhes consulte as páginas 352 a 354 incluídas no Anexo C).

Determinados idosos desta coorte, com quem conversámos, mesmo quando migraram para outras cidades primeiro, acabaram por migrar daquelas cidades para Lisboa, mas as suas migrações aconteceram, bastantes vezes, acompanhadas pelos grandes apoios instrumentais de familiares, com quem dividiram uma casa ou que os ajudaram a obter emprego. Um exemplo destas situações é Luísa Cardoso (b.e.19), que migrou primeiro para Almada, onde residiu com

<sup>103</sup> Em 1952, o Padre António Henriques Vidal fundou, em Águeda, uma delegação da *Obra de Santa Zita* (Zita de Lucca ou Santa Zita é uma santa italiana, designada como padroeira das serventes e empregadas domésticas).

a irmã e o cunhado, e, só ulteriormente, veio residir para o Bairro de Benfica, como especificou nesta passagem: “Comecei a trabalhar aos onze anos no campo, depois vim para Lisboa, fui morar para Almada, depois empreguei-me (...) e depois vim para aqui, há mais de cinquenta anos [em 2015] que eu moro aqui em Benfica.” Foi também Rita Negreiro (b.e.20), outra filha de agricultores, que primeiro migrou para a cidade do Porto, mas, devido à insistência de certos irmãos, posteriormente migrou para a cidade de Lisboa e, no começo, fez trabalho profissional como empregada interna de uma família, na companhia de dois irmãos e uma cunhada:

“Eu estava no Porto sozinha, não tinha ninguém, não tinha nada, estava tudo em Lisboa. Os meus irmãos, então, quando a senhora não estava lá, telefonavam-me de Lisboa para lá para casa: ‘Anda para aqui! Estás agora aí sozinha! Anda para aqui para ao pé da gente!’ e tata. Mas eu também lá tinha pena de deixar a casa e os meninos e tudo. E pronto aí morreu (...) Mas já estava lá há dez anos na mesma casa, já era quase como família, eu fazia ali tudo (...). Depois foi andando, andando, andando, até que os meus irmãos chatearam-me tanto a cabeça (...) que eu digo assim: ‘Eu acho que me vou embora. Vou perder o amor à casa e aos meninos e vou-me embora.’. Em tal dia, depois, disse à senhora: ‘Oh Dona Julieta, eu vou-me embora (...) Pronto, então, olhe, amanhã, então, vou-me embora.’ (...) ‘Então vai-te embora, põe as mesas... põe a mesa e faz o jantar e arranjas as tuas coisas e vais-te embora antes que os meninos vejam.’. Assim foi. Até coragem tive... Naquela altura, até tive coragem para fazer tudo.”.

#### **Ficha biográfica e.19 (Luísa Cardoso)**

Nasceu em Rio Maior, no ano de 1942. Tem setenta e seis anos e o primeiro ano de liceu do antigo sistema de ensino. É casada. Cresceu com dois irmãos, mas uma irmã já faleceu. Entre 1949 e 1953, completou a quarta classe do antigo sistema de ensino, e, no ano de 1964, voltou a estudar e fez o primeiro ano de liceu do mesmo sistema de ensino, num colégio particular, mas, no ano seguinte, desistiu do segundo ano de liceu desse mesmo sistema de ensino, por motivo de uma depressão nervosa. Antes disto, entre 1953 e 1962, trabalhou no campo com os progenitores e a fratria. Aos vinte anos, em 1962, migrou para Almada, onde residiu com a irmã e o cunhado na mesma casa, sendo que, a partir de 1965, juntou-se um sobrinho ao agregado doméstico. Em 1967, o patrão que teve num hospital lisboeta, onde trabalhou no serviço de mesas do refeitório do pessoal, desde 1963, perguntou-lhe se queria ser porteira de um prédio, situado no lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros. Como andava a sonhar, havia algum tempo, em trabalhar sozinha aceitou a proposta e ocupou-se aí profissionalmente. Deste modo, em 1967, conheceu a sua atual patroa e uma vizinha, Maria Teresa Castro (b.e.22), e constituiu relações de amizade com ambas, mas interrompeu esta ocupação profissional, e inerente residência, de 1970 a 1973, tendo residido com o marido em Alenquer durante este interregno, mas, em 1972, nasceu a sua única filha. Em 1973, voltou a residir com o marido e com essa filha, entretanto nascida, na mesma casa de porteira e voltou a trabalhar no mesmo prédio até hoje. Durante o ano 1992, pediu autorização à patroa para acumular funções como emprega doméstica, o que aconteceu sempre numa mesma casa, ao longo de vinte anos. Quando deixou de trabalhar, profissionalmente, como empregada doméstica, iniciou um povoamento mais frequente da *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*, onde desenvolveu laços amicais com residentes no Bairro de Benfica, já anteriormente formados, mas, recentemente, desenvolveu outros laços amicais e de conhecimento, e continua a desenvolver, atualmente, todos os mesmos laços. Em 1998, a filha casou e deixou de morar na casa dos pais, em 2002, a única neta nasceu e, passados treze anos, os compadres mudaram o local de residência

para um prédio adjacente ao seu, tendo o compadre falecido em 2017. Entretanto, adquiriu uma casa na Fonte da Telha, onde passa as férias de verão. Para além disso, frequenta a *Primeira Praceta Cafetaria* e o *Restaurante Os Piodenses*, onde interage, sobretudo, com uma parte dos familiares e com nós de vizinhança, para além de Maria Teresa Castro, que constituiu a partir de 1967 ou mais recentemente (para maiores pormenores consulte as páginas 355 a 357 integradas no Anexo C).

#### **Ficha biográfica e.20 (Rita Negreiro)**

Nasceu perto da cidade de Pombal, em 1939. Tem setenta e nove anos e não tem escolaridade. É viúva. Cresceu com cinco irmãos e todos estão vivos, mas deixou de se relacionar com um dos mesmos. Entre 1939 e 1955, residiu com os pais e, primeiro, com o irmão mais velho, tendo, mais tarde, residido também com duas irmãs e um irmão mais novos. Em 1955, começou a realizar trabalho profissional, como empregada interna, na casa de uma família residente no Porto, o que aconteceu durante uma dezena de anos. Posteriormente, no ano de 1965, veio servir, novamente como empregada interna, para uma casa de família, situada em Campo de Ourique, onde também trabalharam, nessa mesma altura, uma irmã, um irmão e uma cunhada. Depois, casou e fez trabalho profissional, como empregada doméstica, na casa de diversas famílias residentes, nomeadamente, no Bairro de São José. Foi desde o casamento que residiu praticamente sempre no lado Este do mesmo bairro. Nos primeiros três meses de casada, residiu com o marido e a sogra numa casa desta última, situada na Rua do Cardal de São José, mas como se crispou com a sogra, foi residir com o marido para um quarto na Amadora e, seguidamente, residiu com o marido em diversos quartos e “partes de casa”, situados no Bairro de São José, designadamente, na Rua da Fé. Quando a sogra morreu, em 1978, passou a morar com o marido e uma filha, com nove anos, na casa da sogra e, passado um ano, nasceu a segunda filha. Também em 1978, constituiu e desenvolveu laços de amizade com duas vizinhas, Teresa Canas (b.e.3) e Henrique Carvalho (b.e.6), e conserva estes mesmos laços atualmente. Em 1989, o marido faleceu e, neste ano, foi submetida a uma primeira operação às pernas, uma vez que, praticamente, não conseguia andar, e reformou-se. Passados alguns anos, integrou a valência de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, onde formou e alimenta laços com amigos. Em 2009, sofreu mais duas operações consecutivas às pernas e, em 2016, sofreu uma quarta operação às pernas. Antes disso, no ano de 2011, juntaram-se às suas redes amicais, principalmente, dois nós, uma vizinha idosa, Manuela Gomes (b.e.8), e um idoso que reside próximo da vizinhança, Paulo Barros (b.e.5), com quem se encontra nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade, juntamente com outros nós amicais residentes no lado Este do bairro. Atualmente, reside com a filha mais velha, com quem tem um relacionamento crispado, na mesma casa onde residiu com o marido e as duas filhas, e a casa mantém as condições de origem, por exemplo, a ausência de banheira, sendo importantes os grandes apoios instrumentais do centro de dia tanto neste aspeto como no aspeto alimentar (para mais minúcia veja as páginas 358 a 360 contidas no Anexo C).

Uma pequena fração de idosos pertencentes a esta coorte e residentes no Bairro de São José, mesmo quando residiu em agregados domésticos alargados, durante algum tempo, residiu, igualmente, noutros momentos do curso de vida, em quartos e em “partes de casa” de edifícios localizados, designadamente, naquele mesmo bairro. Notemos o exemplo de Carolina Martins (b.e.21), que reside, presentemente, numa casa comprada, mas residiu, antes disso, num quarto,

em “partes de casa” e numa casa alugada do Bairro de São José; como comentou, parcialmente, neste trecho:

“Entrevistador: Mas aí já estavam numa casa?

Entrevistado: Já. Numa ‘parte de casa’ boa, aqui, lá também no mesmo prédio em frente, ao pé da *Comarca de Arganil* (...)

Entrevistador: E a casa onde vivem, compraram ou é alugada?

Entrevistado: Estivemos numa lá na Rua de São José muito grande a pagarmos 50 euros. Muito grande! (...) [Depois]

Recebemos 100000 euros, a casa ali era 120, foi o dinheiro para a casa (...) pedimos 5000 euros ao banco para fazermos as obras (...) se passar e vir uma varanda muito gira com flores, é a minha.”.

#### **Ficha biográfica e.21 (Carolina Martins)**

Nasceu numa aldeia próxima de Castelo Branco, em 1938. Tem oitenta anos e a terceira classe do antigo sistema de ensino, que completou durante a infância. É casada. Teve oito irmãos, mas apenas dois se encontram vivos. Até aos vinte e seis anos residiu em casa dos progenitores com a fratria e, a partir dos dez anos, idade em que completou a terceira classe, passou a trabalhar, profissionalmente, como operária agrícola. Em 1964, com vinte e seis anos, casou e tem uma relação crispada com o marido, desde o primeiro dia de casada. Nesse ano, migrou para a cidade de Lisboa e foi residir com o marido para um quarto interior da Rua da Fé, situado no lado Este do Bairro de São José, mas, como, entretanto, engravidou, um irmão convidou-a para irem morar juntos e, por conseguinte, em 1965, foi residir para Odivelas, ainda grávida, com o marido, este irmão e a cunhada, mas, passado pouco tempo, zangou-se com a cunhada. Deste modo, voltou a residir num quarto, situado em Alvalade, com o marido e a filha (que nasceu em 1966), mas a senhoria era muito exigente e saiu passado pouco tempo. Foi, nesta altura, que se mudou, outra vez, para o lado Este do Bairro de São José, onde ficou a residir até hoje. Ali, residiu, num primeiro momento, em “partes de casa”, num segundo momento (entre 1978 e 2008), numa grande casa alugada e, num terceiro momento (de 2008 até hoje), numa pequena casa comprada. Anteriormente, já na cidade de Lisboa, trabalhou, profissionalmente, como empregada de limpeza, em várias organizações estabelecidas, sobretudo, nesta cidade e, designadamente, nas imediações do Bairro de São José. Em 1979, tinha quarenta e um anos, teve um Acidente Vascular Cerebral e entrou na reforma. Porém, adquiriu uma casa, com um pequeno terreno agrícola, situada num lugar próximo de Lisboa, onde formou laços amicais. Desde 2011 que frequenta as aulas de Hidroginástica do *Holmes Place Avenida* e as aulas de Ginástica da *Junta de Freguesia de Santo António*, onde se encontra com residentes idosos do lado Este do bairro. Povo, igualmente, o *Tivoli Forum*, onde convive com um grupo de idosas residentes desse lado, e diversos cafés-leitarias do bairro.

Depois de estarem a residir na cidade de Lisboa, determinados indivíduos, englobados nesta coorte, fizeram trabalho profissional nos perímetros (aproximativos) de ambos os bairros ou muito próximo destes perímetros, mesmo que o seu contributo tenha sido temporário. Por exemplo, determinados idosos residentes no Bairro de São José trabalharam, profissionalmente, em organizações de formação ou entretenimento (restaurante, cabarés, etc.), tanto nos trabalhos de limpeza como outros ramos, ou em casas de famílias, nos trabalhos domésticos, bem como trabalharam na prestação de cuidados a crianças. Também por exemplo, certas idosas residentes

no Bairro de Benfica foram (ou são) porteiras de edificações e (ou) empregadas domésticas de famílias. Maria Teresa Castro (b.e.22) fez, igualmente, trabalho profissional enquanto operária industrial de uma fábrica do bairro. Francisca Silva (b.e.23) constitui um outro exemplo. Hoje, Francisca é costureira (por conta própria), designadamente, para clientes residentes no Bairro do Charquinho, um bairro onde reside; como comentou, em parte, no seguinte excerto: “Gosto do meu trabalho! A apertar e a alargar, levantar bainhas (...) Eu dizia sempre [que trabalhava enquanto] doméstica, mas eu ia fazendo os meus arranjinhos (...) Como modista não, é como costureira (...) Cá em Lisboa é isso, na província fazia de tudo, fazia camisas, era o tempo em que se faziam as camisas (...), as combinações, os vestidos (...).” Estes indivíduos contribuíram (ou contribuem), remuneradamente, sobretudo, para o quotidiano dos residentes locais, porém, alguns contribuíram para o entretenimento de indivíduos que não residiram localmente.

#### **Ficha biográfica e.22 (Maria Teresa Castro)**

Nasceu na Damaia, em 1937. Tem oitenta e um anos e não tem escolaridade. É viúva. Cresceu com três irmãos, mas apenas uma irmã se acha viva. De 1937 a 1963, residiu na Damaia com os pais e com os irmãos e ajudou os pais nas tarefas domésticas e agrícolas. Entre 1948 e 1950, trabalhou para uma organização, instalada em Campolide, na confeção de travesseiros, mas, em 1950, com treze anos, entrou para uma fábrica, localizada no Bairro de Benfica, na situação de operária industrial, na qual se manteve até 1987, ano em que, no contexto do encerramento desta fábrica, decidiu entrar na reforma. Anteriormente, em 1963, casou e foi morar com o marido para um apartamento alugado, onde também residiram os sogros, e posicionado no lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, que veio, posteriormente, a adquirir, na sequência da morte da sogra, em 1967, tinha o sogro já falecido, em 1965. Nesse ano de 1967, formou laços amicais com Luísa Cardoso (b.e.19), com quem tem trocado, desde então, grandes apoios simbólicos. Um ano depois de casar, em 1964, teve uma filha e, passados quatro anos, teve um filho. Em 1990, sete anos antes do falecimento do marido, retomou o trabalho profissional no Bairro de Benfica, sobretudo, como empregada doméstica nas casas de duas famílias (alguns parentes de uma das famílias residem noutra casa do lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros), e, depois, passou a fazer as limpezas da escada do seu prédio e a passar a ferro para uma vizinha, residente nesse prédio, até 2017. No mesmo prédio residiu, igualmente, um casal de cunhados e os filhos deste casal. Em 2004, nasceu a neta (filha da sua filha) e, em 2013, o filho deixou de residir consigo, tendo voltado à casa materna em 2017. Presentemente, frequenta a *Primeira Praceta Cafetaria*, onde se relaciona com certos nós amicais e de conhecimento residentes, sobretudo, no espaço da vizinhança. No entanto, durante o seu curso de vida alimentou laços amicais com residentes fora do bairro (para maior detalhe consulte as páginas 361 a 363 do Anexo C).

#### **Ficha biográfica e.23 (Francisca Silva)**

Nasceu na povoação de Segura, em 1935. Tem oitenta e três anos e a quarta classe do antigo sistema de ensino. É casada. Em 1947, terminou a quarta classe e o pai morreu. Neste mesmo ano, na sequência da morte do pai, começou a trabalhar, profissionalmente, com a mãe, como costureira. Nesta altura, residiu com a mãe e com a

única irmã, mas, passado um ano, a avó juntou-se ao agregado doméstico, o que aconteceu, durante seis anos, até falecer. Em 1957, casou e residiu com o marido e com uma prima, ao longo de quase seis anos, numa “parte de casa” da Damaia. Neste mesmo ano, teve o filho mais velho e, quando este filho tinha cinco anos, mudou-se para um apartamento da *Câmara Municipal de Lisboa*, posicionado no Bairro do Charquinho, um bairro social, acabado de construir haviam três anos e integrado no Bairro de Benfica, apartamento que veio a comprar, mais tarde, segundo proposta dessa câmara municipal. Em 1968, teve o segundo filho. Em 1980, aproximadamente, a irmã casou e foi morar para o mesmo bairro, tendo falecido em 1993. Já a irmã morava neste mesmo bairro quando a mãe começou a passar temporadas, que preencheram uma grande parte do ano, nos apartamentos de ambas, tendo falecido em 1983. Entretanto, no período de 1984 a 1993, nasceram os seus dois netos, por parte do filho mais velho, e a sua neta, por parte do filho mais novo. Durante 1999, foi operada a um peito e, como consequência desta operação, a sua relação conjugal passou a encerrar alguma partilha do trabalho doméstico. No entanto, faz trabalho profissional como costureira, desde a infância, apesar de ter feito interrupções, durante as gravidezes e os primeiros anos de vida dos filhos. Ao longo do seu curso de vida, não fez outros amigos para além das vizinhas e das colegas das aulas de Arraiolos, que tomam lugar no *Centro de Dia do Charquinho*.

No âmbito desta coorte, uma fração dos residentes idosos no Bairro de São José passou, mesmo que temporariamente, por trajetórias de instabilidade profissional, no entanto, uma outra fração destes residentes idosos conseguiu manter a mesma profissão ou profissões no mesmo ramo, enquanto esteve inserida profissionalmente, apesar de obter rendimentos baixos. Aquela conservação da mesma profissão e de profissões no mesmo ramo, durante uma parte importante do trajeto, encontrou-se, geralmente, já patente na coorte anterior, no que respeitou aos idosos menos escolarizados, e constituiu-se em torno do acionamento de escolhas (ou seja, do uso da agência humana) direcionado para as trajetórias profissionais do curso de vida. Todos os idosos residentes no Bairro de São José, incluídos nesta segunda coorte, passaram por instabilidades residenciais até um certo momento, que esteve já enquadrado no contexto da Terceira República Portuguesa, no qual conseguiram ter maior estabilidade e ampliar, mesmo que ligeiramente, os tamanhos das habitações, com recurso à sua agência. Contudo, nem todos estes mesmos idosos conseguiram minorar outros constrangimentos morfológicos da estrutura espacial local, que são referentes à inexistência de condições nas habitações, designadamente, quando pensamos nas instalações de banho ou duche. No interior dessas instabilidades residenciais, surgiram grandes apoios instrumentais das redes familiares ou amicais, com vista à obtenção de residência, que não contribuíram para a sua resolução.

Também no âmbito desta coorte, os idosos residentes no Bairro de Benfica, que possuem menor escolaridade, direcionaram a sua agência para as trajetórias profissionais e residenciais e alguns destes receberam grandes apoios instrumentais de familiares, em termos residenciais, pelo menos, de modo temporário, sendo que apresentam trajetórias de conservação da mesma

profissão, ao longo de um espaço de tempo considerável, apesar das remunerações baixas, e continuada estabilidade residencial, adquirida, ainda, durante a Segunda República Portuguesa, continuidade residencial que na primeira coorte encontrámos, tendencialmente, nos indivíduos mais escolarizados, o que aponta para uma certa mudança nos constrangimentos deste regime político (cf. Rosas, 2001, sobre as progressivas “desradicalização” e “desfascização” relativas, ocasionadas pelas industrialização, urbanização e terciarização e estabelecidas dos anos 1950 em diante), que deixaram de possuir tanto impacto nos percursos residenciais de certos idosos menos escolarizados, residentes no Bairro de Benfica e incluídos nesta segunda coorte<sup>104</sup>.

Alguns outros idosos, residentes no Bairro de Benfica e integrados nesta segunda coorte, não recorreram aos apoios dos progenitores ou de outros familiares para se instalarem no bairro e, geralmente, possuíram rendimentos, decorrentes de uma maior escolarização proporcionada, sobretudo, pelos progenitores, que lhes permitiram fazê-lo, habitualmente com o cônjuge, sem receberem grandes apoios instrumentais desses mesmos familiares, com vista à autonomização residencial, mesmo quando ficaram a residir próximo de certos familiares. Para além disto, os mesmos idosos acabaram por adquirir ou herdar, pelo menos, uma casa, disposta fora de Lisboa. Foi esta a situação de Raquel Godinho (b.e.24), que completou o quinto ano de liceu (do antigo sistema de ensino), realizou algumas formações em Arraiolos e quando se casou foi viver em casal para um apartamento alugado na Calçada do Tojal, lugar onde, ainda, reside hoje.

#### **Ficha biográfica e.24 (Raquel Godinho)**

Nasceu em Lisboa, no ano de 1946. Tem setenta e dois anos e o quinto ano de liceu do antigo sistema de ensino. É casada e foi filha única. Com cinco anos foi residir, unicamente, com a mãe para o Norte do país, visto que esta se separou do seu pai, mas com sete anos passou a residir na casa de uma tia (irmã da mãe), situada a vinte quilómetros de distância da casa materna. Aos doze anos, depois de completar o segundo ano de liceu do antigo sistema de ensino, voltou a residir na cidade de Lisboa, em casa de uma tia e madrinha (também irmã da mãe) e relacionou-se, intensamente, com o primo e filho da mesma tia, com quem hoje raramente se encontra. Na cidade de Lisboa, fez algumas formações em Arraiolos, completou o quinto ano de liceu do antigo sistema de ensino e, no quadro liceal, fez três nós amicais com quem ainda se relaciona presentemente. Em 1968, casou e residiu com o marido, durante dois anos, num apartamento alugado na Calçada do Tojal, mas mudou-se, depois, para o apartamento alugado onde mora hoje, na mesma calçada, uma vez que o seu filho nasceu e, por isso, foi importante alugar um apartamento maior. A mãe faleceu em 1986 e, nessa sequência, herdou uma casa com um

<sup>104</sup> Esta questão é justificada, nomeadamente, pelos factos de que, a partir de meados do salazarismo e durante o marcelismo, houve uma acentuada construção no Bairro de Benfica de edifícios, exclusivamente e principalmente residenciais, sobretudo, com oito pisos, mas também mais baixos, e estes edifícios albergaram, profissionalmente, famílias com baixos recursos económicos, que trabalharam, por exemplo, no comércio tradicional do bairro ou em que as mulheres foram porteiras, tendo estas famílias ficado instaladas, residencialmente, no interior do bairro, em apartamentos exígues, inseridos nos mesmos edifícios.

terreno agrícola e para os animais e o espaço residencial dos antigos caseiros, na terra-natal da mãe, onde passa uma fração do verão. Em 1993, o filho deixou a casa dos pais e, seis anos depois, nasceu o seu neto. Em 2003, terminou a relação matrimonial, mas não se divorciou efetivamente. Passado um ano, começou a fazer trabalho profissional num centro de dia, posicionado no Bairro de Benfica, enquanto professora de Arraiolos, inaugurou um *Atelier de Arraiolos* e constituiu um grupo de alunas, com quem tem sociabilidades que, ocasionalmente, se prolongam para fora destes mesmos espaços. Ainda assim, as suas redes amicais residentes dentro do bairro encerram mais três amigas. Antes destas experiências, foi gerente de uma loja de Arraiolos, sediada num centro comercial do Bairro de Benfica. Em 2009, a madrinha faleceu. Presentemente, faz voluntariado numa academia, a funcionar no exterior de Benfica, onde alimenta um grupo de amigos com quem faz diversos programas.

Por conseguinte, muitos idosos residentes no lado Nordeste, e uma pequena fração dos residentes idosos no lado Noroeste, da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros não sofreram as mesmas peripécias residenciais de muitos daqueles que habitam nas outras zonas investigadas, apresentando cursos de vida em que os modos de residência, geralmente, depois de casarem, foram sempre em casas alugadas ou em casas próprias, na maioria das vezes, compartilhadas, unicamente, com a família nuclear, sendo normal que estes idosos possuam ou tenham possuído um automóvel. Jacinta Carvalheiros (b.e.25) exemplifica estas mesmas situações. Depois de terminar o Curso Industrial de Formação Feminina e estar profissionalmente integrada, Jacinta Carvalheiros casou e foi residir com o cônjuge para um apartamento alugado do lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, onde os filhos cresceram e onde acolheu a mãe ao longo de dezenas de anos. “Vim parar aqui à Rua dos Arneiros por insistência do meu marido, andámos a ver casa, nós ganhávamos pouco (...) e disseram-nos que aqui em Benfica haviam andares económicos, mais em conta (...) o dono do prédio era da mesma terra do meu marido, então aí (...) já não foi preciso fiador (...). Também Helena Monteiro (b.e.26), uma vez que terminou o Curso de Secretariado, teve uma certa facilidade em ser incluída profissionalmente, após o divórcio, e em conservar a residência no mesmo apartamento alugado, situado no lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, para onde tinha ido residir com o marido, pouco tempo depois de casarem: “(...) No segundo casamento vivi com a minha sogra (...) até conseguirmos arranjar casa e organizar a nossa vida, para aí uns três ou quatro meses e, depois, viemos para aqui (...) porque a minha sogra vivia em Benfica já, há muitos anos (...).”

#### **Ficha biográfica e.25 (Jacinta Carvalheiros)**

Nasceu em Peniche, no ano de 1938. Tem oitenta anos e o antigo Curso Industrial de Formação Feminina, que completou numa escola industrial, construída em Lisboa. É divorciada e foi filha única. Quando nasceu ficou a residir com os progenitores e os avós em Peniche, contudo, o pai faleceu muito pouco tempo depois e a família congregou-se para ajudar a mãe, que era doméstica, na sua educação. Entre 1942 e 1962, visitou diversas vezes

as Berlengas (um pequeno arquipélago ao largo de Peniche), na companhia de familiares e amigas. Em 1955, tinha já realizado o curso de formação feminina, voltou para Peniche e foi professora de Bordados. Em 1960, regressou a Lisboa e residiu em casa de uma tia, onde residiu, sempre que esteve em Lisboa, até se casar. Porém, fez uma interrupção nesta residência, uma vez que, em 1963, o famoso maestro de uma orquestra sinfónica, que veio a Lisboa fazer concertos, perguntou a um amigo da sua família se conhecia meninas universitárias ou que, pelo menos, soubessem francês, para que a menina selecionada, mediante uma entrevista, ocupasse as funções de *nurse* da filha de dois anos e meio, uma vez que viajava sempre com ela e com a esposa. Depois da proposta de dezasseis candidatas, foi a primeira a ser entrevistada e foi, imediatamente, escolhida para ocupar essas funções, devido à grande empatia sucedida com a criança, que era muito agressiva. Ao longo deste emprego, teve contacto com realidades que lhe eram estranhas. Durante o intervalo de uma ópera em Berlim, ocorrido no *foyer*, enquanto a assistência bebia champanhe e conversava, viu uma senhora com um casaco de vison branco e tocou sorrateiramente no casaco, viu o Xá da Pérsia subir as escadas de um hotel em Viena de Áustria, por motivos de segurança, mas julgou tratar-se de uma questão de simplicidade, jogou às escondidas com a criança na plateia da Ópera de Viena, enquanto o maestro fez um ensaio, etc. Depois, veio para Portugal, visto que a mãe se encontrava bastante doente. Passado pouco tempo, em 1967, entrou para um instituto lisboeta, como professora na área dos Trabalhos Manuais, cargo que ocupou ao longo de trinta e seis anos, tendo-se reformado com sessenta e cinco anos. Durante esta atividade profissional, formou laços amicais com as colegas de trabalho e mantém, presentemente, duas amigas de entre as mesmas colegas de trabalho. Antes disso, casou e veio residir para um apartamento localizado no lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, onde continua a residir só, presentemente. Em 1972, teve um filho e, passado um ano, teve uma filha. No início dos anos 1990, mandou construir uma casa, localizada numa zona periférica de Peniche, junto ao mar, onde passa uns dias com o filho, aproximadamente, três vezes por ano, tendo, depois, herdado uma outra casa, localizada no centro de Peniche. Entre 1998 e 2017, o filho residiu em Colónia (Alemanha) e foi, anualmente, visitá-lo. No ano 2007, divorciou-se, tinham já os filhos deixado de residir na sua casa e a mãe, que residiu aí durante dezenas de anos, tinha já falecido. Sobretudo a partir desse ano, desenvolveu laços amicais com duas vizinhas do seu prédio, mas os encontros foram pautados por frequências maiores do que hoje. Está mais confinada ao espaço doméstico.

#### **Ficha biográfica e.26 (Helena Monteiro)**

Nasceu em Macala (Angola), em 1952. Tem sessenta e seis anos e o Curso de Secretariado do antigo sistema de ensino, tal como o décimo segundo ano, conseguido através de um exame ad hoc, que fez em 2000. Foi filha única e é divorciada. Quando tinha cinco anos veio residir para a cidade de Lisboa, visto que a mãe era muito doente do coração e acabou por falecer dali a quatro anos. Depois, foi criada por dois casais de tios, mas residiu, mais particularmente, nos apartamentos onde um dos mesmos casais (um irmão da mãe, que foi diretor de uma fundação nacional e faleceu em 2002, e a sua mulher, que foi doméstica e com quem se encontra semanalmente) residiu, visto que o pai continuou a residir em Angola. Entre 1963 e 1969, nasceram os seus cinco primos (com quem se relaciona presentemente), três dos quais são filhos desse casal, tendo residido, desde então, com esses tios e estes três primos. Em 1969, casou, mas o casamento durou apenas três meses. Nesta altura, estava numa escola lisboeta a fazer o Curso de Secretariado, que concluiu. Em 1974, casou, mais uma vez, com o pai dos seus dois filhos, que nasceram em 1976 e 1977, mas manteve-se casada apenas três anos. Quando se divorciou, substituiu uma secretária, durante três meses, mas, logo no princípio do ano seguinte, começou a secretariar o

presidente de uma organização portuguesa, tendo, seguidamente, sido requisitada para a assessoria de imprensa de um ministro português e continuado no mesmo cargo quando aquele ministro ocupou outra posição, o que completou três anos de assessoria. Depois, voltou a secretariar o presidente daquela organização portuguesa que, em 1987, se fundiu com outra organização portuguesa e originou, como resultado dessa fusão, uma nova organização, onde continuou a fazer trabalho profissional, até 2003, num primeiro momento, como secretária do presidente e, num segundo momento, como relações públicas. Sobretudo a partir de 1987, formou laços de amizade com colegas de trabalho, que mantém presentemente. Em 1997, esteve, gravemente, doente. Em 2003, reformou-se e montou uma pousada, numa zona recôndita e costeira do Brasil, que geriu, presencialmente, durante cinco anos. Quando regressou a Lisboa, tinha já nascido o seu neto mais velho de três netos. Antes, no contexto do segundo casamento, residiu com o marido e a sogra no Bairro de Benfica, durante três meses, até alugar um apartamento no lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, situada neste bairro, onde ficou a residir até 2015, mas tem, hoje, contactos regulares com uma amiga e uma comadre residentes no bairro.

Outros residentes idosos na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros usufruíram, ainda, dos frutos da sua escolarização a nível universitário (inerente aos recursos económicos dos pais e à residência na mais importante cidade onde existiram universidades, a cidade de Lisboa), quer em termos profissionais ou em termos residenciais. Foi o que aconteceu a Júlio Mendonça (b.e.27), que migrou com os progenitores para a cidade de Lisboa, quando era criança, e, nesta mesma cidade, licenciou-se, estabeleceu-se, profissionalmente, como engenheiro e instalou-se residencialmente (num primeiro momento, exclusivamente, com o seu cônjuge e, num segundo momento, com o seu cônjuge e os seus filhos) no lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, como relatou aqui: “Eu acho, quer dizer, que eu vim aqui para Benfica porque quando casei (...) estava em desenvolvimento e era uma zona ampla, como ainda hoje é, que eu nunca gostei muito de morar em bairros com as casas muito em cima umas das outras (...).” Também Conceição Santos (b.e.28) tem um curso de vida com certas semelhanças, visto que se licenciou nesta mesma cidade, onde se fixou, profissionalmente, enquanto farmacêutica e se instalou residencialmente (primeiro, unicamente, com o cônjuge, ao qual se juntou, depois, o seu único filho) no lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros. “Na idade adulta, casei-me, tive um filho (...) eu sou farmacêutica, portanto, tirei o meu curso em Lisboa (...) comecei a trabalhar em farmácias, em Lisboa, trabalhei sempre agregada, chamemos-lhe assim, à mesma família, durante quarenta anos (...).” Já Antónia Baptista (b.e.29), para além de fazer a Licenciatura em Engenharia na cidade de Lisboa, fez uma especialização numa universidade estrangeira, mas quando começou a trabalhar, profissionalmente, comprou um apartamento em outro lugar desta cidade, para onde foi viver só, e apenas depois de entrar na reforma é que se mudou para um apartamento comprado, sito no lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, onde, hoje, também vive só: “As primeiras semanas em que estava reformada... foi

quando eu (...) comprei... precisamente quando estava a sair é que eu comprei aqui este andar, eu morava num que tinha três assoalhadas e uma casa de banho e não tinha garagem e este tem quatro assoalhadas, mais uma, e tem duas casas de banho e tem garagem, portanto (...)".

Estes indivíduos começaram ou estabilizaram as carreiras profissionais já depois do 25 de abril de 1974 e, portanto, auferiram de maiores regalias, ao longo de todas estas carreiras ou de um período considerável destas mesmas carreiras, designadamente, em termos dos aumentos nos rendimentos, regalias estas também decorrentes das oportunidades de escolarização obtidas ainda durante a Segunda República Portuguesa.

#### **Ficha biográfica e.27 (Júlio Mendonça)**

Nasceu perto de Chaves, em 1944. Tem setenta e quatro anos e uma Licenciatura em Engenharia, que concluiu em 1973. É casado. Aos três anos, veio residir para Lisboa com a irmã e os pais, uma doméstica a um técnico de uma organização estatal responsável, sobretudo, pela construção de pontes e estradas. Nessa cidade, residiu com estes familiares, principalmente, em Alvalade, mas também residiu, durante pouco tempo, no Bairro de Benfica. No entanto, quando casou voltou a residir no Bairro de Benfica e, especificamente, num apartamento alugado, disposto no lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, onde continua a residir em casal. Depois de casar, em 1977 e 1979, nasceram os dois filhos. De 1975 a 1979, trabalhou, profissionalmente, como engenheiro, numa organização direcionada para o fabrico de máquinas de escrever. Entre 1979 e 1983, ocupou as mesmas funções numa organização direcionada para as instalações elétricas, os postos de transformação e o transporte de energia. Por fim, entre 1983 e 2002, ocupou essas mesmas funções numa organização direcionada para o material circulante. Em 2002, entrou na reforma, visto que essa organização fechou as portas. Entretanto, formou redes amicais com residentes fora do bairro e adquiriu um apartamento na Costa da Caparica, tendo o cônjuge herdado uma casa no Algarve. Desde 2006, faz voluntariado numa organização local, por meio da qual se relaciona com amigos residentes no bairro, mas fora da vizinhança. Ulteriormente, no ano 2010, a *Primeira Praceta Cafetaria* foi ocupada por uma nova gerência, começou a frequentar a cafetaria amiúde, bem como o *Restaurante Os Piodeses*, e a relacionar-se com nós de vizinhança, com quem praticamente não se relacionou antes, o que continua a acontecer hoje, apesar de terem surgido diminuições na regularidade das sociabilidades. Em 2018, nasceu uma neta, filha do seu filho mais novo, tinha já nascido um neto, por parte do mesmo filho.

#### **Ficha biográfica e.28 (Conceição Santos)**

Nasceu na cidade de Lisboa, em 1948. Tem setenta anos e uma Licenciatura em Farmácia, concluída em 1975. É viúva. Em criança, residiu com os progenitores, um agente de viagens e uma doméstica, e com a irmã (mais velha), primeiro, em Belas e, depois, em Campo de Ourique. Em 1961, por intermédio das atividades da igreja situada perto da casa dos pais, formou um grupo com antigas amigas e mais seis rapazes, que incluíram o futuro marido, e após dois anos, o grupo alargou bastante com a entrada de uma parte dos membros na universidade e com os amigos que aí fizeram. Nos últimos três anos em que realizou a sua licenciatura, desempenhou trabalho profissional como professora de liceu (1972-1975), casou (1972) e teve o único filho (1974). A partir de 1972, casaram outros membros do seu grupo de amigos e o grupo duplicou, tendo sido a única que casou com um

elemento pertencente ao grupo inicial. Antes de casar, residiu num quarto, situado na Parede. Todavia, quando casou, passou a residir num primeiro apartamento alugado, e, durante 1974, alugou um segundo apartamento no lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, onde continua a residir, hoje, com o filho, porque o marido faleceu, em 1986. Entre 1975 e 1977, trabalhou como farmacêutica numa farmácia situada no Alto de São João, entre 1977 e 2007, trabalhou, cumprindo estas funções, numa farmácia situada na Baixa Pombalina e, entre 2007 e 2011, manteve aquelas funções numa farmácia situada em Alvalade. Em 2011, constituiu mais redes de vizinhança, como resultado da reforma e consequente frequência da *Primeira Praceta Cafetaria*, sendo um dos nós Madalena de Sousa (b.e.12). No mesmo ano, a sobrinha divorciou-se e, após cinco anos, morreu o cunhado, tendo prestado grandes apoios tanto à sobrinha como à irmã. Entretanto, adquiriu uma casa perto de Peniche, onde passa temporadas de verão (para maior pormenor consulte as páginas 364 a 366 do Anexo C).

#### **Ficha biográfica e.29 (Antónia Baptista)**

Nasceu no Barreiro, em 1937, e pertence a uma família de médicos. Tem oitenta e um anos e é solteira. De 1938 a 1942, nasceram as três irmãs e, em 1990, todas se incompatibilizaram com o irmão mais velho. Concluiu uma Licenciatura em Engenharia, em 1963, e obteve o Diploma em Psicologia Industrial, com estatuto de bolsa numa universidade estrangeira, em 1966. No ano seguinte, fez trabalho profissional num ministério português, durante um ano, e criou o Serviço de Psicologia Industrial. Seguidamente, trabalhou, profissionalmente, na seleção e supervisão de pessoal de uma organização portuguesa e, a partir de 1971, acumulou aquelas funções com a atribuição de formação numa organização estatal e as seleção e orientação profissionais em uma grande empresa estatal. Entre 1974 e 1994, manteve apenas as funções na grande empresa estatal. Após deixar a casa dos pais, residiu com o avô, enquanto fez a licenciatura, entre 1956 e 1963, ao que se seguiu a residência no estrangeiro, a coabitação com uma tia e, depois, com uma irmã. Em 1971, comprou um apartamento em Lisboa, onde residiu durante vinte e quatro anos e, em 1995, passou para outro apartamento, também comprado, sito no lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, englobada no Bairro de Benfica. Passados oito anos, comprou outro apartamento em Cascais. Ao longo dos trajetos académico, profissional e residencial fez amigos, com quem se relaciona hoje (para maiores detalhes consulte as páginas 367 a 369 incluídas no Anexo C).

Assim como os idosos mais escolarizados da primeira coorte, estes últimos idosos (mais escolarizados) da segunda coorte realizaram escolhas e ações, orientadas para o seguimento dos trajetos posicionais e residenciais, no sentido de potenciar os favorecimentos da sua estrutura reticular, isto é, no sentido de tirar partido das oportunidades reticulares, em termos de grandes apoios instrumentais concedidos, designadamente, pelos progenitores e (ou) outros familiares nas oportunidades de escolarização. Deste modo, quando comparamos estes últimos idosos com a maioria dos restantes idosos, constatamos que se foram beneficiados pela estrutura reticular, construíram também o seu curso de vida tanto posicionalmente como residencialmente.

Com a reforma e o afastamento de redes profissionais, o tamanho das redes sociais de muitos idosos, contidos nesta segunda coorte, ficou mais pequeno. Contudo, uma pequena parte

dos casos, que reside (ou residiu) no Bairro de Benfica, mantém relações com ex-colegas de trabalho; e, noutra parte dos casos, que reside tanto no Bairro de São José como no Bairro de Benfica, estas relações foram repostas, sobretudo, com recurso ao povoamento de organizações locais e (ou) interlocais, o que aconteceu, também, mas parcialmente, com um dos primeiros casos. Outra parte dos casos mantém a sua integração profissional e contém redes profissionais locais ou interlocais, mas fez novos contactos por meio do povoamento de organizações locais. Para além disso, geralmente, estes mesmos idosos continuam a relacionar-se, irregularmente, com determinados familiares (como os netos, os irmãos e os sobrinhos) e (ou), regularmente, com de um a três familiares (como o cônjuge e, pelo menos, um filho), bem como continuam a relacionar-se com amigos (e conhecidos) que fizeram anteriormente. Porém, são, sobretudo, os idosos residentes no Bairro de Benfica que conservam amigos residentes translocalmente.

No contexto das redes de relacionamentos dos idosos pertencentes a esta segunda coorte, bem como no mesmo contexto dos idosos pertencentes à primeira coorte, observamos existirem articulações reticulares dentro da mesma coorte e entre ambas as coortes. Por outras palavras, sobretudo, os idosos pertencentes à primeira coorte e residentes no Bairro de São José formaram e desenvolveram redes amicais e de conhecimento densas uns com os outros, o que aconteceu, igualmente, sobretudo, com certos idosos pertencentes à segunda coorte e residentes no Bairro de Benfica, mas observamos também que existem idosos de coortes diferentes que formaram e desenvolveram redes uns com os outros, quer no âmbito de relacionamentos amicais antigos, presentes no Bairro de São José, quer no âmbito de relacionamentos amicais e de conhecimento mais atuais, presentes em ambos os bairros. Com estes últimos relacionamentos amicais mais recentes é um exemplo Leandro Rodrigues (b.e.30), inscrito na segunda coorte, que se relaciona amicalmente, segundo a conceção que faz destes mesmos relacionamentos, com dois idosos (Eduardo Marques, b.e.10 e João Fonseca, b.e.7) inscritos na primeira coorte, através das aulas de Ginástica do *Centro de Dia do Charquinho*.

#### **Ficha biográfica e.30 (Leandro Rodrigues)**

Nasceu em Pedrogão do Pranto, uma aldeia perto da Figueira da Foz, no ano 1937. Tem oitenta e um anos e o sétimo ano de liceu do antigo sistema de ensino. É viúvo. Não conheceu o pai. Entre 1955 e 1962, residiu num quarto, situado em Coimbra, e fez trabalho profissional como operário industrial de uma fábrica de malhas. Em 1962, migrou para a cidade de Lisboa, ingressou para uma organização da polícia e fez trabalho profissional, durante os primeiros seis anos (1962/1968), como polícia de patrulha, e, durante os vinte e sete anos ulteriores (1968/1995), como datilógrafo da secretaria geral. Quando ingressou para a mesma organização, entrou para o ensino primário e, seguidamente, concluiu o sétimo ano de liceu, em 1979. No ano 1995, tinha cinquenta e oito anos, entrou na reforma. Anteriormente, em 1966, casou. Neste ano, a mulher foi porteira de um prédio, situado

no Bairro do Restelo, e ficou a residir com a mulher no apartamento de porteira desse prédio. Em 1968, nasceu o filho e, em 1978, nasceu a filha. Em 1981, foi residir com a mulher e os filhos para um apartamento do Bairro de Benfica, situado, mais especificamente, no Bairro da Boavista, onde, agora, reside só. Passados vinte anos, a mulher faleceu, havia a mãe já falecido, em 1995. Em 2003, visitou a sua terra-natal e passeou com uma amiga de infância, a quem telefona raramente, pelos sítios onde brincaram quando foram crianças e, desde esse ano, nunca mais voltou ali. Alguns anos depois de entrar na reforma, iniciou um povoamento assíduo das aulas de Ginástica, que tomam lugar no *Centro de Dia do Charquinho*, e das aulas de Hidroginástica, que tomam lugar nas piscinas do Bairro da Boavista. Nestas aulas constituiu nós amicais residentes dentro e fora do Bairro de Benfica. Para além disso, mantém sociabilidades com a filha, o neto (nascido em 2011), o genro e os compadres.

O que os idosos residentes no lado Este do Bairro de São José, e inscritos nesta segunda coorte, gostam mais no bairro são as pessoas (nomeadamente, certas vizinhas), as ruas, a *Junta de Freguesia de Santo António*, a proximidade da Avenida da Liberdade e dos seus bancos de jardim. Uma residente do lado Oeste deste mesmo bairro, inscrita nesta coorte, gosta mais dos cafés presentes nesse lado do bairro e do Presidente da *Junta de Freguesia de Santo António*, mas gostou também do *Parque Mayer*. O que os primeiros idosos gostam menos no bairro são a criminalidade, as faltas de educação ou a coabitacão com os outros elementos do agregado doméstico. A última idosa gosta menos dos clubes noturnos que se encontram no lado Oeste do bairro. Unicamente uma idosa sente que podia morar noutro bairro e os restantes não têm essa vontade, porque adoram o bairro, adoram a casa ou já não lhes faz sentido.

O que os idosos residentes no Bairro de Benfica, e inseridos nesta segunda coorte, mais gostam no bairro são as pessoas e o diálogo que se mantém entre estas, o sítio onde moram, o facto do bairro ser aberto, amplo e relativamente novo, os espaços verdes do bairro (como sejam as hortas urbanas e o Parque Silva Porto), a *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*, o trabalho da Presidente da *Junta de Freguesia de Benfica* e a residência da sua fratria no bairro. O que estes idosos menos gostam são certos desaproveitamentos do espaço do bairro, a falta de limpeza dos residentes (que, por exemplo, põem o lixo no chão ou fora do contentor próprio), a sujidade e a falta de lavagem das ruas do bairro. Um pouco mais de um terço destes idosos disse gostar de tudo no bairro, mesmo quando enumerou questões de que gosta mais ou de que gosta menos, e não sente que podia morar noutro bairro, uma vez que só se sente bem ali e tem tudo ali. Outros indivíduos também gostam do bairro e consideram não estar mal-enquadrados espacialmente e socialmente, mas, contudo, sentem que podiam morar noutro lugar do bairro ou noutro lugar no exterior do bairro, ou consideram que a mudança de residência é uma tentação, para terem uma casa melhor e residirem num sítio melhor. Menos de um terço dos indivíduos não gosta do bairro ou de muitos dos segmentos do bairro, não apreciando, por exemplo, a Rua dos Arneiros,

mas apontou questões do bairro de que gosta mais, apesar de sentir que gostava de morar noutra lugar ou, num caso, apesar de se ter mudado para outro lugar.

Muito poucos idosos desta segunda coorte disseram que a crise económica não os esteve a afetar, um destes constatou o aumento dos preços dos alimentos, da água, do gás e do telefone, mas defendeu a austeridade governamental. Os outros indivíduos, com uma exceção que apenas focou a economia de Estado, referiram os danos causados pela crise económica em termos da economia doméstica. Ainda assim, metade dos idosos falou, igualmente, sobre a economia de Estado e defendeu que o país foi alvo de uma má gestão governamental progressiva, criticou ou concordou com a austeridade e os cortes nos rendimentos e criticou as mudanças no *Serviço Nacional de Saúde* e nos preços dos arrendamentos das habitações. Com o surgimento da crise económica, estes idosos, geralmente, sublinharam a importância da criação ou da manutenção de hábitos de poupança e controlo de despesas, nomeadamente, no que concerne à redução e à seleção nas compras de alimentos ou em outros tipos de consumo.

Estes mesmos indivíduos não reportaram que a crise tivesse ocasionado mudanças nos seus relacionamentos sociais com a família e com os amigos e apenas um reduzido número de idosos falou em mudanças nos espaços onde ocorreram as sociabilidades com os amigos, que passaram a ocorrer, mais frequentemente, no espaço doméstico, ou em retraimentos dos amigos em combinar encontros e passeios. Constatamos, deste modo, que, igualmente nesta segunda coorte, as redes de relacionamentos não substituíram funcionalmente certas lacunas do Estado emergidas com a crise e manifestas tanto na economia de Estado como na economia doméstica.

Como pudemos ir verificando ao longo do presente capítulo, as experiências vivenciais destes mesmos idosos demonstram que os indivíduos pertencentes à geração idosa não possuem trajetos ou percursos de vida, invariavelmente, homogéneos. Consequentemente, encontramos pluralidades de experiências vivenciais dentro da mesma coorte e pluralidades de experiências vivenciais entre as duas diferentes coortes, expressas em trajetos ou percursos de vida mais ou menos alineares, com maiores ou menores incertezas, reversibilidades e instabilidades, tal como maiores ou menores descontinuidades e aleatoriedades, nomeadamente, em termos residenciais, posicionais e reticulares.

Deparamo-nos, então, com um conjunto diversificado de indivíduos idosos, englobados em ambas as coortes, cujas experiências foram influenciadas, com maior ou menor impacto, por circunstâncias e acontecimentos históricos, e cujo agenciamento no curso de vida foi mais constrangido ou mais favorecido, sobretudo, pelas estruturas posicionais dos progenitores, estas últimas articuladas com as estruturas reticulares. Houve, geralmente, uma elaboração quanto às

estruturas posicionais destes familiares, que não obtiveram, frequentemente, os mesmos níveis escolares ou académicos e, até quando os investigados não têm escolaridade, a sua categoria socioprofissional foi (ou é), geralmente, diferente da categoria socioprofissional destes mesmos familiares. As estruturas reticulares foram tanto elaboradas como mantidas, porque estes idosos formaram novos laços e mantiveram outros laços já existentes. Os tamanhos e as condições das habitações, que são parcelas da estrutura espacial local e estão, habitualmente, articulados com a estrutura posicional, sofreram manutenções e (ou) elaborações. Estas questões são ilustradas na Figura 28, de acordo com um esquema baseado na proposta de Archer (1995, por exemplo). Estas elaborações (morphogenesis) e (ou) estas manutenções (morphostases) foram antecedidas de outros tempos do curso de vida dos idosos, inscritos em ambas as coortes, e manifestam-se nas situações relacionadas com os tempos mais recentes.

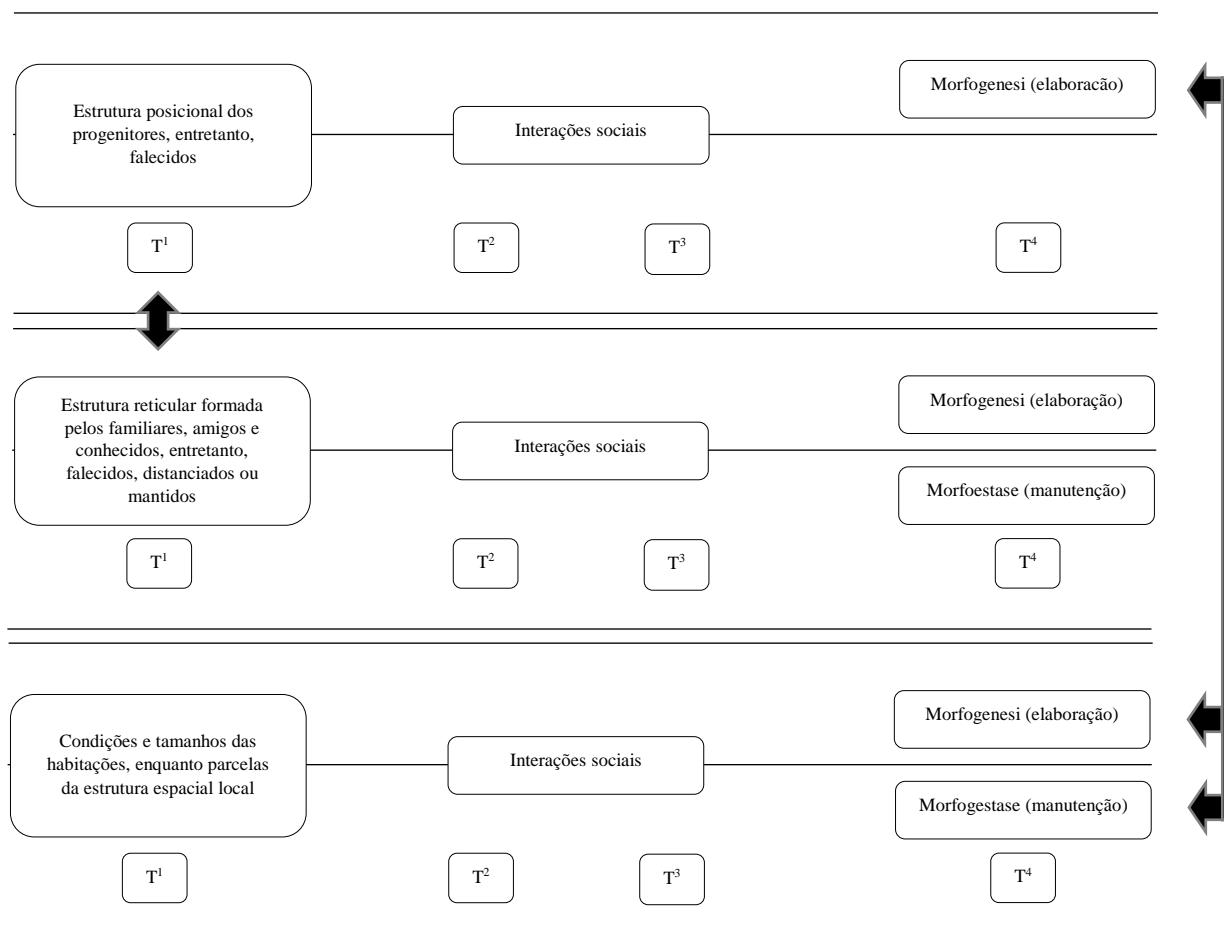


Figura 28 – Elaborações e (ou) manutenções quanto à estrutura posicional dos progenitores, entretanto, falecidos, à estrutura reticular e às condições e ao tamanho das habitações, enquanto parcelas da estrutura espacial local

## **Capítulo 8**

### **Agência nos espaços urbanos comunidades locais, interlocais e supralocais acionada, durante a modernidade avançada, pelos idosos residentes em São José e Benfica**

Vimos no capítulo anterior que os idosos investigados possuem experiências agenciais, orientadas para o curso de vida, que recobrem pluralidades significativas, designadamente, em termos posicionais, reticulares e espaciais locais, nas suas relações com estas estruturas. Deste modo, importa melhor compreender como é que os mesmos idosos investigados procedem ao acionamento da agência orientado, mais recentemente, durante a modernização avançada (ou tardia), para os espaços e comunidades locais, interlocais e translocais e qual a sua relação com as estruturas posicionais, reticulares e espaciais locais, sendo, identicamente, vantajoso melhor compreender a relação destas estruturas entre si. Por conseguinte, desvendamos estas questões por meio da construção de uma tipologia.

A mesma tipologia foi norteada, pormenorizadamente, pela articulação de um modelo de análise (exibido no Capítulo 4, das páginas 99 a 105), que contemplou os desdobramentos, mais verificados, da agência direcionada para os espaços e comunidades locais, interlocais e translocais, durante a modernidade tardia, e das estruturas (posicionais, reticulares e espaciais locais) que mais a constrangem e mais a favorecem (os mesmos procedimentos analíticos foram usados, no contexto empírico das famílias nas PME, por Guerreiro, 1996). De acordo com este norteamento analítico, as diferentes situações reais investigadas são combinadas nesta mesma tipologia, que se encontra segmentada num conjunto (indicativo) de quatro ideais-tipo (cf. ainda Guerreiro, 1996). Por vezes, designámos os ideais-típos com fundamento no indicador analítico mais marcante dessa agência, o que não impediu que estivéssemos, outras vezes, em presença de mais de um indicador analítico dessa agência com um pendor muito marcante, dando azo a que a designação fosse construída de modo mais abrangente.

## Agentes consistentes

Em certos casos estudados os idosos reforçaram, gradualmente, a condição de agentes em benefício do espaço urbano (e da comunidade) local, por meio de um itinerário continuado de intervenções conscientes e informadas (relativamente às consequências do agenciamento), que promoveram e executaram, em certas ocasiões, diretamente ou indiretamente, uma relação entre organizações. Estes mesmos idosos, quando foram bem-sucedidos, alcançaram diferentes resultados profícuos para o bairro e conversam, esporadicamente, sobre este em momentos de anomalias e mudanças na comunidade e no espaço locais, sendo raras as conversas sobre outros espaços e comunidades (interlocais e translocais). Trata-se de idosos com redes sociais grandes, que receberam, habitualmente, grandes apoios instrumentais e simbólicos da rede familiar, à qual, normalmente, prestaram também estes grandes apoios, mesmo que as redes amicais sejam importantes para a receção e a prestação de grandes apoios simbólicos. Estes indivíduos fazem um povoamento dinâmico do espaço urbano do bairro, tal como povoam com dinamismo outros lugares da cidade e do país, tendo, de modo geral, conhecido determinados países estrangeiros ou continuado, presentemente, a ir ao estrangeiro, mas reportaram não ter feito intervenções no exterior da comunidade local e do espaço urbano local. A maior parte destes idosos é licenciada e terminou a carreira profissional na categoria dos profissionais intelectuais e científicos, com uma exceção que completou a quarta classe do antigo sistema de ensino e terminou esta carreira na categoria dos empregados executantes. Todos estes mesmos indivíduos residem no Bairro de Benfica.

O caso concreto de Júlio Mendonça (r.e.1) mostra os contornos destas situações. O idoso contribuiu para uma mudança indispensável no espaço urbano do bairro, tendo como objetivo a criação de uma universidade intergeracional, que proporcionasse momentos de aprendizagem e lazer, não só aos indivíduos da comunidade local, como também a outros indivíduos que não pertencessem à comunidade local. O objetivo foi alcançado (durante o ano de 2006), por meio de um processo que articulou a integração numa equipa de residentes locais, a formação de uma associação que acolheu essa universidade intergeracional, a celebração de acordos com algumas organizações, que se dispuseram a facultar as instalações dessa universidade intergeracional e os transportes necessários para as excursões e os eventos culturais, e com alguns particulares, que se dispuseram a lecionar gratuitamente: “Hoje já há várias associações aqui em Benfica, de uma das quais eu faço parte (...) que é muito útil para o bairro (...) É a *STIMULI*, que é a *Associação de Cultura e Artes de Lisboa* e que tem agregada uma universidade intergeracional,

que é a *UNISBEN* (...) Nós formámos a *Associação de Cultura e Artes de Lisboa* para criar depois (...) a *UNISBEN*.” (Júlio Mendonça, r.e.1). Presentemente, Júlio continua a integrar esta associação.

Antes disto, o mesmo indivíduo fez outras intervenções em prol do espaço urbano local e da comunidade local, quando reclamou sobre a iluminação da Rua dos Arneiros, um assunto de que continua a conversar, ou quando entrou no abaixo-assinado contra o derrube de muitos eucaliptos do Eucaliptal de Benfica, e encontrou-se consciente dos objetivos destas agências, mesmo que nem sempre tenha conseguido alcançá-los, como demonstra o próximo extrato da entrevista semiestruturada (Júlio Mendonça, r.e.1):

“Reclamei aqui na nossa rua, por exemplo, mas entrou por um buraco e saiu por outro lá na câmara e na junta de freguesia (...) Os candeeiros [foram alterados e] ficaram no meio das árvores, de modo que agora a iluminação em vez de ser para as pessoas é para os passarinhos e não temos iluminação, o que torna aquilo muito escuro (...) Reclamei por *email* (...) Como reclamei e isso já foi um grupo e resultou quando tentaram destruir aqui alguns eucaliptos (...) Ah isso quando eu não vejo uma coisa se posso eu reclamo (...) mas sempre com uma questão de bom senso, não ser mais papista que o Papa (...).”

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.1** (Júlio Mendonça)

É Licenciado em Engenharia, foi engenheiro e tem setenta e quatro anos. Está casado e reside em casal num apartamento situado no lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, incluída no Bairro de Benfica. A família consanguínea engloba onze nós (o cônjuge, os dois filhos, as duas noras, os dois netos, uma irmã, a sobrinha e os dois sobrinhos-netos) e considera que todos lhe são mais próximos. A troca de *pequenos* apoios simbólicos é extensível a todos os nós desta rede<sup>105</sup>, mas há uma concentração de grandes apoios, unicamente, em certos nós. Objetivamente, a partilha de grandes apoios instrumentais, formalizada na gestão conjunta dos rendimentos e em alguma divisão do trabalho doméstico (com recurso a empregada doméstica), e de grandes apoios simbólicos, em situações de morte na família, é uma componente da relação conjugal. Para além disso, concede grandes apoios instrumentais ao filho mais velho, no contexto de uma situação de desemprego, e obteve grandes apoios simbólicos da mulher e dos filhos, por razão de uma pancreatite. As redes amicais residentes dentro do bairro compreendem trinta e dois nós, sendo que vinte e quatro nós integram as redes de vizinhança. Tem uma maior proximidade com quatro vizinhos: duas idosas, um idoso e uma adulta. Deu grandes apoios simbólicos à vizinha adulta, na sequência de um coma. Deu, igualmente, grandes apoios simbólicos a Antónia Baptista (r.e.2), uma vizinha que integra as redes amicais algo próximas, no contexto de uma tentativa de assalto (e deu pequenos apoios instrumentais a uma vizinha idosa distante, juntamente com outros vizinhos, para que comprasse uma prótese). Tem um pouco menos proximidade com oito nós residentes dentro do bairro, mas fora da vizinhança, e desenvolveu uma amizade com os mesmos por via da *STIMULI*. Possui quarenta conhecidos residentes dentro do bairro, com uma composição ligeiramente intergeracional, uma vez que predominam os

<sup>105</sup> Nesta investigação, normalmente, quando existiram receções ou dádivas de pequenos apoios instrumentais, grandes apoios simbólicos e grandes apoios instrumentais, mesmo que estivéssemos em presença apenas de um ou dois destes mesmos apoios, existiram, necessariamente, trocas de pequenos apoios simbólicos. Mas existiram, igualmente, trocas de pequenos apoios simbólicos sem que houvesse uma receção ou uma dádiva de outros apoios.

idosos, que criou, nomeadamente, pela mesma via organizacional. Mantém um laço de amizade com os (quatro) proprietários do *Restaurante Os Piodenses*. Troca com os amigos do bairro, essencialmente, pequenos apoios simbólicos e o mesmo acontece com os dezasseis nós amicais residentes no exterior do bairro, dos quais dez nós são mais próximos. Nas redes amicais residentes dentro do bairro, as proporções de laços intergeracionais e de laços com elementos do género masculino, relativamente aos laços intrageracionais e aos laços com elementos do género feminino, são equivalentes. No entanto, as redes amicais residentes no exterior do bairro contêm um predomínio de idosos e um número semelhante de homens e mulheres. Considera não existirem diferenças entre os apoios que podia, supostamente, prestar à família e aos amigos, mas não inclui qualquer um dos amigos no parentesco subjetivo. As redes de conhecidos residentes no exterior do bairro incluem quatro casais de idosos e quatro casais de adultos. Povoa de modo intenso o espaço urbano do bairro, quer em termos de restauração, de espaços verdes e de centros comerciais, quer em termos de eventos culturais e desportivos. Povoa, igualmente, com uma certa regularidade, espaços interlocais e outros espaços de Lisboa e do país, até porque tem casas na Costa da Caparica e no Algarve, onde passa temporadas. Em 2007, fez uma viagem aos Estados Unidos da América e ao Canadá e, em 2016, passeou por certas praias espanholas.

Com objetivos equivalentes, em termos de ocasionar a existência de espaços no bairro que preenchessem as necessidades dos residentes locais – e, mais concretamente, em termos de manter no bairro um eucaliptal frondoso, para que os residentes locais continuassem a usufruir de um ambiente verde, saudável e harmonioso – temos o exemplo de Antónia Baptista (r.e.2). Antónia criou (durante o ano de 2000) um abaixo-assinado, acolhido por 423 residentes, contra o abate de muitos dos eucaliptos presentes no Eucaliptal de Benfica e tratou, também, de fazer os contactos necessários com a *Câmara Municipal de Lisboa*, como contou nesta passagem da entrevista: “Eu depois consegui obter a memória descritiva do projeto, onde dizia que restariam pontualmente um ou outro eucalipto no eucaliptal, o resto era tudo substituído por (...) árvores baixas e tudo o resto (...) Portanto, eu é que levei aquilo ao Vereador dos Espaços Verdes, eu é que contactei o Diretor do Departamento dos Espaços Verdes (...)” (Antónia Baptista, r.e.2). Como consequência do número relevante de pessoas que se associaram ao abaixo-assinado, o mesmo foi apreciado com êxito. Como é perceptível, Antónia, juntamente com os outros 422 assinantes, causou, indiretamente, o diálogo entre a *Câmara Municipal de Lisboa* e a *Junta de Freguesia de Benfica*.

Antónia também se encarregou da administração do condomínio do prédio onde reside (no mesmo ano de 2000), tendo contribuído para a montagem do portão eletrónico que dá acesso à garagem, e, passados catorze anos, apoiou fortemente outra administração deste condomínio, designadamente, ao conduzir os técnicos da desratização para os apartamentos e as partes altas do prédio. Entretanto, a idosa fez outras intervenções, junto da *Câmara Municipal de Lisboa*, tanto relacionadas com o excesso de pombos no bairro como, igualmente, relacionadas com a

exposição dos idosos às bolas que saltaram do campo de jogos do Eucaliptal de Benfica, como contou: “(...) Eu já fiz várias intervenções junto da câmara, foi em relação aos pombos, foi em relação a não haver ali no campo de jogos, no eucaliptal (...) umas redes de anteparo por trás daqueles muros com buracos que fizeram (...) para evitar que as pessoas que estão nos bancos apanhem com a bola em cima, estão ali velhinhos sentados (...)” (Antónia Baptista, r.e.2). A última proposta foi concretizada, sensivelmente, um ano depois do seu contacto. Em 2013, Antónia aconselhou, identicamente, certos residentes da Rua Cláudio Nunes, que se mostraram descontentes com a sujidade dos passeios desta rua, a telefonarem para a *Câmara Municipal de Lisboa* no sentido de recomendarem a comparência de polícias (à paisana) que multassem os donos dos cães responsáveis por aquela sujidade dos passeios.

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.2 (Antónia Baptista)**

Tem oitenta e um anos, é Licenciada em Engenharia e terminou a sua carreira profissional no ramo da seleção e orientação profissionais. É solteira, não tem filhos e vive só num apartamento do lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, uma rua inserida no Bairro de Benfica. A rede de parentesco compreende quatro irmãos (um homem e três mulheres) e qualquer um tem, pelo menos, dois filhos e dois netos. Sente uma falta de identificação com a mulher do único irmão do sexo masculino e, por isso mesmo, distanciou-se desta fração da parentela. Considera que a família mais próxima é constituída pelos restantes parentes. Aos laços com os irmãos, com quem interage, e com os sobrinhos subjazem trocas de pequenos apoios simbólicos e o mesmo é verdadeiro para as relações amicais. No entanto, recebeu todos os tipos de apoios da irmã que nasceu a seguir a si e do marido da mesma irmã, formalizados na oferta de um montante importante de dinheiro, no conforto em situação de carência de apoios e no acolhimento, durante um curto intervalo de tempo, numa casa de férias, sendo que as três filhas dos últimos lhe concederam grandes apoios simbólicos, ao assumirem responsabilidades morais pelo seu património quer financeiro ou edificado. Da segunda irmã a seguir a si recebeu grandes apoios simbólicos, no aconselhamento e no apoio moral em situação de doença, assim como recebeu grandes apoios instrumentais do cunhado casado com a sua irmã mais nova, igualmente, nessa situação de doença, e grandes apoios simbólicos desta irmã em diversas situações de doença. Evidenciou ter maior proximidade com dez nós amicais de vizinhança. Concedeu grandes apoios simbólicos a uma idosa, em situação de doença, e pequenos apoios instrumentais a duas idosas, relativos aos ensinamentos para que uma destas idosas soubesse ler e aos apoios a uma outra na administração do condomínio. Recebeu grandes apoios simbólicos do casal (de idosos) composto por Júlio Mendonça (r.e.1) e a mulher, após sofrer uma tentativa de assalto, sendo que uma adulta propôs dar-lhe todos os apoios, em situação de doença, mas não foi necessário. As redes amicais de vizinhança incluem, ainda, três nós menos próximos. Para além disso, às redes formadas dentro do espaço do bairro estão associados treze residentes conhecidos e quinze proprietários e empregados do comércio tradicional. A maioria dos nós que fazem trabalho profissional no comércio tradicional do bairro são homens adultos. As redes amicais residentes no exterior do bairro integram, principalmente, sete nós. Recebe pequenos apoios instrumentais de uma amiga, ao passar férias na casa da mesma, e considera que outra tem disponibilidade para a prestação de todos os apoios, bem como prestou grandes apoios simbólicos a um amigo, em situação de doença. Contudo,

estas redes amicais apresentam mais dois nós com quem não se encontra há muitos anos, mas considera que um destes se encontra disponível para lhe prestar todos os apoios. As suas redes amicais são, sobretudo, constituídas por idosos. Nas redes de conhecimento residentes dentro e fora do Bairro de Benfica encontramos, igualmente, uma prevalência de idosos, uma vez que tem uma rede de conhecidos residentes no exterior do bairro formada por vinte casais de idosos e dez casais de adultos. Considera que todos os nós das suas redes sociais se acham englobados no parentesco subjetivo. Povoa os espaços urbanos do bairro de modo dinâmico, sejam os espaços urbanos públicos ou os espaços urbanos semipúblicos, mas deixa o bairro para ir a espaços interlocais e a outros locais da cidade de Lisboa. Viaja para fora da cidade, algumas vezes por ano durante uns dias, mesmo porque tem uma casa em Cascais. No entanto, deixou de viajar para o estrangeiro em 1987 (para maior detalhe consulte as páginas 371 a 375 integradas no Anexo D).

Outros indivíduos agenciaram, apenas individualmente, em prol do espaço urbano local e da comunidade local, por intermédio de propostas, reclamações e alertas direcionados para a *Câmara Municipal de Lisboa* e para a *Junta de Freguesia de Benfica*. Os indivíduos estiveram conscientes dos objetivos a que se propuseram e dos resultados do agenciamento. Um exemplo destas situações é Conceição Santos (r.e.3), uma vigilante constante dos pequenos acidentes do espaço urbano da Rua dos Arneiros, que procede aos alertas respetivos à *Junta de Freguesia de Benfica*. No entanto, apesar de esta organização local ter sentido necessidade de contactar outras organizações, no seguimento dos alertas, os contactos não foram efetuados pela agente, ou seja, esta proporcionou apenas indiretamente uma relação entre organizações:

“(...) [Em 2015] Havia aqui um candeeiro que tinha a parte inferior solta e que estava em perigo de cair porque ele está metido dentro de uma árvore (...) e o senhor que me atendeu da junta de freguesia foi supersimpático e disse... porque eu não reclamei, só disse que estava em perigo e o senhor disse: ‘Em dois dias está arranjado e muito obrigada pelo seu alerta.’. E em dois dias estava arranjado (...) Eu telefono muitas vezes para a junta quando há, por exemplo, luzes acesas ou águas que estão a escorrer e dou o alerta que isto está a acontecer (...)” (Conceição Santos, r.e.3).

A idosa fez, similarmente, uma proposta aos técnicos da *Câmara Municipal de Lisboa*, quando ocorreram as alterações nos arruamentos da Rua dos Arneiros (durante o ano de 2012), mas não foi aceite: “Quando eles andaram a tratar desta nossa rua, eu várias vezes falei com os senhores que eram da câmara para tentar perceber o que é que eles estavam a fazer num passeio que está grande demais (...) e podiam ter utilizado para arrumar carros (...)” (Conceição Santos, r.e.3). As conversas ocasionais sobre o bairro que são mantidas por esta idosa dizem respeito ao surgimento de realidades do espaço urbano local e da comunidade que a agradam, como as hortas urbanas do bairro e a frequência atual da *Primeira Praceta Cafetaria*. Efetivamente, na opinião desta mesma idosa, a *Primeira Praceta Cafetaria* aglomera um conjunto de indivíduos que a frequentam e se conhecem bem uns aos outros, algo difícil de encontrar noutras bairros de Lisboa.

### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.3 (Conceição Santos)**

É Licenciada em Farmácia, foi farmacêutica e tem setenta anos. É viúva e tem um único filho, com quem vive num apartamento situado no lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, que se encontra inserida no Bairro de Benfica. Além do filho, destacou mais seis parentes: a tia-avó, a irmã, os dois sobrinhos e os dois sobrinhos-netos. A família que considera mais próxima é constituída pelo filho e pelos mesmos parentes, com exceção da tia-avó. A parentela comprehende, igualmente, certos primos e as suas famílias de procriação com quem mantém relacionamentos ocasionais crispados. Ao filho dá grandes apoios instrumentais, ao permitir que resida consigo, e financiou-lhe, parcialmente, a aquisição de um carro, recebe pequenos apoios instrumentais do filho, que a transporta de carro para fazer algumas compras, e troca grandes apoios simbólicos com este, em situações de doença. Com a irmã e com a sobrinha trocou grandes apoios simbólicos, porque enviuvou e esteve doente, mas a irmã também enviuvou e a sobrinha divorciou-se. Deu grandes apoios instrumentais à sobrinha, presentes na oferta (temporária) de mesadas, e troca pequenos apoios simbólicos com os dois filhos desta, bem como recebe pequenos apoios instrumentais da irmã, que lhe empresta as casas de férias para que passe uns dias. Obteve grandes apoios simbólicos do sobrinho, quando enviuvou. À tia-avó deu grandes apoios simbólicos e instrumentais, quando esta se encontrou doente e a recebeu, durante uma temporada, no seu apartamento. As redes de vizinhança englobam trinta e dois nós, mas salientou quinze nós (dez idosas e cinco idosos), com quem troca pequenos apoios simbólicos, entre os quais está incluída Madalena de Sousa (r.e.21). A um destes nós dá grandes apoios simbólicos, em situação de doença, e propôs dar-lhe pequenos apoios instrumentais, como sejam fazer as compras de que necessite devido à mesma situação, de outro nó recebeu grandes apoios simbólicos, devido à ansiedade causada pela coabitação com a tia-avó e, com um outro nó, que é Luísa Cardoso (r.e.16), troca pequenos apoios instrumentais, formalizados em pagamentos mútuos de pequenos-almoços. Considera que estes quinze idosos não são amigos próximos. Dos elementos do comércio tradicional mencionou oito nós, mas relaciona-se amiúde com outros seis nós, havendo uma prevalência (e uma semelhança) de mulheres e homens adultos. As redes amicais residentes fora do bairro são compostas por um grupo com um ‘núcleo duro’ que contempla dez idosos e doze idosas, dos quais recebeu pequenos apoios instrumentais e grandes apoios simbólicos, quando sucedeu o falecimento do seu marido, e aos quais acrescem duas adultas. Associa um destes amigos do seu ‘núcleo duro’ ao parentesco subjetivo. Este mesmo grupo encerra doze casais de amigos idosos mais afastados. Tem, igualmente, dois amigos, um idoso e uma idosa, que não pertencem a esse grupo, de quem recebeu grandes apoios simbólicos, quando o marido faleceu, e dá grandes apoios simbólicos ao primeiro, em situação de doença. As redes sociais de conhecimento residentes fora do bairro contêm cento e trinta indivíduos (cinquenta adultos, cinquenta adultas, vinte idosas e dez idosos). Povoa dinamicamente o Bairro de Benfica, se considerarmos muito do comércio tradicional ou, esporadicamente, as grandes superfícies, no entanto, frequenta espaços interlocais e outros lugares do país, até porque tem uma casa perto de Peniche, e do estrangeiro (para maior pormenor consulte as páginas 376 a 380 pertencentes ao Anexo D).

Noutras situações os indivíduos contribuíram para a divulgação do espaço urbano (e da comunidade) local, por meio do envolvimento continuado em espetáculos, que representaram uma organização local e aconteceram no exterior da mesma. João Fonseca (r.e.4) constitui um exemplo destas situações. João integrou o rancho folclórico da *Associação de Reformados de*

*Benfica* (de 2010 a 2015) e fez diversos espetáculos em locais como Alverca, Montijo e Oeiras. Os espetáculos deram a conhecer a organização e a comunidade local, bem como promoveram a interligação entre esta organização e as organizações onde aconteceram. No rancho estiveram incluídos (durante o ano 2014 e muito próximo da sua dissolução), cinco pares de indivíduos: “Ah faço parte do rancho dos reformados (...) é sempre às segundas e às quartas (...) Fiz-me sócio dos reformados e depois, pronto... depois iniciou-se um rancho, dantes até havia muita gente, agora já está menos gente (...)” (João Fonseca, r.e.4). O mesmo idoso não descreveu a pertença ao rancho no contexto de uma intervenção em benefício da comunidade local e do espaço urbano local, mas percecionou-a como uma atividade importante, na qual se empenhou com orgulho. João conversa sobre assuntos relacionados com o passado do bairro, como sejam a diminuição do comércio tradicional e o aparecimento das grandes superfícies, e não reclama, abertamente, as situações que o desagradam, podendo, no entanto, evitar de modo educado estas situações, como aconteceu quando pagou antecipadamente um sofá que lhe foi fiado, quando não apreciou (e não se sentiu confortável com) os olhares desconfiados que o proprietário do estabelecimento fez, sempre que passou por lá.

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.4** (João Fonseca)

Tem oitenta e cinco anos e a quarta classe do antigo sistema de ensino, terminou a carreira profissional como (jardineiro e) motorista. É casado e vive em casal num apartamento da Calçada do Tojal, uma área do Bairro de Benfica. A rede de parentesco é composta pela mulher, por uma filha, o genro, os três netos, as duas irmãs, os cunhados, a mulher do falecido irmão, os sobrinhos e os sobrinhos-netos, incluindo os descendentes da irmã também falecida. Considera que todos os elementos da família são mais próximos, mas referiu trocar pequenos apoios simbólicos só com vinte e quatro nós. Troca grandes apoios instrumentais e simbólicos com a mulher, uma vez que o rendimento de ambos concorre para a gestão da bolsa conjugal, mas a mulher faz, praticamente, todo o trabalho doméstico, bem como se auxiliam, mutuamente, em situações de doença. Deu grandes apoios instrumentais à filha, quando foi, regularmente, buscar um dos netos à escola e quando lhe ofereceu montantes importantes em dinheiro, contudo, esta assumiu responsabilidades morais pelo seu património financeiro. Troca pequenos apoios instrumentais com a irmã imediatamente a seguir a si, o marido desta irmã e a cunhada por parte do falecido irmão, formalizados na partilha do trabalho agrícola e dos produtos agrícolas. As redes amicais de vizinhança contêm dez nós (três idosos, quatro idosas, um adulto, uma adulta e o seu filho), um dos quais lhe presta grandes apoios simbólicos, uma vez que guarda uma chave da sua casa. As redes amicais residentes dentro do bairro incluem mais vinte e dois idosos (dos quais mais do dobro são homens idosos) que conheceu por meio da *Associação de Reformados de Benfica*. As redes de conhecimento ali residentes contêm uma média de noventa conhecidos, cuja maior parte são idosos. Relaciona-se com quatro profissionais idosos do comércio tradicional sediado no bairro, entre os quais uma enfermeira de quem recebeu grandes apoios simbólicos, em situação de doença. Interage ainda com a Professora das Aulas de Ginástica do *Centro de Dia do Charquinho*, pertencente à *Associação de Reformados de Benfica*, este nó dá-lhe pequenos apoios instrumentais, uma vez

que frequenta as aulas de Ginástica a baixo custo. As redes amicais residentes fora do bairro englobam sete nós (de ex-colegas de trabalho). Tem dezassete nós de conhecidos (idosos), similarmente, residentes fora do bairro. Considera que, habitualmente, partilhou com os nós amicais residentes dentro e fora do bairro não mais do que pequenos apoios simbólicos e não considera que os amigos estejam incluídos no parentesco subjetivo. Povoava,ativamente, diversos lugares do Bairro de Benfica, contudo, expande o povoamento para os espaços interlocais e outros espaços fora do bairro, até porque tem uma casa na terra-natal, e, apesar de se centrar no país, viajou até Barcelona (para mais detalhes consulte as páginas 381 a 385 inseridas no Anexo D).

Os agentes descritos possuem redes sociais grandes, visto que os seus tamanhos oscilam, aproximadamente, entre cento e dezanove e duzentos e quarenta e cinco nós, muito à conta do número de conhecidos residentes no interior do bairro (sensivelmente, entre treze e noventa) e do número de conhecidos residentes no exterior do bairro (aproximadamente, entre dezasseis e cento e trinta). O número de familiares incluídos nestas redes sociais está entre onze e quarenta e nove, sensivelmente, e as redes sociais dos mesmos agentes contêm, geralmente, um maior número de nós amicais residentes no interior do bairro do que no exterior do bairro, incluindo, aproximadamente, entre treze e trinta e dois amigos residentes no interior do bairro e entre sete e cinquenta amigos residentes no exterior do bairro. Em metade dos casos o número de adultos e de idosos é semelhante, mas nos outros casos o número de adultos representa, sensivelmente, metade ou um quarto do número de idosos. Os laços intergeracionais com adultos acontecem, sobretudo, por intermédio da rede de parentesco, das redes de conhecimento e das organizações estabelecidas dentro do bairro, mas acontecem também por intermédio das redes amicais. As crianças e os adolescentes estão concentrados na rede de parentesco, onde se desenvolvem os laços mais importantes com essas gerações. Nestas redes sociais a composição de elementos do sexo masculino e do sexo feminino não apresenta uma diferença acentuada, sendo quase igual, mas, mesmo assim, apresenta uma pequena vantagem numérica de elementos do sexo feminino, exceto num caso em que a diferença é acentuada e é marcada por um pouco menos de metade de elementos do sexo feminino, isto é, por uma vantagem numérica considerável de elementos do sexo masculino.

Metade destes indivíduos não considera receber apoios dos nós de conhecimento, nem mesmo pequenos apoios simbólicos, porque considera que as receções interacionais não passam de cumprimentos e a outra metade não considera receber pequenos apoios simbólicos de todos os conhecidos. Portanto, metade dos indivíduos não considera dar pequenos apoios simbólicos aos nós de conhecimento e a outra metade, certas vezes, dá estes mesmos apoios, mas o retorno não é sempre considerado. Porém, observamos que os nós de conhecimento detêm importância na estrutura reticular (quanto ao tamanho e à composição das redes sociais) destes indivíduos,

contribuem para a formação de pensamentos sobre o quotidiano e, deste modo, concorrem para a reprodução e a consolidação do mesmo quotidiano (cf. Morgan, 2009). Os conhecidos não só contribuem para estes indivíduos formarem pensamentos sobre o quotidiano e, deste modo, o reproduzirem e o consolidarem, como também fazem, numa base quotidiana, uma estimulação da atenção com os espaços urbanos (públicos e semipúblicos) e os indivíduos que os rodeiam. Neste tipo são os nós de conhecimento que suscitam as imagens em movimento alucinante (cf. Simmel, 1997) e o uso de um equipamento interacional semelhante a um radar (cf. Reisman, 1950). Apesar disto, não notamos uma quase inexistência de intimidade nas relações sociais (cf. Riesman, 1950) e uma insuficiência de relacionamentos sociais, orientadas pelas componentes da cidade (cf. Park, Burgess e McKenzie, 1984), porque os urbanitas aqui inscritos têm relações com membros da família e com amigos e consideram trocar apoios com os mesmos<sup>106</sup>.

O parentesco restrito, isto é, os familiares com quem estes idosos se relacionam e com quem trocam, pelo menos, pequenos apoios simbólicos, abrange toda a rede de parentesco num dos casos, sendo que nos outros abrange mais de metade (três quartos) ou ligeiramente menos de metade desta rede (cf. Coenen-Huther, Kellerhals e von Allmen, 1994). Os pequenos apoios simbólicos são trocados, mais regularmente, com a família de procriação (e, em determinados casos, com os netos) e os programas com a fratria e os sobrinhos são menos frequentes. Há uma idosa que não tem família de procriação e encontra-se com as irmãs e com os sobrinhos muito excepcionalmente, contudo, há outra idosa que faz, regularmente, programas com a irmã e com os sobrinhos.

Estes idosos receberam grandes apoios simbólicos de dois a sete parentes e os mesmos apoios foram recebidos da família de procriação e (ou), em metade dos casos, foram recebidos da fratria e de certos sobrinhos (sendo, igualmente, recebidos, num caso, de um cunhado). Para além disso, três idosos receberam pequenos apoios instrumentais<sup>107</sup> de dois a três parentes e os mesmos pequenos apoios foram recebidos da fratria (sendo, também, recebidos, num caso, da descendência e, nos outros, de um ou dois cunhados). Por conseguinte, assinalamos que certos nós do parentesco alargado (sobrinhos) se encontraram abertos à prestação de grandes apoios simbólicos e confirmamos a importância dos laços colaterais diretos (laços de fratria) para o

<sup>106</sup> A talhe de foice, é importante acrescentarmos que a família destes agentes contém membros que completaram diferentes graus académicos, estando o número de nós das redes amicais de vizinhança com formação académica entre mais de metade e menos de um sétimo destas redes e sendo muito considerável o número de amigos residentes fora do bairro com esta mesma formação. O agente que não enveredou por experiências académicas tem familiares (adultos) licenciados, como são exemplos a filha e o genro, apesar de o mesmo não acontecer com as redes amicais.

<sup>107</sup> Os pequenos apoios instrumentais foram formalizados no transporte esporádico de automóvel, no empréstimo de casas de férias durante uns dias, bem como na oferta esporádica de trabalho agrícola e produtos agrícolas, sendo que no último caso existiu uma retribuição do entrevistado no mesmo formato.

recebimento destes apoios e de pequenos apoios instrumentais (cf. Coenen-Huther, Kellerhals e von Allmen, 1994; Kellerhals, Coenen-Huther e von Allmen, 1995), apesar de os encontros com a rede de fratria e os sobrinhos acontecerem, sobretudo, de modo ocasional.

Os mesmos grandes apoios simbólicos foram recebidos por meio do apoio moral (que foi agrupado com convívio e divertimento) em situações de doença, solidão e morte na família e por meio da assunção de responsabilidades morais pelo seu património financeiro e edificado, não sendo observadas distinções de acordo com a categoria em que os entrevistados se inseriram profissionalmente ou com a idade (cronológica) que estes possuem atualmente, como também vamos ter oportunidade de constatar nos outros tipos.

Os grandes apoios instrumentais são recebidos do cônjuge, sempre que o mesmo existe, ou foram recebidos de uma irmã e dois cunhados, mas num caso não encontramos receções de grandes apoios instrumentais. No quadro deste tipo, aos grandes apoios instrumentais recebidos do cônjuge está subjacente uma partilha entre os membros do casal, formalizada na conjugação dos rendimentos para a administração da bolsa conjugal e na distribuição do trabalho doméstico, e essa mesma partilha é acentuadamente desigual ou ligeiramente desigual conforme existe uma reduzida distribuição do trabalho doméstico ou alguma distribuição do trabalho doméstico com recurso a empregada doméstica, o que está relacionado com a categoria em que os entrevistados casados (do sexo masculino) se incluíram profissionalmente, isto é, empregados executantes ou profissionais intelectuais e científicos, respetivamente.

Esta distribuição do trabalho doméstico, enquanto uma distribuição de grandes apoios instrumentais, constitui-se em torno da articulação entre uma parcela da estrutura reticular (as funções do cônjuge dos entrevistados ou os apoios recebidos pelos entrevistados do cônjuge) e uma parcela da agência (o povoamento da rede conjugal, ou os apoios dados ao cônjuge, pelos entrevistados). Estes mesmos grandes apoios instrumentais são recebidos pelos entrevistados e mediante esta receção os entrevistados procedem ao acionamento ou ao povoamento, inerente à dádiva desses grandes apoios instrumentais ou de outros tipos de apoios, e quando procedem ao acionamento estão a contribuir para a reprodução da distribuição dos mesmos grandes apoios instrumentais entre os membros do casal em que se englobam, sendo o mesmo acionamento ou povoamento influenciado pela estrutura posicional que os indivíduos adquiriram ao longo do curso de vida.

No outro caso emergiu uma receção de grandes apoios instrumentais prestados por uma irmã e dois cunhados, inerente a um montante importante de dinheiro e a uma cirurgia ocular, tendo a entrevistada integrado a categoria dos profissionais intelectuais e científicos. Esta idosa

não tem família de procriação, mas certos nós de fratria e as famílias de procriação dos mesmos, assim como os apoios recebidos de todos (que são parcelas da sua estrutura reticular) favorecem o povoamento da rede de parentesco (uma parcela da sua agência), que, de outro modo, incluía uma maior improbabilidade. O povoamento da mesma rede, apesar de ser, geralmente, feito em termos de pequenos apoios simbólicos concedidos, também influencia estes nós de parentesco e os apoios recebidos dos mesmos pela entrevistada<sup>108</sup>.

Os mesmos investigados consideram que todos os elementos da rede de parentesco estão incluídos na família mais próxima, a não ser que mantenham relações de crismação com alguns membros excluídos desta consideração. Estes agentes não fazem, igualmente, uma inserção de amigos no parentesco subjetivo ou fazem essa inserção com muita parcimónia, salvo um caso, extremamente marcado pelo ecumenismo, que considera que todos os seres humanos são seus familiares. Constatamos que a família contém, decididamente, uma importância marcante nos grandes apoios recebidos pelos indivíduos, importância que é pronunciada nas considerações sobre a proximidade dos familiares, mas nem sempre sobre a ausência de conformidade entre os amigos e os familiares. No entanto, a família também é, geralmente, importante nos grandes apoios prestados, o que fundamenta as mesmas considerações destes indivíduos.

Todos estes idosos dão pequenos apoios simbólicos aos familiares de quem os recebem, mas, com exceção de um caso em que não existem mais apoios dados além destes, dão outros apoios aos parentes que transpõem os pequenos apoios simbólicos. Por conseguinte, os grandes apoios simbólicos prestados atingiram um a quatro parentes, sendo, frequentemente, abrangidos os elementos da família de procriação ou alguns destes, e sendo, excepcionalmente, abrangidos o parentesco alargado e a fratria. Estes apoios foram concedidos por meio do apoio moral (que foi agrupado com convívio e divertimento) em situações de doença, morte na família e divórcio. Os grandes apoios instrumentais alcançaram ou alcançam entre dois e três parentes, centraram-se ou centram-se na família de procriação e, num único caso, foram concedidos, igualmente, ao parentesco alargado. Salvo as questões já discutidas da partilha de grandes apoios instrumentais

<sup>108</sup> Esta família é muito direcionada para a importância de dar apoios a pessoas que se encontram com necessidades emocionais ou económicas e faz ofertas de aconselhamento e de montantes importantes de dinheiro com uma certa regularidade. Estes modos de proceder, orientados pela ‘cultura de transmissão’ da família, no que diz respeito aos significados culturais mais gerais relacionados com a transferência de apoios (cf. Brannen, Moss e Money, 2004), manifestam-se nos grandes apoios instrumentais obtidos pela entrevistada da rede familiar (uma parcela da sua estrutura reticular), bem como se manifestam nas ofertas, feitas pela entrevistada, de pequenos apoios simbólicos (em forma de aconselhamento) a conhecidos residentes dentro do bairro e de grandes apoios instrumentais (em forma de montantes importantes de dinheiro) a conhecidos residentes dentro e fora do bairro (uma parcela da sua agência). Estas ofertas de apoios a conhecidos, que reproduzem e mantêm a ‘cultura de transmissão’ da família, são também orientadas por uma necessidade de compensação da falta de grandes apoios instrumentais retribuídos à rede familiar, cujos elementos não necessitam.

entre os membros dos casais, estes apoios foram ou são expressos na oferta de um montante importante de dinheiro e na cedência de uma parte do seu apartamento para habitação. Também num único caso foram dados pequenos apoios instrumentais a um membro da fratria e a dois cunhados, que os retribuíram da mesma forma.

Estes indivíduos recebem pequenos apoios simbólicos dos amigos e dão-os aos mesmos. Mas, salvo um indivíduo que não recebeu apoios das redes amicais a não serem pequenos apoios simbólicos, estes indivíduos receberam, frequentemente, grandes apoios simbólicos de um a dois amigos residentes no interior do bairro e, em metade dos casos, entre um e vinte e dois nós amicais residentes no exterior do bairro permitiram a receção de pequenos apoios instrumentais, que foi acompanhada, num caso, pela receção de grandes apoios simbólicos. Os grandes apoios simbólicos foram recebidos por intermédio do apoio moral (que foi agrupado com convívio e divertimento), em situações de morte na família, problemas familiares e tentativa de assalto, ou por intermédio da assunção de responsabilidades morais pelo seu património. Já os pequenos apoios instrumentais foram recebidos por via do pagamento esporádico de despesas acessíveis e do empréstimo de uma casa de férias.

Salvo um indivíduo que não concedeu apoios aos amigos que transcendam os pequenos apoios simbólicos, estes indivíduos concederam, igualmente, outros apoios a certos amigos. Entre um e dois amigos residentes no interior do bairro foram alvo de grandes apoios simbólicos e, em metade dos casos, entre um e dois nós amicais residentes no interior do bairro foram alvo de pequenos apoios instrumentais. Também em metade dos casos, um nó amical residente no exterior do bairro foi objeto de grandes apoios simbólicos. Os grandes apoios simbólicos foram concedidos por intermédio do apoio moral (e dos convívios e divertimentos), na sequência de problemas de saúde e tentativa de assalto, e os pequenos apoios instrumentais foram dados, de modo ocasional, por meio da realização de serviços e da oferta de despesas acessíveis. Contudo, não houveram prestações ou receções de grandes apoios instrumentais nos núcleos amicais.

Metade destes mesmos indivíduos recebe, pelo menos, pequenos apoios simbólicos dos profissionais empregados no comércio tradicional sediado no bairro, formalizados no convívio mantido quando requisitam os serviços, mas outra metade não considera estes pequenos apoios ou não considera que exista uma completa reciprocidade de pequenos apoios simbólicos na interação.

O único agente que se encontrou incluído na categoria dos empregados executantes tem algumas características *sui generis* em relação aos outros agentes, incluídos na categoria dos profissionais intelectuais e científicos, designadamente, uma vez que recebe pequenos apoios

instrumentais de (três) profissionais empregadas no *Centro de Dia do Charquinho*, localizado no bairro, ao frequentar as aulas de Ginástica (a baixo custo) daquele centro de dia, e recebeu grandes apoios simbólicos de um nó empregado no comércio do bairro, por razão de doença. Duas organizações da estrutura espacial local, onde trabalham profissionalmente quatro nós integrados na estrutura reticular deste mesmo agente, favorecem a sua agência, visto que o idoso faz um povoamento de maiores redes sociais, ao ter relacionamentos com estes quatro nós e com muitos outros nós que frequentam o centro de dia. Ambas estas estruturas (espacial local e reticular) minoram os constrangimentos relacionados com a sua estrutura posicional, por meio da qual as suas redes sociais tenderiam para um tamanho menor (cf. Bourdieu, 1980) e, como consequência, também as suas atividades seriam mais reduzidas.

Notamos, pois, que certas estruturas minoram (ou aumentam) os constrangimentos (ou os favorecimentos) de outras estruturas e não só favorecem (ou constrangem) a agência. Além disso, o povoamento (agência) que o entrevistado (fez e) faz destas organizações, inseridas na estrutura espacial local, e das redes sociais formadas e desenvolvidas com certos profissionais que aí trabalham e (ou) com os outros utentes, inseridos na sua estrutura reticular, favorecem a continuidade destas organizações e da sua estrutura reticular. Efetivamente, como disse Archer (1995), sem pessoas não existem sociedades e as sociedades são povoadas, deste mesmo modo, sem pessoas não existem espaços urbanos e os espaços urbanos são, também, povoados. Dito noutrous termos, não existem estruturas reticulares e estruturas espaciais locais sem indivíduos e estas estruturas sofrem povoamentos (mais ou menos) continuados dos mesmos indivíduos, que estão a açãoar a sua capacidade de agência ao fazê-lo.

No cômputo geral das interações com os diversos nós que pertencem às redes destes agentes, é importante acentuar que, tal como nas interações relativas à distribuição do trabalho doméstico no seio dos casais, mediante os apoios recebidos pelos agentes dos diferentes nós das suas redes, estes procedem ao acionamento ou ao povoamento, inerente à dádiva de apoios a esses nós, e quando procedem ao acionamento estão a contribuir para a reprodução das trocas de apoios com esses nós.

Na sequência dos apoios recebidos por estes investigados, que transcendem os pequenos apoios simbólicos, notamos uma superioridade de mulheres a prestar-lhes estes apoios (Bracke, Christiaens e Wauteric, 2008) e no contexto dos apoios concedidos pelos mesmos investigados, que ultrapassam os pequenos apoios simbólicos, registamos uma superioridade de mulheres a quem esses apoios foram concedidos (Bracke, Christiaens e Wauteric, 2008).

Estes quatro indivíduos residem no Bairro de Benfica e fazem um povoamento ativo e dinâmico do espaço urbano do bairro, conforme as diferentes preferências. Este espaço urbano possui uma inclinação moderada e diversas organizações, o que, juntamente com a sua estrutura reticular, favorece o povoamento. Esta estrutura reticular permite-lhes, identicamente, fazer um povoamento ativo e dinâmico dos espaços translocais<sup>109</sup>. Porém, os espaços urbanos interlocais são procurados de modo fortuito. Estes mesmos indivíduos agenciam, também, por meio das conversas que mantêm, especialmente, em situações de anomalias e mudanças, a respeito do espaço urbano local e da comunidade local, bem como agenciam por meio das conversas que mantêm, muito ocasionalmente, a respeito dos espaços e comunidades interlocais e translocais. Aqueles povoamentos dos espaços (locais e translocais) e estas conversas sobre os espaços e as comunidades (locais, interlocais e translocais) impulsionam a estrutura reticular e, nalgumas situações, impulsionam a estrutura espacial local, devido às resultantes intervenções no bairro.

Efetivamente, estes idosos fizeram intervenções que motivaram (ou visaram motivar) o melhoramento dos espaços urbanos (semipúblicos e públicos) locais e das condições de vida da comunidade local, operando grupalmente e (ou) individualmente<sup>110</sup>. Os mesmos contribuíram para: (i) a formação e o desenvolvimento de espaços semipúblicos orientados, principalmente, para os residentes locais; (ii) a realização de um abaixo-assinado sobre um espaço público local e o envolvimento neste; (iii) a divulgação de atividades que aconteceram numa organização local; e (iv) a efetuação de reclamações, propostas e alertas sobre os espaços públicos locais.

Algumas destas intervenções foram produtoras, diretamente ou indiretamente, de uma articulação em termos organizacionais, visto que promoveram as relações interorganizacionais, assim como beneficiaram a estrutura espacial local, beneficiaram certos nós da sua estrutura reticular e foram continuadas e conscientes, o que permitiu aos agentes construir opiniões, por meio da sua ‘consciência discursiva’ (Giddens, 1984), que respeitaram às circunstâncias para melhor intervir. Por um lado, as opiniões desenvolvem-se em torno da importância de intervir, de aconselhar os outros a proceder do mesmo modo e de formar um grupo de interessados para que as intervenções tenham sucesso, isto é, para que sejam obtidos os resultados esperados. Por

<sup>109</sup> As viagens ao estrangeiro com membros da família ou com amigos fizeram ou fazem, geralmente, parte da vida destes idosos e a estrutura posicional tem uma palavra a dizer na facilitação destas viagens, sendo que o idoso que entrou na categoria socioprofissional dos empregados executantes raramente as fez.

<sup>110</sup> Tal como a generalidade dos indivíduos idosos contidos nos tipos-ideais que aqui apresentamos, os indivíduos idosos englobados neste tipo-ideal não procederam a intervenções direcionadas para os espaços e as comunidades interlocais e translocais, apesar de este ser o tipo-ideal que inclui mais intervenções direcionadas para o espaço urbano local e a comunidade local. De facto, unicamente no tipo-ideal correspondente aos *agentes incentivadores* encontramos dois indivíduos que intervêm ou intervieram em prol dos espaços urbanos translocais e estes são dois casos minoritários no conjunto dos trinta casos analisados na presente investigação.

outro lado, as opiniões constituem-se em redor do primado do bom senso, ou da importância de ‘não ser mais papista que o Papa’, e da escolha do alerta em detrimento da reclamação, no caso em que a reclamação é considerada um motivo de indeferimentos.

Escolhemos designar este tipo de agentes, que trocam impressões sobre o bairro e, muito casualmente, sobre outros espaços e comunidades, fazem um povoamento ativo e dinâmico dos espaços locais e translocais e de parte das suas redes grandes, bem como, na maioria dos casos, continuam a proceder a intervenções continuadas no bairro, por *agentes consistentes*.

### **Agentes moderados**

Em outros casos estudados os idosos contribuíram para a divulgação do espaço urbano local, por intermédio da participação em, pelo menos, um programa televisivo, o que também permitiu informar sobre a comunidade local, em termos nacionais. Estas mesmas intervenções circunscreveram-se a determinados momentos e foram pontuais, mas as suas repercuções não foram mais tímidas do que em certas situações do tipo anterior. Se, por um lado, estes idosos fizeram, diretamente, a ligação entre organizações (locais e supralocais), ocultaram os objetivos e a concretização do agenciamento, quando foram questionados, formalmente, em situação de entrevista semiestruturada, apesar destes serem conscientemente entendidos, por outro. Ainda assim, os mesmos agentes não procederam a intervenções no exterior do espaço urbano local e da comunidade local. Estes mesmos agentes residem (ou residiram) no Bairro de São José.

Menos de metade destes idosos fez reclamações no bairro, que foram direcionadas para as organizações locais, mas todos conversaram sobre o bairro e, esporadicamente, sobre outros espaços e comunidades. Geralmente, as suas redes sociais são grandes ou médias e prestaram-lhes, frequentemente, grandes apoios, no entanto, nem todos estes mesmos idosos concederam grandes apoios às redes de parentesco ou às redes amicais, sendo que apenas mais de metade deu grandes apoios a parentes e apenas mais de metade os concedeu a amigos. Geralmente, os mesmos agentes encontram-se em situação de algum confinamento aos espaços urbanos locais e interlocais, mas deixam, mais ou menos excepcionalmente, esses espaços para povoar outros locais do país. Não obstante, a maioria destes agentes nunca viajou para o estrangeiro.

Estes idosos não possuem escolaridade ou completaram a terceira classe ou a quarta classe do antigo sistema de ensino, com uma exceção que concluiu o Curso Industrial do mesmo antigo sistema de ensino, e terminaram as carreiras profissionais na categoria dos empregados executantes, com uma exceção, que não coincide com a anterior, que terminou esta carreira na

categoria dos pequenos empresários. Todos estes idosos residem no lado Este do Bairro de São José, salvo um destes que também aí residiu, mas foi, entretanto, institucionalizado num lar.

Em determinados casos estudados os idosos contribuíram para a divulgação do espaço urbano (e da comunidade) local, quando trouxeram ao domínio público certas atividades da antiga *Junta de Freguesia de São José*, por via das respostas a uma entrevista transmitida num programa televisivo de um canal nacional. Manuela Gomes (r.e.5) é um exemplo que ilustra estes casos. A idosa deu uma entrevista (em 2012), a respeito da construção da maior boneca de trapos do mundo, ao programa *Portugal em Direto*, que foi transmitido pela RTP1 e filmado no *Centro Social Laura Alves*. No programa deram também uma entrevista outras residentes do bairro. Depois, perguntámos-lhe, no decurso da entrevista semiestruturada, se tinha intervindo para melhorar o bairro e esta respondeu negativamente, mas a sua intervenção promoveu um entrelaçamento entre a *Rádio Televisão Portuguesa* e a *Junta de Freguesia de São José*. A idosa referiu nunca ter reclamado sobre questões com que não concordou no bairro, mas observámos certas reclamações que efetuou a respeito da construção da boneca. Manuela conversou com as outras utentes, habitualmente, sobre as novidades do bairro e continua, presentemente, a manter estas conversas.

“Manuela parece manter contacto com uma senhora que teve que trancar a mãe em casa, pois esta gritava na rua e atirava coisas aos carros. Na sequência desta história que contava na aula de Expressão Plástica, a polícia deslocou-se à junta, pois estava uma idosa trancada em casa que, provavelmente, os tinha contactado. Parecia ser a história mais saliente do momento no bairro (...) Aliás, Manuela sabe tudo o que se passa no bairro (...)" (Diário de campo).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.5 (Manuela Gomes)**

Tem oitenta e cinco anos, não tem escolaridade e terminou a carreira como empregada de limpeza. É casada e reside com o marido e com a única filha num apartamento da Rua da Fé, localizada no lado Este do Bairro de São José. Recebeu grandes apoios simbólicos da filha e do irmão mais novo, um adulto que mora com a mulher e o filho no mesmo prédio, bem como os partilhou com o marido, em situações de doença. Faz uma troca de grandes apoios instrumentais com o marido. No entanto, apesar dos rendimentos de ambos os membros do casal concorrerem para o preenchimento da bolsa conjugal, efetua quase todo o trabalho doméstico. Partilha também estes apoios com a filha, pois se permite que esta coabite na sua casa a mesma participa, regularmente, em certas despesas. Estes são os cinco familiares com quem convive frequentemente e com quem troca pequenos apoios simbólicos no interior do bairro. Considera que os familiares com quem pode contar são o marido, a filha e o irmão mais novo. A família é composta, igualmente, por outros cinco irmãos (duas irmãs e três irmãos), todos são casados e têm filhos. Troca, geralmente, pequenos apoios simbólicos, em contactos telefónicos e encontros esporádicos, com os mesmos irmãos, apesar de uma das irmãs ser residente no bairro com o marido e o filho, sendo que se relaciona, ocasionalmente, com estes dois nós. Dá, telefonicamente, grandes apoios simbólicos à outra irmã, visto que o seu cunhado, por parte desta irmã, é um idoso com um elevado grau de dependência. As redes amicais residentes no bairro são formadas por duas vizinhas idosas, Henriqueta Carvalho (r.e.6) e Teresa

Canas (r.e.7), tal como por um idoso, Paulo Barros (r.e.18), que reside um pouco mais longe. Troca, sobretudo, pequenos apoios simbólicos com estes amigos em espaços do bairro, mas recebeu grandes apoios simbólicos das duas primeiras, em situação de doença, e deu-os ao idoso, na sequência de um problema grave na coluna. Não integra os amigos no parentesco subjetivo. Contém uma rede de dezasseis nós de conhecimento residentes no interior do bairro que são, predominantemente, mulheres idosas. Destes conhecidos, evidenciou um vizinho adulto, amigo da filha, com quem mantém contacto proximal. Cumprimenta e conversa um pouco com (quinze) proprietários e empregados do comércio tradicional, instalado no bairro, e elementos da *Junta de Freguesia de Santo António* e recebe pequenos apoios instrumentais de dois dos últimos elementos. Os indivíduos que fazem trabalho profissional no bairro são, essencialmente, adultos. Não tem amigos residentes no exterior do bairro. Concentra as atividades, principalmente, nos espaços urbanos do bairro e das imediações, como os bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade, a *Capela de São José dos Carpinteiros*, que povoam com os amigos e alguns conhecidos; os cafés-leitarias, onde bebe café com os familiares com quem convive mais frequentemente, com exceção da filha, e as lojas do comércio tradicional. Ocasionalmente, dá passeios com o marido pelo Cercal e por Fátima e, durante o mês de agosto, vai com o marido e a filha para a sua casa em Castro Daire.

Henriqueta Carvalho (r.e.6) é outro exemplo que aclara os meandros destes casos. A idosa deu uma entrevista (em 2012), sobre a construção da maior boneca de trapos do mundo, ao mesmo programa do *Portugal em Direto*, transmitido, na RTP1, em direto do *Centro Social Laura Alves*. Posteriormente, num momento da entrevista semiestruturada, perguntámos-lhe se contribuiu para o melhoramento do bairro e esta respondeu que não, mas fomentou a conexão da *Rádio Televisão Portuguesa* com a *Junta de Freguesia de São José*. Henriqueta disse nunca ter reclamado sobre algo com que não concordou no bairro, mas conversa sobre a Avenida da Liberdade e sobre o que acontece no bairro e na atual *Junta de Freguesia de Santo António*.

Além do mais, o agradecimento que os residentes idosos do Bairro de São José sentiram pelos elementos da *Junta de Freguesia de São José* e, especialmente, pelo presidente, que se conservou inalterado com o surgimento da atual *Junta de Freguesia de Santo António*, fez com que conversassem sobre a junta de freguesia e os seus profissionais e as conversas mantêm-se atualmente. Esta passagem da entrevista sobre os festejos do carnaval de 2012, que ocorreram no *Centro Social Laura Alves*, demonstra este agradecimento, assim como o trato familiar que existiu (e continua a existir) entre a maior parte dos residentes idosos do bairro e o Presidente da *Junta de Freguesia de São José* (hoje, Presidente da *Junta de Freguesia de Santo António*):

“Entrevistador: Nem faz aqui nada na junta pelo carnaval?

Entrevistado: Ah! O ano passado cantámos aqui uns versos ao Vasco. Olhe, foi uma paródia aqui, de rir a perder, fizemos aqui um grupo e cantámos-lhe uns versos (...). Depois, ninguém foi capaz de fazer uma quadra para ele e, depois, eu de repente, de repente, veio-me à cabeça e, depois, fiz assim: ‘Viva a nossa Freguesia! Viva o nosso Presidente! Que ele viva muitos anos! Que ele é bom para toda a gente!’. Foi uma paródia aí, porque eu lembrei-me de dizer aquilo de repente.”

(Henriqueta Carvalho, r.e.6).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.6 (Henriqueta Carvalho)**

Tem oitenta e seis anos, completou a terceira classe do antigo sistema de ensino e foi cozinheira. É viúva, vive só e não tem filhos. Reside na Rua do Cardal de São José, situada no lado Este do Bairro de São José. A fratria é composta por quatro irmãos, três irmãos e uma irmã, todos são casados, têm filhos e alguns têm netos. A rede de parentesco engloba, também, por exemplo, uma cunhada, por parte de um irmão já falecido, os filhos e os netos desta. A família que considera mais próxima é formada pela irmã imediatamente mais nova, pelo marido desta, pela cunhada, que foi casada com esse irmão que faleceu, e pelos (dois) filhos desta última. Pôde contar com grandes apoios simbólicos dos irmãos e da cunhada, quando aconteceu o falecimento do marido, e recebeu pequenos apoios instrumentais de uma sobrinha, quando esta lhe ofereceu certos presentes, bem como recebeu grandes apoios simbólicos de um sobrinho, que se ofereceu para ajudar caso se sinta mal de saúde. Atualmente, recebe grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais dos dois sobrinhos mais próximos, que lhe preparam uma festa de aniversário e a transportam de carro para juntos festejarem. A cunhada viúva dá-lhe pequenos apoios instrumentais ao acolhê-la, durante um curto intervalo de tempo, nas suas casas. As redes amicais com quem se relaciona dentro do bairro incluem quarenta e nove nós, que se dividem entre (trinta) residentes idosos e (dezanove) elementos (em que prevalece o género masculino) do comércio tradicional e da *Junta de Freguesia de Santo António*. Alguns dos seus nós amicais de vizinhança são Manuela Gomes (r.e.5), Teresa Canas (r.e.7), Cristina Patrício (r.e.27) e Rita Negreiro (r.e.29). Recebeu grandes apoios simbólicos de quatro elementos do comércio tradicional e de oito amigos residentes no interior do bairro, sendo a maior parte dos mesmos apoios prestados na sequência do falecimento do marido, e prestou grandes apoios simbólicos a Paulo Barros (r.e.18), um só amical residente (algo) próximo da vizinhança, no contexto de um problema grave na coluna, tal como os prestou a Manuela Gomes (r.e.5), também no contexto de um problema de saúde. Recebe pequenos apoios instrumentais da junta de freguesia, expressos na oferta de produtos alimentares e na frequência semanal (a baixo custo) das aulas de Hidroginástica do *Holmes Place Avenida*. Possui dezanove conhecidos residentes no interior do bairro, dos quais dez são mulheres idosas. Dez indivíduos (na sua maior parte idosos), com quem convive esporadicamente, formam as redes amicais residentes fora do bairro. Não coloca qualquer um dos amigos no parentesco subjetivo. Centra as atividades em espaços do bairro e das imediações do bairro, como são, principalmente, o comércio tradicional do bairro, a *Capela de São José dos Carpinteiros*, os bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade e o *Holmes Place Avenida*. Ocasionalmente, vai para Alvaiázere, a sua terra-natal. No entanto, passa, identicamente, alguns dias nas casas da cunhada. Viajou para Israel na companhia de dois amigos residentes fora do bairro (para maior detalhe veja as páginas 386 a 390 incluídas no Anexo D).

Teresa Canas (r.e.7) é mais um exemplo que ilumina estes mesmos casos. A idosa deu, igualmente, uma entrevista (em 2012), sobre a construção da maior boneca de trapos do mundo, ao programa *Praça da Alegria*, exibido na *RTP1* e decorrido no *Centro Social Laura Alves*. Depois, no contexto da entrevista semiestruturada, perguntámos-lhe se tinha contribuído para o melhoramento do bairro e a idosa respondeu que não, apesar de termos conversado sobre a presença da televisão no centro social do bairro. A sua intervenção promoveu a conexão entre a *Rádio Televisão Portuguesa* e a *Junta de Freguesia de São José*. Teresa afirmou nunca ter

reclamado algo com que não concordou no bairro e expôs determinadas conversas que mantém com outros residentes (idosos) do espaço local, nomeadamente, sobre as mudanças efetivas da Avenida da Liberdade e aquelas que podem acontecer, tal como sobre os constrangimentos do espaço urbano íngreme do bairro, que complicam as deslocações a pé até às instalações da junta de freguesia e do centro social, situados mais no topo Este do bairro:

“Entrevistador: E conversa sobre São José ou sobre a Avenida?

Entrevistado: Sim, então, a gente fala... Da Avenida não se fala? Falou-se no outro dia que eles diziam que iam fazer um jardim no meio, isso está bem, falou-se que a Avenida que, então, se está apertada ainda mais apertada ficava com aquela divisão ao meio. Não gostámos muito quando começou aquele movimento dos carros que iam para cima virem para baixo e os que iam para baixo virem para cima, mas, prontos, eles é que mandam, a gente não manda nada, é assim.

Entrevistador: E assim sobre São José, sobre as ruas serem inclinadas, dizem alguma coisa?

Entrevistado: Eh para vir para aqui isso é, a gente diz que isto aqui para cima custa muito a vir, sim, porque é muito íngreme, isto é a subir, para pessoas de idade já custa, mas pronto (...)

Entrevistador: E já reclamou alguma coisa aqui?

Entrevistado: Não, nunca reclamei nada, nada, nada e até lhe digo eu sou uma pessoa, é a tal pobreza encoberta, eu nunca pedi nada a ninguém (...) Não, vou agora cá reclamar!” (Teresa Canas, r.e.7).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.7 (Teresa Canas)**

Tem noventa e três anos, a terceira classe do antigo sistema de ensino e terminou a carreira como empregada da restauração. É divorciada e mora com o filho mais velho e um neto na Rua do Cardal de São José, situada do lado Este do Bairro de São José. Tem três filhos (dois filhos e uma filha). O filho mais velho paga certas despesas mensais com a casa e os alimentos, bem como transporta as compras pesadas para a casa onde residem. O filho mais novo prestou-lhe grandes apoios simbólicos, quando teve uma pneumonia, e pequenos apoios instrumentais, ao fazer pequenos arranjos em sua casa e ao oferecer-lhe eletrodomésticos. A filha prestou-lhe grandes apoios simbólicos, nesta situação de doença, e presta-lhe pequenos apoios instrumentais, quando a leva de carro para a terra-natal, indo buscá-la quando a estadia acaba. Dá grandes apoios instrumentais ao filho mais velho e a um neto, por parte de uma filha que morreu num acidente de automóvel, ao partilhar com os mesmos a casa onde reside. Contudo, troca pequenos apoios simbólicos com qualquer um dos filhos, com os seus cinco netos (quatro rapazes e uma rapariga) e quatro bisnetos (três rapazes e uma rapariga) no interior ou no exterior do bairro. A rede de fratria é constituída por nove irmãos (cinco irmãs e quatro irmãos), todos são casados e têm, na maioria, dois filhos. Obteve grandes apoios instrumentais de todos os irmãos (na oferta, quase integral, da casa dos pais, no Conselho de Pombal, que cabia aos dez irmãos). Considera que todos os elementos da sua família são mais próximos. A rede amical abrange, exclusivamente, duas vizinhas idosas, Henrique Carvalho (r.e.6) e Rita Negreiro (r.e.29), com quem povoava certos espaços do bairro e das imediações, mas considera não ter recebido das mesmas mais do que pequenos apoios simbólicos, visto que não as solicitou para tal. Desta sua rede amical inclui um nó no parentesco subjetivo. Possui uma rede de (quarenta) conhecidos, a quem apenas cumprimenta ou com quem conversa um pouco, que é, sobretudo, formada por (dezassete) idosas residentes dentro do bairro e (dez) idosas residentes nas proximidades interlocais do bairro. Deu grandes apoios simbólicos a Paulo Barros (r.e.18), um conhecido residente algo próximo da vizinhança, tal como a Manuela Gomes (r.e.5),

uma vizinha conhecida, na sequência de problemas de saúde. Relaciona-se, sobretudo, com (dezassete) adultos proprietários ou empregados das lojas do comércio tradicional, sediado dentro do bairro, e integrantes da *Junta de Freguesia de Santo António* e obtém pequenos apoios instrumentais de dois profissionais da mesma junta de freguesia. Concentra o povoamento do espaço no bairro e nas imediações, quer sejam os bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade e a *Capela de São José dos Carpinteiros*, que povoam na companhia das vizinhas mais próximas e de alguns conhecidos, quer sejam as lojas do comércio tradicional, onde vai só, com uma amiga ou com o filho mais velho. Passa alguns dias com este filho, normalmente durante o verão, na casa que possui na sua terra-natal.

Noutras situações os idosos divulgaram as atividades da *Junta de Freguesia de São José* ou da *Junta de Freguesia de Santo António* e, como consequência, deram a conhecer o espaço local e a comunidade, por intermédio de duas entrevistas ocorridas em programas televisivos. Na senda de um exemplo sobre estes casos, temos Francisco Ferreira (r.e.8), que deu entrevistas a dois canais televisivos, a *RTP2* e a *TVI*. No segundo canal a entrevista apareceu englobada no programa *A Tarde é Sua*. Ambas as entrevistas, que foram transmitidas em 2012, abordaram os mais essenciais benefícios do *Vassouras & Companhia*, isto é, os grandes apoios instrumentais e os pequenos apoios simbólicos dados a residentes idosos, sob a forma de limpezas domésticas e companhia. No entanto, quando lhe perguntámos, no contexto da entrevista semiestruturada, se tinha intervindo para melhorar o bairro respondeu que nunca colocou o carro em cima dos passeios do bairro, tendo preferido estacioná-lo em Santa Marta. Contudo, o idoso promoveu a relação entre os mesmos canais televisivos e a, à época, *Junta de Freguesia de São José*. Apesar de Francisco ter dito não reclamar sobre assuntos do bairro com que se encontrou descontente, constatámos, com recurso às observações etnográficas, que reclamou assuntos com que não concordou. O mesmo indivíduo contou que os residentes do Bairro de São José (incluindo ele próprio) conversavam, excepcionalmente, a respeito do bairro, mas elogiavam os profissionais da *Junta de Freguesia de São José*, com maior destaque para o presidente:

“Entrevistado: Poucas, são poucas as conversas sobre o bairro, são muito poucas, dizemos bem da junta de freguesia, toda a gente diz bem, que o Vasco Morgado tem feito o que ninguém fez, nem aqui próximo, o Coração de Jesus não faz nada, manda aqui as pessoas a casa, limpar a casa, estas, por exemplo, estão a limpar a casa, fazem a cama, varrem, tem feito muita coisa boa (...) as únicas conversas aqui quando batem é no presidente, no Vasco Morgado, que é um homem com ideias e um homem que protege os velhos e toda a gente gosta dele, especialmente os velhotes.

Entrevistador: Já reclamou alguma coisa aqui no bairro com que não concordava?

Entrevistado: Eu não... não tenho razão de queixa (...) Aqui há uns anos eram aqueles coisos que estão ali... aqueles ferros que faziam falta, mas veio o Vasco Morgado e pô-los lá, não foi preciso mais nada.

Entrevistador: E se tomou uma iniciativa para melhorar o bairro?

Entrevistado: Naquela altura eram os ferros por causa dos carros em cima dos passeios, mas eu não ponho aqui o meu carro, eu tenho carro e não ponho aqui (...) nunca pus aqui, ponho em Santa Marta (...)” (Francisco Ferreira, r.e.8).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.8 (Francisco Ferreira)**

Em 2015 foi institucionalizado num lar e perdemos o contacto. Teve noventa e cinco anos, fez o Curso Industrial do antigo sistema de ensino e foi motorista. Foi viúvo e viveu só num apartamento localizado na Rua da Metade, do lado Este do Bairro de São José. Teve um filho e um neto com quem não se deu bem, além de uma bisneta com quem não conviveu, também não teve contacto com o seu único irmão vivo. Ainda assim, foi visitado, ocasionalmente, pelo neto, a quem deu grandes apoios instrumentais, visto que lhe emprestou o seu automóvel, durante um período superior a um mês. Considerou que estes parentes integraram a família mais próxima. As redes amicais foram formadas por vinte nós de (adultos) proprietários e empregados do comércio tradicional estabelecido no bairro. As redes de conhecimento incluíram vinte vizinhos distantes, dos quais a maioria foram idosos, e, no seu prédio, interagiu, principalmente, com uma única adulta e teve uma crismação com uma vizinha idosa, a quem chamámos Natália Guerra (r.e.14). Relacionou-se, igualmente, com catorze adultas e um adulto que encabeçaram ou executaram as tarefas do *Vassouras & Companhia*. Quando fraturou a clavícula recebeu grandes apoios simbólicos de uma profissional da *Junta de Freguesia de Santo António* (a Coordenadora do *Vassouras & Companhia*), que o foi visitar ao hospital, e da vizinha adulta, de quem recebeu também pequenos apoios instrumentais, uma vez que no fim do internamento o transportou e o acompanhou até à sua casa. A junta de freguesia deu-lhe grandes apoios instrumentais e pequenos apoios simbólicos, incorporados pelos elementos do *Vassouras & Companhia*, por meio das tarefas domésticas e das conversas que mantiveram, tendo passado duas festas de Natal na casa (de família) de uma auxiliar do projeto e tendo recebido, por isso, grandes apoios simbólicos. Esta mesma auxiliar tratou-o por ‘avô’, tal como as outras auxiliares deste projeto, mas o idoso salientou, no decorrer da entrevista, que não inseria quaisquer indivíduos no seu parentesco subjetivo. A junta de freguesia deu-lhe, também, pequenos apoios instrumentais, ao oferecer-lhe produtos alimentares. Enquanto povoou o bairro, o seu objetivo consistiu em encontrar-se e conversar com os proprietários ou os empregados do comércio tradicional, instalado no bairro – com maior destaque para um restaurante, onde foi, habitualmente, almoçar e jantar – e o mesmo aconteceu com determinados restaurantes da Baixa Pombalina, onde conheceu oito proprietários e empregados.

Vítor Neves (r.e.9) participou (em 2012) no programa *A Tarde é Sua* e (em 2014) no programa *Praça da Alegria*, para dar a conhecer as qualidades do *Vassouras & Companhia*, graças ao qual obtinha grandes apoios instrumentais e pequenos apoios simbólicos, sob a forma de limpezas domésticas e conversas diárias. Como verificámos nos exemplos anteriores, o idoso reportou nunca ter intervindo para melhorar o bairro, quando o questionámos sobre este assunto na entrevista semiestruturada, porém, contribuiu para a articulação entre a *TVI* e a, naquele momento, *Junta de Freguesia de São José*, tendo feito, dois anos mais tarde, outra articulação entre a *Rádio Televisão Portuguesa* e a presente *Junta de Freguesia de Santo António*, da qual conversámos muito brevemente após a entrevista semiestruturada ter acontecido. Vítor afirmou nunca ter reclamado algo com que não concordou no bairro, mas apontou diversos assuntos sobre este que motivavam conversas com os outros residentes:

“Entrevistador: Conversa sobre São José? Costuma ter conversas sobre o bairro, as pessoas?

Entrevistado: Às vezes sim (...). Conforme os assuntos são puxados, não sei, fala-se das pessoas, fala-se da gente lá da junta, enfim, várias coisas...

Entrevistador: E sobre o espaço em si... Não sei se se costumam queixar, por exemplo, da inclinação das ruas quando falam em conjunto...

Entrevistado: Na brincadeira diz-se: ‘Nunca mais põem aqui um elevador!’” (Vítor Neves, r.e.9).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.9** (Vítor Neves)

Tem noventa anos e a quarta classe do antigo sistema de ensino, terminou a sua carreira como sócio-gerente de uma barbearia. É viúvo e vive só num apartamento da Rua da Fé, posicionada no lado Este do Bairro de São José. Tem um filho, que vive em união de facto, e dois netos, uma neta casada com quem convive regularmente, de quem tem uma bisneta, e um neto que quase não vê, o mesmo acontece com as suas três irmãs e nem isso acontece com as famílias de procriação destas. A família que considera mais próxima engloba o filho, a nora, os netos, os cônjuges destes e a bisneta. Recebeu grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais, quando a mulher faleceu, tanto do filho, a quem concedeu pequenos apoios instrumentais nesta altura, porque o acolheu, durante uma semana na sua casa, como também da neta, visto que ambos lhe deram apoio moral e o ajudaram, temporariamente, com a alimentação. Recebeu, inclusivamente, grandes apoios simbólicos destes dois nós em situação de doença grave, apesar de, nessa altura, a mulher ainda estar viva. Atualmente, recebe pequenos apoios instrumentais do filho e da nora, quando passa os fins-de-semana em casa de ambos e quando o filho o acompanha ao hospital, mas estes últimos apoios são também prestados pela neta. Considera ter quatro amigas mais próximas residentes na vizinhança, uma adulta e três idosas, e refere os grandes apoios simbólicos prestados pelas três idosas, quando a mulher faleceu. Inclui, de certo modo, uma destas idosas no parentesco subjetivo, mas não completamente. As redes amicais residentes no interior do bairro contêm, também, um idoso e quatro idosas, que são algo próximos. Os proprietários (um casal de adultos e o filho jovem) de uma papelaria próxima da rua onde reside são incluídos nas redes amicais mais próximas e considera que uma proprietária (adulta) de uma mercearia é mais distante. Encontra-se abrangido pelos grandes apoios instrumentais prestados pela *Junta de Freguesia de Santo António*, formalizados nas tarefas domésticas, realizadas diariamente no seu domicílio, e encabeçados ou desenvolvidos por um adulto e vinte e nove adultas, que conhece (melhor ou pior). Em 2016, integrou a modalidade de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*. Por meio da frequência deste mesmo centro relaciona-se com oito utentes residentes no Bairro de São José, nove utentes residentes no Bairro do Sagrado Coração de Jesus e uma utente residente nas proximidades de ambos os bairros, sendo os últimos dez utentes residentes em espaços interlocais. Considera estes dezoito indivíduos idosos mais distantes ou conhecidos. Porém, as suas redes de conhecimento residentes no interior do bairro incluem, sobretudo, mais dois idosos, oito idosas, duas adultas, um adulto e uma criança do sexo masculino, sendo que os últimos quatro nós e um idoso pertencem à família de procriação, bem como pertencem à rede de fratria (ou estão com esta relacionados familiarmente), de Manuela Gomes (r.e.5). Por meio desse centro de dia relaciona-se, também, com seis adultas e dois adultos que fazem ali trabalho profissional e orientam ou executam a prestação dos grandes apoios instrumentais recebidos desse mesmo centro. Conhece, principalmente, dois idosos residentes em espaços translocais. Concentra as suas atividades nos espaços locais e no centro de dia, com posicionamento interlocal, mas passeia, regularmente, com o filho por lugares do Estoril ou aí próximos (para maior pormenor consulte as páginas 391 a 395 abrangidas pelo Anexo D).

Geralmente, estes agentes<sup>111</sup> possuem redes sociais grandes ou médias, visto que os seus tamanhos variam entre, aproximadamente, sessenta e cento e cinquenta nós. Geralmente, estes mesmos têm famílias preenchidas com um número relevante de parentes (entre, sensivelmente, trinta e oitenta e cinco) e as redes de conhecimento residentes no interior do bairro contribuem, igualmente, para o tamanho das suas redes, bem como contribuem os profissionais do comércio tradicional do bairro e da *Junta de Freguesia de Santo António*. Geralmente, estes agentes têm, aproximadamente, entre dezasseis e trinta conhecidos residentes dentro do bairro e conhecem, aproximadamente, quinze a trinta e quatro profissionais do comércio tradicional do bairro e da *Junta de Freguesia de Santo António*. Contudo, as redes amicais residentes no interior do bairro, habitualmente, são preenchidas por um número menor de indivíduos (entre dois e nove amigos), com a exceção de uma agente idosa que detém trinta amigos aí residentes. É claro o monopólio dos laços interlocais com conhecidos, sempre que existem, em menos de metade destes casos, laços de conhecimento com (aproximadamente, dez nós) residentes fora do bairro. Observamos, normalmente, uma inexistência de nós amicais translocais, salvo quando os proprietários e os empregados do comércio tradicional do bairro são integrados nas redes amicais<sup>112</sup>.

As redes da maioria destes indivíduos compreendem um número equivalente de idosos e adultos, salvo uma exceção em que observamos existir, praticamente, o dobro de idosos. De modo geral, as redes de parentesco, os proprietários e os empregados do comércio tradicional do bairro, assim como os profissionais da *Junta de Freguesia de Santo António*, constituem as mais importantes origens de relações intergeracionais com adultos. As relações intergeracionais com crianças e adolescentes, por seu turno, geralmente, desenvolvem-se no ambiente familiar. O número de elementos do sexo masculino e do sexo feminino que completam as redes sociais destes idosos é praticamente equivalente na maioria dos casos. Contudo, num caso minoritário, os elementos do sexo feminino representam quase o triplo dos elementos do sexo masculino.

O parentesco restrito destes indivíduos, isto é, os familiares com quem se relacionam e com quem trocam, no mínimo, pequenos apoios simbólicos, compreende, sensivelmente, entre metade e menos de um sexto de todos os familiares. Contudo, um indivíduo, que, entretanto,

<sup>111</sup> É interessante assinalarmos que, geralmente, determinados sobrinhos e (ou) pelo menos um neto destes idosos são licenciados. No entanto, os familiares de dois idosos não possuem formação académica. Os seus nós amicais não passaram por experiências académicas, mas determinados profissionais empregados na *Junta de Freguesia de Santo António* (e no *Centro de Dia Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*), com quem estes se relacionam (ou relacionaram), completaram licenciaturas, tendo um dos mesmos auferido o grau de Mestre.

<sup>112</sup> Um idoso, aqui inscrito, afastou-se de algumas destas tendências mais gerais, no sentido em que, por um lado, foi institucionalizado num lar, o que nos conduz a reportar os seus contornos no passado, e por outro lado, tinha apenas quatro parentes e as redes amicais não incluíram amigos residentes no interior do bairro, sendo compostas por vinte profissionais empregados na restauração do bairro. As suas redes englobaram também mais do dobro de adultos em relação aos idosos.

foi institucionalizado num lar, praticamente não se relacionou com os seus familiares e não recebeu apoios destes. Nos outros casos, os pequenos apoios são trocados, essencialmente, com a família de procriação (e, em determinados casos, com os netos) e os encontros com os irmãos e com os sobrinhos são menos frequentes ou nulos. No entanto, uma idosa mantém encontros quotidianos com um irmão e a família de procriação deste, residentes no mesmo prédio. A única idosa que não tem família de procriação reúne-se, excepcionalmente, com os irmãos e com certos sobrinhos, assim como se reúne, frequentemente, com uma cunhada.

A obtenção de pequenos apoios simbólicos advém, em parte, dos elementos da família que incluem o parentesco restrito, mas observamos uma receção de apoios que transcendem os pequenos apoios simbólicos circunscrita, geralmente, a alguns destes elementos. Assim, menos de metade dos casos auferiu grandes apoios instrumentais de dois a dez familiares – um cônjuge, a descendência e a fratria – e estes apoios foram expressos na conjugação dos rendimentos para a administração da bolsa doméstica e na oferta de uma casa. Em mais de metade dos casos, três a quatro familiares – filhos, certos sobrinhos, uma neta, uma cunhada e uma nora – deram-lhes pequenos apoios instrumentais, que foram manifestados na oferta ou no transporte esporádicos de produtos alimentares ou outros produtos, no transporte casual de automóvel e na cedência de parte de uma casa, durante alguns dias. Dois a oito familiares – o cônjuge, a descendência, uma neta, a fratria e certos sobrinhos – incorporaram a prestação de grandes apoios simbólicos, por meio do apoio moral (que incluiu convívio e divertimento) em situações de morte na família (viuvez), doença e solidão. Assinalamos, portanto, que, em dois casos, a fratria foi importante para a receção de grandes apoios instrumentais ou de grandes apoios simbólicos e, num destes dois casos, os sobrinhos compreenderam uma função importante na receção de grandes apoios simbólicos e de pequenos apoios instrumentais (cf. Coenen-Huther, Kellerhals e von Allmen, 1994; Kellerhals, Coenen-Huther e von Allmen, 1995).

Mais de metade dos idosos faz uma seleção de três a sete parentes com quem sente haver maior proximidade. Estes idosos não são motivados por crisspações que têm com os restantes familiares, como acontece no tipo anteriormente detalhado, mas são, em parte, motivados pelos apoios recebidos, o que não significa que esses apoios sejam concedidos por todos os familiares mais próximos ou que estes sejam os únicos familiares de quem provêm esses apoios recebidos. Os outros idosos (consideraram ou) consideram que todos os familiares (foram ou) são mais próximos, mesmo quando não se (relacionaram ou) relacionam com estes mesmos familiares. Habitualmente, estes agentes não integram elementos das suas redes sociais, que não pertencem à família, no parentesco subjetivo, mas, num caso, um nó amical é aí integrado e, noutro caso,

o entrevistado procede ‘mais ou menos’, mas não completamente, à integração de um nó amical no parentesco subjetivo.

No entanto, esta questão foi colocada de um outro modo por Francisco Ferreira (r.e.8) e Vítor Neves (r.e.9), quando participaram num programa televisivo sobre o *Projeto Vassouras & Companhia* e disseram considerar que os elementos do mesmo projeto (que encabeçavam ou executavam a prestação de apoios) eram da sua família, tendo Francisco ido ainda mais longe nesta questão por meio da consideração de que estes elementos constituíram a família que não teve. Indubitavelmente, Francisco possuiu restrições familiares acentuadas e os grandes apoios instrumentais, tal como os pequenos apoios simbólicos, recebidos do *Vassouras & Companhia* tornaram-se muito necessários, aos quais acresceram os grandes apoios simbólicos prestados pela coordenadora e por uma auxiliar do mesmo projeto. Estes grandes apoios instrumentais são, presentemente, importantes para Vítor e complementam os grandes apoios instrumentais que adquire por intermédio da valência de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, onde está inserido, mas Vítor recebe apoios da rede familiar. Consequentemente, se notamos a indispensabilidade, para ambos os idosos, da antiga *Junta de Freguesia de São José* e da atual *Junta de Freguesia de Santo António*, salientada nos programas televisivos, notamos, conjuntamente, a importância dos apoios familiares para Vítor e a importância das representações, que concernem ao significado de família, para Francisco, destacadas nas entrevistas semiestruturadas.

Mesmo quando os grandes apoios instrumentais prestados pela *Junta de Freguesia de São José* não foram necessários, os pequenos apoios instrumentais dados por esta organização abrangeram os indivíduos aqui contemplados e estes trocaram pequenos apoios simbólicos com alguns dos seus profissionais, o que continua, geralmente, a acontecer com a *Junta de Freguesia de Santo António*. Mesmo assim, entre dois e oito elementos das redes amicais residentes dentro do bairro foram indispensáveis, para mais de metade dos idosos, quanto à obtenção de grandes apoios simbólicos, inerentes ao apoio moral (que incluiu convívio e divertimento) em situações de morte na família (viuvez) e doença. Estes constituíram o único tipo de apoios que diferiu dos pequenos apoios simbólicos, habitualmente, recebidos dos amigos (residentes dentro do bairro) pelos mesmos idosos.

Estes indivíduos dão pequenos apoios simbólicos aos familiares e aos amigos de quem também os recebem, mas se encontramos, em certos casos, outros apoios dados aos familiares, além dos pequenos apoios simbólicos, o mesmo, praticamente, não acontece no que diz respeito aos nós das suas redes amicais. Portanto, mais de metade destes indivíduos concedeu grandes

apoios instrumentais a entre um e dois parentes (que incluem o cônjuge, um descendente e um neto) e um destes conjugou a prestação de grandes apoios instrumentais com uma prestação de grandes apoios simbólicos (ao cônjuge). Os grandes apoios instrumentais foram formalizados na realização do trabalho doméstico e na conjugação dos rendimentos para a administração da bolsa doméstica, bem como foram formalizados na cedência de uma parte do apartamento para habitação ou no empréstimo do automóvel, e os grandes apoios simbólicos foram concedidos por meio do apoio moral, em situação de doença. Apenas um idoso transferiu pequenos apoios instrumentais para a descendência, por intermédio da cedência de uma parte do apartamento para habitação (durante um curto intervalo de tempo), e uma idosa dá grandes apoios simbólicos a um elemento da fratria, por intermédio do apoio moral (expresso, unicamente, em conversas telefónicas) em situação de acamamento do cunhado. As três idosas aqui incorporadas deram grandes apoios simbólicos ao mesmo nó das redes amicais residentes no interior do bairro, por intermédio do apoio moral (que incluiu convívios e divertimentos) em situação de doença.

Dois idosos consideram que alguns profissionais empregados no comércio tradicional do bairro são seus amigos e obtêm pequenos apoios simbólicos destes, o que também aconteceu com outro idoso, para quem as redes amicais foram, totalmente, preenchidas por comerciantes estabelecidos no interior do bairro. Os mesmos pequenos apoios simbólicos são obtidos, por estes dois idosos, não só quando requisitam os serviços correspondentes, como também quando visitam os estabelecimentos, unicamente, para conversar um pouco, mas, num caso, houveram receções de grandes apoios simbólicos conduzidos por quatro comerciantes do bairro, por meio do apoio moral (com convívios e divertimentos nos estabelecimentos comerciais) no contexto, sobretudo, de morte na família (viuvez). Estes dois idosos concedem, também, pequenos apoios simbólicos a alguns dos proprietários e empregados do comércio tradicional sediado no bairro. Contudo, todos os idosos aqui inscritos trocam (ou trocaram) pequenos apoios simbólicos com alguns destes profissionais, mesmo quando não os incluem nas suas redes amicais.

Os mesmos idosos, geralmente, recebem pequenos apoios simbólicos, pelo menos, de alguns nós de conhecimento residentes no interior do bairro, no decurso das sociabilidades de rua. Ainda assim, um idoso obteve grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais de uma conhecida. Estes mesmos idosos, geralmente, dão esses pequenos apoios, pelo menos, a certos nós de conhecimento aí residentes.

Observamos que a maior parte dos apoios concedidos por estes idosos, que excedem os pequenos apoios simbólicos, foram direcionados para indivíduos do sexo masculino, mas foram

as congéneres femininas que mais proporcionaram a receção destes apoios pelos mesmos idosos (cf. Bracke, Christiaens e Wauteric, 2008).

Geralmente, estes indivíduos frequentam certos espaços urbanos localizados no interior do bairro e nas contiguidades do bairro e deixam, mais ou menos ocasionalmente, estes espaços quando vão a outros lugares dos arredores de Lisboa e a outros lugares do país. A maioria destes idosos não fez viagens a países estrangeiros. A respeito destes povoamentos dos espaços locais, interlocais e translocais, observamos que determinadas parcelas da estrutura espacial local os constrangem, como é um exemplo a morfologia íngreme do espaço urbano local, constituída, por ruas com muita inclinação e prédios sem elevador, mas outras parcelas daquela estrutura espacial favorecem-nos, como são exemplos as organizações locais (o comércio tradicional, a *Capela de São José dos Carpinteiros*, a *Junta de Freguesia de Santo António*) e as organizações (interlocais e supralocais) mais vastas que se encontram relacionadas com o bairro (como sejam o *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José* e os canais televisivos nacionais). A estrutura espacial local contém, deste modo, parcelas que constrangem a agência (o povoamento do espaço) e parcelas que favorecem a agência. Vemos, também, que certas parcelas da estrutura espacial local minoram (ou aumentam) os constrangimentos (ou os favorecimentos) de outras parcelas da mesma estrutura e não só favorecem (ou constrangem) a agência.

Grande parte dos favorecimentos da estrutura espacial local para a agência dos idosos residentes já se encontraram incluídos nas componentes da *Junta de Freguesia de São José*, mas, presentemente, a *Junta de Freguesia de Santo António* continua a favorecer a agência, o que não só acontece no quadro do povoamento dos espaços locais, interlocais e translocais (por intermédio dos eventos, encontros e excursões) e no quadro do povoamento das redes locais, interlocais e translocais (por intermédio dos encontros entre residentes do mesmo bairro e entre residentes dos diferentes bairros que constituem a *Freguesia de Santo António*, tal como por intermédio das interações com os seus profissionais), como também acontece no quadro das intervenções dos idosos residentes, que continuam a divulgar os projetos da junta. Nesta linha, compreendemos que há uma importância da inserção organizacional para o acionamento da agência, como disse Archer (1995), e, nestes casos, essa inserção enfraquece constrangimentos associados à estrutura posicional, tanto no plano social, concernente à participação em eventos, excursões, encontros, sociabilidades e intervenções, como no plano económico, concernente à receção de pequenos e grandes apoios instrumentais concedidos pelos seus profissionais.

Os idosos aqui descritos, em situação de entrevista formal, reportaram não ter intervindo com vista ao melhoramento do bairro, mesmo quando conversámos, informalmente, sobre estas intervenções, realizadas em entrevistas para programas televisivos, que difundiram os projetos da *Junta de Freguesia de São José* e, após a revisão administrativa, da *Junta de Freguesia de Santo António*. Porém, estes idosos consciencializaram que as entrevistas foram benéficas para a junta de freguesia e para o bairro. Com efeito, a junta de freguesia, geralmente, é importante para o seu bem-estar, estes mantêm relacionamentos familiares com profissionais aí integrados, de quem estão bastante próximos, não contribuíaam para as iniciativas da junta de freguesia unicamente se não pudessem e as intervenções ocorreram em seu benefício enquanto fregueses e residentes do bairro, assim como ocorreram em benefício dos outros fregueses e residentes. Os idosos entenderam as questões que mencionamos e agiram em conformidade com estas.

Por conseguinte, em primeiro plano, as ocultações e a inexistência de aprofundamentos são fundamentadas pelo silenciamento, praticamente constante, que os mesmos idosos fizeram das suas restrições económicas, parcialmente, colmatadas pela junta de freguesia, e, por isso, em segundo plano, caminharam a par e passo de outras ocultações e retraiamentos, por exemplo, a respeito das atividades (individuais e grupais) desenvolvidas no interior do bairro e a respeito das conversas mantidas sobre o espaço (urbano) do bairro, os seus residentes e os profissionais ali empregados, que, no seu conjunto, geralmente, formam o espaço e a comunidade que estes mais frequentam quotidianamente e os assuntos privilegiados de conversa. Porém, as conversas sobre os espaços e comunidades translocais são praticamente inexistentes. Nas interações que aconteceram em situação de entrevista formal, contudo, os agentes fizeram a sua *performance* (Goffman, 1959) e quiseram convencer-nos de que a junta de freguesia, o bairro e a comunidade local não eram assim tão importantes para o seu quotidiano que os conduzissem a fazer aquelas intervenções.

Os contextos urbanos foram observados como palco de anomia, isolamento e anonimato (cf. Benjamim, 1997; Park, Burgess e McKenzie, 1984; Riesman, 1950; Simmel, 1997; Wirth, 1997). Apenas em determinados espaços, situados no interior dos mesmos contextos, existiriam tendências relacionais comunitárias que, tal como a cultura dos atores residentes nestes espaços, foram atribuídas “(...) ao seu hipotético carácter de ‘gueto’ onde teriam sobrevivido em grande isolamento, fechadas sobre si próprias em regime de reprodução autocontida (...)” (Costa, 1999, 292) e foram atribuídas, também, à importação de tendências, originada pela migração de camponeses, para as cidades (ver Costa, 1999). Apesar da importância do Bairro de São José para o quotidiano destes residentes, os seus povoamentos não confirmam, absolutamente, tais

interpretações, porque, de modo geral, se estes indivíduos fazem povoamentos quotidianos de espaços urbanos locais, das redes amicais e de conhecimento, residentes localmente, e das redes com profissionais de organizações sediadas dentro do bairro, fazem, igualmente, povoamentos quotidianos de espaços urbanos interlocais e, com menor regularidade, de espaços translocais, bem como fazem povoamentos de outras redes (translocais e interlocais) desenvolvidas, mais ou menos regularmente, com uma fração dos parentes e, determinadas vezes, com conhecidos interlocais e outros profissionais articulados e harmonizados com os contextos locais.

Para além disso, estes agentes fizeram intervenções esporádicas no bairro onde residem (ou residiram), com recurso às quais disseminaram projetos da *Junta de Freguesia de São José* e, ulteriormente, da *Junta de Freguesia de Santo António*, e promoveram o entrelaçamento entre certas organizações locais e supralocais, encontraram-se conscientes destes agenciamentos, mas ocultaram-nos ao serem questionado sobre os melhoramentos que promoveram no bairro; além disto, geralmente, conversam sobre o bairro, assim como fazem um povoamento comedido das suas redes sociais grandes ou médias e, principalmente, dos espaços urbanos locais e interlocais. Neste sentido, propomos para este tipo a designação, mais temperada, de *agentes moderados*.

### **Agentes incentivadores**

Noutros contextos estudados os indivíduos idosos fizeram propostas e (ou) reclamações direcionadas, habitualmente, para organizações locais e organizações (interlocais e supralocais) relacionadas com os bairros que recobrem o estudo. Estas intervenções, que foram realizadas individualmente, contiveram diferentes objetivos, ao visarem favorecer os melhoramentos dos espaços urbanos e das comunidades locais ou os interesses próprios, ainda que as comunidades pudessem ganhar, indiretamente, com as suas consequências, bem como contiveram resultados de sucesso ou insucesso. Encontramos nestes contextos indivíduos idosos em quatro situações diferentes: (i) indivíduos que procederam a duas ou mais propostas e (ou) reclamações com vista, principalmente, à melhoria do espaço urbano local e da comunidade local, mesmo tendo a ganhar com a aceitação destas; (ii) indivíduos que procederam a duas ou mais reclamações em proveito próprio, ainda que o seu sucesso pudesse beneficiar outros indivíduos englobados nas organizações onde reclamaram; (iii) indivíduos que, no seu conjunto, aglutinam ambos os objetivos, mais altruístas ou mais egoístas, e procederam, unicamente, a uma proposta ou a uma reclamação ou procederam a uma proposta e a uma reclamação; e (iv) indivíduos que fizeram uma ou mais que uma reclamação em benefício próprio, podendo a comunidade local ganhar

com o seu êxito, mas, geralmente, não assumiram abertamente esta ação. Apenas dois idosos fizeram intervenções no exterior da comunidade e do espaço urbano locais.

Numa ótica mais abrangente, estes indivíduos encontraram-se conscientes dos objetivos a que se propuseram, ainda que, mesmo quando foram bem-sucedidos, não tenham suscitado a interligação entre organizações ou as relações interorganizacionais. Estes indivíduos conversam pouco a respeito do bairro, quase não conversam a respeito de outros espaços e comunidades (interlocais e translocais), bem como possuem uma multiplicidade de configurações familiares e amicais, de apoios obtidos e de povoamentos das redes (ou apoios concedidos) e dos espaços. Estes mesmos indivíduos possuem, também, uma multiplicidade de trajetos escolares, sendo que completaram a quarta classe do antigo sistema de ensino, completaram algum ano de liceu do antigo sistema de ensino ou completaram um curso técnico do mesmo antigo sistema de ensino, mas existem três exceções, uma que não tem escolaridade, outra que não completou o curso técnico e uma outra que concluiu um Doutoramento<sup>113</sup>. Por isso, encontramos, também, diferentes categorias socioprofissionais em que estes idosos se inscreveram quando terminaram a carreira, das quais se destacam, principalmente, os empregados executantes e os profissionais técnicos e de enquadramento, mas três exceções pertenceram aos trabalhadores independentes, aos profissionais intelectuais e científicos e aos empresários, dirigentes e profissionais liberais e três idosos continuam a trabalhar com inserção profissional nos trabalhadores independentes ou nos empregados executantes. Estes mesmos idosos residem (ou residiram), essencialmente, nos bairros de Benfica e São José.

Em certos casos estudados interessou aos indivíduos fazer duas ou mais propostas e (ou) reclamações, geralmente, direcionadas para organizações (locais e supralocais), cujos objetivos recaíram, sobretudo, no melhoramento da comunidade e do espaço urbano local, ainda que estes indivíduos pudessem ganhar com a sua aceitação. Por razão de diferentes condicionantes o teor das propostas e (ou) reclamações não foi concretizado. Daqui resulta que as intervenções que os idosos fizeram para alcançar os seus objetivos, em grande medida humanitários, não foram bem-sucedidas. Constança Guedes (r.e.10) é um exemplo alusivo aos mesmos agentes. A idosa recomendou à Presidente da *Junta de Freguesia de Benfica* que mandasse multar determinados indivíduos negligentes, quanto à sujidade dos seus cães nas ruas, para haver maior divulgação

<sup>113</sup> Neste tipo, os idosos que residem (ou residiram) em Benfica possuem, pelo menos, um filho(a) licenciado(a), ao qual se juntam, em cinco casos, o cônjuge ou o ex-cônjuge do(a) filho(a) e, em dois casos, um neto e uma neta. Quatro dos idosos possuem amigos com formação académica, sendo que, em dois casos, estes amigos residem no exterior do bairro e, noutros dois casos, estes amigos residem no interior e no exterior do bairro. Igualmente neste tipo, os idosos que residem (ou residiram) em São José não têm (ou não tiveram) filhos licenciados, apesar de um idoso ter um neto a frequentar uma licenciatura, bem como não possuem (ou não possuíram) amigos licenciados.

da proibição e um retraimento daqueles que não a cumprem, como relatou nesta passagem: “Eu aqui há tempo falei com a presidente e eu disse: ‘Oh Presidente bastava (...) mandar multar uma senho... um cavalheiro num mês ali e outro mês ali porque depois espalhava-se, assim: ‘Pá põe-te a pau, olha que andam aí a multar e és capaz de ter represálias’. E as pessoas eram capazes de ter mais cuidado.” (Constança Guedes, r.e.10). Contudo, a proposta não foi adotada.

Constança reclamou sem sucesso (no ano de 2013) com um casal, que colhia as romãs das árvores do Eucaliptal de Benfica: “(...) Nós havíamos de ser polícias uns dos outros, quando está mal dizer assim: ‘Meu amigo pcht!’. Eu já tenho feito isso. Há dias engalinhei-me ali com um casal de idade que apanhou as romãs todas que estavam ali no parque (...) Mas eu refilo! Eu não me calo! Eu sou uma refilona!” (Constança Guedes, r.e.10). Seguidamente, reclamou a mesma questão, novamente sem sucesso, com o guarda (das casas de banho) do eucaliptal. Esta idosa conversou com os vizinhos sobre o eucaliptal ou sobre outros espaços urbanos do bairro, mas as conversas sobre o bairro não foram corriqueiras.

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.10** (Constança Guedes)

No ano de 2015 deixou de residir em Benfica e nunca mais a vimos, mas tivemos notícias suas. Tem setenta e três anos, a quarta classe do antigo sistema de ensino e foi porteira. É casada e viveu em casal num apartamento de porteira do lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, localizada no Bairro de Benfica. Tem um filho casado e uma neta. A rede de fratria é composta por quatro irmãs casadas e todas têm no mínimo dois filhos. A família que considera mais próxima inclui o marido, o filho, (a neta) e uma irmã imediatamente mais velha. Estes são os elementos da família com quem pôde contar em termos de grandes apoios simbólicos, em situação de doença, com principal destaque para o marido e o filho. Foram os dois últimos elementos da família a quem mais deu grandes apoios, designadamente, formalizados no apoio moral dado ao marido, em situação de doença muito grave, e nos cuidados quotidianos prestados à neta. Troca, ainda, grandes apoios instrumentais com o marido, ao partilharem os rendimentos para a gestão da bolsa conjugal, apesar de obter um rendimento muito inferior, e realiza, diariamente, o trabalho doméstico. Dá grandes apoios simbólicos à irmã mais velha e à segunda irmã mais velha, em situações de doença grave. As redes amicais residentes no bairro incluíram os vizinhos mais antigos do seu prédio (quatro casais de idosos, três idosas e uma adulta), mas afirmou que não lhe prestaram quaisquer grandes apoios. Deu grandes apoios simbólicos a Jacinta Carvalheiros (r.e.19), uma destas vizinhas, quando a mesma se divorciou e quando a tentaram assaltar no apartamento onde mora. As redes de conhecimento residentes dentro do bairro encerraram cinquenta indivíduos, que foram, sobretudo, vizinhos idosos e adultos. Considerou que todos estes vizinhos integraram, levemente, o parentesco subjetivo. As redes amicais residentes fora do bairro compreendem, aproximadamente, setenta conterrâneos idosos, que migraram para Lisboa ou para os arredores desta cidade na mesma altura e aí se empregaram. Não precisou de grandes apoios das mesmas redes, mas considerou que os (vinte e cinco) conterrâneos residentes em Odivelas, de quem está mais próxima, lhos prestariam em caso de necessidade. As redes de conhecimento residentes fora do bairro incluíram (sensivelmente, cinquenta) filhos e netos dos vizinhos e (sensivelmente, cinquenta) filhos e netos dos

conterrâneos. Fez um povoamento de certos locais do bairro, que não incluíram a restauração, como o Eucaliptal de Benfica, as duas igrejas e outros espaços do *Centro Comercial Colombo*. Vai a Alvalade, onde reside a irmã mais próxima e o cunhado. No entanto, povoam com o marido, o filho e a nora outros lugares nos arredores de Lisboa. Passa as férias de verão numa casa que possui na sua terra-natal, uma aldeia próxima de Tomar.

A agência de Leandro Rodrigues (r.e.11) engloba componentes semelhantes às do caso anteriormente exposto. Leandro reclamou sem êxito, em vantagem dos residentes do Bairro da Boavista, junto de um supermercado *Jumbo*, porque o mesmo não dispõe de uma camioneta gratuita com passagem pelo bairro, e junto da *Carris*, porque a empresa abortou a passagem do autocarro mais apreciado pelos residentes e posicionou a paragem de um autocarro necessário numa estrada muito perigosa, como relatou neste trecho da entrevista semiestruturada (Leandro Rodrigues, r.e.11):

“Eu reivindicar, reivindiquei, as pessoas é que não... as pessoas é que não aderem a essas reivindicações! (...) Eu expus à *Carris* porque é que o autocarro (...) não entrava dentro do bairro (...) escusavam as pessoas de ir lá para a estrada porque já uma data delas foram atropeladas (...) Depois tiraram-nos o 43, a gente gostava do 43 porque íamos a passear até Belém, muito giro (...).”

Além disso, Leandro agendou um encontro com a Presidente da *Junta de Freguesia de Benfica*, onde fez notar que certos indivíduos entram no recinto da escola de primeiro ciclo do seu bairro (o Bairro da Boavista) e causam imensos distúrbios, tendo proposto a construção de uma casa no interior da escola, que acolhesse um guarda responsável por impedir estes mesmos comportamentos. Mas a proposta não foi concretizada. “Os miúdos (...) e alguns já são assim crescidos, não é, costumam saltar o muro (...) estragam as portas, partem os vidros, partem as janelas, arrancam os fios. Vandalismo só! (...) Ora, eu disse-lhe (...) Senhora Presidente, não custava nada! Construíam uma casa, não gastavam assim muito, punham lá um guarda (...) Não senhora, está tudo na mesma.” (Leandro Rodrigues, r.e.11). O idoso considera que os residentes do Bairro de Benfica, incluindo ele próprio, conversam sobre o que fazem no bairro, mas estes assuntos não têm substância para muitos desenvolvimentos.

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.11 (Leandro Rodrigues)**

Tem o sétimo ano de liceu do antigo sistema de ensino, terminou a carreira como administrativo e tem oitenta e um anos. É viúvo e vive só no Bairro da Boavista, um bairro que está inserido no Bairro de Benfica. A família que considera mais próxima é constituída pela filha, pelo genro, pelo neto e pelos compadres, mas tem um filho que raramente vê. Troca pequenos apoios instrumentais com a filha, uma vez que lhe oferece eletrodomésticos, mobiliário e pequenos montantes em dinheiro e a filha transporta-o de carro sempre que é necessário. Recebe pequenos apoios instrumentais do compadre, quando este lhe oferece alimentos confeccionados e o transporta de automóvel para a casa da filha. As redes amicais de vizinhança são compostas por dez idosos (nos quais

predominam as mulheres idosas), a quem nunca solicitou apoios quando precisou, e por uma adulta a quem dá pequenos apoios instrumentais, quando lhe oferece presentes de aniversário e de Natal. Acentuou as interações que mantém com três indivíduos do comércio tradicional do seu bairro (sapataria, barbearia e supermercado). No *Centro de Dia do Charquinho*, onde faz as aulas de Ginástica (a baixo custo), tem seis colegas (três idosos e três idosas) que considera amigos, mas disse, mais uma vez, não contar com estes quando precisa de apoios. As redes de conhecidos residentes, também, dentro de Benfica integram dez vizinhos (principalmente, idosas) e os outros (três) idosos e (quatro) idosas que frequentam as aulas de Ginástica do centro de dia. Relaciona-se, igualmente, com a professora das mesmas aulas que lhe dá pequenos apoios instrumentais, por intermédio das suas competências. As redes amicais residentes no exterior de Benfica são formadas por cinco idosas que moram no Bairro do Zambujal (próximo do seu), com quem faz Hidroginástica na piscina do seu bairro, com quem trocou pequenos apoios instrumentais, na forma de presentes de aniversário, e com quem troca, atualmente, apenas pequenos apoios simbólicos, patentes no convívio e na diversão. Para além disso, estas redes amicais residentes no exterior de Benfica incluem um idoso e uma idosa, com quem somente troca pequenos apoios simbólicos, formalizados em postais de parabéns e contactos telefónicos, respetivamente. Não inclui nenhum elemento das redes amicais no parentesco subjetivo. Distribui as atividades por Benfica, onde faz desporto e compras, e por outros locais de Lisboa e dos arredores, que incluem as casas da filha e dos compadres, bem como incluem a biblioteca itinerante da *Câmara Municipal de Lisboa*. Viaja, entre uma a duas vezes por ano, para outras zonas do país, frequentemente, por intermédio do *INATEL*. Visitou certas áreas de Espanha e de França.

O caso de Helena Monteiro (r.e.12) é outro exemplo em que as propostas e reclamações que pretendiam causar um melhoramento da comunidade e do espaço urbano local não tiveram efeitos prolíficos, pelo menos no momento em que foram executadas. Em 2013, a mesma idosa contactou a *Junta de Freguesia de Benfica* e a *Câmara Municipal de Lisboa*, com o objetivo de reclamar a inexistência de vigilância no Parque Infantil do Eucaliptal de Benfica, que produz faltas de respeito pelas crianças que o frequentam: “(...) As pessoas vão para lá com os cães, não apanham os dejetos dos animais, deixam aquilo a sol aberto, as crianças vão para ali brincar (...) Já me fartei de reclamar para a junta! (...) Não teve eco nenhum (...) Reclamei também para a câmara, para uma linha azul que me disseram para reclamar (...)” (Helena Monteiro, r.e.12). Antes disto, a agente marcou, juntamente com uma amiga, um encontro com a atual Presidente da *Junta de Freguesia de Benfica* para discutirem a construção de um lar de idosos em Benfica, mas o encontro foi inconclusivo e optou por deixar este assunto nas mãos da sua amiga. Helena conversa, ocasionalmente, a respeito do bairro com a comadre, que se mantém informada de certas novidades que aí acontecem, nomeadamente, a respeito de novos eventos, promovidos pela *Junta de Freguesia de Benfica* e decorridos no interior do bairro, de sites que promovem o bairro ou de novos acontecimentos surgidos no quotidiano dos residentes locais que ambas conhecem.

### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.12 (Helena Monteiro)**

Tem sessenta e seis anos e o décimo segundo ano, bem como tem o Curso de Secretariado do antigo sistema de ensino. Antes da entrada na reforma trabalhou, profissionalmente, enquanto relações públicas. É divorciada e viveu só num apartamento localizado no lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, uma rua integrada no Bairro de Benfica. A rede de parentesco é composta por dois filhos, as noras, os três netos e uma comadre, aos quais se adicionam uma tia, cinco primos (três adultos e duas adultas), os cônjuges e os filhos dos quatro primos casados. Considera que todos estes elementos pertencem à família mais próxima, com exceção da comadre. A troca de pequenos apoios simbólicos, em convívios e diversões, é uma constante dos laços de parentesco. Pôde contar com a tia e com uma prima, a quem, episodicamente, cuida das crianças, para tomarem conta dos filhos quando eram crianças, mas contou também com grandes apoios simbólicos da tia e de todos os primos, em situações de doença muito grave e incêndio no apartamento de Benfica, onde residiu. Deu, ainda, um montante importante de dinheiro a um dos filhos para que este montasse uma empresa. Presentemente, recebe pequenos apoios instrumentais de ambos os filhos, que a transportam, ocasionalmente, nos seus carros para juntos fazerem compras de alimentos e outros produtos para a casa, e presta grandes apoios instrumentais ao filho mais velho, consubstanciados nas ofertas mensais de dinheiro e alimentos e nos cuidados prestados aos dois netos, bem como dá grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais à tia idosa, pois visita-a semanalmente para passearem a pé e para a acompanhar às compras. As redes amicais residentes no interior do bairro são constituídas por uma idosa e uma adulta; obteve grandes apoios simbólicos da idosa, nas mesmas situações em que contou com apoios da tia e de todos os primos, e obtém, hoje, pequenos apoios instrumentais, quando passa alguns dias numa casa desta, situada na Ericeira, tendo dado grandes apoios simbólicos à adulta, no contexto de uma separação. Tem laços de amizade com os proprietários do *Restaurante Os Piodenses*. Possui uma rede de (vinte) conhecidos residentes dentro do bairro, entre os quais se destacam (oito) ex-vizinhas idosas e (cinco) homens adultos que são amigos dos filhos. As redes amicais residentes fora do bairro (levemente mais preenchidas por adultos) encerram oito nós, que conheceu, sobretudo, por via profissional e de quem recebeu grandes apoios simbólicos, nas situações anteriormente referidas. Considera que os amigos estão incluídos no parentesco subjetivo. Tem trinta conhecidos residentes fora do bairro (em que predominam levemente, mais uma vez, os adultos), que conheceu, sobretudo, por essa via profissional. Geralmente, durante a manhã, fez uma caminhada de quarenta e cinco minutos pelo bairro. Usou as lojas de comércio tradicional do bairro para se abastecer, indo ao *Centro Comercial Colombo* apenas quando foi extremamente necessário. No entanto, não concentrou o povoamento do espaço em Benfica, nem mesmo em Lisboa e nos arredores, uma vez que passou alguns dias em diversas zonas portuguesas de praia e no Brasil, país onde também residiu. Em 2015, deixou de morar em Benfica e continuou a frequentar a Rua dos Arneiros, visto que a sua comadre é aí residente.

De um modo distinto, em alguns casos estudados, os indivíduos idosos fizeram duas ou mais reclamações, com enfoque em organizações locais e interlocais, cujos objetivos incidiram diretamente em benefício próprio, mesmo que indiretamente pudessem abrir precedentes para não repetições dos assuntos reclamados contra terceiros. Os resultados das mesmas reclamações possuíram diferentes matizes de sucesso dependendo, particularmente, de cada um dos casos. Dolores Lopes (r.e.13) é um exemplo destes agentes. A idosa fez reclamações no *Centro de Dia*

e *Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, quando os serviços do centro de dia, onde se encontra integrada, não corresponderam às suas expectativas, sendo, normalmente, bem-sucedida, como descreveu neste trecho da entrevista:

“(...) Eu não posso apanhar sol na cabeça porque tenho uma depressão nervosa (...) e [em 2014] na minha mesa estava muito sol, o sol mesmo na cabeça e eu disse assim: ‘Oh Doutora eu não posso comer aqui. Não posso comer aqui!’. ‘Para onde é que quer ir comer?’. ‘Para uma mesa, mas não quero ficar ao sol. Como em qualquer lado.’. ‘Bem, então vem para aqui, mas amanhã já não vem!’. Eu depois disse: ‘Não, amanhã não venho. Amanhã pego no meu pratinho e vou comer para o quintal!’. Mas, então, o que é que queria? Ficou logo assim muito... Vi logo. Não gostou da resposta. Mas a gente às vezes também a tem na ponta da língua!” (Dolores Lopes, r.e.13).

Dolores não conversa muito sobre o bairro, mas faz reclamações, também, nas lojas de comércio tradicional sempre que os produtos não satisfazem as suas exigências e é, geralmente, bem-sucedida, sendo que não se incompatibiliza com os comerciantes, como demonstra esta passagem da entrevista semiestruturada (Dolores Lopes, r.e.13):

“Entrevistado: Há coisas que a gente não gosta, eu, por exemplo, se for às compras lá ao pé... Ainda ontem [em 2014] queria comprar umas peras e ela meteu-me para o saco e eu digo assim: ‘Oh filha! Eu não entendo bem o que tu dizes. Tu és chinesa, não é? Mas eu não quero essas peras! Então estão todas...’. Tinham todas manchas negras! ‘Eu vou pagar isso?’. ‘Então não quer, não leva!’. ‘Então pronto! (...)’

Entrevistador: (...) E volta a ir lá?

Entrevistado: Ah pois volto! (...) Quando preciso de uma coisa que não há noutro lado, eu sei que lá há e ela também não leva a mal. Elas querem é dinheiro!”.

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.13** (Dolores Lopes)

Tem oitenta e quatro anos, não tem escolaridade e terminou a carreira como ama. É solteira e vive com o filho mais novo num apartamento da Rua da Glória, uma rua situada no lado Oeste do Bairro de São José. A família é composta por dois filhos, a mulher do filho mais velho, a mulher de um filho que morreu, cinco netos e uma bisneta, mas não se encontra com dois netos nem com a bisneta. O filho morreu há vinte e três anos (foi o mais novo dos três). Considera que a família mais próxima é formada pelo filho mais velho e pela nora, uma vez que ambos lhe prestam grandes apoios simbólicos, quando se encontra com a saúde debilitada, sendo que o filho também lhe concede grandes apoios instrumentais, ao oferecer-lhe, principalmente, uma mesada, e o cônjuge deste oferece-lhe, esporadicamente, algumas roupas. A neta, por parte deste mesmo filho, dá-lhe grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais, pois ajuda-a na administração da medicação e transporta-a de carro quando precisa de ir ao médico. O filho mais novo presta-lhe, excepcionalmente, grandes apoios simbólicos, em momentos nos quais se encontra mais combalida, e a idosa dá-lhe grandes apoios instrumentais, ao permitir que resida consigo. As redes amicais de vizinhança são formadas por dois homens (um idoso e um adulto), que lhe deram grandes apoios simbólicos, quando se tentou suicidar, e as famílias com quem residem (uma idosa, uma adulta e quatro adolescentes), sendo que um elemento destas famílias lhe dá pequenos apoios instrumentais, formalizados na dádiva de refeições já confeccionadas. Interage com oito utentes (cinco idosas e três idosos) da modalidade de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, onde está inserida, que residem fora da vizinhança, mas no interior do bairro, e considera-os mais distantes ou

conhecidos. As redes de conhecimento residentes no interior do bairro compreendem, identicamente, treze nós de adultos. Do comércio tradicional do bairro sublinhou cinco nós, três dos quais lhe prestam pequenos apoios instrumentais, visto que um nó lhe oferece um café ou uma sandes e os outros dois nós mantêm-na sócia da sua coletividade, apesar de não pagar as quotas ultimamente. Relaciona-se, sobretudo, com dois membros da *Junta de Freguesia de Santo António*, que lhe dão pequenos apoios instrumentais, por meio das suas competências. Destaca os pequenos apoios instrumentais oferecidos pelo motorista do centro de dia, que lhe arranja pequenos aparelhos elétricos, e os grandes apoios simbólicos que o psicólogo do centro lhe dá, ao conversarem sobre os seus problemas. No entanto, os oito profissionais do centro, que incluem os dois últimos, prestam-lhe grandes apoios instrumentais e a monitora e as três auxiliares dão-lhe, também, grandes apoios simbólicos, quando está frágil. Com a exceção de um idoso, todos os profissionais empregados localmente e interlocalmente, com quem se relaciona, são adultos. As redes residentes fora do bairro são formadas pelos outros dez utentes do centro de dia (seis idosos e quatro idosas), mas considera que oito são conhecidos e apenas dois são amigos. Um destes amigos deu-lhe grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais, ao confortá-la quando se encontrou triste e ao emprestar-lhe dinheiro, e o outro deu-lhe pequenos apoios instrumentais, quando se deslocou a uma farmácia, próxima do centro, para comprar medicamentos. Não integra nenhum amigo no parentesco subjetivo. Bebe café nessa coletividade, posicionada do lado Oeste do bairro, mas devido aos problemas de mobilidade encontra-se mais confinada aos espaços do centro e da casa, apesar de dar os passeios organizados pelo centro de dia e pela junta de freguesia (para maior detalhe consulte as páginas 396 a 400 incorporadas no Anexo D).

Alguns idosos não foram bem-sucedidos nas reclamações que fizeram, o que dependeu, de certo modo, da abertura daqueles a quem as reclamações foram feitas, e, por vezes, deixaram de frequentar os lugares onde reclamaram. Natália Guerra (r.e.14) incompatibilizou-se com um casal de proprietários de uma mercearia do bairro, porque um dos mesmos se recusou a trocar um produto errado que lhe vendeu, como contou nesta passagem da entrevista semiestruturada:

“Entrevistador: Olhe, e assim ‘coisas’ que reclame aqui no bairro?

Entrevistado: Não tenho nada que reclamar. Há ali um estrangeiro que tem (...) uma porta aberta e eu fui lá uma vez e ele trocou-me um... eu queria uma caixa que tem uns algodões de arear e essa coisa toda e ele trocou-me aquilo (...) Eu cheguei a casa e abri a caixa (...) e vi que não era aquilo que eu tinha pedido (...) Bem, vi aquilo e fui lá (...): ‘Você vendeu-me isto, mas eu não quero isto. Não quero isto!’. E lá lhe estive a explicar e ele: ‘Ah mas a Senhora não se explicou como devia ser e eu cuidei que isto lhe fazia jeito.’. ‘Não, não, se me quer trocar troque que eu pago o que for e levo... Se não quer trocar está bem... Se não quer trocar... Não quer trocar pois não?’. ‘Ah não, não quero, não posso trocar.’. ‘Ah não, então adeusinho, até à próxima!’.

Entrevistador: E zangou-se com ele...

Entrevistado: Até hoje! Não quero! (...) Se o vejo cá fora nem um passo nem uma nem duas, não...” (Natália Guerra, r.e.14).

Durante o ano de 2012, após a reclamação anteriormente descrita, esta idosa deixou de frequentar a microempresa *Coffeexpress* (estabelecida no *Centro Social Laura Alves*), porque considerou que as refeições não satisfizeram as suas exigências e que as suas expetativas não foram correspondidas quando reclamou sobre o assunto. No mesmo ano, Natália reclamou, com

certos elementos da antiga *Junta de Freguesia de São José*, o facto de não lhe terem oferecido o usual cabaz de Natal, visto que se ausentou do domicílio no contexto de um internamento coincidente com este período. No entanto, não surgiram quaisquer incompatibilidades entre esta idosa e a junta de freguesia, tendo continuado, até ao ano de 2015, a receber os apoios da atual *Junta de Freguesia de Santo António*. Esta idosa manteve conversas a respeito do bairro que foram centradas, basicamente, nas novidades do quotidiano dos residentes com quem interagiu e nos elementos e serviços da junta de freguesia, mas não contou que as mantinha.

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.14 (Natália Guerra)**

Em 2015 foi institucionalizada num lar e nunca mais a vimos. Teve a quarta classe do antigo sistema de ensino, foi auxiliar de cozinha e teve oitenta e nove anos. Foi viúva, não teve filhos e viveu só numa casa da Rua da Metade, posicionada do lado Este do Bairro de São José. Os cinco irmãos (mais velhos) faleceram e não soube quantos sobrinhos possuia, mas teve muita proximidade com um dos sobrinhos, com quem coabitou juntamente com a irmã, o cunhado e o marido, entretanto falecidos, sendo raro conversar, ao telefone, com outros sobrinhos. Encontrou-se, presencialmente, com este sobrinho, aos domingos, para juntos almoçarem no bairro ou para ir à casa onde ele residia com a mulher e as duas filhas (gémeas), mas os contactos telefónicos entre ambos foram diários. A família que considerou mais próxima foi constituída por estes quatro familiares. O sobrinho prestou-lhe grandes apoios simbólicos, em situação de atropelamento, operação e recobro; grandes apoios instrumentais, visto que lhe ofereceu, mensalmente, géneros alimentícios e um montante em dinheiro para pagar as despesas com a casa e os alimentos; bem como lhe deu pequenos apoios instrumentais, quando a levou ao médico no seu carro. Possuiu uma amiga idosa residente no lado Oeste do bairro, a quem deu, telefonicamente, grandes apoios simbólicos, no contexto de problemas de mobilidade cujo tratamento foi muito complicado. Teve uma crise com Francisco Ferreira (r.e.8), um vizinho residente no mesmo prédio. As redes de conhecimento integraram oito conhecidas idosas residentes no lado Este do bairro. Destacou os laços que manteve com os proprietários e os empregados de três lojas de comércio tradicional do bairro (pronto-a-vestir, ‘casa dos vidros’ e farmácia). Relacionou-se ainda com os (quinze) profissionais da *Junta de Freguesia de Santo António* que encabeçaram ou executaram os serviços do *Vassouras & Companhia*. Todos os dias, falou ao telefone com uma amiga adulta residente fora do bairro, de quem foi madrinha de casamento. Considerou que os laços amicais não incluíram o parentesco subjetivo. Esteve mais confinada ao espaço doméstico, visto que precisou da ajuda de duas moletas para poder andar. Contudo, almoçou num restaurante do bairro, aos dias úteis, para onde foi acompanhada a pé, alternadamente, pelas doze auxiliares do *Vassouras & Companhia*, fez as compras no comércio tradicional do bairro e encontrou-se, dentro do bairro ou fora do bairro, com os familiares mais próximos.

Já o caso de Amália Fernandes (r.e.15) está relacionado com uma suspeita concernente ao desaparecimento de dinheiro, que tinha guardado na carteira, e subsequente reclamação a um elemento da vertente de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, onde a suspeita aconteceu. A reclamação não obteve êxito, sendo

o mesmo verdadeiro quando desaprovou, ocasionalmente, determinadas refeições servidas no centro, mas a idosa não se incompatibilizou com os indivíduos aí inseridos profissionalmente e continua a ser utente do centro. Amália tem poucas conversas que digam respeito ao Bairro de São José, assim como as tem pouco sobre o bairro contíguo onde reside, dado que as suas redes sociais não detêm muitos interlocutores com quem manter estas conversas.

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.15 (Amália Fernandes)**

Tem oitenta e seis anos e o segundo ano do Curso Comercial do antigo sistema de ensino, foi bordadeira. É solteira e vive só num apartamento localizado no Bairro do Sagrado Coração de Jesus, um bairro contíguo ao Bairro de São José. A família com quem mantém contacto é composta pelo filho, pela nora, pelos dois netos e por uma prima afastada. Considera que todos estes familiares, exceto a prima, incluem a família mais próxima. Raramente vê o filho, a nora e o neto mais novo, que moram na Região Autónoma da Madeira. Presta grandes apoios instrumentais ao neto mais velho, quando lhe empresta a sua casa na terra-natal para que resida. A prima afastada concedeu-lhe grandes apoios simbólicos, em situação de doença e acompanhamento ao hospital, e dá-lhe pequenos apoios instrumentais, ao ajudá-la a cumprir as burocracias do *Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares* (IRS). As redes amicais de vizinhança são formadas por quatro nós (um casal de vizinhos idosos, uma adulta e o seu filho adolescente) residentes no seu prédio. Destacou cinco adultos que trabalham numa clínica dentária e num escritório também aí situados. Os profissionais da clínica (um adulto e duas adultas) dão-lhe grandes apoios simbólicos, ao guardarem uma chave de sua casa. Ainda conhece os utentes da valência de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, onde está inserida. Dois utentes idosos integram as redes amicais residentes dentro do seu bairro e outros seis utentes (quatro idosos e duas idosas) incluem as redes de conhecidos residentes no seu bairro. Duas utentes idosas e um idoso incluem as redes amicais residentes no Bairro de São José, sendo que os outros sete utentes (cinco idosas e dois idosos) residentes no Bairro de São José e nas contiguidades são, exclusivamente, nós de conhecimento. Mesmo assim, deu pequenos apoios instrumentais a uma utente idosa, Rita Negreiro (r.e.29), englobada nas redes de conhecimento residentes no Bairro de São José, materializados na oferta de mel. Além dos utentes do centro de dia com quem se relaciona ou com quem considera não trocar quaisquer apoios, recebe grandes apoios instrumentais dos (oito) profissionais que lá trabalham. Não inclui nenhum indivíduo com quem se relaciona no parentesco subjetivo. Passa a maior parte do tempo no seu bairro, uma vez que faz aí as compras diárias de alimentos e o centro de dia foi lá construído, mas vai à sua terra-natal e faz os passeios organizados pelo mesmo centro (para maior precisão consulte as páginas 401 a 404 inseridas no Anexo D).

Verificamos a existência de alguns outros casos modelados por indivíduos que fizeram uma proposta ou uma reclamação ou uma proposta e, também, uma reclamação direcionadas, vulgarmente, para as organizações locais. Estas intervenções contiveram diferentes cambiantes de sucesso, dependendo dos casos em questão, e diferentes beneficiários, visto que favoreciam os interesses da comunidade local e (ou) favoreciam os interesses próprios, mesmo quando a

comunidade ganhasse, indiretamente, com os efeitos das suas ações. Luísa Cardoso (r.e.16) é um exemplo dos indivíduos que entram neste enquadramento, porque enviou uma carta para a *Junta de Freguesia de Benfica* em que sugeriu o posicionamento de um banco, para os idosos se sentarem, num passeio largo que se encontra na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, mas a proposta não foi acolhida exatamente nestes termos, como contou nesta passagem:

“(...) Eu tenho ali uma carta, ainda, que a câmara me mandou (...) Eu disse que gostava daqui de um banco (...) aqui assim, para os velhotes se sentarem (...) e então a minha filha fez-me a carta com o meu nome (...) e mandou para a junta e da junta mandaram para a câmara e a câmara respondeu-me a dizer que iam pôr realmente. Mas até fiquei mal porque puseram os bancos, mas sim lá em baixo, aqui ficámos sem nada.” (Luísa Cardoso, r.e.16).

Luísa conversa com o marido e com as redes amicais residentes no interior do bairro sobre as mudanças a que assiste dentro (e fora) do bairro, como a inexistência atual dos antigos ‘bons costumes’ e das antigas ‘boas maneiras’ e o enorme aumento da criminalidade: “Hoje tenho medo até de dia quanto mais à noite (...) Mais criações, má educação, as miúdas são piores que os rapazes, é uma má educação no autocarro. É uma coisa horrível! Sem dúvida nenhuma!” (Luísa Cardoso, r.e.16).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.16 (Luísa Cardoso)**

Tem setenta e seis anos e o primeiro ano de liceu do antigo sistema de ensino, é porteira. Vive em casal num apartamento de porteira situado no lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, incluída no Bairro de Benfica. Quando pensamos no contexto familiar, relaciona-se mais com o marido, a filha, o genro, a neta, a comadre e o irmão, que considera serem a família mais próxima. No entanto, tem, geralmente, contacto com o irmão (tendo, igualmente, contacto com mulher do irmão) por via telefónica. Incompatibilizou-se com a família de procriação de uma irmã falecida. Trocou grandes apoios simbólicos com o marido, na sequência de doenças muito graves, e troca grandes apoios instrumentais com este, pois os rendimentos de ambos concorrem para o preenchimento da bolsa conjugal e distribuem as limpezas do prédio onde residem. Recebeu grandes apoios simbólicos da filha e do genro, na mesma situação de doença e, recentemente, a primeira deu-lhe grandes apoios simbólicos, uma vez mais, já que se achou com uma depressão nervosa e esta encontrou a medicação necessária para a resolução do problema. Recebe, atualmente, pequenos apoios instrumentais destes dois parentes, quando a ajudam a tratar de assuntos financeiros e a transportam de automóvel para tratar de determinadas compras. Dá pequenos apoios instrumentais à filha, visto que lhe oferece pequenas quantias em dinheiro e, esporadicamente, presta cuidados à neta, assim como dá grandes apoios simbólicos ao irmão, que tem diabetes com um quadro agudo, o que reduziu grandemente os encontros presenciais entre ambos. Considera que a comadre se encontra aberta à prestação de todos os apoios, em caso de necessidade. Das redes amicais residentes no bairro destacou vinte e um idosos, sendo a maior parte idosas residentes na vizinhança. Destas últimas, troca pequenos apoios instrumentais com Conceição Santos (r.e.3), expressos nas ofertas recíprocas de pequenos-almoços, assim como trocou grandes apoios simbólicos, em situações de doença grave, com Maria Teresa Castro (r.e.23). As redes de conhecimento residentes no bairro aglomeram vinte e seis indivíduos, que são, sobretudo, idosas. Interage com sete nós de atuais proprietários e empregados do comércio tradicional do bairro. Para além disso, as redes

amicais residentes no exterior do bairro são formadas por cinco nós e incluem um idoso que, quando trabalhou no comércio tradicional do bairro, quis dar-lhe grandes apoios instrumentais, sob a forma de fiado. Considera poder contar com um destes nós (uma idosa) para a prestação de grandes apoios instrumentais. Insere, mais ou menos, todos os amigos no parentesco subjetivo, mas, rigorosamente, apenas insere o último nó que referimos. Centra, geralmente, as atividades no comércio tradicional do bairro e na *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*, mas passeou por diversas zonas do país e vai todos os anos de férias para a sua casa na Fonte da Telha (para mais particularidades consulte as páginas 405 a 409 integradas no Anexo D).

Raquel Godinho (r.e.17) faz voluntariado no quadro de uma academia situada fora do bairro, onde (uma vez por semana) leciona, graciosamente, Arraiolos aos seus utentes. Quando uma senhora deixou um saco de lixo em frente à janela do apartamento onde reside mostrou-lhe a sua indignação e tinha já conversado com os vizinhos e outros residentes do Bairro de Benfica sobre o excesso de lixo nas ruas do bairro, o que continua, presentemente, a fazer com um certo desgosto, como mostrou neste trecho da entrevista semiestruturada:

“(...) Eu aqui há tempo vi um senhor, não pude dizer nada, eu bem me deu para falar mas... o senhor ia com um saco na mão (...) chegou, largou-o (...) no passeio à porta de uma pessoa e quem diz isto diz... porque a gente vai a sair é sacos, é sacos... Oh pá! Eu acho que é uma falta de respeito por nós próprios! (...) Como lhe estou aqui a falar já tenho falado com pessoas assim neste estilo (...) Logo de manhã, às oito horas, estava a abrir a minha janela (...) e a senhora vem em frente pôr o lixo ali e eu disse: ‘Oh minha senhora pelo amor de Deus!’. ‘Ah qual é o mal?’ (...)” (Raquel Godinho, r.e.17).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.17 (Raquel Godinho)**

Tem setenta e dois anos e o quinto ano de liceu do antigo sistema de ensino, é professora de Arraiolos. É casada, apesar de estar separada do marido, e vive só num apartamento situado na Calçada do Tojal, uma área do Bairro de Benfica. A família que considera mais próxima é composta pelo filho e pelo neto, mas à data da entrevista, estava há mais de um ano sem os ver, apesar de conversarem ao telefone. Dos três primos direitos (duas idosas e um adulto), com quem se relaciona, encontra-se mais com uma prima e os encontros tomam lugar, usualmente, uma vez por ano, quando, durante o verão, vai para a sua casa na terra-natal da mãe (situada no Norte do país). As redes amicais residentes dentro do bairro são formadas por dezoito indivíduos, com quem considera não ter muita proximidade: uma vizinha idosa, que lhe podia conceder grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais em caso de necessidade, e dezassete idosas residentes no bairro, mas fora da vizinhança. Destas dezassete idosas prestou grandes apoios simbólicos a uma idosa por razão de uma neurite do nervo facial e outra idosa podia-lhe dar grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais em caso de necessidade; com as restantes quinze idosas troca pequenos apoios simbólicos, quando lhes dá aulas de Arraiolos num centro de dia, localizado no Bairro de Benfica, e (ou) as recebe no seu *Atelier de Arraiolos* (situado nas proximidades da Calçada do Tojal). Relaciona-se, por via da sua profissão, com uma idosa e uma adulta que integram a direção do mesmo centro. Detém uma rede de quarenta conhecidos residentes no bairro, com um pendor muito pouco intergeracional e muito feminino. Considera ter maior proximidade das redes amicais residentes no exterior do bairro, formadas por uma idosa que é também sua aluna no mesmo centro, três idosas que conhece desde os tempos de escola, bem como cinco idosas e um idoso com quem faz voluntariado numa academia erigida fora

do bairro. Podia contar os colegas da escola e da academia para a prestação de grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais. Não inclui nenhum dos seus amigos no parentesco subjetivo. Tem uma rede de, sensivelmente, trinta conhecidos residentes no exterior do bairro, que são, principalmente, idosas, com quem travou conhecimento na academia. Povoava, semanalmente, a Praça de Benfica, um supermercado *Pingo Doce* ali próximo e a *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*. Povoava, com menor regularidade, a *Pastelaria Nilo* e os centros comerciais do bairro. Faz passeios, geralmente, a lugares situados dentro do país, que são criados pelas organizações onde trabalha remuneradamente e graciosamente. Por intermédio da última também está presente em exposições, museus e espetáculos culturais que tomam lugar na cidade de Lisboa. Conheceu determinadas cidades espanholas.

Situação combinatória de uma reclamação, diretamente, em benefício próprio com uma proposta, especialmente, em benefício da comunidade local, é a de Paulo Barros (r.e.18). Paulo fez uma reclamação, numa mercearia do bairro, a respeito do preço errado que lhe cobraram pelos produtos adquiridos e devolveram-lhe o dinheiro. Porém, o modo como tudo aconteceu, quando reclamou, levou-o a não procurar a mercearia novamente. Este idoso não contou esta reclamação, quando lhe perguntámos se tinha reclamado no bairro algo com que não concordou, mas tinha contado o sucedido num momento anterior da entrevista semiestruturada:

“Há ali mais uns rapazes onde muita gente diz que é mais barato e não sei quê, mas eu fui lá um dia comprar umas batatas e tinham as batatas por um preço e eu paguei-as por outro e, depois, quando cheguei a casa é que vi. Fui lá novamente, levei as batatas e levei o ticketzinho: ‘Então afinal as batatas estão marcadas ali com um preço e eu paguei aqui porquê?’. ‘Isto é uma ajuda...’ não sei quê. ‘Então é uma ajuda? Isto assim é que é uma ajuda?’. Deram-me o dinheiro que me tinham a dar. Não fiz protesto, mas não entrei lá mais.” (Paulo Barros, r.e.18).

Para além disso, no contexto do interesse mostrado pelo anterior Presidente da *Junta de Freguesia de São José* em relação ao que considerava serem melhoramentos essenciais de que o bairro necessitava, este idoso sugeriu que cobrissem com cimento uma zona com a calçada muito incomodativa para quem nesta anda, mas o conteúdo da proposta não foi executado, como relatou no excerto da entrevista semiestruturada (Paulo Barros, r.e.18):

“No tempo do outro presidente (...). Ele perguntou-me se notava alguma coisa que precisasse de algum arranjo e eu disse: ‘Olhe, no Largo da Anunciada, até a baixo ao Condes ou o que é aquilo, há ali aquela calçada, aquelas pedras, que aquilo tem buracos e aquilo se levasse ali um bocado de cimento ficaria melhor.’. ‘(...) Vou pensar nisso’. Mas até hoje acho que ainda está. Foi a única coisa que eu (riu-se)... Mas perguntou-me...”.

Paulo Barros tem poucas conversas sobre o bairro e estas referem-se mais às alterações reais na Avenida da Liberdade e ao que se comenta que vai acontecer ali: “(...) Já houve quem dissesse aqui há dias, mas eu ainda não me acreditei nisso, diz que vão pôr um jardim (...) a meio da Avenida. Eu, na altura, calei-me, mas pensei, então, depois, mais tarde: ‘Então, como é que vão pôr lá um jardim? Por baixo é o Metro. Como é que vão pôr lá um jardim?’” (Paulo Barros, r.e.18).

### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.18 (Paulo Barros)**

Tem noventa e três anos e a quarta classe do antigo sistema de ensino, terminou a carreira como encarregado de pedreiro. É viúvo e vive só num apartamento da Rua do Telhal, situada no lado Este do Bairro de São José. A parentela contém um filho, a nora, dois netos, bem como uma irmã, três sobrinhos, os cônjuges e os filhos dos sobrinhos que os possuem. Considera que todos os seus parentes integram a família mais próxima, mas não se encontra, normalmente, com os sobrinhos-netos. Trocou grandes apoios instrumentais com a irmã, visto que se lhe ofereceu metade do valor da casa que pertenceu aos pais, esta fez o transporte braçal de pedras para a construção de uma casa, situada na terra-natal de ambos. Deu grandes apoios instrumentais ao filho e à nora, que residiram consigo durante um ano. Recebe pequenos apoios instrumentais do filho, quando este o transporta para a sua terra-natal. Contudo, a estes apoios dados e recebidos estão subjacentes, como temos visto nos outros casos, pequenos apoios simbólicos. As redes amicais, residentes dentro do bairro, mas fora da vizinhança, são compostas por sete idosas e um idoso, tendo recebido grandes apoios simbólicos destas sete idosas, em situação de um problema (grave) na coluna. Algumas destas mesmas idosas são Manuela Gomes (r.e.5), Henrique Carvalho (r.e.6), Teresa Canas (r.e.7), Cristina Patrício (r.e.27) e Rita Negreiro (r.e.29). Inclui, de certo modo, estas idosas no parentesco subjetivo, mas afirmou não as incluir aí completamente. As redes de conhecimento residentes no bairro encerram dezoito nós (dezassete idosas e um idoso), dos quais sete (idosas) pertencem à vizinhança. Dos indivíduos que fazem trabalho profissional no interior do bairro, relaciona-se com um casal de proprietários de uma mercearia e quatro elementos da *Junta de Freguesia de Santo António*. Não possui laços amicais residentes fora do bairro. Ocupa o tempo, sobretudo, nos espaços do bairro e das imediações, como o comércio tradicional, onde vai só, a *Capela de São José dos Carpinteiros* e os bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade, que povoa com as redes amicais e de conhecimento. No entanto, passeia com o filho por lugares relativamente próximos da cidade de Lisboa e o mesmo acompanha-o de automóvel à sua casa na terra-natal, onde juntos passam alguns dias (para maior pormenor consulte as páginas 410 a 414 incluídas no Anexo D).

Finalmente, em alguns outros casos estudados, os indivíduos fizeram, pelo menos, uma reclamação, individualmente e em benefício próprio, que podia contribuir, em termos indiretos, para o melhoramento da comunidade local, porém, no momento da execução, estes indivíduos estiveram mais dirigidos, geralmente, para o seu bem-estar no espaço do bairro. Habitualmente, os idosos aqui incluídos não confessaram ter assim procedido, quando questionados em relação a este assunto, mesmo que possam ter abordado uma reclamação noutro momento da entrevista semiestruturada ou nas conversas mais informais, que aconteceram ao longo das observações etnográficas, no entanto, em certos casos, tivemos conhecimento das reclamações através das conversas informais com os proprietários do comércio tradicional.

Jacinta Carvalheiros (r.e.19) tem conhecimento do que acontece com os vizinhos e com o comércio disponível nas proximidades da Rua dos Arneiros e na própria rua, porque conversa com a vizinhança sobre estas questões da comunidade e do espaço urbano local, mas ocultou ter conversas sobre o bairro. Jacinta é um exemplo dos casos em que os idosos não confessaram

ter reclamado sobre algo com que não concordaram no bairro, apesar de o terem feito, mas referiram esta questão noutra parte da entrevista semiestruturada. Esta mesma idosa fez uma reclamação muito contida (em 2015) a um empregado do *Café-Bar Koala*, quando este aceitou que um desconhecido efetuasse o pagamento do seu café:

“Aqui há dias, já há bastante tempo, este sítio estava cheio e havia uma mesa com um cavalheiro e eu pedi licença se me podia sentar na mesma mesa. O senhor ficou assim a olhar para mim: ‘Ah com certeza minha senhora.’. E foi aí que eu verifiquei que não era hábito. Eu, por exemplo, tanto em Berlim como em Roma sentava-me na esplanada, assim como outras pessoas, eu não fazia isso assim... (...) e verifiquei que aqui não é assim, aqui as pessoas estão, estão. O senhor ofereceu-me o meu café, eu não gostei e fui lá dentro e devolvi, que eu só queria era o lugar, pronto (...)” (Jacinta Carvalheiros, r.e.19).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.19** (Jacinta Carvalheiros)

Tem oitenta anos e o Curso Industrial de Formação Feminina do antigo sistema de ensino, terminou a carreira como professora de Trabalhos Manuais. É divorciada e vive só num apartamento posicionado no lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, compreendida no Bairro de Benfica. A sua família é constituída por dois filhos (um filho e uma filha), uma prima (e madrinha) idosa, a filha, o genro e o neto da mesma prima, bem como é constituída por outras primas sobre as quais não consegue definir um número exato. A troca de apoios no seio da família acontece, essencialmente, com a rede de descendência e considera que os nós que a englobam são a sua família mais próxima. Contou com grandes apoios simbólicos da filha, que a acompanhou moralmente na altura do divórcio, e obtém, agora, um convívio semanal com a mesma em almoços e passeios. O filho deu-lhe pequenos apoios instrumentais, ao fazer pequenas obras no apartamento de Benfica e nas casas de Peniche, tendo cedido uma parte do apartamento onde residiu, em Colónia (Alemanha), para que passasse alguns dias. Concede grandes apoios instrumentais aos filhos, patentes em mesadas, e troca com os filhos pequenos apoios simbólicos, manifestos no convívio que mantêm. Os dezanove nós de vizinhança com quem se relaciona (seis idosas, um idoso, quatro casais de idosos, um casal de adultos e duas adultas) são, geralmente, considerados distantes ou conhecidos, mas salientou três idosas que considera amigas, sendo duas destas passíveis de lhe darem grandes apoios simbólicos e instrumentais em caso de necessidade, e incluiu uma destas no parentesco subjetivo. Referiu, identicamente, que Constança Guedes (r.e.10) foi uma verdadeira amiga, até porque recebeu grandes apoios simbólicos desta idosa, por ocasião do divórcio e de uma tentativa de assalto. Interage com seis proprietários do comércio tradicional do bairro (papelaria, mercearia, talho e cabeleireiro). As redes amicais residentes no exterior do bairro integram duas ex-colegas de trabalho (idosas), que lhe prestaram apoio moral na sequência do divórcio e com quem se encontra, ocasionalmente, para almoçar ou ir ao cinema. As redes de (vinte) conhecidos residentes fora do bairro integram, principalmente, os filhos (e os netos) dos vizinhos com quem interage. Está mais confinada ao espaço doméstico e só povoia, irregularmente, a esplanada do Eucaliptal de Benfica e o comércio tradicional, estabelecido no bairro. Porém, quando se encontra com a filha e com as amigas residentes fora do bairro percorre outros sítios de Lisboa e dos arredores. Habitualmente, viaja com o filho para Peniche (a sua terra-natal), três vezes por ano. Conheceu determinadas cidades de países estrangeiros (como, por exemplo, Berlim, Roma, Viena de Áustria, São Paulo e Recife) e foi, igualmente, aos Alpes Suíços. Estas mesmas viagens ocorreram no âmbito profissional e no âmbito das férias passadas com o ex-marido e os dois filhos.

Foi o que aconteceu com o agente Miguel Brogueira (r.e.20), que, noutro momento da entrevista semiestruturada, no qual não conversávamos a respeito de assuntos do agenciamento, contou, perfeitamente seguro da sua ação, ter reclamado com o empregado e, posteriormente, com o dono de uma cafetaria sobre um procedimento do primeiro que o desagradou, como é notório na passagem da mesma entrevista:

“Olhe, uma vez lá num café ao pé de mim eu (...) estava a ler o jornal, vai um tirou-me o jornal e deu a outro senhor, eu fiquei bera como tudo, ainda hoje quase não me fala, mas não me interessa... Eu disse ao dono do café, eu trato-o por tu: ‘Tu havias de dizer a esse senhor que isso não se faz, é uma atitude feia, eu a ler o jornal e a tirar e a dar a outro, isso não se faz é uma...’. ‘Ah mas a gente precisa para todos...’ tata. ‘Precisa para todos, mas eu estava a ler o jornal. Para que é que ele me tirou?’? Já passou pronto.” (Miguel Brogueira, r.e.20).

Miguel faz reclamações, também, sempre que na distribuição de produtos alimentares, oferecidos pela *Junta de Freguesia de Santo António*, não são cumpridas as quantidades de cada alimento anteriormente acordadas, como nos contou outra entrevistada que o conhece bem: “O Miguel também vem aqui buscar e esse é um grande pedinchão: ‘Ai eu gosto muito disto ponha-me, gosto que é para o pequeno-almoço para pôr (...) Ao Miguel faltava-lhe a manteiga, dois pacotinhos de manteiga, e o queijo, pois telefonou e veio cá buscar aquilo (...)’” (Teresa Canas, r.e.7). Este idoso reportou conversar, geralmente, a respeito da beleza da Avenida da Liberdade e contou que o entusiasmo das conversas é maior quando fazem obras de pavimentação, pintura dos bancos, etc., visto que a Avenida da Liberdade é um motivo de orgulho para os residentes do interior do bairro, manifestado nas conversas que mantêm em conjunto.

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.20 (Miguel Brogueira)**

Tem oitenta e três anos e a quarta classe do antigo sistema de ensino, é estafeta. É casado e vive em casal num apartamento da Rua de São José, situada no lado Este do Bairro de São José. A família é composta pela mulher, pelos dois filhos (um adulto e uma adulta), pelos cônjuges dos filhos, pelos quatro netos (três adolescentes do sexo masculino e uma criança do sexo feminino), por uma irmã e um irmão, por oito sobrinhos e pelos cônjuges e os descendentes dos sobrinhos que os possuem. A família que considera mais próxima é constituída por todos estes membros. Troca pequenos apoios simbólicos com os mesmos familiares, excetuando o irmão, com quem se incompatibilizou. Recebeu grandes apoios simbólicos da mulher e dos filhos (em situação de doença psíquica grave), bem como recebe pequenos apoios instrumentais do neto mais velho, formalizados em pequenas obras na sua casa, como a pintura de uma assoalhada. Deu grandes apoios simbólicos à mulher (em situação de doença grave). Também troca grandes apoios instrumentais com a mulher, patentes na conjugação dos rendimentos para a bolsa conjugal e na distribuição parcial do trabalho doméstico. Salientou a importância de determinados laços familiares, que não integram a consanguinidade, com os dois irmãos (adultos) do genro, uma vez que lhe concedem pequenos apoios instrumentais, quando lhe cortam o cabelo, gratuitamente, no seu cabeleireiro. As redes amicais residentes dentro do bairro englobam três vizinhas idosas, bem como englobam Manuela Gomes (r.e.5), Henrique Carvalho (r.e.6), Teresa Canas (r.e.7), Rita Negreiro (r.e.29) e Paulo Barros (r.e.18). Insere

estes oito nós amicais no parentesco subjetivo. As redes de conhecimento residentes no interior do bairro são formadas por vinte pessoas (essencialmente, mulheres idosas), a quem apenas cumprimenta e com quem fala um pouco. Disse que a única adulta residente no bairro com quem se relaciona é a filha de Manuela Gomes (r.e.5). Considera nunca ter contado com os nós amicais e de conhecimento residentes dentro do bairro para mais do que os pequenos apoios simbólicos. Todavia, ainda no contexto do bairro, destacou os proprietários de um café-leitaria e de uma mercearia e recebe pequenos apoios instrumentais, em forma de fiado, dos últimos. Relaciona-se com duas adultas e um adulto que trabalham na *Junta de Freguesia de Santo António* e dois destes dão-lhe pequenos apoios instrumentais, por via das suas competências. As redes profissionais aglomeraram um relojoeiro idoso, proprietário de uma relojoaria na Baixa Pombalina e residente no exterior do bairro, para quem recolhe e entrega relógios e peças de relógios em estabelecimentos sediados na cidade de Lisboa, e um colega idoso, filho de Teresa Canas (r.e.7), que lá trabalha. Frequentava locais do bairro para ir às compras e vai a ambas as igrejas do bairro, sozinho ou com as redes amicais residentes no interior do bairro, mas fora da vizinhança, com quem também se senta nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade. Percorre certos espaços da cidade de Lisboa e dos arredores, por meio do trabalho profissional, dos passeios com a mulher e das visitas aos filhos.

Houveram, também, casos em que os idosos, quando foram (ou não) questionados em situação de entrevista semiestruturada, só contaram as reclamações efetuadas no decurso das conversas informais que tivemos. Disto é um exemplo Madalena de Sousa (r.e.21). Esta idosa reclamou com um casal de vizinhos, que moram no andar por cima do seu, o incómodo que lhe causaram quando estenderam roupa mais comprida, indevidamente dobrada, uma vez que a mesma bateu, fortemente, na sua janela, sobretudo, em dias de vento. No entanto, a reclamação não foi bem acolhida e tudo continuou como antes. Esta idosa conversa, diariamente, com certos elementos das redes de vizinhança e, algumas vezes, os assuntos dizem respeito a novidades e a anomalias da Rua dos Arneiros, como comentou nesta passagem:

“Entrevistado: (...) Eu lembro-me, há pouco tempo, de um cão que coitado ficava ali...

Entrevistador: E não costuma manifestar a sua...?

Entrevistado: Conversando só com as pessoas com quem eu converso no café ou na padaria (...) Por exemplo, agora andava muito aborrecida porque o cão coitadinho fazia ali... Não se lembra? Acho que já alguém telefonou para a protetora e parece que já resolveram os assuntos... (...)” (Madalena de Sousa, r.e.21).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.21 (Madalena de Sousa)**

Tem noventa anos e o Curso Comercial do antigo sistema de ensino, ultimou a carreira profissional na qualidade de administrativa. É casada e vive em casal num apartamento situado no lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, que se encontra inserida no Bairro de Benfica. A família engloba o marido, os dois filhos (um adulto e uma adulta), os três netos (uma adolescente e dois adolescentes) e uma prima idosa, mas à família que considera mais próxima acrescentou um primo já falecido. A filha e um neto (por parte desta) residem na Alemanha e encontra-se com a primeira uma vez por ano, durante o verão, mas raramente se encontra com o segundo. Mesmo assim, a troca de pequenos apoios simbólicos com a rede de parentesco é extensível a todos

os parentes. Troca grandes apoios simbólicos com o marido, no contexto de problemas de saúde. Faz algum trabalho doméstico (com recurso a empregada doméstica) e o marido financia, praticamente, todas as despesas com a casa e os alimentos, havendo, também, uma partilha de grandes apoios instrumentais entre ambos. Obteve grandes apoios simbólicos do filho, em situação de debilidade, e obtém pequenos apoios instrumentais, como o acompanhamento (de automóvel) ao médico e a certas compras que exigem transporte de automóvel. As redes amicais de vizinhança, residentes em prédios diferentes do seu, são formadas por quatro idosas e um idoso, sendo uma destas idosas Conceição Santos (r.e.3). Não obstante, possui dois amigos idosos residentes fora da vizinhança. Considerou que a maioria dos indivíduos residentes no seu prédio são mais distantes ou conhecidos (duas idosas, quatro idosos, três adultas e dois adultos), com exceção de duas amigas idosas. De qualquer modo, troca pequenos apoios simbólicos com os nós, tanto mais próximos como mais distantes, das redes amicais e de conhecimento residentes no bairro. Destacou seis proprietários ou empregados do comércio tradicional (papelaria, mercearia, cabeleireiro, talho e calista ao domicílio) com quem se relaciona, mas interage com outros seis nós (da restauração) que não incluiu nas suas redes. Praticamente só conversa ao telefone com as redes amicais residentes no exterior do bairro, que são compostas pela ex-mulher do filho, a quem deu grandes apoios simbólicos, ao aceitar que esta continuasse a usar o sobrenome da família para fins profissionais, a mãe desta, o ex-marido da filha e duas amigas. Considera que os três primeiros nós estão incluídos no parentesco subjetivo. As atividades que desenvolve no quotidiano estão focadas nas proximidades da habitação e, especificamente, no comércio tradicional da Rua dos Arneiros. Mas antes de o marido ter a saúde mais fragilizada, saiu do bairro, na companhia do marido e do filho, para almoçar ou assistir a espetáculos de teatro, onde o filho entrou, e foi para a casa de campo, sobretudo, com o marido e ambos os filhos ou um dos mesmos, durante o mês de agosto. Os dois netos (por parte do filho) participaram, excepcionalmente, nestes encontros. Residiu em Angola, mais precisamente, em Luanda e Sá da Bandeira (atual Lubango), mas visitou outros locais circundantes. Viajou, também, por certos países europeus (para maior minúcia consulte as páginas 415 a 418 reunidas no Anexo D).

Outros casos houveram em que soubemos das reclamações efetuadas por intermédio dos proprietários do comércio tradicional do bairro. Um exemplo dos mesmos casos é Fernando de Sousa (r.e.22), que mencionou ter contribuído, durante um curto intervalo de tempo, para a criação de um partido político, mas afirmou não ter feito intervenções em vantagem do bairro e não conversar sobre o bairro, pois considerou ser um indivíduo muito lacônico. No entanto, no seguimento de uma das conversas informais desenrolada com a anterior gerente da *Primeira Praceta Cafetaria*, soubemos de uma reclamação que efetuou, uma vez que a cafetaria não pôs à venda, no tempo de verão, o habitual chá frio, mas, desde aí, a cafetaria nunca mais vendeu o produto. Além disso, Fernando mantém conversas a respeito do bairro com o seu cônjuge e tem conhecimento de histórias que se contam, por exemplo, sobre as interações dos residentes da Rua dos Arneiros com os profissionais do comércio tradicional da mesma rua, como a alcunha de Bem-Haja que puseram a uma mercearia, visto que repetia, constantemente, a expressão no decorrer dos atendimentos aos clientes. Quando lhe perguntámos o que mais gosta no bairro a

resposta apontou para assuntos de conversa relacionados com o comércio tradicional e também conversa, provavelmente, a respeito do que menos gosta:

“Entrevistador: O que mais gosta em Benfica?

Entrevistado: (...) Aquilo que eu gosto em Benfica é de certo modo haver uma... uma... digamos, é possível que ainda haja em muitas partes de Lisboa... portanto, uma atividade (...) comercial que não está localizada em grandes centros, portanto, ainda um bocado dispersa. Eu acho que isso se mantém (...)

Entrevistador: E o que menos gosta?

Entrevistado: (...) O que menos gosto aqui em Benfica... A calçada à portuguesa não está muito bem-feita, falta ser alisada. Eles estão a fazer a calçada à portuguesa, mas precisava de ser uma coisa mais plana porque o que eles faz... eles não fazem capazmente, fazem com montículos e é uma pena porque eu gosto da calçada à portuguesa e é uma pena isto que eles estão a fazer. (...) Eles chamam a isto o calcetamento à portuguesa, simplesmente um calcetamento à portuguesa mal feito (...)"

(Fernando de Sousa, r.e.22).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.22 (Fernando de Sousa)**

Tem um Doutoramento em Biologia e oitenta e nove anos, terminou a sua carreira como diretor de um centro de investigação. É casado com Madalena de Sousa (r.e.21) e vive em casal num apartamento construído no lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, inscrita no Bairro de Benfica. A rede de parentesco, com que se relaciona, é composta pela mulher, pelos dois filhos e três netos, que considera serem a família mais próxima. Não mantém contacto com os restantes membros da família. Troca pequenos apoios simbólicos com estes seis nós, mas a permuta de grandes apoios acontece, exclusivamente, com os filhos e a mulher. Assim, troca grandes apoios instrumentais e simbólicos com a mulher, porque subsidia a maior parte das despesas com a casa e os alimentos e apoia, moralmente, a mulher quando esta se encontra com a saúde mais debilitada e a mulher, por seu turno, faz certas tarefas domésticas, dando-lhe apoio moral quando se encontra doente. Recebeu grandes apoios simbólicos dos filhos, quando o aconselharam a ir para o hospital tratar duas doenças graves, e, em 2015, o filho acompanhou-o, durante um intervalo de três meses, ao *Hospital da Luz* para fazer um *check-up* e marcou as consultas. Presta e prestou grandes apoios instrumentais aos filhos, como a oferta de mesadas e de uma vivenda (a cada um), situada na Região Autónoma da Madeira, tendo dado o seu carro ao filho. A filha reside na Alemanha e conversam, geralmente, ao telefone ou por *email*, exceto quando vem a Portugal, o que acontece uma vez por ano. Raramente está com o neto por parte da filha, que também reside na Alemanha, mas, por vezes, encontra-se no seu apartamento com os outros dois netos, por parte do filho. As redes de vizinhança encerram um nó (uma idosa) com quem aprecia trocar pequenos apoios simbólicos, mas com quem tem apenas um pouco de proximidade, assim como encerram dezanove conhecidos (oito idosas, seis idosos, dois casais de adultos e uma adulta). Interage, fugazmente, com os donos de um talho e de uma mercearia do bairro, que lhe entregam as compras ao domicílio, e com um calista ao domicílio. Mantém relacionamentos de amizade com cinco residentes fora do bairro, dois ex-colegas de trabalho e três ex-parentes, tendo concedido grandes apoios instrumentais a um dos primeiros, visto que o apoiou na obtenção de um emprego, e grandes apoios simbólicos à ex-mulher do filho, quando permitiu que esta continuasse a usar, profissionalmente, um dos seus sobrenomes, após se ter divorciado. Considera que os ex-parentes integram o parentesco subjetivo. Em 2016, deu pequenos apoios simbólicos, formalizados em aconselhamentos profissionais, a uma adulta integrada na organização onde trabalhou. Encontra-se em situação de confinamento ao espaço doméstico. Mas, antes dos seus problemas de

saúde se agravarem, foi almoçar com a mulher e o filho e assistiu com a mulher a peças de teatro, onde o filho entrou. Passou, anualmente, alguns dias, sobretudo, com a mulher e os filhos (ou um destes), na casa de campo. Residiu em Angola, mais precisamente, na cidade de Luanda e na cidade de Sá da Bandeira (atual Lubango), mas conheceu outros lugares da província do Huíla, a cidade de Moçâmedes, etc. Além disso, viajou por certos países europeus (para maiores discriminações consulte as páginas 419 a 423 integradas no Anexo D).

Os cinco entrevistados, inscritos neste tipo, que residem, presentemente, na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros ou nas proximidades, e os dois entrevistados, inscritos no mesmo tipo, que residem, presentemente, no lado Este do Bairro de São José, usufruem, habitualmente, de redes médias (entre, aproximadamente, quarenta e quatro e cento e cinco nós). Notamos que, em dois casos, o tamanho das redes médias é bastante próximo do limite inferior, noutras dois casos, as redes são pequenas, mas têm um tamanho muito próximo do limite superior das redes pequenas e, noutra caso, as redes são grandes, mas têm um tamanho muito próximo do limite inferior das redes grandes. O número de nós de conhecidos é fundamental para o preenchimento da maior parte destas redes, mesmo quando não existem restrições no número de nós incluídos nas redes familiares e amicais ou quando não existem redes de conhecimento residentes fora do bairro. Estes indivíduos contêm, aproximadamente, entre onze e quarenta nós de conhecidos residentes no interior do bairro e dois casos têm vinte e trinta nós de conhecidos residentes no exterior do bairro. As redes sociais destes idosos contêm diferentes números de parentes (entre cinco e trinta e quatro, aproximadamente) e diferentes números de nós amicais residentes dentro do bairro (sensivelmente, entre um e vinte e um) e, nos casos residentes no Bairro de Benfica, diferentes números de nós amicais residentes fora do bairro (entre dois e dez, sensivelmente). Para além disso, estes mesmos agentes interagem com dois a doze profissionais empregados no bairro.

Uma idosa, que deixou a “primeira praceta” da Rua dos Arneiros e foi morar para um apartamento comprado noutro local, conteve redes grandes e os números de parentes, amigos e conhecidos foram superiores a estas tendências. A outra idosa, que também deixou a “primeira praceta” da Rua dos Arneiros e passou a morar num apartamento alugado noutro local, mas continuou a frequentar a mesma rua e a alimentar laços com comerciantes e residentes, contém, presentemente, redes com estas tendências. Uma outra idosa, que deixou o lado Este do Bairro de São José e foi institucionalizada num lar, teve redes pequenas, nas quais certos profissionais empregados no bairro constituíram os nós mais numerosos.

As redes sociais daqueles idosos (que residem, presentemente, na Rua dos Arneiros ou nas proximidades e no lado Este do Bairro de São José) incluem, em quatro casos, mais idosos

do que adultos, em dois casos, um número semelhante de adultos e idosos e, num caso, as redes contemplam mais adultos do que idosos. Os relacionamentos com adultos acontecem por meio da parentela, das redes de conhecimento e dos profissionais empregados no bairro, mas pouco menos de metade dos casos possui adultos nas suas redes amicais. As relações intergeracionais com crianças e adolescentes ocorrem, geralmente, no interior da família. Estas redes contêm, frequentemente, mais elementos do sexo feminino.

Uma das idosas que deixou a Rua dos Arneiros possuiu redes com mais elementos do sexo feminino e com um número, praticamente, equivalente de idosos e adultos e a outra idosa que deixou de morar na mesma rua contém redes, praticamente, equilibradas a estes dois níveis. A idosa que deixou o lado Este do Bairro de São José possuiu mais elementos do sexo feminino e mais adultos nas suas redes sociais.

Aqueles idosos que residem, presentemente, no lado Este do Bairro de São José mostram diferenças, em relação aos outros idosos que residem, atualmente, na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros ou nas proximidades, quanto aos pequenos apoios instrumentais, normalmente, recebidos da *Junta de Freguesia de Santo António*. De facto, os primeiros idosos usufruem dos pequenos apoios instrumentais concedidos pela junta de freguesia. Contudo, as suas redes têm, igualmente, semelhanças com os residentes da Rua dos Arneiros ou das proximidades, quanto aos apoios obtidos das redes de parentesco, das redes amicais e de conhecimento residentes no interior do bairro e dos proprietários e empregados do comércio tradicional do bairro, tal como quanto aos apoios prestados a estas redes e a estes comerciantes.

Por conseguinte, observamos que a rede de parentesco restrita, isto é, os familiares com quem os mesmos indivíduos se relacionam e trocam, pelo menos, pequenos apoios simbólicos, é, geralmente, constituída por todos ou praticamente todos os familiares, mas, em dois casos, inclui menos de um terço e menos de metade dos parentes. Estes pequenos apoios simbólicos são trocados, geralmente, com a família de procriação (e, em alguns casos, com os netos), visto que, normalmente, os entrevistados inseridos neste tipo não possuem rede de fratria, exceto três indivíduos, dos quais dois indivíduos se relacionam, mais ou menos casualmente, com a fratria e um indivíduo tem uma cristação com o irmão, que despoletou um afastamento. Uma idosa não tem fratria e não se encontra, regularmente, com a família de procriação.

Os grandes apoios simbólicos concedidos, pela maior parte destes idosos, abrangem entre um e dois familiares e os grandes apoios instrumentais abrangem, geralmente, um a três familiares. Quando os mesmos são casados prestam grandes apoios instrumentais aos cônjuges,

no entanto, menos de metade dos idosos prestou-os, também ou exclusivamente, à descendência e, num caso, estes grandes apoios foram prestados à irmã, ao filho e à nora.

A transferência de grandes apoios simbólicos, por meio do apoio moral (que englobou convívio e divertimento) em situação de doença, foi, sobretudo, direcionada para os cônjuges, mas uma entrevistada dá, igualmente, estes grandes apoios à rede de fratria, telefonicamente e na mesma situação. Quando estes entrevistados não são casados, observamos uma ausência de grandes apoios simbólicos prestados aos familiares.

Sempre que estes indivíduos são casados associam os rendimentos com o cônjuge para a administração da bolsa conjugal. Além disso, a divisão do trabalho com o cônjuge está assente em alguma distribuição do trabalho doméstico, alguma distribuição do trabalho profissional ou na realização de algum trabalho doméstico com recurso a empregada doméstica, contribuindo estes indivíduos, juntamente com os cônjuges, para a reprodução de maior igualitarismo entre ambos os elementos destes (três) casais, por motivos de doença dos cônjuges ou da categoria socioprofissional em estiveram incluídos. Em três casos, quer existam partilhas conjugais ou não, estes indivíduos concederam grandes apoios instrumentais aos filhos. O entrevistado, que se inscreveu no quadro dos empresários, dirigentes e profissionais liberais, ofereceu um imóvel e mesadas aos dois filhos, assim como transferiu o seu automóvel para um dos mesmos. Uma entrevistada, que se inseriu no quadro dos profissionais técnicos e de enquadramento oferece, igualmente, mesadas a ambos os filhos. Por fim, um entrevistado, que se encontrou também ali incluído, cedeu uma parte do seu apartamento ao filho e à nora, durante um ano, assim como ofereceu à irmã metade da casa dos pais, que lhe pertencia por herança. Notamos diferenças no povoamento das redes de descendência (agência), quanto à estrutura posicional, especialmente, no contraste entre estes últimos entrevistados e os entrevistados que estão incluídos no quadro dos empregados executantes e ofereceram, exclusivamente, pequenos apoios instrumentais e (ou) simbólicos aos descendentes. Duas outras idosas não ofereceram quaisquer apoios às redes de descendência que suplantem os pequenos apoios simbólicos.

Normalmente, estes indivíduos receberam ou recebem grandes apoios simbólicos de um a três parentes e (ou) grandes apoios instrumentais de um parente. Se os indivíduos são casados recebem grandes apoios simbólicos e instrumentais do cônjuge, sendo, unicamente, do cônjuge que recebem grandes apoios instrumentais, mas, pelo menos, um filho prestou-lhes grandes apoios simbólicos. Uma idosa não é casada e recebeu grandes apoios simbólicos da filha e outro idoso também não é casado e recebeu grandes apoios instrumentais da fratria. Apesar das redes

conjugais e de descendência serem, geralmente, a fonte de grandes apoios simbólicos recebidos, uma idosa recebeu, em paralelo, estes grandes apoios do genro.

Quase todos os mesmos entrevistados receberam pequenos apoios instrumentais de um a dois parentes, que integram, sobretudo, a descendência, mas uma entrevistada recebeu estes apoios, em paralelo, do genro e um entrevistado só auferiu pequenos apoios instrumentais do neto e dos irmãos do genro. Habitualmente, os pequenos apoios instrumentais formalizaram-se no transporte de automóvel para certas atividades (como ir ao médico, ir às compras ou ir para a terra-natal) e (ou) na prestação de serviços. Esta prestação de serviços incluiu o tratamento de assuntos financeiros, as obras no domicílio e os serviços de cabeleireiro, no caso dos idosos que se inscrevem na categoria dos empregados executantes; as obras no domicílio e na casa de férias e a marcação de consultas, no caso das idosas que se inscreveram na categoria dos profissionais técnicos e de enquadramento; e o tratamento de assuntos financeiros e a marcação de consultas, no caso do idoso que se incluiu na categoria dos empresários, dirigentes e profissionais liberais. Observamos uma certa indiferenciação do efeito das categorias socioprofissionais, em que os mesmos idosos se englobaram ou englobam, nos pequenos apoios instrumentais obtidos. Num caso minoritário, não houve receção de apoios familiares que suplantem os pequenos apoios simbólicos.

Constatamos que a estrutura posicional destes idosos está a ordenar o povoamento das redes de descendência (uma parcela da agência), mas não está a ordenar, consideravelmente, as funções das mesmas redes (uma parcela da estrutura reticular). Portanto, não observamos uma ‘reciprocidade imediata’, isto é, o cruzamento significativo entre os apoios descendentes e os mesmos apoios ascendentes (Bawin-Legros, Gauthier e Stassen, 1995), na troca de apoios que excedem os pequenos apoios simbólicos, porque quer os mesmos idosos concedam grandes ou pequenos apoios instrumentais aos descendentes, quer não os concedam, recebem, geralmente, pequenos apoios instrumentais e (ou) grandes apoios simbólicos da rede de descendência e, por isso, os descendentes dão, simbolicamente, mais do que recebem e (ou) dão, instrumentalmente, menos do que recebem, de modo indiferenciado relativamente à estrutura posicional dos idosos.

Exclusivamente em dois casos, um nó das redes amicais residentes no interior do bairro foi objeto da prestação de grandes apoios simbólicos, por meio do apoio moral em situação de doença, e, num destes casos, existe uma troca de pequenos apoios instrumentais com um nó vicinal. Os restantes casos dão, simplesmente, pequenos apoios simbólicos aos nós amicais que residem dentro do bairro. A generalidade destes idosos recebeu, unicamente, pequenos apoios simbólicos dos amigos residentes dentro do bairro, salvo uma idosa, que recebeu grandes apoios

simbólicos de um destes nós amicais, por intermédio do apoio moral, em situação de doença, e da assunção de responsabilidades morais pelo seu património, e um idoso, que recebeu grandes apoios simbólicos de sete nós amicais residentes no interior do bairro, por intermédio do apoio moral, em situação de doença.

Menos de metade destes idosos dá pequenos apoios simbólicos aos nós de conhecidos residentes dentro do bairro, expressos em conversas mais ou menos curtas, sendo que os outros não convivem com todos ou com uma parte dos nós de conhecimento ali residentes e apenas os cumprimentam. Então, mais de metade destes entrevistados idosos não recebe pequenos apoios simbólicos de todos ou de certos nós das redes de conhecimento residentes no bairro e os outros convivem com estas redes. Mais de metade destes idosos concede pequenos apoios simbólicos a certos proprietários e empregados do comércio tradicional do bairro, quando conversam um pouco no contexto da requisição dos serviços. Uma grande parte destes entrevistados recebe, pois, pequenos apoios simbólicos de certos proprietários e empregados do comércio tradicional do bairro. Mas, os idosos mencionam todos os comerciantes com quem interagem, mencionam, unicamente, uma parte dos mesmos ou não os mencionam<sup>114</sup>. Um idoso recebe pequenos apoios instrumentais de um casal dos mesmos proprietários, quando lhe vendem fiado. Mais de metade destes entrevistados não tem redes de conhecimento residentes fora do bairro, uma idosa não menciona estas redes e outra idosa menciona trocar pequenos apoios simbólicos com os nós de conhecimento residentes fora do bairro, patentes em conversas mais ou menos curtas. Dois indivíduos dão os mesmos pequenos apoios simbólicos às redes profissionais, por intermédio do desempenho de trabalho profissional, mas estas não são consideradas redes amicais.

Apesar das semelhanças encontradas entre estes residentes do lado Este do Bairro de São José e da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros ou das proximidades, os primeiros não contêm redes amicais residentes fora do bairro. Já os últimos possuem redes amicais residentes fora do bairro e, geralmente, não lhes concedem apoios que transcendam os pequenos apoios simbólicos. No entanto, ambos os membros de um casal prestaram grandes apoios simbólicos a uma ex-parente, ao cederem um dos nomes da família após esta se ter divorciado, e o homem do casal deu grandes apoios instrumentais a um ex-colega de trabalho, quando o ajudou a obter um emprego. Apenas uma idosa recebeu grandes apoios simbólicos de duas amigas residentes

<sup>114</sup> Assistimos, no decorrer da etnografia na Rua dos Arneiros, a uma interação em que um destes idosos recebeu pequenos apoios simbólicos de um proprietário do comércio tradicional, no contexto de problemas causados pela idade, mas não considerou que essas interações constituissem apoios, o que, geralmente, influenciou as ausências de menção espontânea (de todos ou de uma parte) dos comerciantes, mais acentuadas nos idosos residentes em Benfica.

fora do bairro, em situação de divórcio, mas outra idosa recebeu uma disponibilidade hipotética para a prestação de grandes apoios instrumentais de uma amiga residente fora do bairro.

Observamos que os apoios recebidos por estes indivíduos, que transcendem os pequenos apoios simbólicos, foram prestados por um número superior de mulheres e os mesmos apoios dados pelos idosos abrangeram, também, um maior número de mulheres (Bracke, Christiaens e Wauteric, 2008).

A rede de parentesco restrita das três idosas que deixaram de morar na Rua dos Arneiros ou no lado Este do Bairro de São José, foi ou é composta por toda a família ou, sensivelmente, um quinto da família. Apenas uma destas tem nós de fratria com quem se encontra casualmente e dá grandes apoios simbólicos a dois dos mesmos, bem como dá grandes apoios instrumentais ao filho, por meio do cuidar direcionado para a neta, e partilha grandes apoios instrumentais e simbólicos com o marido, não tendo existido, no contexto das redes amicais residentes dentro e fora do Bairro de Benfica, outros apoios prestados e recebidos, que transponham os pequenos apoios simbólicos, com exceção dos grandes apoios simbólicos prestados a Jacinta Carvalheiros (r.e.19). A outra idosa que morou na Rua dos Arneiros contou com membros do parentesco alargado – a quem deu pequenos apoios instrumentais e (ou) grandes apoios simbólicos – para a obtenção de pequenos apoios instrumentais e grandes apoios e simbólicos, oferece grandes apoios instrumentais a um filho e recebe pequenos apoios instrumentais dos filhos. Para além disso, esta mesma idosa recebeu grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais de um nó amical residente no Bairro de Benfica e recebeu grandes apoios simbólicos de oito nós amicais residentes fora deste bairro, prestou estes apoios a uma ex-vizinha e tem laços amicais com os proprietários do *Restaurante Os Piodeses*. A ex-residente do lado Este do Bairro de São José não teve família de procriação e interagiu, principalmente, com um sobrinho, de quem recebeu todos os tipos de apoios, no entanto, usufruiu, igualmente, dos serviços do *Vassouras & Companhia* e deu grandes apoios simbólicos a uma amiga residente do lado Oeste do bairro.

Vemos que as duas primeiras idosas não se distanciam aqui grandemente das tendências mais gerais dos idosos que residem, presentemente, nos dois bairros, uma vez que existiram ou existem grandes apoios recebidos das suas redes sociais e grandes apoios dados às suas redes sociais. No entanto, a última idosa teve restrições nos apoios concedidos à rede de parentesco, mas observamos, neste caso minoritário como outros casos minoritários de idosos, sobretudo, residentes no Bairro de São José e inscritos em outros tipos-ideais, uma existência de laços de parentesco mais fortes para quem menos os tem, apesar de não existir sempre reciprocidade nos apoios. Por outro lado, notamos que os grupos etários dos idosos residentes em ambos os bairros

– geralmente, mais anosos no Bairro de São José e menos anosos no Bairro de Benfica – têm uma influência considerável no facto de que certos idosos deixaram de morar no Bairro de Benfica e mudaram-se para apartamentos comprados ou alugados noutras locais e certos idosos também deixaram de morar no Bairro de São José, mas foram institucionalizados em lares.

Existem outras semelhanças entre os idosos, que residem, atualmente, do lado Este do Bairro de São José e na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros ou nas proximidades, no que respeita aos familiares que são considerados mais próximos e à inclusão (ou não) de nós amicais no parentesco subjetivo. Consequentemente, notamos que a rede de parentesco mais próxima é formada por todos os membros, em menos de metade dos casos, é constituída pelos parentes com quem mais se relacionam, mesmo que possam contar somente com uma parte destes se precisarem ou mesmo que não possam contar com estes, numa fração igual de casos, e inclui aqueles parentes com quem mais pode contar num momento em que precise, num único caso. Para um indivíduo todos os amigos estão englobados na rede de parentesco subjetiva, outros dois introduzem os ex-parentes (por motivo do divórcio dos filhos) no parentesco subjetivo, duas entrevistadas consideram que uma amiga inclui o parentesco subjetivo, um entrevistado coloca de modo superficial, mas não por completo, praticamente todos os nós das redes amicais no parentesco subjetivo e, finalmente, uma idosa não aceita esta conformidade entre amigos e familiares, nem mesmo superficialmente. Por conseguinte, observamos que, com uma exceção, os indivíduos entendem que certos ou todos os amigos estão integrados no parentesco subjetivo, mesmo que se trate de uma integração superficialmente considerada.

Não observamos, pois, uma relação estreita entre restrições familiares e a colocação de amigos no parentesco subjetivo, o que significa não estarmos perante uma inserção de amigos na parentela baseada na inexistência de apoios familiares, que necessitem de substituição, mas estamos, de maneira diferente, perante uma inserção que demonstra abertura nas representações de família, ocasionadora de uma inclusão de certos ou de todos os amigos na família, mesmo que os idosos não troquem com estes amigos mais do que pequenos apoios simbólicos. Por isso, no caso em que as restrições familiares são maiores, observamos uma recusa de incluir amigos no parentesco subjetivo, porque não existe abertura nas representações de família.

Certos indivíduos, aqui inscritos, que residem em espaços dos bairros de Benfica e São José ou num espaço contíguo ao Bairro de São José, onde não recaíram os maiores enfoques desta investigação, recusam a inserção de nós amicais no parentesco subjetivo, mas as situações em que se encontram aproximam-se ou distanciam-se da generalidade dos casos inscritos neste

tipo e apresentados anteriormente, no que diz respeito à existência de grandes apoios dados e recebidos, o que aponta, também, para um fechamento das representações de família.

É interessante assinalar que Leandro Rodrigues (r.e.11), residente no Bairro da Boavista, tem redes médias, apesar do número de nós destas redes estar próximo do limite inferior das redes médias. A rede familiar é pautada por restrições tanto no número de nós que constituem a rede de parentesco restrita, como nos apoios, que transpõem os pequenos apoios simbólicos, recebidos desta rede. Estes apoios contemplam a receção de pequenos apoios instrumentais, dados pela filha e pelo compadre, sendo que existe uma troca destes apoios com a primeira. Quanto a outros apoios recebidos, que superaram os pequenos apoios simbólicos, o entrevistado recebe pequenos apoios instrumentais de certos profissionais empregados no *Centro de Dia do Charquinho*, por intermédio da frequência das aulas de Ginástica (a baixo custo), assim como recebeu estes apoios de cinco amigas residentes no exterior do bairro, a quem também os deu, e dá estes apoios a uma vizinha.

A rede de parentesco restrita de Dolores Lopes (r.e.13), uma residente do lado Oeste do Bairro de São José, contém dez familiares, sendo que dá grandes apoios instrumentais a um dos filhos, bem como recebe grandes apoios simbólicos de quatro parentes (dois filhos, uma nora e uma neta), grandes apoios instrumentais de um dos mesmos quatro parentes e pequenos apoios instrumentais de dois desses mesmos quatro parentes. A vertente de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, onde esta idosa está inserida, dá um contributo vital para a receção de grandes apoios simbólicos e instrumentais, mas não suprime a importância da família, da vizinhança, dos proprietários do comércio tradicional do bairro e dos elementos da junta de freguesia, no que concerne à receção de apoios que transpõem os pequenos apoios simbólicos. No cômputo geral, esta idosa possui redes médias.

Amália Fernandes (r.e.15), residente num bairro contíguo ao Bairro de São José, detém redes sociais pequenas com restrições familiares não apenas no número de nós que integram a rede de parentesco restrita, mas também nos apoios recebidos da mesma, visto que quase não está, presencialmente, com os familiares incluídos nessa mesma rede restrita, mas dá grandes apoios instrumentais ao neto, patentes na cedência de uma casa para habitação. Estas restrições são compensadas pelos grandes apoios instrumentais recebidos por intermédio do povoamento da valência de centro de dia do *Centro de Dia e Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José* e pelos grandes apoios simbólicos recebidos dos profissionais de uma clínica dentária, uma organização que se encontra instalada no seu prédio.

Os indivíduos aqui inscritos (encontraram-se ou) encontram-se em diferentes situações no que respeita ao povoamento dos espaços (locais, interlocais e supralocais). Certos indivíduos (encontraram-se ou) encontram-se em situações de confinamento ao espaço doméstico e (ou) ao espaço do centro de dia, outros indivíduos encontram-se em situações de confinamento ao espaço do bairro e outros indivíduos, ainda, (fizeram ou) fazem um povoamento ativo do espaço do bairro e de diferentes espaços da cidade de Lisboa e do país. A maioria dos idosos residentes no Bairro de Benfica conheceu, pelo menos, um país estrangeiro, mesmo quando não continua a ir ao estrangeiro, o que não aconteceu com os outros idosos.

Nos casos aqui estudados observamos, ainda, uma multiplicidade de povoamentos das redes sociais, bem como observamos uma multiplicidade de objetivos e resultados, quando se fizeram, individualmente e conscientemente, pelo menos, uma proposta e (ou) uma reclamação, mesmo quando os objetivos não foram contados abertamente. Confrontamo-nos, também, com uma multiplicidade de opiniões sobre aquelas intervenções acionadas, quando o acionamento foi claramente assumido. De uma parte, as propostas e as reclamações traziam lucros para os espaços urbanos e as comunidades locais, mas não foram aceites e concretizadas, o que levou os agentes a considerar que as organizações contactadas não aderiram às suas intervenções, que estas não obtiveram eco ou que tudo continuou como anteriormente. De outra parte, quando as reclamações, com lucros mais individuais, foram respeitadas e aceites os idosos continuaram a povoar as organizações e se as reclamações não foram respeitadas ou aceites estes escolheram não as povoar, a não ser que os apoios obtidos fossem muito necessários. Certos idosos julgam que ‘devíamos ser polícias uns dos outros’ e chamar a atenção dos outros residentes locais, quando estes não agem corretamente no espaço público, ou consideram que as reclamações, por vezes, estão ‘mesmo na ponta da língua’, sendo impossível não as verbalizar.

Mesmo assim, observamos, no presente tipo, uma recorrente falta de capacidade das organizações para não motivar reclamações e dar seguimento às reclamações e às propostas dos agentes e, quando pensamos no Bairro de Benfica, essa mesma falta de capacidade é extensível a certos residentes locais. Daqui decorre que os ‘custos’ e a ‘extinção’, usando as palavras de Homans (1958), associados aos incumprimentos e às faltas de seguimento destas organizações e de certos residentes, podem conduzir à mudança do comportamento destes agentes, incluindo não fazer nada para melhorar os bairros, mesmo que o interesse das propostas e reclamações inclua, numa parte importante destes casos, uma motivação até certo ponto egoísta. Como as reclamações e propostas destes idosos – enquanto ações, sobretudo, racionais – se concretizam, por um lado, na escolha dos seus sentidos mais eficazes, racionalmente orientadores das opções

que estes fazem e, por outro, decorrem das consequências da aglomeração dos resultados destas opções (Pires, 2007), é importante que as mesmas escolhas e opções sejam profícias ou que os resultados cumpram os objetivos pretendidos. É, também, importante que as mesmas escolhas e opções sejam eficientes no domínio relacional, uma vez que são, igualmente, direcionadas em termos relacionais (Pires, 2007).

Este tipo é ocupado por idosos com uma multiplicidade de povoamentos das redes e dos espaços. Estes idosos (tiveram ou) têm conversas ocasionais sobre os bairros e conversas raras sobre outros espaços e comunidades. Além disso, até quando não o reconheceram, estimularam, individualmente, organizações locais, organizações, mais vastas, relacionadas com os bairros e, em casos minoritários, outros residentes locais, com recurso a propostas e a reclamações, que fizeram nem sempre com êxito, o que continua a acontecer na maior parte dos casos. Parece-nos, deste modo, interessante dar ao mesmo tipo a designação de *agentes incentivadores*.

### **Agentes conversadores**

As interações nos espaços urbanos (públicos e semipúblicos) locais incluem, por vezes, algumas conversas sobre os bairros, como foi claro até aqui, mas existem casos de idosos que agenciam, exclusivamente, em prol dos bairros, por intermédio das conversas mantidas sobre os mesmos. No entanto, se houveram indivíduos que referiram estas conversas, quando foram questionados sobre este assunto na entrevista semiestruturada, houveram outros indivíduos que não as assumiram abertamente, tendo contado, noutros momentos da entrevista, circunstâncias de interação abrangedoras de conversas sobre os bairros. De qualquer modo, estes parecem não consciencializar que as conversas a respeito dos bairros são modos de agência, mesmo quando contaram, declaradamente, as conversas que têm. Estes indivíduos praticamente não conversam sobre os espaços e as comunidades interlocais e translocais. Estes mesmos indivíduos contêm redes sociais médias, receberam grandes apoios da rede familiar, à qual também os prestaram, sendo apoiados, igualmente, pelos amigos residentes dentro do bairro, que, por vezes, também apoiaram e, especialmente, pelas organizações locais, bem como se encontram, frequentemente, confinados aos espaços urbanos dos bairros.

Estes indivíduos não têm escolaridade ou fizeram a terceira ou a quarta classe do antigo sistema de ensino e a maioria terminou a carreira profissional na categoria dos empregados executantes, mas duas idosas continuam a trabalhar com inserção na categoria dos trabalhadores independentes. Estes mesmos idosos, geralmente, residem nos bairros de Benfica e São José.

Casos houveram em que os idosos declararam, abertamente, conversar sobre os bairros. Um exemplo ilustrativo dos mesmos casos é Maria Teresa Castro (r.e.23), que assumiu manter conversas esporádicas a respeito das modificações que aconteceram no bairro, designadamente, a respeito das mudanças na Rua dos Arneiros e na Rua Cláudio Nunes, uma paralela à Rua dos Arneiros, e do rio que passou junto à *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*. Maria Teresa Castro comentou nunca ter intervindo em prol do bairro, nem mesmo em termos de reclamações sobre algum assunto com o qual não concordou: “Não, nunca reclamei nada (...) Gosto de tudo muito calmo (...) Não, não tenho razão de queixa. Não, não. E as pessoas tratam-me bem, assim tudo. Não.” (Maria Teresa Castro, r.e.23).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.23 (Maria Teresa Castro)**

Tem oitenta e um anos e não tem escolaridade, findou a carreira como (engomadeira e) empregada de limpeza. É viúva e vive com o filho num apartamento sito no lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, uma rua inserida no Bairro de Benfica. A rede familiar é composta por dois filhos (uma adulta e um adulto), o cônjuge da filha, a neta (por parte da filha), uma irmã, o cunhado e a sobrinha. Troca pequenos apoios simbólicos com estes sete nós. Aquela é única irmã viva de três irmãos, sendo que os outros dois irmãos (um irmão e uma irmã) não tiveram filhos e os seus cônjuges já faleceram. A família que considera mais próxima é formada por ambos os filhos, a neta e a irmã. Recebeu grandes apoios simbólicos dos filhos e da sobrinha, manifestados no apoio moral que lhe deram sempre que se encontrou doente, e recebe pequenos apoios instrumentais dos filhos. Dá grandes apoios instrumentais ao filho, quando permite que resida consigo. As redes amicais de vizinhança, residentes no mesmo prédio, são constituídas por uma idosa e três adultas. Uma destas adultas concedeu-lhe pequenos apoios instrumentais, quando recuperou da colocação de um *pacemaker*, uma vez que lhe ofereceu refeições confeccionadas, outra adulta deu-lhe grandes apoios instrumentais, quando a empregou, na própria casa, como engomadeira, e uma outra adulta oferece-lhe pequenos apoios instrumentais, quando a convida, aos domingos, para almoçar no seu apartamento. Considera que estes últimos dois nós estão, praticamente, incluídos no parentesco subjetivo. Contudo, recebeu grandes apoios simbólicos daqueles quatro nós e considera que, dos nós amicais residentes no interior do bairro, é com aqueles que tem maior proximidade. As redes amicais de vizinhança compreendem, igualmente, Luísa Cardoso (r.e.16), residente noutro prédio do lado Noroeste da rua, com quem trocou grandes apoios simbólicos, em situações de doença. Cumprimenta ou conversa um pouco com dezanove vizinhos (nove idosas, três idosos, quatro adultas e três adultos), residentes do lado Nordeste da sua praceta, e com vinte e oito indivíduos (vinte idosas, cinco idosos, duas adultas, um adulto), residentes do lado Noroeste da rua e na mesma praceta ou muito próximo da mesma, mas considera que englobam as redes de conhecimento residentes dentro do bairro. Conhece nove proprietários e empregados do comércio tradicional (mercearias e restauração) da Rua dos Arneiros. As redes amicais residentes no exterior do bairro são compostas por um idoso e três idosas. Considera que uma das idosas está, completamente, inserida no parentesco subjetivo e trocou grandes apoios com esta, visto que lhe deu grandes apoios instrumentais, por meio das tarefas do cuidar direcionadas para os seus filhos, quando foram crianças, e obteve grandes apoios simbólicos, inerentes às visitas que esta lhe fez nos primeiros tempos de uso do *pacemaker*. É raro deixar o espaço urbano da Rua dos Arneiros.

Contudo, vai, esporadicamente, à Damaia (onde moram a filha e a irmã) e visita Sesimbra com a filha, durante o mês de agosto (porque a irmã, o cunhado, a sobrinha e a neta passam aí férias). Viaja, também, por outros lugares do país, no contexto de passeios criados por uma organização, situada fora do bairro. Em 2015, integrou uma excursão à Itália e levou a neta (para maior detalhe consulte as páginas 424 a 426 exibidas no Anexo D).

Eduardo Marques (r.e.24) afirmou conversar sobre Benfica muito excepcionalmente, mas contou ter mantido conversas, por ocasião das obras públicas de mudança dos arruamentos e reorganização do estacionamento que aconteceram no Bairro do Charquinho (em 2013). Porém, Eduardo não considera pertinente fazer reclamações sobre algo com que não concorda no Bairro de Benfica, como explicou no trecho da entrevista semiestruturada, e nunca interveio de outras maneiras em proveito do mesmo bairro:

“Entrevistador: E conversa sobre Benfica ou sobre o Charquinho? Costuma ter conversas...?

Entrevistado: Não. Eu não tenho conversas com ninguém. Agora quando foram as obras disse-lhes que sim, tive conversas, sim senhor, que gostei das obras que fizeram e, pelo menos, ali ao pé da minha casa ficou aquilo muito jeitoso...

Entrevistador: E aqui não reparou está tudo arranjado?

Entrevistado: Pois, está tudo arranjado... E onde a gente atravessou andam a acabar de arranjar. Portanto, gostei muito das obras que fizeram, sim senhor. Gostei muito! Há pessoas que não, que não gostaram daquelas obras, não sei porquê. Mas eu gostei das obras que eles fizeram. Olhe, foi uma limpeza, pelo menos, no trânsito e no estacionamento foi uma limpeza que eles fizeram.

Entrevistador: E já reclamou alguma coisa com que não concordava? (...) Nunca reclamou?

Entrevistado: Não. Nunca tive problemas com ninguém e para ajudar... Nem... nem pensar, nem pensar numa coisa dessas... Eh pá não... não me convém... Vai-se a um estabelecimento não convém de... quem paga é o dinheiro, é o meu dinheiro... não convém saiu, não me chateio com ninguém, nem... nem... Como não me chateio com ninguém também não dou voz para que se chateiem comigo, não é? Portanto, não me chateio nem me gosto de chatear com ninguém (...)” (Eduardo Marques, r.e.24).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.24 (Eduardo Marques)**

Tem noventa e três anos e a terceira classe do antigo sistema de ensino, ultimou a carreira a trabalhar numa empresa como canteiro. É casado, não tem filhos e vive só num apartamento situado no Bairro do Charquinho, um bairro que integra o Bairro de Benfica. A rede de parentesco é composta pela mulher, pela irmã, pelo filho e pelos netos desta, por uma sobrinha (filha de um irmão falecido), pela cunhada por afinidade (mulher do filho da sua madrasta), pelas filhas, pelos cônjuges das filhas e pelos netos desta. Troca pequenos apoios simbólicos, com alguma regularidade, com a mulher, a irmã, a cunhada e as sobrinhas por afinidade. Trocou grandes apoios instrumentais com a mulher, porque, enquanto fez trabalho profissional, esta realizou, por completo, o trabalho doméstico, o que continuou a acontecer quando se reformou, e trocou grandes apoios simbólicos com a mulher, quando se encontraram com as saúdes debilitadas e quando a mesma se encontrou gravemente doente, antes de ser institucionalizada num lar. Prestou pequenos apoios instrumentais à cunhada por afinidade, ao desempenhar várias tarefas na quinta desta. Praticamente não tem interações com os outros membros da família. No entanto, a família que considera mais próxima é composta por um casal de ex-cunhados idosos e o filho adulto destes,

que integraram a sua família antes de eniuvar da primeira mulher. O filho do casal, cuja profissão é médico, deu-lhe grandes apoios simbólicos, quando se encontrou com problemas de saúde, mas foi remunerado pelos serviços prestados. Estes três nós, atualmente amicais, são residentes em Benfica. Relaciona-se com vinte e oito nós amicais de vizinhança (dez idosas, oito idosos, seis adultos e quatro adultas). No entanto, as redes amicais residentes em Benfica são, identicamente, preenchidas por quinze amigos idosos, com quem se encontra na *Pastelaria Nilo*, e um destes presta-lhe grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais, quando o transporta de automóvel e lhe dá o apoio moral necessário para resolver e aliviar problemas de saúde. Para além disso, relaciona-se, amicalmente, com dez utentes idosos do *Grupo Cultural Recreativo e Desportivo Os Kapas*. Considera que, sensivelmente, metade dos amigos integram o parentesco subjetivo. As redes de conhecimento residentes em Benfica são formadas pelos treze utentes (sete idosas e seis idosos) das aulas de Ginástica a baixo custo, que tomam lugar no *Centro de Dia do Charquinho*, onde interage com três profissionais, que lhe prestam pequenos apoios instrumentais. As redes residentes no exterior do bairro englobam, unicamente, três conhecidos idosos. Faz um povoamento de Benfica que abrange a restauração e as mesmas três organizações aí sediadas, bem como abrange a *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*. Frequentava, uma a duas vezes por mês, a quinta da cunhada por afinidade, localizada nos arredores de Lisboa, e faz passeios organizados pela *Associação de Reformados de Benfica* (para mais minúcia consulte as páginas 427 a 431 incluídas no Anexo D).

Com Ricardo Lemos (r.e.25) foi, identicamente, o que sucedeu. Ricardo conversou com certos nós de vizinhança a respeito da auxiliar do *Vassouras & Companhia* (da antiga *Junta de Freguesia de São José*) que lhe deu grandes apoios, durante os dias úteis. Contudo, o idoso não interveio em benefício do espaço urbano local e da comunidade local, porque teve demência e quase ausência de visão e audição, o que diminuiu as suas capacidades mentais e físicas.

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.25 (Ricardo Lemos)**

Em 2012 foi institucionalizado num lar e deixámos de contactar. Teve oitenta e três anos, não teve escolaridade e terminou a carreira como estofador por conta doutrem. Foi casado e viveu só numa casa, situada na Rua do Carrião, do lado Este do Bairro de São José. Teve demência, viu e ouviu muito mal. A mulher foi morar com uma filha de outro casamento, devido a um problema de saúde, mas conversaram ao telefone. A rede familiar, com quem interagiu em certos fins-de-semana, englobou dois nós (a filha e uma neta, por parte da filha). Estes prestaram-lhe grandes apoios simbólicos, inerentes às visitas que lhe fizeram, e grandes apoios instrumentais, formalizados na gestão da reforma, nos acompanhamentos ao médico e na compra de alimentos e medicamentos necessários. Teve um filho e um neto (por parte da filha) com quem não interagiu. As redes amicais contiveram três residentes no mesmo prédio, um casal de idosos e o filho adulto, que lhe deram grandes apoios simbólicos, uma vez que o protegeram dos ataques de demência, como, por exemplo, quando foi para o telhado, durante a madrugada. Essa vizinha teve uma chave de sua casa para lhe dar, também, grandes apoios instrumentais, por via dos cuidados quotidianos (ajudar a jantar e administrar a medicação), prestados durante a noite. Considerou que os amigos estavam incluídos no parentesco subjetivo. Interagiu com uma adulta empregada numa padaria, situada na Rua das Pretas, assim como cumprimentou, e conversou um pouco com, dez idosas englobadas nas redes de conhecimento vicinal, quando se encontrou com uma auxiliar do *Vassouras & Companhia*. Aos dias

úteis, foi sempre a mesma auxiliar que lhe prestou grandes apoios instrumentais e simbólicos, organizados pela coordenadora do projeto que o cumprimentou sempre que se encontraram. Os grandes apoios instrumentais foram prestados por intermédio das tarefas domésticas executadas na sua casa (limpeza, arrumação e preparação do jantar), das tarefas do cuidar (dar banho e fazer a barba), que aconteceram nos balneários do *Centro Social Laura Alves*, e dos acompanhamentos a pé ao *Centro Social Laura Alves*, para ir almoçar e tomar banho. Além disso, os grandes apoios simbólicos foram prestados por meio da companhia que lhe fez. No entanto, passou a maior parte do quotidiano em casa, onde esteve trancado à chave.

Outro exemplo destas situações é Carolina Martins (r.e.26), que afirmou conversar com as redes amicais residentes no interior do bairro sobre a *Junta de Freguesia de Santo António*, os elementos que a integram e as atividades que estes promovem, sobre a *Igreja Paroquial de São José da Anunciada* e as missas aí celebradas e sobre o passado do espaço urbano do bairro. Esta idosa comentou não ter intervindo em benefício do bairro, por motivo dos seus problemas continuados de saúde, sendo que comentou, igualmente, não ter reclamado algo com que não concordou no bairro, por motivo da incapacidade que sente para proceder deste modo:

“Entrevistador: Conversa sobre São José?

Entrevistado: Então não conversamos aqui da junta e da igreja e tudo? (...)

Entrevistador: E já reclamou alguma coisa de que não gostasse aqui em São José?

Entrevistado: Antes que tivesse que recusar não recusava (...) Nunca recusava (...) Nada, nada. Olhe, já tenho comido bolos rijíssimos e ali em baixo na padaria, há tempos, comi um bolo que era mesmo rijo, não fui capaz de o dizer à padeira, disse-o em casa e disse a outra senhora que disse assim: ‘E a senhora não disse?’ ‘Não senhora. A gente na nossa casa também come o pão do outro dia, o que crescer, e como não consigo dar uma resposta a uma pessoa... (...)

Entrevistador: Já tomou alguma iniciativa para melhorar São José? Alguma coisa que tenha feito para melhorar...

Entrevistado: Não, porque eu desde princípio... Não, eu desde que para cá vim andei sempre nos médicos... tenho uma coisa de cada hospital... tinha um cartão de cada hospital... Eu já disse aos médicos ali de São José: ‘Oh Senhor Doutor há cá alguém que cá venha mais vezes do que eu?’. ‘Só há outra.’” (Carolina Martins, r.e.26).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.26 (Carolina Martins)**

Tem oitenta anos e a terceira classe do antigo sistema de ensino, foi empregada de limpeza. É casada e vive em casal num apartamento da Rua de São José, posicionada no lado Este do Bairro de São José. Realiza todo o trabalho doméstico e partilha as despesas da casa com o marido. Tem uma filha casada e duas netas residentes dentro do bairro. Deu e dá grandes apoios instrumentais à filha, ao genro e às netas, formalizados no pagamento mensal da renda de uma casa onde moraram e em ofertas regulares de alimentos e outros produtos, bem como recebe pequenos apoios instrumentais da filha e do genro, que lhe dão frutas e flores do seu quintal. Tem dois irmãos vivos sem filhos, um irmão (dois anos) mais velho, de quem recebeu grandes apoios instrumentais, patentes em ofertas habituais de alimentos, e uma irmã (dois anos) mais nova, com quem se incompatibilizou. Tem, além disso, oito sobrinhos (filhos de cinco falecidos irmãos) e seis sobrinhos-netos que raramente vê, mas troca pequenos apoios simbólicos frequentes com duas sobrinhas (filhas da falecida irmã mais velha), que lhe

telefonam regularmente. O marido, a filha, o genro, as duas netas, o irmão e as duas sobrinhas prestaram-lhe grandes apoios simbólicos, quando partiu uma perna, uma vez que a foram visitar ao hospital. A família que considera mais próxima é composta por todos os familiares. Pensa que os residentes do Bairro de São José são próximos de si, dão apoios uns aos outros e constituem uma família. No entanto, relaciona-se mais com certos residentes e não só destaca os laços de amizade que tem com uma residente idosa, como também destaca as relações amicais desenvolvidas com três grupos de residentes idosas que frequentam distintos espaços urbanos da Avenida da Liberdade, a saber, o grupo de cinco idosas que se encontram na zona de restauração do *Tivoli Forum*, o grupo de, aproximadamente, dez idosas que fazem Hidroginástica no *Holmes Place Avenida* e o grupo de sete idosas que mais povoam os bancos de jardim. Deu grandes apoios simbólicos a Cristina Patrício (r.e.27), integrante dos dois últimos grupos, quando a mesma esteve doente, uma vez que foi visitá-la ao hospital. Referiu a empregada da papelaria do *Tivoli Forum*, com quem se relaciona, o proprietário da *Leitaria Francesa* e uma das empregadas de uma padaria, situada na Rua das Pretas. Além disso, referiu o casal de proprietários de uma mercearia do bairro, posicionada na Rua de São José, que lhe vende fiado desde meados do mês até receber a pensão novamente, e a proprietária de outro café-leitaria que lhe dá pequenos apoios instrumentais, ao oferecer-lhe, diariamente, um café. Também interage com os utentes e a Professora das Aulas de Ginástica da *Junta de Freguesia de Santo António* e com a Coordenadora do *Vassouras & Companhia*, as últimas residentes no Bairro de São José. A Coordenadora do *Departamento de Ação Social* e o Presidente da *Junta de Freguesia de Santo António*, com quem também interage, encabeçam a oferta de pequenos apoios instrumentais, concedidos pela professora de Ginástica e pelo *Holmes Place Avenida* e, para além disso, formalizados nas dádivas de géneros alimentares. As redes amicais residentes fora do bairro são compostas por quatro casais de idosos e uma adulta que moram nos arredores de Lisboa (mais precisamente, na Cruz de Pau), onde tem uma casa com horta, e duas adultas que trabalham num café ali situado. Tem quatro conhecidos que trabalham ou residem neste local ou perto deste. Povoa, também, o *Holmes Place Avenida*, uma vez por semana, as aulas de Ginástica da *Junta de Freguesia de Santo António*, duas vezes por semana, tal como o *Tivoli Forum* e os cafés-leitarias do lado Este do bairro, diariamente. Vai à missa na *Igreja Paroquial de São José da Anunciada*, durante o fim-de-semana, e faz compras nas promoções de supermercados, dispostos no Bairro do Sagrado Coração de Jesus.

Cristina Patrício (r.e.27) disse nunca ter intervindo em proveito do bairro. Apesar disso, conversa sobre os residentes do bairro, o espaço urbano do bairro e os diferentes executivos que constituíram a *Junta de Freguesia de São José*, tal como o executivo e o *staff* que constituem a atual *Junta de Freguesia de Santo António* e é uma idosa que assumiu, explicitamente, ao longo da entrevista semiestruturada, as conversas que tem sobre o bairro, como mostra este excerto:

“Entrevistador: E o que é que dizem sobre São José?

Entrevistado: Há pessoas que dizem bem, há pessoas que dizem mal. Há pessoas que dizem mal de tudo! Olhe, para mim está sempre tudo bem. Às vezes, vamos num almoço aqui da junta... Quando era o outro presidente, o Senhor Oliveira, demos muitos passeios para o Norte, passeios muito bons mesmo, não é, mas havia sempre, sempre, sempre quem dissesse mal, sempre, há sempre uma ovelha ranhosa para dizer mal. Eu não. Às vezes, procurava-me o Senhor Presidente: ‘Então, gostou do passeio?’, ‘Oh gostei, soube-me a pouco.’, dizia-lhe eu. E com este é a mesma coisa, não tenho nada que dizer, gosto do presidente e gosto da Inês, gosto de todos aqui da junta, das pequenas que estão lá dentro, não tenho nada que dizer.

Entrevistador: Mas, por exemplo, sobre as ruas serem inclinadas...

Entrevistado: Então, mas o que é que a gente há de fazer, elas estão feitas, não foi a gente que as fez, é do Marquês de Pombal (...). A casa onde eu vivo é do Marquês de Pombal, já estão feitas a gente tem que aguentar (...). Ah os prédios antigos nenhum tinha elevador." (Cristina Patrício, r.e.27).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.27 (Cristina Patrício)**

Tem oitenta e oito anos, fez a quarta classe do antigo sistema de ensino e trabalha, profissionalmente, enquanto costureira por conta própria. É viúva, não tem filhos e vive só numa casa da Rua da Fé, situada no lado Este do Bairro de São José. A cunhada, a irmã e o cunhado, os dez sobrinhos, os treze sobrinhos-netos e três sobrinhos-bisnetos constituem a sua rede de parentesco. Considera que todos pertencem à família mais próxima e troca pequenos apoios simbólicos com todos. Contou com grandes apoios simbólicos da irmã, do cunhado e de seis sobrinhas, quando esteve doente, em 2012, e a irmã e o cunhado propuseram-lhe que passasse uns dias em casa deles, mas não aceitou. Dos dezanove nós amicais de vizinhança (uma criança, dois adolescentes, três adultas, um adulto, nove idosas e três idosos), que considera próximos, contou com grandes apoios simbólicos de duas idosas e uma adulta, mas também de uma conhecida idosa que reside um pouco mais longe, na mesma situação. A uma das vizinhas idosas tinha dado grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais, ao confortá-la e ao prestar-lhe cuidados quando esteve doente. Transfere grandes apoios simbólicos para outra vizinha idosa, em situação de doença. As redes de conhecimento residentes no interior do bairro englobam vinte e cinco nós (essencialmente, idosas) que residem na vizinhança e ligeiramente mais longe. Além da professora de Ginástica, uma adulta residente no interior do bairro, relaciona-se com outros dois profissionais da *Junta de Freguesia de Santo António* (a Coordenadora do *Departamento de Ação Social* e o Presidente da *Junta de Freguesia de Santo António*). Qualquer um destes três profissionais dá-lhe pequenos apoios instrumentais, por intermédio das suas competências. Relaciona-se, igualmente, com dois proprietários do comércio tradicional da sua rua (peixaria e restaurante). Não detém amigos nem conhecidos residentes no exterior do bairro. Considera que os indivíduos que formam as suas redes amicais não estão integrados no parentesco subjetivo. Os profissionais empregados no bairro com quem interage são todos adultos. Frequenta tanto as aulas de Ginástica, daquela junta, como as aulas de Hidroginástica do *Holmes Place Avenida*, faz as compras no comércio tradicional do bairro e senta-se, entre duas a três vezes por semana, nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade, o que resulta em saídas do domicílio de, aproximadamente, duas horas por dia. No entanto, aos domingos, geralmente, não sai de casa (para maiores refinamentos consulte as páginas 432 a 436 expostas no Anexo D).

Por fim, em outros casos estudados, os idosos não admitiram conversar a respeito dos bairros, mas contaram, noutros momentos da entrevista semiestruturada, contextos sociais de interação que incluíram estas conversas. Francisca Silva (r.e.28), por exemplo, uma residente no Bairro do Charquinho, um bairro que sempre pertenceu ao Bairro de Benfica, apesar de ter salientado que não interveio em prol de Benfica e que cumprimenta apenas as vizinhas e não se detém a conversar sobre Benfica, contou, num outro momento da entrevista, conversas que mantém com determinadas vizinhas, quando deixam o Bairro do Charquinho e vão para outros

locais de Benfica: “Até porque eu acho que Benfica já é um bocadinho da Baixa [de Benfica]<sup>115</sup>. Tanto que a gente quando viemos para cá... e agora mesmo dizemos: ‘Vamos a Benfica.’. Ora, se nós estamos em Benfica... Isto tudo é Benfica, mas não, se vamos lá a baixo dizemos que vamos a Benfica, mas somos nós as do bairro [do Bairro do Charquinho] que dizemos isso (... )” (Francisca Silva, r.e.28).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.28** (Francisca Silva)

Tem oitenta e três anos e a quarta classe do antigo sistema de ensino, trabalha como costureira por conta própria. É casada e vive em casal num apartamento localizado no Bairro do Charquinho, um bairro que está integrado no Bairro de Benfica. A rede de parentesco, que considera mais próxima, é composta pelo marido, pelos dois filhos, pelas noras e pelos três netos (dois adolescentes e uma adolescente, sendo a última a única neta por parte do filho mais novo), é com os mesmos que se encontra mais frequentemente, visto que deixou de se relacionar com o sobrinho, a mulher deste e os dois sobrinhos-netos, na altura em que a irmã faleceu. Recebeu grandes apoios simbólicos da família que considera mais próxima, quando foi operada a um peito, uma vez que a foram visitar ao hospital e deram-lhe apoio moral, e recebeu grandes apoios instrumentais de uma nora e do marido, que fizeram todas as tarefas domésticas, durante o período em que recuperou da operação. Dá grandes apoios simbólicos ao marido, quando este se encontra doente, e troca grandes apoios instrumentais com o mesmo, visto que fazem uma distribuição parcial do trabalho doméstico, mas o rendimento do marido preenche, quase por completo, a bolsa conjugal. Deu grandes apoios instrumentais a ambos os filhos, ao ocupar-se das tarefas de cuidar direcionadas para os netos, antes destes irem para a escola. Das redes amicais residentes dentro do Bairro do Charquinho destacou seis vizinhas (três idosas e três adultas) e salientou, igualmente, dez conhecidas idosas de quem se sente um pouco mais distanciada. Acrescentou às suas redes amicais uma idosa, que mora em outro local de Benfica, e outra idosa residente na Amadora. Com as últimas relaciona-se, semanalmente, nas aulas de Arraiolos do *Centro de Dia do Charquinho*, cuja professora também está incluída nas redes amicais residentes dentro do Bairro de Benfica. Considera que as mesmas (seis) amigas não lhe dão mais do que pequenos apoios simbólicos, como o convívio e a diversão, e não inclui qualquer uma destas no parentesco subjetivo. Interage, também, com os dois elementos (uma idosa e uma adulta) da direção deste centro de dia, que considera amigos e que, juntamente com a professora de Arraiolos, lhe dão pequenos apoios instrumentais, por via da frequência das aulas a baixo custo. Foca o povoamento do espaço em Benfica. Aí povoava, sobretudo, espaços do Charquinho ou aí próximos (o *Centro de Dia do Charquinho* e um supermercado *Pingo Doce*) e um espaço mais distante (o *Refeitório do Parque Florestal de Monsanto*, situado na Cruz das Oliveiras, onde o marido obtém um desconto porque é reformado da *Câmara Municipal de Lisboa*). Aí também povoava, ocasionalmente, alguns outros espaços próximos do Charquinho (o *Hospital da Luz* e o *Centro Comercial Colombo*) e mais distantes (como a Estrada de Benfica). Dá passeios, organizados pela *Junta de Freguesia de Benfica* e pela *Associação de Reformados de Benfica*, a outras zonas do país.

<sup>115</sup> Os residentes mais idosos do Bairro de Benfica chamam ‘Baixa de Benfica’ ou ‘Benfica’, sobretudo, ao ponto Sudoeste do bairro que compreende vários espaços urbanos públicos e semipúblicos, como o *Chafariz de Benfica*, a *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*, a *Pastelaria Nilo* e algumas lojas de comércio tradicional, uma vez que, no passado, esta foi a área mais urbanizada do bairro.

Outro exemplo dos mesmos casos é a agente Rita Negreiro (r.e.29), que reportou não ter intervindo em benefício do bairro, nem mesmo na forma de reclamações sobre algo com que não concordou, e reportou conversar com certas amigas, apenas, sobre as vivências passadas. Contudo, noutro momento da entrevista semiestruturada, esta idosa descreveu os comentários de algumas vizinhas sobre a sua frequência de uma padaria, localizada na Rua das Pretas, e sobre o tempo que passa com aquelas amigas nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade. Estes comentários suscitam conversas entre Rita e as amigas, tal como entre as mesmas e estas vizinhas que os fazem:

“Entrevistador: (...) Por exemplo, numa mercearia, num café ou até com alguém já disse: ‘Desculpe, mas não pode ser assim, não quero isso assim.’?

Entrevistado: Não, eu já vou já... quando vou já sei onde vou, mas há muita gente lá da rua que repara. ‘Ah aquela para o café! Eu nunca fui a um café! Eu nunca fui... Nunca fui a um café! (...)’ Começam logo a desacreditar a gente! Pois eu não vou tomar (...) pequeno-almoço nem nada, que o meu dinheiro não dá para tomar pequeno-almoço. ‘Ah você ao sábado...’ ‘Eu ao sábado, por amor de Deus!’. Reparam em tudo o que a gente faz! (...) ‘Ah porque tem muito dinheiro! Porque tem muito dinheiro! Porque assim e porque assado. Não é por ter muito dinheiro, às vezes, até sabe Deus como, não é. Pronto, mas é uma... pronto, um desabafo. É uma alegria estarmos a falar uns com os outros, não é? Mas há lá gente que repara! A Dona Henrique [r.e.6] e a Dona Teresa [r.e.7] sabem! Também sabem! (...) Vamos para a Avenida: ‘Lá vão as galérias! Lá vão as galérias!’ (...) Agora vou para lá, se ainda for cedo vou ter um bocadinho com elas, ainda anteontem fui lá ter um bocadinho com elas, com a Dona Teresa e com a Dona Manuela [r.e.5]. Elas vieram-se embora, eu também vim, mas eu não vim para casa, eu vim para a padaria (...)” (Rita Negreiro, r.e.29).

#### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.29 (Rita Negreiro)**

Tem setenta e nove anos, não tem escolaridade e findou a carreira como empregada doméstica. É viúva e vive com a filha mais velha num apartamento da Rua do Cardal de São José, posicionada no lado Este do Bairro de São José. A sua rede de parentesco é formada por duas filhas, o marido da filha mais nova, um neto (por parte da filha mais velha), que raramente vê, cinco irmãos (dois homens e três mulheres) e as famílias de procriação destes, mas deixou de ter contacto com um destes e com os seus cônjuges, filho e neta. Considera que a família mais próxima comprehende, em primeiro plano, o irmão mais velho e a sua família de procriação, tal como, em segundo plano, as duas irmãs que nasceram imediatamente a seguir a si e as suas famílias de procriação. Presta grandes apoios instrumentais à filha mais velha, ao permitir que resida consigo. Contou com grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais do marido da filha mais nova, que lhe deu apoio moral, por altura de uma operação às pernas, e a transportou no seu automóvel, depois do recobro que se sucedeu a esta operação, tendo continuado a receber pequenos apoios instrumentais do mesmo, quando lhe ofereceu uma televisão e lhe empresta dinheiro. Pôde contar, igualmente, com grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais, na mesma altura, de qualquer um dos irmãos com quem tem contacto, mas recebe, atualmente, pequenos apoios instrumentais de um dos cunhados, que lhe oferece pequenos montantes em dinheiro, e das três irmãs, que lhe oferecem roupas, sendo que duas destas a acolhem em suas casas durante uma temporada. Conta também com pequenos apoios instrumentais de três sobrinhas, quando a transportam para as casas destas irmãs. Considerou trocar pequenos apoios simbólicos, especialmente, com os familiares que lhe dão outros apoios. As suas redes

amicais de vizinhança são compostas por cinco idosas que vivem na mesma rua ou muito próximo dessa mesma rua, das quais quatro idosas estão, hipoteticamente, disponíveis para lhe prestarem grandes apoios simbólicos em caso de necessidade, sendo três destas Manuela Gomes (r.e.5), Henriqueta Carvalho (r.e.6) e Teresa Canas (r.e.7). As redes amicais contêm, também, dois idosos residentes próximo da vizinhança, que são Paulo Barros (r.e.18), a quem deu grandes apoios simbólicos, e Miguel Brogueira (r.e.20). Troca, por vezes, cumprimentos com vinte conhecidas idosas que residem na vizinhança. Acha-se integrada na modalidade de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, onde se relaciona com idosos que residem no bairro e com idosos que residem fora do bairro. Deste modo, às redes amicais residentes dentro do bairro adicionam-se uma idosa e um idoso que moram do lado Oeste do Bairro de São José, bem como se adicionam um idoso e uma idosa que moram na vizinhança e um pouco longe da vizinhança, respetivamente, e considera-os mais próximos, sendo três idosas e um idoso amigos mais distantes. As redes amicais residentes no exterior do bairro são compostas pelos outros utentes do centro de dia e, mais especificamente, uma idosa e um idoso mais próximos, assim como três idosas e cinco idosos mais distantes, sendo que uma das idosas lhe ofereceu uma porção de mel. Considera que quatro vizinhas, integrantes das redes amicais, e todos os utentes do centro estão englobados no parentesco subjetivo. Relaciona-se com os (oito) profissionais do centro de dia, que lhe facultam grandes apoios instrumentais, e com dois elementos da *Junta de Freguesia de Santo António*, que lhe dão pequenos apoios instrumentais. Com os dois amigos idosos, que não são seus vizinhos nem utentes do centro de dia, e, sobretudo, com quatro nós amicais de vizinhança, tem conversas nos bancos (de jardim) da “Avenida” e vai à missa na *Capela de São José dos Carpinteiros*. Povoa, diariamente, uma padaria situada na Rua das Pretas, onde interage com as duas adultas que lá trabalham. Dá passeios organizados pelo mesmo centro, tal como participa nas idas à praia e nos passeios organizados pela junta de freguesia (para maior detalhe consulte as páginas 437 a 441 englobadas no Anexo D).

Na sequência destes últimos casos temos, igualmente, Alice Simões (r.e.30). Esta idosa disse não conversar a respeito do Bairro do Sagrado Coração de Jesus (onde reside) e do Bairro de São José. Contudo, nos momentos, imediatamente, precedentes e seguintes a esta questão da entrevista semiestruturada, contou conversas que mantém com uma residente do Bairro de São José sobre as escadas das edificações presentes em ambos os bairros, tal como contou conversas mantidas com residentes do seu bairro sobre reclamações, direcionadas para a Presidência da antiga *Junta de Freguesia do Sagrado Coração de Jesus*, que criticaram o estado dos passeios do seu bairro. Alice reportou não ter intervindo, de algum modo, no seu bairro, nem mesmo por intermédio de reclamações sobre assuntos com que não concordou:

“Entrevistador: Mas aqui os seus degraus também são difíceis...

Entrevistado: Os degraus não são difíceis que há escadas aí piores que esta (...) Está bem, mas eu estou habituada a ela, desde os sete anos, não me faz diferença nenhuma. Há aí escadas piores que esta, olhe (...) a Dona Margarida, que é ali na Rua da Fé, diz que a escada que é horrível, para descer têm que descer com o pé de lado... com o pé de lado e, então, diz que é chhftt (...) desde cá de baixo até lá a cima, ela, muita vez, já me disse: ‘Oh Dona Alice, eu convidava a senhora para lá ir a casa... para lá ir à minha casa, mas não convido porque tenho medo que a senhora me caia lá na escada.’ (...) Só caí uma vez tinha oito anos (...) apoio-me no corrimão da escada e desço de degrau em degrau, por causa deste meu joelho esquerdo,

não tenho aquela oscilação dos joelhos para descer os degraus um um tatata, tenho que descer de degrau em degrau e a subir também subo de degrau em degrau.

Entrevistador: Conversa sobre o bairro?

Entrevistado: Não (...) porque a gente já mora aqui há tanto ano (...) não ligamos a isso.

Entrevistador: E já reclamou alguma coisa (...)

Entrevistado: Não, nunca reclamei nada (...) Então, os presidentes das juntas de freguesia sabem bem como têm as ruas, não é, sei que há pessoas que já se têm queixado ao presidente da junta da freguesia, mas eu, por acaso, a esse ponto nunca me queixei porque eles sabem bem como é que isto está, também não têm verba para arranjar (...) nunca me queixei de nada nem para a câmara nem para a junta (...)

Entrevistador: Tomou alguma iniciativa para melhorar o seu bairro (...)?

Entrevistado: Não, nunca me meti em nada dessas coisas, não gosto de barafundas (...)" (Alice Simões, r.e.30).

### **Resumo das redes e dos povoamentos das redes e dos espaços e.30** (Alice Simões)

Tem oitenta e oito anos, fez a quarta classe do antigo sistema de ensino e terminou a carreira como padeira. É solteira, não tem filhos e vive só num apartamento localizado no Bairro do Sagrado Coração de Jesus, um bairro adjacente ao Bairro de São José. Está integrada na valência de serviço de apoio domiciliário do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, porque quase não tem mobilidade em ambos os braços. Apenas sai do apartamento quando precisa de ir ao hospital. As redes amicais de vizinhança englobam uma adulta que reside no mesmo prédio e com quem troca pequenos apoios simbólicos, no convívio, semanal ou bimensal, que acontece, obrigatoriamente, no seu apartamento. Acentuou duas adultas que se encontram no topo da hierarquia deste mesmo centro e nove auxiliares que lhe fazem a higiene pessoal, a acompanham ao hospital e lhe compram alguns produtos quando mais precisa. Valoriza muito estes onze nós, integrantes das redes empregadas nos serviços do seu bairro, que lhe prestam grandes apoios instrumentais, e considera-os nós amicais. Salientou, também, uma amiga adulta empregada numa loja de loiças do seu bairro, que lhe dá grandes apoios instrumentais em forma de serviços, ao comprar-lhe, frequentemente, produtos para a casa. Raramente cumprimenta sete nós de proprietários e empregados do comércio tradicional do seu bairro (casas das flores, ferrador, mercearias, restaurante, relojoeiro). Encerra nas suas redes amicais duas adultas empregadas na *Junta de Freguesia de Santo António* (as coordenadoras do *Vassouras & Companhia* e do *Departamento de Ação Social*). Recebeu pequenos apoios instrumentais da antiga *Junta de Freguesia de São José*, formalizados em limpezas domésticas semanais, e adquire, presentemente, estes mesmos apoios, sempre que, aos dias úteis, lhe entregam ao domicílio o almoço (a baixo custo). As redes amicais residentes fora do seu bairro são, igualmente, formadas por uma amiga adulta residente no Bairro de São José – que lhe faz visitas semanais, quando está na cidade de Lisboa, e que lhe concedeu grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais, na sequência de um acompanhamento ao hospital, durante a madrugada – assim como são formadas por duas adultas, que trabalharam no seu bairro (a esteticista de um cabeleireiro que se localizou no seu prédio e, entretanto, fechou as portas, e uma antiga auxiliar do centro), mas não interage com ambas há algum tempo. O parentesco subjetivo comprehende, especialmente, duas amigas adultas (a adulta residente no Bairro de São José e a adulta empregada na loja de loiças), mas inclui aí, ainda, as profissionais do centro e da junta de freguesia com quem se relaciona. A parentela é constituída por sete primos (três idosos e quatro idosas), os cônjuges e os filhos destes mesmos (havendo um primo que não tem filhos) e por uma irmã do pai. Considera que todos constituem a família mais

próxima. Deu, telefonicamente, grandes apoios simbólicos a um primo, quando este partiu uma perna. Contudo, se não telefona aos parentes estes, geralmente, também não lhe telefonam e nunca a visitam.

As redes sociais dos seis agentes aqui presentes<sup>116</sup>, que residem na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros e nas proximidades, tal como residem no lado Este do Bairro de São José, contêm um tamanho médio (entre, aproximadamente, setenta e noventa nós), salvo um caso em que as redes são pequenas, mas o tamanho não está muito próximo do limite superior das redes pequenas, havendo outros três casos em que o número de nós das redes se acha muito próximo do limite inferior das redes grandes. Os nós que mais contribuem para o preenchimento destas mesmas redes são, em praticamente todos os casos, os nós de conhecimento residentes no bairro (que oscilam, aproximadamente, entre dez e cinquenta nós) aos quais se adicionam, em alguns casos, os nós amicais residentes no interior do bairro e (ou) os nós de parentesco. Estes idosos contêm, aproximadamente, entre cinco e cinquenta e seis amigos residentes dentro do bairro e entre sete e trinta parentes. Num único caso, as relações amicais com residentes dentro do bairro constituem uma grande parte das relações sociais existentes. Em mais de metade dos casos, os idosos têm nós amicais residentes no exterior do bairro (entre, aproximadamente, um e onze). Em dois casos, existem redes sociais de conhecimento residentes no exterior do bairro, que não são constituídas por mais de quatro nós.

Os elementos do sexo masculino são em menor número nestas redes e perfazem entre mais de metade e mais de um quarto dos elementos do sexo feminino, com a exceção de um caso em que os primeiros constituem menos do dobro dos segundos. Os adultos completam, frequentemente, entre mais de metade e menos de um terço dos idosos, salvo um caso em que o número de adultos e de idosos é equivalente. Os relacionamentos intergeracionais com adultos têm, sobretudo, origem na família e nas organizações sediadas nos bairros. No entanto, em mais de metade dos casos, as redes amicais residentes dentro do bairro dão azo a relações com adultos e, em metade dos casos, as redes de conhecimento aí residentes englobam indivíduos adultos. As crianças e os adolescentes estão concentrados na rede familiar.

A rede de parentesco restrita dos mesmos idosos, isto é, os familiares com quem trocam, pelo menos, pequenos apoios simbólicos, é composta pela totalidade dos familiares, por mais de metade ou por um terço do conjunto de familiares. Em metade dos casos, os pequenos apoios simbólicos são trocados, regularmente, com a família de procriação e, mais esporadicamente, com os netos. Praticamente todos os casos têm, pelo menos, um irmão e um sobrinho com quem

<sup>116</sup> Os familiares e os amigos destes idosos não obtiveram, normalmente, graus académicos.

se encontram pouco frequentemente. Uma idosa não tem família de procriação e outro idoso não tem filhos e o cônjuge está institucionalizado num lar, mas ambos se encontram incluídos nos mesmos casos.

Todos estes idosos receberam grandes apoios da rede familiar. Mais precisamente, entre um e oito familiares permitiram a estes idosos obter grandes apoios simbólicos, em situação de doença, contudo, em praticamente todos os casos, tratou-se de uma diversidade de familiares a conceder os mesmos grandes apoios. Sempre que os idosos são casados receberam estes grandes apoios do cônjuge, se têm descendência receberam os mesmos grandes apoios da descendência e (ou) da família de procriação da descendência e, se têm irmãos vivos, receberam, geralmente, os mesmos apoios desses irmãos, de certos irmãos e (ou) de certos sobrinhos, dependendo dos casos.

Entre um e dois familiares permitiram a obtenção de grandes apoios instrumentais, em metade dos casos, e os idosos receberam estes apoios, unicamente, do cônjuge ou do cônjuge e do irmão ou do cônjuge e de uma nora. Duas idosas partilham os rendimentos com o cônjuge e fazem, totalmente ou parcialmente, o trabalho doméstico (uma esteve incluída na categoria dos empregados executantes e a outra está incluída na categoria dos trabalhadores independentes, respetivamente), além disso, receberam estes apoios de outro elemento da família sob a forma de dádivas em géneros alimentícios ou de realização de tarefas domésticas. Um caso partiu os rendimentos com o cônjuge, mas não realizou o trabalho doméstico, sendo este realizado pelo cônjuge.

Entre dois e nove familiares, incluídos, principalmente, na descendência e na família de procriação desta, garantiram a obtenção de pequenos apoios instrumentais a metade dos casos e estes apoios foram, ainda, dados pelos irmãos e por uma parte da família de procriação destes, num único caso. Estes apoios foram formalizados na realização (aproximadamente semanal) de tarefas domésticas, na oferta de géneros pouco dispendiosos, na oferta ou no empréstimo de um pequeno montante de dinheiro e no transporte esporádico de automóvel.

Compreendemos, então, que, em praticamente todos os casos, outros parentes, que não estão incluídos na família de procriação e no agregado doméstico destes mesmos idosos, foram importantes para a receção de grandes apoios simbólicos, compreendemos, identicamente, esta questão, em metade dos casos, na receção de pequenos apoios instrumentais e, em dois casos, compreendemos esta mesma questão na receção de grandes apoios instrumentais (cf. Bonlavet, 1993; Bonlavet e Lelièvre, 1995).

Os grandes apoios simbólicos recebidos, por metade destes agentes, tanto emergem da rede familiar como emergem das redes amicais residentes dentro do bairro. Deste modo, entre dois e cinco nós amicais residentes dentro do bairro permitiram que metade dos mesmos agentes obtivesse grandes apoios simbólicos, decorrentes do apoio moral (e tratamentos remunerados) obtido em situação de doença. Um nó amical residente no interior do bairro concedeu grandes apoios instrumentais a um destes idosos, por meio da oferta de um emprego, e, em dois casos, foram concedidos pequenos apoios instrumentais por um ou dois dos mesmos nós, através de acompanhamentos de automóvel ou ofertas de alimentos confeccionados, respetivamente.

A maior parte dos idosos não recebe pequenos apoios simbólicos das redes (ou de toda a rede) de conhecimento residentes no interior do bairro, visto que, geralmente, as interações não transcendem os cumprimentos. Uma única idosa obteve grandes apoios simbólicos de uma conhecida residente dentro do bairro, em situação de doença. Mais de metade dos idosos recebe pequenos apoios instrumentais de (três) profissionais empregados em organizações sediadas nos bairros, por meio da frequência de aulas (a baixo custo), e uma idosa obtém grandes apoios instrumentais de (oito) profissionais empregados numa organização (interlocal) ao serviço do seu bairro, por meio da frequência (a baixo custo) da modalidade de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*.

Se todos os mesmos indivíduos têm redes amicais residentes dentro do bairro, apenas mais de metade contém redes amicais residentes fora do bairro, sendo que obtém, geralmente, pequenos apoios simbólicos destas redes, mas uma idosa recebeu grandes apoios simbólicos de um nó destas redes, quando se encontrou doente, e uma outra idosa recebeu pequenos apoios instrumentais de uma amiga aí residente, que lhe ofereceu um bocado de mel. Só dois idosos possuem redes de conhecimento residentes no exterior do bairro e recebem, infrequentemente ou frequentemente, pequenos apoios simbólicos destas.

Por um lado, a rede de parentesco que estes indivíduos consideram mais próxima é, habitualmente, composta pelos familiares com quem mais interagem, mas, em dois casos, todos os parentes são considerados mais próximos e, num caso, três ex-parentes são considerados a família mais próxima. Por um outro lado, metade destes indivíduos considera que certos amigos estão integrados no parentesco subjetivo, mas duas idosas recusam a inserção de nós amicais no parentesco subjetivo e para uma idosa todos os residentes do bairro constituem uma família. Encontramos uma abertura das representações de família, que, por vezes, se faz interagir com os grandes apoios simbólicos recebidos dos amigos ou com a disponibilidade apresentada pelos amigos para essa receção, resultando daí valorizações de amigos, que se tornam comparáveis

às valorizações dos familiares. Porém, não encontramos, como já não encontrámos no tipo antes descrito, uma substituição funcional da família, porque estes idosos receberam grandes apoios da rede de parentesco. Todavia, nem todos deram grandes apoios à rede de parentesco.

Mesmo assim, numa grande parte destes casos, entre um e cinco familiares foram alvo de grandes apoios instrumentais, que foram formalizados, exclusivamente, na conjugação dos rendimentos para a administração da bolsa conjugal ou, também, na realização (total ou parcial) do trabalho doméstico, bem como foram formalizados na oferta continuada de um montante de dinheiro e de géneros, nas tarefas (diárias) do cuidar direcionadas para os netos ou na cedência de parte do seu apartamento para habitação. Se os indivíduos são casados e (ou) têm filhos estes grandes apoios foram prestados aos cônjuges e (ou) à descendência, no entanto, uma idosa, deu, igualmente, estes grandes apoios à família de procriação da descendência. Dois idosos casados prestaram grandes apoios simbólicos ao cônjuge, por intermédio do apoio moral em situações de doença. Um destes dois casos deu, ainda, pequenos apoios instrumentais a uma cunhada (por afinidade), quando se ocupou das tarefas de jardinagem e de outras tarefas na quinta desta.

Os amigos residentes no interior do bairro não são alvo, em menos de metade dos casos, da prestação de apoios que excedam os pequenos apoios simbólicos. Porém, em mais de metade dos casos, entre um e dois amigos residentes dentro do bairro foram objeto da transferência de grandes apoios simbólicos, por meio do apoio moral em situação de doença, e, num caso, foram dados pequenos apoios instrumentais a uma amiga ali residente, por intermédio da prestação de cuidados. A maior parte dos mesmos entrevistados não dá pequenos apoios simbólicos às redes (ou a toda a rede) de conhecimento residentes no interior do bairro, o que não acontece com os pequenos apoios simbólicos dados aos profissionais empregados em organizações estabelecidas no bairro. Mais de metade destes entrevistados contém redes amicais residentes no exterior do bairro e oferece-lhes pequenos apoios simbólicos, com uma exceção que prestou grandes apoios instrumentais a um nó destas redes amicais, ao cuidar, regularmente, dos seus filhos. Apenas dois indivíduos têm redes de conhecimento residentes no exterior do bairro, às quais prestam, com maior ou menor frequência, pequenos apoios simbólicos.

Na sequência dos apoios recebidos por estes investigados, que transcendem os pequenos apoios simbólicos, observamos uma maior receção destes mesmos apoios de elementos do sexo feminino (Bracke, Christiaens e Wauteric, 2008) e no contexto dos apoios concedidos por estes investigados, que ultrapassam os pequenos apoios simbólicos, observamos que foi, igualmente, aos elementos do sexo feminino que mais deram estes mesmos apoios (Bracke, Christiaens e Wauteric, 2008).

Houve, também, o caso de um idoso dependente, que já não mora no lado Este do Bairro de São José, visto que foi institucionalizado num lar, mas obteve grandes apoios instrumentais da filha e da neta, formalizados na gestão da sua reforma, nos acompanhamentos ao médico e na compra de alimentos e medicamentos, tal como obteve grandes apoios instrumentais de uma vizinha, que o ajudou a jantar e lhe administrou a medicação, e de uma auxiliar do *Vassouras & Companhia*, que se ocupou das outras tarefas do cuidar e das limpezas do domicílio. As redes deste idoso contiveram um tamanho pequeno, mas incluíram três amigos e dez conhecidos.

Uma idosa residente num bairro contíguo ao Bairro de São José, também inscrita neste tipo, distingue-se da maioria dos idosos devido às completas restrições da sua rede familiar, no que concerne à inexistência de apoios familiares, e devido às suas necessidades de cuidado, que a obrigam a um confinamento ao espaço doméstico. As redes desta idosa contêm um tamanho médio. Os seus relacionamentos mais e menos frequentes acontecem, sobretudo, com (catorze) profissionais adultas de organizações que servem o seu bairro, entre estas, o *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José* e a *Junta de Freguesia de Santo António*, e estas mesmas profissionais concedem-lhe pequenos ou grandes apoios instrumentais. Também se relaciona com uma amiga adulta, residente no Bairro de São José, que lhe prestou grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais. Esta idosa procede a uma inserção desses (quinze) nós no parentesco subjetivo, o que demonstra, rigorosamente, uma substituição funcional da família (operada, sobretudo, por vias organizacionais).

Os indivíduos aqui inscritos têm motivações para não agenciar em prol dos bairros onde residem, a não ser por meio das conversas que têm e do povoamento dos espaços e redes locais, sendo que parecem não consciencializar que esses são modos de agência. Para estes indivíduos é conveniente manter interações tranquilas, sem criar desentendimentos com os outros para que os outros também não os criem com estes, aqui está patente a noção de não se querem encontrar implicados em “barafundas”. Portanto, estes indivíduos interpretam ou definem as situações de interação em que se encontram (Mead, 1934; Blumer, 1986) e optam por não fazer intervenções, ao considerarem que, se procederem desse modo, estão a provocar confusões ou atritos com os outros, concretizando-se as suas ações em negociações pacíficas que, no interior das dinâmicas interacionais, permitem fixar o sentido destas suas ações e são eficientes no domínio relacional, uma vez que são, em parte, direcionadas relationalmente (Pires, 2007). Estes mesmos idosos estão, igualmente, seguros da qualidade dos espaços semipúblicos que frequentam, não sentem necessidade de fazer aí reclamações e assumem que as organizações públicas têm conhecimento das deficiências do espaço urbano público. Portanto, as ações destes idosos estão, igualmente,

orientadas pela escolha dos seus sentidos mais eficazes, racionalmente orientadores das opções a que estes procedem, e pelas consequências da aglomeração dos resultados das mesmas opções (Pires, 2007). A maior parte dos mesmos indivíduos encontra-se em situação de confinamento aos espaços dos bairros, mas deixa, esporadicamente, os espaços urbanos locais.

Este tipo de agentes não intervém em prol dos espaços urbanos locais e das comunidades locais, mas tem conversas a respeito dos mesmos, povoa as redes por meio da transferência de pequenos apoios simbólicos, dos grandes apoios instrumentais e simbólicos dados a familiares e, por vezes, dos grandes apoios simbólicos dados a amigos, e povoa, sobretudo, certos espaços urbanos locais. Por isso, escolhemos para o mesmo tipo a designação de *agentes conversadores*.

Ao examinarmos os dados obtidos, através da informação que os investigados quiseram partilhar connosco e que recolhemos de outros modos, foi possível construir os tipos de agência direcionada, pelos investigados idosos dos bairros em estudo, para os espaços e as comunidades locais, interlocais e translocais, durante a modernidade avançada. Esta agência foi, deste modo, representada por intermédio de quatro tipos: i) agentes consistentes, ii) agentes moderados, iii) agentes incentivadores, e iv) agentes conversadores.

Tal como sustentou Maria das Dores Guerreiro (1996, 54), estamos aqui em presença: “(...) de construções conceptuais de carácter ideal-típico, apoiadas empiricamente num leque relativamente extenso e variado de casos concretos observados. Cada um dos diferentes tipos procura caracterizar, de acordo com as dimensões analíticas que pareceram pertinentes, os traços fundamentais (...)” da agência direcionada, pelos investigados, para os espaços e as comunidades locais, interlocais e translocais, durante a modernidade avançada<sup>117</sup>.

Neste capítulo podemos entender que a pré-noção (de senso comum) que se tem sobre os idosos citadinos, como indivíduos, frequentemente, alienados e isolados, não é concordante com os hibridismos subjacentes a estes idosos, designadamente, no que respeita à sua agência orientada, durante a modernidade avançada, para os espaços e comunidades locais, interlocais e translocais, como, igualmente, no que respeita às suas estruturas reticulares, às suas estruturas posicionais e às estruturas espaciais locais dos bairros onde residem, bem como no que respeita às diferentes articulações entre estas estruturas e entre estas mesmas estruturas e aquela agência.

Na Tabela 13 mostramos algumas das articulações que foram aqui mais evidentes.

<sup>117</sup> Podemos constatar, mais uma vez com semelhanças a Guerreiro (1996), que os tipos *agentes incentivadores* e *agentes conversadores* parecem ser os mais característicos do universo da agência dirigida, pelos investigados, para os espaços urbanos e as comunidades locais, interlocais e translocais, durante a modernidade avançada, mas não obrigatoriamente por serem os tipos estatisticamente mais numerosos. De facto, o maior segmento da presente investigação não deixa nem se propõe encontrar grandes tendências em termos representativos (cf. ainda Guerreiro, 1996).

<b>Agência orientada, durante a modernidade avançada, para os espaços e comunidades locais, interlocais e translocais</b>	<b>Estrutura reticular</b>	<b>Estrutura espacial local</b>	<b>Estrutura posicional</b>
<p>Esta agência (intervenções, conversas e povoamentos dos espaços e redes locais, interlocais e translocais) favorece a estrutura reticular por meio de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Intervenções nos espaços e comunidades locais</li> <li>- Conversas sobre os espaços e comunidades locais, interlocais e translocais</li> <li>- Povoamentos dos espaços e redes</li> </ul> <p>Esta agência favorece as organizações locais e as organizações relacionadas com os espaços urbanos locais, que são parcelas da estrutura espacial local, por meio de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Intervenções nos bairros</li> <li>- Conversas sobre os bairros</li> <li>- Povoamentos dos bairros</li> </ul> <p>Esta agência diminui os efeitos nefastos da estrutura posicional, relacionada com os baixos recursos económicos, por meio de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Povoamentos dos espaços e redes</li> </ul> <p>As conversas sobre os bairros geram, por vezes, intervenções orientadas para estes</p> <p>Os idosos que povoam mais nós, em termos de pequenos apoios simbólicos, fazem intervenções enquadradas em agências consistentes e moderadas</p>	<p>Esta estrutura (tamanho, composição e funções das redes) favorece a agência por meio de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Funções das redes (ex. pequenos apoios simbólicos regulares, recebidos de um maior número de nós quando as redes têm um tamanho grande), que geram congregação em intervenções e conversas, bem como geram povoamentos dos espaços e das redes</li> <li>- Tamanho grande das redes e composição das redes muito rica em conhecidos promove uma agência consistente</li> <li>- Tamanho grande (e médio) das redes e composição das redes rica em parentes, conhecidos e profissionais do bairro promove uma agência moderada</li> <li>- Tamanho médio (e pequeno) das redes promove agências de incentivação e de conversação</li> <li>- Composição das redes com equivalência entre os dois géneros promove agências consistentes e moderadas, sendo a composição das redes em termos de gerações mais indiferenciada</li> </ul> <p>Esta estrutura diminui os efeitos nefastos da estrutura posicional, relacionada com os baixos recursos económicos, por meio de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Funções das redes</li> </ul>	<p>Esta estrutura (morfologia do espaço urbano, organizações locais e organizações mais vastas, relacionadas com os bairros) favorece a estrutura reticular e a agência por meio de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Organizações locais</li> <li>- Organizações relacionadas com os espaços urbanos locais</li> <li>- Espaço urbano com muitas ruas sem inclinação</li> </ul> <p>As organizações locais e as organizações mais vastas, relacionadas com os espaços urbanos locais, promovem intergeracionalidade nos relacionamentos e nas interações</p> <p>Esta estrutura constrange a estrutura reticular e a agência por meio de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Espaço urbano íngreme</li> </ul> <p>Esta estrutura diminui os efeitos nefastos da estrutura posicional, relacionada com os baixos recursos económicos, por meio de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Organizações locais</li> <li>- Organizações relacionadas com os espaços urbanos locais</li> </ul>	<p>Esta estrutura (nível escolar ou académico completado e categoria socioprofissional) motiva, quase uniformemente, uma agência consistente, uma agência moderada e uma agência de conversação, sendo o outro tipo de agência mais plural</p> <p>Esta estrutura ocasiona diferenças na parcela da agência expressa no povoamento das redes de descendência e, precisamente, nos tipos de grandes apoios instrumentais prestados (dádiva esporádica de uma quantia importante de dinheiro, de um bem muito dispendioso ou dádiva de uma mesada <i>versus</i> unicamente cedência de uma parte do apartamento para habitação) e no facto de estes serem ou não serem prestados</p> <p>Esta estrutura motiva relacionamentos com indivíduos que possuem a mesma estrutura posicional, mesmo que estes relacionamentos não estejam, totalmente, confinados a esses indivíduos</p>

Tabela 13 – Articulações mais notórias entre as estruturas e entre estas e a agência

## Conclusão

Nesta investigação descrevemos e analisámos os idosos residentes em ambos os bairros de São José e Benfica, situados, respetivamente, no centro e na periferia da cidade de Lisboa. Os mesmos idosos analisados (e os seus contornos) encontram-se em situações de maiores ou menores invisibilidades sociais (cf. Fernandes, Gil e Gomes, 2010), isto é, situações em que estes indivíduos são, com maiores ou menores intensidades, praticamente, desconhecidos e em que se encontram mais ou menos dissociados do domínio público ou do domínio que extravasa a localidade de residência e os seus habitantes.

A ideia das (in)visibilidades destes idosos está relacionada com o conceito de agencial e, mais especificamente, com a agência acionada no curso de vida e com a agência acionada nos espaços e comunidades locais, interlocais e translocais, durante a modernidade avançada, desde que estas agências (não) tenham entrado ou (não) entrem no domínio público. O agencial é ordenado (ou seja, é favorecido ou constrangido) pelo estrutural. Dimensionámos o conceito de estrutural por via das estrutura posicional, estrutura reticular e estrutura espacial local. Nesta investigação, os conceitos de agencial e estrutural foram, pois, dimensionados com cambiantes analíticos suscetíveis dos discorimentos empíricos correspondentes, não só quando o agencial inclui mais o domínio público como, identicamente, quando o inclui menos. Os discorimentos empíricos obtidos daquelas mesmas dimensões, por vezes, entrecruzaram-se.

De facto, como tivemos oportunidade de verificar ao longo dos capítulos anteriores, os agentes sociais idosos não estão, completamente, subordinados às estruturas, porque os mesmos não são, por exemplo, simplesmente, condutores passivos de normas e valores, compartilhados socialmente, códigos ocultos ou discursos. Por conseguinte, encontrámos várias relações entre parcelas daquelas agências e parcelas daquelas estruturas, bem como várias relações de parcelas daquelas agências e parcelas daquelas estruturas entre si. Diferentes parcelas de uma mesma estrutura condicionam ou favorecem, identicamente, a agência, como acontece com a estrutura espacial local. No entanto, apesar da estrutura posicional ocasionar várias relações estruturais

e agenciais, esta é caracterizada por maior indivisibilidade, já que os diferentes níveis escolares ou académicos completados pelos mesmos agentes sociais idosos conduziram-nos, geralmente, às diferentes categorias socioprofissionais em que se inseriram ou em que estão inseridos.

Para chegarmos a estas conclusões foi importante, em primeiro plano, melhor conhecer o curso de vida dos indivíduos (que entrevistámos mais formalmente) residentes nos bairros em estudo e, por isso mesmo, segmentámo-los em duas coortes: uma primeira coorte nascida entre 1920 e 1933 e uma segunda coorte nascida entre 1934 e 1952. O curso de vida destes mesmos idosos sofreu influências de condicionamentos históricos e foi pautado por uma multiplicidade de experiências que, ainda assim, se constituíram em torno de: (i) as *vantagens e desvantagens cumulativas* (cf. Dannefer, 2003, Elder, 1998) dos recursos económicos parentais e de outros familiares e do que estes lhes permitiram obter, assim como (ii) a agência humana (Elder, 1998, por exemplo).

Através do estudo destes mesmos idosos, pertencentes a ambas as coortes, foi possível entender que existem variações do impacto histórico (designadamente, do impacto da Segunda República Portuguesa) em diferentes grupos socioeconómicos integrados na mesma coorte, mas o aspeto socioeconómico produziu diferentes padrões de vida no interior de uma mesma coorte e entre coortes distintas (cf. Elder, 1975). Desta forma, as coortes representam uma direção da mudança social, no sentido em que coortes sucessivas divergem quanto aos padrões de vida, mas é crucial haver um reconhecimento de que a mudança social concebe distinções no interior de uma mesma coorte, bem como concebe distinções entre diferentes coortes (Elder, 1975).

A presença na primeira coorte, especialmente, de residentes no Bairro de São José e a presença na segunda coorte, sobretudo, de residentes no Bairro de Benfica devem-se ao facto de que, como vimos no Capítulo 6 (ou entre as páginas 158 e 161), segundo a informação dos Censos 2011, houve uma preponderância de residentes idosos com idades menos avançadas na Freguesia de Benfica, em relação à antiga Freguesia de São José, onde os idosos residentes com idades mais avançadas estiveram melhor representados. Portanto, houve, segundo esta mesma informação, um maior número de idosos, residentes na Freguesia de Benfica, que completaram o ensino secundário ou um grau do ensino superior (conforme a designação do atual sistema de ensino). Daqui decorre que as mudanças sociais da primeira para a segunda coorte de idosos estão, essencialmente, formalizadas nos padrões posicionais de vida de certos residentes idosos, mais novos, do Bairro (mais recente) de Benfica. Deste modo, no enquadramento da segunda coorte, encontrámos um número (moderado, mas, seguramente, revelador) de idosos residentes no Bairro de Benfica que, graças aos recursos económicos dos progenitores e (ou) de outros

familiares e ao acionamento da agência humana, conseguiu obter maiores vantagens não só em termos posicionais, como, ainda, nos consequentes termos residenciais, o que aponta para outra mudança social, da primeira para a segunda coorte, nos padrões residenciais de vida, apenas dos indivíduos residentes no Bairro de Benfica, algo menos manifesto na primeira coorte.

Quando certos idosos, pertencentes a ambas as coortes, foram crianças, as parcelas das estruturas reticulares, patentes nos grandes apoios instrumentais prestados pelos progenitores e (ou) por outros membros da rede de parentesco, fomentaram menos a agência do que nos casos anteriores. Os baixos recursos económicos dos progenitores, e as consequentes necessidades de entreajudas familiares e restrições nos grandes apoios instrumentais concedidos pelos mesmos, constrangeram a agência, direcionada para as questões posicionais e residenciais, dos idosos com poucos ou nenhuns recursos escolares e com profissões pouco qualificadas. Estes idosos, sobretudo, englobados na primeira coorte e residentes no Bairro de São José, *construíram um novo curso de vida* (cf. Elder, 1998), mas os mesmos constrangimentos marcaram-nos. Porém, no contexto da segunda coorte, se observámos indivíduos, residentes no Bairro de São José, também marcados por estes constrangimentos, nos mesmos termos posicionais e residenciais, observámos, igualmente, que certos residentes no Bairro de Benfica, apesar de estarem também marcados em termos posicionais, conseguiram já maior estabilidade residencial, o que aponta para uma dada mudança social, no interior da segunda coorte, que se formalizou no Bairro de Benfica, no que concerniu aos padrões residenciais de vida dos indivíduos com baixos recursos económicos, influenciados pelos três picos de mais acentuada construção residencial no bairro, que aconteceram a partir de meados do salazarismo e durante o marcelismo (cf. tratamento da informação censitária de 2011, Capítulo 6, páginas 150 a 156). Por conseguinte, no interior da segunda coorte encontrámos discrepâncias entre as trajetórias residenciais dos idosos residentes no Bairro de São José, semelhantes às da maioria dos idosos englobados na primeira coorte, e as trajetórias residenciais, mais estáveis, dos idosos residentes no Bairro de Benfica, um bairro muito preenchido com várias quintas que foram substituídas, fundamentalmente, por edifícios, principalmente e exclusivamente residenciais, prontos a habitar. No entanto, mesmo nos casos de instabilidade residencial, tanto na primeira como na segunda coorte, houve uma redefinição dessa instabilidade e foi conseguida maior estabilidade residencial, sendo, concomitantemente, minorados os constrangimentos estruturais da morfologia dos espaços urbanos locais, presentes na exiguidade das habitações (porque, nestes casos, os idosos passaram a dispor de mais espaço

habitacional dentro dos bairros), o que nem sempre aconteceu aos idosos residentes no Bairro de São José no que respeitou às condições das habitações.

No âmbito dos indivíduos pertencentes à primeira coorte, aqueles que obtiveram maior escolaridade trabalharam, profissionalmente, em espaços translocais e aqueles que obtiveram menor escolaridade trabalharam, profissionalmente, sobretudo, em espaços locais e interlocais. No âmbito dos indivíduos pertencentes à segunda coorte, aconteceu, rigorosamente, o mesmo. Notamos, pois, que os níveis de escolaridade completados deram a estes idosos maior ou menor (in)visibilidade em termos de trabalho profissional<sup>119</sup>.

Similarmente em ambas as coortes, observámos novos contornos dos relacionamentos sociais no contexto da velhice, porque a maioria destes idosos, após a reforma e, por vezes, a viuvez, desenvolveu relacionamentos familiares e criou ou alimentou relacionamentos amicais e de conhecimento com residentes e profissionais dos bairros e as interações são mais longas. Particularmente, em relação à viuvez, mais pronunciada nas idosas do que nos idosos, que pode ocasionar solidão e restrições nos apoios obtidos (por motivo da inexistência das oportunidades das conjugalidades, quando consideramos os domínios das redes sociais e dos apoios), notámos que os indivíduos viúvos tentaram compensá-la, por intermédio das suas redes sociais anteriores e entretanto formadas, mas, no entanto, alguns disseram sentir-se sós.

Para chegarmos a mais inter-relações de parcelas das agências e parcelas das estruturas, bem como para chegarmos a mais intra-relações de parcelas das agências e das estruturas, foi crucial, em segundo plano, estudarmos a agência nos espaços e comunidades locais, interlocais e translocais, durante a modernidade reflexiva, e encontrámos quatro tipos de agentes: i) agentes consistentes, ii) agentes moderados, iii) agentes incentivadores, e iv) agentes conversadores. Os *agentes consistentes* estão, principalmente, combinados na coorte nascida entre 1934 e 1952 e residem no Bairro de Benfica, tendo integrado, especialmente, a categoria socioprofissional dos profissionais intelectuais e científicos. Os *agentes moderados*, por sua vez, estão (ou estiveram) incluídos na coorte nascida entre 1920 e 1933, residem (ou residiram) no Bairro de São José e integraram, sobretudo, a categoria socioprofissional dos empregados executantes. Já os *agentes incentivadores* estão mais concentrados no Bairro de Benfica, mas também incluem residentes no Bairro de São José, e na coorte nascida entre 1934 e 1952, tendo integrado (ou integrando), sobretudo, as categorias socioprofissionais dos profissionais técnicos e de enquadramento e dos

<sup>119</sup> A maior visibilidade translocal encontrou-se mais presente nos que são, atualmente, residentes idosos do Bairro de Benfica, a maior visibilidade interlocal encontrou-se mais presente nos que são, atualmente, residentes idosos do Bairro de São José e a invisibilidade, ou o confinamento profissional aos espaços dos bairros, esteve presente, de igual modo, em certos idosos residentes, atualmente, em ambos os bairros.

empregados executantes ou a categoria socioprofissional dos empregados executantes, quando pensamos nos idosos do Bairro de Benfica ou do Bairro de São José, respetivamente. Por fim, os *agentes conversadores* distribuem-se, quase indistintamente, por ambas as coortes e ambos os bairros e a maioria abrangeu a categoria socioprofissional dos empregados executantes. Na Tabela 14 são apresentadas, detalhadamente, estas questões.

Tipos-ideais de agentes nos espaços e comunidades locais, interlocais e translocais, durante a modernidade avançada	Coortes em que os agentes se incluem	Categorias socioprofissionais	Locais de residência
Agentes consistentes	Coorte nascida entre 1920 e 1933 <b>Um indivíduo</b>	Empregados executantes	Bairro de Benfica
	Coorte nascida entre 1934 e 1952 <b>Três indivíduos</b>	Profissionais intelectuais e científicos	
Agentes moderados	Coorte nascida entre 1920 e 1933 <b>Cinco indivíduos</b>	Empregados executantes ou pequenos empresários	Bairro de São José
Agentes incentivadores	Coorte nascida entre 1920 e 1933 <b>Dois indivíduos</b>	Empresários, dirigentes e profissionais liberais ou profissionais técnicos e de enquadramento	Bairro de Benfica
	Coorte nascida entre 1934 e 1952 <b>Seis indivíduos</b>	Profissionais intelectuais e científicos, profissionais técnicos e de enquadramento ou empregados executantes, etc.	
	Coorte nascida entre 1920 e 1933 <b>Três indivíduos</b>	Empregados executantes ou profissionais técnicos e de enquadramento	Bairro de São José (e um caso residente no Bairro do Sagrado Coração de Jesus)
	Coorte nascida entre 1934 e 1952 <b>Dois indivíduos</b>	Empregados executantes ou trabalhadores independentes	
Agentes conversadores	Coorte nascida entre 1920 e 1933 <b>Um indivíduo</b>	Empregados executantes	Bairro de Benfica
	Coorte nascida entre 1934 e 1952 <b>Dois indivíduos</b>	Empregados executantes ou trabalhadores independentes	
	Coorte nascida entre 1920 e 1933 <b>Três indivíduos</b>	Empregados executantes	Bairro de São José (e um caso residente no Bairro do Sagrado Coração de Jesus)
	Coorte nascida entre 1934 e 1952 <b>Dois indivíduos</b>	Empregados executantes	

Tabela 14 – Articulações entre a agência dos idosos entrevistados, orientada, durante a modernidade avançada, para os espaços e comunidades, e os seus locais de residência, coortes e categorias socioprofissionais

Todas as agências conjuntas e (ou) independentes dos indivíduos pesquisados têm ou tiveram, diretamente ou indiretamente, efeitos sobre terceiros (cf. Pires, 2012), apesar de nem sempre estes efeitos serem provocados de modo, absolutamente, consciente e previsível, como sucede com as conversas sobre os espaços e comunidades locais, interlocais e translocais, que contribuem, em última análise, para a formação de uma opinião coletiva sobre esses mesmos,

e os povoamentos dos espaços e redes locais, interlocais e translocais, que contribuem para dar continuidade à sua existência. Ainda assim, os idosos integrados nos tipos *agentes consistentes*, *agentes moderados* e *agentes incentivadores* fizeram intervenções nos espaços e comunidades locais, certas vezes, com recurso a organizações mais vastas, relacionadas com os bairros, mas os idosos inscritos no tipo *agentes conversadores* não fizeram quaisquer intervenções.

De modo geral, todos os idosos deram maiores ou menores contributos para os espaços e comunidades locais, interlocais e translocais e, tal como Boudon (1995; cf. Pires, 2007) veio defender, todos estes indivíduos tiveram razões válidas para agir de diferentes modos, visto que as suas ações emergiram de um certo valor (ou norma) ou de um certo conhecimento (ou teoria). No entanto, alguns destes indivíduos distanciaram-se mais dos condicionamentos estruturais e outros tomaram-nos mais por certos e, logo, os mesmos indivíduos participaram mais ou menos substancialmente nos jogos (Mouzelis, 1991). Daqui emergiram, também, situações de maiores ou menores (in)visibilidades daqueles idosos.

Apesar disso, muitos elementos da primeira coorte estiveram, sobretudo, preocupados em apoiar instrumentalmente a família, por via, especialmente, da prestação de grandes apoios aos progenitores, o que fragilizou a sua estrutura posicional, e, para estes, atualmente, a família e (ou) as organizações locais governamentais e não-governamentais são mais imprescindíveis, mas, sensivelmente, metade dos elementos da segunda coorte encontrou-se e encontra-se nesta situação. Certos elementos da coorte mais recente lucraram com os recursos económicos dos seus progenitores, e com a recuperação económica advinda da Terceira República Portuguesa, e dedicaram-se a melhorar o seu nível de vida, sendo mais independentes (cf. Hareven, 1994).

Como consequência, nem todos os mesmos idosos selecionam muito as redes amicais e organizacionais em que se encontram embebidos, sobretudo, quando estão mais confinados ao espaço dos bairros. Habitualmente, os idosos residentes no Bairro de Benfica, e englobados nos tipos *agentes consistentes* e *agentes incentivadores*, possuem amigos residentes no exterior do bairro, com quem escolheram relacionar-se, fora dos âmbitos familiares e locais, e, porventura, correspondem mais à perspetiva das teorias da modernidade avançada sobre as sociedades da individualização. Contudo, apesar do povoamento multilugares (Bonaito, Bonnes e Continisio, 2004) da maioria destes últimos agentes, aqueles que menos selecionam os indivíduos contidos nas suas redes sociais são, geralmente, aqueles para quem os bairros e as vizinhanças são uma opção importante e difícil de substituir (Filipovic, 2008), sendo que os bairros e as vizinhanças urbanas funcionam como promotores fundamentais da vida societal (Wissink e Hazelzet, 2011).

para os idosos com baixos recursos económicos e (ou) com idades avançadas<sup>120</sup>. No entanto, a generalidade dos idosos pesquisados está contente, pelo menos, com certos aspectos dos bairros de residência, mesmo que sinta que podia morar noutro lugar, mas os residentes do Bairro de São José não mostraram contentamento com a morfologia do espaço urbano local.

Tendencialmente, os indivíduos englobados em cada um dos tipos possuem estruturas posicionais e reticulares, de certo modo, semelhantes e, então, agenciam identicamente e alguns têm interesse em agenciar conjuntamente (ver Pires, 2012), como é manifesto nos tipos *agentes consistentes* e *agentes moderados*, bem como no tipo *agentes conversadores*. No entanto, o tipo *agentes incentivadores* tem uma pluralidade de indivíduos com diferentes estruturas posicionais e reticulares, que intervieram, mais individualmente e mais independentemente, nos bairros.

Mesmo assim, o tamanho grande das redes e a composição das redes com equivalência entre os géneros favorecem tanto os *agentes consistentes* como os *agentes moderados*, que são, também, favorecidos pelos pequenos apoios simbólicos recebidos de (e dados a) mais nós, mas existem, geralmente, diferenças entre estes tipos na categoria socioprofissional que os agentes incluíram. As intervenções (consistentes e moderadas) foram favorecidas pelas conversas sobre os bairros, mas o povoamento ativo dos espaços (trans)locais marca os *agentes consistentes*.

A configuração espacial íngreme (ou seja, a inclinação acentuada das ruas e os prédios sem elevador) contribui para enfraquecer o povoamento frequente dos espaços urbanos situados mais longe das habitações, o que observámos, sobretudo, quanto aos idosos residentes no Bairro de São José, e aumenta, igualmente, a solidão destes idosos. Os profissionais das organizações, localizadas no Bairro de São José ou ao serviço do bairro, que prestam apoios, simbolicamente e instrumentalmente, aos mesmos idosos, têm relacionamentos familiares com estes mesmos seus utentes ou clientes e estes relacionamentos acontecem, igualmente, no Bairro de Benfica, mas, neste último, as interações, sendo familiares, são mais formais ou mais informais.

Apesar das diferenças, em ambos os bairros de São José e Benfica, a estrutura reticular, e, por exemplo, as inerentes parcelas organizacionais da estrutura espacial local, fomenta mais a agência do que constrange e demonstra bem as funções geradoras do capital social (Coleman, 1988)<sup>121</sup>. Segundo as nossas observações, este fomento é consubstanciado, nomeadamente, por

<sup>120</sup> O número elevado de idosos residentes nos bairros de Benfica e São José contribui para que certos investigados se relacionem, amicalmente, dentro dos bairros, sobretudo, com idosos, mas notámos também que, mesmo aqueles investigados (geralmente, residentes no Bairro de Benfica) que detêm amigos residentes no exterior dos bairros, relacionam-se, amicalmente, mais com idosos do que com elementos de outras gerações. Por conseguinte, existe uma predominância de relações amicais intrageracionais, mas os laços de parentesco, os laços com os profissionais das organizações locais e os laços de conhecimento promovem relações intergeracionais.

<sup>121</sup> Não observámos uma correspondência direta entre o volume de capitais sociais (tamanho das redes sociais) e o volume de capitais económicos (recursos económicos), mas observámos uma correspondência, mesmo assim

meio da ativação do povoamento dos espaços e das redes com profissionais das organizações locais, sendo que os relacionamentos com os mesmos profissionais formam compensações ou complementações organizacionais governamentais e não-governamentais, no quadro do Bairro de São José, assim como formam complementações organizacionais não-governamentais, no quadro do Bairro de Benfica, dos relacionamentos com familiares e amigos.

Na sequência destes relacionamentos e dos apoios recebidos por estes investigados, que transcendem os pequenos apoios simbólicos, observámos uma maior receção destes apoios de elementos do sexo feminino e, quanto aos apoios concedidos pelos mesmos investigados, que ultrapassam os pequenos apoios simbólicos, observámos que é, igualmente, aos elementos do sexo feminino que mais os concedem (Bracke, Christiaens e Wauteric, 2008).

As redes de parentesco restrito destes idosos residentes nos dois bairros, que contêm tanto os indivíduos que constituem o grupo doméstico, quando existem mais indivíduos a residir com os idosos, como contêm, identicamente, mas podem conter apenas, outros familiares (não coincidindo, necessariamente, com a família considerada mais próxima), fomentam, também, o povoamento destas redes ocasionado, no mínimo, pelas trocas de pequenos apoios simbólicos.

Os pequenos apoios instrumentais surgem, geralmente, no interior dos relacionamentos parentais e são mais recebidos do que prestados, mas existiram também receções ocasionadas, de modo extraordinário, sobretudo, pelos irmãos, netos e sobrinhos. Quando os grandes apoios instrumentais são tanto recebidos como prestados no interior da família, estas receções e estas prestações abrangem, sobretudo, os cônjuges, mas existem outros casos, geralmente unilaterais, em que estes apoios são prestados à descendência, sendo recebidos da descendência apenas por três idosas com baixos recursos económicos, residentes no Bairro de São José. Nas exceções a esta tendência entrou, também ou apenas, a fratria (de modo bilateral ou unilateral). Contudo, mais de metade dos idosos pertencentes ao tipo *agentes moderados* não recebe nem concede, presentemente, grandes apoios instrumentais. Estes grandes apoios, em formato de montantes importantes em dinheiro ou mesadas, são prestados à descendência, geralmente, pelos idosos investigados com maiores recursos económicos, residentes no Bairro de Benfica e inscritos nos tipos *agentes consistentes* e *agentes incentivadores*. Estes mesmos grandes apoios, em formato de cedência de parte da sua casa para habitação, são prestados à descendência, geralmente, por um número reduzido de idosos com menores recursos económicos, que se encontram inscritos nos tipos *agentes moderados*, *agentes incentivadores* e *agentes conversadores*. Certos idosos

não completamente linear, entre os capitais económicos destes idosos e aqueles detidos pelos seus amigos, bem como observámos um número razoável de casos de mobilidade social ascendente, protagonizado pelos filhos ou netos dos idosos com baixos recursos económicos (cf. Bourdieu, 1980).

residentes no Bairro de Benfica, contidos nos tipos *agentes consistentes*, *agentes incentivadores* e *agentes conversadores*, se têm netos, prestaram ou prestam grandes apoios instrumentais aos filhos, por via dos cuidados aos netos<sup>122</sup>. Foi nos grandes apoios instrumentais prestados e (ou) obtidos que notámos maiores distinções de acordo com a estrutura posicional. Os outros apoios são, posicionalmente, transversais, mas os pequenos e grandes apoios simbólicos são ainda mais transversais, porque, normalmente, a transversalidade entrecruza, também, familiares e amigos.

Porém, em situação de entrevista, uns foram mais incisivos na exclusão de amigos do parentesco subjetivo, uns outros fizeram uma integração tenuemente, mas não completamente, e outros incluíram um ou mais amigos no parentesco subjetivo, mas só três idosos incluíram, completamente, os amigos no parentesco subjetivo<sup>123</sup>. Deste modo, estes idosos (precisam de e) têm redes diferentes das redes familiares, sejam redes amicais e (ou) redes organizacionais, mas, mesmo quando os indivíduos recorrem a apoios fora das redes familiares, a família não é um supletivo (cf. Portugal, 2007b) e os nós amicais (e/ou organizacionais) são considerados da família, geralmente, porque concedem apoios importantes, que são conjugados com os apoios familiares, ou mostram essa disponibilidade, porque os idosos têm abertura nas representações de família (ou têm afetos por estes nós) e, excepcionalmente, devido a restrições familiares ou à prestação de apoios importantes que não são prestados pela família. Deste modo, a inclusão de nós amicais (e/ou organizacionais) no parentesco subjetivo não é linear, não convoca motivos determinados e mecânicos, podendo ser (ou não) aceite segundo diferentes motivações.

Os idosos pertencentes ao tipo *agentes consistentes* apresentam antagonismos claros em relação aos idosos pertencentes ao tipo *agentes conversadores* nas intervenções executadas ou não executadas nos espaços urbanos e comunidades locais e na sua articulação com as estruturas reticulares, sendo que o tamanho grande das redes sociais, conseguido muito à custa dos nós de conhecimento, favoreceu os primeiros. Neste sentido, encontramos globalizações contraditórias patentes não unicamente naqueles claros antagonismos agenciais e reticulares, mas também em fortes desvantagens posicionais de idosos residentes no Bairro de Benfica, e inscritos nos tipos *agentes consistentes* e *agentes incentivadores*, em relação a todos os outros. No enquadramento destas mesmas desvantagens, foi fundamental, nesta investigação, observar e interagir com as

<sup>122</sup> Três idosos residentes no Bairro de São José recebem pequenos apoios instrumentais de um neto, que são ou não acompanhados de grandes apoios simbólicos.

<sup>123</sup> A questão das representações atinentes à família conduz-nos à importância da família, durante o curso de vida, que motiva a valorização da família em detrimento das redes amicais, mesmo quando são incluídos nós amicais no parentesco subjetivo e mesmo quando, atualmente, observamos restrições familiares nos encontros presenciais e nos apoios recebidos. Por razão das maiores expectativas e exigências para com os familiares, surgiram, por vezes, crisspações com familiares, durante o curso de vida, que geraram ou não incompatibilidades.

pessoas idosas mais carentes economicamente como concretamente iguais às outras e com os mesmos direitos no respeitou à atenção que lhes dedicámos.

Para além disso, a Avenida da Liberdade, a zona nobre mais cara e prestigiada da cidade de Lisboa, em que predomina o sector terciário, direcionado para o retalho de luxo, e as suas condicionantes socioeconómicas, um ponto de compra e sociabilidades para indivíduos com altos recursos económicos, quer sejam figuras de destaque do país e do estrangeiro ou outras que não vigoram nas colunas sociais, promovem as componentes necessárias para o olhar fugaz, menos curioso, menos intrusivo e também menos informado, sobre os idosos do Bairro de São José, localizado nas suas imediações, até porque a Avenida da Liberdade sempre foi notícia, o que já aconteceu, antes, com o *Passeio Público*, e sempre concentrou as atenções dos cidadãos. A Avenida da Liberdade, com a sua proeminência, oculta, então, as componentes espaciais das suas imediações, cuja maioria das ruas nem sequer constitui pontos de passagem obrigatórios do trânsito automóvel decorrido em Lisboa, bem como as componentes sociais e económicas daqueles residentes idosos. Também neste contexto, por um lado, assistimos a um povoamento discriminado e muito fracionado socioeconometricamente do espaço da Avenida da Liberdade, visto que os diferentes povoamentos geram verdadeiras fronteiras entre os diferentes indivíduos que os fazem. Contudo, por outro lado, nos bancos (de jardim) da mesma avenida desenvolvem-se modos de entreajuda entre residentes idosos do Bairro de São José (por meio dos grandes e pequenos apoios simbólicos, manifestos no apoio moral e nos conselhos, em várias situações), apesar de não serem raros os episódios de rivalidade motivados por outros idosos residentes no bairro que não utilizam estes mesmos *sítios* (Costa, 1999), fazendo uma utilização distinta da “Avenida” ou não a usando. De modo diferente, o Bairro de Benfica é um ponto imprescindível de entrada na cidade de Lisboa e compreende espaços urbanos algo democráticos, tal como os compreendem as suas imediações, o que contribui para um maior conhecimento público deste bairro e para a existência de menores fronteiras entre aqueles que o povoam e, então, para maior visibilidade dos seus residentes (idosos).

Ao tomarmos estas questões em consideração, faz sentido alertarmos para a importância de redesenhar o espaço urbano do centro de Lisboa e melhor o adequar aos seus residentes mais desfavorecidos, por intermédio da reabilitação de algumas das suas casas e da promoção do uso mesclado e mais democrático dos seus lugares (tanto mais conhecidos como mais ocultos), ou do povoamento (extensivo) por vários grupos sociais, apoiado na criação de novas atividades.

Apesar dos espaços urbanos com desigualdades acentuadas contarem e as populações idosas com poucos recursos económicos que residem nos mesmos espaços também contarem,

a inclusão espacial destas populações não é a única medida importante, sendo, ainda, importante criar medidas que abranjam quer estas populações, quer outras populações idosas residentes em espaços não tão desiguais, como o Bairro de Benfica. Neste enquadramento, importa promover as intervenções no âmbito dos espaços e comunidades interlocais e translocais, uma vez que, as intervenções, de que tivemos conhecimento, estiveram, frequentemente, confinadas aos bairros ou às organizações, mais vastas, relacionadas com os bairros.

Até em contexto de crise económica, se as redes familiares e amicais não constituíram uma resposta efetiva para colmatar determinadas lacunas do Estado, quanto ao seguimento profícuo das suas funcionalidades de apoio, continuou a haver uma conjugação do Estado, ou das organizações governamentais, com as organizações não-governamentais para a realização de compensações ou complementações dos relacionamentos com elementos destas redes. Nesta mesma altura, os analistas que se dedicaram à crise, da qual nos encontramos agora a acordar (cf. Stiglitz, 2010), para além de sugerirem a importância de medidas económicas e políticas (Giddens, 2014), sugeriram também a importância de promover uma comunidade de cidadãos mundiais ou uma associação supranacional de cidadãos (Habermas, 2012). Estas articulações mundiais e promoções de redes mundiais parecem ser, identicamente, essenciais nos bairros estudados (e conter ainda maior relevância para o Bairro de São José), visto que um pouco mais de metade dos indivíduos idosos entrevistados não conhece países estrangeiros, apenas menos de um terço destes indivíduos conhece mais do que um país estrangeiro e apenas quatro destes indivíduos estudou ou residiu e (ou) trabalhou profissionalmente em países estrangeiros, sendo que ocorreu e ocorre, geralmente, um certo fechamento ao nosso país.

Em jeito de conclusão, é fundamental recordar que estas descobertas nos conduzem não apenas aos hibridismos das ‘formas espaciais da sociedade’ urbana (Castells, 1984), como, mais particularmente, aos hibridismos daqueles idosos que integram, de diferentes modos, os bairros de São José e Benfica. Por conseguinte, esses idosos, mesmo abrangendo maiores ou menores invisibilidades e maiores ou menores restrições posicionais e reticulares, não constituem, de um modo uniforme e homogéneo, indivíduos alienados e isolados. Esta constatação evidenciou-se, igualmente, no facto de que, até mesmo no quadro da “observação do exótico”, desenvolvida, inicialmente, no Bairro de São José (um bairro situado no centro da cidade de Lisboa, onde se tem visto existirem, presentemente, grandes despovoamento e esvaziamento social), não fomos investigadores *flâneurs* ao longo de muito tempo e, com uma certa rapidez, fomos integrados, familiarmente, em sociabilidades com os idosos residentes.

## Referências bibliográficas

- ABOIM, Sofia, e Karin WALL. Tipos de família em Portugal: Interacções, valores e contextos. *Análise Social*. 2002, XXXVII (163), 475-506.
- ABOIM, Sofia. Dinâmicas de interacção e tipos de conjugalidade. In: Karin WALL, ed. *Famílias em Portugal: Percursos, interacções, redes sociais*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2005, 231-302.
- ABOIM, Sofia. *Conjugalidades em mudança: Percursos e dinâmicas da vida a dois*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2006.
- ADAM, Frane, e Borut RONCEVIC. Social capital: Recent debates and research trends. *Social Science Information*. 2003, 42 (2), 155-183.
- AGIER, Michel. *L'invention de la ville, banlieues, townships, invasions et favelas*. Paris: Éditions des Archives Contemporaines, 1999.
- AKERLOF, George et al. *What have we learned? Macroeconomic policies after the crisis*. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology, 2014.
- AKRISH, Madeleine, Michel CALLON, e Bruno LATOUR. *Sociologie de la traduction. Textes fondateurs*. Paris: Presses de Mines, 2006.
- ALBARELLO, Luc et al. *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 2005.
- ALEXANDER, Jeffrey C. What is theory? In: Jeffrey ALEXANDER. *Sociological theory since 1945*. London: Hutchinson, 1987, 1-21.
- ALMEIDA, João F. et al. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- ALTHUSSER, Louis. *Pour Marx*. Paris: François Maspero, 1977.
- ANDERSON, Nels. *Le hobo: Sociologie du sans-abri*. Paris: Éditions Nathan, 1993.
- ARANDA, María P. et al. The protective effect of neighborhood composition on increasing frailty among older Mexican Americans: A barrio advantage? *Journal on Aging and Health*. 2011, 23(7), 1189-1217.
- ARCHER, Margaret S. *Culture and agency: The place of culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- ARCHER, Margaret S. *Realist social theory: The morphogenetic approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- ARCHER, Margaret S. *Structure, agency and the internal conversation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ARCHER, Margaret S. The trajectory of morphogenetic approach. An account in the first-person. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 2007, 54, 35-47.
- ARCHER, Margaret S. *Habitus*, reflexividade e realismo. *Revista de Ciências Sociais*. 2011, 54 (1), 157-206.
- ATKINSON, Paul et al. *Handbook of ethnography*. London: Sage Publications, 2001.
- ATKINSON, Paul, e Sara DELAMONT. Qualitative research traditions. In: Craig CALHOUN, Chris ROJEK, e Bryan TURNER, eds. *The Sage handbook of Sociology*. London: Sage Publications, 2005, 40-60.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine, ed. *Les solidarités entre générations: Vieillesse, famille, État*. Paris: Éditions Nathan, 1995.

- ATTIAS-DONFUT, Claudine. Le double circuit des transmissions. In: Claudine ATTIAS-DONFUT, ed. *Les solidarités entre générations: Vieillesse, famille, État*. Paris: Éditions Nathan, 1995a, 41-81.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine, e Martine SEGALEN. *Grands-parents: La famille à travers les générations*. Paris: Odile Jacob, 2007.
- BAPTISTA, Luís Vicente. Dominação demográfica no contexto do século XX português: Lisboa, a capital. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 1994, 15, 53-77.
- BAPTISTA, Luís Vicente. Territórios lúdicos (e o que torna lúdico um território): Ensaiando um ponto de partida. *Forum Sociológico*. 2005, 13/14, 47-58.
- BAUDIN, Gérard. Le rôle de l'espace dans le diagnostic et le traitement des "malaises sociaux". Sur quelques implicites de la politique de la ville en France. *Forum Sociológico*. 2007, 17, 91-101.
- BAWIN-LEGROS, Bernadette, Anne GAUTHIER, e Jean-François STASSEN. Les limites de l'entraide intergénérationnelle. In: Claudine ATTIAS-DONFUT, ed. *Les solidarités entre générations: Vieillesse, famille, État*. Paris: Éditions Nathan, 1995, 117-130.
- BEAUD, Stéphane, e Florence WEBER. *Guide de l'enquête de terrain: Produire et analyser des données ethnographiques*. Paris: Éditions La Découverte, 1998.
- BECK, Ulrich. *Risk society: Towards a new modernity*. London: Sage Publications, 1992.
- BECK, Ulrich, e Elisabeth BECK-GERNSHEIM. *The normal chaos of love*. Cambridge: Polity Press, 1995.
- BECK, Ulrich. *The reinvention of politics: Rethinking modernity in the global social order*. Cambridge: Polity Press, 1997.
- BECK, Ulrich. *World risk society*. Cambridge: Polity Press, 1999.
- BECK, Ulrich, Anthony GIDDENS, e Scott LASH. *Modernização reflexiva*. Oeiras: Celta Editora, 2000.
- BECK, Ulrich, e Elisabeth BECK-GERNSHEIM. *Individualization: Institutionalised individualism and its social and political consequences*. London: Sage Publications, 2001.
- BECKER, Howard S., e Blanche GEER. Participant observation: The analysis of qualitative field data. In: Robert BURGESS, ed. *Field research, a sourcebook and field manual*. London: George Allen & Unwin, 1982, 239-250.
- BECKER, Howard S. *Outsiders: Studies in the sociology of deviance*. New York: The Free Press, 1991.
- BENGSTON, Vern, Carolyn ROSENTHAL, e Linda BURTON. Families and aging: Diversity and heterogeneity. In: Robert H. BINSTOCK, e Linda K. GEORGE, eds. *Handbook of aging and the Social Sciences*. San Diego: Academic Press, 1990, 263-287.
- BENGSTON, Vern, e Roseann GIARRUSSO. Effets à long terme du lien filial. In: Claudine ATTIAS-DONFUT, ed. *Les solidarités entre générations: Vieillesse, famille, État*. Paris: Éditions Nathan, 1995, 83-95.
- BENGSTON, Vern, K. Warner SCHAIE, e Linda BURTON, eds. *Adult intergenerational relations: Effects of societal change*. New York: Springer Publishing Company, 1995.
- BENJAMIM, Walter. Paris, capital do século XIX. In: Carlos FORTUNA, ed. *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta Editora, 1997, 67-80.
- BEREND, Iván T. The Welfare State; Crisis and solutions. Apresentação entregue ao *Instituto Europeu de Budapeste*. 2003, 17-23.
- BLUMER, Herbert. *Symbolic interactionism*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1986.
- BONAITO, Marino, Mirilia BONNES, e Massimo CONTINISIO. Neighborhood evaluation within a multiplace perspective on urban activities. *Environment and Behavior*. 2004, 36(1), 41-69.

- BOND, John, e Lynne CORNER. *Quality of life and older people*. Maidenhead; New York: Open University Press, 2004.
- BONLAVET, Catherine. Proches et parents. *Population*. 1993, 1, 83-110.
- BONLAVET, Catherine, e Éva LELIÈVRE. Du concept de ménage à celui d'entourage: Une redéfinition de l'espace familial. *Sociologie et Sociétés*. 1995, 27 (2), 177-190.
- BOTT, Elisabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1971.
- BOUDON, Raymond, ed. *Tratado de Sociologia*. Porto: Edições Asa, 1995.
- BOULD, Sally. Caring neighborhoods: Bringing up the kids together. *Journal of Family Issues*. 2003, 24(4), 427-447.
- BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique. Précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Genève: Proz, 1972.
- BOURDIEU, Pierre. Le capital social. Notes provisoires. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. 1980, 31, 2-3.
- BOURDIEU, Pierre. *Distinction. A social critique of the judgement of taste*. London: Routledge, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Oeiras: Celta Editora, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *La domination masculine*. Paris: Éditions du Seuil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *Science de la science et réflexivité. Cours du Collège de France 2000-2001*. Paris: Raison d'Agir, 2001.
- BRACKE, Piet, Wendy CHRISTIAENS, e Naomi WAUTERIC. The pivotal role of women in informal care. *Journal of Family Issues*. 2008, 29 (10), 1348-1378.
- BRANNEN, Julia, Peter MOSS, e Ann MOONEY. *Working and caring over the twentieth century: Change and continuity in four-generation families*. Houndsill: Palgrave Macmillan, 2004.
- BRISSON, Daniel, e Inna ALTSCHUL. Collective efficacy predicting experience on material hardship in low-income neighborhoods. 2011, *Urban Affairs Review*, 47(4), 541-563.
- BROUGHTON, Kevin, Nigel BERKELEY, e David JARVIS. Where next for neighborhoods regeneration in England? *Local Economy*. 2011, 26 (2), 82-94.
- BRYMAN, Alan, e Robert BURGESS, eds. *Analysing qualitative data*. London: Routledge, 1994.
- BURGESS, Robert, ed. *Field research, a sourcebook and field manual*. London: George Allen & Unwin, 1982.
- BURGESS, Robert G. *A pesquisa de terreno. Uma introdução*. Oeiras: Celta, 1997.
- BURT, Roland S. Capital social, les trous structuraux et l'entrepreneur. *Revue Française de Sociologie*. 1995, XXXVI (4), 599-628.
- CALDWELL, Raymond. Things fall apart? Discourses on agency and change in organizations. *Human Relations*. 2005, 58 (1), 83-114.
- CANN, Paul, e Malcolm DEAN, eds. *Unequal ageing. The untold story of exclusion in old age*. Bristol; Portland: The Policy Press, 2009.
- CASTELLS, Manuel. *Problemas de investigação em Sociologia Urbana*. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: Economia, sociedade e cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- CÉFAÏ, Daniel, ed. *L'enquête de terrain*. Paris: La Découverte, 2003.
- CLINARD, Marshall B. A cross-cultural replication of the relation of urbanism to criminal behavior. *American Sociological Review*. 1960, 25 (2), 253-257.
- COENEN-HUTHER, Josette, Jean KELLERHALS, e Malik von ALLMEN, eds. *Les réseaux de solidarité dans la famille*. Lausanne: Réalités Sociales, 1994.

- COLEMAN, James S. Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology*. 1988, 94 (1), 95-120.
- COLEMAN, James S. *Foundations of social theory*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1990.
- COMMAILLE, Jacques. *Misères de la famille: Question d'État*. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1996.
- COMMAILLE, Jacques, e François de SINGLY, eds. *La question familiale en Europe*. Paris: L'Harmattan, 1997.
- COMMAILLE, Jacques, e Claude MARTIN. *Les enjeux politiques de la famille*. Paris: Bayard Éditions, 1998.
- CORDEIRO, Graça I. *Um lugar na cidade. quotidiano, memória e representação no Bairro da Bica*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.
- CORDEIRO, Graça I. Territórios e identidade sobre escala de organização sócio-espacial num bairro de Lisboa. *Estudos Históricos*. 2001, 28, 125-142.
- CORNWELL, Benjamin. Network bridging potential in later life. *Journal of Aging and Health*. 2009, 21 (1), 129-154.
- CORNWELL, Benjamin. Age trends in daily social contact patterns. *Research on Aging*. 2011, 33(5), 598-631.
- COSTA, António F. A pesquisa de terreno em Sociologia. In: Augusto S. SILVA, e José M. PINTO, eds. *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento, 1986, 129-148.
- COSTA, António F. *Sociedade de bairro*. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- COSTA, António F. et al. Classes sociais na Europa. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 2000, 34, 9-43.
- COSTA, António F. Estilos de sociabilidade. In: Graça I. CORDEIRO, Luís V. BAPTISTA, e António F. COSTA, eds. *Etnografias urbanas*. Oeiras: Celta Editora, 2003, 121-129.
- CROMPTON, Rosemary. *Employment and the family*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando: Uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2010.
- DANNEFER, Dale. Cumulative advantage/disadvantage and the life course: Cross-fertilizing age and social science theory. *Journal of Gerontology*. 2003, 58B(6), S327-S337.
- DASSOPOULOS, Andrea, e Shannon M. MONNAT. Do perceptions of social cohesion, social support, and social control mediate the effects of local community participation on neighborhood satisfaction? *Environment and Behavior*. 2011, 43(4), 546-565.
- DEFILIPPIS, James. The myth of social capital in community development. *Housing Policy Debate*. 2001, 12 (4), 781-806.
- DOLLARD, John. *Caste and class in a Southern town*. New York: Doubleday Anchor Books, 1957.
- DORNELAS, António et al., eds. *Portugal invisível*. Lisboa: Mundos Sociais, 2010.
- DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: Beyond structuralism and hermeneutics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.
- DURKHEIM, Émile. La famille conjugale. *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*. 1921, 91, 1-14.
- ELDER, Glen H. Age differentiation and the life course. *Annual Review of Sociology*. 1975, 1, 165-190.
- ELDER, Glen H. Family history and the life course. In: Tamara HAREVEN, ed. *Transitions: The family and the life course in historical perspective*. New York: Academic Press, 1978, 17-64.
- ELDER, Glen H. et al. Families under economic pressure. *Journal of Family Issues*. 1992, 13(1), 5-37.

- ELDER, Glen H. Time, human agency, and social change: Perspectives on the life course. *Social Psychology Quarterly*. 1994, 57(1), 4-15.
- ELDER, Glen H. et al. Inner-city parents under economic pressure: Perspectives on the strategies of parenting. *Journal of Marriage and the Family*. 1995, 57(3), 771-784.
- ELDER, Glen H. The life course as developmental theory. *Child Development*. 1998, 69(1), 1-12.
- EMIRBAYER, Mustafa, e Ann MISCHE. What is agency? *American Journal of Sociology*. 1998, 103(4), 962-1023.
- FABIEN, Catherine et al. Sociabilités et famille populaire: Une socio-ethnographie de la mise en contact. *Réseaux*. 2007, 25 (175-176), 119-155.
- FERNANDES, Ana Alexandre. *Velhice e sociedade. Demografia, família e políticas sociais em Portugal*. Oeiras: Celta Editora, 1997.
- FERNANDES, Ana Alexandre. Velhice, solidariedades familiares e política social: Itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança média de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 2001, 36, 39-52.
- FERNANDES, Ana Alexandre, Ana Paula GIL, e Inês GOMES. Fora de cena: Invisibilidades sociais na última etapa da trajectória de vida. In: António DORNELAS et al., eds. *Portugal invisível*. Lisboa: Mundos Sociais, 2010, 173-198.
- FILIPOVIC, Masa. Influences on the sense of neighborhood: Case of Slovenia. *Urban Affairs Review*. 2008, 43(5), 718-732.
- FISHER, Berenice, e Anselm STRAUSS. The Chicago tradition and social change: Thomas, Park and their successors. In Ken PLUMMER, ed. *Symbolic interactionism*. Aldershot: Edward Elgar Publishing, 1991, 73-91.
- FISCHER, Claude S. *To dwell among friends. Personal networks in town and city*. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.
- FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Éditions Gallimard, 1966.
- FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Paris: Éditions Gallimard, 1971.
- FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir: Naissance de la prison*. Paris: Éditions Gallimard, 1975.
- FOUCAULT, Michel. *Language, counter-memory, practice. Selected essays and interviews by Michel Foucault*. New York: Cornell University Press, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *Power-knowledge: Selected interviews and other writings 1972-1977*. New York: Harvester Press, 1980.
- GARFINKEL, Harold. *Studies in ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press, 1999.
- GARRIOCH, David, e Mark PEEL. Introduction: The social history of urban neighborhoods. *Journal of Urban History*. 2006, 32(5), 663-676.
- GIDDENS, Anthony. Elements of the theory of structuration. In: Anthony GIDDENS. *The constitution of society. Outline of the theory of structuration*. Cambridge: Polity Press, 1984, 1-40.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta Editora, 1994.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Oeiras: Celta Editora, 1996.
- GIDDENS, Anthony. *A Europa na era global*. Lisboa: Editorial Presença, 2007.
- GIDDENS, Anthony. *Turbulent and mighty continent: What future for Europe?* Cambridge: Polity Press, 2014.
- GIL, Ana Paula. Envelhecimento activo: Complementaridades e contradições. *Forum Sociológico*. 2007, 17, 25-36.
- GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. New York: Anchor Books, 1959.
- GOFFMAN, Erving. The interaction order. *American Sociological Review*. 1983, 48(1), 1-17.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1988.

- GOFFMAN, Erving. On fieldwork. *Journal of Contemporary Ethnography*. 1989, 18 (2), 123-132.
- GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*. 1973, 78 (6), 1360-1380.
- GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties: A network theory revisited. *Sociological Theory*. 1983, 1, 201-233.
- GRANOVETTER, Mark. Economic action and social structure: The problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*. 1985, 91 (3), 481-510.
- GUERREIRO, Maria das Dores. *Famílias na actividade empresarial. PME em Portugal*. Oeiras: Celta Editora, 1996.
- GUERREIRO, Maria das Dores. Pessoas sós: Múltiplas realidades. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 2003, 43, 31-49
- HABERMAS, Jürgen. *The crisis of the European Union: A response*. Cambridge: Polity Press, 2013.
- HAINES, Valerie A., John J. BEGGS, e Jeanne S. HURLBERT. Neighborhood disadvantage, network social capital, and depressive symptoms. *Journal of Health and Social Behavior*. 2011, 52(1), 58-73.
- HANNERZ, Ulf. *Exploring the city. Inquiries toward an Urban Anthropology*. New York: Columbia University Press, 1980.
- HANTRAIS, Linda, e Marie-Thérèse LETABLIER, eds. *Families and family policies in Europe*. London: Longman, 1996a.
- HANTRAIS, Linda, e Marie-Thérèse LETABLIER. *Famille, travail et politiques familiales en Europe*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996b.
- HAREVEN, Tamara. Historical changes in the timing of family transitions: Their impact on generational relations. In: Robert W. FOGEL, et al., eds. *Aging: Stability and change in the family*. New York: Academic Press, 1981, 143-165.
- HAREVEN, Tamara. Male caregivers for aged relatives. A life course perspective. In: 'Males' caregiving roles in an aging society. Bethesda, Maryland, National Institute for Aging, 1993.
- HAREVEN, Tamara. Aging and generational relations: A historical and life course perspective. *Annual Review of Sociology*. 1994, 20, 437-461.
- HARSANYI, John C. Rational-choice models of political behavior vs. functionalist and conformist theories. *World Politics*. 1969, 21 (4), 513-538.
- HARTUP, Willard, e Nan STEVENS. Friendships and adaptation in the life course. *Psychological Bulletin*. 1997, 121(3), 355-370.
- HESPANHA, Maria J. F. Para além do Estado: A saúde e a velhice na sociedade-providência. In: Boaventura S. SANTOS, ed. *Portugal: um retrato singular*. Porto: Edições Afrontamento, 1993, 315-335.
- HESPANHA, Pedro. Vers une société providence simultanément pré- et post- moderne: L'État des solidarités intergénérationnelles au Portugal. In: Claudine ATTIAS-DONFUT, ed. *Les solidarités entre générations: Vieillesse, famille, État*. Paris: Éditions Nathan, 1995, 209-221.
- HITLIN, Steven, e Glen H. ELDER. Time, self and the curiously abstract concept of agency. *Sociological Theory*. 2007, 25(2), 170-191.
- HOFFMAN, Lily M., Susan S. FAINSTEIN, e Dennis, R. JUDD. *Cities and visitors. Regulating people, markets and city space*. Malden: Blackwell Publishing, 2003.
- HOMANS, George C. Social behavior as exchange. *The American Journal of Sociology*. 1958, 63, 597-606.
- HUR, Misun, e Hazel MORROW-JONES. Factors that influence residents' satisfaction with neighborhoods. *Environment and Behavior*. 2008, 40(5), 619-635.

- JOSÉ, São José, e Karin WALL. Trabalhar e cuidar de um idoso dependente: Problemas e soluções. *Cadernos Sociedade e Trabalho*. 2006, 7, 119-154.
- JOSÉ, São José. A divisão dos cuidados sociais prestados a pessoas idosas: Complexidade, desigualdades e preferências. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 2012, 69, 63-85.
- KAUFMANN, Jean-Claude, ed. *Faire ou faire-faire. Famille et services*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1996.
- KELLERHALS, Jean, e Huguette MCCLUSKEY. Uma topografia subjectiva do parentesco. Contributo para o estudo das redes de parentesco nas famílias urbanas. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 1988, 5, 171-189.
- KELLERHALS, Jean, Josette COENEN-HUTHER, e Marianne MODAK. *Figures de l'équité. La construction des normes de justice dans les groupes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.
- KELLERHALS, Jean, Josette COENEN-HUTHER, e Malik Von ALLMEN. Les formes du réseau de soutien dans la parenté. In: Claudine ATTIAS-DONFUT, ed. *Les solidarités entre générations: Vieillesse, famille, État*. Paris: Éditions Nathan, 1995, 131-142.
- KELLERHALS, Jean. *Mesure et démesure du couple*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2004.
- KELLERHALS, Jean, e Eric WIDMER. *Familles en Suisse: Les nouveaux liens*. Lausanne: Presses Polytechniques et Universitaires Romandes, 2007.
- KILLIAN, Lewis M., e Charles M. GRIGG. Urbanism, race and anomia. *American Journal of Sociology*. 1962, 67(2), 661-665.
- KNOKE, David, e James KUKLINSKI. *Network analysis*. Beverly Hills (etc.): Sage Publications, 1988.
- LAHIRE, Bernard, ed. *Les travail sociologique de Pierre Bourdieu: Dettes et critiques*. Paris: La Découverte, 2001.
- LATOUR, Bruno. *Reassembling the social. An introduction to actor-network-theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- LEINHARDT, Samuel, ed. *Social networks. A developing paradigm*. New York: Academic Press, 1977.
- LELIEVELDT, Herman. Helping citizens help themselves: Neighbourhood improvement programs and the impact of social networks, trust and norms on neighbourhood-oriented forms of participation. *Urban Affairs Review*. 2004, 39(5), 531-551.
- LEMIEUX, Vincent. *Les réseaux d'acteurs sociaux*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- LESEMANN, Frédéric, e Claude MARTIN. Solidarités familiales et politiques sociales. *Notes et Études Documentaires*. 1993, 2/3, 4967-4968.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *La pensée sauvage*. Paris: Plon, 1962.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O estruturalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.
- LIN, Nan. Building a network theory of social capital. *Connections*. 1999, 22 (1), 28-51.
- LIN, Nan. *Social capital: A theory of social structure and action*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- LOFLAND, John, e Lyn LOFLAND. *Analysing social settings: A guide to qualitative observation and analysis*. Belmont: Wadsworth Publishing Company, 1984.
- LOFLAND, Lyn. *The public realm. Exploring the city's quintessential social territory*. New York: Walter de Gruyter, 1998.
- LÓPEZ, José, e John SCOTT. *Social structure*. Buckingham: Open University Press, 2000.
- LOUSADA, Maria Alexandre. Sociabilidades mundanas em Lisboa: Partidas e assembleias, 1760-1834. *Penélope*. 1998, 19, 129-160.
- LOUSADA, Maria Alexandre. A rua, a taberna e o salão: Elementos para uma geografia histórica das sociabilidades lisboetas nos finais do antigo regime. In: Maria da Graça

- VENTURA, ed. *Os espaços de sociabilidade na Ibero-América (sécs. XVI a XIX)*. Lisboa: Edições Colibri. 2004, 95-120.
- MACHADO, Paulo. A (c)idade maior – para uma sociologia da velhice na cidade de Lisboa. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 1994, 15, 21-52
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonauts of the Western Pacific*. London: Routledge, 1932.
- MEAD, George H. *Mind, self, and society*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1934.
- MEAD, George H. *The individual and the social self. Unpublished work of George Herbert Mead*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1982.
- MERCKLÉ, Pierre. *Sociologie des réseaux sociaux*. Paris: Éditions La Découverte, 2004.
- MILARDO, Robert M., ed. *Families and social networks*. Beverly Hills (etc.): Sage Publications, 1988.
- MIRANDA, David. “Em rede”: Algumas questões epistemológicas. In: José REBELO, ed. *Novas formas de mobilização popular*. Porto: Campo das Letras, 2003, 87-90.
- MORGAN, David. *Acquaintances: The space between intimates and strangers*. Maidenhead: Open University Press, 2009.
- MORTIMER, Jeylan T., e Michael J. SHANAHAN, ed. *Handbook of the life course*. New York: Springer, 2004.
- MOUZELIS, Nicos. *Back to sociological theory. The construction of social orders*. Basingstoke; London: Macmillan Press, 1991.
- MOUZELIS, Nicos. *Sociological theory: What went wrong? Diagnosis and remedies*. London; New York: Routledge, 1995.
- MOUZELIS, Nicos. *Modern and postmodern social theorizing: Bridging the divide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- MUSSO, Juliet et al. Neighborhood governance reform and networks of community power in Los Angeles. *The American Review of Public Administration*. 2006, 36(1), 79-97.
- NILSEN, Ann, Julia BRANNEN, e Susan LEWIS. *Transitions to parenthood in Europe. A comparative life course perspective*. Bristol: Policy Press, 2013.
- PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.
- PARK, Robert E., Ernest W. BURGESS, e Roderick D. MCKENZIE. *The city: Suggestions for investigation of human behavior in the urban environment*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.
- PARKER, John. *Structuration*. Buckingham: Open University Press, 2000.
- PARSONS, Talcott. The prospects of sociological theory. *American Sociological Review*. 1950, 15 (1), 3-16.
- PARSONS, Talcott. *The structure of social action*. New York: The Free Press, 1968.
- PARSONS, Talcott. A estrutura social da família. In: Ruth Nanda ANSHEN, ed. *A família: A sua função e destino*. Lisboa: Meridiano, 1971, 273-300.
- PARSONS, Talcott. *The social system*. London: Routledge, 1991.
- PARSONS, Talcott, e Robert F. BALES. *Family, socialization and interaction process*. Abingdon: Routledge, 2007.
- PEREIRA, Inês. Movimento em rede. Uma história do Software Livre. In: Gustavo CARDOSO, e Rita ESPANHA, eds. *Comunicação e jornalismo na era da informação*. Porto: Campo das Letras, 2006, 303-331.
- PIKETTY, Thomas. *Le capital au XXI<sup>e</sup> siècle*. Paris: Éditions du Seuil, 2013.
- PIMENTEL, Luísa, e Cristina ALBUQUERQUE. Solidariedades familiares e o apoio a idosos. Limites e implicações. *Textos & Contextos*. 2010, 9(2), 251-263.
- PINQUART, Martin, e Silvia SÖRENSEN. Influences of socioeconomic status, social network, and competence on subjective well-being in later life: a meta-analysis. *Psychology and Ageing*. 2000, 15 (2), 187-224.

- PIRES, Rui Pena. Árvores conceptuais: Uma reconstrução multidimensional dos conceitos de acção e de estrutura. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 2007, 53, 11-50.
- PIRES, Rui Pena. O problema da ordem. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 2012, 69, 31-45.
- PITROU, Agnès. *Vivre sans famille? Les solidarités familiales dans le monde d'aujourd'hui*. Toulouse: Éditions Privat, 1978.
- PLUMMER, Ken, ed. *Symbolic interactionism*. Aldershot: Edward Elgar Publishing, 1991.
- PORTEES, Alejandro. Social capital: Its origins and applications in modern sociology. *Annual Review of Sociology*. 1998, 24, 1-24.
- PORTUGAL, Sílvia. Contributos para a discussão do conceito de rede na teoria sociológica. Oficina do Centro de Estudos Sociais (CES). 2007a, 271, 1-35.
- PORTUGAL, Sílvia. O que faz mover as redes sociais? Uma análise das normas e dos laços. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 2007b, 79, 35-56.
- PROENÇA, Álvaro. *Benfica através dos tempos*. Lisboa: Ulmeiro, 2004.
- PUTNAM, Robert. *Bowling alone. The collapse and revival of American community*. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 2000.
- PUTNAM, Robert, e Lewis FELDSTEIN. *Better together. Restoring the American community*. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 2003.
- QUIVY, Raymond, e Luc Van CAMPENHOUDT. *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 1992.
- RANK, Mark, e Thomas HIRSCHL. Rags or riches? Estimating the probabilities of poverty and affluence across the adult American life span. *Social Science Quarterly*. 2001, 82(4), 651-669.
- RIESMAN, David. *The lonely crowd: A study of the changing American character*. New Haven: Yale University Press, 1961.
- RIESMAN, David. *Individualism reconsidered*. New York: The Free Press of Glencoe, 1964.
- RITZER, George, ed. *The Blackwell companion to major contemporary social theorists*. Malden: Blackwell Publishing, 2003.
- ROSAS, Fernando. O salazarismo e o homem novo: Ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. *Analise Social*. 2001, XXXV (157), 1031-1054.
- ROUSSEL, Louis, e Odile BOURGUIGNON. *La famille après le mariage des enfants*. Paris: INED/PUF, 1976.
- SANTOS, Boaventura S. O Estado, as relações salariais e o bem-estar social na semi-periferia. In: Boaventura S. SANTOS, ed. *Portugal: Um retrato singular*. Porto: Edições Afrontamento, 1993, 17-56.
- SCHWARTZ, Morris S., e Charlotte G. SCHWARTZ. Problems in participant observation. *American Journal of Sociology*. 1955, 60 (4), 343-353.
- SCOTT, John. *A matter of record: Documentary sources in social research*. Cambridge: Polity Press, 1990.
- SCOTT, John. *Sociological theory. Contemporary debates*. Cheltenham: Edward Elgar, 1995.
- SCOTT, John. *Social theory: Central issues in Sociology*. London (etc.): Sage Publications, 2006.
- SEGALEN, Martine. Continuités et discontinuités familiales: Approche socio-historique du lien intergénérationnel. In: Claudine ATTIAS-DONFUT, ed. *Les Solidarités entre générations: Vieillesse, famille, État*. Paris: Éditions Nathan, 1995, 27-40.
- SENNETT, Richard. *The culture of the new capitalism*. New Haven: Yale University Press, 2006.
- SETTON, Maria da Graça. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: Uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*. 2002, 20, 60-70.

- SIEBER, Sam D. The integration of fieldwork and survey methods. In: Robert G. BURGESS, ed. *Field research, a sourcebook and field manual*. London: George Allen & Unwin, 1982, 176-188.
- SILVA, Augusto S., e José M. PINTO, eds. *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, 1986.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida do espírito. In: Carlos FORTUNA, ed. *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta Editora, 1997, 31-43.
- SINGLY, François. *Sociologie de la famille contemporaine*. Paris: Éditions Nathan, 1993.
- SINGLY, François. *Le soi, le couple et la famille*. Paris: Éditions Nathan, 1996.
- STIGLITZ, Joseph E. *The Stiglitz report. Reforming the international monetary and financial systems in the wake of the global crisis*. New York; London: The New Press, 2010.
- SWEDBERG, Richard. The case for an economic Sociology of Law. *Theory and Society*. 2003, 32, 1-37.
- TIMONEN, Virpi. *Ageing societies: A comparative introduction*. Maidenhead; New York: Open University Press, 2008.
- THOMAS, June M. Neighborhood planning: Uses of oral history. *Journal of Planning History*. 2004, 2 (1), 50-70.
- THOMAS, William, e Isaac ZNANIECKI. *The polish peasant in Europe and America*. Chicago: University of Illinois Press, 1984.
- TOFFLER, Alvin. *A terceira vaga*. Lisboa: Livros do Brasil, 1980.
- TONKISS, Fran. *Space, the city and social theory. Social relations and urban forms*. Cambridge: Polity Press, 2005.
- TÖNNIES, Ferdinand. *Communauté et société. Catégories fondamentales de la Sociologie pure*. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.
- TORRES, Anália C., e Francisco V. SILVA. Guarda das crianças e divisão do trabalho entre homens e mulheres. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 1998, 28, 9-65.
- VASCONCELOS, Pedro. Redes de apoio familiar e desigualdade social: Estratégias de classe. *Análise Social*. 2002, XXXVII (163), 507-544.
- VASCONCELOS, Pedro. Redes sociais de apoio. In: Karin WALL, ed. *Famílias em Portugal: Percursos, interacções, redes sociais*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2005, 599-650.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: Gilberto VELHO. *Individualismo e cultura. Notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987, 121-132.
- VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: Um estudo de Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- VEMURI, Amanda et al. A tale of two scales: Evaluating the relationship among life satisfaction, social capital, income and the natural environment at individual and neighborhood levels in metropolitan Baltimore. *Environment and Behavior*. 2011, 43(1), 3-25.
- VERHOEVEN, Jef C. An interview with Erving Goffman 1980. *Research on Language and Social Interaction*. 1993, 26 (3), 317-348.
- VIEGAS, José M. Leite, e António F. da COSTA. eds. *Portugal, que modernidade*. Oeiras: Celta Editora, 1998.
- VIEGAS, José M. Leite et al., eds. *Portugal in the European context*. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL), 2009.
- VINCENT, John A., Chris R. PHILLIPSON, e Murna DOWNS, eds. *The futures of old age*. London (etc.): Sage Publications, 2006.
- VINOVSKIS, Maris. From household size to the life course. *American Behavioral Scientist*. 1977, 21(2), 263-287.

- WALKER, Alan, ed. *Understanding quality of life in old age*. Maidenhead; New York: Open University Press, 2005.
- WALL, Karin. Apontamentos sobre a família na política social portuguesa. *Análise Social*. 1995, XXX, 131/132, 431-458.
- WALL, Karin, José São JOSÉ, e Sónia CORREIA. *Improving human potential and socio-economic knowledge base key action for socio-economic research*, WP3 care arrangements in multi-career families (national report: Portugal). *European Commission*, Instituto de Ciências Sociais. 2001, 1-82.
- WALL, Karin, José São JOSÉ, e Sónia CORREIA. Mães sós e cuidados às crianças. *Análise Social*. 2002, 163, 631-663.
- WALL, Karin, e Maria das Dores GUERREIRO. Divisão familiar do trabalho. In: Karin WALL, ed. *Famílias em Portugal: Percursos, interacções, redes sociais*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2005, 303-362.
- WARR, Deborah J. Social networks in a 'discredited' neighbourhood. *Journal of Sociology*. 2005, 41(3), 285-308.
- WASSERMAN, Stanley, e Katherine FAUST. *Social network analysis. Methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- WEBB, Philip. Family values, social capital and contradictions of American modernity. *Theory, Culture and Society*. 2011, 28 (4), 96-123.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- WELLMAN, Barry, e Stephen D. BERKOWITZ. *Social structures: A network approach*. Greenwich; Connecticut: JAI Press, 1988.
- WELLMAN, Barry. *Networks in the global village. Life in contemporary communities*. New York; London: Routledge, 1999.
- WHYTE, William F. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- WIDMER, Eric, Jean KELLERHALS, e René LEVY. Types of conjugal networks, conjugal conflict and conjugal quality. *European Sociological Review*. 2004, 20 (1), 79-89.
- WIDMER, Eric. Who are my family members? Bridging and binding social capital in family configurations. *Journal of Social and Personal Relationships*. 2006, 23(6), 979-998.
- WIDMER, Eric. *Family configurations: A structural approach to family diversity*. Farnham: Ashgate Publishing, 2010.
- WIGHT, Richard G. et al. Urban neighborhood context and mortality in late life. *Journal of Aging and Health*. 2010, 22(2), 197-218.
- WILKERSON, Amy et al. Neighborhood physical features and relationship with neighbors: Does positive physical environment increase neighborliness? *Environment and Behavior*. 2011, 20(10), 1-21.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: Carlos FORTUNA, ed. *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta Editora, 1997, 45-65.
- WISSINK, Bart, e Arjon HAZELZET. Social networks in 'neighbourhood Tokyo'. *Urban Studies*. 2011, 9(10), 1-22.
- YOUNG, Michael, e Peter WILLMOTT. *Family and kinship in East London*. London: Penguin Books, 2007.

## **Anexo A – Outros integrantes dos campos empíricos de observação**

## OUTROS INTEGRANTES DOS CAMPOS EMPÍRICOS DE OBSERVAÇÃO

### Espaços urbanos das proximidades do lado Este do Bairro de São José

#### Avenida da Liberdade<sup>125</sup>

Uma fração da Avenida da Liberdade foi, anteriormente, ocupada pelo *Passeio Público*. O *Passeio Público* emergiu, no ano de 1760, da reconstrução pombalina da Lisboa setecentista. No contexto espacial de hoje, este passeio começou junto ao primeiro portão do Palácio Foz e terminou, aproximadamente, no quarteirão da Avenida da Liberdade que é limitado pela Rua das Pretas (a Este) e pela Rua da Alegria (a Oeste)<sup>126</sup>. De acordo com Lousada (1998):

Durante o século XVIII “(...) em particular na segunda metade, emergiram e afirmaram-se em meio urbano novas práticas e novos espaços de sociabilidade que concorreram com – e substituíram – os da sociabilidade de corte, de vizinhança, de trabalho, de cariz religioso, etc. Os salões, as assembleias<sup>[127]</sup>, os clubes, as lojas maçónicas, os cafés, os passeios públicos constituíram as novas formas de sociabilidade.” (129-130).

Estas emergências e estas afirmações de novos espaços e práticas de sociabilidade não decorreram, exclusivamente, como consequências do Terramoto de 1755, mas este fenómeno conteve uma influência importante nas relações sociais que aconteceram ulteriormente, como refere Lousada (1998):

“De quando datam estes novos costumes? Os textos que os referem e retratam vêm-nos como uma consequência dos efeitos nefastos do terramoto, bem como da influência estrangeira. Do primeiro resultara uma ausência dos espaços tradicionais de sociabilidade, conduzindo à necessidade de criação de espaços alternativos sentida tanto ao nível dos Grandes [o adjetivo refere-se aos nobres] como da classe média, a que não teria sido alheia uma necessidade psicológica de maior convívio causada pelo sismo. Tanto neste domínio como noutras – urbanismo, teatro – o terramoto funcionou como momento de clivagem entre duas épocas. Quanto aos estrangeiros – troca e negociantes – a sua presença teria contribuído para a divulgação e, por mimetismo, para a adopção de novos comportamentos.” (132-133).

O *Passeio Público* conheceu, durante o seu comprido tempo de existência, duas épocas, evidentemente, distintas. Na primeira época, de 1760 a 1834, este espaço foi só constituído por

<sup>125</sup> A Avenida da Liberdade liga a Praça dos Restauradores à Praça do Marquês de Pombal e detém, sensivelmente, 90 metros de largura e 1100 metros de comprimento. O espaço público da Avenida tem largos passeios com calçada à portuguesa, jardins, estátuas de escritores (como Almeida Garrett, Alexandre Herculano, António Feliciano de Castilho) e um Monumento aos Mortos da Grande Guerra (Primeira Guerra Mundial), que foi inaugurado em 1931. A mesma avenida foi objeto de modificações nas vias de circulação automóvel, realizadas pela *Câmara Municipal de Lisboa*, em 2012, segundo o lema “Mais vida na Avenida”.

<sup>126</sup> Deste modo, o *Passeio Público* começou na Praça dos Restauradores (a Sul) e mediou, no início, sensivelmente, 400 metros de comprimento tendo, mais tarde, sofrido um aumento (para Norte) de trinta metros.

<sup>127</sup> “Quer (...) privadas, essas reuniões alargadas de familiares e amigos que se realizam no espaço doméstico, quer (...) públicas, designação nacional dos primeiros clubes (...)” (Lousada, 1998, 130).

um bosque, ladeado de altos muros revestidos, interiormente, de buxo e louro, com quinze janelas de grade de cada um dos lados, e não foi muito concorrido. Na segunda época, de 1834 a 1879, o *Passeio Público* sofreu melhoramentos sucessivos, não só em termos de tamanho como em termos de espaços verdes e ornamentos, que foram confiados à *Câmara Municipal de Lisboa*, e, depois, começou a ser demolido. Por conseguinte, durante o advento da era artística, surgiu um espaço remodelado na capital portuguesa, o *Passeio Público* da Lisboa de D. Maria II e D. Fernando II<sup>128</sup>, que, ao terem aí proporcionado, gradualmente, obras de modernização, o trouxeram mais à vida social, tendo a frequência melhorado e aumentado bastante. De facto, segundo Lousada (2004, 104-105):

“Quanto ao passeio público mandado edificar pelo Marquês de Pombal, os referidos testemunhos dos livros de memórias e de viajantes estrangeiros são unâimes em dizer que era pouco frequentado, apontando a sua localização (entalado entre dois vales), as restrições ao acesso e os costumes portugueses (em particular, os das mulheres das classes média e alta saírem pouco, o que limitava fortemente uma prática que, nos outros países, vivia também do convívio entre os sexos) como causas principais. (...) Será preciso esperar pela década de quarenta para que o *Passeio Público*, depois de ter sido amplamente remodelado, passe a integrar as sociabilidades lisboetas (...).”

Porém, Lisboa crescia para Norte e o desenvolvimento industrial exigia novas ordens de circulação de pessoas e veículos, sendo essencial abrir uma artéria para esses crescimento e desenvolvimento da cidade. Em 1879, iniciaram-se as obras de demolição do *Passeio Público* e, um pouco mais tarde, a câmara municipal foi incumbida de efetuar tanto outras demolições e certas expropriações como a construção da Avenida da Liberdade. Por conseguinte, entre outros edifícios, foram demolidos o antigo *Theatro das Variedades*, anteriormente designado por *Theatro do Salitre*, e o antigo *Theatro-Circo de Price*, que precedentemente à demolição se chamou *Coliseu de Lisboa*; ambos os espaços de lazer estiveram situados muito próximos um do outro e o *Theatro do Salitre* foi frequentado pelos aristocratas. Efetivamente, como registou Lousada (1998, 133-134): “As poucas sociabilidades públicas que [os nobres] integraram nos seus hábitos foram as idas às assembleias públicas<sup>[129]</sup> e aos teatros (Salitre, Rua dos Condes e São Carlos); o passeio público e os cafés não eram considerados locais dignos da fidalguia.”. Ainda assim, até meados do século XIX, a entrada no *Passeio Público* foi interdita a homens de jaqueta ou sem gravata e a mulheres de capote e, no início do último quartel deste século,

<sup>128</sup> O cognome do Rei D. Fernando II (1837/1853) foi *Rei Artista*, uma vez que se dedicou às artes e uma das suas preocupações consistiu na proteção do património arquitetónico edificado em Portugal.

<sup>129</sup> “No [seu] processo de criação e difusão (...) outro factor deve ser considerado: a saída da família real e de parte da Corte para o Brasil [1808/1821], que ao deixar vazios os espaços de sociabilidade curial frequentados pelos Grandes, terá contribuído para a consolidação dos novos espaços e das novas práticas de sociabilidade (...) de uma nova elite constituída por Grandes, burocratas, negociantes, militares e literatos (...).” (Lousada, 1998, 134-135).

entre os frequentadores mais assíduos deste passeio encontraram-se figuras emblemáticas como Eça de Queiroz, Antero de Quental, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, entre outros.

O *Theatro da Rua dos Condes* foi edificado após o terramoto. Seguidamente, em meados do século XX, foi inaugurado outro edifício com o nome *Cinema Condes*, nome este já existente para um edifício, imediatamente anterior, também construído no mesmo espaço (do lado Este da Avenida da Liberdade). Este edifício conserva, presentemente, a mesma traça de exteriores e acolhe, desde 2003, o *Hard-Rock Café*.

Após muita polémica, a Avenida da Liberdade foi, portanto, construída, à imagem dos *boulevards* parisienses, e foi oficialmente inaugurada, em 1886, com a presença do Rei D. Luís I e do Príncipe D. Carlos, apesar de não estar completamente terminada. A sua emergência foi um marco no crescimento de Lisboa para Norte e esta avenida, rapidamente, se transformou num espaço preferencial para os indivíduos com maiores recursos económicos situarem as suas residências.

Logo depois da Primeira Guerra Mundial, mais propriamente, na década de 20 do século XX, emergiram os, habitualmente, denominados “loucos anos 20”. Foi neste mesmo período, sobretudo, que Lisboa se inspirou em Paris e abriu magnificentes clubes, contando-se entre os mais emblemáticos os clubes – localizados no Parque Eduardo VII, na Avenida da Liberdade e em zonas adjacentes, no Rossio e nos Restauradores – que foram conhecidos como os “clubes da baixa”<sup>130</sup>.

Sensivelmente no início dos anos 1900 foi construído o Palácio Mayer, com uma fração situada no lado ocidental da Avenida da Liberdade, pertença de Adolfo Lima Mayer. No recinto onde foi edificado o Palácio Mayer funcionaram, entre 1918 e 1920, o *Club Mayer* e, entre 1920 e 1927, o *Avenida Palace Club*. Mais tarde, instalaram-se no mesmo espaço o *Consulado Geral de Espanha em Lisboa* e a *Embaixada de Espanha em Lisboa*. Poucos anos após a edificação do Palácio Mayer, construiu-se um edifício do mesmo lado desta avenida, cujo piso térreo foi ocupado, entre 1920 e 1923, pelo *Restaurant Club Avenida – Palais Royal*. Próximo de 1930,

<sup>130</sup> Dos mais emblemáticos “clubes da baixa” são alguns exemplos: o Clube dos Restauradores (que mudou a sua designação para *Maxim's*), o (*Petit Foz*) *Ritz Club*, o *Bristol Club*, localizados nos Restauradores; o *Club Mayer* (designado, posteriormente, *Avenida Palace Club*), o *Restaurant Club Avenida – Palais Royal*, o *Olympia Club*, o *Club Montanha* (ou *Bal Tabarin Montanha*), o *Salão Alhandra*, localizados na Avenida da Liberdade e em zonas circundantes; o *Majestic Club* (que passou a chamar-se *Monumental Club*) e o *Palace Club*, ambos situados no Parque Eduardo VII; e, finalmente, o *Clube dos Patos*, o *Regaleira Club*, o *Turf Club*, o *Club Internacional* e o *Alster Pavillon*, situados no Rossio. Com o surgimento do Estado Novo os clubes fecharam. Contudo, durante os anos 40, na sequência do final da II Guerra Mundial, foram inaugurados diversos cabarés, entre os quais o *Cristal*, situado na Avenida da Liberdade. Com o surgimento da democracia os cabarés também fecharam, mas, nos anos 1980, os clubes noturnos apareceram em força.

inaugurou-se, naquele edifício, o *Café e Salão de Chá Palladium*, que, praticamente cinquenta anos depois, foi transformado num centro comercial designado *Palladium Shopping Center*, presentemente encerrado.

Além do jogo, da dança e do restaurante fora de horas, a boémia/transgressão surgiu nos clubes por via do consumo de bebidas alcoólicas na moda e chiques, como foram o *champanhe* e os *cocktails*, assim como por via da companhia de belas mulheres, algumas contratadas para distrair os convidados, outras contratadas para os espetáculos de variedades ou, ainda, outras contratadas como bailarinas de *charleston*, *foxtrot* ou mesmo *tango*.



Figura 29 – Antigo Palácio Mayer (2014)  
(situado ao lado direito da estátua)

Nos anos 1920 surgiram, a par com os clubes, outros espaços semipúblicos na Avenida da Liberdade. O *Cine-Teatro Tivoli* foi construído, em 1924, por Frederico Lima Mayer (filho de Adolfo Lima Mayer). Depois de um período de remodelação, exclusivamente nos interiores, o espaço reabriu, no ano 1999, com a denominação *Teatro Tivoli*, tendo sido direcionado para o teatro e, sobretudo, para os concertos<sup>131</sup>. Desde 2012, este espaço designa-se *Teatro Tivoli BBVA*. Também os empresários fundadores do *Hotel Tivoli Avenida Liberdade Lisboa*, situado nesta avenida, começaram, em meados dos anos 20 do século XX, com uma pensão situada ao lado do presente *Teatro Tivoli BBVA*. No entanto, poucos anos mais tarde, estes empresários transferiram-se para a margem em frente (Oeste) da Avenida da Liberdade e inauguraram a primeira versão do *Hotel Tivoli Avenida Liberdade Lisboa*<sup>132</sup>. Atualmente, este mesmo hotel integra a cadeia *Tivoli Hotels & Resorts*.

<sup>131</sup> O *Tivoli* não apresentou, unicamente, espetáculos de cinema. Logo em 1925, foi criado um grupo de teatro residente, o *Teatro Novo*. Pisaram também os seus palcos em espetáculos musicais nomes importantes de origem estrangeira e portuguesa (sobretudo, maestros e pianistas). O bailado englobou, igualmente, as plateias do *Tivoli*. Mesmo em frente deste teatro encontra-se o *Quiosque Tivoli*.

<sup>132</sup> Em 1954, o *Hotel Tivoli* sofreu remodelações e ampliações, que combinaram dois blocos num único edifício, sendo, mais tarde, construído um terceiro bloco. Em 2000, foi criada uma *mezzanine* no *Restaurante Beatriz Costa*. Este restaurante homenageia a atriz Beatriz Costa, que morou no hotel até à sua morte, em 1996.



Figura 30 – Duas vistas da entrada do *Hotel Tivoli Lisboa* (2013/2014)

Também, sensivelmente nos anos 1920, foi inaugurada a *Cervejaria Ribadouro*, situada no lado Oeste da Avenida da Liberdade, que constituiu, durante décadas, um lugar de convívio frequentado pelos públicos e pelos artistas do núcleo teatral do *Parque Mayer*. Entretanto, já em meados do século XX, foi construído, deste mesmo lado, o *Cinema São Jorge*<sup>133</sup>.

A Avenida da Liberdade é um espaço muito importante da cidade de Lisboa, devido ao seu posicionamento, visto que está localizada no centro da cidade, à sua história, nomeadamente quando consideramos o surgimento do *Passeio Público*, dos teatros, clubes e cinemas, e às suas conceções arquitetónicas de raiz, assim como ao modo como foi, mais recentemente (sobretudo, desde o princípio do século XXI), enriquecida com a reabilitação de edifícios opulentos e com o aparecimento e a expansão de *boutiques* dispendiosas e prestigiadas de *franchising* de luxo, hotéis de organizações hoteleiras reconhecidas e muitos escritórios. O posicionamento central, o cariz histórico da oferta cultural, o cariz (histórico e) opulento do edificado, o cariz requintado do comércio e da hotelaria, a par com os muitos escritórios aí instalados, tornam a Avenida da Liberdade num marco turístico da cidade de Lisboa.

O edifício Étoile 240, situado exatamente neste número da Avenida da Liberdade, foi inaugurado em Agosto de 2013 pela *Largetoile*, sendo um edifício do último quartel do século XIX, que se achou mais de quinze anos encerrado. A fachada original sofreu uma recuperação, enquanto o interior foi completamente demolido e reconstruído. Com a loja *Cartier* estabelecida no piso térreo, os restantes quatro pisos foram comercializados para escritórios sob a forma de aluguer.

<sup>133</sup> Durante os anos 1980, o cinema sofreu obras profundas de remodelação, por meio das quais foram criadas três salas de cinema, sendo que da antiga plateia emergiram duas salas e do antigo balcão emergiu a Sala Manoel de Oliveira, a maior sala do *Cinema São Jorge*. No princípio do século XXI, a *Câmara Municipal de Lisboa* adquiriu o cinema e preparou-o também para a apresentação de peças teatrais e espetáculos musicais.



Figura 31 – Fachada do edifício Étoile 240 e montra da *boutique Cartier* (2014)  
(da esquerda para a direita)

A inauguração da nova loja *Cartier*, uma marca fundada, em 1847, por Louis-François Cartier na cidade de Paris, aconteceu em 2013, quatro anos depois do encerramento da sua única *boutique* em Portugal, localizada no Chiado. A nova *boutique* tem 250 metros quadrados e os clientes dispõem de toda uma gama da *maison* francesa, desde os produtos mais acessíveis às mais dispendiosas joalharia e relojoaria. Aproximadamente, dois anos mais tarde, foi anunciada às clientes da *Hugo Boss* a inauguração em Portugal da primeira *boutique Hugo Boss Women*, posicionada no lado Oeste da Avenida da Liberdade, que se estreou com uma coleção exclusiva do diretor artístico Jason Wu<sup>134</sup>. Além da *boutique Cartier*, outras *boutiques*, tendencialmente, dispendiosas de *franchising* estão presentes no lado Este da mesma avenida, como as *boutiques Emporio Armani, Prada, Furla e Louis Vuitton*.



Figura 32 – Montras da *boutique Emporio Armani* (2014)

<sup>134</sup> Anteriormente, existiu apenas uma *boutique Hugo Boss* na Avenida da Liberdade que englobou as secções de senhora e homem. No momento em que nos preparamos para fazer o registo fotográfico da montra desta *boutique*, antes de serem inauguradas duas novas *boutiques* de senhora e homem, separadamente, observámos o ator Diogo Infante a entrar nesta mesma *boutique*, onde se demorou bastante tempo, visto que ainda ficámos um pouco e não voltámos a observá-lo.

Outros edifícios históricos, desenhados com linhas direitas e com baixos e altos relevos, estão presentes na Avenida da Liberdade, constitui um exemplo o edifício que acolhe a *boutique Prada*, sendo outro exemplo o edifício que acolhe o *Hotel Valverde*, ambos presentes no lado Este desta mesma avenida, que contempla os números pares dos edifícios e estes números vão também em sentido crescente para Norte.



Figura 33 – Dois edifícios da Avenida da Liberdade (2014)  
(à esquerda, o edifício que inclui o *Hotel Valverde* e, à direita, o edifício que inclui a *boutique Prada*)

Em 2007, foi inaugurado o *Hotel Heritage Avenida Liberdade* num edifício setecentista, instalado na Avenida da Liberdade. Foram, também recentemente, inaugurados ou remodelados outros hotéis na Avenida da Liberdade como, por exemplo, o *Hotel Valverde* (posicionado num edifício de 1889) e o *Hotel Fontecruz Lisboa*, igualmente, situados do lado Este desta avenida, assim como o *Hotel Sofitel Lisboa Liberdade*, situado do lado Oeste desta avenida, onde está situado, identicamente, o *Hotel Tivoli Avenida Liberdade Lisboa*, cuja história referimos antes.



Figura 34 – Parte da fachada do *Hotel Fontecruz Lisboa* (2014)  
(à esquerda e no topo)

No lado Este da Avenida da Liberdade encontramos, igualmente, o *Tivoli Forum*, que comprehende diversas *boutiques* como a *Gucci*, a *Adolfo Dominguez*, a *Fashion Clinic* e a *Be Code*, tal como uma zona de restauração com tabacaria. Para além disso, nesta avenida estão distribuídos vários quiosques com esplanada, que se encontram em ambos os lados Este e Oeste.



Figura 35 – Esplanada de um quiosque oriental da Avenida da Liberdade (2013)

Esta avenida é o palco dos mais importantes acontecimentos que preenchem a cidade de Lisboa, como a homenagem com destino ao funeral do futebolista Eusébio (da Silva Ferreira), o *Mega Pic-Nic do Continente*, a passagem dos concorrentes da *Corrida de São Silvestre* e da *Volta a Portugal em Bicicleta*, a passagem das *Noivas de Santo António*, a manifestação do 25 de abril de 1974 e, ainda, os desfiles tradicionais das festas da cidade de Lisboa, geralmente, designados *Marchas Populares*.



Figura 36 – Povoamento e decoração da Avenida da Liberdade no dia das *Marchas Populares* (2015)

A Avenida da Liberdade enche-se de indivíduos que participam nestes acontecimentos ou a eles assistem, mas, para além dos eventos que aí acontecem, esta é também palco de outros acontecimentos menos importantes que têm a ver com aqueles que a povoam e o que lá fazem. Lá podemos encontrar um pequeno número de pessoas que usufruem do espaço urbano na sua plenitude, como são: turistas; indivíduos que aí trabalham profissionalmente ou estão a tratar de assuntos profissionais; figuras públicas; outros portugueses que têm recursos económicos para usufruir dos seus serviços, como os residentes dos seus edifícios. Podemos ali encontrar, identicamente, um enorme número de pessoas que não usufruem do espaço na sua plenitude,

como são: sem-abrigo que ali vão pernoitar regularmente<sup>135</sup>; indivíduos que ali apanham os autocarros ou o Metro e (ou) trabalham nas imediações; estrangeiros que passam em autocarros turísticos e, pelo menos naquele momento, não frequentam esta avenida a pé; e pessoas que usufruem de uma pequena parte dos seus serviços ou apenas usam o espaço público como lugar de convívio, entre as últimas encontramos certos idosos residentes nas imediações. Apesar da maioria dos espaços semipúblicos da “Avenida” não serem economicamente acessíveis para os idosos residentes do lado Este do Bairro de São José, certos espaços semipúblicos, como a zona de restauração do *Tivoli Forum* e o *Holmes Place Avenida*, são povoados por estes idosos<sup>136</sup>, além dos bancos (de jardim), que, tal como os outros dois espaços, estão colocados do lado Este da “Avenida”. Os mesmos idosos são alguns dos investigados mais importantes desta pesquisa e a Avenida da Liberdade é um dos cenários espaciais desta mesma pesquisa.



Figura 37 – Parte dos frequentadores idosos dos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade (2013)

### Os espaços urbanos do lado Oeste do Bairro de São José

Nos anos que se seguiram ao Terramoto de 1755, um grande número de lisboetas não pôde pagar os montantes requeridos pelo aluguer das casas (como também não pôde construir a sua casa em alvenaria), tendo optado pela construção de barracas. A Praça da Alegria, situada

<sup>135</sup> No contexto do *Programa Intergerações/Intersituações de Exclusão Social e Vulnerabilidade*, organizado pela *Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, contámos (entre as 21h e as 23h) vinte e um sem-abrigo que faziam ou iam fazer a sua pernoita na Avenida da Liberdade, visto que foram considerados na contagem não apenas os sem-abrigo ali presentes como os materiais daqueles que iam ali pernoitar, apesar de não estarem ainda presentes.

<sup>136</sup> Observámos também, na fase exploratória desta investigação, um grupo de idosas, residente do lado Oeste do Bairro de São José, que frequenta a *Pastelaria Baiana*, situada do mesmo lado da Avenida da Liberdade.

do lado Oeste do Bairro de São José, foi muito atingida por esta construção (desde 1773 até ao princípio do século XIX), especialmente, na sua junção com o *Passeio Público*.

A Praça da Alegria situa-se numa fração do antes denominado “Sítio de Valverde”. Esta foi uma zona pouco ocupada com construções, mas, ainda assim, compreendeu alguns palácios que ficaram, completamente, destruídos com o terramoto. A Praça da Alegria foi demarcada e batizada, muito verosimilmente, perto de 1773<sup>137</sup> e foi aí construído o Palácio Azul<sup>138</sup>, em 1796, onde se instalou, mais tarde, a Esquadra de Polícia da Praça da Alegria. Presentemente, existe nesta praça o Jardim Alfredo Keil, mas desde o encerramento da esquadra que o povoamento do jardim mudou, sendo, habitualmente, constituído por sem-abrigo e toxicodependentes que ali dormem. É interessante assinalar alguns outros espaços urbanos públicos do lado Oeste do Bairro de São José, como a Rua da Glória, que se encontra perto do *Elevador da Glória*<sup>139</sup>, e a Rua da Alegria, que se situa próximo da Praça da Alegria.



Figura 38 – Rua da Glória e Rua da Alegria (2013/2014)  
(da esquerda para a direita)

Algo perto da mesma praça, nos jardins e lagos do Palácio Mayer, nasceu, nos anos 20 do século XX, um espaço de diversão noturna e espetáculos de teatro: o *Parque Mayer*<sup>140</sup>. Este espaço rapidamente se tornou um recinto de feira ao ar livre, onde existiram teatros (de revista),

<sup>137</sup> Nesse ano, Marquês de Pombal mandou aí instalar as vendedeiras que trabalharam no Rossio e no Largo de São Domingos. No princípio do século XIX, a praça recebeu a *Feira da Ladra*, que se realizou, precedentemente, no Rossio, sendo a *Feira da Alegria*, uma etapa da *Feira da Ladra*. A feira ocupou um espaço que se alargou até à Praça dos Restauradores.

<sup>138</sup> O Palácio Azul assumiu o movimento de reação contra a padronização arquitetónica de Marquês de Pombal e foi seguido por outros edifícios, entre os quais se insere a Casa das Varandas, também situada na Praça da Alegria.

<sup>139</sup> O *Elevador da Glória*, que se encontra situado na Calçada do Glória, foi inaugurado em 1885 e liga a Praça dos Restauradores (contígua à Baixa Pombalina) ao Jardim de São Pedro de Alcântara (Bairro Alto), sendo o funicular mais usado e movimentado.

<sup>140</sup> Nos primeiros anos, o *Parque Mayer* chamou-se *Avenida Parque*. Na década de 1920, edificaram-se o *Teatro Maria Vitória* e o *Teatro Variedades*. Na década de 1930, efetuaram-se melhoramentos neste espaço e impôs-se a designação *Parque Mayer*. Na mesma década, foi construído o *Teatro Capitólio*, reabilitado, em 2016, sob o nome de *Cineteatro Capitólio*. No início do século XXI, o *Teatro Maria Vitória* apresentou espetáculos acidentais de teatro de revista, aos quais se seguiram os espetáculos do *Cineteatro Capitólio*.

restaurantes, carrosséis, esplanadas, pavilhões, casas de fado, clubes, barracas de tiro e outras, onde também se apresentou cinema, luta livre e boxe e onde foram indivíduos com diferentes recursos económicos. Na década de 1950, edificou-se o último recinto – o *Teatro ABC* – que foi antecedido, nos anos 1920, pelo clube denominado *Salão Alhandra*. Contudo, no princípio do século XXI, o espaço do *Parque Mayer* encontrou-se em adiantada degradação, apesar da reabilitação do *Teatro Capitólio*, um teatro incluído neste espaço durante a década de 1930.

Com o surgimento do Estado Novo, os clubes, entre os quais o *Salão Alhandra* foi um exemplo, fecharam. No entanto, em meados dos anos 40 do século XX, com o entusiasmo do pós-guerra, o eixo entre o *Parque Mayer* e os Restauradores transformou-se, progressivamente, na zona dos cabarés de Lisboa: o *Cabaret Maxime*<sup>141</sup>, o *Cabaret Moroco* e o *Cabaret Fontória*, localizados na Praça da Alegria, o *Ritz Club*<sup>142</sup>, localizado na Rua da Glória, o *Club Olympia*, localizado na Rua dos Condes, etc.

Com os cabarés existiram, em simultâneo, o teatro de revista e os restaurantes das noites longas, que permaneceram alguns dos destinos noturnos mais privilegiados até aos anos 1970, quando os valores do 25 de abril de 1974 conduziram, gradualmente, à relação entre os cabarés e a decadência. Entretanto, o teatro de revista e os restaurantes das noites longas duraram mais tempo<sup>143</sup>. Alguns espaços usados como cabarés foram revitalizados e tornaram-se o cenário de acontecimentos diversificados, sobretudo, relacionados com certos concertos (de relançamento, lançamento e promoção de bandas), tendo emergido, neste mesmo lado Oeste do Bairro de São José, numerosos bares de diversão noturna, que se mantêm até ao presente, com componentes semelhantes às que foram encontradas nos antigos cabarés, bem como numerosos restaurantes, snack-bares e cafés.

O lado Oeste do Bairro de São José contém edificações reabilitadas, com aparências e interiores modernos, edificações antigas e mesmo devolutas, sendo estas edificações compostas por três, quatro ou cinco andares. Para além disso, observámos, deste lado, duas “vilas”, isto é,

<sup>141</sup> O *Cabaret Maxime* foi inaugurado nos anos 1940 com base num dos primeiros clubes portugueses, o *Maxim's*. Este cabaré, onde os clientes usaram, geralmente, fato ou *smoking*, foi o mais luxuoso cabaré lisboeta. Entre 2006 e 2011, o cantor Manuel João Vieira e Bo Bäckström (o seu padrasto) renovaram este espaço e, a par com Simone de Oliveira, Herman José, Lara Li, Dina, Lena D'Água, José Cid e Victor Espadinha fizeram parte dos artistas relançados. Foi também aí que os *Deolinda* começaram a apresentar as suas canções.

<sup>142</sup> O espaço que deu origem, nos anos 1930, ao *Ritz Club* foi ocupado pelo *Club Bal Tabarin Montanha*, nos anos 1920. Depois, o cantor Vitorino, o seu irmão Janita Salomé e outros sócios revitalizaram o espaço, dos anos 1980 a 2000, que passou a apresentar ritmos diversificados, como a música africana, o reggae, a música de intervenção e o pop/rock, sendo lançadas bandas como os *Da Weasel* e os *Blasted Mechanism*.

<sup>143</sup> Na década de 1950, a fadista Márcia Condessa inaugurou o *Restaurante Típico Márcia Condessa*, situado na Praça da Alegria, que integrou também a apresentação de outros fadistas, tendo sido aí exibido fado até aos anos 1990.

grupos de pequenas casas circum-muradas e cobertas por um telhado comum. Deste mesmo lado, os lugares de estacionamento automóvel são muito mais numerosos do que no lado Este do bairro, o que concorre para a existência de residentes de diferentes idades e classes sociais, apesar do espaço urbano estreito e íngreme e apesar de uma certa ambiência social “errática” – decorrente da presença de bares de diversão noturna, muito inspirados nos antigos cabarés, e da frequência do Jardim Alfredo Keil, que também se estende um pouco a todo este mesmo lado.

### **Outros espaços urbanos das proximidades da Rua dos Arneiros**

A Rua dos Arneiros tem, perpendicularmente, o seu início na Estrada de Benfica. Então, o início desta rua encontra-se próximo da *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*, sendo que o fim desta mesma rua se encontra próximo do *Cemitério de Benfica*. Este cemitério foi construído em 1869, dada e extinção do *Cemitério de Benfica*, localizado no adro daquela igreja, e chamou-se inicialmente *Cemitério dos Arneiros*. Já no século XX, este cemitério sofreu um alargamento para o qual foi expropriado o Casal dos Arneiros, um pequeno aglomerado de construções, que datou do século XVIII, tal como o Moinho dos Arneiros e os terrenos anexos. Efetivamente, a palavra Arneiros existe na toponímica desta área de Benfica, pelo menos desde o século XVIII, o que se deveu, provavelmente, ao facto de que os terrenos desta mesma área (por exemplo, da Quinta do Charquinho, que se situou ao lado do cemitério) possuíam uma fertilidade reduzida. Hoje, esta palavra continua a entrar na designação de certos lugares, como a Rua dos Arneiros e a muito anterior Estrada dos Arneiros, uma paralela (contígua) à Rua dos Arneiros.

A Rua Cláudio Nunes, outra paralela (contígua) à Rua dos Arneiros, é uma rua do Bairro de Benfica com muita história, como demonstra esta passagem da entrevista a Luísa Cardoso (residente do lado Noroeste da Rua dos Arneiros):

“Entrevistador: E a [Rua] Cláudio Nunes também tem estado muito...

Entrevistado: (...) Quem viu aquela Cláudio Nunes... Era uma rua linda! (...)

Entrevistador: Porque a Cláudio Nunes já é também uma rua antiga...

Entrevistado: Muito antiga, muito bonita... (...) nos finados aquela rua parecia um jardim (...) tudo com as flores para o cemitério, aquelas flores naturais, tudo ali por aí a cima<sup>[144]</sup> (...)

<sup>144</sup> Próximo do início da Rua Cláudio Nunes existe o *Restaurante A Tradicional*, que, inicialmente, em meados do século XX, foi uma taberna denominada *Paço de Arcos*. Ulteriormente, mudou para restaurante e ficou a chamar-se *À Volta Cá Te Espero*, no sentido de apelar a uma frequência (sobretudo, masculina) que fosse afogar as mágoas depois de sair do *Cemitério de Benfica*. Nesta altura, segundo contam os proprietários do estabelecimento, o padre da *Igreja de Nossa Senhora do Amparo* (situada aí perto) não apreciou o nome e solicitou uma mudança de nome, tendo o restaurante passado a ser designado pelo atual nome.

Entrevistador: (...) Faziam-se os funerárias da igreja para o cemitério pela Cláudio Nunes, não era? (...) Quando havia um funeral ia-se a pé ali sempre (...) pela Cláudio Nunes...

Entrevistado: Era, era, mas, quer dizer, mesmo quando eram os fíados (...) eram as ruas sempre cheias de gente a pé a levar as flores para ali. Agora não se vê nada (...)".

Desde o fim do século XX que a *Indústria, Panificação e Confeitoraria São Tiago Lda.*, cuja sede está localizada perto do *Cemitério de Benfica*, contém uma loja em Benfica de venda (para fora) de pão e bolos com um balcão de pastelaria, ao qual foi acrescentado, no início do século XXI, outro balcão reservado à exposição e à venda de pão e bolos. No entanto, antes da abertura da loja, esta organização destinou-se, unicamente, à confeção de pão e bolos e à sua venda (para fora). Uma parte do espaço de confeção foi, gradualmente, reduzido para dar lugar ao modo como a loja se encontra atualmente, mas esta organização mantém o fabrico próprio na outra parte do mesmo espaço. O povoamento da loja é composto por residentes de diferentes gerações e sexos (que compram o pão e os bolos, tomam o pequeno-almoço, lancham ou tomam um café, um abatanado) e ao domingo, o dia de encerramento da *Primeira Praceta Cafetaria*, alguns residentes idosos da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros encontram-se aí, durante a manhã ou a hora de almoço. Para além disso, esta organização faz o abastecimento, com recurso à loja ou ao transporte de entregas, de outras organizações sediadas no interior e no exterior do Bairro de Benfica, como mercearias, restaurantes e pastelarias. Esta mesma organização abriu, no início do século XXI, uma outra loja, situada em Telheiras.



Figura 39 – Frente da loja (em Benfica) da *Indústria, Panificação e Confeitoraria São Tiago Lda.* (2014)

A *Pastelaria Nilo*<sup>145</sup> é uma pastelaria emblemática de Benfica, que surgiu em 1962 e está situada na Estrada de Benfica. Desde 2011, após esta pastelaria ser adquirida por uma nova gerência e passar a constituir uma sucursal de uma cadeia de restauração, foi criado o seu doce típico, um pastel de feijão, anunciado com o cliché ‘A joia do Nilo’. A nova gerência fez obras

<sup>145</sup> Situado próximo desta pastelaria encontramos o Chafariz de Benfica, construído em 1788, e a *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*. Esta pastelaria contribui, diariamente, para o programa da *Junta de Freguesia de Benfica* denominado *AjuDAR Benfica – Zero Desperdício*.

de remodelação na pastelaria, que passou a integrar, exclusivamente, um balcão, bem como um maior espaço interior com mesas e cadeiras, no entanto, manteve os empregados de balcão e os pasteis de nata da anterior gerência. Efetivamente, a *Pastelaria Nilo* tem fabrico próprio, sendo que no Natal vende doces da época e na Páscoa vende folares (e uma diversidade considerável de amêndoas). Esta pastelaria é frequentada por ambos os sexos e por todas as gerações.



Figura 40 – Esplanada da *Pastelaria Nilo* e espaço (público) contíguo (2014)

Em meados do século XX, o espaço (público e semipúblico) onde está, presentemente, situada a *Pastelaria Nilo* foi bem diferente, como contou Maria Teresa Castro (residente idosa do lado Noroeste da Rua dos Arneiros):

“Entrevistador: E a [Pastelaria] Nilo?

Entrevistado: A Nilo também não (...) ali era o [Clube de] Futebol Benfica<sup>[146]</sup> (...) e, depois, (...) foi tudo abaixo, tiraram o Futebol Benfica e fizeram a Nilo, onde está o banco [a dependência da Caixa Geral de Depósitos], onde está isso tudo (...) só estava aí o chafariz (...) hoje não deita água, mas, na altura, deitava água, aquele chafariz também é muito histórico.”.

Também na Estrada de Benfica ou ali próximo encontram-se o *Centro Comercial Fonte Nova*, a *Pastelaria Evian* e a *Universidade Intergeracional de Benfica* (UNISBEN). A mesma *Universidade Intergeracional de Benfica* (UNISBEN) é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, que está agregada à *Associação de Cultura e Artes de Lisboa* (STIMULI). Esta mesma universidade foi criada com o intuito de proporcionar aos indivíduos com mais de cinquenta anos momentos de aprendizagem e lazer, por intermédio da participação em passeios culturais e atividades práticas, tais como as danças ou o *Coro da Tuna dos Alunos da UNISBEN*, a par com conhecimentos em diversas áreas disciplinares.

A *Junta de Freguesia de Benfica*, que se encontra instalada perto da Estrada de Benfica, está incumbida de corresponder às exigências de uma pluralidade de residentes idosos, sejam

<sup>146</sup> O *Clube Futebol Benfica* é um clube desportivo geralmente, designado por “Fófó”, que existe desde o ano 1895. Este clube encontra-se situado na Freguesia de Benfica e aí certos residentes têm sociabilidades e praticam diversos desportos. Em 2014/2015 o clube ganhou, em simultâneo, as Taça e Supertaça de Portugal de Futebol Feminino.

aquelas de âmbito cultural e formativo ou aquelas de diminuição das carências económicas<sup>147</sup>. No entanto, importa mencionar aqui, sobretudo, as competências e as iniciativas da *Junta de Freguesia de Benfica* direcionadas para os idosos investigados que, tal como a generalidade da população idosa residente, são compostos por uma grande pluralidade.

Uma competência recente da *Junta de Freguesia de Benfica* é a gestão do *Mercado de Benfica*, um dos mercados com maior afluência da cidade de Lisboa, que é procurado por certos idosos investigados e compreende mais de cento e cinquenta postos de venda ocupados por uma diversidade de produtos alimentares (como peixaria, frutaria, padaria, charcutaria, mercearia, talho, churrascaria, restauração) e produtos não alimentares (como postos de venda de flores, plantas, artigos de jardinagem, têxteis, vestuário, bijuteria e quinquilharias).

As iniciativas promovidas pela junta de freguesia que alguns idosos residentes na Rua dos Arneiros mais procuram são as festas no Eucaliptal de Benfica, o *Grande Arraial* e as feiras realizadas na Estrada de Benfica (a *Feira de Artesanato* e a *Feira de Gastronomia*)<sup>148</sup>. Estes idosos também conhecem a *Feira da Bagageira*, apesar de não a frequentarem grandemente.



Figura 41 – Momentos do Grande Arraial e da Feira de Gastronomia (2015)

(da esquerda para a direita)

<sup>147</sup> Em termos culturais e formativos temos, por exemplo: o *Programa do Envelhecimento Séniior Ativo*, que engloba as atividades de teatro da *Companhia de Teatro Séniior 3º Acto*; o *Programa Memória Ativa Séniior*, que visa fazer diminuir a perda de funções, por intermédio da estimulação cognitiva e dos relacionamentos entre os idosos; e a *Agenda Cultural Séniior*, regularmente promotora de atividades culturais e turísticas. Em termos de diminuição das carências económicas temos, por exemplo: o *AjuDAR Benfica – Zero Desperdício*, um programa de recolha e entrega (diária) de refeições, que funciona com doações feitas por instituições parceiras; o *SOS Reparações*, que proporciona, gratuitamente, a efetuação de reparações elementares no domicílio; e o *Benfica Bus*, um serviço de transporte no espaço urbano público.

<sup>148</sup> Por exemplo, em 2015, certas organizações da freguesia juntaram-se em diferentes tendas com mesas e cadeiras dispostas paralelamente para festejar o *Grande Arraial*, onde houveram concertos de música em dois palcos, que suscitaram bairaricos (tal como o desfile das marchas de Benfica e da Boavista e um Festival de Folclore) e foram acompanhados por sardinhas na brasa, bifanas, petiscos e venda de manjericos e rifas. Outros exemplos são a *Feira de Artesanato*, que acontece todos os meses na Estrada de Benfica, e a *Feira de Gastronomia*, que acontece, mais esporadicamente, no mesmo local, em ambas as feiras são expostas tendas brancas, onde os comerciantes vendem os seus produtos, havendo ou não espetáculos adicionais.

Conhecemos um idoso que, além de frequentar as aulas de Ginástica do *Centro de Dia do Charquinho*, frequenta, também, as aulas de Natação do *Complexo Desportivo*, localizado nas instalações da junta de freguesia. Estas instalações dispõem de outras valências, como os *Serviços de Atendimento Geral*, o *Centro Clínico* e o *Auditório Carlos Paredes*. O passado do Bairro de Benfica está relacionado com estas instalações, como contou Júlio Mendonça:

“Entrevistador – (...) Desde que veio morar para cá [anos 1970] até agora, nota que houveram assim algumas mudanças significativas (...)”

Entrevistado – (...) Por exemplo, a nível cultural (...) o único cinema que havia era o cinema que era dado no (...) *Sport Lisboa e Benfica*, cuja sede era onde, hoje, é a junta de freguesia, tinha umas boas instalações para a época (...) Depois, apareceu o *Turim* (...) como cinema e hoje é cinema-teatro [e chama-se *Teatro Turim*] (...) tirando esse nós tínhamos de ir para fora de Benfica para ter um espetáculo (...) também houve, em tempos, aqui um clube (...) que é [o *Grupo Cultural Recreativo e Desportivo Os Kapas*, que é um clube que há aqui em baixo na Estrada dos Arneiros (...) que tinha vários eventos também culturais e onde as pessoas podiam praticar determinados desportos e excursões, visitas a museus, determinadas atividades que hoje não tem, hoje resume-se ao jogo das cartas e dominó e pouco mais.

Entrevistador – E tinha festas, por altura...

Entrevistado – E tinha festas, exatamente, festas populares e tudo, quer dizer, esse clube chegou a ser muito importante aqui no Bairro de Benfica, tanto esse como o *Sport Lisboa e Benfica* também, na questão das marchas populares, na questão das marchas para as crianças, chegou a ter (...)

Entrevistador – E (...) para além do [*Centro Comercial Colombo*] *Colombo* e do *Estádio da Luz*... e do *Hospital da Luz*?

Entrevistado – Pois. Portanto, isso foram tudo melhoramentos fruto (...) de [Benfica] ser um bairro, como eu disse há pouco, aberto (...) depois, nasce o [*Centro Comercial Colombo*] *Colombo*, portanto, que é o centro comercial que todos nós conhecemos, o [*Sport Lisboa e Benfica*] já existia outro campo de futebol, que não é o de hoje, hoje tem muito boas condições (...)" (residente do lado Nordeste da Rua dos Arneiros).

Nas proximidades da Rua dos Arneiros encontramos, conjuntamente, o *Hospital da Luz*, edificado já no século XXI, que está, presentemente, a sofrer obras de alargamento, e o *Estádio do Sport Lisboa e Benfica*, normalmente conhecido por *Estádio da Luz*, construído por ocasião do Euro 2004, sendo ambos separados pelo *Centro Comercial Colombo*. O *Centro Comercial Colombo* foi inaugurado no final do século XX e oferece, sobretudo, espaços de restauração, cinema, supermercado, telecomunicações, farmácia, correios, ginásio e animação infantil; uma diversidade de comércio de *franchising*, em termos de aparelhos elétricos, livraria, decoração, vestuário, acessórios, sapataria, cabeleireiro, alimentação, brinquedos, tabacaria, etc. e contém no seu interior a *Igreja de Nossa Senhora das Descobertas* que funciona, e cujas temáticas das missas se sucedem, em concordância com a *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*. Para além disso, em espaços criados de modo temporário na Praça Central do *Centro Comercial Colombo*, propositadamente para o efeito, são apresentadas diferentes exposições. Esta mesma iniciativa foi inaugurada, em 2013, sob o lema “A arte chegou ao Colombo”, com uma pequena exposição sobre o trabalho de Andy Warhol, denominada “Andy Warhol – Icons. Psaier and the Factory

Artworkers”, que foi acompanhada por *workshops* gratuitos de iniciação ao teatro e introdução à serigrafia, direcionados para as crianças interessadas e decorridos naquela praça central.



Figura 42 – Duas entradas do *Centro Comercial Colombo* (2013/2014)

Para além das várias organizações semipúblicas presentes nas contiguidades da Rua dos Arneiros, das quais destacámos aquelas de que os idosos investigados e residentes em Benfica mais usufruem, estes mesmos idosos contam, presentemente, com um espaço público aberto (algo acentuadamente inclinado em poucas ruas) e recheado de pequenos jardins, cujos mais contemporâneos foram desenhados no fim do século XX, ou de jardins maiores, recentemente revitalizados, como o Eucaliptal de Benfica<sup>149</sup> e as Hortas Urbanas (que se encontram em frente ao *Centro Comercial Colombo* e ao lado da Quinta da Granja).



Figura 43 – Partes do jardim que enquadrava as Hortas Urbanas e das hortas propriamente ditas (2014)  
(da esquerda para a direita)

<sup>149</sup> Das revitalizações do Eucaliptal de Benfica são exemplos a reabertura de um café, o *Café-Bar Koala*, a criação do *Balneário Públíco do Eucaliptal de Benfica* (instalações que os utentes podem utilizar para tomar banho, sendo-lhes oferecido, em caso de necessidade, vestuário usado, visto que funciona, igualmente, como banco de roupa), a organização, pela *Junta de Freguesia de Benfica*, de partes de festas, como foram o *Benfica ao Luar* (que conciliou um estímulo ao cinema de animação infantil com a dinamização dos espaços verdes de Benfica) e a festa do Dia Mundial da Criança (que acontece neste eucaliptal e na qual, durante a tarde, por exemplo, foi apresentada uma peça de teatro a alunos do primeiro ciclo).

## **Anexo B - Caracterização dos entrevistados**

Nome	Local de residência	Idade	Escolaridade	Última profissão	Situação perante o trabalho	Estado civil	Número de filhos	Agregado doméstico
Francisco Ferreira	Lado Este do Bairro de São José	95 anos (em 2015)	Curso Industrial	Motorista	Inativo	Viúvo	1	Viveu só
Teresa Canas	Lado Este do Bairro de São José	93 anos	Terceira classe	Empregada (de balcão) na restauração	Inativa	Divorciada	3	Vive com um filho e um neto
Paulo Barros	Lado Este do Bairro de São José	93 anos	Quarta classe	Encarregado de pedreiro	Inativo	Viúvo	1	Vive só
Natália Guerra	Lado Este do Bairro de São José	89 anos (em 2015)	Quarta classe	Auxiliar de cozinha	Inativa	Viúva	0	Viveu só
Vítor Neves	Lado Este do Bairro de São José	90 anos	Quarta classe	Sócio-gerente de uma barbearia	Inativo	Viúvo	1	Vive só
Ricardo Lemos	Lado Este do Bairro de São José	83 anos (em 2012)	Não teve escolaridade	Estofador por conta de outrem	Inativo	Casado	3	Viveu só
Cristina Patrício	Lado Este do Bairro de São José	88 anos	Quarta classe	Costureira por conta própria	Ativa	Viúva	0	Vive só

Nome	Local de residência	Idade	Escolaridade	Última profissão	Situação perante o trabalho	Estado civil	Número de filhos	Agregado doméstico
Henriqueta Carvalho	Lado Este do Bairro de São José	86 anos	Terceira classe	Cozinheira	Inativa	Viúva	0	Vive só
Manuela Gomes	Lado Este do Bairro de São José	85 anos	Não tem escolaridade	Empregada de limpeza	Inativa	Casada	1	Vive com o marido e com a filha
Miguel Brogueira	Lado Este do Bairro de São José	83 anos	Quarta classe	Estafeta	Ativo	Casado	2	Vive em casal
Carolina Martins	Lado Este do Bairro de São José	80 anos	Terceira classe	Empregada de limpeza	Inativa	Casada	1	Vive em casal
Rita Negreiro	Lado Este do Bairro de São José	79 anos	Não tem escolaridade	Empregada doméstica	Inativa	Viúva	2	Vive com uma filha
Dolores Lopes	Lado Oeste do Bairro de São José	84 anos	Não tem escolaridade	Ama	Inativa	Solteira	2	Vive com um filho
Alice Simões	Bairro do Sagrado Coração de Jesus	88 anos	Quarta classe	Padeira	Inativa	Solteira	0	Vive só

Nome	Local de residência	Idade	Escolaridade	Última profissão	Situação perante o trabalho	Estado civil	Número de filhos	Agregado doméstico
Amália Fernandes	Bairro do Sagrado Coração de Jesus	86 anos	Segundo ano do Curso Comercial	Bordadeira por conta de outrem	Inativa	Solteira	1	Vive só
Madalena de Sousa	Lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros	90 anos	Curso Comercial	Administrativa	Inativa	Casada	2	Vive em casal
Fernando de Sousa	Lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros	89 anos	Doutoramento em Biologia	Diretor de um centro de investigação	Inativo	Casado	2	Vive em casal
Antónia Baptista	Lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros	81 anos	Licenciatura em Engenharia	Responsável pelas seleção e orientação profissionais	Inativa	Solteira	0	Vive só
Jacinta Carvalheiros	Lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros	80 anos	Curso Industrial de Formação Feminina	Professora de Trabalhos Manuais	Inativa	Divorciada	2	Vive só
Júlio Mendonça	Lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros	74 anos	Licenciatura em Engenharia	Engenheiro	Inativo	Casado	2	Vive em casal
Constança Guedes	Lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros (até 2015)	73 anos	Quarta classe	Porteira	Inativa	Casada	1	Vive em casal

Nome	Local de residência	Idade	Escolaridade	Última profissão	Situação perante o trabalho	Estado civil	Número de filhos	Agregado doméstico
Maria Teresa Castro	Lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros	81 anos	Não tem escolaridade	Empregada de limpeza (e engomadeira)	Inativa	Viúva	2	Vive com um filho
Luísa Cardoso	Lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros	76 anos	Primeiro ano de liceu	Porteira	Ativa	Casada	1	Vive em casal
Conceição Santos	Lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros	70 anos	Licenciatura em Farmácia	Farmacêutica	Inativa	Viúva	1	Vive com o filho
Helena Monteiro	Lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros (até 2015)	66 anos	Curso de Secretariado (e décimo segundo ano)	Relações públicas	Inativa	Divorciada	2	Vive só
Eduardo Marques	Bairro do Charquinho	93 anos	Terceira classe	Canteiro por conta de outrem	Inativo	Casado	0	Vive só
Francisca Silva	Bairro do Charquinho	83 anos	Quarta classe	Costureira por conta própria	Ativa	Casada	2	Vive em casal
João Fonseca	Calçada do Tojal	85 anos	Quarta classe	Motorista (e jardineiro)	Inativo	Casado	1	Vive em casal

Nome	Local de residência	Idade	Escolaridade	Última profissão	Situação perante o trabalho	Estado civil	Número de filhos	Agregado doméstico
Raquel Godinho	Calçada do Tojal	72 anos	Quinto ano de liceu	Professora de Arraiolos	Ativa	Casada	1	Vive só
Leandro Rodrigues	Bairro da Boavista	81 anos	Sétimo ano de liceu	Administrativo (datilógrafo)	Inativo	Viúvo	2	Vive só

Tabela 15 – Caracterização dos entrevistados

## **Anexo C - Detalhes biográficos**

### **Detalhe biográfico e.1 (Cristina Patrício)**

**Nasceu, numa aldeia próxima de Grândola, no ano de 1930**

#### **Trajeto escolar**

1951-1952 – Fez a terceira classe num colégio particular, situado em Campo de Ourique

1952-1953 – Fez a quarta classe noutro colégio particular, situado perto da Avenida de Paris (Lisboa)

#### **Trajeto profissional**

1948-1951 – Foi empregada interna de um consultório de dentista

1951 – Migrou para Lisboa

1951-1957 – Foi empregada interna em casas particulares

1951-1952 – Trabalhou com uma irmã, na casa de um arquiteto, em Campo de Ourique. A irmã limpou os quartos e passou a ferro e Cristina tratou da cozinha (limpou a cozinha e cozinhou) e lavou a roupa

1952-1954 – Trabalhou com a mesma irmã, em casa de um casal, na Avenida de Paris

1954 – Trabalhou com a mesma irmã na Rua Saraiva de Carvalho (fizeram as refeições, limparam, arrumaram os quartos, etc.)

...

1957-1980 – Foi ajuntadeira em oficinas

1957 – Fez laços para sapatos numa oficina da antiga Freguesia do Alto do Pina

1958-1980 – Foi ajuntadeira numa oficina situada no Bairro das Colónias

1980-1983 – Foi ajuntadeira no domicílio, mas trabalhou para a mesma oficina

1983 – Reformou-se

1983-2018 – Passou a fazer trabalhos de costura para determinados vizinhos mais próximos

#### **Trajeto residencial**

1930-1948 – Morou numa casa rural, primeiro, com os pais e com os três irmãos mais velhos, mas, depois, nasceram mais dois irmãos. Já todos os irmãos eram vivos, a mãe abandonou a casa de família, sendo que as duas irmãs mais velhas foram residir para outros locais e ego ficou a residir com o pai, o irmão mais velho e os dois irmãos (um irmão e uma irmã) mais novos e passou a ser a principal responsável pelas tarefas domésticas e pelas tarefas do cuidar

1948-1951 – Morou num quarto situado no prédio do consultório de dentista onde trabalhou

1951 – Migrou para Lisboa

1951-1957 – Morou em casa dos patrões

1957-1975 – Foi morar com o marido para um quarto, localizado na Praça do Chile e, mais precisamente, na Rua José Falcão, ao qual se seguiram outros quartos

1975-1980 – Foi morar com o marido para um último quarto no lado Este do Bairro de São José (Rua do Carrião)

1980-1984 – Foi morar com o marido para uma casa no mesmo lado do Bairro de São José (Rua da Fé), onde continua a morar hoje, sob regime de aluguer

1984-2018 – O marido faleceu e passou a viver só na mesma casa alugada

### **Trajeto reticular**

1938 – Nasceu a única irmã que ainda está viva

1955 – Conheceu o marido na Avenida de Roma

1957 – Casou

1975 – Foi morar para um quarto na Rua do Carrião, situada no lado Este do Bairro de São José, sendo que formou e, a partir daí, desenvolveu laços com residentes deste lado do bairro, um destes residentes é Vítor Neves (b.e.15), que foi muito amigo do seu marido, tendo sido também barbeiro do mesmo

1983 – O marido adoeceu e morreu passado um ano

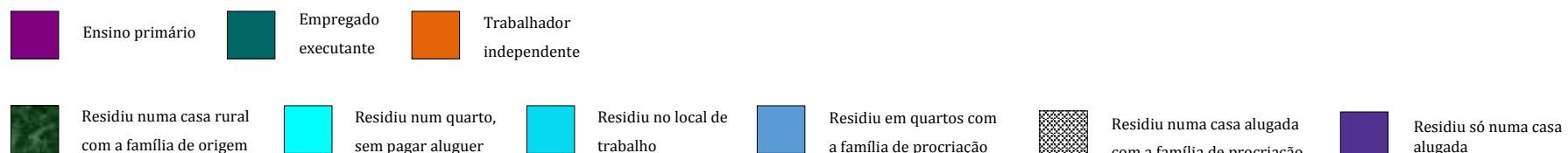
1984 – O marido morreu

2011-2018 – Começou a frequentar as aulas de Hidroginástica do *Holmes Place Avenida* e a relacionar-se mais com outras utentes idosas residentes no lado Este do Bairro de São José

2011-2018 – Começou a frequentar as aulas de Ginástica da antiga *Junta de Freguesia de São José* e formou e desenvolveu redes de conhecimento com novos idosos, bem como desenvolveu redes amicais com um vizinho idoso que já era seu amigo



LEGENDA:



### **Detalhe biográfico e.5 (Paulo Barros)**

#### **Nasceu, em 1925, no Conselho de Abrantes**

#### **Trajeto escolar**

1933-1937 – Fez a antiga Escola Primária

No intervalo da escola teve que ajudar o pai e a mãe, principalmente, na realização das tarefas domésticas, mas também realizou tarefas agrícolas e com os animais

1955 – Fez uma formação de seis meses, no ramo do desenho de construção civil, numa escola situada no Arco do Cego

#### **Trajeto profissional**

1938-1944 - Trabalhou na Beira-Baixa e no Ribatejo

Foi cavar terrenos com o pai (que era um cavador)

Durante três meses, trabalhou como operário industrial numa fábrica de metalúrgica, situada no Tramagal

Esteve na apanha da azeitona

Foi cavar terrenos, outra vez

1944 – Migrou para a Amadora

1944-1945 – Foi servente de pedreiro numa obra ocorrida na Amadora, onde dormiu

1945 – Trabalhou no Largo do Rato como servente de pedreiro

1946-1947 – Fez quinze meses de tropa

1947-1954 – Continuou os trabalhos na qualidade de pedreiro

1947- 1948 – Trabalhou como pedreiro numa obra do Bairro da Picheleira

1948-1954 – Trabalhou noutras obras como pedreiro, por exemplo, numa obra da Rua Moraes Soares, que durou dois anos

1954 – Participou, durante seis meses, na remodelação do *Hotel Tivoli Avenida Liberdade Lisboa*

1955-2003 – Trabalhou em diversas obras na qualidade de encarregado de pedreiro

1955 – Trabalhou numa obra em Paço de Arcos já na qualidade de encarregado

1956-1961 – Trabalhou noutras obras que aconteceram, designadamente, na Rua do Telhal (situada no Bairro de São José), perto da Estação Ferroviária de Carcavelos e em Cascais

1962 – Entretanto, apareceu um homem que fora seu patrão e convidou-o para ser encarregado numa obra em Carcavelos, da qual era empreiteiro (onde trabalhou durante um ano)

1964-1965 – Ao fim de um ano este mesmo homem convidou-o para ser encarregado numa obra na Amadora

1966-1969 - Trabalhou em obras que aconteceram noutras locais, como, por exemplo, no Restelo (durante um ano e meio)

1969-1971 – Trabalhou para o mesmo homem numa obra que aconteceu em São João do Estoril

1971-1973 – Trabalhou em três ou quatro obras para outro patrão

1976-1990 – Mais tarde, esse mesmo homem tornou-o a abordar e foi encarregado nas suas obras (em Cascais, Lisboa, etc.) até se reformar

1990 – Reformou-se

1990-1998 – Continuou a fazer uns biscates na qualidade de encarregado (em obras sucedidas na Graça, perto da Estação Ferroviária de Lisboa-Santa Apolónia, etc.)

1998-2003 – Concorreu a um anúncio para vendedor de apartamentos, mas o empregador convidou-o para dar uma ajuda ao filho que era engenheiro e Paulo aceitou, tendo trabalhado mais cinco anos como encarregado

### **Trajeto residencial**

1925-1944 – Morou em casa dos pais

1944-1945 – Pernoitou no terreno de uma obra ocorrida Amadora, onde trabalhou profissionalmente

1945-1960 – Morou em quartos alugados situados em zonas de Lisboa, como a Rua Moraes Soares, a Rua Doutor Gama Barros, etc.

1950 – Construiu a primeira casa na terra-natal com a ajuda da irmã, que fez transporte braçal de pedras para junto dos pedreiros

1960-2018 – Morou numa casa de porteira, situada na Rua do Telhal, sem pagar renda, até 1979, visto que a mulher trabalhou no prédio como porteira e, a partir de 1979, ano em que a mulher faleceu, começou a pagar renda

1988 – Fez a segunda casa na terra-natal com a mesma ajuda da irmã

### **Trajeto reticular**

1931 – A irmã nasceu, sendo seis anos mais nova

1964 – O pai morreu e nasceu o seu único filho

1977 – A mãe morreu

1979 – A mulher faleceu

1987 – O filho casou e morou com a mulher e com Paulo, durante um ano, na casa alugada pelo último na Rua do Telhal

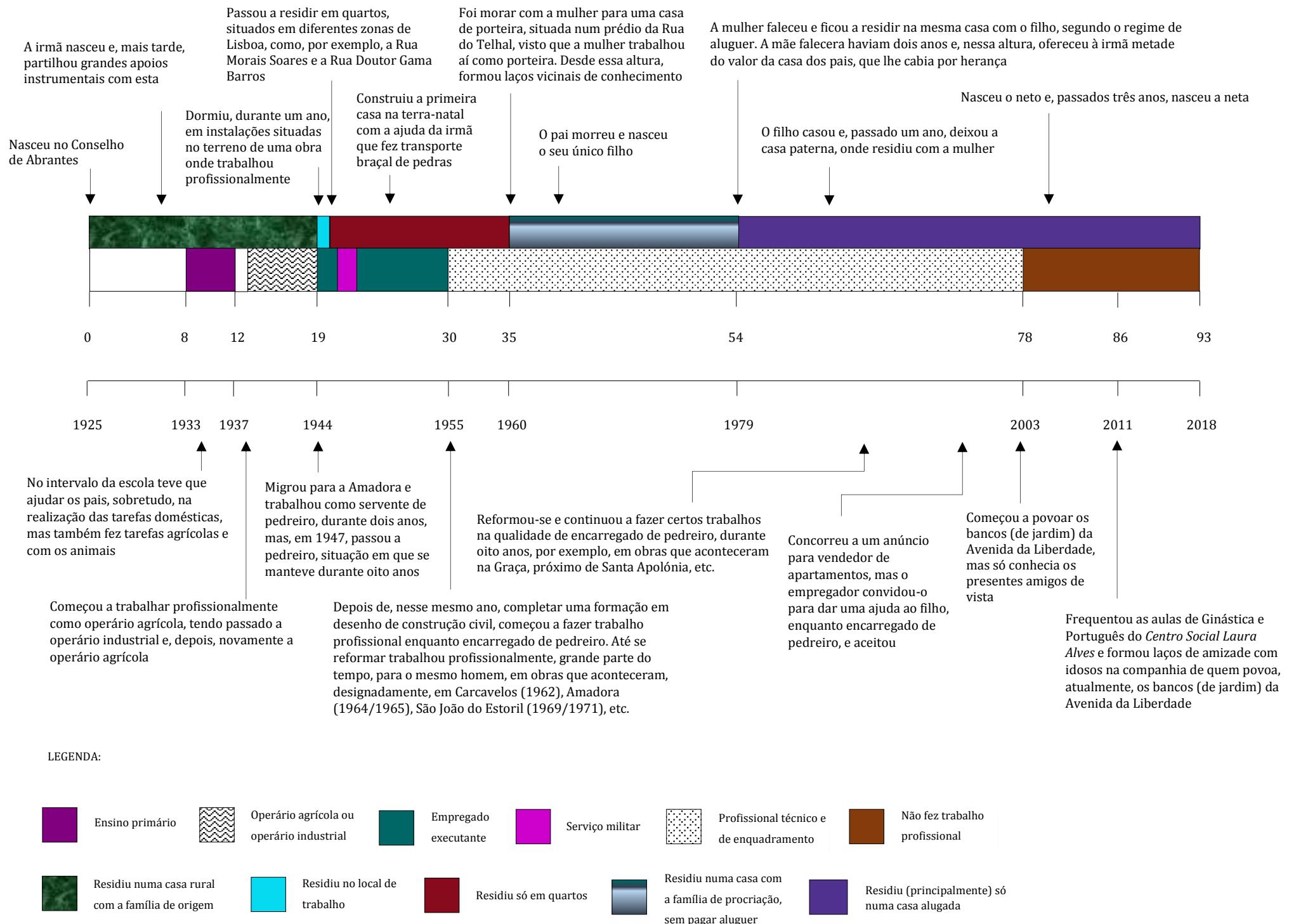
1998-2018 – Passou a ir para a segunda casa que construiu na terra-natal, exclusivamente, na companhia do filho e apenas de dois em dois meses, indo, desde aí, menos vezes que antes

2003 – Começou a frequentar os bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade, mas só conhecia os presentes amigos de vista (que conheceu melhor desde a emergência das aulas ocorridas no *Centro Social Laura Alves*)

2005 – Nasceu o neto e, passados três anos, nasceu a neta

2011-2012 – Frequentou as aulas de Ginástica e Português do *Centro Social Laura Alves* e desenvolveu laços de amizade, sobretudo, com uma frequentadora dessas aulas de Português (Henriqueta Carvalho, b.e.6) e com as suas amigas que, juntamente com um idoso um pouco menos assíduo (Miguel Brogueira, b.e.17), frequentam, regularmente, os bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade

2013 – Fez fisioterapia para a coluna durante dois meses, por conselho das amigas dos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade, uma vez que andou com bastantes dores de coluna, e, por isso, desistiu das aulas de Ginástica, havia já desistido das aulas de Português, mas mantém sociabilidades amicais nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade



### **Detalhe biográfico e.6 (Henriqueta Carvalho)**

**Nasceu, em Alvaiázere, durante o ano de 1932**

#### **Trajeto escolar**

1939-1942 – Estudou da primeira à terceira classe do antigo sistema de ensino

#### **Trajeto profissional**

1942-1944 – Ajudou os pais a cuidar da terra e dos animais

1944-1946 – Continuou a ajudar os pais a cuidar da terra e dos animais e trabalhou, profissionalmente, nas propriedades de uns tios

1946-1964 – Foi empregada doméstica na pensão de uma prima

1964 – Migrou para Lisboa

1964-1971 – Foi ajudante de cozinha

1971 – Tirou a carteira profissional de cozinheira

1971-1997 – Foi cozinheira

1971-1973 – Trabalhou num restaurante situado na Rua do Arsenal

1973-1997 – Trabalhou num restaurante situado nas Portas de Santo Antão

1997 – Reformou-se

#### **Trajeto residencial**

1932-1964 – Morou em casa dos pais

1964 – Migrou para Lisboa

1964-1966 – Morou em casa de uma irmã, localizada no mesmo prédio onde mora hoje

1966-1975 – Casou e como vagou outra casa nesse prédio, foi morar para lá em regime de aluguer

1975-1981 – Comprou a mesma casa, juntamente com o marido, onde coabitou com este até ao seu falecimento

1981-2018 – Passou a viver só nessa casa comprada até ao presente

#### **Trajeto reticular**

1944-1964 – Formou e desenvolveu redes amicais na terra-natal, das quais se destacam dois amigos idosos (um idoso e uma idosa) mais próximos

1964-2018 – Formou e, a partir daí, desenvolveu e aumentou as redes de vizinhança, as redes residentes dentro do bairro, mas fora da vizinhança (apesar de residirem aí perto), e as redes com os proprietários e os empregados do comércio tradicional do bairro

1966 – Casou

1969 – Conheceu Teresa Canas (b.e.3), que foi residir para o mesmo prédio

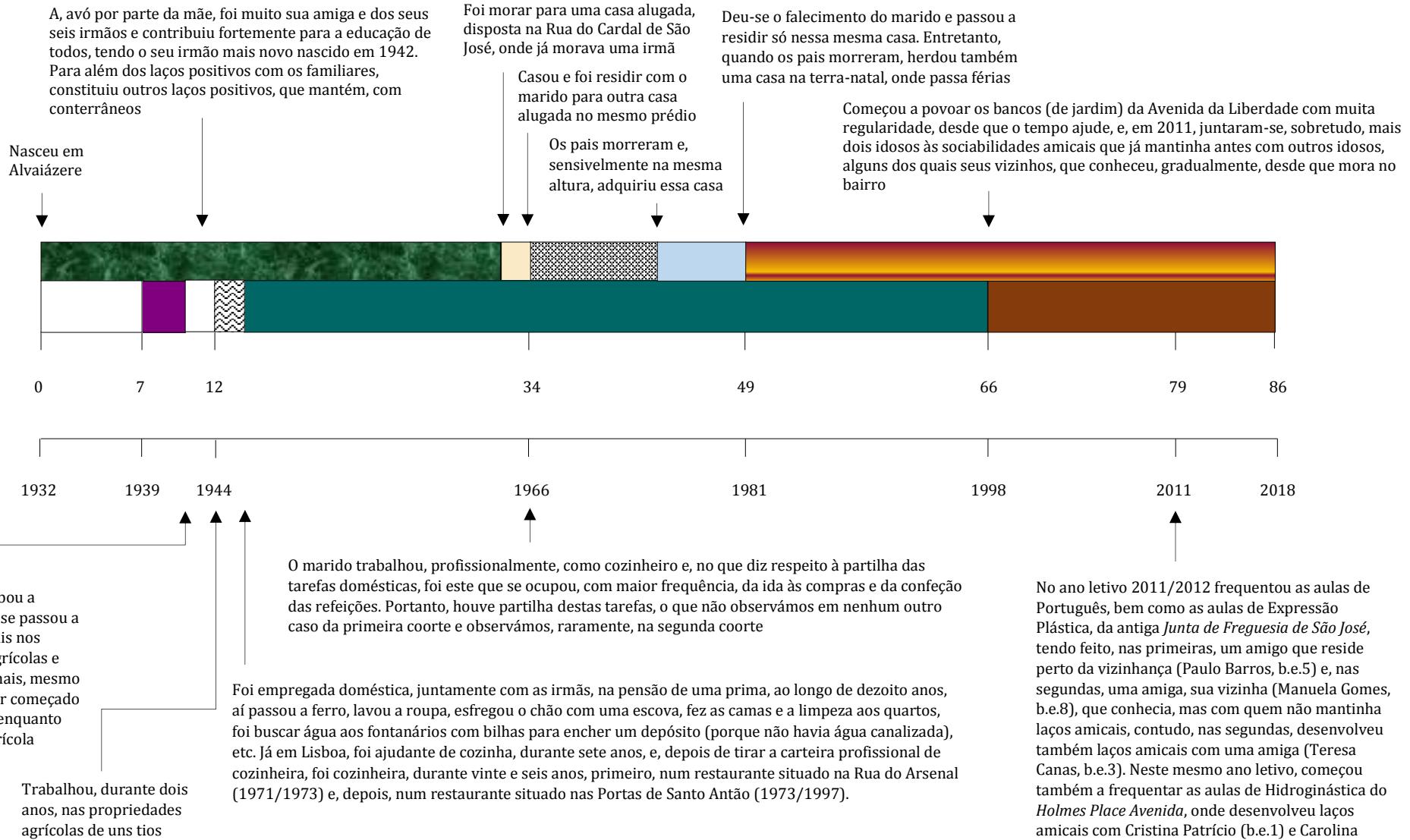
1975 – Ambos os pais morreram

1978 – Rita Negreiro (b.e.20) foi morar para a casa da sogra, mesmo em frente à sua

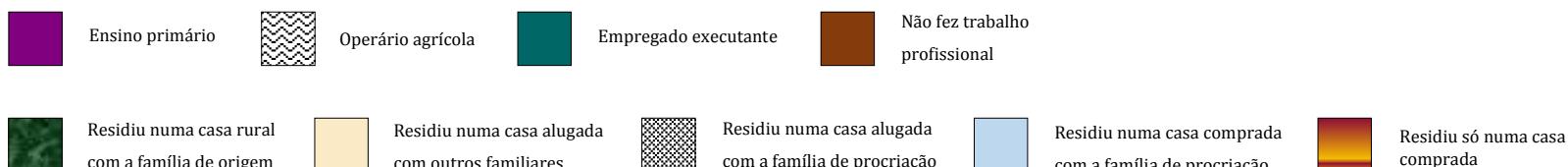
1981 – O marido morreu, contudo, anteriormente ao falecimento do marido ambos adquiriram a casa onde moraram sob regime de aluguer

2011-2012 – Frequentou as aulas de Português, bem como as aulas de Expressão Plástica, da antiga *Junta de Freguesia de São José*, tendo feito, nas primeiras, um amigo que reside perto da vizinhança (Paulo Barros, b.e.5) e, nas segundas, uma amiga, sua vizinha (Manuela Gomes, b.e.8), que conhecia, mas não mantinha com a mesma laços amicais, contudo, nas segundas, desenvolveu também laços amicais com uma amiga (Teresa Canas, b.e.3). Neste mesmo ano letivo, começou também a frequentar as aulas de Hidroginástica do *Holmes Place Avenida*, onde desenvolveu laços amicais com Cristina Patrício (b.e.1) e Carolina Martins (b.e.21)

2018 – Encontra-se com alguns destes amigos e com outros amigos e conhecidos residentes dentro do bairro nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade



LEGENDA:



### **Detalhe biográfico e.7 (João Fonseca)**

#### **Nasceu numa aldeia perto de Alenquer, em 1933**

##### **Trajeto escolar**

1940-1944 – Completou a antiga Escola Primária

##### **Trajeto profissional**

1944-1956 – Trabalhou com os progenitores de sol a sol

1953-1956 – Pediu um dia de folga ao pai e este concedeu-lhe esse dia. Depois, arrendou um terreno e, durante esse dia, cultivou-o, sendo que vendeu os produtos agrícolas que cultivou para fora

1956 – Veio para Lisboa

1956-1958 – Trabalhou como operário e preparou certas estradas, ao abrir os sulcos necessários, para a colocação dos carris dos elétricos

1958 – Tirou as cartas de ligeiros e pesados

1958-1989 – Trabalhou como motorista de uma organização de transportes coletivos e, para além das oito horas que perfaziam o horário obrigatório, fez mais cinco a seis horas extra

1989 – Reformou-se

1990-1999 – Trabalhou com um conhecido como jardineiro (ao arranjar jardins de certas pessoas)

1993-1999 – Trabalhou como motorista/estafeta de um laboratório de análises clínicas, situado em Benfica, durante a manhã (das 10h às 13h), e continuou o seu trabalho de jardineiro, durante a tarde

##### **Trajeto residencial**

1933-1956 – Morou com os pais e, primeiro com uma irmã mais velha e, depois, com mais três irmãos (duas irmãs e um irmão) que nasceram a seguir a si

1956 – Veio para Lisboa

1956-1962 – Morou em quartos alugados

1956-1958 – Morou num quarto situado na Calçada Engenheiro Miguel Pais com um amigo

1958-1962 – Morou num quarto situado na Rua Eduardo Coelho, primeiro, só e, depois de 1959, com o cônjuge

1959 - Casou

1962-1969 – Morou numa “parte de casa”, situada na Calçada do Tojal, com um casal de cunhados, os dois filhos destes e a mulher, sendo que, logo a partir de 1962, a filha integrou o agregado doméstico

1969-1985 – Morou com a mulher e a filha, segundo o regime de aluguer, noutra casa situada na Calçada do Tojal

1985-2018 – Morou (e mora) com a mulher nessa mesma casa alugada

##### **Trajeto reticular**

1958-1989 – Formou e desenvolveu laços de amizade com alguns colegas de trabalho e mantém, atualmente, sete destes laços

1959 – Casou

1962 – A filha nasceu

1963 – Um dos cunhados foi para o Luxemburgo

1966 – A irmã mais nova, casada com este cunhado, foi ao encontro do marido e ficaram a viver no Luxemburgo até ao presente

1969 – Recebeu grandes apoios instrumentais do casal de proprietários de um talho, situado na Calçada do Tojal, que aceitaram ser seus fiadores quando alugou uma casa também aí situada, para onde foi viver com a mulher e a filha

1985 – A filha deixou a casa dos pais

1991 – Nasceu a primeira neta de três netos (esta rapariga e dois rapazes)

1999 – Nasceu o neto mais novo dos três netos que possui

1999 – Deixou de trabalhar completamente

2000 – Conseguiu ter direito a uma horta nas Portas de Benfica

2008 – A mulher reformou-se

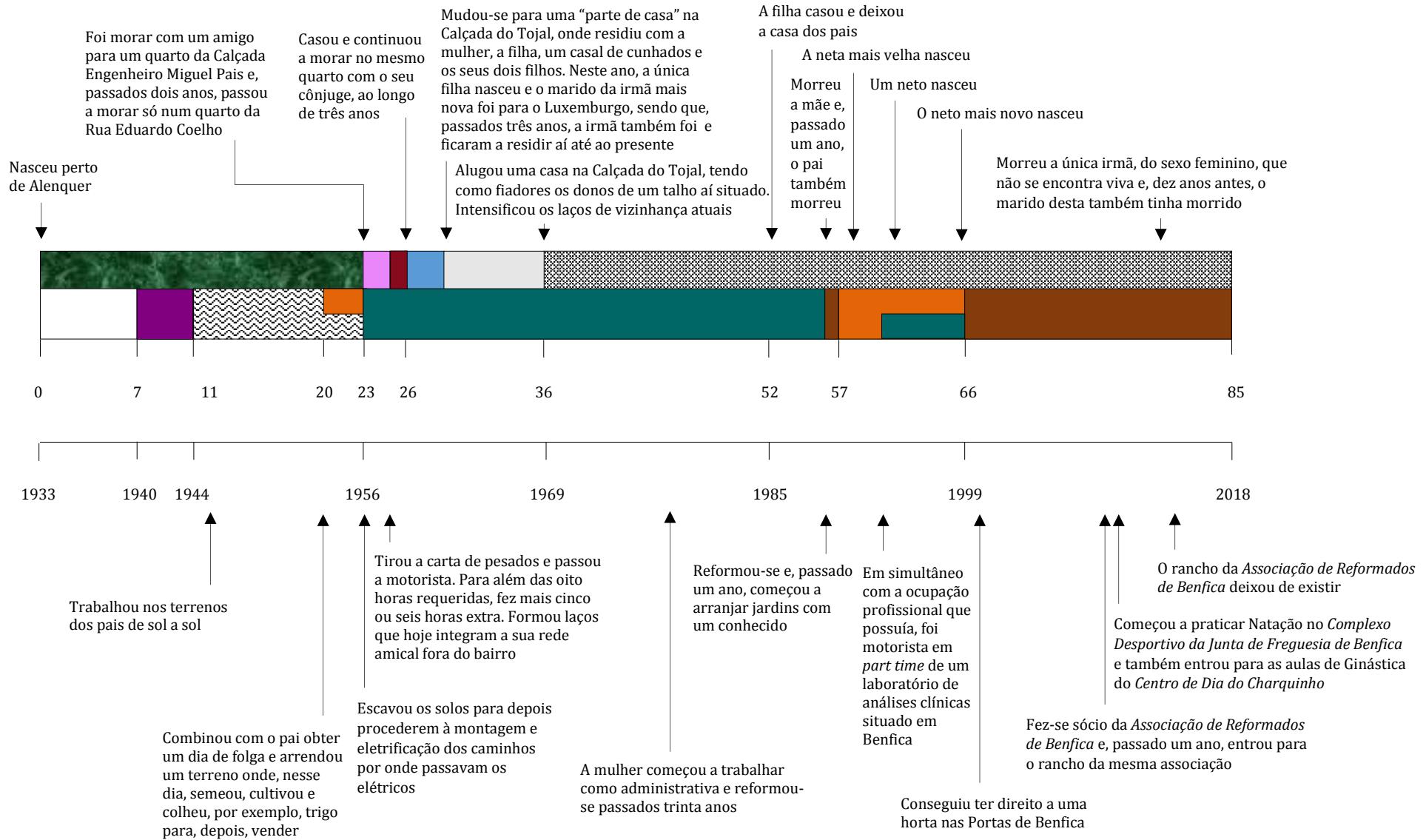
2009 – Entrou nas sociabilidades que tomaram lugar na sala de convívio da casa mãe da *Associação de Reformados de Benfica* e, um ano depois, começou a participar nos ensaios e espetáculos do rancho da mesma associação. Por estas vias entraram pessoas nas suas atuais redes amicais residentes dentro do bairro

2010 – Faleceu o único irmão do sexo masculino

2010-2018 – Começou a frequentar aulas de Natação da *Junta de Freguesia de Benfica* e complementou-as com as aulas de Ginástica do *Centro de Dia do Charquinho*

2013 – Faleceu a irmã mais velha

2014 – O rancho acabou, mas continuou a frequentar a casa mãe da associação, que, entretanto, fechou as portas e os utentes foram, provisoriamente, transferidos para o *Centro de Dia do Charquinho*



LEGENDA:

	Ensino primário		Operário agrícola		Empregado executante		Trabalhador independente		Não fez trabalho profissional
	Residiu numa casa rural com a família de origem		Residiu num quarto com um amigo		Residiu só num quarto		Residiu num quarto com a família de procriação		Residiu numa “parte de casa” com a família de procriação e outros familiares
									Residiu numa casa alugada com a (totalidade ou uma parte da) família de procriação

### **Detalhe biográfico e.10 (Eduardo Marques)**

#### **Nasceu, em 1925, no Fundão**

##### **Trajeto escolar**

1935-1938 – Fez entre a primeira e a terceira classe do antigo sistema de ensino

##### **Trajeto profissional**

1935-1943 – Guardou as cabras do pai e (ou) ajudou-o nas tarefas agrícolas

1938 – Guardou as cabras e os porcos de um patrão espanhol

1939-1943 – Aprendeu com o pai o ofício de canteiro em granito, principalmente, em lugares situados na Beira-Alta

1943-1949 – Trabalhou por conta de outrem como canteiro em granito, em lugares como a Travessa do Tarujo em Campolide

1949-1952 – Trabalhou por conta de outrem com o irmão (tendo o mesmo patrão, de quem se fez amigo e que o convidou para trabalhar no estrangeiro, mas este convite não se concretizou por diversos motivos), em locais como a Avenida de Roma e Benfica, para aprenderem o ofício de canteiros em mármore

1952-1954 – Trabalhou por conta própria com o irmão durante dois anos. Nesta altura, comprou terrenos, que vendeu mais tarde, e fez um pé-de-meia que mantém presentemente

1954-1964 – Trabalhou em outros locais por conta de outrem, como, por exemplo, Alvalade e Arco do Cego

1964-1997 – Trabalhou numa empresa de construção de edifícios residenciais e não residenciais, que esteve situada em Benfica

1990 – Reformou-se, mas ficou a trabalhar na empresa durante mais sete anos

##### **Trajeto residencial**

1925-1933 – Nasceu numa “caseta” (nome que davam à casa do guarda de uma passagem de nível) do Fundão e morou numa casa rural aí situada até aos oito anos

1933 – A mãe abandonou a casa de família e, consequentemente, o marido e os três filhos

1933 – Morou com a avó paterna no Fundão

1934 – O pai fez uma recomposição familiar e juntaram-se à família uma madrasta e um irmão por afinidade com poucos dias

1934-1937 – Morou com o pai, os irmãos, a madrasta e o irmão por afinidade em Vilar Formoso

1937-1938 – Morou com o pai, os irmãos, a madrasta e o irmão por afinidade perto de Celorico da Beira

1938 – Morou com o pai, os irmãos, a madrasta e o irmão por afinidade em Fontes de Onor (ou Fuentes de Oñoro, província de Salamanca, Espanha)

1939-1943 - Morou com o pai, os irmãos, a madrasta e o irmão por afinidade em Vilar Formoso e conheceu a sua primeira mulher, que residia em Lisboa, mas tinha ido visitar os pais e os irmãos

1943 – Veio para Lisboa

1943-1962 – Morou em quartos alugados

1943-1945 – Morou num quarto situado no Alto de São João

1945-1949 – Morou num quarto situado na Rua Moraes Soares

1949-1951 - Morou num quarto situado na Rua Barão de Sabrosa

1951-1955 – Morou num quarto situado na Rua Doutor Oliveira Ramos

1952 – Casou

...

1963-1967 – Consegiu ter direito a uma casa, posicionada no Bairro do Charquinho, onde morou, segundo o regime de aluguer, com a primeira mulher e um casal de cunhados

1967 – Os cunhados deixaram a casa

1967-1973 – Viveu na mesma casa, segundo o regime de aluguer, com a mulher

1973 – A mulher faleceu. Esteve três anos viúvo e a viver só na mesma casa

1976 – Passou a viver com a segunda mulher na mesma casa já comprada

2016 – A mulher foi institucionalizada num lar e ficou a viver só nessa mesma casa

### **Trajeto reticular**

1928 – O irmão nasceu

1931 – A irmã nasceu

1933 – A mãe abandonou o marido e os três filhos

1934 – Entrou na sua rede familiar uma madrasta e um irmão por afinidade, com poucos dias, por meio de uma recomposição familiar feita pelo pai

1952 – Casou e entraram pessoas na sua vida que considera, presentemente, os seus familiares mais próximos, apesar da recomposição familiar que se seguiu

1963 – Formou redes amicais de vizinhança e, igualmente, redes amicais com outros residentes em Benfica, mas fora da vizinhança, que desenvolveu e aumentou ao longo dos anos

1965 – O pai faleceu

1973 – A mulher faleceu e recebeu grandes apoios dos cunhados (a cunhada deu-lhe apoio moral e fez-lhe certas tarefas domésticas, desde que enviuvou até casar novamente, e o cunhado também o apoiou moralmente)

1976 – Voltou a casar

2000-2015 – O irmão por afinidade faleceu e começou a apoiar a cunhada por afinidade nos trabalhos agrícolas e outros trabalhos necessários, que desempenhou na quinta desta

2008-2018 – Mantém contacto mais próximo com um vizinho que lhe presta apoios quando precisa e que considera da família, consideração que faz também a respeito de outros amigos residentes no bairro

2009-2018 – Frequenta as aulas de Ginástica do *Centro de Dia do Charquinho* e convive com outros utentes que não considera amigos, mas apenas nós de conhecimento

2015-2016 – A mulher adoeceu gravemente, mas no ano seguinte foi para um lar. Durante este período, entre o adoecimento da mulher e a sua ida para um lar, interrompeu o quotidiano de sociabilidades em diferentes locais do bairro, excetuando as aulas de Ginástica do *Centro de Dia do Charquinho*

2016-2018 – Retomou as suas atividades diárias

Foi criado, juntamente com dois irmãos, pela sua avó, durante um ano

O pai fez uma recomposição familiar e morou com os dois irmãos, o pai, a madrasta e um irmão por afinidade em casas alugadas de diversos locais, como Vilar Formoso (1934/1937), Celorico da Beira (1937/1938), Fuentes de Oñoro (1938) e, novamente, Vilar Formoso (1939/1943)

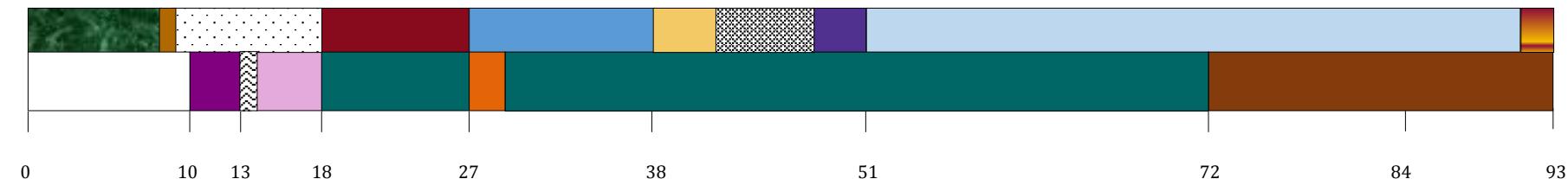
Migrou para Lisboa e residiu em quartos alugados, situados em diversos locais, como, por exemplo, Alto de São João (1943/1945), Rua Morais Soares (1945/1949), Rua Barão de Sabrosa (1949/1951), Rua Doutor Oliveira Ramos (1951/1955), etc.

Nasceu no Fundão

Casou e continuou a residir em quartos, durante onze anos

Morou com a mulher e um casal de cunhados numa casa alugada do Bairro do Charquinho, após quatro anos, os cunhados deixaram a casa e ficou a morar em casal. Desde que mora neste bairro, formou e desenvolveu redes amicais com residentes do Bairro de Benfica. Em 1973, a mulher faleceu e recebeu grandes apoios desses cunhados, que, ainda hoje, considera os seus familiares mais próximos. Em 1976, casou novamente e ficou a morar na mesma casa, já comprada

A mulher adoeceu gravemente, em 2015, e foi institucionalizada num lar



1925 1935 1938 1943 1952 1963 1976 1997 2009 2018

Depois de ter estado, durante alguns meses, a guardar as cabras e os porcos de um patrão espanhol, começou a aprender com o pai o ofício de canteiro em granito

Trabalhou por conta de outrem, em lugares como Campolide, enquanto canteiro em granito, durante seis anos, mas, depois, começou a aprender com o mesmo empregador, juntamente com o irmão, o trabalho de cantaria em mármore e trabalhou em zonas como Benfica e Avenida de Roma. Desde aí, passou a trabalhar, profissionalmente, enquanto canteiro em mármore

Passou a fazer trabalho profissional, no mesmo ramo, numa empresa de construção de edifícios residenciais e não residenciais, que esteve localizada em Benfica

Trabalhou com o irmão, por conta própria, durante dois anos, e, posteriormente, trabalhou, outra vez, por conta de outrem, durante dez anos, em zonas como Alvalade e Arco do Cego

Começou a frequentar as aulas de Ginástica do *Centro de Dia do Charquinho*, tinha, há um ano, intensificado o seu relacionamento com um amigo que se tornou importante em termos de apoios recebidos. Em 2015, no contexto do adoecimento grave da mulher, manteve apenas a frequência destas aulas e abandonou todas as outras atividades, que apenas retomou em 2016, como, por exemplo, assistir à missa na *Igreja de Nossa Senhora do Amparo* e conversar na *Pastelaria Nilo*

e

LEGENDA:

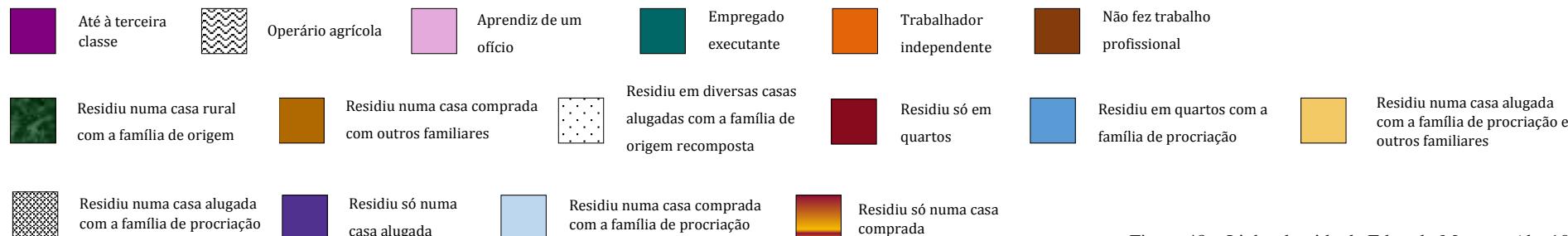


Figura 48 – Linha-da-vida de Eduardo Marques (d.e.10)

### **Detalhe biográfico e.12 (Madalena de Sousa)**

#### **Nasceu, em 1928, no Entroncamento**

#### **Trajeto escolar**

1935-1939 – Completou a antiga Escola Primária

1939-1945 – Fez aprendizagens com professores particulares

1945-1948 – Fez o Curso de Comércio (aproximadamente equivalente ao sexto ano de liceu do antigo sistema de ensino ou ao décimo ano do atual sistema de ensino)

1982-1986 – Fez o Curso Complementar de Francês (quando a filha saiu de casa) na *Cambridge School* de Benfica

#### **Trajeto profissional**

1949 – Fez o exame de equivalência ao sexto ano de liceu do antigo sistema de ensino e tirou o Diploma de Ensino Particular

1949-1956 – Foi professora primária num externato situado em Lisboa

Para ganhar dinheiro para as suas despesas e ajudar a mãe, deu aulas até às 16h, ficou com as aulas de estudo (mais duas horas) e, à noite, teve alunos particulares

1956-1957 – Foi administrativa numa organização de previdência

#### **Trajeto residencial**

1928-1942 – Viveu com os pais numa casa comprada, situada no Entroncamento

1942-1943 – Viveu com a mãe numa casa comprada, situada no Entroncamento

1943-1955 – Viveu com os tios numa casa alugada, situada no Campo Pequeno

Mas visitou a mãe todas as semanas e esta veio passar temporadas a casa dos tios

1955-1956 – Morou com o marido numa casa alugada, situada na Avenida de Roma

1956-1959 – Morou com o marido e os sogros numa casa dos últimos, situada no Campo Pequeno

1959-1960 – Morou com os filhos e os sogros numa casa dos últimos, situada na Rua dos Arneiros

1960-1962 – Foi ao encontro do marido, que residia em Luanda, e levou os filhos consigo. Estiveram num hotel até alugarem um apartamento. Depois, os filhos residiram, de 1961 a 1962, com os sogros, em Benfica, porque começou o terrorismo em Luanda

1962-1975 – Viveu com o marido numa casa alugada com jardim em Sá da Bandeira, atual Lubango, e os filhos regressaram logo no início (1962) – “Era um sossego, não se ouvia falar em guerra nem em terrorismo.”

1975-2018 – Veio morar com o marido para a Rua dos Arneiros e morou, simultaneamente, com os sogros e os filhos até ambos os sogros morrerem, altura em que o marido herdou a casa

#### **Trajeto reticular**

1942 – Morreu o pai

1955 – Conheceu o marido *vis-à-vis* num baile organizado por amigos comuns residentes no Campo Pequeno, onde ambos também residiram, mas já o conhecia de vista, desde 1943, aproximadamente

1955 – Casou

1957 – Nasceu o filho

1959 – Nasceu a filha

1957-1960 – Viveu com os pais do marido e os filhos de ambos num apartamento da Rua dos Arneiros

1961-1962 – Os sogros foram buscar os netos a Luanda e tomaram conta dos mesmos no seu apartamento em Benfica, durante um ano, uma vez que, em 1961, começou o terrorismo em Luanda

1962 – Formou um grupo de amigas em Sá da Bandeira. No presente contacta, unicamente por telefone, com uma das três amigas mais próximas, e com uma outra, também de Sá da Bandeira, que não integrou o núcleo amical mais próximo

1970 – Morreu a mãe

1982-2018 – A filha foi para a Alemanha, com vinte e três anos, porque namorou com um alemão, com quem casou em 1986

1991 – O filho deixou a casa dos pais e casou

1998 – O marido reformou-se e passou a estar mais tempo com ele

2005 – O seu grupo de quatro amigas residentes na Rua dos Arneiros, com o qual saiu do bairro, desfez-se, mas tinha permanecido ativo ao longo de dez anos

2009 – Morreu uma vizinha idosa que considerou próxima

2009 – A filha divorciou-se

2011 – O filho divorciou-se

2011-2018 – Formou e desenvolve laços amicais com oito idosos (dois idosos e seis idosas) residentes no Bairro de Benfica, no contexto das sociabilidades na *Primeira Praceta Cafetaria*

Conheceu o marido *vis-à-vis* num baile organizado por vizinhos comuns do Campo Pequeno, onde dançaram juntos, mas ficou muito mal impressionada com a dança. Em 1955, casou e morou com o marido na Avenida de Roma. Em 1956, foi morar na casa situada no Campo Pequeno, onde o sogro e a sogra moraram, com os últimos e o marido. Em 1957, o filho nasceu e, em 1959, a filha também nasceu. Entretanto, de 1959 a 1960, morou com os filhos e os sogros numa casa dos últimos na Rua dos Arneiros

O pai morreu (e após vinte e oito anos a mãe também). Veio morar com uns tios para Lisboa. O filho dos mesmos revelou-se, a par com os próprios tios, uma importante fonte de grandes apoios instrumentais e simbólicos

Nasceu no Entroncamento

Viajou com os filhos para Luanda, o marido tinha partido um ano antes. Em 1961, a cidade foi ocupada por terroristas e os filhos vieram para Portugal com os avós paternos. Em 1962, mudou-se com o marido para Sá da Bandeira. A nora e o genro levaram os filhos para lá nesse ano. Foi em Sá da Bandeira que formou uma rede amical com, sobretudo, três mulheres próximas, das quais mantém um nó

Voltou para Portugal e ficou a morar, na casa que os pais do marido tinham, entretanto, comprado na Rua dos Arneiros, com os mesmos, bem como com o marido e os filhos; meses depois morreu a sogra e, passados três anos, morreu também o sogro

A filha migrou para a Alemanha e, em 1986, casou. Cinco anos após este casamento, o filho também casou e saiu de casa, mas ficou em Portugal

Mantém sociabilidades de café, essencialmente de ocasião, com um outro grupo, algo dividido e pouco coeso, constituído por sete nós mais habituais

A filha deu-lhe um neto e, depois, o filho deu-lhe uma neta e um neto

Um grupo de vizinhas da Rua dos Arneiros que formou haviam dez anos e ao qual pertenceu, desfez-se por motivos de saúde das mesmas ou dos maridos



Concluiu o Curso de Comércio e, seguidamente, foi aprovada no exame de equivalência ao sexto ano e tirou o Diploma de Ensino Particular. Tendo, passado um ano, ingressado num externato como professora primária

Quando terminou a escola primária, como o liceu mais próximo era apenas em Santarém, teve aulas com um professor particular e tirou pequenos cursos de Pintura e Bordados, o que continuou a acontecer, durante algum tempo, mesmo depois de estar em Lisboa

O filho estreou-se como ator, sendo, atualmente, um nome conhecido da nossa praça nessa área e professor convidado de uma escola lisboeta de teatro

Frequentou quatro anos de Francês na *Cambridge School* de Benfica

Acumulou, com o marido e com os filhos, experiências muito ricas em África, que vão desde as paisagens naturais (as cataratas enormes, as montanhas, geralmente situadas em reservas naturais, o deserto), até aos animais selvagens (um crocodilo por baixo da encosta onde estavam a preparar uma refeição, as palancas em grupo, uma víbora no volante do jipe, o *galago* que adotou), às culturas (as interações com os criados negros e com os outros negros residentes, com os empregados das reservas, o contacto com os boximanes) e ao clima (o calor, o tempo das chuvas). Algumas destas envolveram certos riscos e incertezas (maiores, como quando o jipe se ia afundando num rio que era muito mais fundo do que parecia, ou menores, como quando o marido "voou", devido ao vento, arrastado pela tenda que estava a montar)

Trabalhou, profissionalmente, como administrativa de uma organização de previdência

#### LEGENDA:



Ensino primário



Explicações com professores particulares



Curso do antigo ensino técnico



Profissional técnico e de enquadramento



Não fez trabalho profissional



Residiu numa casa comprada com a família de origem



Residiu em casas alugadas ou compradas com outros familiares (e, por vezes, com o marido e/ou os filhos)



Residiu numa casa alugada com o marido



Residiu no estrangeiro em lugares (geralmente) pagos



Residiu numa casa herdada pelo marido com a família de procriação (e, mais tarde, em casal)

Figura 49 – Linha-da-vida de Madalena de Sousa (d.e.12)

**Detalhe biográfico e.13 (Amália Fernandes)**

**Nasceu, em Tremês, no ano de 1932**

**Trajeto escolar**

1939-1943 – Frequentou e concluiu a antiga Escola Primária

1944-1945 – Aprendeu a bordar para fora e tornou-se amiga da professora que a ensinou a bordar

1948-1950 – Fez o segundo ano do Curso Comercial, no *Ateneu Comercial de Santarém*, uma vez que o irmão também lá estudou na mesma altura e foi na companhia do mesmo

1950 – Aprendeu violino

**Trajeto profissional**

1962-1997 – Foi bordadeira na sucursal/loja de roupa de senhora, localizada na cidade de Lisboa, de uma organização, que tinha uma sucursal/loja de roupa de criança, também localizada na cidade de Lisboa, e uma sucursal/loja de roupa de homem, localizada na cidade do Porto

1997 – Reformou-se

**Trajeto residencial**

1932-1962 – Morou numa casa rural situada na sua terra-natal, primeiro, com a família de orientação e, depois, com parte desta e um filho

1962 – Veio para Lisboa com a mãe e com o filho e continuou a morar com estes, mas, a partir daqui, em Lisboa (no Bairro do Sagrado Coração de Jesus)

1993 – O filho saiu de casa e continuou a residir aí só até ao presente

**Trajeto reticular**

1956 – Teve uma depressão nervosa e teve o único filho, do qual foi mãe solteira

1962-2018 – Passou a residir no Bairro do Sagrado Coração de Jesus, tendo formado redes amicais no prédio onde reside, desde 1962

1970 – A professora que a ensinou a bordar morreu

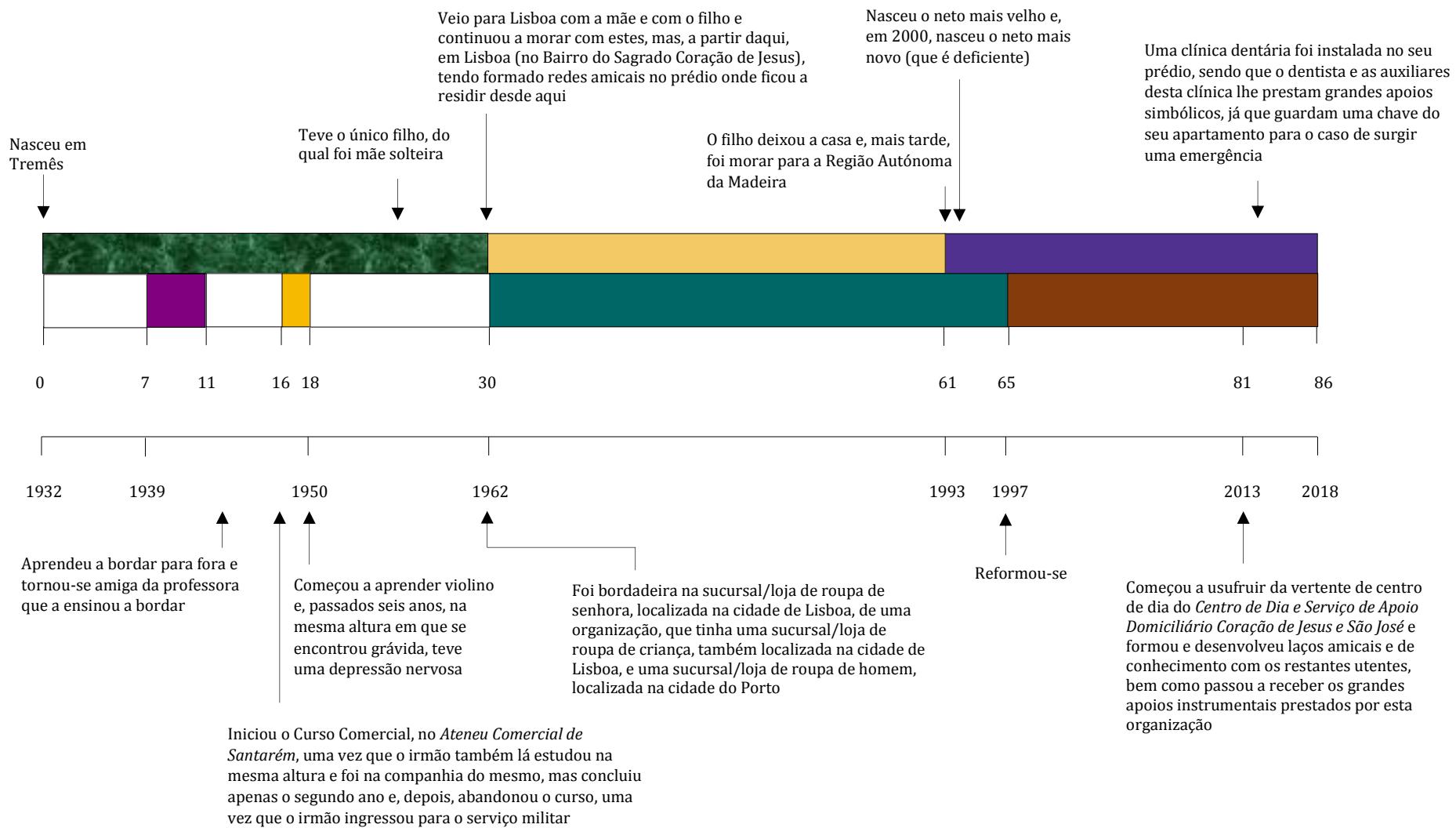
1993 – O filho saiu de casa e, mais tarde, foi morar para a Região Autónoma da Madeira

1994 – Nasceu o neto mais velho

2000 – Nasceu o neto mais novo (que é deficiente)

2013-2018 – Começou a frequentar a valência de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, onde fez redes amicais e de conhecimento com os outros utentes, bem como passou a obter os grandes apoios instrumentais prestados por esta mesma organização

2014-2018 – Uma clínica dentária foi instalada no seu prédio, sendo que o dentista e as auxiliares lhe prestam grandes apoios simbólicos



LEGENDA:

	Ensino primário		Frequência de um curso técnico		Empregado executante		Não fez trabalho profissional
	Residiu numa casa rural (sobretudo) com a família de origem		Residiu numa casa alugada com a família de procriação e outros familiares		Residiu só numa casa alugada		

### **Detalhe biográfico e.14 (Fernando de Sousa)**

#### **Nasceu, em 1929, no Funchal**

#### **Trajeto escolar e académico**

1936-1940 – Fez a antiga Escola Primária

1940-1948 – Fez o antigo Liceu

1948-1953 – Fez uma Licenciatura em Biologia, no quadro de uma universidade portuguesa

1975-1983 – Doutorou-se em Biologia, com distinção, na área da sistemática animal e no quadro da mesma universidade portuguesa

#### **Trajeto profissional e científico**

1955-1956 – Desempenhou funções como aspirante a investigador numa organização dedicada à Biologia Marítima e situada em Lisboa

1957 – Integrou as missões botânicas, realizadas em Angola, de uma organização portuguesa centrada na investigação científica dos países ultramarinos

1959-1960 – Integrou outras missões botânicas, realizadas em Angola pela mesma organização

1960-1975 – Trabalhou numa dependência dessa mesma organização portuguesa, localizada em Angola, e na situação de segundo assistente, primeiro contratado e depois nomeado, exerceu as suas funções, nos dois primeiros anos (1960-1962), em Luanda e, nos anos seguintes (1962-1975), em Sá da Bandeira (Lubango). A partir de 1961, organizou uma coleção de mamíferos que, em 1975, contou com 5000 exemplares, deu início ao estudo do género *Genetta* e visou a revisão sistemática deste género. Saiu na altura da independência

1961 – Assinou o primeiro trabalho

1963 e 1974 – Foram-lhe dedicados taxa

Entre 1967-1970 e no ano letivo 1974-75 – Exerceu funções docentes numa escola angolana de regentes agrícolas

1972 – Participou no primeiro encontro científico

1975 – Regressou a Portugal

1976 – Foi destacado, como segundo assistente, para um centro de investigação zoológica dessa mesma organização

1983 – Passou a investigador auxiliar

1985 – Passou a investigador principal

1990 – Passou a investigador coordenador e, nesse ano, foi designado diretor do mesmo centro

1998 – Reformou-se

2013 – Assinou um dos últimos trabalhos a respeito das especificidades do género *Genetta* em Angola, género em que se especializou bastante, mas, durante o seu trajeto científico, publicou também sobre os roedores e os ungulados de Angola, por exemplo

#### **Trajeto residencial**

1929-1937 – Viveu com os pais numa casa comprada do Funchal, que era grande e tinha um jardim

1937 – Veio com oito anos para Lisboa. O pai continuou a exercer as mesmas funções profissionais numa organização arquivística da Região Autónoma da Madeira, durante os primeiros anos, mas, ulteriormente, a sua vida passou a estar ligada à obra literária e às traduções, tendo a mãe feito, igualmente, as últimas

1937-1955 – Viveu com os pais numa casa comprada situada no Campo Pequeno

1955-1956 – Morou com a mulher numa casa alugada situada na Avenida de Roma

1956-1959 – Voltou com a mulher para a mesma casa dos pais

1959-1960 – Dormiu no mato, mas ficou em casas e, raramente, acampou

1960-1962 – Esteve com a mulher e os filhos num hotel em Luanda até alugar aí um apartamento, mas os filhos estiveram de 1961 a 1962 na casa dos avós, situada em Benfica

1962-1975 – Viveu com a mulher numa casa alugada com jardim em Sá da Bandeira, atual Lubango, e os filhos regressaram logo no início (1962)

1975-2018 – Veio morar para a Rua dos Arneiros e viveu com os pais, a mulher e os filhos de ambos até os pais morrerem, altura em que herdou a casa

### **Trajeto reticular**

1955 – Conheceu a mulher *vis-à-vis*

1955 – Casou

1957 – Nasceu o filho

1959 – Nasceu a filha

1959-1960 – A mulher viveu com os seus pais e os filhos de ambos na Rua dos Arneiros

1961-1962 – Os seus pais foram buscar os netos a Luanda e tomaram conta dos mesmos

1975 – Morreu a mãe

1978 – Morreu o pai

1982 – A filha migrou para a Alemanha e casou em 1986

1991 – O filho deixou a casa dos pais e casou

2008 – Morreu o primeiro grande amigo (Silvicultor)

2009 – A filha divorciou-se

2010 – Desenvolveu laços de conhecimento com amigos da mulher, mas tinha já estes laços com certos vizinhos

2011 – O filho divorciou-se

2012 – Morreu outro grande amigo (Veterinário)

2013 – Morreu outro grande amigo, mas um outro mantém-se vivo

Fez estes quatro amigos em Sá da Bandeira (atual Lubango)

2014 – Deu uma pequena vivenda a cada um dos filhos

2015 – Deu o carro ao filho e este marcou, e transportou-o para, um *check-up* no *Hospital da Luz*

2018 – Os proprietários de uma mercearia e de um talho, situados no bairro, fazem-lhe a entrega dos alimentos ao domicílio

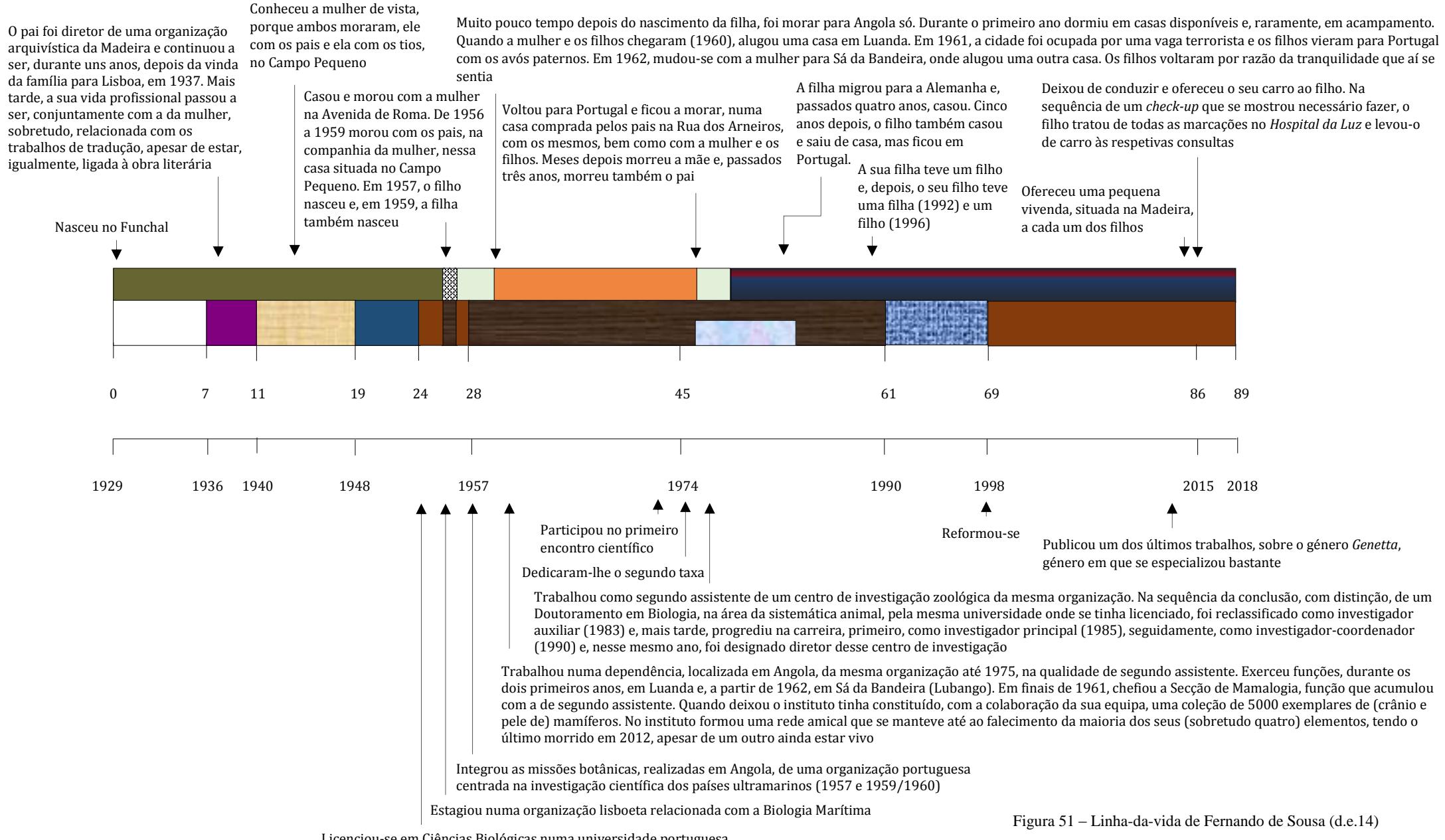


Figura 51 – Linha-da-vida de Fernando de Sousa (d.e.14)

LEGENDA:

	Ensino primário		Liceu		Licenciatura		Doutoramento		Profissional intelectual e científico		Empresário, dirigente e profissional liberal		Não fez trabalho profissional
	Residiu numa casa comprada com a família de origem		Residiu numa casa alugada com a família de procriação		Residiu numa casa comprada com a família de procriação e outros familiares		Residiu no estrangeiro em lugares (geralmente) pagos		Residiu numa casa herdada com a família de procriação (e, mais tarde, em casal)				

**Detalhe biográfico e.15 (Vítor Neves)**

**Nasceu, perto de Alverca (do Ribatejo), no ano de 1928**

**Trajeto escolar**

1936-1941 – Estudou da primeira classe à quarta classe do antigo sistema de ensino

**Trajeto profissional**

1942-1946 – Trabalhou, em Alhandra, para outro indivíduo, no sentido de aprender o ofício de barbeiro

1946-1947 – Foi para a tropa durante dezoito meses

1947 – Migrou para Lisboa

1947-1950 – Esteve empregado numa barbearia, localizada na Rua de São José

1950-1955 – Foi sócio de uma barbearia, localizada próximo da Rua do Telhal

1955-1985 – Foi sócio-gerente de uma barbearia, localizada na Rua da Fé

1985 – Reformou-se

**Trajeto residencial**

1928-1947 – Morou com os pais perto de Alverca

1947-1950 – Morou num quarto situado na Praça da Alegria

1948 – Casou

1950-1952 – Morou num quarto localizado ao pé da *Feira Popular*

1950 – Nasceu o filho

1952-1984 – Morou num quarto pertencente à casa, situada na Rua da Fé, onde mora hoje

1973 – O filho saiu do quarto onde morou com os pais

1984 – Os donos da casa, onde o mesmo quarto está incluído, deixaram de morar nessa casa

1984-2006 – Ficou a morar com a mulher na mesma casa, segundo o regime de aluguer

2006-2018 – Morou (e mora) só na mesma casa, entretanto, comprada

**Trajeto reticular**

1933 – As irmãs deixaram de morar consigo e com os pais e foram morar com uns tios para Bucelas

1946 – Conheceu na tropa um homem que mora, presentemente, na mesma rua

1948 – Casou (e a mulher começou a trabalhar profissionalmente como cabeleireira)

1948-2006 – Relacionou-se com o cunhado, a mulher e o filho destes (mas principalmente, com o cunhado).

Quando a mulher morreu a família por parte da mesma distanciou-se

1950 – Nasceu o filho

1952 – Na sequência do aluguer de um quarto na Rua da Fé, passou a relacionar-se bastante com os donos da casa onde esse quarto está inserido, que residiram aí, e com outros residentes do lado Este do Bairro de São José. Começou também a frequentar uma casa de jogos e de bailes, situada na Rua da Fé, mesmo ao lado do prédio onde mora, e conheceu uma idosa, que trabalhou aí e faz parte das suas redes amicais de vizinhança mais próximas

1967 – A mãe morreu

1968 – O pai morreu

1979 – Nasceu a neta

1982 – Começaram a morrer os vizinhos que considerou familiares e passou a manter laços de amizade próximos, mas menos profundos, especialmente, com três viúvas destes

1990 – Nasceu o neto

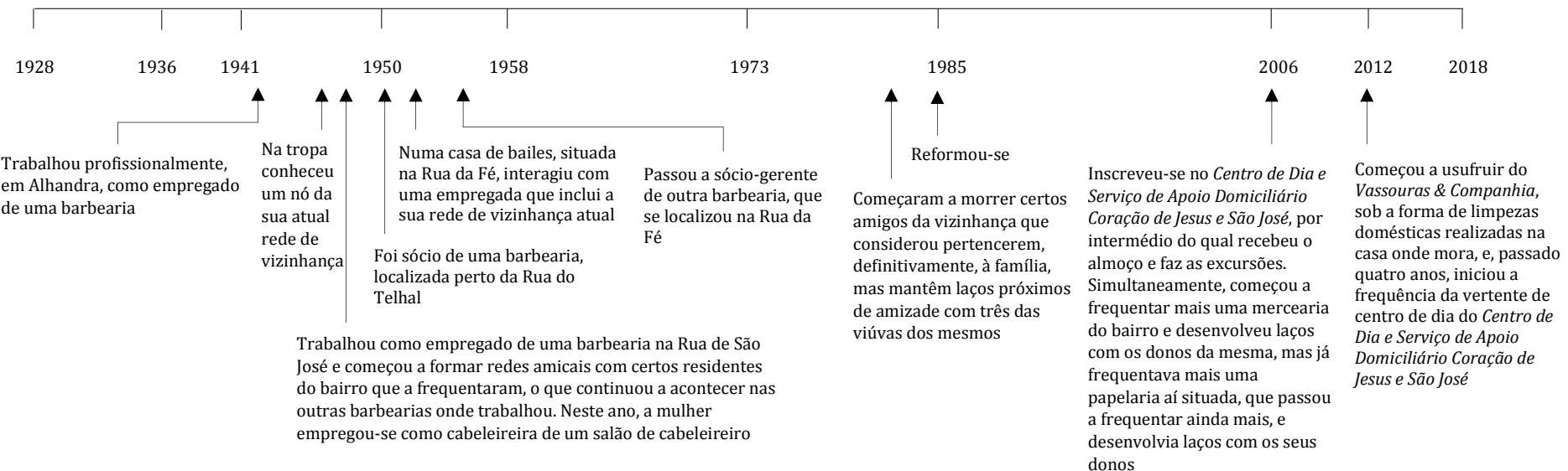
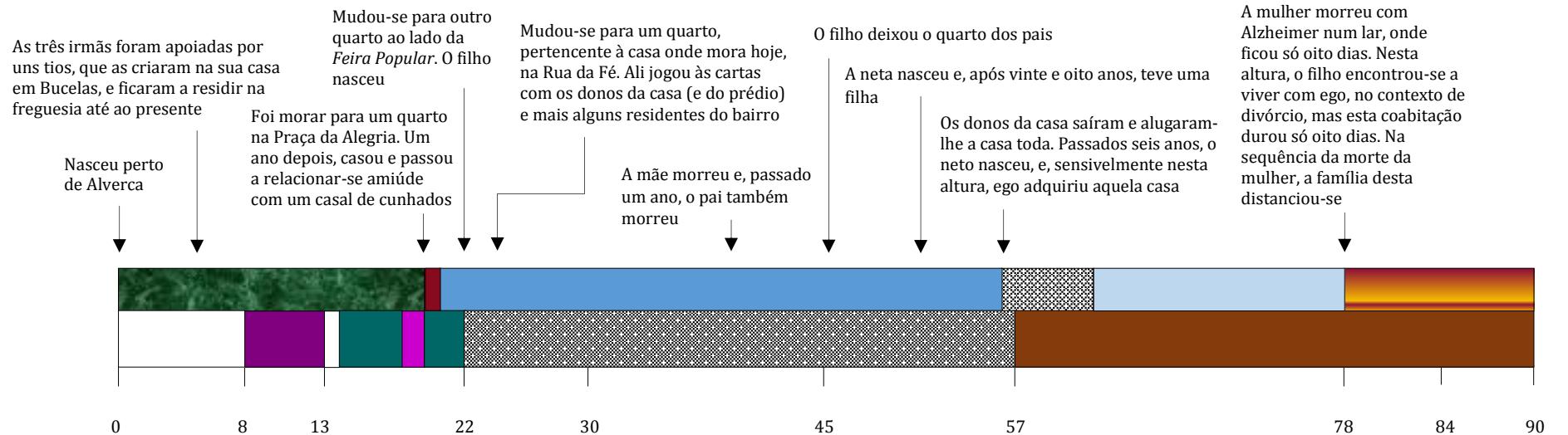
2005 – Começou a frequentar uma papelaria do bairro, na qual entraram novos donos, e formou laços amicais mais próximos com estes

2006 – A mulher morreu. O filho e a neta deram-lhe grandes apoios simbólicos e, durante uns meses, levaram-lhe as refeições

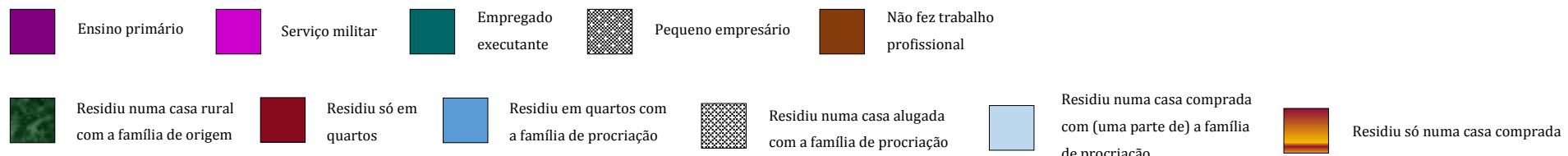
2006 – Começou a frequentar mais essa papelaria e a “Mercearia do Senhor José” e desenvolveu laços amicais mais distantes, principalmente, com a mulher deste, bem como começou a receber as refeições da valência de Serviço de Apoio Domiciliário do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, começou também a fazer passeios organizados por este centro (a Castelo Branco, a Óbidos, etc.) e pela *Junta de Freguesia de São José* (a Sesimbra)

2012-2018 – Começou a receber apoios do *Vassouras & Companhia* sob a forma de limpezas domésticas

2016-2018 – Integrou a valência de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, mas o *Vassouras & Companhia* continuou a fazer as limpezas da sua casa



LEGENDA:



### **Detalhe biográfico e.18 (Dolores Lopes)**

**Nasceu numa aldeia do Norte do país, em 1934**

#### **Trajeto escolar**

Não tem escolaridade

#### **Trajeto profissional**

1941-1952 – Tratou dos animais e trabalhou nas limpezas da casa do pai e da madrasta, sendo que a última tinha também três filhos

1952-1959 – Apesar de ter sido acolhida pela *Obra de Santa Zita*, serviu em casas de famílias, enquanto empregada doméstica

1959 – Migrou para Lisboa

1959-1969 – Trabalhou como empregada de limpeza e ajudante de cozinha em diversos locais do lado Oeste do Bairro de São José

Trabalhou em cabarés da Praça da Alegria e da Rua da Glória, como empregada de limpeza, durante o dia, e numa casa de fados aberta até de madrugada, como ajudante de cozinha, durante a noite

Trabalhou, igualmente, como empregada de limpeza no *Parque Mayer*, durante o dia

1969 – Reformou-se

1974-1990 – Foi ama de crianças que acolheu, primeiro, numa casa ocupada e, depois, na mesma casa já alugada, e com quem passeou pelo bairro

#### **Trajeto residencial**

1934-1952 – Morou com o pai, a madrasta e os três irmãos por afinidade, mas quando deixou a casa paterna não voltou a ter contacto com estas cinco pessoas

1952-1959 – Morou numa casa da *Obra de Santa Zita* em Águeda

1959 – Migrou para Lisboa

1959-1960 – Morou num quarto situado no Intendente

1960-1974 – Morou com uma amiga idosa e, a partir de 1971, com três filhos, numa casa muito pequena situada na Rua da Glória

1974-2017 – Por altura do 25 de abril de 1974, ocupou a casa onde mora hoje, também situada na Rua da Glória, com os três filhos e, passado pouco tempo, começou a pagar o aluguer da casa, sendo que continua a morar aí com um dos filhos, nascido em 1962

#### **Trajeto reticular**

A mãe abandonou a família pouco depois de Dolores nascer

1952 – Saiu de casa e nunca mais voltou a ver nem o pai, nem a madrasta ou os irmãos por afinidade

1960 – Nasceu o filho mais velho, de quem depende, grandemente, em termos de grandes apoios simbólicos e instrumentais

1962 – Nasceu o segundo filho mais velho com quem reside

1971 – Nasceu o filho mais novo que veio a falecer passados vinte e quatro anos

1974 – No contexto da residência numa segunda casa da Rua da Glória, formou redes amicais com vizinhos do mesmo prédio e formou ou desenvolveu redes de conhecimento outros residentes no bairro, bem como formou ou desenvolveu redes com proprietários e empregados do comércio tradicional do bairro, sendo que alguns dos mesmos lhe prestam determinados apoios

1990-1995 – O filho mais novo esteve com a saúde muito fragilizada durante, aproximadamente, cinco anos, devido a um problema de toxicodependência, tendo morrido em 1995. Passado pouco tempo, integrou o *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, até ao presente, onde tem redes amicais e de conhecimento com os outros utentes, sendo que recebe, principalmente, grandes apoios instrumentais e simbólicos dos profissionais desta organização

1996 – Nasceu a neta que mais a apoia

Morou com o pai, a madrasta e os três irmãos por afinidade, mas quando deixou a casa paterna não voltou a ter contacto com estas cinco pessoas

Nasceu numa aldeia do Norte do país

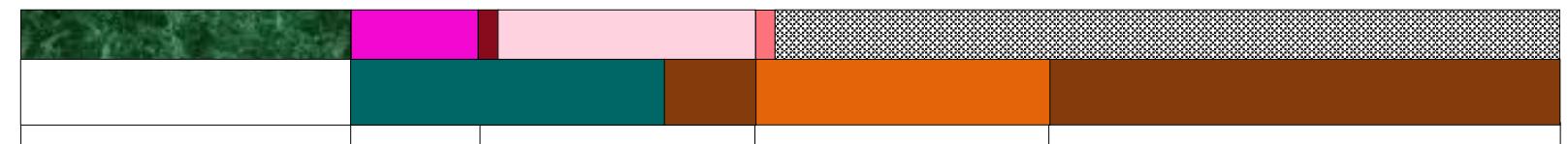
Foi acolhida pela *Obra de Santa Zita*, tendo pernoitado nas instalações desta instituição de caridade, situadas em Águeda

Migrou para a cidade de Lisboa e ficou a residir num quarto, situado no Intendente, durante um ano

Morou com uma amiga idosa e, a partir de 1971, com três filhos, numa casa muito pequena, situada na Rua da Glória

Por altura do 25 de abril de 1974, ocupou com os três filhos a casa onde mora hoje, também situada na Rua da Glória, e, passado pouco tempo, começou a pagar o aluguer da casa, sendo que continua a morar aí com um dos filhos, nascido em 1962. Depois de estar a morar nesta casa, fez e nutriu redes amicais e de conhecimento com vizinhos e indivíduos que trabalham profissionalmente no bairro e recebe apoios de alguns destes

Nasceu a neta que mais a apoia



0 18 25 40 56 84

1934 1952 1959 1974 1990 2018

Tratou dos animais e trabalhou na limpeza da casa do pai e da madrasta, sendo que a última tinha também três filhos

Reformou-se

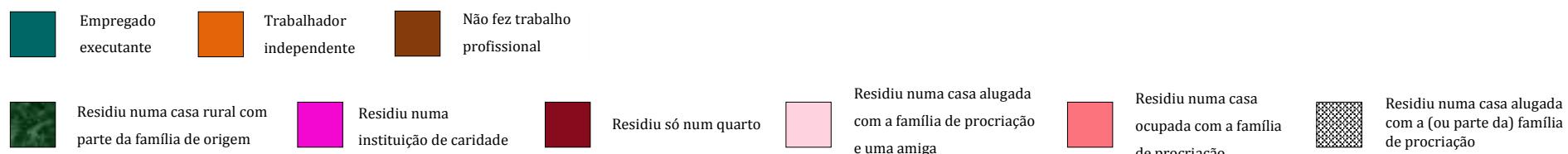
Com recurso à casa ocupada, e, seguidamente, a essa casa já alugada, foi ama de crianças residentes no lado Oeste do Bairro de São José

Trabalhou em cabarés da Praça da Alegria e da Rua da Glória, como empregada de limpeza, durante o dia, e numa casa de fados aberta até de madrugada, como ajudante de cozinha, durante a noite, mas trabalhou, igualmente, como empregada de limpeza no *Parque Mayer*, durante o dia

Deixou de trabalhar profissionalmente, visto que o filho mais novo esteve com a saúde muito fragilizada, durante, aproximadamente, cinco anos, devido a um problema de toxicodependência, tendo morrido em 1995. Passado pouco tempo, integrou o *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, até ao presente, onde tem redes amicais e de conhecimento com os outros utentes, sendo que recebe, principalmente, grandes apoios instrumentais e simbólicos dos profissionais desta organização

Apesar de ter sido acolhida pela *Obra de Santa Zita* e pernoitar numa das casas desta instituição, trabalhou profissionalmente para certas famílias, enquanto empregada doméstica, e esta instituição encarregou-se de gerir o modo como organizou os seus rendimentos

#### LEGENDA:



### **Detalhe biográfico e.19 (Luísa Cardoso)**

#### **Nasceu, em Rio Maior, no ano 1942**

##### **Trajeto escolar**

1949-1953 – Completou a antiga Escola Primária

1964-1965 – Completou o primeiro ano de liceu do antigo sistema de ensino

1965-1966 – Frequentou o segundo ano de liceu do antigo sistema de ensino

1966 – Teve uma depressão nervosa

##### **Trajeto profissional**

1953-1962 – Trabalhou de sol a sol (mais precisamente, das 07h às 19h) com os pais e a irmã no campo, posteriormente, o irmão também participou no mesmo trabalho

1963-1967 – Trabalhou no serviço de mesas do refeitório de pessoal de um hospital lisboeta

1967-1970 – Trabalhou como porteira num prédio situado do lado Noroeste da Rua dos Arneiros

1973-2018 – Voltou a trabalhar como porteira no mesmo prédio da Rua dos Arneiros

1992-2012 – Pediu autorização à dona do prédio e trabalhou como empregada doméstica, sempre na mesma casa, durante vinte anos

##### **Trajeto residencial**

1942-1962 – Morou com a família de orientação

1962-1967 – Residiu com a irmã e o cunhado numa casa, situada em Almada, sendo que a partir de 1965 juntou-se um sobrinho ao agregado doméstico

1967-1970 – Residiu numa casa de porteira situada do lado Noroeste da Rua dos Arneiros

1970-1973 – Casou e foi viver para uma casa alugada em Alenquer, onde morava a família do marido

1973-1998 – Residiu com o marido e a filha na mesma casa de porteira

1998 – A filha deixou a casa dos pais

1998-2018 – Residiu (e reside) com o marido nessa mesma casa de porteira

##### **Trajeto reticular**

1929 – Nasceu a irmã mais velha, entretanto falecida

1944 – Nasceu o irmão mais novo

1967 – O patrão que teve no hospital lisboeta, onde trabalhou, perguntou-lhe se queria ser porteira de um prédio no lado Noroeste da Rua dos Arneiros. Como sonhava, havia algum tempo, em trabalhar sozinha aceitou a proposta e ocupou-se aí profissionalmente, tendo recebido grandes apoios instrumentais desse patrão, quando este lhe propôs que ocupasse outras funções profissionais, que desejava ter, e da proprietária do prédio, que a empregou até ao presente

1967 – Conheceu a sua nova patroa e a Maria Teresa Castro (b.e.22), com quem criou laços de amizade, mas interrompeu esta ocupação profissional, e inerente residência, de 1970 a 1973

1969 – Morreu o pai e, em 1988, passados dezanove anos, morreu a mãe

1970 – Casou

1972 – A filha nasceu

1972 – Apesar de já não estar a trabalhar, profissionalmente, enquanto porteira, convidou, mesmo assim, a patroa deste emprego para madrinha de batismo da sua filha, que foi batizada com quatro meses

1998 – A filha saiu de casa porque celebrou matrimónio

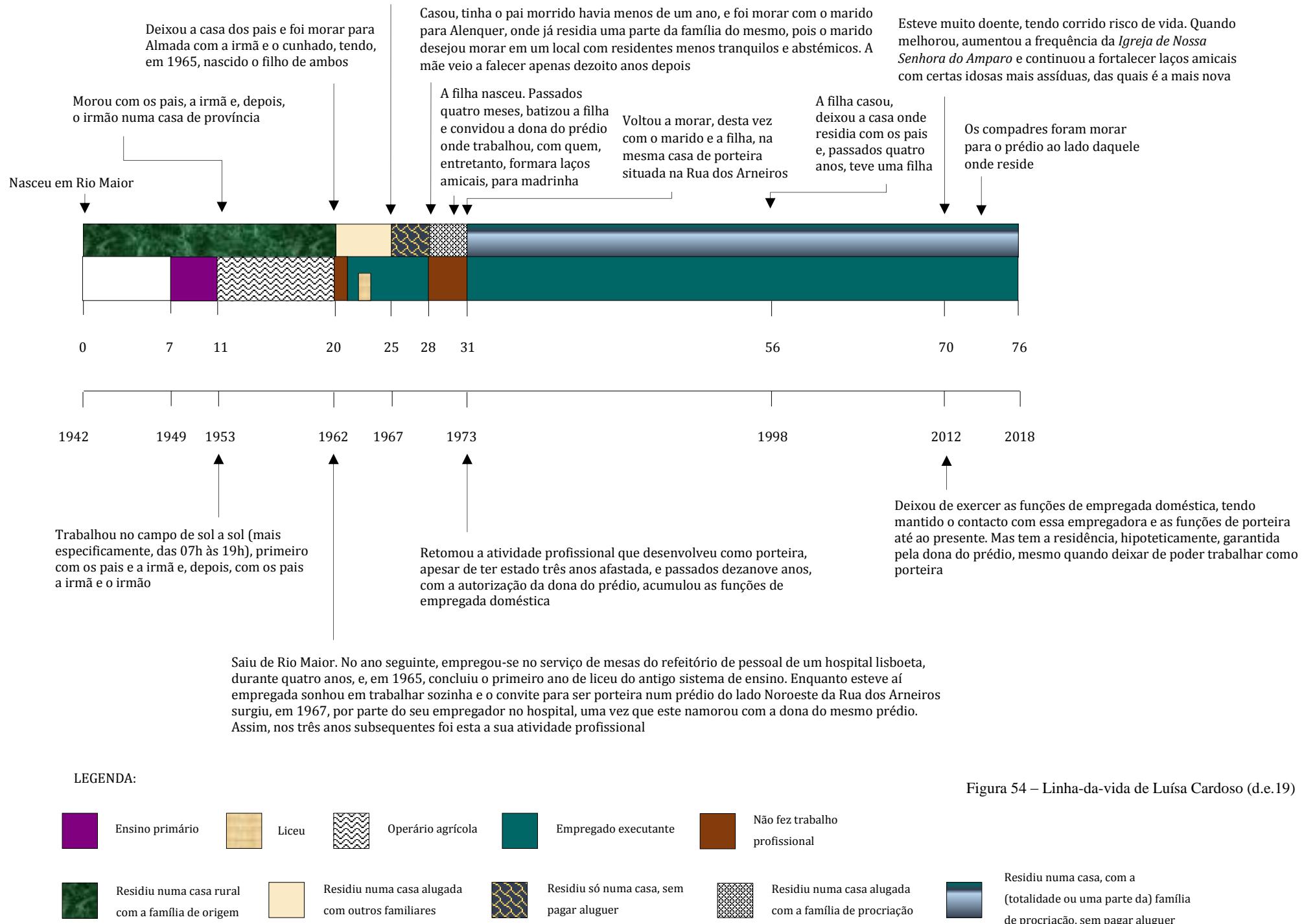
2002 – A única neta nasceu

2012 – Correu risco de vida devido a uma doença muito grave

2015 – Os compadres mudaram o local de residência para um prédio ao lado do seu

2017 – O compadre faleceu

Foi morar para uma casa de porteira situada no lado Noroeste da Rua dos Arneiros. Durante este período desenvolveu relações com uma vizinha com quem, desde aí, troca grandes apoios simbólicos



LEGENDA:

Figura 54 – Linha-da-vida de Luísa Cardoso (d.e.19)

Ensino primário	Liceu	Operário agrícola	Empregado executante	Não fez trabalho profissional
Residiu numa casa rural com a família de origem	Residiu numa casa alugada com outros familiares	Residiu só numa casa, sem pagar aluguer	Residiu numa casa alugada com a família de procriação	Residiu numa casa, com a (totalidade ou uma parte da) família de procriação, sem pagar aluguer

**Detalhe biográfico e.20 (Rita Negreiro)**

**Nasceu, em 1939, perto da cidade de Pombal**

**Trajeto escolar**

Não tem escolaridade

**Trajeto profissional**

1946-1955 – Trabalhou na agricultura com os progenitores e alguns irmãos, sem obter remuneração

1955-1965 – Foi empregada interna para uma família residente na cidade do Porto

1965 – Migrou para a cidade de Lisboa

1965 – Foi empregada interna na casa de uma família, residente em Campo de Ourique, onde também trabalharam uma irmã, um irmão e uma cunhada

1966-1989 – Foi empregada doméstica para diferentes famílias, nomeadamente, residentes em locais do Bairro de São José

1989 – Foi submetida a uma operação às pernas, visto que praticamente não conseguia andar, e reformou-se

2009 – Sofreu duas operações consecutivas às pernas, uma vez que perdera novamente a mobilidade, mas foi necessário repetir duas vezes a operação

2016 – Sofreu uma quarta operação às pernas

**Trajeto residencial**

1939-1955 – Residiu com os pais e, primeiro, com um único irmão, mas, mais tarde com os restantes irmãos (três irmãs e um irmão)

1955-1965 – Residiu na casa dos patrões, situada na cidade do Porto

1965-1966 – Residiu na casa dos patrões, situada em Campo de Ourique

1966 – Casou e residiu três meses numa casa comprada pela sogra com esta e o marido, mas o relacionamento com a sogra foi, cada vez, mais crispado e decidiu, em conjunto com o marido, sair dessa casa

1966-1978 – Residiu em quartos e “partes de casa”, como, por exemplo, uma “parte de casa” e, depois, um quarto, localizados na Rua da Fé

1978-1989 – A sogra faleceu e o marido decidiu que iam residir, já com a filha mais velha, para a casa que herdara como resultado deste falecimento

1979 – Nasceu a filha mais nova que se juntou ao agregado doméstico e, em 1989, o marido faleceu

1989-2018 – Continuou a morar na mesma casa, primeiro, com as duas filhas e, atualmente, apenas com a filha mais velha

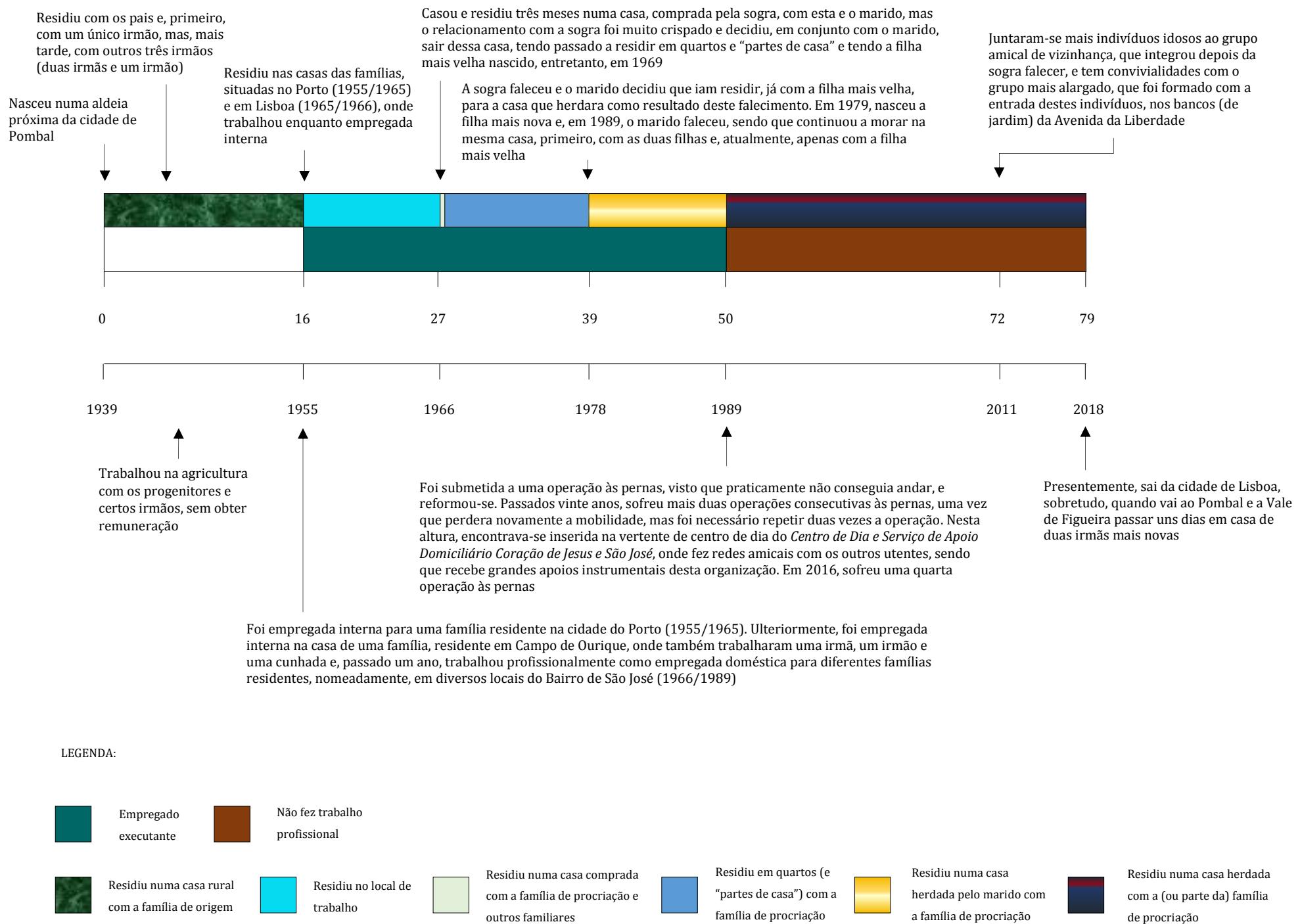
**Trajeto reticular**

1965 – Casou e, passados quatro anos, nasceu a filha mais velha

1978 – Conheceu e formou laços de amizade, principalmente, com Teresa Canas (b.e.3) e Henriqueta Carvalho (b.e.6)

1979 – Nasceu a filha mais nova

2011-2018 – Manuela Gomes (b.e.8) e Paulo Barros (b.e.5) juntaram-se às sociabilidades do grupo amical (formado inicialmente, sobretudo, por ego e pelas últimas duas idosas) que acontecem nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade. Nesta altura, já frequentava o *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, onde, presentemente, usufrui de grandes apoios instrumentais, concedidos pelos profissionais desta organização, e desenvolve laços com os restantes utentes



**Detalhe biográfico e.22 (Maria Teresa Castro)**

**Nasceu, em 1937, na Damaia**

**Trajeto escolar**

Não tem escolaridade

**Trajeto profissional**

1948-1950 – Trabalhou para uma organização onde fez almofadas (travesseiros) para a venda em lojas

1950-1987 – Trabalhou numa fábrica, situada em Benfica, enquanto apanhadora de malhas, mas a fábrica fechou as portas, em 1987, e reformou-se, nesse ano

1990-2017 – Foi empregada doméstica de duas famílias (certos parentes de uma destas são residentes no lado Nordeste da Rua dos Arneiros e mantém, atualmente, contacto com os mesmos). Depois, passou a ferro para uma vizinha adulta e fez a limpeza do prédio onde mora, juntamente com a filha

**Trajeto residencial**

1937-1963 – Morou na Damaia com os pais e, primeiro, com dois irmãos, mas, depois, nasceu outra irmã

1963 – Casou e veio morar com os sogros para a casa onde mora hoje

1964 – Nasceu a filha mais velha

1965 – Morreu o sogro

1967 – Morreu a sogra e comprou a casa onde mora hoje

1968 – Nasceu o filho mais novo

1997 – Morreu o marido

2013 – O filho saiu de casa (ninho vazio)

2017 – O filho regressou à casa materna

**Trajeto reticular**

1937-1963 – No contexto da residência na Damaia, fez um grupo social de amigas, que faleceram ou com quem deixou de se encontrar, mas mantém contacto com a filha de uma destas amigas, entretanto falecida, e trocou grandes apoios com esta filha da sua amiga

1950-1987 – Fez uma amiga na fábrica onde trabalhou profissionalmente, que migrou para o Canadá, mas com quem mantém contacto

1963 – Casou e veio morar com os sogros para a casa onde mora hoje

Neste prédio residiu também uma cunhada, o marido e os filhos destes

1964 – Nasceu a filha mais velha

1965 – Morreu o sogro

1967 – Morreu a sogra

1967 – Conheceu Luísa Cardoso (b.e.19), com quem criou laços de amizade, mas esta interrompeu a residência na Rua dos Arneiros de 1970 a 1973

1968 – Nasceu o filho mais novo

1997 – Morreu o marido

2004 – Nasceu a neta

2010-2018 – Começou a frequentar a *Primeira Praceta Cafetaria* e a relacionar-se, mais amiúde, sobretudo, com idosos residentes na vizinhança

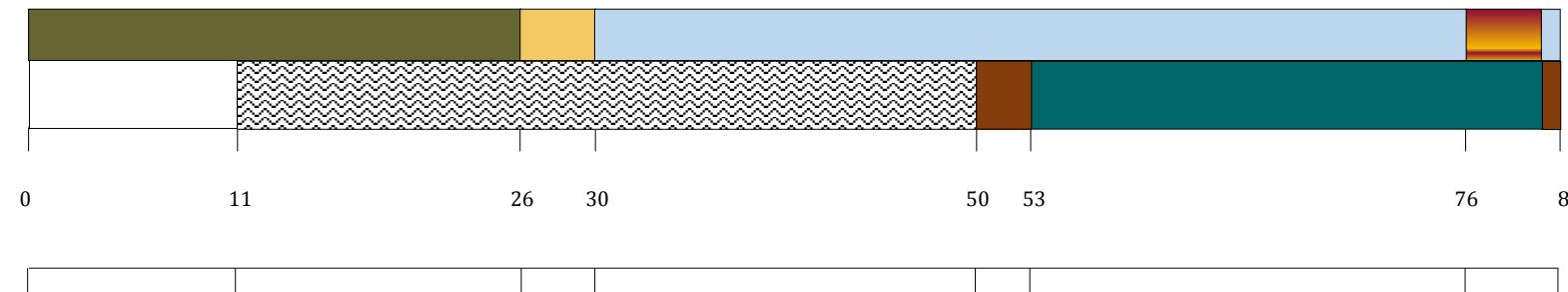
Morou na Damaia com os pais e, primeiro, com dois irmãos (um irmão e uma irmã), mas, depois, nasceu outra irmã. Aqui teve um grupo de amigas e mantém contacto com a filha de uma destas amigas

Nasceu na Damaia

Casou e foi morar com os sogros e com o marido para a casa onde mora hoje. Passado um ano, nasceu a filha mais velha, que após quarenta anos teve uma filha, e passado outro ano, morreu o sogro.

Morreu a sogra e, juntamente com o marido, comprou essa casa, onde mora hoje. Nesse mesmo ano, conheceu uma vizinha com quem veio a relacionar-se amiúde a partir de 1973. Em 1968, nasceu o filho mais novo e, passados vinte e nove anos, faleceu o marido. Nesta altura, tinha já constituído redes amicais e de conhecimento de vizinhança, das quais mantém uma grande parte de nós

O filho deixou a casa materna e voltou a esta em 2017, após a separação de uma união de facto. Apesar do ninho vazio, manteve sociabilidades, especialmente, na *Primeira Praceta Cafetaria*, o que continua a acontecer presentemente



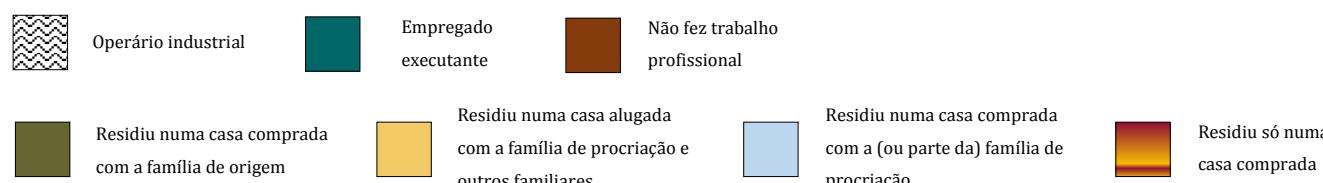
Recorda-se de lavar roupa, durante a infância, no rio que passou junto à casa dos seus pais e continuou, nomeadamente, até perto da *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*

Começou a trabalhar, profissionalmente, para uma organização onde fez almofadas para a venda em lojas, o que aconteceu durante dois anos. No ano em que deixou este emprego inseriu-se, profissionalmente, numa fábrica, situada em Benfica, enquanto apanhadora de malhas, mas a fábrica fechou as portas em 1987 e reformou-se nesse ano, tendo estado os três anos seguintes sem fazer trabalho profissional. Através desta experiência profissional, constituiu um laço amical com uma colega de trabalho

Foi empregada doméstica de duas famílias (certos parentes de uma destas são residentes no lado Nordeste da Rua dos Arneiros e mantém, atualmente, contacto com os mesmos). Depois disso, passou a ferro para uma vizinha adulta e fez a limpeza do prédio onde mora, com a ajuda da filha

O regresso do filho à casa materna permitiu que obtivesse pequenos apoios instrumentais deste, no formato de compras de alimentos confeccionados, sobretudo, no *Restaurante Os Piodenses*, por exemplo, tipo de apoios estes que estava a obter, geralmente, da filha

#### LEGENDA:



**Detalhe biográfico e.28 (Conceição Santos)**

**Nasceu, em 1948, na cidade de Lisboa**

**Trajeto escolar e académico**

1954-1958 – Completou o Ensino Primário do antigo sistema

1958-1966 – Fez o antigo Liceu

1966-1975 – Fez uma Licenciatura em Farmácia, no quadro de uma universidade portuguesa

**Trajeto profissional**

1972-1975 – Foi professora de Liceu

1975-1977 – Trabalhou como farmacêutica numa farmácia situada no Alto de São João

1977-2007 – Trabalhou como farmacêutica numa farmácia situada na Baixa Pombalina

2007-2011 – Trabalhou como farmacêutica numa farmácia situada em Alvalade

2011 – Reformou-se

**Trajeto residencial**

1948-1953 – Morou com os pais e com a irmã numa quinta situada em Belas

Graças ao contacto com a natureza e a agricultura, que teve na quinta onde moraram, consegue distinguir, lindamente, o que é cultivado nas Hortas Urbanas de Benfica e aprecia observá-las

1953-1971 – Morou com os pais e com a irmã numa casa comprada em Campo de Ourique

1971-1972 – Morou num quarto de uma casa pertencente a um casal de amigos dos seus pais, situada na Parede

1972-1974 – Morou numa casa alugada com o marido e, a partir de 1974, juntou-se ao agregado doméstico um filho, que acabara de nascer

1974-2018 – Morou (e mora) no lado Noroeste da Rua dos Arneiros, até 1986, altura em que o marido faleceu, com o marido e o filho, e a partir daí até ao presente, unicamente, com o filho

**Trajeto reticular**

1943 – Nasceu a única irmã

1961 – Por intermédio das atividades de uma igreja, situada perto do local onde morou nesta altura, Conceição e as suas amigas juntaram-se a um grupo de seis rapazes, que incluiu o futuro marido

1963 – O grupo alargou bastante com a entrada de uma parte dos seus membros na universidade e com os amigos que aí fizeram

1964 – Nasceu o sobrinho

1966 – Nasceu a sobrinha

1972 – Os membros do grupo começaram a casar e o grupo duplicou, tendo a investigada sido a única que, neste ano, casou com um elemento pertencente ao grupo inicial

1974 – Nasceu o filho e, passado um ano, o pai morreu

1986 – O marido faleceu

2010 – A mãe faleceu

2011-2018 – Formou e desenvolve mais redes de vizinhança como resultado da reforma e, consequente, frequência da *Primeira Praceta Cafetaria*, situada na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros

2011 – No mesmo ano, a sobrinha divorciou-se

2015 – Deu o seu contacto telefónico, sendo que não costuma dá-lo frequentemente, a uma vizinha, que possui problemas respiratórios graves e tem que tomar oxigénio, para o caso desta precisar que lhe faça compras de certos produtos no comércio tradicional do bairro ou em supermercados do bairro

2015 – No mesmo ano, viajou com o grupo de amigos residentes fora do bairro para o Irão (antiga Pérsia)

2016 – Morreu o cunhado

Nasceu em Lisboa. Primeiro, morou em Belas com os pais e a irmã. Graças ao contacto com a natureza e a agricultura, que teve na quinta onde moraram, consegue distinguir, lindamente, o que é cultivado nas Hortas Urbanas de Benfica e aprecia observá-las

Seguidamente, foi morar para Campo de Ourique com os pais e a irmã. Foi por meio das sociabilidades numa igreja, próxima do local de residência, que conheceu o marido. Depois, residiu num quarto durante um ano

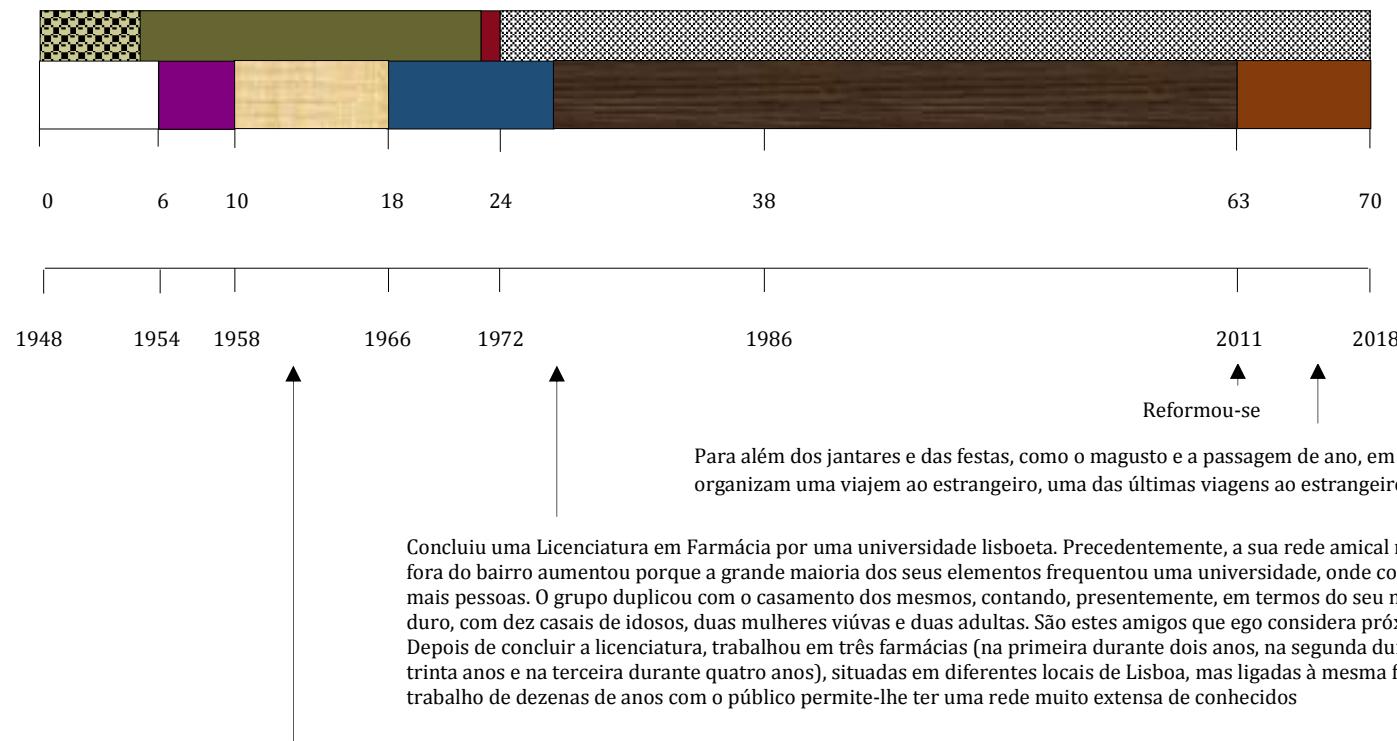
Casou e foi morar para uma primeira casa alugada. Passado dois anos, o filho nasceu e veio morar para a Rua dos Arneiros

O pai morreu

O marido faleceu. Neste contexto, passou duas semanas em casa da irmã e os sobrinhos levaram-na a passear e a divertir-se para não estar sempre a pensar no assunto, tendo os três elementos da família e, igualmente, a rede amical residente fora do bairro, representado fontes de grandes apoios simbólicos, bem como, por vezes, fontes de pequenos apoios instrumentais

Reformou-se e começou a frequentar a *Primeira Praceta Cafetaria*. Nessa altura, formou mais redes de vizinhança com sete nós, que encara como não sendo próximos, a um dos quais dá grandes apoios simbólicos devido a um problema grave de saúde, como estar disponível a qualquer hora do dia em caso de necessidade. No mesmo ano, a sobrinha divorciou-se e ego prestou-lhe grandes apoios instrumentais. Em 2016, o cunhado faleceu e, nesta sequência, prestou grandes apoios simbólicos à irmã

Faleceu a mãe



#### LEGENDA:



Figura 57 – Linha-da-vida de Conceição Santos (d.e.28)

### **Detalhe biográfico e.29 (Antónia Baptista)**

#### **Nasceu, em 1937, no Barreiro**

#### **Trajeto escolar e académico**

1941 – Ofereceram-lhe um piano de brincar

1944-1948 – Fez a antiga Escola Primária

1945-1957 – Aprendeu piano e, mais especificamente, de 1949 a 1957, foi ensinada pelo professor de uma pianista famosa de origem portuguesa

1948-1956 – Fez o antigo Liceu

1953 – Fez, com êxito, o exame do Curso Geral de Piano do *Conservatório Nacional de Lisboa*

1956-1963 – Fez uma Licenciatura em Engenharia, no quadro de uma universidade portuguesa

1963-1966 – Tirou o Diploma em Psicologia Industrial, com estatuto de bolsa, no quadro de uma universidade estrangeira

#### **Trajeto profissional**

1967-1968 – Criou o Serviço de Psicologia Industrial de um ministério português

1968-1974 – Ocupou-se da seleção e supervisão de pessoal de uma organização portuguesa

1971-1974 – Acumulou as últimas funções com atribuição de formação em uma organização estatal e a seleção e orientação profissionais em uma grande empresa portuguesa

1974-1994 – Manteve apenas as funções na grande empresa portuguesa

1994 – Reformou-se. “Faço o que me apetece, quando me apetece e como me apetece.”

#### **Trajeto residencial**

1937-1945 – Viveu com os pais numa primeira casa, situada no Barreiro

1945-1956 – Mudaram para uma casa grande, também situada no Barreiro, e ficaram aí a viver

1956-1963 – Morou com o avô numa casa deste, situada em Lisboa

1963-1966 – Foi para um país da Europa e morou aí em um hotel, uma residência para os estagiários internacionais (1963), uma residência universitária de freiras (1964) e uma casa alugada com colegas (1965).

Durante a sua estadia o avô morreu

1966-1968 – Morou em casa do avô com uma tia

1968-1971 – Morou em casa de uma irmã em Lisboa

1971-1995 – Morou numa casa em Lisboa, com três assoalhadas, que comprou

1994 – Comprou uma casa maior no lado Nordeste da Rua dos Arneiros

1995-2018 – Morou e mora nesta mesma casa

2003 – Comprou uma casa em Cascais e a mesma irmã ofereceu-lhe mais de um terço do valor necessário para a aquisição da casa

#### **Trajeto reticular**

1938-1942 – Nasceram as irmãs

1941-1942 – Brincou com as cabeleireiras, empregadas profissionalmente na vizinhança, e com as amigas de infância, suas vizinhas, porque a mãe foi doméstica e estava a cuidar das irmãs mais novas

1943 – Conheceu um amigo de infância, hoje idoso, que mantém

1956 – Conheceu uma colega de outro ano, mas da mesma área de licenciatura, hoje idosa, para casa de quem vai, sozinha ou acompanhada, sendo que esta tem várias casas no Algarve e cede-lhe a maior

1959 – Converteu-se ao catolicismo

1965-1975 – Teve doze sobrinhos (dos quarenta e três anos aos cinquenta e três anos)

1968 – Conheceu três atuais amigos por via profissional. Com um destes conversa, esporadicamente, por telefone, e, em 2015, conversou como o mesmo sobre “a sua angina de peito” e sobre os outros dois ex-colegas de trabalho, mas com os últimos não se encontra há muitos anos, sendo os três idosos

1971 – Conheceu uma vizinha na sua anterior casa, que é a sua maior amiga, é idosa e vive, presentemente, no estrangeiro

1971 – Conheceu uma subordinada na grande empresa portuguesa, onde esteve inserida por via profissional, de quem ainda é amiga

1986 – O pai morreu

1987 – A mãe morreu

1987 – Começou a recusar os convites para ir ao estrangeiro, mas conhece alguns Países do Mediterrâneo, como Itália e Grécia (sobretudo, as ilhas gregas, por exemplo, Rodes), Turquia, etc.

1990 – Antónia e as irmãs incompatibilizaram-se com o irmão

1997-2012 – Teve vinte e dois sobrinhos-netos (dos seis anos aos vinte e um anos)

2000 – Criou um abaixo-assinado contra o abate de muitos eucaliptos, presentes no atual Eucaliptal de Benfica, e conheceu um casal de amigos adultos no casamento de uma sobrinha

2010 – Criou redes de vizinhança com certos vizinhos, mas as suas redes sociais incluíam já outros vizinhos, e, atualmente, desenvolve relacionamentos com todos estes

2012 – Ajudou economicamente a família de um homem, que trabalhou num restaurante do bairro e ficou desempregado, devido ao trespasso do mesmo restaurante, bem como guardou um álbum de família pertencente a um homem (pedinte e deficiente) e ajudou-o também economicamente. “Eu posso ser útil às pessoas” ou “*Je sème à tout vent*”

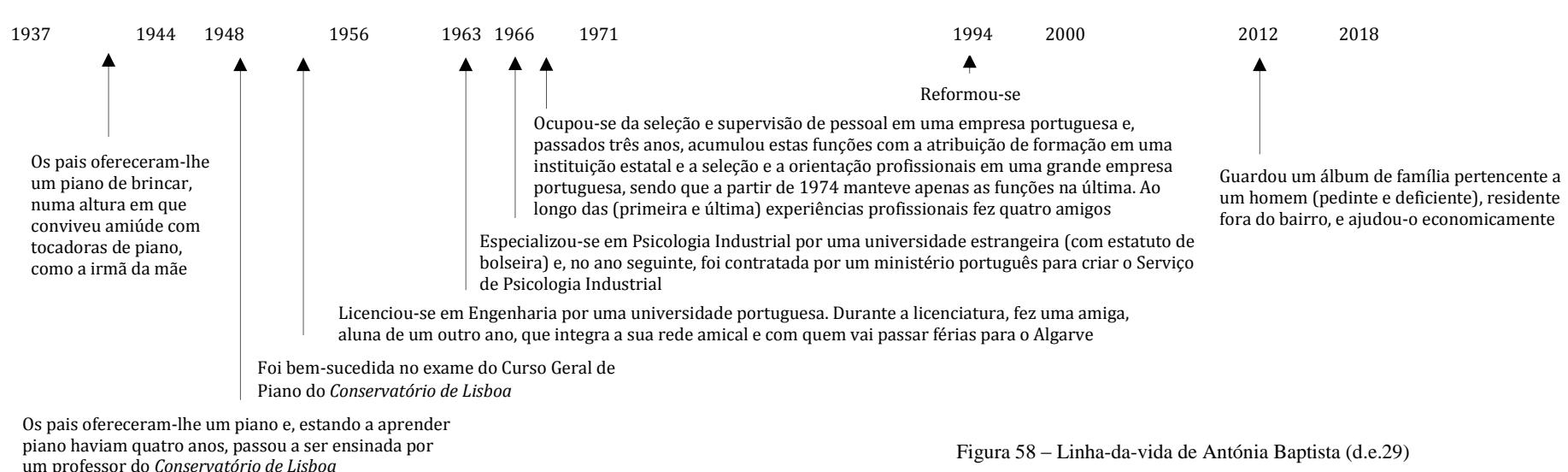
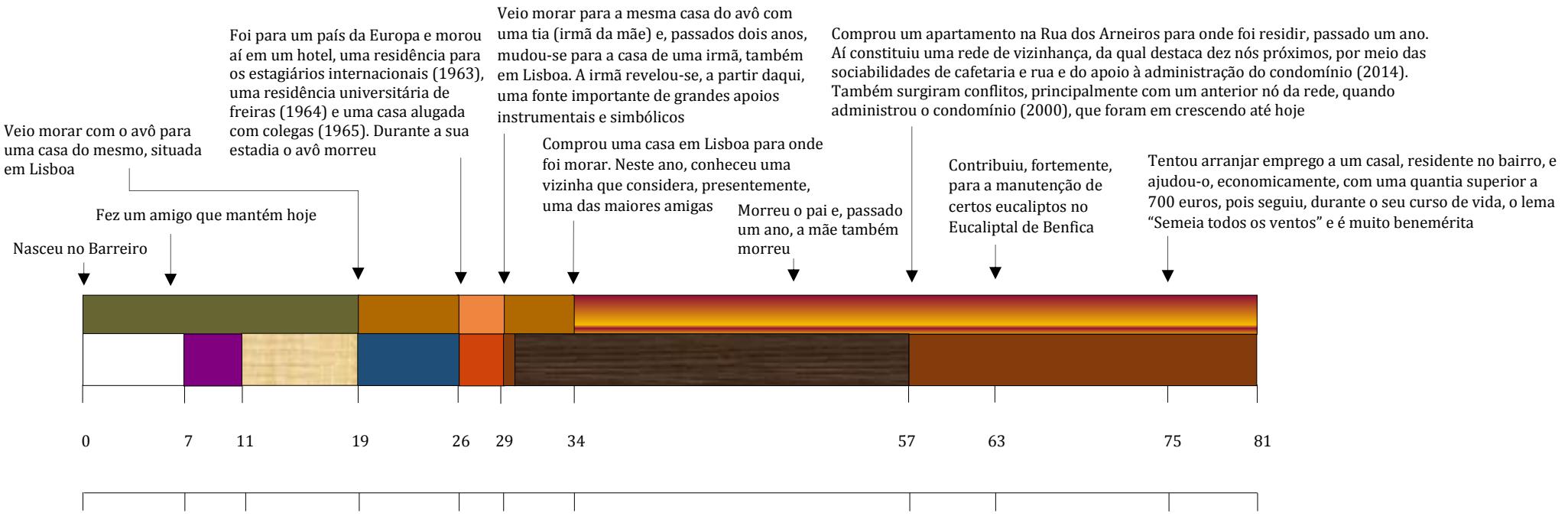
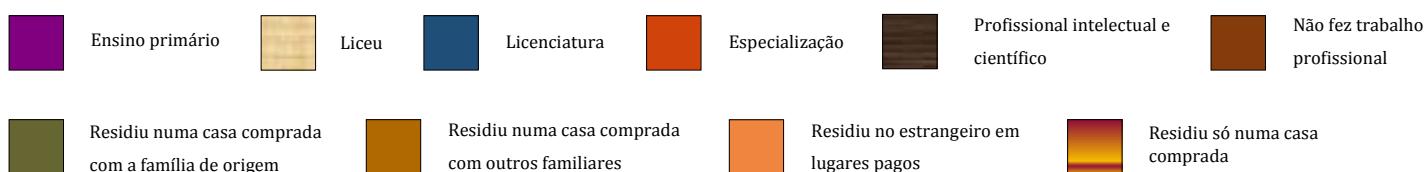


Figura 58 – Linha-da-vida de Antónia Baptista (d.e.29)

LEGENDA:



**Anexo D - Pormenorizações das redes e do povoamento das redes  
e do espaço**

#### **Pormenorização das redes e do povoamento das redes e do espaço e.2 (Antónia Baptista)**

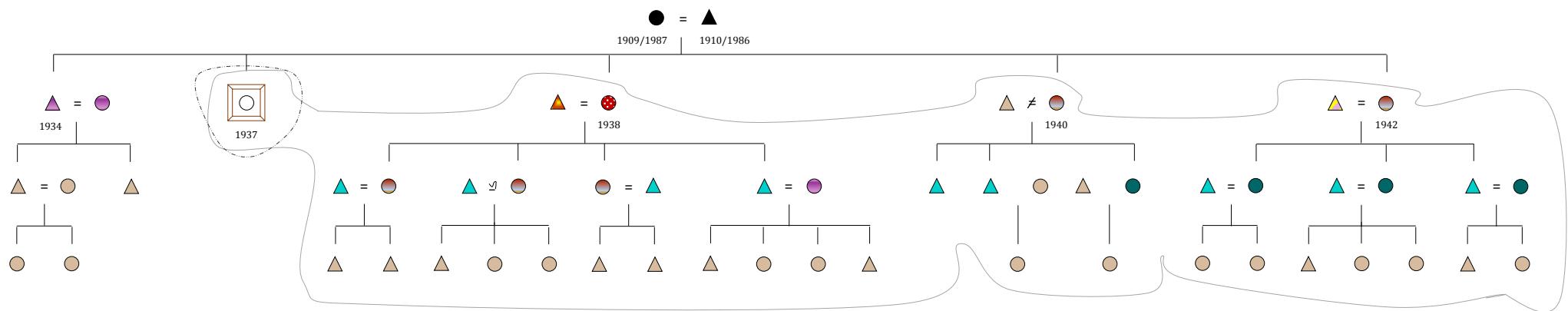
Tem oitenta e um anos, é Licenciada em Engenharia e terminou a sua carreira profissional no ramo da seleção e orientação profissionais. É solteira, não tem filhos e vive só num apartamento situado no lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, uma rua integrada no Bairro de Benfica. Esta residente idosa contém na sua rede uma quantidade apreciável de indivíduos que lhe prestam ou a quem presta muitos apoios. A rede de fratria é composta por quatro irmãos (um homem e três mulheres), qualquer um tem pelo menos dois filhos, tendo ego vinte sobrinhos, quando contamos com os cônjuges, e vinte e dois sobrinhos-netos. Da irmã imediatamente mais nova e do cunhado por parte desta recebeu grandes apoios simbólicos, patentes na ideia ‘tu não estás sozinha’ que indica uma disponibilidade para a prestação de todos os apoios de que necessite, pequenos apoios instrumentais, quando a convidam para passar férias com estes na sua casa do Algarve, e grandes apoios instrumentais, como a doação de uma fração importante do valor necessário para a aquisição de uma casa de férias em Cascais, onde costuma ir passar uns dias:

*“(...) Quando eu pensei em comprar o andar em Cascais, eu não tinha o dinheiro para aquilo, tinha uma parte, mas não tinha metade ou coisa assim, e então perguntei a uma das minhas irmãs (...) se ela poderia emprestar-me desde que se pudesse o... Ela é mais nova que eu e as filhas dela são pessoas para mim de toda a confiança e são as pessoas que tratarão de mim quando eu precisar. E eu falei com essa minha irmã e disse-lhe: ‘Olha, eu queria comprar isto assim assim e não tenho dinheiro. Tu emprestas-me...’ e tal... ‘Põe-se em teu nome ou das tuas filhas, como entenderes.’. E ela disse: ‘Não é preciso pôr-se, basta que o empreste.’ e tal. Mas eu não quis (...) E, portanto, a minha irmã nessa altura disse-me: ‘Tu não estás sozinha! Tu não estás sozinha! Portanto fazes isso e fazes tudo o resto que te apetecer porque tu não estás sozinha!’”*

*(Antónia Baptista, 81 anos, lado Nordeste da Rua dos Arneiros).*

Das filhas do mesmo casal obtém grandes apoios simbólicos, formalizados na aceitação para, em caso de necessidade, gerirem os seus bens como entender, e dos maridos destas recebe conselhos sobre questões de que se ocupa ou que tem necessidade de resolver. No entanto, não se relaciona amiúde com o sobrinho (filho deste mesmo casal), uma vez que suporta com dificuldade as interações que era forçada a ter, com a sua mulher, se o fizesse. Da segunda irmã a seguir a si recebeu grandes apoios simbólicos, por altura de uma doença dos olhos, porque esta irmã tem um longo historial de problemas nos olhos, e da irmã mais nova recebeu grandes apoios simbólicos, nomeadamente, em situação de doença grave, uma vez que esta é médica. Os grandes apoios que recebe no interior da família são tanto prestados por mulheres como são prestados por homens (apesar dos homens que os prestam estarem em menor número que as mulheres), visto que, apesar de haver um distanciamento do seu único irmão e dos seus filhos e uma incompatibilidade com os mesmos, que resulta numa ausência de quaisquer apoios, os cunhados prestam-lhe grandes apoios, porque recebeu grandes apoios simbólicos e instrumentais do cunhado antes mencionado e recebeu, também, grandes apoios instrumentais do cunhado casado com a irmã mais nova, quando o mesmo a operou, gratuitamente, a uma doença dos olhos.

A família que considera mais próxima é composta por todos os seus elementos com exceção do único irmão com quem se crispou – visto que considera que a sua presente (segunda) mulher é um pouco diferente dos restantes membros da rede de parentesco – da família de procriação e dos netos deste. Contudo, a troca de pequenos apoios simbólicos acontece, sobretudo, com as restantes irmãs e os seus cônjuges e com a maioria dos filhos destas irmãs e os seus cônjuges. Todos os irmãos são licenciados e, unicamente, quatro sobrinhos não fizeram um percurso académico, esta inexistência de formação académica coincide com a situação de celibato dos mesmos sobrinhos.



LEGENDA:

- Grandes apoios simbólicos recebidos de mulheres
- Grandes apoios simbólicos e instrumentais e pequenos apoios instrumentais recebidos de mulheres
- ▲ Grandes apoios simbólicos e instrumentais e pequenos apoios instrumentais recebidos de homens
- ▲ Grandes apoios instrumentais recebidos de homens
- Pequenos apoios simbólicos dados a mulheres e recebidos de mulheres
- ▲ Pequenos apoios simbólicos dados a homens e recebidos de homens
- ▲ Relações de crispção
- ▲ Familiares mortos
- △ Não foram referidos apoios dados ou recebidos
- Ego
- Configuração do grupo doméstico atual
- Família mais próxima a nível das representações

Figura 59 – Genealogia de Antónia Baptista (p.e.2)

As redes amicais residentes no bairro são constituídas por dez nós mais próximos (uma adulta, que faz o trabalho profissional de porteira no prédio onde mora, dois idosos e sete idosas), todos eles são seus vizinhos e, portanto, moram no lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, com exceção de um idoso, que residiu no mesmo lado da “segunda praceta” da rua e mudou o seu local de residência para outra parte do bairro, e de uma idosa, que reside no mesmo lado da terceira praceta da rua. Destas mesmas redes amicais concedeu grandes apoios simbólicos a uma idosa, ao providenciar-lhe a fundamental vacinação contra a gripe, visto que a idosa tem de tomar oxigénio permanentemente e está muito fragilizada, e deu pequenos apoios instrumentais a outras duas idosas, porque apoiou uma vizinha idosa na administração do condomínio do prédio onde ambas residem, nomeadamente ao encaminhar os técnicos da desratização para os andares e as partes altas do prédio, e começou a ensinar uma vizinha muito idosa a ler para agilizar as capacidades mentais. Das mesmas redes obteve grandes apoios simbólicos do casal constituído por Júlio Mendonça (r.e.1) e a mulher, que manifestou telefonicamente a preocupação com o seu estado depois de uma tentativa de assalto na Rua dos Arneiros, do qual se conseguiu defender, bem como recebeu uma sugestão da porteira do seu prédio sobre a prestação de todos os apoios, ao oferecer-se para a ajudar no contexto de uma doença grave: *“Eu sei que eu estive dois meses com zona na cara, aqui há uns quatro anos ou o que foi, por isso é que eu muitas vezes cubro esta parte quando está frio ou enfim... Eu estive dois meses em casa e, portanto, a minha porteira ofereceu-se para tudo o que fosse preciso (...) mas eu mandei vir as coisas do Continente assim por atacado, não é (...)”* (Antónia Baptista, 81 anos, lado Nordeste da Rua dos Arneiros). Mais de metade destes nós próximos é licenciada em diversas áreas como Engenharia, Medicina e Filosofia.

Possui, igualmente, relacionamentos com os proprietários e empregados do comércio tradicional do bairro (quinze nós que se fragmentam em duas idosas, oito adultos e cinco adultas) e procura mais dar um sorriso e uma palavra (manifestos em aconselhamento e companhia) do que receber, o mesmo acontece com certas idosas que encontra à janela, do lado Noroeste da Rua dos Arneiros (cinco nós, aproximadamente), e com quem conversa um pouco, ou com alguns idosos e adultas (oito no total) que frequentam um café na Rua Cláudio Nunes, uma paralela à Rua dos Arneiros, onde vai esporadicamente. Se dá pequenos apoios simbólicos a estas mesmas pessoas que lhe são quase desconhecidas e que considera mais distantes, dá também pequenos apoios simbólicos, bem como pequenos e grandes apoios instrumentais a outras pessoas, residentes dentro e fora do bairro, que mal conhece, mas que tem a informação de estarem necessitadas. Ultimamente, evitou, ainda mais, um vizinho idoso do mesmo prédio, que a agrediu verbalmente na reunião de condomínio, e passou a inseri-lo nas suas redes amicais de vizinhança mais distantes, às quais pertencem, igualmente, duas adultas, ligeiramente, mais distantes.

Quatro elementos idosos (três idosos e uma idosa) das redes amicais, que são residentes fora do bairro, integraram a sua rede profissional e troca pequenos apoios simbólicos com uma colega do último emprego, prestou grandes apoios simbólicos a um colega de um emprego anterior, no contexto de um problema grave de saúde (uma angina de peito) e, apesar de não encontrar há muitos anos dois outros colegas deste mesmo emprego, considera que um deles faria tudo o que pudesse por si. A amizade com os restantes cinco amigos que não residem no bairro tem origens diversas. Antónia conheceu a ‘maior amiga’ no local onde residiu anteriormente e esta integrou a suas redes de vizinhança (desde 1971), mas agora mora em Angola, porém, considera que em caso de necessidade podia contar com a mesma amiga idosa; outra das amigas com quem melhor se dá encontrou-se a fazer uma licenciatura na mesma universidade, apesar de pertencer a outra turma, e costuma ir, anualmente, com ela para o Algarve ou sozinha para uma das casas desta; outro idoso é seu amigo desde os seis anos e encontram-se em casa dele para ouvir música e conversar; finalmente, é amiga de um casal de adultos, que conheceu há dezasseis anos no casamento de uma sobrinha, e como o homem do casal toca piano, um passatempo que agrada muito a

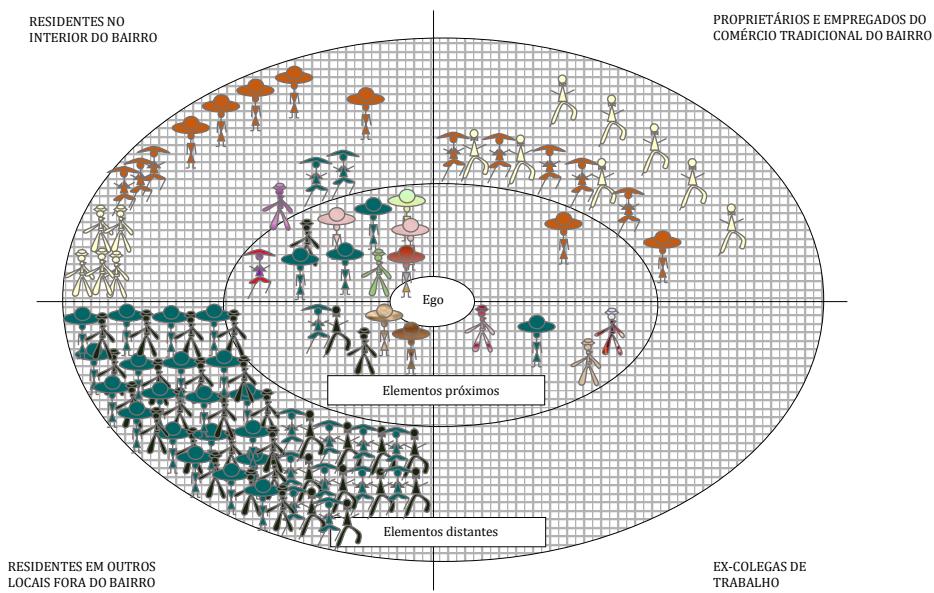
Antónia, já fizeram um retiro em uma casa fora de Lisboa, unicamente, para tocar piano. Os amigos residentes no exterior do bairro são todos licenciados. O âmbito das redes de conhecimento residentes fora do bairro insere vinte casais de idosos e dez casais de adultos, que são amigos das irmãs ou dos sobrinhos e com quem conversa um pouco nas festas da família. Quando perguntámos se considera que os amigos pertencem à sua família, a entrevistada deu conta de uma semelhança (quase) integral entre os modos como considera os laços familiares e os laços amicais, visto que, como pertence à religião católica e está fortemente marcada pelo ecumenismo, considera que todos os seres humanos são seus irmãos e não procede, de forma abstrata, a qualquer distinção entre família, amigos, conhecidos e, até, desconhecidos.

Portanto, as redes sociais da entrevistada perfazem, no total, cento e cinquenta e nove indivíduos, distribuídos pela rede familiar, pelas redes amicais residentes no interior do bairro, pelas redes de conhecimento também ali residentes, pelas redes de indivíduos que executam trabalho profissional dentro do bairro, pelas redes amicais residentes no exterior do bairro, pelas redes de ex-colegas de trabalho profissional e pelas redes de conhecidos residentes, identicamente, no exterior do bairro. Estas redes sociais englobam um número semelhante de elementos do género masculino e de elementos do género feminino, tal como um número semelhante de idosos e adultos. As crianças e os adolescentes, que perfazem, aproximadamente, um terço dos idosos e um terço dos adultos, estão concentrados na rede de parentesco. Notamos, também, que os grandes apoios recebidos se encontram, principalmente, centrados na rede de parentesco, apesar de dois idosos residentes dentro do bairro os terem dado, bem como notamos que os grandes apoios prestados se encontram mais centrados nas redes amicais.

Em determinadas ocasiões, Antónia faz uma apropriação do espaço urbano do bairro de uma maneira, predominantemente, individual:

*“À Estrada de Benfica vou quando tenho de ir lá a lojas (...) sempre que posso... que tenho tempo e, em geral, quando vou ao Colombo tenho tempo, vou pelas hortas (...) O que acontece é que às vezes tenho de ir de propósito ao Colombo, às vezes tenho que ir à Fnac, faço encomendas à Fnac e tenho de ir lá buscar coisas. Por outro lado, eu dantes ia ao Continente no Colombo e agora passei a ir ao Continente aqui em baixo ao pé do Mercado (...) Portanto, agora estou a ir muito raramente ao Continente do Colombo, mas vou ao Celeiro Dieta (...) e já tenho feito..., por exemplo, está muito mau tempo (...) já me aconteceu isto (...) ir de carro ao Colombo e ir aos Correios lá, ir à Farmácia, ir ao BPI, fazer um depósito (...) e ir à Fnac e ir ao Continente (...)” (Antónia Baptista, 81 anos, lado Nordeste da Rua dos Arneiros).*

Como ficou claro, Antónia faz um povoamento ativo do espaço do bairro, fale-se dos supermercados, do *Centro Comercial Colombo*, das cafetarias e, mesmo, da restauração (visto que todos os dias almoça fora de casa, por exemplo, no *Restaurante A Tradicional*) ou das caminhadas que faz dentro do espaço do bairro. Para além disso, faz caminhadas fora do bairro, nomeadamente na cidade da Amadora, localizada no espaço interlocal. Ocupa outros locais da cidade de Lisboa, quando vai a casa das irmãs e das sobrinhas, geralmente, em altura de festas (de Natal, de aniversários de casamento e nascimento), bem como ocupa outros locais fora de Lisboa, durante as férias no Algarve ou quando passa temporadas na sua casa de praia em Cascais. No entanto, desde 1987 que não se sente com as suas plenas capacidades para ir ao estrangeiro, por razão da doença do déficit de atenção, e, aproximadamente na mesma altura, deixou também de assistir a eventos culturais por estes mesmos motivos. Contudo, as suas plenas capacidades físicas, que faz questão de cultivar, permitem-lhe fazer uma ocupação dinâmica do espaço do bairro, predominantemente individual em determinadas ocasiões, como as compras, o tratamento de assuntos e as caminhadas, e de outros espaços situados no exterior do bairro, predominantemente grupal em determinadas ocasiões, como as festas e as férias.



LEGENDA:

ATORES/AGENTES:



APOIOS DADOS E RECEBIDOS:

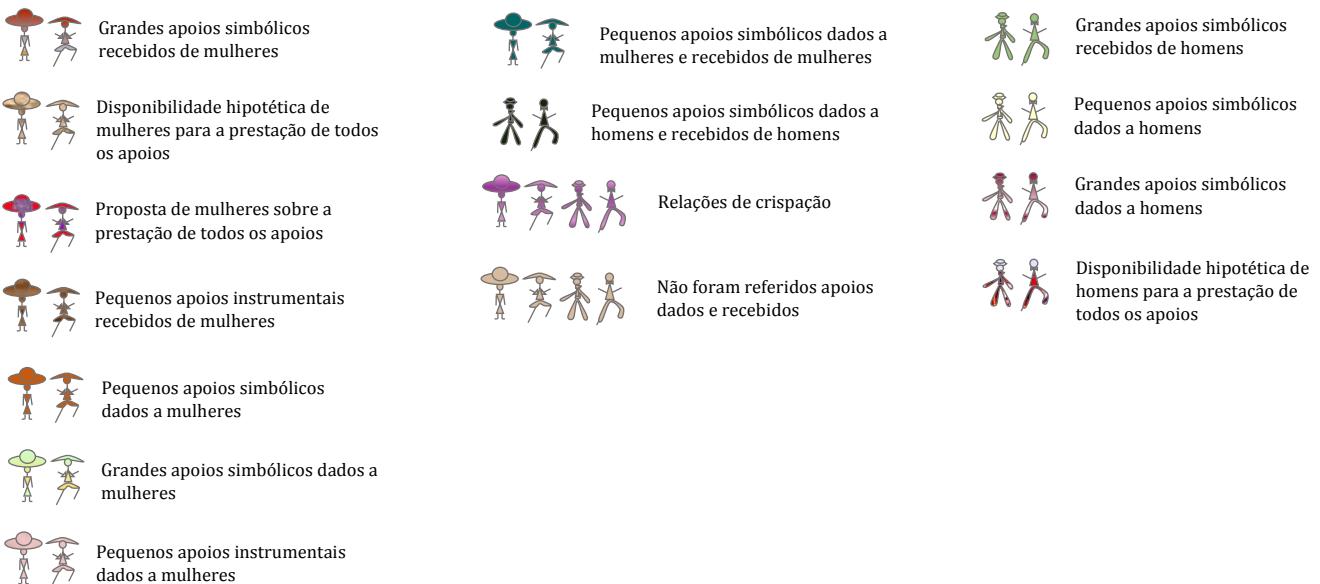
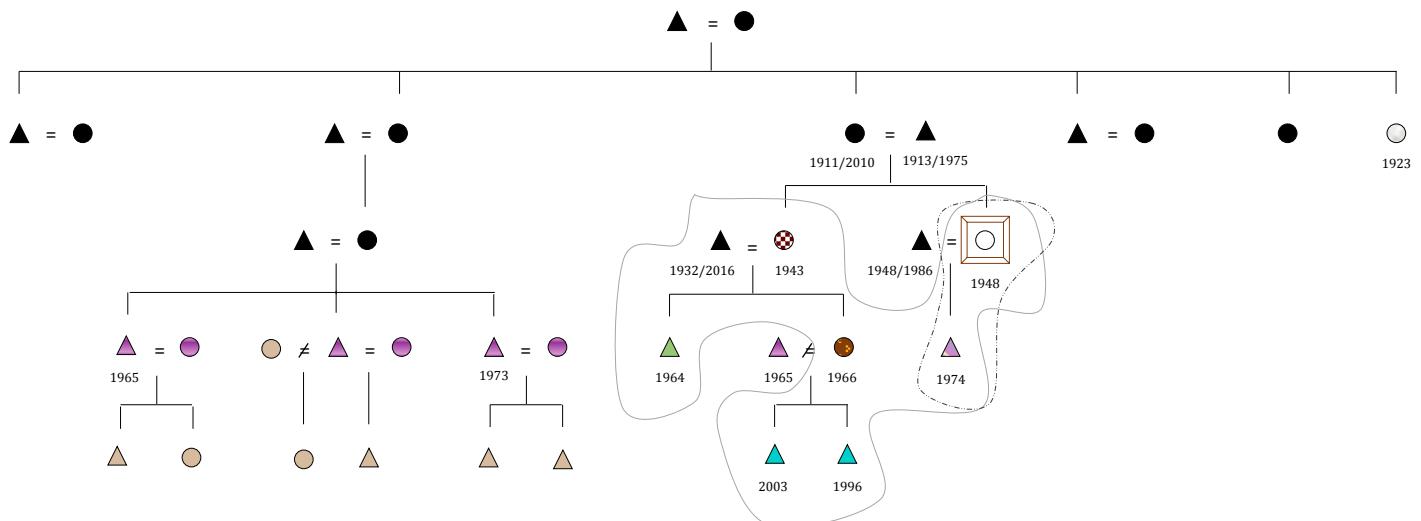


Figura 60 – Mapa das redes amicais e de conhecimento de Antónia Baptista (p.e.2)

#### **Pormenorização das redes e do povoamento das redes e do espaço e.3 (Conceição Santos)**

É Licenciada em Farmácia, foi farmacêutica e tem setenta anos. É viúva e tem um filho, com quem coabita num andar que se situa no lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, uma rua inserida no Bairro de Benfica. Além do filho, destacou outros seis parentes com quem se relaciona: a única irmã, os dois sobrinhos, os dois sobrinhos-netos e a tia-avó. Considera que a família mais próxima é constituída pelo filho, pela irmã, pelos sobrinhos e pelos sobrinhos-netos. Ao filho dá grandes apoios instrumentais, quando permite que este resida consigo, recebe pequenos apoios instrumentais do mesmo, uma vez que não conduz e o filho transporta-a, por vezes, a diversos locais, no âmbito, sobretudo, das idas às compras a um supermercado *Pingo Doce*, situado perto do *Estádio da Luz*, bem como troca grandes apoios simbólicos com o mesmo, ao se socorrerem mutuamente em problemas mais e menos graves de saúde. Com a irmã e com a sobrinha trocou grandes apoios simbólicos, tendo recebido os mesmos apoios quando o marido faleceu e tendo prestado estes apoios por motivo do enivramento da irmã e de problemas da sobrinha com o divórcio. Depois de a sobrinha se divorciar prestou-lhe grandes apoios instrumentais, enquanto não estabilizou a sua situação financeira. Recebe, também, pequenos apoios instrumentais da irmã que lhe empresta as suas casas, situadas no Algarve e em Viseu. Recebeu grandes apoios simbólicos do sobrinho quando enviuvou, em forma de apoio moral e aconselhamento, que foram também partilhados com a irmã e com a sobrinha. À tia-avó deu grandes apoios instrumentais e simbólicos, porque a acolheu em sua casa durante uma temporada e lhe deu o apoio moral de que precisou nessa altura. Se as relações com estes cinco nós incluíram a prestação e (ou) o recebimento de grandes apoios verificamos que, a par e passo, houveram e continuam a haver trocas de pequenos apoios simbólicos, pois vai visitar a tia-avó ao lar onde se encontra presentemente e a irmã reside na Freguesia de São Domingos de Benfica. A residência da irmã no espaço interlocal facilita os almoços nas casas de ambas e os convívios na *Primeira Praceta Cafetaria* ou na *Pastelaria Califá* (localizada muito próximo do apartamento da irmã) que acontecem, por vezes, na companhia do filho e dos sobrinhos. Com os sobrinhos-netos troca pequenos apoios simbólicos, quando convivem e quando se divertem, nomeadamente na esplanada do Eucaliptal de Benfica e no *Restaurante Os Piodeses* ou na casa da sobrinha; contudo, a pouca idade dos sobrinhos-netos e a sua idade bastante mais avançada fazem com que, algumas vezes, apenas os dê, mais univocamente, em forma de aconselhamento e chamadas de atenção. Os outros nós de parentesco, que não destacou mas referiu, não são muito bem considerados, notando-se alguma indiferença e algum conflito nas interações que mantém, de modo muito ocasional, principalmente, com os primos mais velhos. O único filho completou uma licenciatura, tal como ela própria, e houveram outros familiares da mesma geração do filho que também o fizeram, mas a irmã não enveredou pelo mesmo caminho.

A importância da família para a investigada foi notória durante as observações etnográficas, visto que, por diversas vezes, a encontrámos com a irmã, os sobrinhos e, muito esporadicamente, os sobrinhos-netos na *Primeira Praceta Cafetaria*, assim como notámos, algumas vezes, que chegava com o filho das compras de produtos alimentares num supermercado *Pingo Doce* ou de outro tipo de compras. Não obstante a constatação e o testemunho desta mesma importância, recheada de sociabilidades e apoios de diferentes tipos, outras redes são importantes para a investigada, além da rede de parentesco. De facto, se as redes de vizinhança são consideradas mais distantes do que as redes amicais residentes no exterior do bairro e as últimas são constituídas por um grupo muito próximo que foi formado e desenvolvido, ao longo de dezenas de anos, no contexto de interações conjuntas em distintas ocasiões, como o convívio e a diversão em festas e viagens ao estrangeiro, mas, igualmente, no contexto de outros tipos de apoios, que transcendem os pequenos apoios simbólicos, como sejam os grandes apoios simbólicos e os pequenos apoios instrumentais que recebeu destes amigos.



### LEGENDA:

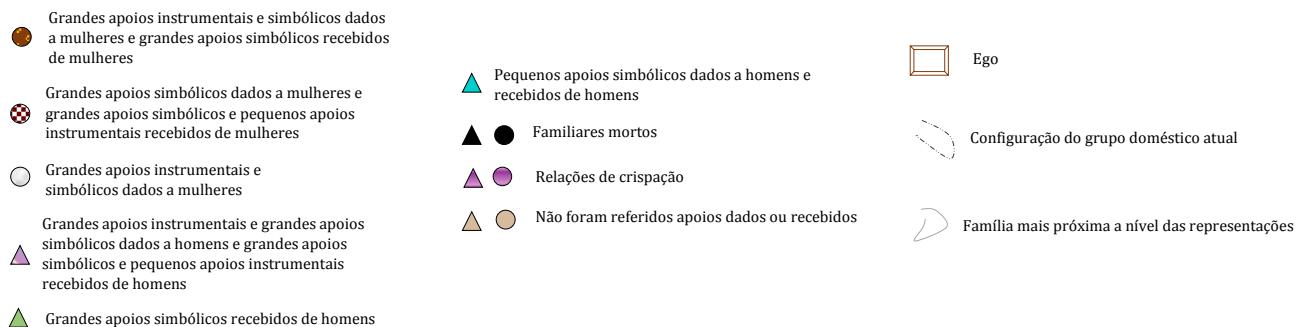


Figura 61 – Genealogia de Conceição Santos (p.e.3)

As suas redes amicais e de conhecimento residentes no Bairro de Benfica contêm trinta e dois nós, a grande maioria residente na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros. Das redes amicais de vizinhança salientou quinze nós (quatro casais de residentes idosos no mesmo prédio, tal como seis idosas e um idoso que frequentam a *Primeira Praceta Cafetaria*), com quem troca pequenos apoios simbólicos, formalizados não só nos cumprimentos recíprocos, como também em algumas conversas mais ou menos curtas. Troca, igualmente, pequenos apoios instrumentais, formalizados em pagamentos mútuos de pequenos-almoços, com Luísa Cardoso (r.e.16), uma residente no mesmo prédio; deu grandes apoios simbólicos, no contexto de um problema grave de saúde, a outra idosa, tendo proposto dar-lhe pequenos apoios instrumentais, como fazer as compras de que necessite nas lojas do bairro, e recebeu grandes apoios simbólicos de um idoso, no apoio moral em situação de questões familiares, consubstanciados na ansiedade causada pela coabitação com a tia-avó. Nestes quinze nós está também incluída Madalena de Sousa (r.e.21). Não considera que estes nós sejam amigos próximos, mas aprecia conviver e descontrair com alguns destes na *Primeira Praceta Cafetaria*: “*Vou ao café, pelo menos duas vezes por dia, porque há um conjunto de pessoas que são supersimpáticas e consegue-se ali uma conversa muito interessante e, às vezes, estou em casa e estou farta de estar a cozinhar ou estou farta de estar a bordar ou estou farta de qualquer coisa, agarro e venho ao café, no fundo é a continuação da minha casa como um escape.*” (Conceição Santos, 70 anos, lado Noroeste da Rua dos Arneiros). Outros

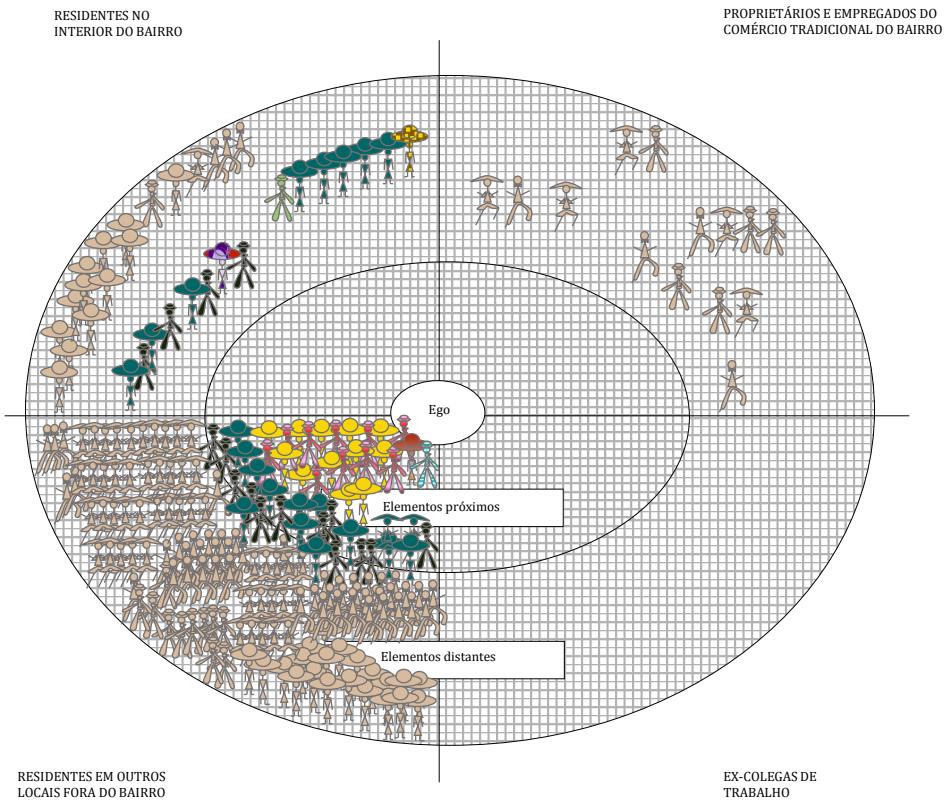
dezassete nós (doze idosas, um idoso, três adultos e uma adulta) são, exclusivamente, nós de conhecimento, com quem troca cumprimentos. Mencionou oito proprietários ou empregados do comércio tradicional do bairro (serviços de mercearia, talho, cabeleireiro, papelaria, sapataria e chaves) com quem se relaciona quotidianamente, mas também se relaciona com seis nós (serviços de restauração) que não contemplou nas suas redes; estes catorze nós são, principalmente, indivíduos adultos (cinco adultas, quatro adultos e cinco idosos).

As redes amicais residentes no exterior do bairro são constituídas por um grupo com o ‘núcleo duro’ de dez casais de idosos e duas idosas viúvas, de quem aceitou pequenos apoios instrumentais e grandes apoios simbólicos, quando o marido faleceu, e aos quais acrescem duas adultas. Atualmente, troca pequenos apoios simbólicos com todos os mesmos vinte e quatro nós em diversas situações que envolvem convívio e diversão, como os jantares, as festas (de São Martinho, anteriores ao Natal e de fim do ano) e as viagens ao estrangeiro. Mas considera um dos homens idosos como sendo um irmão. O mesmo grupo encerra doze casais de idosos, mais afastados, com quem troca pequenos apoios simbólicos em encontros (como as festas) do grupo, onde estão presentes, o que acontece uma a duas vezes por ano. Tem dois amigos não pertencentes ao grupo, um idoso e uma idosa, que lhe prestaram grandes apoios simbólicos, quando o marido faleceu, e dá grandes apoios simbólicos ao idoso, no quadro de um problema grave de saúde. As experiências profissionais, sobretudo, de atendimento farmacêutico em duas farmácias, uma na Baixa Pombalina e a outra em Alvalade, permitiram-lhe obter um número muito significativo de conhecidos residentes fora do bairro (cinquenta adultas, cinquenta adultos, vinte idosas e dez idosos), como está patente no trecho da entrevista:

*“Olhe, vou-lhe contar uma história (...) Quando fiz um cruzeiro pelo Mediterrâneo... Quando chegámos à Croácia Dubrovnik houve uma senhora... nós fomos tomar café... Dissemos: ‘Ah, um café!’. Já sabe como é que são os portugueses por café (...) Então, passámos por uma esplanada e houve alguém que disse: ‘Olá Doutora. Está boa?’. E eu olhei para o lado e reconheci uma cliente da farmácia... uma utente da farmácia e... e, entretanto, cumprimentei a senhora e diz-me um amigo meu, que eu considero como se fosse irmão: “Eh pá! Isto não pode ser! Nós vamos chegar ao Vaticano e vão perguntar quem é aquele fulano branco que está ao lado da Conceição (...) Em todo o lado ela encontra gente que a conhece!”’ (Conceição Santos, 70 anos, lado Noroeste da Rua dos Arneiros).*

Muito poucos nós das suas redes amicais residentes no interior do bairro completaram uma formação académica, mas a maior fatia dos seus amigos residentes no exterior do bairro passou por trajetos académicos em diversas áreas.

Sendo assim, as redes sociais desta entrevistada completam duzentas e quarenta e cinco pessoas, distribuídas pela rede de parentesco, pelas redes amicais residentes no interior do bairro, pelas redes de conhecimento também aí residentes, pelas redes de indivíduos que fazem trabalho profissional no interior do bairro, pelas redes amicais residentes no exterior do bairro e pelas redes de conhecidos residentes, também, no exterior do bairro. Estas redes sociais englobam um número semelhante de elementos do género masculino e de elementos do género feminino, tal como um número semelhante de idosos e adultos, sendo que as crianças e adolescentes, que perfazem menos de um décimo dos idosos e um pouco mais de um décimo dos adultos, estão concentrados na rede familiar. Certos nós da mesma rede precisaram e precisam dos apoios da entrevistada, tendo a última sentido as mesmas necessidades de apoios familiares, mas as redes amicais residentes no exterior do bairro, se lhe prestaram apoios quando enviuvou, não necessitaram grandemente, até agora, de uma dádiva de apoios que ultrapasse os pequenos apoios simbólicos. Contudo, os pequenos apoios simbólicos estão sempre na base dos relacionamentos com os familiares e os amigos, desde que estes relacionamentos decorram com muita ou uma certa concordância e harmonia entre os elementos que para estes concorrem.



LEGENDA:

ATORES/AGENTES:



APOIOS DADOS E RECEBIDOS:

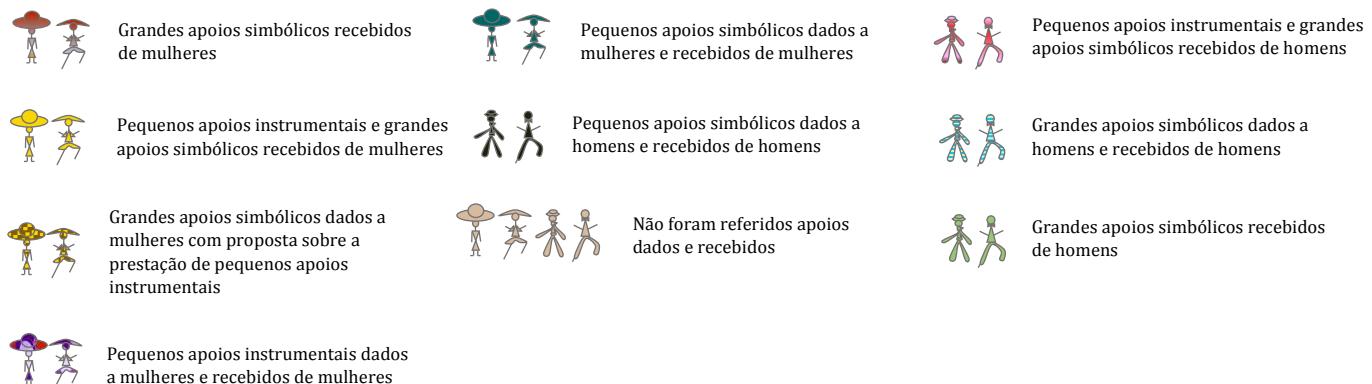


Figura 62 – Mapa das redes amicais e de conhecimento de Conceição Santos (p.e.3)

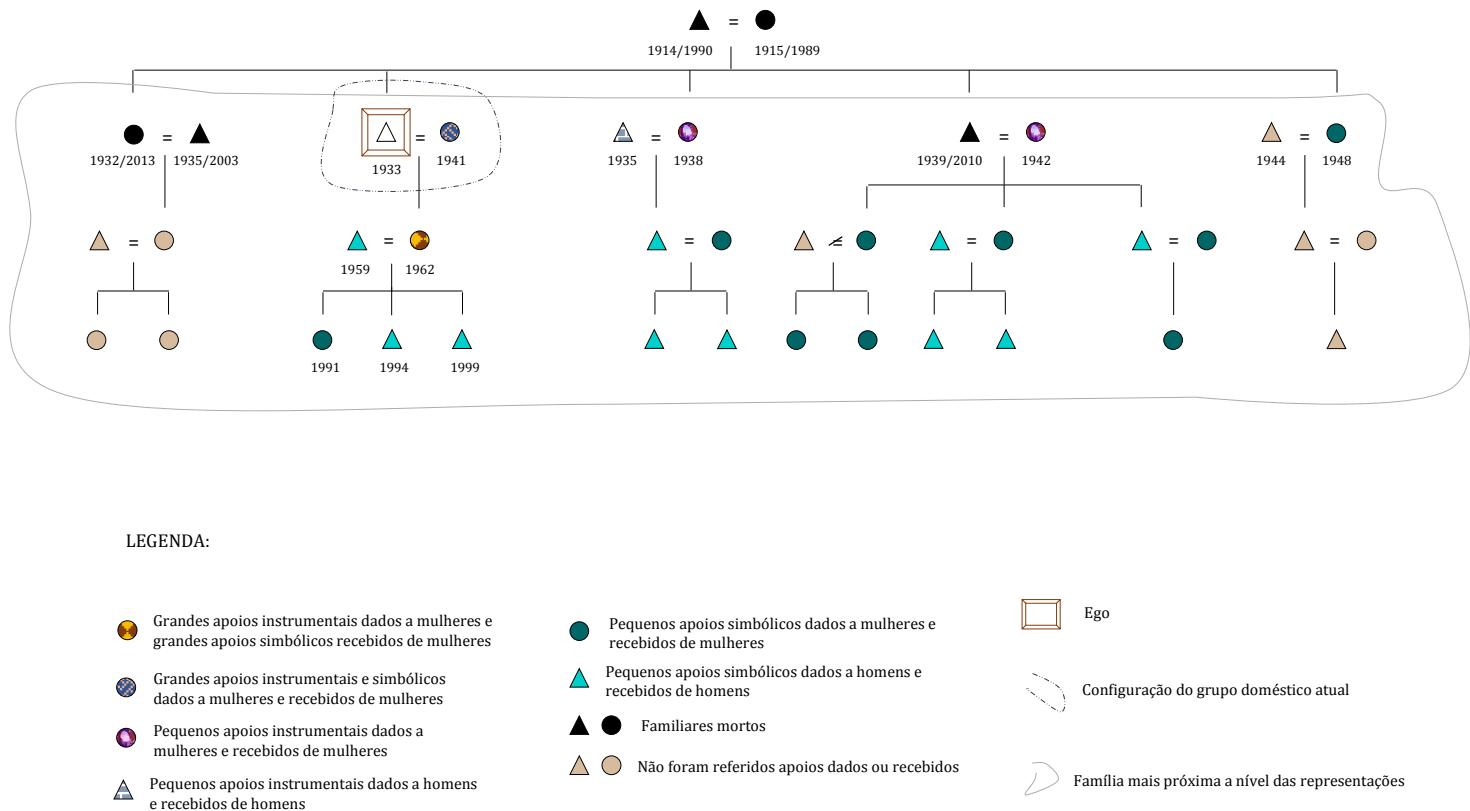
Povoa o comércio do Bairro de Benfica, quer em termos do comércio tradicional de mercearia, talho, cabeleireiro, farmácia, restauração, chaves, quer em termos das grandes superfícies, com destaque para os supermercados *Pingo Doce*. Além disso, frequenta os locais onde a irmã reside, porque vai a casa desta e à *Pastelaria Califa* aí próxima. Frequenta, igualmente, outros lugares da cidade de Lisboa, como sejam o *El Corte Inglés*, onde vai semanalmente ao cinema com uma amiga que reside fora do bairro, os restaurantes da cidade, usando géneros diversificados de restaurantes para jantar com os amigos residentes fora do bairro e com a família. Passa férias na zona de Peniche, onde tem uma casa, e nas zonas de Viseu e Algarve, onde aproveita as casas da irmã. Na companhia do ‘núcleo duro’ de amigos residentes fora do bairro tanto fez viagens ao Irão, à Costa da Índia, ao Sri Lanka, a Myanmar, à China e ao Japão, como fez cruzeiros ao Mediterrâneo e às Caraíbas. Nestas viagens e nestes cruzeiros junta-se aos idosos um número variável de filhos e sobrinhos, como aconteceu repetidamente com os seus filho e sobrinho. Notamos, pois, que a idade e as condições de saúde lhe permitem viver um envelhecimento ativo e diversificado em termos do povoamento dos espaços e das redes sociais.

#### **Pormenorização das redes e do povoamento das redes e do espaço e.4 (João Fonseca)**

Tem oitenta e cinco anos e a quarta classe do antigo sistema de ensino, terminou a carreira profissional como motorista (e jardineiro). É casado e vive em casal na Calçada do Tojal, integrada no Bairro de Benfica. A rede de parentesco é composta pela filha, pelo genro e pelos três netos (dois rapazes e uma rapariga), pelas duas irmãs, pelos cunhados, pela mulher do falecido irmão e por todos os sobrinhos e os sobrinhos-netos, mesmo aqueles que são relativos a uma irmã que já faleceu. Considera que todos os elementos da família são mais próximos. No entanto, não refere quaisquer apoios prestados pelos (ou aos) sobrinhos e sobrinhos-netos da falecida irmã e da irmã mais nova (que migrou para o Luxemburgo) e pelo (ou ao) cônjuge da última irmã, bem como refere apenas trocas de pequenos apoios simbólicos com os netos, o genro, a irmã mais nova, os sobrinhos e os sobrinhos-netos por parte da irmã imediatamente a seguir a si e do falecido irmão. Além de trocar pequenos apoios simbólicos com os restantes membros da família troca também outros tipos de apoios. Por isso, salientamos os outros apoios dados e recebidos que se vieram juntar aos pequenos apoios simbólicos, ou que passaram além do apoio moral, do convívio e da diversão em situações normais, como sejam os pequenos apoios instrumentais que trocou com a irmã imediatamente a seguir a si, o marido desta irmã e a cunhada por parte do falecido irmão, visto que todos eles moram na sua terra-natal, têm aí terrenos e existe uma ajuda mútua na agricultura e uma dádiva de produtos agrícolas colhidos dos terrenos uns dos outros, incluindo dos seus próprios terrenos. Deu grandes apoios instrumentais à filha, não só quando foi buscar o neto mais novo à escola, mas também, por exemplo, quando a ajudou economicamente a comprar as primeira e segunda casas, no entanto, a filha assumiu responsabilidades morais pelo seu património financeiro. Recebe pequenos apoios simbólicos da filha, em forma de aconselhamentos sobre determinados compromissos financeiros. Troca grandes apoios simbólicos e instrumentais com a mulher, por meio do apoio moral em situações de doença e do preenchimento da bolsa conjugal com as reformas de ambos, mas a mulher faz praticamente todo o trabalho doméstico. Neste trecho o entrevistado (João Fonseca, 85 anos, Calçada do Tojal) descreveu os apoios mais importantes que trocou com a filha:

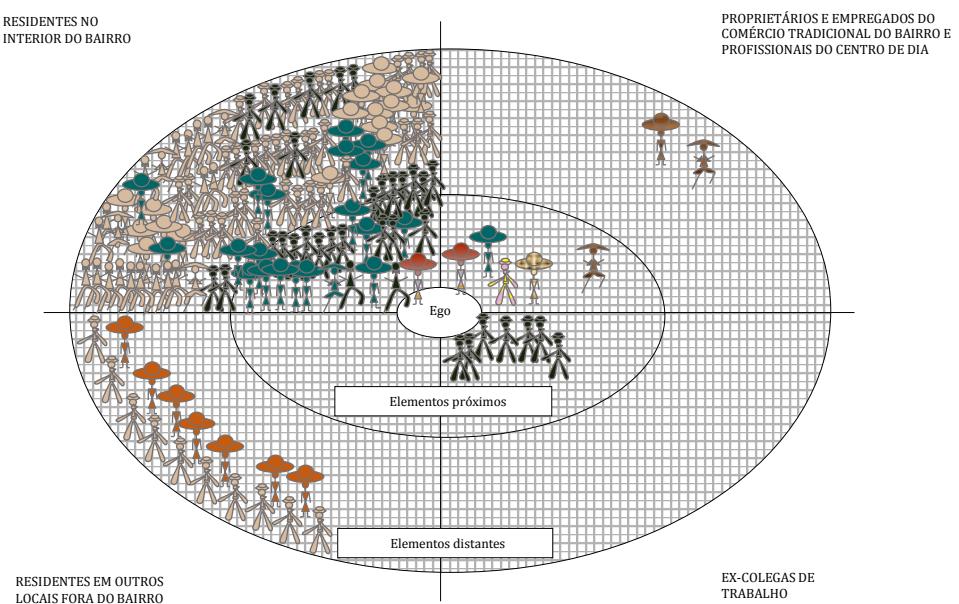
*“(...) E o que posso ajudar ajudo, por exemplo, a minha filha comprou um andar na Damaia, eu ajudei o que pude, depois não gostou da casa da Damaia, vendeu a casa e comprou uma aqui atrás da Praça de Benfica, eu também ajudei também tudo o que... e ajudo tudo. É a única filha que tenho e, praticamente, o dinheiro que eu tenho... não é muito, mas o dinheiro que tenho... está no meu nome, da minha mulher e da minha filha, ela pode ir... se quiser também pode levantar (...) porque eu tenho confiança nela, se não tivesse confiança nela não... não punha isso (...) Agora já não é tanto, mas quando... este meu rapaz... o meu neto mais novo... era preciso... era preciso ir buscá-lo à escola, eu ia buscá-lo à escola, muitas vezes. Assim: ‘Oh pai! Tu não te importas de ir buscar o Manuel?’. ‘Vou’. Quando eu podia ia buscar o Manuel, ficava com o Manuel (...) Já os outros não é tanto, mas com este era mais porque realmente era assim (...) Uma coisa com que eu podia contar e que conto sempre é com a minha filha, isso é o número um (...) Conto para... às vezes certas coisas que eu preciso de mudar, disto ou daquilo, agora, por exemplo, a eletricidade... temos que mudar a eletricidade (...) e eu agora perguntei-lhe (...) por exemplo, de telefone (...) foram uma vez lá a casa umas meninas, eu caí na coisa e mudei para outra empresa. E ela disse-me: ‘Oh pai! Tu não devias ter feito isso porque, realmente, isso até é perigoso.’ E tal. Lá consegui então voltar outra vez para a MEO (...)”.*

João, a mulher, os seus irmãos e os respetivos cônjuges não fizeram licenciaturas. Contudo, tanto a filha, que trabalha profissionalmente como educadora de infância, como o genro, que faz trabalho profissional de professor de Educação Física, completaram as suas licenciaturas com êxito, tendo acontecido o mesmo com um dos sobrinhos, que se licenciou em Direito.



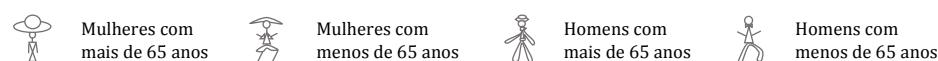
As redes amicais de vizinhança contêm dez nós próximos (três idosos, quatro idosas, um adulto, uma adulta e o seu filho) e um dos mesmos nós (a porteira idosa do prédio onde reside) presta-lhe grandes apoios simbólicos, uma vez que tem a chave de sua casa para resolver assuntos importantes, como numa ocasião em que mandou fazer aí obras e, durante o intervalo de tempo em que estas decorreram, foi para a sua casa na terra-natal, sendo que a mesma idosa encaminhou os pedreiros para o interior da casa. Tem mais vinte e dois amigos próximos residentes em Benfica, que conheceu por via da *Associação de Reformados de Benfica* (cinco mulheres e cinco homens idosos que integraram o rancho da *Associação de Reformados de Benfica*, bem como três idosas e nove idosos inseridos no *Centro de Dia do Charquinho*), com quem interage regularmente e troca pequenos apoios simbólicos. Tem, igualmente, uma média de noventa conhecidos residentes no Bairro de Benfica a quem apenas cumprimenta, os mesmos conhecidos são quer indivíduos que moram na vizinhança (trinta e dois idosos, oito idosas, dezasseis adultos e quatro adultas), quer indivíduos que residem em outros locais do bairro (doze idosos e dezoito idosas) que conheceu, nomeadamente, por meio da *Associação de Reformados de Benfica* e do trabalho desempenhado como motorista. Interage com a Professora das Aulas de Ginástica (a baixo custo) do *Centro de Dia do Charquinho*, mas conhece as duas responsáveis pela Direção do mesmo centro, sendo que os três nós dão-lhe pequenos apoios instrumentais. Destacou quatro indivíduos idosos do comércio tradicional do bairro, com quem se relaciona, um casal de proprietários de um talho situado na Calçada do Tojal, uma enfermeira e uma calista empregadas nas proximidades, tendo recebido grandes apoios instrumentais dos membros desse casal, que aceitaram ser seus fiadores quando alugou a casa onde mora hoje, e grandes apoios simbólicos da enfermeira através de uma proposta para lhe fazer um tratamento complicado a um problema de saúde, que estava com dificuldade em obter bem feito, e da respetiva execução, remunerada no seu local de trabalho.

As redes amicais residentes fora do bairro incluem sete nós de ex-colegas de trabalho, com quem trocou pequenos apoios simbólicos, quando trocaram de horário uns com os outros mediante as disponibilidades de cada um, e ainda troca, quando se encontram aos domingos de manhã na Feira da Brandoa, localizada no espaço interlocal do Bairro de Benfica. Mas possui dezassete nós de conhecidos residentes fora do bairro. Todos estes indivíduos, mais próximos e mais distantes, entraram na sua rede quando trabalhou como motorista, tendo dado, no âmbito profissional, pequenos apoios simbólicos a certas utentes que integram as redes de conhecidos residentes fora do bairro. Não considera que os elementos das redes amicais e das redes de conhecimento pertençam à família, uma vez que faz uma distinção rigorosa entre os familiares e os amigos. Nas suas redes amicais os indivíduos com formação universitária são quase inexistentes.



LEGENDA:

ATORES/AGENTES:



APOIOS DADOS E RECEBIDOS:

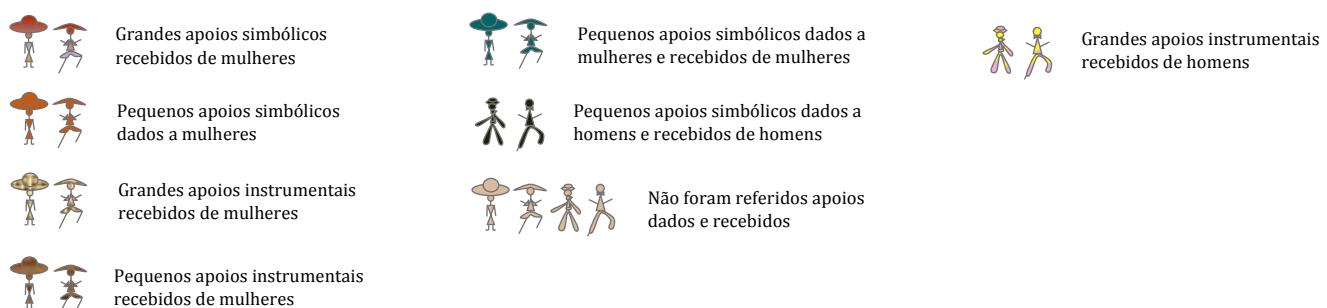


Figura 64 – Mapa das redes amicais e de conhecimento de João Fonseca (p.e.4)

O tamanho das redes sociais deste entrevistado é de cento e oitenta e cinco nós, distribuídos pela rede de parentesco, pelas redes amicais residentes no interior do bairro, pelas redes de conhecimento também aí residentes, pelas redes de indivíduos que fazem trabalho profissional no interior do bairro, pelas redes de ex-colegas de trabalho e pelas redes de conhecidos residentes no exterior do bairro. Estas redes sociais englobam praticamente o dobro de elementos do género masculino relativamente ao género feminino, tal como englobam praticamente quatro vezes mais idosos que adultos. As crianças e os adolescentes, que completam, sensivelmente, um terço dos adultos, estão, principalmente, concentrados na família. Notamos que a dádiva e a partilha de grandes apoios surgem com os membros da família de procriação e a troca de pequenos apoios instrumentais acontece com os membros da rede de fratria e com esta relacionados. Para a receção de grandes apoios os elementos do comércio tradicional do bairro também foram essenciais, sendo que a porteira do seu prédio abre aqui uma exceção. Com as redes amicais residentes dentro e fora do bairro troca, geralmente, pequenos apoios simbólicos e com as redes de conhecimento residentes dentro e fora do bairro troca, geralmente, cumprimentos, que não foram contemplados no âmbito dos apoios, contudo, troca pequenos apoios simbólicos com oito conhecidas e nove conhecidos (idosos) residentes dentro do bairro, que são vizinhos e utentes do *Centro de Dia do Charquinho*. Deu pequenos apoios simbólicos a sete idosas, englobadas nas redes de conhecimento residentes fora do bairro, sem que os tenha recebido.

Não concentra o povoamento do espaço em Benfica, seja no centro de dia da *Associação de Reformados de Benfica* (o *Centro de Dia do Charquinho*), na sua horta, nos cafés, onde não se demora muito tempo, ou no *Centro Comercial Colombo*, porque frequenta outros locais situados no exterior do bairro. Vai à Feira da Brandoa, dá passeios com a mulher aos fins-de-semana pelo Cais do Sodré, Praça do Comércio, Belém e Parque das Nações, vai à casa da filha, passa temporadas na sua terra-natal, passa férias no Baleal com a mulher, a filha, o genro e os netos e faz os passeios anuais da *Associação de Reformados de Benfica*. No entanto, concentra-se, geralmente, no país, apesar de conhecer uma parte de Espanha. A seguinte passagem mostra como ocupou o seu tempo, semanalmente, quando a *Associação de Reformados de Benfica* possuia um rancho e outro centro de dia, para além do *Centro de Dia do Charquinho*:

*“Vou de manhã para a horta (...) lá aí à volta das nove horas, nove e tal (...) estou lá um bocadinho a fazer isto ou a fazer aquilo, o que for preciso (...) e então até ao meio-dia, quando é meio-dia venho para casa (...) almoço, estou ali um bocado. Às... quando são aí duas e tal... lá em baixo os reformados abrem às duas e um quarto... vou para os reformados, ou vou para o rancho, para os ensaios, ou então estamos lá um bocadinho a ver jogar às cartas... ou a jogar às cartas ou a ver jogar (...) Por exemplo, agora [17h de terça-feira, depois da aula de Ginástica no Centro de Dia do Charquinho] vou para casa, não é... agora acendo já a televisão até aí... por exemplo, deito-me sempre por volta das dez e meia, onze horas, estou sempre a ver a televisão, tenho o rádio (...) Restaurantes às vezes vou almoçar ou coisa assim (...) vou com a minha mulher, agora cafés não, não fui habituado a ir a cafés, não... vou ao café, vou beber o café, não é, por exemplo, acabei de almoçar... (...) vou beber o café lá no centro, lá em baixo (...) E ao sábado vou mais a minha mulher passear, bebo café com ela, domingo também vou passear com ela e, mais ou menos, faço a minha vida (...) Vamos até ao Colombo, andamos ali um bocado às voltas, ela dá as voltas dela que quer, eu sento-me lá um bocadito à espera dela (...) E apanhamos o autocarro até ao Cais do Sodré, do Cais do Sodré vamos sempre à beira-mar até à Praça do Comércio, da Praça do Comércio vamos talvez até ao Campo das Cebolas, depois regressamos, apanhamos outra vez o autocarro para casa (...) Outras vezes vamos até... vamos até Belém, outras vezes vamos até ao Parque das Nações, lá à frente (...) Lá ao pé de mim há o Café Montejunto, ali ao pé de mim, vou lá beber o café também para ao pé deles, mas também posso beber o café aqui na Avenida do Uruguai (...)”* (João Fonseca, 85 anos, Calçada do Tojal).

Constatamos que o entrevistado faz um povoamento dinâmico do Bairro de Benfica, uma vez que não só frequentou ambas as instalações da *Associação de Reformados de Benfica*, e, presentemente, frequenta uma das mesmas, onde passa os tempos livres, como também ocupa o *Centro Comercial Colombo* e certas cafetarias do bairro, situadas no interior das presentes instalações da associação ou situadas mais e menos próximo do local de residência. Além disso, passeia em outros locais de Lisboa, bem como sai em passeio ou de férias para outros locais do país e, apesar de se centrar no país, viajou até Barcelona. O espaço aberto do bairro e com poucas ruas inclinadas permite, mais facilmente, um povoamento ativo, sendo que a esta morfologia do espaço urbano local vêm juntar-se as ótimas condições de saúde do entrevistado, que lhe permitem usufruir amiúde de locais dentro e fora do bairro.

**Pormenorização das redes e do povoamento das redes e do espaço e.6 (Henriqueta Carvalho)**

Tem oitenta e seis anos, completou a terceira classe do antigo sistema de ensino e foi cozinheira. É viúva, vive só e não tem filhos. Reside na Rua do Cardal de São José, situada no lado Este do Bairro de São José. A rede de fratria é composta por quatro irmãos (três irmãos e uma irmã), todos são casados, todos têm filhos e alguns têm netos. Esta idosa tem também uma cunhada viúva e os respetivos sobrinhos. Pôde contar com grandes apoios simbólicos dos irmãos e da cunhada, quando o marido morreu. Além disso, trocou pequenos apoios simbólicos com uma sobrinha adulta, filha do seu irmão mais velho, com quem se encontrou quase diariamente no bairro, tendo recebido pequenos apoios instrumentais da mesma, quando esta lhe ofereceu certos presentes. Agora, troca pequenos apoios simbólicos com outros três elementos da rede de parentesco alargado (dois sobrinhos adultos e uma sobrinha adulta), filhos de dois irmãos entretanto falecidos, que, para além de lhe telefonarem regularmente, dão-lhe grandes apoios simbólicos. Dois destes sobrinhos (um casal de irmãos) convidam-na para festejar o aniversário em casa de um deles, no contexto de uma festa que preparam, para onde a levam de carro e, no regresso, transportam-na para casa e dão-lhe, pois, também pequenos apoios instrumentais. O outro sobrinho mostrou-se disponível para a ajudar no caso de se sentir mal de saúde. Recebe, igualmente, pequenos apoios simbólicos da cunhada, formalizados nos telefonemas regulares, tal como pequenos apoios instrumentais, porque vai com regularidade para a casa onde esta reside, passar alguns dias, e vão, ainda, uns dias para outra cada desta, situada perto de Mafra. Por fim, recebe pequenos apoios simbólicos dos irmãos, formalizados só nos contactos telefónicos, no caso da irmã, ou também, no caso dos restantes irmãos, nos encontros esporádicos que, tendo lugar em Lisboa ou na terra-natal, dependendo dos irmãos, envolvem conversas sobre quando eram mais novos. O fragmento da entrevista (Henriqueta Carvalho, 86 anos, lado Este do Bairro de São José) faz referência aos mais importantes apoios recebidos:

*“Entrevistador: Destes irmãos todos com quem pode ou pôde contar, por exemplo, na altura em que o marido faleceu?*

*Entrevistado: Com todos, foram todos meus amigos.*

*Entrevistador: E dos sobrinhos?*

*Entrevistado: Os sobrinhos também, não são assim muito... alguns não são assim muito de ligar, mas tenho muitos sobrinhos e...*

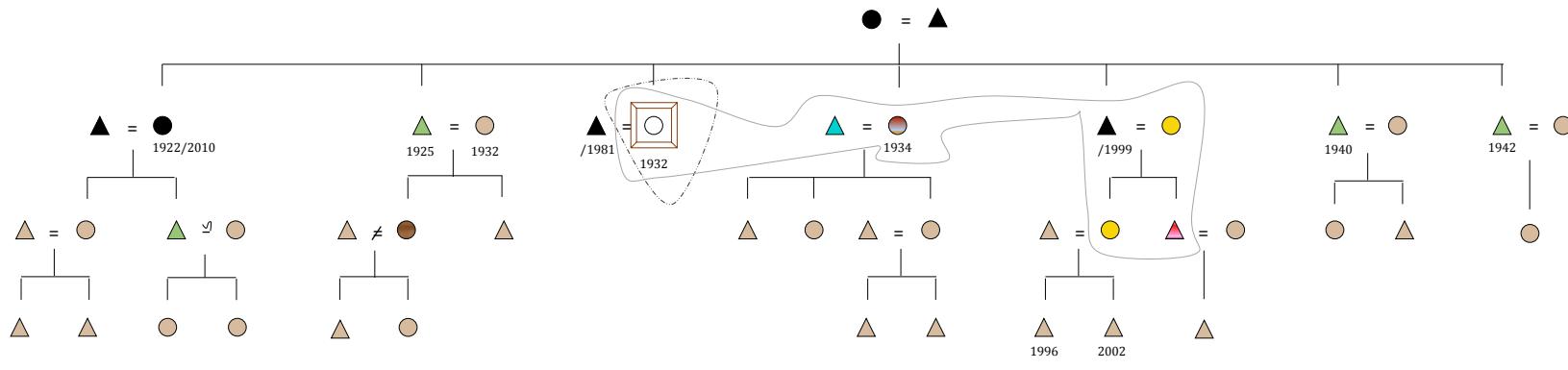
*Entrevistador: Mas com estes dois pôde contar?*

*Entrevistado: Com esses dois posso! Com esses dois posso contar! Ah! E o filho da minha irmã, da minha irmã mais velha, da que faleceu, também me liga muitas vezes e até já me disse: ‘Tia quando sentir... quando precisar telefone-me logo!’.*

*Entrevistador: E relativamente à altura em que o marido faleceu, de que maneira é que [os irmãos] a ajudaram?*

*Entrevistado: Então, animavam-me, o que é que eles haviam de fazer coitados, não é... ‘Tem paciência, então, não és só tu. Acontece a muita gente’ e era o que eles me diziam.”.*

A família que considera mais próxima é constituída pela cunhada e o casal de sobrinhos, que são filhos desta, e pela irmã imediatamente mais nova, bem como pelo marido desta. Notamos uma seletividade na eleição dos membros que constituem a família mais próxima, o que não significa que exista uma restrição familiar nos apoios que conduza ao sentimento de maior proximidade por aqueles que mais os dão, uma vez que todos os irmãos lhe prestaram grandes apoios simbólicos e lhe prestam pequenos apoios simbólicos e a rede de parentesco contém outros dois sobrinhos que também são fontes de apoios recebidos. No entanto, os apoios recebidos motivam, em parte, esta seleção. Alguns dos sobrinhos são licenciados, sendo variadas as licenciaturas que estes optaram por concluir ou, em um dos casos, interromper antes do fim (Engenharia, Psicologia, Biologia, Jornalismo, etc.).



LEGENDA:

- Grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais recebidos de mulheres
- Grandes apoios simbólicos recebidos de mulheres
- ▲ Grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais recebidos de homens
- ▲ Grandes apoios simbólicos recebidos de homens
- Pequenos apoios instrumentais recebidos de mulheres
- ▲ Pequenos apoios simbólicos dados a homens e recebidos de homens
- Familiares mortos
- ▲ ● Não foram referidos apoios dados ou recebidos
- Ego
- Configuração do grupo doméstico atual
- Família mais próxima a nível das representações

Figura 65 – Genealogia de Henriqueta Carvalho (p.e.6)

As redes amicais residentes no interior do bairro compreendem trinta indivíduos (quinze idosas, quinze idosos), com quem troca pequenos apoios simbólicos, patentes em cumprimentos acompanhados de convívio e divertimento, e destes existiram, sobretudo, oito indivíduos (seis idosas e dois idosos) que lhe deram grandes apoios simbólicos, na sequência da morte do marido. Henriqueta deu grandes apoios simbólicos a dois nós destas redes (Manuela Gomes, r.e.5 e Paulo Barros, r.e.18), no prolongamento de questões (graves) de saúde. As redes amicais ocupadas profissionalmente no bairro, que integram os elementos do comércio tradicional (sobretudo, um talho, duas mercearias, uma drogaria, uma farmácia e um restaurante), possuem dezassete indivíduos (dois adolescentes, sete adultos, duas adultas, cinco idosos e uma idosa), com quem troca pequenos apoios simbólicos, mas quatro dos mesmos indivíduos, dois idosos e duas adultas, prestaram-lhe grandes apoios simbólicos, no contexto da morte do marido e de um problema grave de saúde, respetivamente. Destacou o convívio com o Presidente da *Junta de Freguesia de Santo António*, que também lhe presta pequenos apoios instrumentais, por via das suas competências e, apesar de não referir, interage com a Coordenadora do *Departamento de Ação Social* da mesma junta de freguesia, que lhe presta os mesmos apoios. Certos apoios recebidos estão patentes neste excerto da entrevista:

*“Entrevistador: Assim as mais próximas são mais ou menos quantas?*

*Entrevistado: Por exemplo, a Dona Manuela [r.e.5], a Dona Teresa [r.e.7], ali a Cristina [r.e.27] e com as vizinhas todas, dou-me bem com elas todas (...) Quando a gente se encontra ou no caminho da missa é quando a gente fala mais, quando vem da missa, vem às vezes muita gente junta e a gente conversa (...). Ah a Dona Manuela, a Dona Paula, uma vizinha minha, também falo muito com ela, a Rita [r.e.29], ainda é muita gente com quem eu me dou (...) A Dona Paula, a Alice, o Senhor Joaquim ali em baixo da loja (...) o Senhor Carlos, o Bruno, que é o marido daquela senhora que fala muito, que anda aqui na Ginástica, com a Carolina [r.e.26], tenho aí muitas pessoas amigas, ai são mais de trinta ou quarenta.*

*Entrevistador: (...) Sente que são da família ou simplesmente amigos?*

*Entrevistado: (...) Ah da família não são, não são da família, são pessoas amigas, vizinhos.*

*Entrevistador: Porque é que não sente que sejam da família?*

*Entrevistado: Posso aceitar, mas como família não me são nada.*

*Entrevistador: Sim. Com quem pode ou pôde contar numa altura em que precisou?*

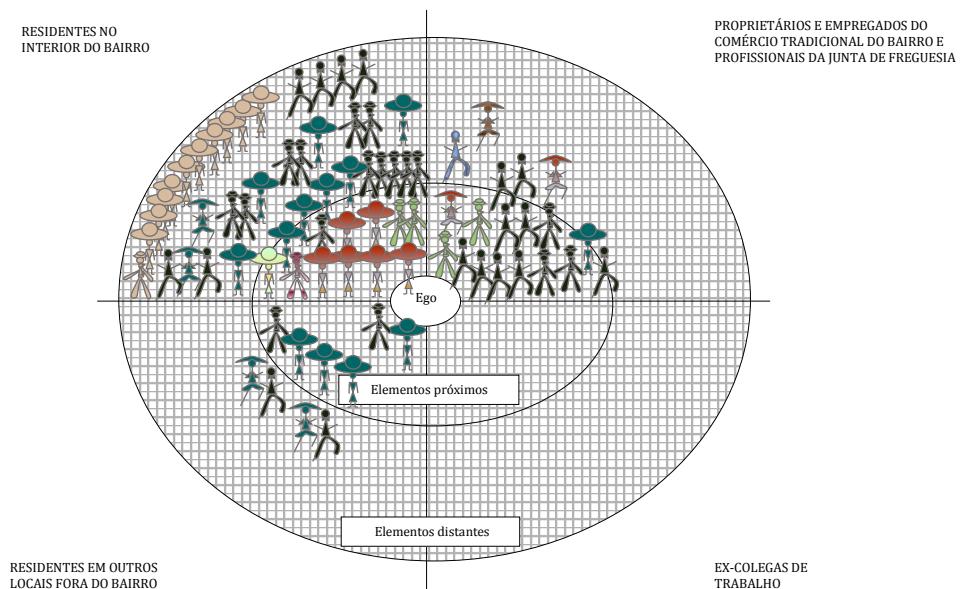
*Entrevistado: Eu acho que tenho algumas que sim, tenho até uma que ainda é... trabalha num restaurante aqui em baixo, que eu uma vez senti-me muito mal e ela foi-me logo chamar o INEM para me levar para o hospital.*

*Entrevistador: E quando o marido faleceu pôde contar com algumas destas pessoas?*

*Entrevistado: (...) Sim, sim, por exemplo, olhe, também há outro que é o Senhor Lourenço da drogaria que mora na Rua de São José, também é uma pessoa com quem eu falo muito, ainda ontem lá estive a falar com ele, há muita gente com quem a gente falava...” (Henriqueta Carvalho, 86 anos, lado Este do Bairro de São José).*

Não considera que os amigos residentes no interior do bairro sejam da família, uma vez que os vê como simplesmente amigos ou vizinhos, apesar de poder aceitar, hipoteticamente, o significado que está subjacente à inclusão das redes amicais na família, e o mesmo acontece com os amigos residentes fora do bairro. As suas redes de conhecimento residentes dentro do bairro englobam, sensivelmente, quinze nós de conhecimento (dez idosas, um idoso e quatro adultos), a quem apenas cumprimenta ou com quem conversa, rapidamente, nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade (no caso dos idosos) ou com quem conversa, mais um pouco, na entrada do seu prédio (no caso dos adultos que são seus vizinhos), mas, para além destes, conhece também um casal de adultos, o seu filho (uma criança) e uma adulta, que constituem o irmão e a família de procriação deste, bem como a filha de Manuela Gomes (r.e.5).

Dez indivíduos (três idosas, um idoso, dois casais de adultos e um casal de idosos), que são naturais de Alvaiázere (a sua terra-natal), constituem as redes amicais residentes fora do bairro. Troca pequenos apoios simbólicos com estes, quando vai aí anualmente passar as férias, mas também se encontra, raramente, com dois destes indivíduos (um idoso e uma idosa) para almoçar em certos restaurantes de Lisboa e fazer outros programas, inclusivamente fora da cidade, tendo feito uma viagem ao estrangeiro (Israel) com os mesmos, que considera amigos próximos, apesar de não os ter informado do falecimento do marido porque, na altura, os mesmos achavam-se distanciados espacialmente. Tendencialmente, os amigos e os conhecidos desta idosa não fizeram percursos académicos.



LEGENDA:

ATORES/AGENTES:



APOIOS DADOS E RECEBIDOS:

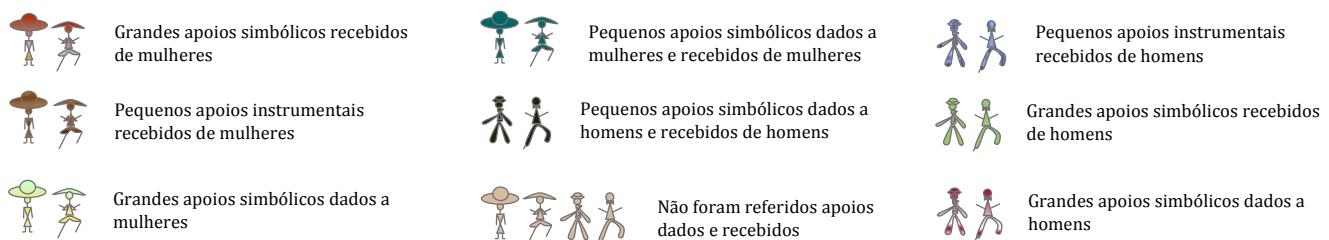


Figura 66 – Mapa das redes amicais e de conhecimento de Henrique Carvalho (p.e.6)

O tamanho das redes desta investigada é de cento e quinze indivíduos. Estes indivíduos encontram-se distribuídos pela rede familiar, pelas redes amicais residentes no interior do bairro, pelas redes de conhecimento também ali residentes, pelas redes de indivíduos que fazem trabalho profissional dentro do bairro e pelas redes amicais residentes no exterior do bairro. Estas redes sociais englobam um número idêntico de elementos do género masculino e de elementos do género feminino, mas englobam mais de metade de idosos e, praticamente, um terço de adultos, sendo que as crianças e os adolescentes constituem mais de um quinto dos idosos, sensivelmente, e estão concentrados, especialmente, na rede familiar. Notamos, ainda, que a maioria dos elementos da rede de parentesco que dão pequenos apoios simbólicos a esta idosa também lhe deram ou dão grandes apoios simbólicos, por vezes, conjugados com pequenos apoios instrumentais. Além disso, os apoios dados pela investigada à rede de parentesco não saem fora dos pequenos apoios simbólicos e, praticamente, o mesmo acontece com as outras redes, salvo os grandes apoios simbólicos prestados a dois idosos residentes dentro do bairro, que incluem as redes amicais ali residentes. Deste modo, se pensarmos nos indivíduos de quem esta idosa recebeu grandes apoios simbólicos e nos indivíduos a quem deu estes mesmos apoios, constatamos que os grandes apoios simbólicos foram mais recebidos pela idosa do que foram dados por esta.

Concentra as atividades quotidianas nos espaços urbanos do bairro, como sejam a *Capela de São José dos Carpinteiros*, onde assiste à missa uma vez por semana (aos domingos de manhã), os espaços ocupados pelo comércio tradicional, onde conversa e faz as suas compras, os bancos (de jardim) Avenida da Liberdade, onde se senta e conversa, diariamente, com um grupo de amigos residentes no bairro (constituído por sete idosas e dois idosos), quando o clima permite, e o *Holmes Place Avenida*, no qual faz Hidroginástica uma vez por semana. Povoa, ocasionalmente, o *Centro Social Laura Alves* e outros espaços do bairro ou próximos deste, com o intuito de participar em festas e outros acontecimentos ali decorridos e criados pela *Junta de Freguesia de Santo António*. Sai do bairro, muito esporadicamente, para passar a tarde em casa de dois irmãos, que vivem nos arredores de Lisboa (Odivelas) e em Lisboa (Benfica), ou para passar uns dias na sua casa em Alvaiázere, onde vive outro irmão, ou para passar mais uns dias numa vivenda da cunhada, situada próximo de Mafra. Contudo, passa, geralmente, entre dois a três dias na casa de residência desta cunhada, com maior regularidade. Foi ao estrangeiro com dois amigos residentes no exterior do bairro, com quem faz, casualmente, programas em Lisboa e outros locais.

As impossibilidades advindas do espaço urbano íngreme do Bairro de São José (caracterizado pela ausência de elevador nos prédios e a acentuada inclinação das ruas), no que diz respeito ao povoamento do espaço do bairro e, inclusivamente, à saída do espaço do bairro para outros espaços, são ultrapassadas por esta idosa, em grande medida, através do desenvolvimento de laços familiares e amicais. Este desenvolvimento confere-lhe motivações para o povoamento regular de certos espaços pertencentes ao bairro ou, até, de certos espaços que se encontram (muito) afastados do bairro.

**Pormenorização das redes e do povoamento das redes e do espaço e.9 (Vítor Neves)**

Tem noventa anos e a quarta classe, terminou a sua carreira como sócio-gerente de uma barbearia. É viúvo e vive só num andar da Rua da Fé, que está posicionada no lado Este do Bairro de São José. Tem um filho que vive em união de facto, com quem passa os fins-de-semana, e dois netos, uma neta casada com quem convive regularmente, mãe da única bisneta com quem se relaciona um pouco menos, e um neto que quase não vê, o mesmo acontece com as três irmãs e nem isso acontece com as famílias de procriação destas, que não conhece completamente. Troca apenas pequenos apoios simbólicos, muito esporádicos, com o neto e as irmãs, essencialmente, por meio de contactos telefónicos, e troca pequenos apoios simbólicos mais frequentes com a nora, quando vai passar os fins-de-semana à casa do filho e desta. No entanto, recebeu grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais, quando se deu o falecimento da mulher, tanto do filho, a quem deu pequenos apoios instrumentais na mesma altura, uma vez que este residiu consigo durante uma semana, como da neta. Estes apoios consubstanciaram-se no apoio moral e na entrega temporária de certos alimentos. Recebeu, inclusivamente, grandes apoios simbólicos destes nós em situação de doença grave, apesar de, na altura, a mulher ainda estar viva. No presente continua a poder contar com os mesmos dois nós da rede de parentesco para lhe darem os pequenos apoios instrumentais de que precisa quando tem de ir ao hospital ou ao médico, formalizados no acompanhamento aos locais, sendo que o filho vai buscá-lo de carro às sextas-feiras, para juntos passarem os fins-de-semana, acolhe-o na casa onde reside com a mulher (que também o acolhe) e transporta-o, novamente, para casa aos domingos. Estes apoios recebidos foram e são, naturalmente, combinados com a troca de pequenos apoios simbólicos. Nesta passagem da entrevista (Vítor Neves, 90 anos, lado Este do Bairro de São José) enumerou certos apoios dados (no passado e no presente) por esta parte da família e os apoios que deu ao filho, quando este se divorciou:

*“Entrevistador: Com quem pode ou pôde contar na família?*

*Entrevistado: É mais com o filho e com a neta (...). Alguma coisa que seja preciso, ir ao médico ou ao hospital, levar-me, acompanhar-me, uma coisa assim, mas de resto não tem sido preciso mais nada.*

*Entrevistador: E na altura da morte da sua mulher entreajudaram-se, houve apoio?*

*Entrevistado: Houve, a princípio houve. Vinha cá a minha neta trazer umas coisas para comer e ele também trazia umas coisas. Ele morava aqui comigo, mas só cá esteve oito dias, quando se separou da mulher, teve só aqui oito dias (...).*

*Entrevistador: E quando esteve doente a sua neta e o seu filho ajudaram-no?*

*Entrevistado: Sim. (...) A minha mulher ainda era viva, a ajuda não era muito necessária, mas vinham cá, iam às visitas.”.*

A família que considera mais próxima é constituída pelo filho, pela nora, pelos netos, pelos cônjuges destes e pela bisneta, sendo que constatamos que inclui o neto, bem como a mulher deste (com quem vive em união de facto), apesar das poucas interações que tem com o neto e da ausência de interações que verificamos existir com a mulher do neto. Destes elementos que considera mais próximos, a neta é a única que possui formação universitária.

Notamos que as redes deste entrevistado apresentam alguma restrição familiar, uma vez que dos trinta e quatro elementos incluídos na rede de parentesco, que conhece, apenas recebe apoios que transcendem os pequenos apoios simbólicos do filho, da nora e da neta e, além disso, não interage ou pouco interage com uma enorme parcela da família, mesmo quando nos referimos a um dos descendentes do seu filho, que, no entanto, é incluído na família que considera mais próxima de si. Por isso mesmo, esta inclusão parece demonstrar uma necessidade de preenchimento familiar que não existe realmente e que leva o investigado a assumi-lo por sentir vontade de que o mesmo preenchimento exista.

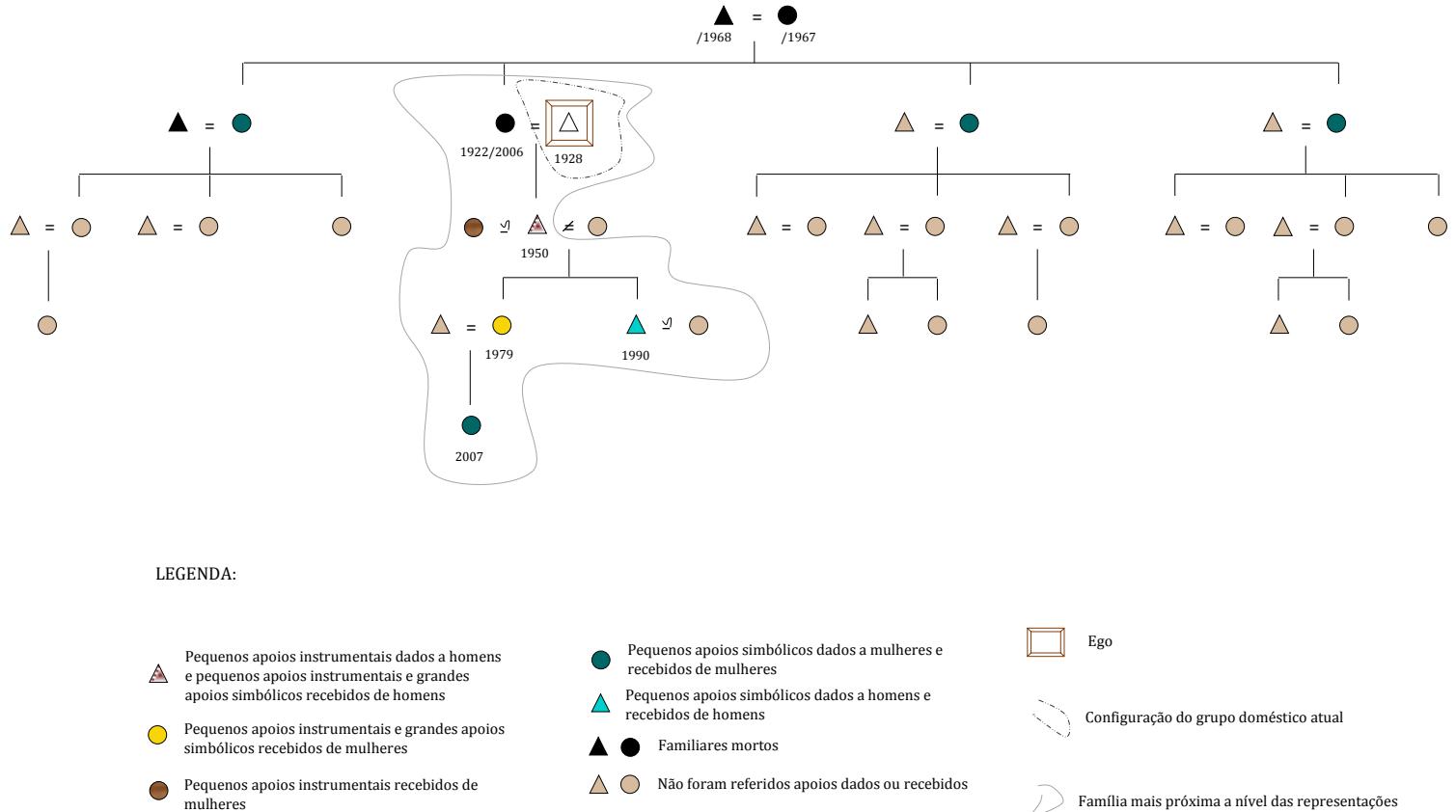


Figura 67 – Genealogia de Vítor Neves (p.e.9)

Das redes de vizinhança menos próximas considerou ter dez indivíduos distantes (oito idosas e dois idosos), mas sabemos que conhece também um casal de adultos, o seu filho (uma criança) e uma adulta, estes constituem o irmão e a família de procriação deste, bem como a filha, de Manuela Gomes (r.e.5). Incluiu a última, juntamente com o marido, nas redes de vizinhança menos próximas ou redes de conhecimento de vizinhança e, por isso, decidimos incluir os familiares desta nestas redes. Nas redes amicais de vizinhança englobou um idoso e quatro idosas viúvas algo distantes. As redes amicais de vizinhança incluem, ainda, quatro amigas mais próximas, uma adulta e três idosas, sendo que referiu os grandes apoios simbólicos dados pelas idosas na altura em que a mulher faleceu, bem como a importância de uma das idosas para as redes que tem no presente e que teve no passado. Conheceu e teve uma amizade muito intensa com os maridos das idosas mais próximas e mais distantes. Estas quatro amigas com quem sente ter maior proximidade não possuem formações académicas. No excerto seguinte da entrevista (Vítor Neves, 90 anos, lado Este do Bairro de São José) notamos referência aos grandes apoios simbólicos prestados pelas mesmas três idosas:

*“Entrevistador: Com quem pode ou pôde contar mesmo fora do bairro? Até por altura da morte da sua mulher ou numa altura de doença...”*

*Entrevistado: Foram ali à igreja, umas duas ou três senhoras e cavalheiros, alguns já não existem...*

*Entrevistador: Mas nessa altura deram-lhe o apoio que precisou? Não sei se algumas destas pessoas são aquelas senhoras de que me falou (...)*

*Entrevistado: Sim, sim... ”.*

O casal de proprietários adultos de uma papelaria, próxima da rua onde reside, e o filho adolescente do mesmo casal são considerados amigos próximos, visto que conversa um pouco com estes, todos os dias úteis, quando vai comprar o jornal. A importância destes proprietários do comércio tradicional para o investigado, assim como de outros indivíduos que fazem trabalho profissional no bairro, revelam uma certa ausência de redes que provoca, como noutras casas, relacionamentos amicais próximos (e menos próximos) com indivíduos que fazem trabalho profissional no bairro, tendo esta compensação um efeito intensificador da familiaridade interacional entre os residentes idosos do Bairro de São José e alguns dos que regularmente lá trabalham. Uma proprietária da mercearia que frequenta é incluída nas redes amicais mais distantes. No entanto, afirmou ter no bairro muito menos amigos do que no passado – também não manteve amigos próximos em outros locais, referindo apenas dois nós de conhecidos com residência translocal – e constatou que o bairro não é tão coeso:

*“Entrevistador: Tem amigos fora do bairro?*

*Entrevistado: Amigos assim muito chegados não. Eu lidava com clientela e conheci muita gente e, por exemplo, na altura da tropa, por acaso, moravam aqui uns três ou quatro, depois dispersaram-se, deixei de os ver (...) Só tenho ali um senhor que é o Álvaro, que tem ali uma sapataria, que é desse tempo, também falo muito com ele, mora aqui em frente de mim quase.*

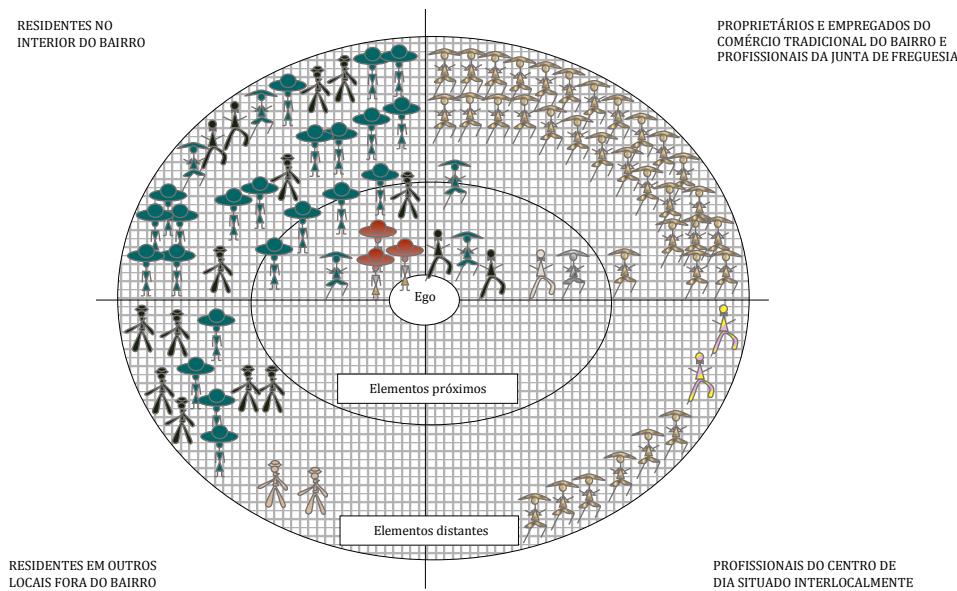
*Entrevistador: Porque é que acha que não tem tantos amigos no bairro e, por outro lado, porque é que o bairro deixou de ser tão bairro?*

*Entrevistado: Essas coisas às vezes acontecem sem a gente dar por isso, a idade vai passando, o tempo vai passando (...) uns dispersam-se, outros morrem, deixam de ligar e é assim.” (Vítor Neves, 90 anos, lado Este do Bairro de São José).*

As (vinte e sete) auxiliares e a Coordenadora do *Vassouras & Companhia*, um projeto da *Junta de Freguesia de Santo António*, realizam alternadamente, todos os dias úteis, limpezas domésticas no seu domicílio, tendo sido um dos primeiros utentes a, no ano de 2012 em que o projeto foi criado, receber esses grandes apoios instrumentais que se fizeram acompanhar, até 2016, de pequenos apoios simbólicos, formalizados nas conversas e na companhia. Interage também, esporadicamente, com a Coordenadora do *Departamento de Ação Social* e com o Presidente da *Junta de Freguesia de Santo António*, ambos são licenciados e prestam-lhe estes mesmos apoios por via das suas competências, aos quais se vêm juntar os pequenos apoios instrumentais consubstanciados nas ofertas de alimentos. Em 2016, integrou a modalidade de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, mas continuou a obter estes grandes e pequenos apoios instrumentais da junta. Esta inserção no centro permitiu que as suas redes de conhecimento aumentassem em oito nós de residentes (seis idosas e dois idosos) no Bairro de São José, nove nós de residentes (três idosas e seis idosos) no Bairro do Sagrado Coração de Jesus e um nó (uma idosa) residente perto destes dois bairros, com quem troca pequenos apoios simbólicos. Além dos utentes do centro, a sua rede passou a contemplar mais oito nós de profissionais da modalidade de centro de dia, incluídos em distintos níveis hierárquicos (a diretora, a assistente social, o psicólogo e a monitora, sendo que qualquer um possui formação académica, bem como o motorista e as três auxiliares, com níveis de escolaridade inferiores). Estes oito nós prestam-lhe grandes apoios instrumentais, formalizados na prestação de serviços a baixo custo (pois os utentes incorrem no pagamento de um valor simbólico, que é estipulado de acordo com o valor da reforma). Tanto os utentes como os profissionais do centro de dia encerram, presentemente, um carácter relacional mais distante.

Não considera que os elementos das suas redes residentes e empregadas dentro (ou fora) do bairro pertençam à sua família, mas tem uma vizinha que considera integrar mais ou menos a família por razão da convivência que manteve com a mesma

no passado, altura em que o marido foi vivo e houve uma relação de proximidade com esta por via da amizade com o seu marido. A relação permanece, atualmente, e leva à consideração de que este nó de vizinhança é de certo modo da família, mas não completamente.



LEGENDA:

ATORES/AGENTES:



APOIOS DADOS E RECEBIDOS:

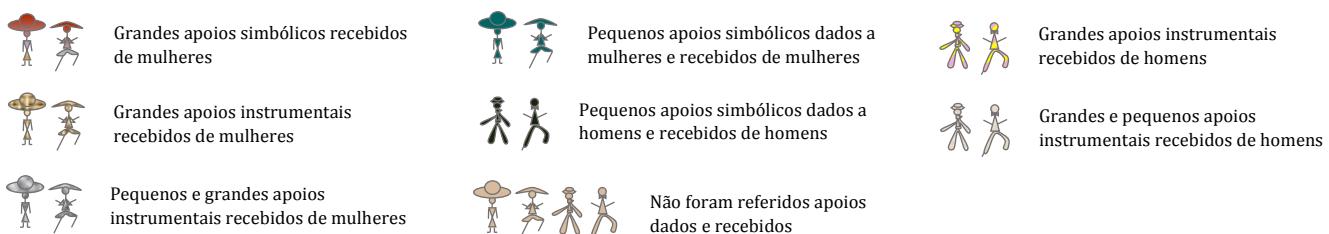


Figura 68 – Mapa das redes amicais e de conhecimento de Vítor Neves (p.e.9)

O tamanho de toda a rede social do investigado é de cento e dezanove nós. Estes nós encontram-se, sobretudo, distribuídos pela família, pelas redes amicais residentes no interior do bairro, pelas redes de conhecimento aí residentes, pelas redes de indivíduos que fazem trabalho profissional dentro do bairro e ao serviço do bairro e pelas redes de conhecimento residentes interlocalmente. Estas redes abrangem mais do dobro de elementos do género feminino relativamente ao género masculino,

mas abrangem praticamente o mesmo número de idosos e adultos, muito à custa, sobretudo, das adultas que fazem trabalho profissional dentro do bairro e ao serviço do bairro, sendo que as crianças e os adolescentes constituem um quinto dos idosos e, praticamente, um quinto adultos, e estão concentrados, sobretudo, na rede de parentesco. Constatamos que este idoso recebeu muito mais apoios do que deu, o que se repete presentemente. Verificamos, portanto, a existência de mais indivíduos de quem o entrevistado recebeu pequenos apoios instrumentais do que a quem prestou estes mesmos apoios, mais indivíduos de quem recebeu grandes apoios simbólicos do que a quem os deu e muito mais indivíduos de quem recebeu grandes apoios instrumentais do que a quem os prestou.

Anteriormente à entrada no centro de dia já fazia certas atividades organizadas por este, como sejam os passeios, mas ocupava mais tempo, geralmente, em casa, nas lojas do comércio tradicional do bairro, no centro social do bairro. O seu quotidiano foi também, parcialmente, enquadrado por pequenos apoios simbólicos trocados não só com o filho, mas ainda com a neta, os dois nós de parentesco de quem recebe mais apoios, como o demonstra o extrato da entrevista (Vítor Neves, 90 anos, lado Este do Bairro de São José):

*"Entrevistador: Mas hoje, por exemplo, encontrei-o no Centro [Social Laura Alves]!"*

*Entrevistado: Pois, mas isso é agora há pouco tempo...*

*Entrevistador: Vai almoçar com a sua...*

*Entrevistado: Neta (...) Era à quinta-feira, mas como esta semana não estou cá, vou dar um passeiozinho pela Santa Casa, não sei onde, amanhã vêm-me buscar, maneira que foi à segunda-feira (...).*

*Entrevistador: O que faz presentemente fora do bairro?*

*Entrevistado: Não faço nada.*

*Entrevistador: Vai ter com o filho, às vezes...*

*Entrevistado: Ah, sim, sim, sim. Aos fins-de-semana vou para casa do meu filho, sexta-feira. Ele mora ali, ao pé do Estoril, em Caparide. Este fim-de-semana não fui, fiquei cá, para arranjar as coisinhas, a mala e tal.*

*Entrevistador: E para além disso, não faz mais nada? Eu lembro-me que tinha aqui uns bolbos que comprou, se não me engano, no Cascais Shopping...*

*Entrevistado: Ah bolbos... Semeio ali umas plantazinhas, cuidava do quintal e agora já não.*

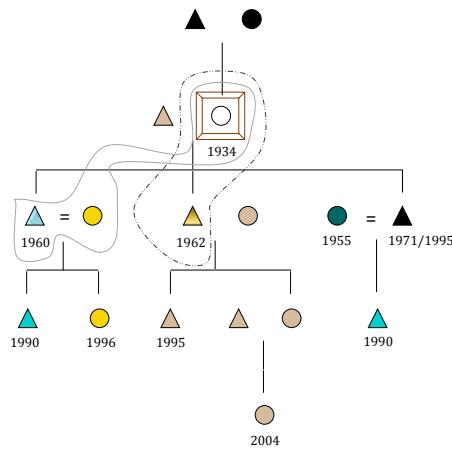
*Entrevistador: Mas também passeia com o filho ali por aquela zona do Estoril...*

*Entrevistado: Vou lá (...) ver as pessoas a passear, ginastigar as pernas e tal, bebemos um café, eles às vezes vão até um certo sítio, depois voltam, eu espero ali no café e depois vamos para casa almoçar (...)".*

Presentemente, continua a decorrer esta mesma ocupação do tempo e do espaço com o filho, mas deram-se pequenas e grandes mudanças noutras ocupações do tempo e do espaço, devido à integração no centro de dia, como o afrouxamento no povoamento quotidiano das organizações do espaço local e a ausência dos almoços com a neta. No entanto, a neta detém funções importantes no povoamento do espaço translocal, designadamente nas idas ao médico, bem como, quando foi mais importante para o idoso, as deteve no povoamento do espaço local. A entrada no centro de dia veio colmatar as dificuldades físicas que se tinham agravado, de modo não vincadamente incapacitante (mesmo porque a autonomia física continuou a verificar-se), e acentuavam as insuficiências da estrutura espacial íngreme do bairro.

**Pormenorização das redes e do povoamento das redes e do espaço e.13 (Dolores Lopes)**

Tem oitenta e quatro anos, não tem escolaridade e terminou a carreira como ama. É solteira e vive com o filho mais novo numa casa (sem as condições necessárias para tomar banho) da Rua da Glória, situada no lado Oeste do Bairro de São José. A família é composta por dois filhos, pela mulher do filho mais velho, pela mulher de um filho falecido, por cinco netos e uma bisneta. O terceiro filho (era o mais novo dos três) morreu há vinte e três anos, mas conversa ao telefone com a mulher e o filho do mesmo, que residem fora de Lisboa. Considera que a família mais próxima é formada pelo filho mais velho e pela nora (por parte deste), visto que ambos lhe prestam grandes apoios simbólicos, quando se encontra doente ou debilitada, sendo que este filho também lhe dá grandes apoios instrumentais, formalizados em ofertas mensais de produtos alimentares e de dinheiro para pagar a renda de casa, alguns alimentos e medicamentos e a frequência da vertente de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, e a nora dá-lhe, igualmente, pequenos apoios instrumentais, quando, excepcionalmente, lhe oferece roupas.



**LEGENDA:**

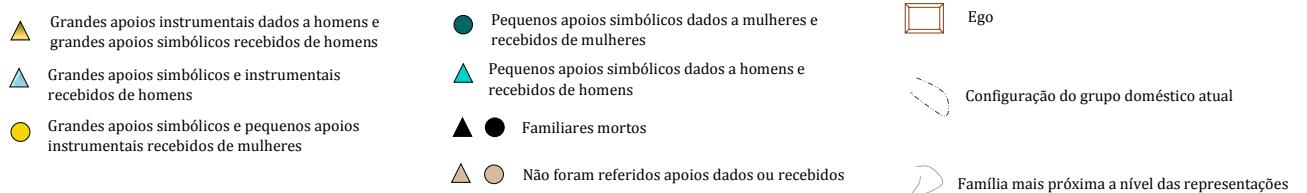


Figura 69 – Genealogia de Dolores Lopes (p.e.13)

Ao filho mais novo presta grandes apoios instrumentais em forma de consentimento para residir consigo e recebe, muito esporadicamente, grandes apoios simbólicos quando se encontra maldisposta ou doente, no entanto, queixa-se dos conflitos regulares que tem com este devido à coresidência de ambos. Não tem contacto com os netos e a bisneta por parte deste filho, mas relaciona-se, presencialmente, com os netos por parte do filho mais velho. Com os mesmos netos troca pequenos apoios

simbólicos nos encontros e conversas que mantêm, mas recebe grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais da neta mais nova que a acompanha ao médico de carro e lhe explica quais os medicamentos que tem de tomar:

*“A Manuela [a neta mais nova] vai mais comigo é ao médico (...) no carro dela leva-me mais ao médico e explica-me (...) ‘Oh ‘vó, tomas isto, tomas isto. Já está tudo escrito. Se não souberes pergunta. Não faças trafulhices com as coisas! (...) Geralmente, quem me ajuda é o meu Júlio [o filho mais velho] (...) na comida... traz-me comida feita, traz sopa para eu não fazer comida. E quando vou ao supermercado também trago quase tudo feito, não faço... Agora é que é caso para dizer: ‘Compro tudo feito! Nada Faço!’. (...) Paga-me a casa, paga-me aqui [a entrevista foi realizada nas instalações do centro de dia] (...) dá-me vinte euros por semana (...)” (Dolores Lopes, 84 anos, lado Oeste do Bairro de São José).*

As redes amicais residentes na vizinhança são formadas por dois homens (um idoso e um adulto) e as famílias com quem residem – que integram uma idosa, uma adulta, três raparigas e um rapaz adolescentes. Troca pequenos apoios simbólicos com todos estes nós, mas recebe outros tipos de apoios. Os dois homens deram-lhe grandes apoios simbólicos quando se tentou suicidar e recebe pequenos apoios instrumentais da mulher (idosa) de um dos mesmos que, ocasionalmente, lhe dá alimentos confeccionados. Brinca, rapidamente, com duas vizinhas adultas que passeiam os seus cães, bem como conversa e ri, de modo muito fugaz, com onze vizinhos adultos (dez homens e uma mulher), aproximadamente:

*“Tenho lá muitas... meninas com os cachorros, que vão com os cachorros para o jardim. Digo eu assim: ‘Eu levava-te, mas tenho medo de ti que tu começas a correr e foges-me!’. Elas acham muita graça. ‘Olha, não faz mal à (...) Dona Dolores!’. (...) E tenho um advogado em frente... a minha porta é aqui e a do advogado é aqui. São prédios que têm de um lado e doutro, têm segundo... têm esquerdo e direito (...) É o Senhor Doutor, é o Senhor Engenheiro (...) os filhos (...) Já, já, já me ajudaram já, quando eu me mandei abaixo da janela (...) mandaram-me logo... (...) O meu Júlio [o filho mais velho]... mandam-no logo chamar! (...) Tenho uma vizinha em frente que às vezes vai com uma tijela... faz uma feijoada (...) ‘Você gosta de feijoada, não gosta?’. Digo eu assim: ‘Gosto.’. ‘Então tome lá esta, é para o seu almoço e para o seu jantar’. Tenho assim pessoas muito amigas.” (Dolores Lopes, 84 anos, lado Oeste do Bairro de São José).*

Fora da vizinhança, mas ainda no interior do bairro, relaciona-se com oito utentes do centro de dia (três idosos e cinco idosas) que considera distantes, tendo uma relação conflituosa com uma das mesmas utentes porque, há alguns anos, ambas se apaixonaram pelo mesmo idoso.

Do comércio tradicional do bairro sublinhou o proprietário adulto de um restaurante que, ocasionalmente, lhe oferece um café ou uma sandes de ovo, referiu uma idosa proprietária de um outro serviço do bairro e a família (um idoso, uma mulher adulta e uma filha adolescente) que se ocupa de uma coletividade aberta perto do local onde reside, da qual continua a ser sócia apesar de, ultimamente, não ter disponibilidade económica para pagar as quotas. Realçou ainda as interações que tem com o Presidente da Junta de Freguesia de Santo António a quem trata, com uma cara muito carinhosa, por Vasquinho pois, tal como outra utente do centro de dia, residente do lado Oeste do Bairro de São José, tomou conta do mesmo quando este foi uma criança. Mas conhece também a Coordenadora do Departamento de Ação Social desta junta. Estes dois elementos da junta, com maior destaque para o presidente, dão-lhe, por via das suas competências, pequenos apoios instrumentais através da dádiva de produtos alimentares.

*“Tenho lá um senhor (...) que assim na esquina tem um restaurantezinho e já lá mora há muitos anos (...). Às vezes chega-se o fim-de-semana e eu não tenho dinheiro, compro qualquer coisa mais cara, já não tenho. Digo assim: ‘Senhor Marco pode-me dar uma bica? Mas olhe que esta não tenho dinheiro para pagar.’. ‘Deixa lá! Não paga hoje, paga amanhã!’ (...)*

*E às vezes quando venho para aqui trago uma sandes de ovo porque acordo com fome, mas lá não me dá para comer (...)  
Ele às vezes oferece, outras vezes tenho que lha pagar (...)" (Dolores Lopes, 84 anos, lado Oeste do Bairro de São José).*

Destacou, ainda, os pequenos apoios instrumentais concedidos pelo motorista do centro de dia e formalizados em arranjos de pequenos aparelhos elétricos, assim como os grandes apoios simbólicos que o psicólogo do centro lhe presta sempre que conversam. Contudo, aos apoios destes dois profissionais do centro de dia, que resolveu frisar, acrescem grandes apoios instrumentais prestados por todos os (oito) profissionais que lá trabalham, visto que o montante em dinheiro que emprega, mensalmente, para pagar a frequência do centro é um montante mais simbólico do que, propriamente, correspondente aos serviços prestados e aos alimentos servidos. A monitora e as (três) auxiliares, além de lhe prestarem estes grandes apoios instrumentais prestam-lhe, identicamente, grandes apoios simbólicos, quando se encontra debilitada fisicamente. Portanto, Dolores mantém relações intergeracionais com adultos residentes no interior e no exterior do bairro, como os vizinhos, os profissionais da junta de freguesia e os profissionais do centro de dia. Alguns destes possuem formações académicas em diversas áreas e dão-lhe apoios variados que, por vezes, mas nem sempre, estão relacionados com as suas profissões.

As redes residentes no exterior do bairro são também formadas pelos restantes dez utentes do centro (seis idosos e quatro idosas), mas considera,unicamente, que dois idosos são seus amigos, um dos quais lhe deu pequenos apoios instrumentais, quando se deslocou a uma farmácia próxima do centro para lhe comprar os medicamentos necessários e o outro idoso deu-lhe pequenos apoios instrumentais, ao emprestar-lhe, ocasionalmente, dinheiro, e grandes apoios simbólicos, ao aconselhá-la e ao confortá-la no seguimento de problemas emocionais causados pela paixão de outra utente do centro pelo mesmo idoso por quem estava apaixonada. Como contou na entrevista (Dolores Lopes, 84 anos, lado Oeste do Bairro de São José) a propósito dos pequenos apoios instrumentais que este utente do centro de dia lhe prestou:

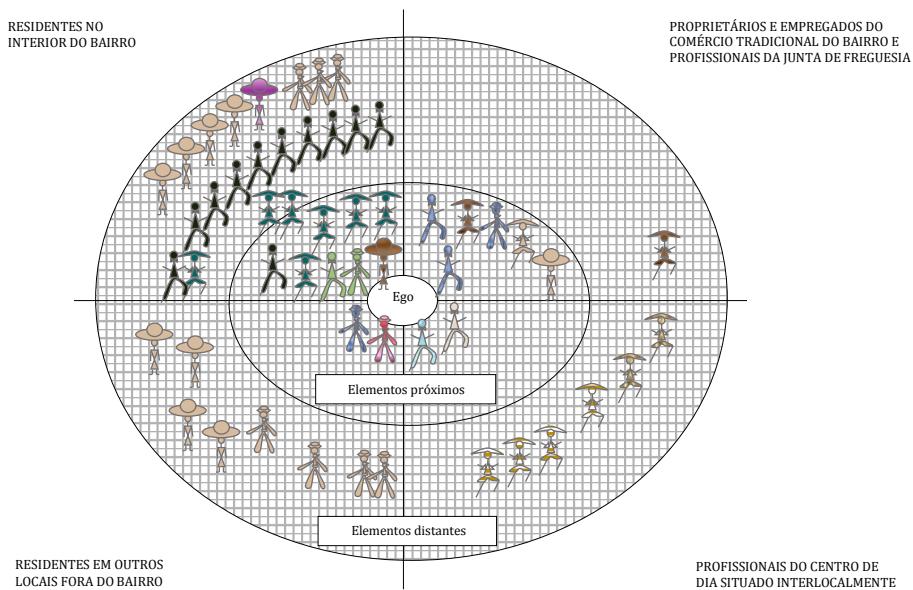
*"Ele é que me ofereceu. Viu-me ali a chorar: 'Então o que é que tem a Dona Dolores?'. Eu disse: 'Veja lá que enquanto fui almoçar roubaram-me setenta e cinco euros que eu tinha para ir comprar os remédios. Agora... agora não tenho. O que é que eu vou dizer ao meu filho?'. Disse ele: 'Esteja calada. Pronto, acabou. Você vai (...) Eu dou-lhe o dinheiro e você vai buscar os seus remédios. Quando puder dá-me.'. Dei-lhe logo! Foi passado... O meu filho veio e dei-lhe logo o dinheiro (...)".*

Constatamos a existência na rede da idosa, que possui fortes carências económicas, de uma diversidade de pequenos apoios instrumentais recebidos das redes amicais, sejam as redes residentes na vizinhança ou as redes compostas por utentes do centro de dia, com localização interlocal, e das redes empregadas na junta de freguesia e no comércio tradicional do bairro. Estes pequenos apoios instrumentais, que vêm complementar os grandes apoios instrumentais dados pelo filho, permitem-lhe ter um quotidiano mais confortável em termos económicos, alimentares e de obtenção de serviços, mas não colmatam as maiores carências que são preenchidas pelos grandes apoios do filho. Também é importante referir que os grandes apoios instrumentais da *Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, dados no contexto da frequência do centro de dia a baixo custo e encabeçados ou executados pelos que lá trabalham, têm uma função importante que se vem juntar aos apoios anteriormente referidos.

Constatamos, igualmente, que, apesar dos parentes não terem enveredado por percursos académicos, esta idosa conhece e relaciona-se com vizinhos, profissionais da junta de freguesia e do centro de dia que possuem licenciaturas e que lhe prestam importantes apoios por intermédio dos relacionamentos de vizinhança, indutores da prestação de grandes apoios simbólicos, formalizados no socorro prestado quando acontece algo de grave, ou por intermédio das suas competências profissionais,

## A agência dos idosos residentes em dois bairros lisboetas

ocasionadoras da prestação de pequenos e grandes apoios instrumentais, formalizados na oferta de alimentos e na frequência (a baixo custo) do centro de dia. Para além disso, esta idosa não considera que os amigos pertençam à sua família.



### LEGENDA:

#### ATORES/AGENTES:



#### APOIOS DADOS E RECEBIDOS:

	Pequenos apoios instrumentais recebidos de mulheres		Pequenos apoios simbólicos dados a mulheres e recebidos de mulheres		Pequenos apoios instrumentais recebidos de homens
	Grandes apoios instrumentais recebidos de mulheres		Pequenos apoios simbólicos dados a homens e recebidos de homens		Grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais recebidos de homens
	Grandes apoios instrumentais e simbólicos recebidos de mulheres		Relações de crispação		Grandes apoios simbólicos recebidos de homens
			Não foram referidos apoios dados e recebidos		Pequenos e grandes apoios instrumentais recebidos de homens
					Grandes apoios instrumentais e simbólicos recebidos de homens

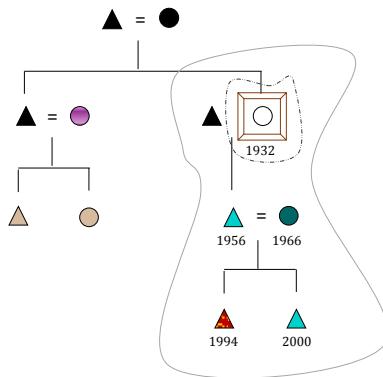
Figura 70 – Mapa das redes amicais e de conhecimento de Dolores Lopes (p.e.13)

A rede social da idosa compreende sessenta e quatro indivíduos. Esta rede social engloba um número idêntico de elementos do género masculino e de elementos do género feminino, tal como um número algo maior de adultos que de idosos, sendo que as crianças e os adolescentes, que perfazem, aproximadamente, um terço dos adultos e metade dos idosos, encontram-se concentrados na rede familiar e nas redes amicais de vizinhança. Apesar de receber diversos apoios, o povoamento que esta entrevistada faz das suas redes, ou seja, os apoios prestados pela mesma aos elementos das suas redes, está, praticamente apenas, formalizado em pequenos apoios simbólicos dados aos nós que englobam o parentesco restrito, aos nós amicais residentes no bairro, aos proprietários e empregados do comércio tradicional do bairro, bem como aos profissionais da junta de freguesia e do centro de dia, sendo que esta dádiva de pequenos apoios simbólicos acontece, exclusivamente, com alguns nós de conhecimento residentes no bairro e não com todos os nós de conhecimento que possui, contudo, além disto, presta grandes apoios instrumentais ao filho mais novo.

Antes dos problemas de mobilidade se acentuarem gravemente, nos últimos sete anos, foi à *Pastelaria Baiana* (situada na Avenida da Liberdade) e frequentou estabelecimentos que funcionam no Rossio, onde bebeu café, e no Bairro Alto, onde assistiu a espetáculos de fado. Atualmente, encontra-se mais confinada ao espaço do centro e da casa e este confinamento não é só motivado pelos seus problemas de mobilidade, mas é também motivado pelo espaço urbano íngreme do bairro. Contudo, é sócia de uma coletividade que funciona do lado Oeste do Bairro de São José, onde bebe café quando volta do centro de dia, participa nos passeios organizados pelo centro e nos passeios e idas à praia organizados pela junta de freguesia, bem como se diverte com o filho que mais a apoia em Alfama, na Mouraria e em zonas de praia.

### Pormenorização das redes e do povoamento das redes e do espaço e.15 (Amália Fernandes)

Tem oitenta e seis anos e o segundo ano do Curso Comercial, foi bordadeira. É solteira e vive só num apartamento situado no Bairro do Sagrado Coração de Jesus, um bairro contíguo ao Bairro de São José. A família com quem mantém contacto é composta pelo filho, pela nora, pelos dois netos adolescentes e por uma prima adulta afastada, cujo lugar genealógico não consegue identificar com precisão, mas considera tratar-se de uma prima da mãe. Dá grandes apoios instrumentais ao neto mais velho, uma vez que o mesmo reside na sua casa, situada na terra onde nasceu; quando está economicamente disponível vai aí visitá-lo e telefona-lhe com frequência, quando não tem disponibilidade económica para estar com ele em copresença. Raramente se encontra com o filho, a nora e o neto mais novo, pois estes moram na Região Autónoma da Madeira, mas conversa ao telefone com os mesmos regularmente. Estes são os quatro nós de parentesco que considera pertencerem à família mais próxima. Tem aquela prima afastada que lhe deu tanto grandes apoios simbólicos em situação de doença, visto que a acompanhou às consultas realizadas no *Hospital de São José*, como ainda pequenos apoios instrumentais, ao ajudá-la a cumprir as burocracias do *Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares (IRS)*. Manteve uma relação conflituosa com a mulher do único irmão durante a altura em que este foi vivo e, quando este morreu, deixou de se relacionar com a mesma e com os dois sobrinhos, sendo que não sabe se estes têm filhos.



#### LEGENDA:

- ▲ Grandes apoios instrumentais dados a homens
- Pequenos apoios simbólicos dados a mulheres recebidos de mulheres
- Pequenos apoios simbólicos dados a homens e recebidos de homens
- ▲ ● Relações de cristação
- ▲ ● Familiares mortos
- ▲ ○ Não foram referidos apoios dados ou recebidos
- Ego
- Configuração do grupo doméstico atual
- Família mais próxima a nível das representações

Figura 71 – Genealogia de Amália Fernandes (p.e.15)

Na passagem seguinte (Amália Fernandes, 86 anos, Bairro do Coração de Jesus) descreveu algumas cristações decorridas nas relações com a cunhada que motivaram incompatibilidades entre ambas:

*“Não sei, nunca mais soube nada deles, eles desligaram completamente (...) O meu irmão até amendoins ele semeava, ele pôs figueiras, ele pôs... ele pôs batatas, ele pôs árvores de fruto, abóboras, tudo. Ela não dava valor a nada (...) E ela parecia que... quando via o meu irmão dar-me alguma coisa... ele semeava alhos, tinha alhos para todo o ano, para eles, e dava sempre uma réstia à minha mãe e depois dava-me também a mim. E quando ele me foi mostrar as réstias de alhos (...) eu assim: ‘Ih! Tanta réstia de alhos!’. E disse por dizer porque uma réstia para mim dava-me para muito tempo, não é? Mas ela pensou que eu lhe ia pedir ou que ele me dava mais e disse: ‘Ah! Estão aí, mas há muita gente para dar!’. Ela não era boa para dar! (...)”.*

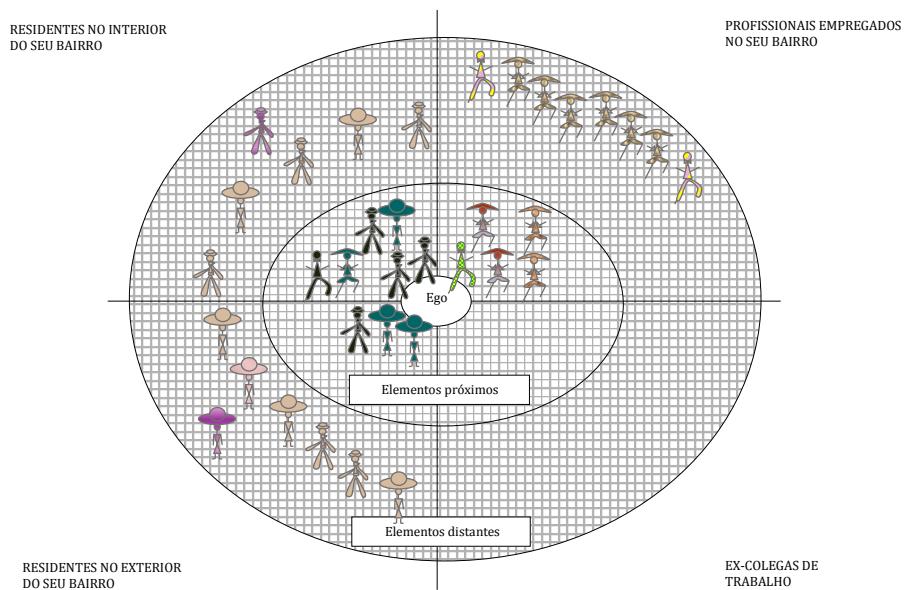
As redes amicais residentes no mesmo prédio são formadas por quatro pessoas (um casal de idosos, uma adulta e o seu filho adolescente), com quem troca pequenos apoios simbólicos, quando se cumprimentam na escada do prédio e conversam um pouco. Destacou cinco nós (quatro adultas e um adulto) empregados em serviços instalados no prédio, com quem interage com uma certa regularidade e que a podem ajudar em caso de necessidade ou que a ajudam efetivamente, três dos quais (duas adultas e um adulto) fazem trabalho profissional numa clínica dentária e as outras duas adultas encontram-se ocupadas profissionalmente num escritório. O proprietário adulto da clínica dentária mostrou-se disponível para lhe dar pequenos apoios instrumentais, ao propor fazer-lhe um desconto se utilizasse os serviços da mesma clínica, e, em conjunto com as duas outras adultas que aí trabalham, presta-lhe grandes apoios simbólicos, uma vez que lhe guarda uma chave de casa para prevenir o surgimento de um acidente em que seja necessária uma chave sobresselente. As outras duas adultas estavam disponíveis para lhe prestar estes grandes apoios simbólicos, mas não as quis incomodar. Das redes amicais residentes ou empregadas, profissionalmente, no seu prédio uma fração reduzida é constituída por indivíduos que tiveram um percurso académico. No próximo excerto (Amália Fernandes, 86 anos, Bairro do Coração de Jesus) disse, principalmente, quais são os indivíduos com quem interage no prédio e quais os apoios que recebe dos profissionais da clínica dentária:

*“Ah! Isso são lá duas que entraram há pouco tempo! Eles é que fizeram as obras... Está lá uma coisa importante... uma clínica dentária (...) tem o doutor, tem empregadas e tudo. E ficam-me com a chave porque eu estou aqui e para não estar a pedir à outra (...) que tem dois meninos e uma menina (...) ela vai também para lá trabalhar e tem uma empregada (...) E no outro dia eu caí porque ia com dois sacos para pôr no lixo e não podia agarrar-me no corrimão, tem corrimão de um lado e do outro, só que eu desequilibrei-me ou escorreguei e fiquei sentada e ele vinha a sair, o doutor, e foi-me logo ajudar e queria-me levar os sacos e eu disse: ‘Não, não Senhor Doutor. Agradeço muito ter-me ajudado a levantar que eu não era capaz, mas agora o lixo eu vou pôr.’. (...) E fez uma coisa, escreveu uma carta para cada inquilino [a informar que] se quisessem alguma coisa que fazia um desconto (...) É o casal [de idosos] e, depois, no quinto andar mora uma senhora, que esteve em África, e vive lá com o filho (...) Do outro lado também vive gente que eu não conheço, nem bom dia, nem boa tarde, vão para os seus empregos, para a sua vida (...)”.*

Está inserida na valência de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, edificado no Bairro do Sagrado Coração de Jesus e, por intermédio da mesma inserção, tem relações intergeracionais com quem aí faz trabalho profissional – mais propriamente, a diretora, a assistente social, a monitora, o psicólogo, o motorista e as três auxiliares do centro de dia – e recebe grandes apoios instrumentais destes indivíduos.

Tem redes amicais residentes no exterior da vizinhança, mas no interior do Bairro do Sagrado Coração de Jesus, e estas são compostas por certos utentes desta valência de centro de dia, que se dividem essencialmente em residentes do Bairro do Sagrado Coração de Jesus e do Bairro de São José. Neste centro considera que dois idosos residentes no seu bairro são seus amigos e quatro idosos e duas idosas aí residentes englobam a sua rede de conhecidos. As redes amicais residentes fora do

seu bairro são compostas, essencialmente, por outros utentes do centro de dia com residência no Bairro de São José e, mais especificamente, por três idosos (duas idosas e um idoso). Considera seis idosos (quatro idosas e dois idosos) distantes ou conhecidos – apesar de ter concedido pequenos apoios instrumentais a uma idosa, dos mesmos seis idosos mais distantes, patentes na oferta de mel – aos quais acresce uma utente idosa residente nas proximidades de ambos os bairros que se inserem na área de principal abrangência do centro. Tem uma incompatibilidade com dois idosos, que são utentes do centro (um idoso residente no seu bairro e uma idosa residente no Bairro de São José) e estão inseridos no grupo que considera mais distante. Nenhum utente do centro de dia tem formação académica.



#### LEGENDA:

#### ATORES/AGENTES:



#### APOIOS DADOS E RECEBIDOS:

Grandes apoios simbólicos recebidos de mulheres	Pequenos apoios simbólicos dados a mulheres e recebidos de mulheres	Grandes apoios simbólicos recebidos de homens com proposta sobre a prestação de pequenos apoios instrumentais
Grandes apoios instrumentais recebidos de mulheres	Pequenos apoios simbólicos dados a homens e recebidos de homens	Grandes apoios instrumentais recebidos de homens
Disponibilidade hipotética de mulheres para a prestação de grandes apoios simbólicos	Relações de crispação	
Pequenos apoios instrumentais dados a mulheres	Não foram referidos apoios dados e recebidos	

Figura 72 – Mapa das redes amicais e de conhecimento de Amália Fernandes (p.e.15)

O tamanho das redes sociais desta idosa, no seu todo, é de quarenta e três indivíduos, distribuídos pela rede familiar, pelas redes amicais residentes no interior do seu bairro, pelas redes de conhecidos também ali residentes, pelas redes de indivíduos que executam trabalho profissional dentro do seu bairro, pelas redes amicais residentes interlocalmente e pelas redes de conhecidos residentes, também, interlocalmente. Estas redes sociais englobam um número idêntico de elementos do género masculino e de elementos do género feminino, tal como um número idêntico de idosos e adultos, sendo que os adolescentes, que perfazem, aproximadamente, um sétimo dos idosos e um sexto dos adultos, estão, sobretudo, concentrados na sua rede familiar. A esta idosa são prestados pelos nós das redes empregadas profissionalmente no seu bairro muitos apoios, com maior destaque para os (oito) profissionais do centro de dia que lhe prestam grandes apoios instrumentais. Mesmo assim, o povoamento que faz das suas redes inclui, para além dos pequenos apoios simbólicos dados, grandes apoios instrumentais prestados ao neto e pequenos apoios instrumentais dados a uma utente do centro de dia.

Amália, o irmão e a cunhada não tiveram formação académica. O seu filho também não é licenciado, o neto mais novo é deficiente e frequenta uma escola adequada para o seu problema e o neto mais velho fez uma formação em informática. No entanto, os sobrinhos são ambos licenciados e têm profissões condicentes com a área em que estudaram. Não considera que os empregados profissionalmente no seu prédio, os vizinhos e os utentes do centro pertençam à família e, relativamente aos últimos, faz esta consideração devido ao facto de não sentir uma grande aproximação.

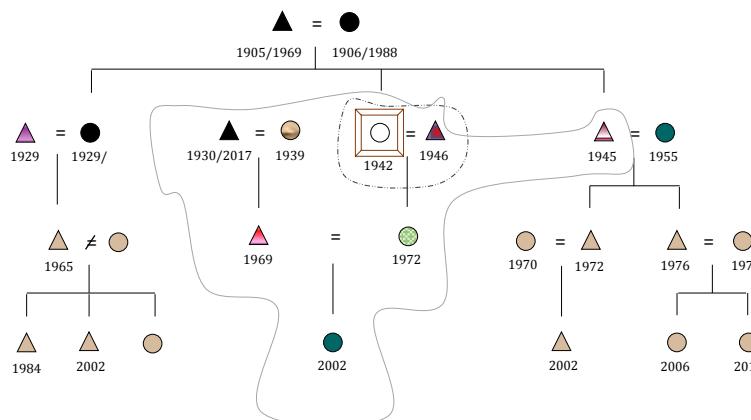
Não se relaciona com indivíduos que morem fora do Bairro do Sagrado Coração de Jesus, a não ser os familiares, os profissionais do centro com residência em diversos locais e os idosos do centro com residência no Bairro de São José, salvo a exceção de uma utente idosa cuja morada se encontra próxima de ambos os bairros. Notamos, pois, a importância do centro para os relacionamentos amicais interlocais, dando-se uma ausência de outros nós amicais residentes fora do bairro onde reside, e para os relacionamentos translocais com os seus profissionais. Observamos, também, a importância de outros serviços prestados no seu bairro, que apesar de possuírem características diferentes daqueles presentes no Bairro de São José<sup>150</sup>, constituem uma das origens das relações intergeracionais translocais de Amália, que se faz acompanhar da rede de profissionais do centro de dia e da rede de parentesco.

Passa grande parte do tempo no Bairro do Sagrado Coração de Jesus não só porque reside no espaço desse bairro e faz ali as compras de produtos alimentares, mas, ainda, porque o centro de dia, apesar de servir, principalmente, idosos residentes no seu bairro e no Bairro de São José, foi ali construído. Para além disso, dá os passeios organizados pelo centro, bem como vai, esporadicamente, visitar o neto à terra onde nasceu, sendo este o local onde o mesmo reside presentemente.

<sup>150</sup> Efetivamente, no espaço ocupado pelo Bairro do Sagrado Coração de Jesus notamos uma predominância em ambos os lados da Avenida da Liberdade de edificações com um maior número de andares, este espaço alberga a casa mãe da *Universidade Autónoma de Lisboa* (sendo que o Bairro de São José não possui qualquer universidade) e alberga uma extensão de serviços levemente presentes no lado Este do Bairro de São José, como os restaurantes e os cafés, ou mesmo inexistentes no mesmo lado, como sejam os bares, as pastelarias, os laboratórios fotográficos e as oficinas automóveis. Notamos maiores semelhanças entre o lado Oeste do Bairro de São José e o Bairro do Sagrado Coração de Jesus, designadamente, no que respeita ao número considerável de restaurantes e cafés.

**Pormenorização das redes e do povoamento das redes e do espaço e.16 (Luísa Cardoso)**

Tem setenta e seis anos e o primeiro ano de liceu do antigo sistema de ensino, faz trabalho profissional de porteira. É casada e vive em casal num apartamento de porteira, situado no lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, uma rua que está integrada no Bairro de Benfica. A família é constituída por dezanove nós. Seis nós compõem a família que considera mais próxima: o marido, a filha, o genro, a neta, a comadre e o irmão. É com estes nós, com exceção do irmão, que tem mais sociabilidades no quotidiano, visto que a filha a visita todos os dias, o genro e a neta, por vezes, acompanham a filha, e a comadre mora no prédio ao lado do seu. Aos sábados ou aos domingos vai, na companhia destes nós de parentesco (ou apenas do marido), almoçar ao *Restaurante Os Piodenses*, assim como passam férias em conjunto todos os anos. Para além do único irmão vivo, relaciona-se com a cunhada (por parte deste). A rede de parentesco compreende, também, o marido da falecida irmã mais velha, o sobrinho e os sobrinhos-netos (por parte desta irmã), mas quando a irmã faleceu distanciou-se do cunhado e, portanto, deixou de se relacionar com esta parte da família.



**LEGENDA:**

- Disponibilidade hipotética de mulheres para a prestação de todos os apoios
- Pequenos apoios instrumentais dados a mulheres e grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais recebidos de mulheres
- ▲ Grandes apoios instrumentais e simbólicos dados a homens e recebidos de homens
- ▲ Grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais recebidos de homens
- ▲ Grandes apoios simbólicos dados a homens
- Pequenos apoios simbólicos dados a mulheres e recebidos de mulheres
- ▲ ● Relações de crispação
- ▲ ● Familiares mortos
- ▲ ● Não foram referidos apoios dados ou recebidos
- Ego
- Configuração do grupo doméstico atual
- D Família mais próxima a nível das representações

Figura 73 – Genealogia de Luísa Cardoso (p.e.16)

Por conseguinte, relaciona-se com o marido, com quem trocou grandes apoios simbólicos, em momentos de doenças muito graves, e continua a trocar, em alturas de doenças menos graves, e com quem troca grandes apoios instrumentais, por meio do preenchimento da bolsa conjugal com os rendimentos de ambos, mas faz a maioria das tarefas domésticas e o marido

realiza uma parte das limpezas do prédio. Relaciona-se também com a filha e com o genro, que lhe deram grandes apoios simbólicos na mesma situação de doença muito grave e continuam a prestar-lhe apoios, como sejam pequenos apoios instrumentais, quando lhe tratam, regularmente, dos assuntos bancários e das compras para a casa ou a transportam de carro para juntos fazerem outras compras de que necessita, visto que esta idosa tem problemas de mobilidade. Recentemente, encontrou-se com uma depressão nervosa e a filha procurou a medicação necessária para a resolução do problema, que aconteceu relativamente depressa. Retribui estes apoios, quando toma, raramente, conta da neta e oferece, esporadicamente, pequenas quantias de dinheiro à filha, contudo, afirmou que esta não precisa dessas quantias para pagar as suas despesas.

Também considera que a comadre largava tudo no caso de precisar de apoios, até porque são, desde 2015, vizinhas muito próximas espacialmente. “(...) *Quer dizer, se eu precisar... se eu agora precisasse e dissesse assim: 'Ai comadre estou coisa...'; ela era pessoa para largar logo tudo e vir (...) agora graças a Deus nunca precisei assim.*” (Luísa Cardoso, 76 anos, lado Noroeste da Rua dos Arneiros). Dá grandes apoios simbólicos ao irmão, que mora em Alenquer, quando conversam, praticamente, todas as semanas ao telefone, visto que este tem de fazer hemodiálise diariamente, por motivo da doença da diabetes, e troca pequenos apoios simbólicos com a mulher do irmão, quando também conversam ao telefone, mas há algum tempo que não os vê, bem como não vê os sobrinhos e os sobrinhos-netos também há algum tempo.

Luísa e o marido não obtiveram formações académicas. A filha de ambos é licenciada em Informática e o genro também terminou a sua licenciatura. No entanto, o irmão e a cunhada não são licenciados e os sobrinhos não atingiram, igualmente, este grau académico.

Salientou vinte e um nós amicais residentes no interior do bairro. Estes nós amicais contemplam doze idosas, cuja maioria reside na vizinhança, mas fora do seu prédio, são idosas mais velhas que Luísa e uma destas é Maria Teresa Castro (r.e.23); seis idosas do grupo da igreja, que nem todas residem na vizinhança, mas são também mais velhas; Conceição Santos (r.e.3), uma idosa, que reside no seu prédio, e um casal de idosos residentes perto do seu prédio, do lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros. Troca pequenos apoios simbólicos com todos estes nós amicais mais próximos. Troca, ainda, pequenos apoios instrumentais com Conceição Santos, formalizados em ofertas recíprocas de pequenos-almoços, e grandes apoios simbólicos com Maria Teresa Castro, a quem deixa uma chave do apartamento quando vai de férias, durante o verão, e de quem recebeu estes apoios em situações de doença gravíssima, mas, muito recentemente, apoiou esta idosa, porque a mesma se encontrou muito doente. Das redes de conhecimento residentes no interior do bairro referiu vinte e seis indivíduos (mais distantes): dezanove residentes idosos (quinze mulheres e quatro homens) do lado Noroeste da Rua dos Arneiros, a quem apenas cumprimenta, e sete indivíduos com quem troca pequenos apoios simbólicos, a saber uma adulta residente deste mesmo lado da “primeira praceta” da rua, dois casais de idosos que residem no lado Nordeste da “primeira praceta” da mesma rua e dois vizinhos adultos, cada um residente em cada um dos lados da “primeira praceta” da rua.

No que respeita aos antigos proprietários e empregados do comércio tradicional do bairro referiu uma adulta<sup>151</sup> que esteve empregada numa padaria situada na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros (*Padaria A Florescente*), bem como o idoso proprietário de uma mercearia que deu lugar à *Primeira Praceta Cafetaria*, sendo, presentemente, tanto proprietário da cafetaria como senhorio. Quando teve a mercearia este proprietário ofereceu-se, muitas vezes, para lhe dar grandes apoios instrumentais, ao apresentar disponibilidade para lhe vender fiado enquanto precisasse, tendo sido, igualmente, um vizinho

<sup>151</sup> Esta adulta residiu, de 1987 a 2007, num andar situado na “primeira praceta” do lado Nordeste da Rua dos Arneiros, onde foi porteira. Quatro anos antes de mudar de local de residência foi trabalhar para o atendimento ao público dessa padaria instalada no prédio ao lado do seu, onde continuou a exercer as mesmas funções até 2016.

que residiu num prédio muito próximo do seu, a quem cumprimentou e com quem falou um pouco. As relações de vizinhança com este nó acabaram em 2017, altura em que o mesmo mudou de residência, mas prevaleceram, durante vários anos, sobre as relações comerciais, porque o mesmo já não fazia trabalho profissional. Nesta passagem da entrevista contou os apoios instrumentais que lhe foram oferecidos pelo proprietário da mercearia e os grandes apoios simbólicos que recebeu (e recebe) de Maria Teresa Castro (r.e.23), mas salientou a importância dos apoios prestados pelas redes conjugal e de descendência (ou filiação):

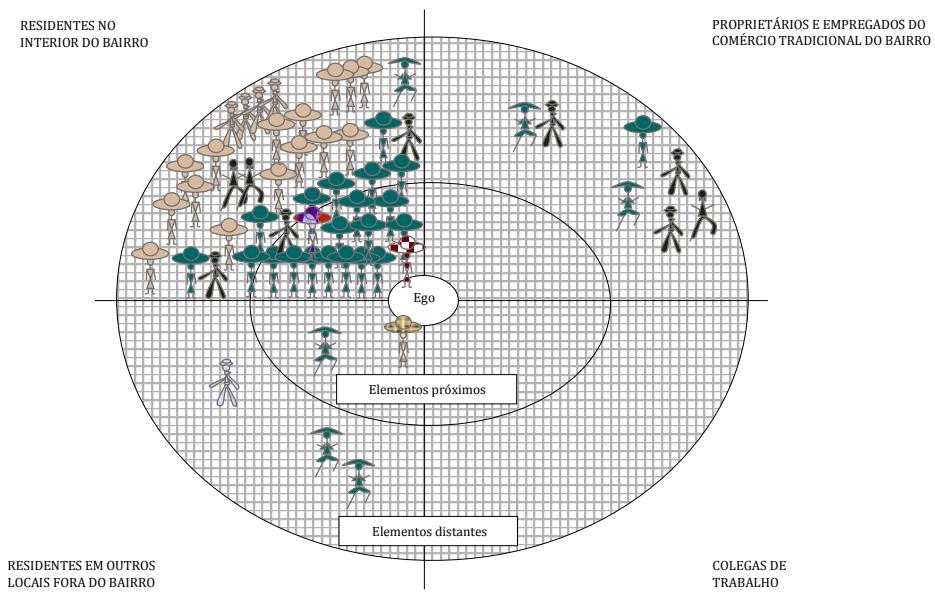
*“(...) Quando vou de férias é ela sempre que (...) fica sempre com a chave, também é a única pessoa e... de resto, a minha chave não dou assim a ninguém (...) de resto, nunca... nunca precisei, graças a Deus (...) porque quando preciso tenho a minha filha (...) quando preciso é com a minha filha que conto sempre, por isso, só na última é que eu ia pedir assim a mais alguém (...) até quando eu tive doente, tão doente, tão doente, a Dona Maria Teresa vinha aqui a toda a hora e o meu marido nunca a deixou fazer nada (...) Ela toda zangada: ‘Vá lá! Ele não quer nada!’ Ele lavava a roupa, ele engomava, ele fazia tudo. Nunca... nunca... Está a perceber? Somos assim. Só mesmo quando não podemos (...) O meu marido esteve doente, andava a minha filha na escola, esteve um ano doente em casa, o Senhor Alves tinha lá o lugar (...) e eu lembro-me de ele me dizer assim muitas vezes: ‘Oh Dona Luísa veja lá, se não puder pagar não pague!’. E eu disse: ‘Não, não. Se não houver para pão não se come!’ Disse-lhe sempre. Nunca pedi nada a ninguém. E ele dizia-me sempre: ‘Dona Luísa veja lá. Veja lá se precisa!’. Porque era só eu a trabalhar nessa altura... Porque agora já há estes subsídios todos, mas nessa altura em que o meu marido teve doente, teve doente, não se recebia nada! Era só o meu ordenado!” (Luísa Cardoso, 76 anos, lado Noroeste da Rua dos Arneiros).*

Também relativamente aos proprietários e aos empregados do comércio tradicional do bairro, apesar de referir, somente, a antiga empregada na padaria e o proprietário da antiga mercearia e da atual *Primeira Praceta Cafetaria*, com quem continua a relacionar-se menos regularmente, notamos que troca pequenos apoios simbólicos com o casal (de uma adulta e um idoso) que arrendou esta mesma cafetaria e com quatro (irmãos) sócios (dois idosos, uma idosa e uma adulta) do *Restaurante Os Piodenses*, que ali trabalham, bem como com um dos seus empregados adultos. Estas lojas de comércio tradicional são as que mais frequenta e situam-se na “primeira praceta” da Rua dos Arneiros ou muito próximo desta.

As redes amicais residentes fora do bairro são compostas por dois nós mais próximos e três nós mais distantes. Os nós mais próximos são a filha adulta de Maria Teresa Castro (r.e.23), bem como a patroa (madrinha de batismo da filha e muito sua amiga) que a empregou e lhe assegura poder ficar na casa onde reside enquanto quiser, mesmo que deixe de trabalhar aí enquanto porteira. *“(...) A senhoria diz que eu nem que dure até aos cem anos posso estar... (...) ela também é madrinha da minha filha, é como sendo família (...) então ela diz: ‘Nem que seja até aos cem anos...’. Quando eu não puder... ‘Pago a quem me limpe a escada...’. Mas eu estou aqui!” (Luísa Cardoso, 76 anos, lado Noroeste da Rua dos Arneiros).* Os nós amicais mais distantes são a antiga empregada adulta daquela padaria da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, a filha adolescente da mesma e o proprietário da *Primeira Praceta Cafetaria*. Considera que todos os amigos são, praticamente, da família, uma vez que nutre um sentimento forte pelos mesmos, mas considera que apenas a patroa é exatamente da família. Uma parte reduzida dos amigos, que residem dentro e fora do bairro, realizou trajetos académicos.

Um antigo profissional do comércio tradicional da rua, integrado agora nas redes amicais residentes no exterior do bairro, fez-lhe propostas sobre a prestação de grandes apoios instrumentais e, atualmente, a patroa mostra a mesma disponibilidade. A prestação e a disponibilidade hipotética para a prestação de grandes apoios instrumentais surgiu e surge, então, integrada

no enquadramento do comércio tradicional do bairro e no enquadramento profissional (que não deixam, por isso, de ser amicais).



LEGENDA:

ATORES/AGENTES:



APOIOS DADOS E RECEBIDOS:

Grandes apoios simbólicos dados a mulheres e recebidos de mulheres	Pequenos apoios simbólicos dados a mulheres e recebidos de mulheres	Propostas sobre a prestação de grandes apoios instrumentais recebidas de homens
Grandes apoios instrumentais dados a mulheres e recebidos de homens	Pequenos apoios simbólicos dados a homens e recebidos de mulheres	
Pequenos apoios instrumentais dados a mulheres e recebidos de homens	Não foram referidos apoios dados e recebidos	

Figura 74 – Mapa das redes amicais e de conhecimento de Luísa Cardoso (p.e.16)

Deste modo, a rede social da entrevistada possui, no total, setenta e oito nós, que se encontram distribuídos pela rede de parentesco, pelas redes amicais residentes no interior do bairro, pelas redes de conhecimento também aí residentes, pelas redes de indivíduos que fazem trabalho profissional no interior do bairro e pelas redes amicais residentes no exterior do bairro. Estas redes englobam, praticamente, metade de elementos do género masculino relativamente ao género feminino,

tal como englobam, praticamente, quatro vezes mais idosos que adultos. As crianças e os adolescentes, que completam, sensivelmente, metade dos adultos, estão, principalmente, concentrados na rede familiar. Notamos, ainda, que a entrevistada centra os apoios prestados na família e em duas vizinhas, mas, para além de receber apoios familiares e destas mesmas duas vizinhas, também os recebeu de um nó das redes profissionais, bem como obteve propostas sobre a prestação de grandes apoios instrumentais de um proprietário do comércio tradicional e obtém uma disponibilidade hipotética para a prestação destes apoios do mesmo nó das redes profissionais. Se os pequenos apoios instrumentais são retribuídos ao nó amical de quem os recebe, existem prestações de grandes apoios instrumentais, propostas e uma disponibilidade hipotética para a prestação destes apoios que não são retribuídas do mesmo modo, o que permite observar que a entrevistada recebe mais de certos nós da rede do que dá aos mesmos nós, visto que estes possuem mais condições para dar do que a entrevistada.

Concentra as atividades, sobretudo, no bairro e, mais precisamente, na *Primeira Praceta Cafetaria*, onde bebe café depois do almoço, no *Restaurante Os Piodeses*, onde almoça todas as semanas, e na *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*, onde se reúne com o seu grupo de amigas da igreja. Porém, sai, esporadicamente, com a filha de carro para tratarem de assuntos importantes e vai todos os anos de férias para locais dentro do país, sendo que privilegia a Fonte da Telha, onde tem uma casa. Além disto, desempenha trabalho profissional de porteira, com certas ajudas do marido, no mesmo prédio onde reside, apesar de só conseguir andar com o auxílio de uma bengala, visto que tem problemas de mobilidade. O espaço urbano aberto e menos íngreme do Bairro de Benfica permite, de facto, um povoamento que não se circunscreve aos locais situados perto da habitação, como a *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*, regularmente frequentada pela idosa, apesar dos acentuados problemas de mobilidade que esta mesma idosa possui.

**Pormenorização das redes e do povoamento das redes e do espaço e.18 (Paulo Barros)**

Tem noventa e três anos e a quarta classe do antigo sistema de ensino, terminou a carreira como encarregado de pedreiro. É viúvo e vive só num apartamento da Rua do Telhal, situada no lado Este do Bairro de São José. A parentela é composta pelo filho, pela nora, pelos netos, bem como pela irmã e pela descendência desta (os sobrinhos e os sobrinhos-netos). Troca pequenos apoios simbólicos com o filho, a nora, os netos, a irmã e os sobrinhos. Recebe pequenos apoios instrumentais e simbólicos do filho, quando o mesmo o transporta para a terra-natal, onde aproveita para visitar a irmã e estar com os sobrinhos, e fica aí a fazer-lhe companhia ou quando este o vai buscar a São José e o convida para ir a sua casa ou para dar um passeio ao Magoito, ao Cabo da Roca ou à Ericeira. Deu também grandes apoios instrumentais ao filho e à nora, durante o primeiro ano de casamento, ao permitir que ambos residissem na sua casa. Este idoso é o único entrevistado que partilhou grandes apoios instrumentais com um elemento da rede de fratria, tendo a irmã realizado uma prestação destes grandes apoios por intermédio de serviços gratuitos que, normalmente, requerem um pagamento, formalizados no transporte braçal de pedras para a construção de duas casas e tendo Paulo oferecido metade de um bem bastante dispendioso (uma casa no campo) na altura das partilhas, que aconteceram depois do falecimento da mãe, como contou neste excerto da entrevista (Paulo Barros, 93 anos, lado Este do Bairro de São José):

*“Entrevistador: Com quem pode ou pôde contar na família e para quê? Pôde contar muito com a irmã, por exemplo, estava-me a contar isso... Pode explicar um bocadinho?*

*Entrevistado: Então, com a minha irmã posso contar a amizade que temos tido. Claro, o resto ela tem que fazer a vida dela e eu tenho que fazer a minha, conforme podemos. Com os sobrinhos é mais ou menos igual, quando nos encontramos falamos sempre muito bem e quando telefonamos uns aos outros... e é assim...*

*Entrevistador: E em que é que pôde contar com a irmã? Em que “coisas” é que pôde contar com a irmã?*

*Entrevistado: É quando vou lá... se ela não calha a ir mesmo lá à aldeia, que há lá a igreja, vou depois a casa dela ou assim, vamos lá um bocado falar com ela.*

*Entrevistador: Mas a irmã já o ajudou?*

*Entrevistado: Ajudou muito, ajudou muito.*

*Entrevistador: Em quê? Em que é que o ajudou?*

*Entrevistado: No tempo em que eu fiz a primeira casa ajudou-me muito. E mais tarde, como já disse, quando foi a doença da minha mãe também ajudou muito, ajudou.*

*Entrevistador: E na altura da casa ajudou em quê?*

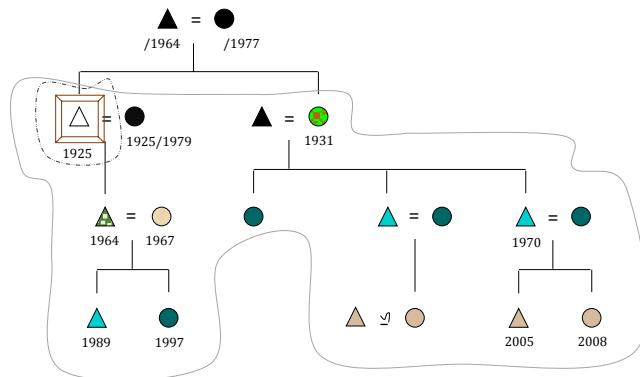
*Entrevistado: A acatar pedra e a chegar o material para ao pé dos pedreiros. Ajudou muito, muito.*

*Entrevistador: E ajudou tomando conta da mãe?*

*Entrevistado: (...) E ela depois ficou na casa que era, pronto, da minha mãe. Era ela mais é que fazia alguma coisa à minha mãe, embora eu, como eu já disse... de vez em quando ela ainda vinha cá, às vezes, a minha mãe, uns meses ou assim, mas o maior tempo foi da minha irmã, que eu reconheço isso. Por tal motivo, como já disse, quando chegou a altura da partilha da casa, eu disse que não queria nada a casa (...).*

Toda a composição da parentela entra na seleção dos familiares mais próximos, visto que considera que todos os membros da família lhe são próximos e diz não fazer qualquer distinção em termos da proximidade que sente de cada um destes. Não possui familiares com formação académica, uma vez que a irmã fez apenas a terceira classe do antigo sistema de ensino, o filho e a nora completaram o ensino secundário e os sobrinhos também não enveredaram pela via académica.

Tendo em consideração que partilhou grandes apoios instrumentais com a irmã e prestou-os ao filho e à nora, o povoamento da rede de parentesco englobou a partilha e a dádiva de grandes apoios instrumentais, respetivamente, com um elemento da rede de fratria e à rede de filiação, bem como a um nó com esta última relacionado.



LEGENDA:

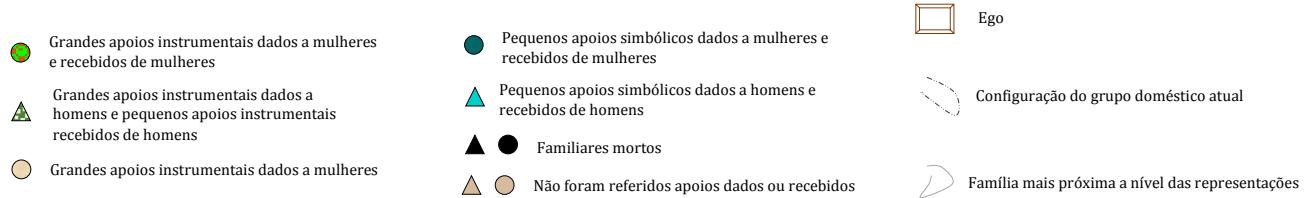


Figura 75 – Genealogia de Paulo Barros (p.e.18)

As redes amicais residentes no interior do bairro são compostas por Miguel Brogueira (r.e.20), que não pertence às redes vicinais e com quem troca, unicamente, pequenos apoios simbólicos, bem como são compostas por sete idosas, entre as quais Cristina Patrício (r.e.27), Henriqueta Carvalho (r.e.6), Manuela Gomes (r.e.5), Teresa Canas (r.e.7) e Rita Negreiro (r.e.29), que também não pertencem às redes vicinais, com quem formou laços de amizade (porque, quando frequentou as aulas de Português e Ginástica da antiga *Junta de Freguesia de São José*, conheceu algumas destas idosas que lhe apresentaram mais pessoas) e de quem recebeu grandes apoios simbólicos, em situação de um problema grave na coluna. Priva com o idoso que integra estas redes nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade, juntamente com as sete idosas. Considera que estas idosas são ‘mais ou menos’ da família, mas não considera serem, efetivamente, da família. Os elementos que desenvolvem trabalho profissional dentro do bairro incluem um casal de proprietários de uma mercearia, situada na Rua de São José, e quatro profissionais da atual *Junta de Freguesia de Santo António* – o presidente, a coordenadora do *Departamento de Ação Social* e as professoras das aulas de Português e Ginástica – que lhe deram pequenos apoios instrumentais quando frequentou estas mesmas aulas. O trecho da entrevista (Paulo Barros, 93 anos, lado Este do Bairro de São José) dá conta de parte das suas realidades amicais:

“Entrevistador: (...) Falou sobre as dores de coluna com alguém?

Entrevistado: Pois, pois falei (...). Talvez fosse bom ir fazer um bocado de fisioterapia’ e, na verdade, senti que aliviou um bocadinho. Claro, isto ir embora terei de ir, mas sinto que aliviou um bocado.

Entrevistador: E foi uma destas sete pessoas mais próximas ou mais que uma?

*Entrevistado: Foi talvez mais que uma. Ali na Avenida em conversa para aqui, para ali, talvez isto passe melhor com um bocado de tratamento, não sei que mais, lá põem umas coisas quentes... e eu parece que fiquei contente com isso (...) Às vezes perguntavam, ainda hoje é normal, se está melhor ou assim, mas é passageiro.*

*Entrevistador: E são, principalmente, estas sete pessoas mais próximas que perguntam ou há outras que também perguntam?*

*Entrevistado: Não, não se prolongam essas conversas...*

*Entrevistador: (...) Estava-me a dizer que aqui no bairro não tem amigos mais novos, mas eu estava-me a lembrar da professora de Ginástica, da Doutora Inês [coordenadora do Departamento de Ação Social]...*

*Entrevistado: Ah sim! Pronto, pronto! Tá bem, tá bem, tá bem.*

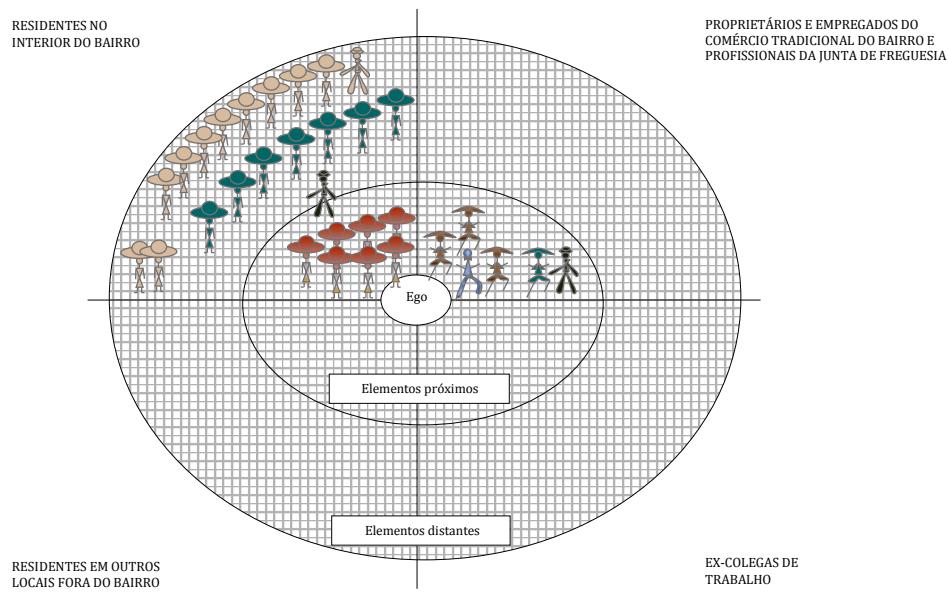
*Entrevistador: São amigas?*

*Entrevistado: Sim, sim! Ah isso! Ah isso sim! E o Presidente... Nunca passa por mim que não me cumprimente e eu às vezes vou assim um bocado e nem o vejo bem e ele é que se volta para mim: 'Sr. Paulo, então? Está bem-disposto?' e não sei que mais. Sim! Sim! Sim! Também sinto essas pessoas como amigas. ”.*

As redes de conhecimento residentes no interior do bairro integram dezoito nós, dos quais sete nós preenchem as relações de vizinhança. O grupo de idosos que se reúne nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade é formado por três idosas, com uma presença quotidiana (diária), bem como quatro idosas e um idoso, com uma presença um pouco menos regular (inconstantemente trisseminal) e o entrevistado incluiu nas suas redes amicais estes elementos do grupo. Contudo, existem, sensivelmente, mais onze idosos (um idoso e dez idosas) que não integram o grupo, mas misturam-se, muito ocasionalmente, com este nos bancos de jardim, durante um curto intervalo de tempo, e estes onze idosos pertencem às redes de conhecimento dos oito primeiros. Para além disso, observamos nas redes sociais deste idoso uma inexistência de amigos e conhecidos residentes no exterior do bairro.

As redes sociais deste entrevistado perfazem um total de quarenta e seis nós, distribuídos pela rede de parentesco, pelas redes amicais residentes no interior do bairro, pelas redes de conhecimento também aí residentes e pelas redes de indivíduos que fazem trabalho profissional no interior do bairro. Os elementos que integram estas redes sociais não possuem formação académica, com exceção de certos profissionais da junta de freguesia. Estas redes sociais englobam, aproximadamente, quatro vezes mais elementos do género feminino que do género masculino, assim como englobam, praticamente, o dobro de idosos em relação aos adultos. As crianças e os adolescentes, que completam metade dos adultos, estão concentrados na rede familiar. Este investigado relaciona-se, principalmente e quotidianamente, com mulheres idosas residentes no bairro, até porque nas atividades em que se incluiu e inclui existe uma grande prevalência de mulheres idosas, sendo as suas relações intergeracionais menos comuns e, geralmente, mantidas no contexto das interações com os elementos da junta de freguesia, do comércio tradicional e com certos membros do seio familiar. No entanto, este idoso dá, unicamente, grandes apoios aos elementos da família, apesar de não só os receber da família, como também os obter das redes amicais residentes dentro do bairro, sendo evidentes os grandes apoios instrumentais concedidos a elementos da família e os grandes apoios simbólicos recebidos de, praticamente, todos os elementos que constituem as redes amicais residentes dentro do bairro. Relativamente às mesmas redes amicais, constituídas, sobretudo, por indivíduos que integraram ou integram a categoria socioprofissional dos empregados executantes, não observámos que este idoso sofresse de ausência de integração no grupo, nem assistimos a discrepâncias ou afastamentos relacionais, apesar deste idoso ter integrado a categoria socioprofissional dos profissionais

técnicos e de enquadramento e, até nas aulas de Português da antiga *Junta de Freguesia de São José*, ter mais facilidades nas expressões escrita e oral que os outros utentes.



LEGENDA:

ATORES/AGENTES:



APOIOS DADOS E RECEBIDOS:

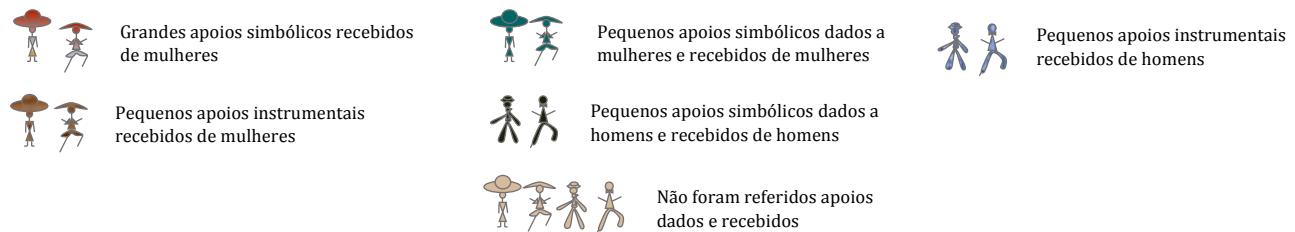


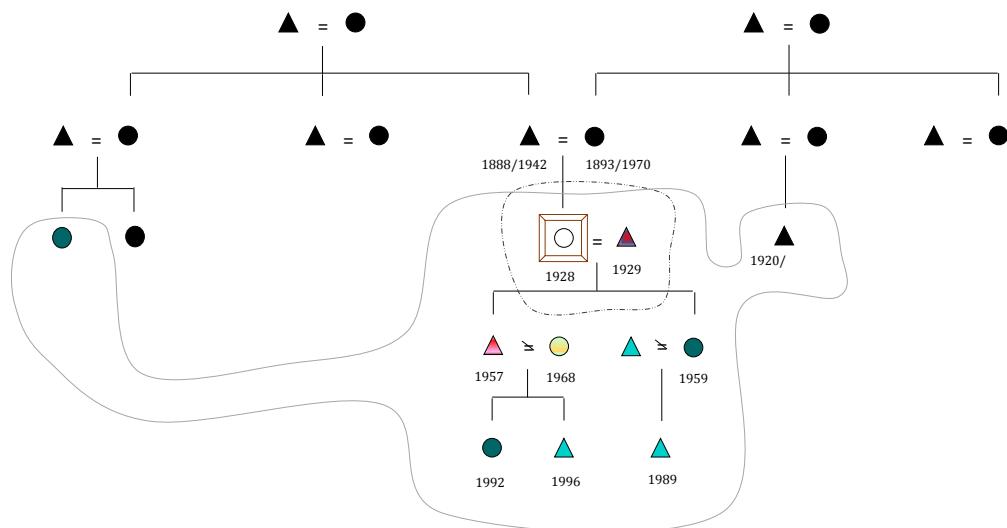
Figura 76 – Mapa das redes amicais e de conhecimento de Paulo Barros (p.e.18)

Ocupa o quotidiano, principalmente, nos espaços do bairro, como são as lojas de comércio tradicional, os bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade e ambas as igrejas, mas também povoá, com bastante esforço, o Campo Santana e o supermercado *Pingo Doce*, que pertencem ao Bairro do Sagrado Coração de Jesus. De facto, é com esforço que os idosos residentes em São José, tendencialmente com idades muito avançadas, se afastam do domicílio para espaços pertencentes a outros bairros contíguos. Os bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade são espaços com uma funcionalidade crucial para este idoso, no que respeita ao povoamento do espaço localizado próximo do domicílio, uma vez que, se o estado do tempo ajudar, lhe permitem passar quase toda a tarde fora e, quando o estado do tempo não ajuda, as paragens de autocarro existentes na

Avenida da Liberdade, mais abrigadas da chuva e do vento, têm também esta mesma funcionalidade crucial de permitir as saídas prolongadas do domicílio para um espaço ali próximo. Deste modo, o idoso frequenta, geralmente todos os dias, os bancos (de jardim) ou as paragens de autocarro da Avenida da Liberdade, dependendo do estado do tempo que se faz sentir nos diferentes momentos do povoamento do espaço desta avenida. Paulo diz não ter amigos, nem conhecidos, residentes no exterior do bairro uma vez que, embora vá na companhia do filho para uma casa que possui na terra-natal (no Conselho de Abrantes), já não conhece praticamente ninguém. Além de ir à terra-natal, passeia com o filho em locais relativamente perto de Lisboa e vai para a casa deste. Porém, conheceu, por intermédio de viagens que fez sozinho no seu automóvel, depois de enviduar, lugares de Portugal que se situam muito longe da cidade de Lisboa.

**Pormenorização das redes e do povoamento das redes e do espaço e.21 (Madalena de Sousa)**

Tem noventa anos e o Curso Comercial, ultimou a carreira profissional como administrativa. É casada com Fernando de Sousa (r.e.22) e vive em casal num apartamento situado no lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, esta rua encontra-se integrada no Bairro de Benfica. A família que considera mais próxima é composta pelo marido, pelos dois filhos (um adulto e uma adulta), pelos três netos (uma adolescente e dois adolescentes), por uma prima idosa e um primo que já faleceu. Inclui o primo devido à enorme influência que este possuiu no seu curso de vida. Não referiu mais familiares vivos, além dos outros sete nós. Troca pequenos apoios simbólicos com o marido, os filhos, os netos e a prima, formalizados em sociabilidades e conversas telefónicas, sendo que a filha, os netos e a prima lhe dão, unicamente, estes apoios, quando todos a visitam no seu apartamento e lhe telefonam e, como acontece com a filha e, raramente, com os netos, mas nunca com a prima, quando passam férias juntos. Troca grandes apoios instrumentais com o marido, visto que faz, diariamente e parcialmente, as tarefas domésticas e o mesmo financia praticamente todas as despesas com a casa e os alimentos, bem como troca grandes apoios simbólicos com este, quando ambos se acham fisicamente diminuídos. Recebe, esporadicamente, grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais do filho, quando este lhe dá apoio moral em situações delicadas e a acompanha de carro ao médico ou a outros locais. O mês de agosto é a altura do ano em que se encontra, presencialmente, com a filha, porque esta mora na Alemanha (Dortmund), mas conversam regularmente ao telefone, neste país mora também o neto (por parte desta), que visita Portugal menos vezes. Ambos os filhos são licenciados e trabalham profissionalmente como ator e pintora, tal como lecionam essas áreas, sendo que a filha tem duas licenciaturas, porque fez uma Licenciatura em Direito antes de se formar na área da Pintura, e os dois netos mais velhos também concluíram as licenciaturas com êxito.



**LEGENDA:**

- Grandes apoios simbólicos e instrumentais dados a homens e recebidos de homens
- Grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais recebidos de homens
- Grandes apoios simbólicos dados a mulheres

- Pequenos apoios simbólicos dados a mulheres e recebidos de mulheres
- Pequenos apoios simbólicos dados a homens e recebidos de homens
- Grandes apoios simbólicos dados a mulheres

▲ ● Familiares mortos

□ Ego

○ Configuração do grupo doméstico atual

○ Família mais próxima a nível das representações

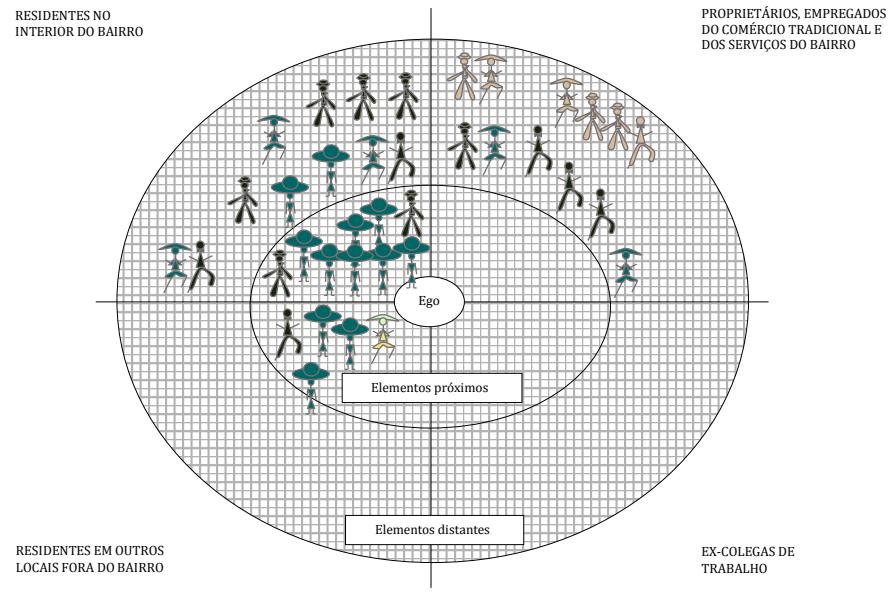
Figura 77 – Genealogia de Madalena de Sousa (p.e.21)

As redes amicais residentes em prédios diferentes do seu (localizados, sobretudo, na mesma praceta, apesar da rede incluir uma idosa residente na terceira praceta e um idoso que se mudou para outra zona do bairro) são formadas por cinco idosas e dois idosos, todos estes nós são frequentadores diários da *Primeira Praceta Cafetaria*, com uma exceção que frequenta a cafeteria esporadicamente, e considera-os mais próximos. Destes sete amigos mais de metade são indivíduos licenciados. As redes que residem no mesmo prédio englobam conhecidos, ou seja, indivíduos considerados mais distantes (duas idosas, quatro idosos, três adultas e dois adultos), com exceção de duas idosas mais próximas (uma idosa que também frequenta a cafeteria e uma outra que não a frequenta). De qualquer modo, troca pequenos apoios simbólicos com todos os mesmos nós, tanto mais próximos como mais distantes, das redes sociais residentes dentro do bairro. Destacou mais seis nós do comércio tradicional (papelaria, mercearia, cabeleireiro, talho e calista ao domicílio) com quem se relaciona com uma certa frequência, mas conhece, também, seis nós (da restauração) que não incluiu nas suas redes sociais. Na passagem da entrevista (Madalena de Sousa, 90 anos, lado Nordeste da Rua dos Arneiros) mencionou uma parte da composição e das funções das suas redes de relacionamento vicinal:

*“Agora dou-me muito é no café com várias pessoas (...) a Engenheira Duque, aqui a Dona Sara do prédio também (...) a mãe do Bruno, pronto, e da Ana (...) com essa dou-me muito, temos muitas afinidades, ela gosta muito de livros, eu também, trocamos muitas impressões. Há uma senhora... uma senhora muito simples mas de quem eu gosto muito que é uma Dona Etelvina que vai também ali ao café, já de idade, uma Dona Etelvina que mora aqui nos prédios em frente, é capaz de conhecer (...) E acho que isto é um bairro que tem muito de humano, quer dizer, as pessoas conhecem-se umas às outras e sabem os problemas, não é por bisbilhotice é porque, realmente, gostam das pessoas. E também me dou com o Senhor Fausto, às vezes não concordo muito com certas coisas dele, mas pronto... mas é boa pessoa (...) Ah! Tenho um relacionamento muito bom com os merceeiros (...) O homem do talho é novo, ele... a esse... telefone-lhe só para ele me mandar carne (...) Mas tenho uma vida sossegada, calma e acho isto agradável (...) Ajudas francamente eu não tenho tido, graças a Deus, só apoio um bocado moral (...) A Cláudia e pessoas aqui do prédio também com quem eu me dou muito bem, a Dona Sara também conhece quem é, a mãe do João Teixeira, também me dou muito bem com ela, a Mariana Rita aqui também, desde há muitos anos (...).”*

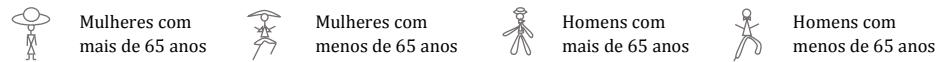
As conversas telefónicas são as mais importantes interações que tem com as redes amicais residentes no exterior do bairro. No entanto, encontra-se, pontualmente, com a ex-mulher do filho, a quem prestou grandes apoios simbólicos, ao concordar que continuasse a usar um dos sobrenomes da família para fins profissionais, e com a mãe desta, o que não acontece com o ex-marido da filha porque conversam ao telefone, unicamente, por altura dos aniversários. A ex-mulher do filho e a mãe desta possuem formações académicas. Considera que as mesmas integram a sua família, assim como o ex-marido da filha. Presentemente, estes são os únicos nós das redes amicais, pois ambos os filhos estão divorciados, que considera pertencerem à família. As suas redes amicais contêm também duas amigas antigas (uma mais próxima e outra mais distante), dos tempos em que viveu em África com o marido, mas as conversas telefónicas são as únicas interações que mantém com as mesmas. O próximo trecho (Madalena de Sousa, 90 anos, lado Nordeste da Rua dos Arneiros) mostra as interações com os últimos dois nós amicais:

*“Estão dispersas, mas tenho... a Isabel que vive em Aveiro (...) as pessoas que estiveram connosco em África ainda se dão comigo, pelo menos por telefone (...) falamos de vez em quando, há mais... há mais uma outra, a Amália que acho que agora está com uma depressão, não sei, tenho de lhe telefonar qualquer dia (...) pelo menos pelo Natal falamos sempre (...) Elas não vêm a Lisboa e eu também não vou à terra delas (...).”*



LEGENDA:

ATORES/AGENTES:



APOIOS DADOS E RECEBIDOS:



Figura 78 – Mapa das redes amicais e de conhecimento de Madalena de Sousa (p.e.21)

No total as suas redes sociais são compostas por quarenta e quatro indivíduos, distribuídos pela rede familiar, pelas redes amicais residentes no interior do bairro, pelas redes de conhecimento também ali residentes, pelas redes de indivíduos que executam trabalho profissional dentro do bairro e pelas redes amicais residentes no exterior do bairro. Estas redes sociais englobam um número idêntico de elementos do género masculino e de elementos do género feminino, bem como um número idêntico de idosos e adultos, sendo que as mesmas redes não incluem crianças e os (três) adolescentes aqui incluídos estão concentrados na rede de parentesco. Notamos que os apoios que excedem os pequenos apoios simbólicos são recebidos no

contexto familiar e são prestados neste mesmo contexto, ainda que num dos casos (da ex-mulher do filho, que continua a ser considerada da família) se trate de um nó de parentesco subjetivo.

As atividades diárias são passadas, durante a manhã, no comércio tradicional do bairro, do qual se destaca a *Primeira Praceta Cafetaria* e, raramente, o *Restaurante Os Piodenses*. Também durante a manhã tem, accidentalmente, sociabilidades de rua que acontecem, sobretudo, com as vizinhas idosas do prédio onde mora. Estas atividades acontecem perto do local de residência, uma vez que Madalena tem impossibilidades derivadas da idade que não lhe permitem andar muito a pé. Efetivamente, o espaço urbano da Rua dos Arneiros encerra um pouco de ingremidade que dificulta o povoamento dos idosos mais velhos. Durante a restante parte do dia fica em casa com o marido e em determinados fins-de-semana o filho e os netos (por parte do filho) vão visitá-los. Até recentemente, altura em que a saúde do marido ficou mais fragilizada, apesar de sair, raramente, do bairro, foi assistir com o marido a espetáculos de teatro, onde o filho entrou, e foi almoçar fora com o marido, o filho e, muito esporadicamente, os netos (por parte do filho). Para além disso, ao longo de uma ou duas semanas do mês de agosto passou férias com o marido na casa de campo do casal (situada na Cernadela), ao qual, frequentemente, se juntaram ambos os filhos ou um destes.

#### **Pormenorização das redes e do povoamento das redes e do espaço e.22 (Fernando de Sousa)**

Tem oitenta e nove anos e um Doutoramento em Biologia, terminou a carreira como diretor de um centro de investigação. É casado com Madalena de Sousa (r.e.21) e vive em casal num apartamento situado no lado Nordeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, uma rua incluída no Bairro de Benfica. A rede de parentesco com quem interage é apenas composta pela mulher, pelos dois filhos (um filho e uma filha) e os três netos (dois adolescentes e uma adolescente), uma vez que não conhece uma parte da família e não tem contacto com os restantes membros que conhece, notando-se uma crise recente com um dos mesmos. Troca grandes apoios instrumentais com a mulher, visto que financia quase todas as despesas com a casa e os alimentos, apesar de esta fazer, diariamente e parcialmente, as tarefas domésticas, com recurso a uma empregada doméstica, bem como troca grandes apoios simbólicos com a mesma, quando se encontram com a saúde mais fragilizada. A filha mora numa cidade da Alemanha (Dortmund) e só anualmente (durante o mês de agosto) viaja até Portugal, mas conversam ao telefone regularmente. Neste país mora também um neto (por parte da filha) com quem raramente se encontra. Recebeu grandes apoios simbólicos de ambos os filhos, quando o aconselharam a ir para o hospital curar-se de doenças graves. “*Em duas ocasiões... As duas ocasiões em que me hospitalizaram, uma das vezes foi o Jorge, da segunda vez foi o Jorge... Disse: ‘Olha, tu vais ficar já, já no hospital!’. E da outra vez foi a Ana: ‘Tu não estás capaz! Vai já para o hospital!’. Maneira que graças a eles é que fui hospitalizado e eu detesto hospitais! Detesto hospitais!*” (Fernando de Sousa, 89 anos, lado Nordeste da Rua dos Arneiros). Deu grandes apoios instrumentais aos filhos, quando ofereceu uma pequena vivenda a cada um, tendo dado o carro ao filho. Desde que lhe ofereceu o carro, em 2015, o filho marcou as consultas e acompanhou-o, durante um intervalo de três meses, ao *Hospital da Luz* para fazer um *check-up* e trata, sempre que é necessário, dos levantamentos de dinheiro. Agora, continua a prestar grandes apoios instrumentais aos filhos, quando dá uma mesada a cada um, o que já aconteceu no passado, uma vez que ambos estão a seguir carreiras artísticas (de ator e pintora) de certo modo periclitantes, apesar do sucesso obtido e da complementação das carreiras com o ensino. De qualquer modo, troca pequenos apoios simbólicos com todos os elementos da rede de parentesco com quem se relaciona, quando se encontram ou conversam ao telefone, até porque o filho e os dois netos (por parte deste) visitam-no regularmente. Os membros da rede familiar de quem considera ter maior proximidade são a mulher, os filhos e os netos, independentemente dos apoios que lhe prestam, sendo que exclui os outros membros da família com quem não interage há muito ou algum tempo. Os filhos são licenciados, apesar de não possuírem graus académicos tão elevados como o seu, sendo que a filha tem duas licenciaturas, porque fez uma Licenciatura em Direito antes de se formar na área em que trabalha profissionalmente, e os netos mais velhos também concluíram as licenciaturas com êxito.

Notamos que o idoso se encontra extremamente centrado nos elementos da rede de parentesco restrita (aqueles com quem se relaciona e de quem, portanto, recebe apoios) e é com eles que mais interage desde que se reformou. O enfoque colocado no parentesco objetivo, assim como a importância que lhe é atribuída, motivam uma pequena abertura para a inclusão subjetiva de indivíduos das redes amicais na família, a não ser aqueles que pertenceram objetivamente à mesma no passado, como é o caso dos ex-cônjuges dos filhos, pois, de qualquer modo, continuam a ter uma relação parental com os netos. Este mesmo enfoque tem um papel importante no seu quotidiano, uma vez que o entrevistado possui relacionamentos amicais (e ex-profissionais) diminutos e esta restrição é, de certo modo, colmatada pelos elementos da rede de parentesco com quem se relaciona mais frequentemente.

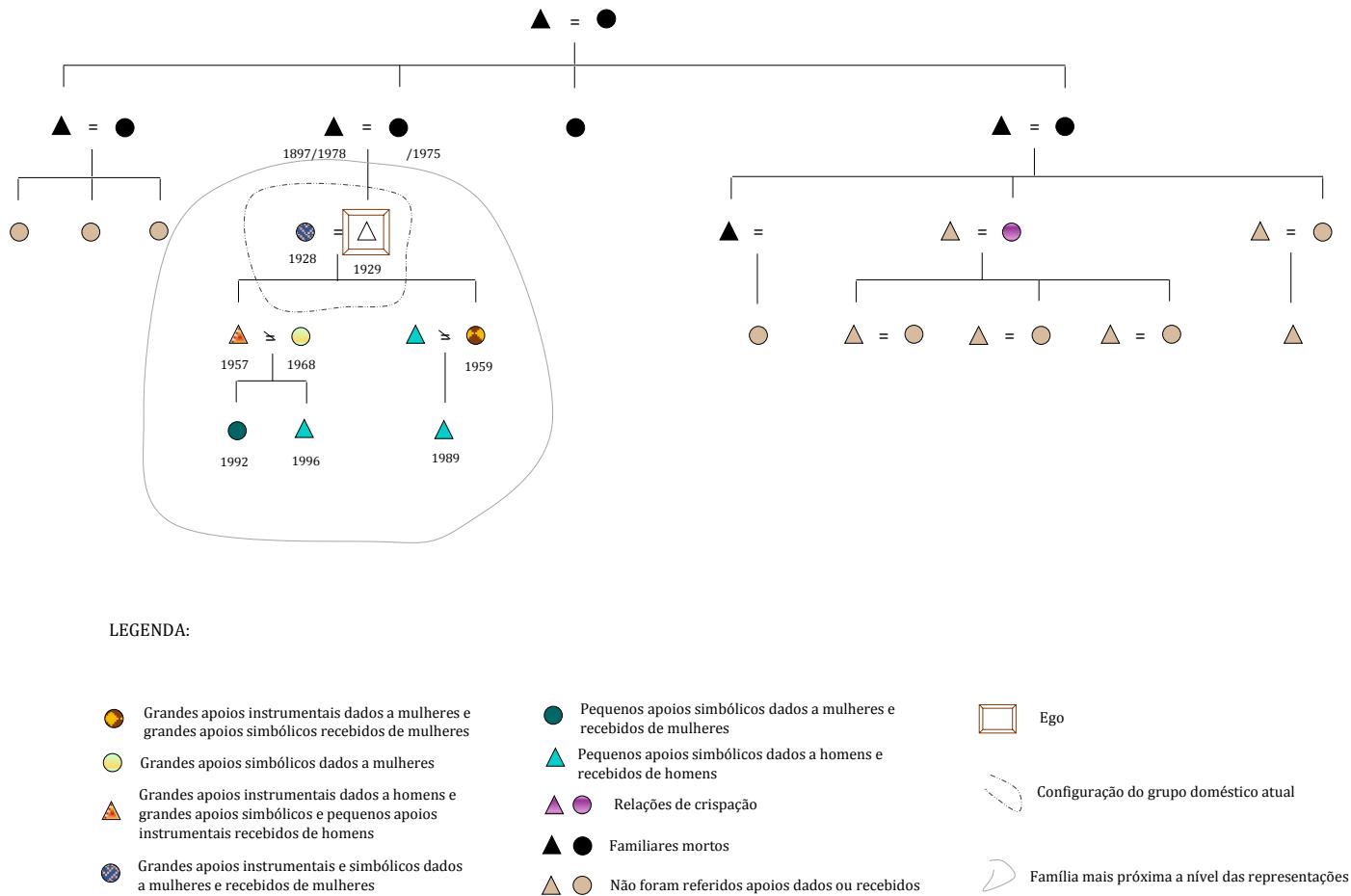


Figura 79 – Genealogia de Fernando de Sousa (p.e.22)

As redes “amicais” de vizinhança, com quem tem um pouco de proximidade, apesar de trocar, exclusivamente, pequenos apoios simbólicos, formalizados em cumprimentos e conversas curtas, encerram um nó (uma idosa que mora no seu prédio e de quem recebe *emails* divertidos). No entanto, relacionou-se com o proprietário idoso da *Primeira Praceta Cafetaria*, que, em 2017, deixou de residir em Benfica. Interage, rapidamente, com o proprietário (idoso) de uma mercearia da Rua dos Arneiros, com o proprietário (adulto) de um talho, situado nas proximidades desta mesma rua, que lhe entregam as compras ao domicílio, e com o enfermeiro (adulto) que lhe arranja os pés e lhe faz massagens ao domicílio.

“Daqui das pessoas com quem eu convivo mais... eu gostava muito de falar com o Senhor aqui do café (...) A Mariana Rita tem uma particularidade engraçada, manda-me de vez em quando daqueles *emails* com... (...) divertidos, maneira que... e eu disse-lhe: ‘Mande-me aqueles *emails* que você manda e eu aprecio muito.’ (...) Não, eu sou considerado de poucas falas (...) Mas, agora, voltando aqui às pessoas da... no entanto, apesar de eu não me dar com ninguém eu considero fantástico este sistema de convívio de bairro porque, por exemplo, eu já sei dos nomes (...) a Bem-Haja [dona adulta da mesma

*mercearia] porque ela (...) diz sempre Bem-Haja (...) O Senhor Saraiva (...) é o enfermeiro... (...) vem mensalmente tratar-nos das unhas (...)” (Fernando de Sousa, 89 anos, lado Nordeste da Rua dos Arneiros).*

Considera não ter proximidade e não trocar quaisquer apoios com dezanove nós de conhecimento de vizinhança (oito idosas, seis idosos, dois adultos e três adultas), dos quais seis idosas e dois idosos são amigos da mulher e os restantes onze nós são vizinhos muito afastados do mesmo prédio, sendo que tem um pouco de proximidade com aquela vizinha idosa, residente no mesmo prédio, que também é amiga da mulher. *“Eu sou muito pouco relacionável, eu sou... Como é que se chama? Sou um bicho de mato, um gálago dos feios... um gálago de mato que tenho impressão que... (...) que afugento as pessoas (...)”* (Fernando de Sousa, 89 anos, lado Nordeste da Rua dos Arneiros).

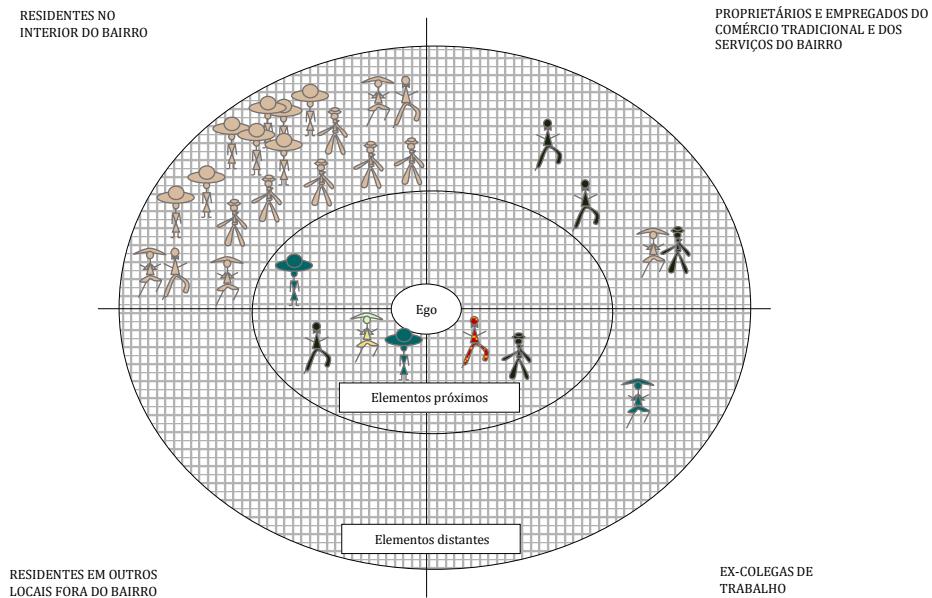
Recentemente, deu pequenos apoios simbólicos, formalizados em aconselhamentos e diretrizes profissionais, a uma adulta incumbida de funções profissionais na organização onde trabalhou profissionalmente. Mantém laços de amizade com dois ex-colegas de trabalho (um idoso e um adulto), sendo que prestou grandes apoios instrumentais a um destes, visto que o ajudou a obter um emprego, e publicou com este nó em coautoria.

Aos três nós (a ex-mulher do filho, a sua mãe idosa e o ex-marido da filha) que pertencem às redes amicais residentes fora do bairro, mas que não as integraram em termos profissionais, deu grandes apoios simbólicos à ex-mulher do filho, quando permitiu que continuasse a usar, profissionalmente, um dos seus sobrenomes, após se divorciar do filho. Com dois destes nós amicais (a ex-mulher do filho e a mãe desta) troca pequenos apoios simbólicos mais por meio de contactos telefónicos do que presencialmente e, muito esporadicamente, em aniversários e outras ocasiões festivas. Porém, com o outro nó amical (o ex-marido da filha) apenas conversa, muito raramente, por telefone. Considera que estes três indivíduos, a ex-mulher do filho, a mãe desta e o ex-marido da filha, pertencem à família, uma vez que as duas primeiras são a mãe e a avó dos seus netos, por parte do filho, e o último é o pai do seu neto, por parte da filha, mas estes são os únicos elementos, presentemente, incluídos nas suas redes amicais, por razão do divórcio de ambos os filhos, que considera pertencerem à família.

Metade dos indivíduos das suas redes sociais com quem considera manter uma relação de amizade (dois ex-colegas de trabalho) fizeram um percurso académico, assim como o fizeram a grande maioria dos indivíduos que considera pertencerem à família, sem serem efetivamente da família. Num dos casos (a mãe da ex-mulher do filho) o mesmo percurso conduziu à obtenção de um grau académico equivalente ao seu. Uma parte importante das redes sociais deste investigado é constituída por indivíduos que completaram graus académicos diversos, seja na família, nas redes de ex-colegas de trabalho e nas redes amicais residentes fora do bairro, dando-se as exceções das redes “amicais” residentes dentro do bairro e dos elementos do comércio tradicional, que não completaram as mesmas formações. Nas redes de conhecimento residentes dentro do bairro encontramos uma pequena parte de indivíduos licenciados.

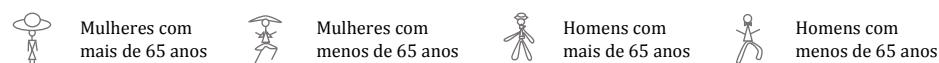
No total as suas redes sociais são formadas por cinquenta e um indivíduos. Estes indivíduos estão, sobretudo, distribuídos pela rede de parentesco, pelas redes de conhecimento residentes no interior do bairro, pelas redes de indivíduos que fazem trabalho profissional dentro do bairro, pelas redes de ex-colegas de trabalho e pelas redes amicais residentes no exterior do bairro. Estas redes compreendem um número semelhante de elementos do género masculino e de elementos do género feminino, bem como um número semelhante de idosos e adultos, sendo que não incluem crianças e os (três) adolescentes aqui incluídos encontram-se concentrados na rede familiar. Constatamos, igualmente, que as relações intergeracionais com adultos que este idoso desenvolve têm origem na rede familiar, nas redes de conhecimento residentes dentro do bairro, nos proprietários e empregados do comércio tradicional do bairro, nas redes amicais residentes no exterior do bairro e nas redes relacionadas com a profissão que executou, mas não se encontram nas redes “amicais” residentes dentro do bairro, muito

devido ao seu pequeno tamanho. Os apoios que transpõem os pequenos apoios simbólicos são recebidos no contexto familiar e são dados, geralmente, neste contexto, mesmo que num dos casos (da ex-mulher do filho) se trate de parentesco subjetivo. Contudo, observamos que prestou grandes apoios instrumentais a um ex-colega de trabalho.



LEGENDA:

ATORES/AGENTES:



APOIOS DADOS E RECEBIDOS:

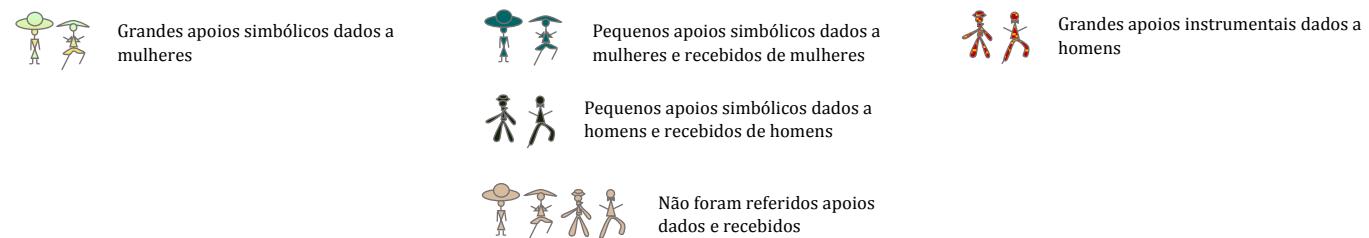


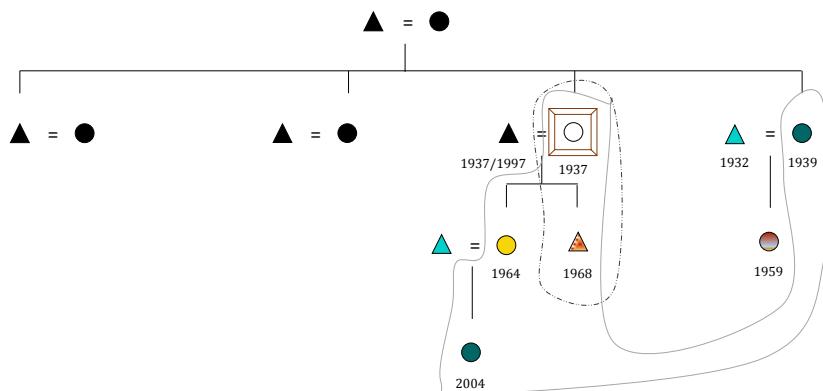
Figura 80 – Mapa das redes amicais e de conhecimento de Fernando de Sousa (p.e.22)

Está reformado, a maior parte dos colegas de trabalho faleceram, tem problemas de mobilidade e dificuldade em se entrosar com os residentes do bairro, o que, além dos motivos decorrentes da personalidade, é motivado pelo desfasamento entre os capitais culturais e económicos que possui e aqueles que a maior parte dos vizinhos possuem. Encontra-se, por estes motivos

e por motivos de saúde, mais confinado ao espaço doméstico. Até recentemente, altura em que os problemas de saúde se agravaram, foi almoçar com a mulher, o filho e, raramente, os netos por parte do filho, foi assistir aos eventos onde o mesmo entrou e passou férias, geralmente, com a mulher e os filhos (ou um destes), na sua casa de campo (sensivelmente, a duas horas de Oliveira do Hospital e de Travanca de Lagos e, mais especificamente, na Cernadela). A estrutura espacial local também não o motivou, grandemente, a fazer um povoamento mais ativo do bairro, visto que a Rua dos Arneiros contém alguma ingremidade e Fernando não tem uma especial predileção pelo espaço urbano do bairro, não obstante apreciar a manutenção das componentes bairristas que podemos encontrar nas lojas de comércio tradicional ali estabelecidas.

**Pormenorização das redes e dos povoamentos das redes e do espaço e.23 (Maria Teresa Castro)**

Tem oitenta e um anos e não tem escolaridade, terminou a carreira como empregada de limpeza (e engomadeira). É viúva e vive com o filho num apartamento sito no lado Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, uma rua inserida no Bairro de Benfica. A rede de parentesco é composta por dois filhos (uma adulta e um adulto), uma neta quase adolescente (por parte da filha), o cônjuge da filha, uma irmã, o cunhado e uma sobrinha. Troca pequenos apoios simbólicos com todos os parentes. Considera que a família mais próxima é constituída pelos filhos, pela neta e pela irmã. Esta é a única irmã viva de três irmãos, sendo que os outros dois irmãos (um irmão e uma irmã) não tiveram filhos e os cônjuges também faleceram. Recebe grandes apoios simbólicos dos dois filhos e da sobrinha, patentes no apoio moral que lhe concedem sempre que está doente, mas recebe, igualmente, pequenos apoios instrumentais dos filhos, patentes na realização das tarefas domésticas e de determinadas compras, e presta grandes apoios instrumentais ao filho, quando permite que resida consigo.



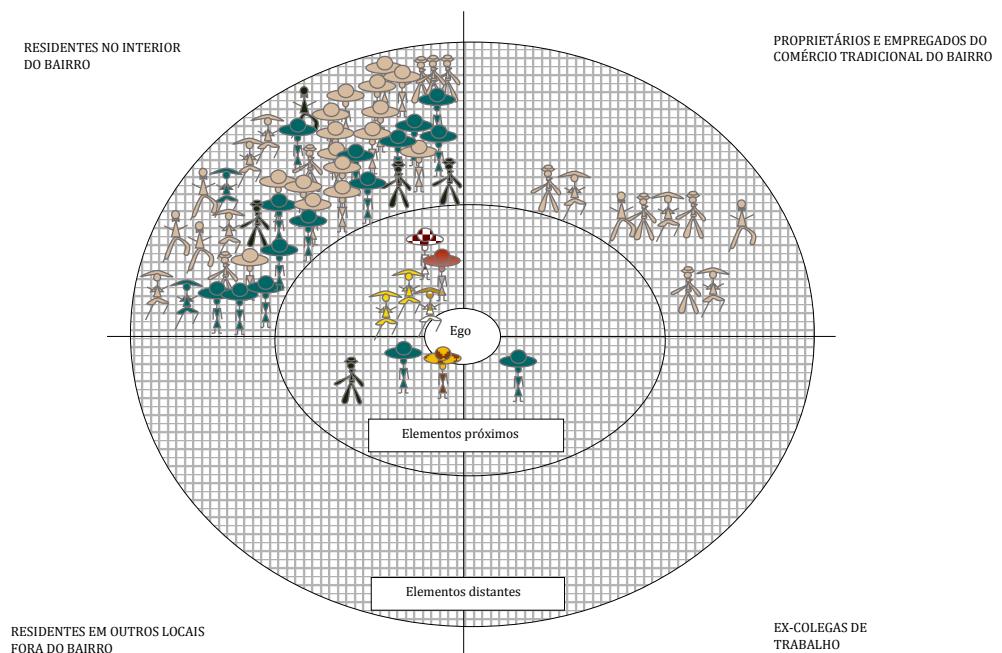
**LEGENDA:**

- ▲ Grandes apoios instrumentais dados a homens e grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais recebidos de homens
- Grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais recebidos de mulheres
- Grandes apoios simbólicos recebidos de mulheres
- ▲ = ● Familiares mortos
- ▲ ○ Não foram referidos apoios dados ou recebidos
- Pequenos apoios simbólicos dados a mulheres e recebidos de mulheres
- ▲ Pequenos apoios simbólicos dados a homens e recebidos de homens
- Ego
- Configuração do grupo doméstico atual
- Família mais próxima a nível das representações

Figura 81 – Genealogia de Maria Teresa Castro (p.e.23)

As redes amicais de vizinhança, residentes no seu prédio, são constituídas por uma idosa e três adultas. Uma destas adultas deu-lhe pequenos apoios instrumentais, quando recuperou da colocação de um *pacemaker*, visto que lhe ofereceu refeições confeccionadas, outra adulta presta-lhe os mesmos apoios, quando a convida, aos domingos, para almoçar na sua casa, e a outra adulta empregou-a, na própria casa, como engomadeira, e prestou-lhe, nesse contexto, grandes apoios instrumentais. Considera que os últimos dois nós estão quase incluídos no parentesco subjetivo. Contudo, troca pequenos apoios simbólicos com qualquer um daqueles quatro nós, de quem também recebeu grandes apoios simbólicos, quando colocou o *pacemaker*, e considera que, dos nós amicais residentes dentro do bairro, é com aqueles quatro que tem maior proximidade. As redes amicais de vizinhança compreendem, também, Luísa Cardoso (r.e.16), uma vizinha idosa, residente noutro prédio do lado

Noroeste da “primeira praceta” da Rua dos Arneiros, com quem trocou grandes apoios simbólicos, em situações de doença. Cumprimenta e (ou) conversa um pouco com dezanove vizinhos (nove idosas, três idosos, quatro adultas e três adultos) residentes do lado Nordeste da sua praceta e com vinte e oito indivíduos (vinte idosas, cinco idosos, um adulto, duas adultas) residentes na vizinhança, ou muito próximo da vizinhança, e do lado Noroeste desta mesma rua, mas não considera trocar pequenos apoios simbólicos com todas estas pessoas e considera que integram as redes de conhecimento residentes dentro do bairro. Interage, rapidamente, com nove proprietários ou empregados (quatro idosos, dois adultos e três adultas) do comércio tradicional (mercearias e restauração) da Rua dos Arneiros.



LEGENDA:

ATORES/AGENTES:



APOIOS DADOS E RECEBIDOS:

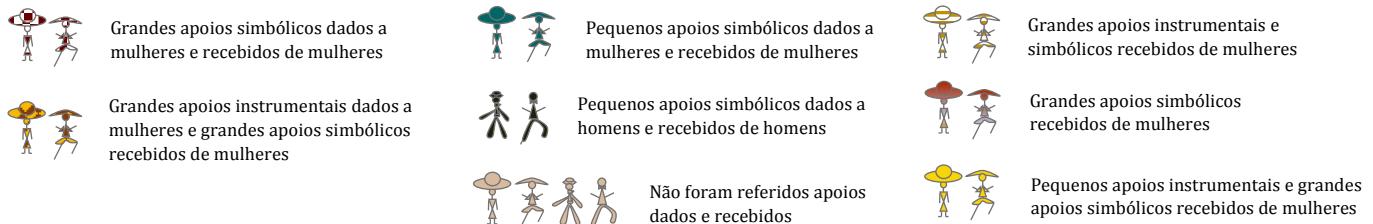


Figura 82 – Mapa das redes amicais e de conhecimento de Maria Teresa Castro (p.e.23)

As redes amicais residentes fora do bairro são compostas por um idoso e três idosas. Considera que uma das idosas está, completamente, inserida no parentesco subjetivo e trocou grandes apoios com a mesma, visto que lhe deu grandes apoios instrumentais, por meio do cuidar direcionado para os seus filhos, quando estes eram crianças, e recebeu grandes apoios simbólicos, inerentes às visitas que esta lhe fez nos primeiros tempos de uso do pacemaker.

*“Entrevistado – Tenho uma amiga que mora em Arganil (...) está-me sempre a convidar para ir para lá, quando eu era nova ia sempre para lá passar as férias (...)*

*Entrevistador – Tem que idade (...)?*

*Entrevistado – Ela é mais velha... é um pouco mais velha que eu, talvez alguns quatro anos mais velha.*

*Entrevistador – Sim. E assim mais amigos fora de Benfica?*

*Entrevistado – Tenho uma amiga [ex-colega de trabalho] no Canadá. Já estive para lá ir com a viagem marcada e tudo, mas depois não fui porque foi quando pus o pacemaker (...)*

*Entrevistador – (...) E que idade tem?*

*Entrevistado – (...) Ela tem mais oito anos do que eu (...) e o filho também está lá no Canadá (...)*

*Entrevistador – O filho tem que idade (...)?*

*Entrevistado – Tem sessenta e seis (...)*

*Entrevistador – E assim mais pessoas (...)?*

*Entrevistado – Tenho a filha de uma [amiga de infância] que é madrinha do meu filho e mora ali em Alfragide (...)*

*Entrevistador – E tem que idade ela?*

*Entrevistado – Ela tem sessenta e cinco (...)” (Maria Teresa Castro, 81 anos, lado Noroeste da Rua dos Arneiros).*

O tamanho das redes sociais desta idosa é equivalente a setenta e dois nós, repartidos pela rede de parentesco, pelas redes

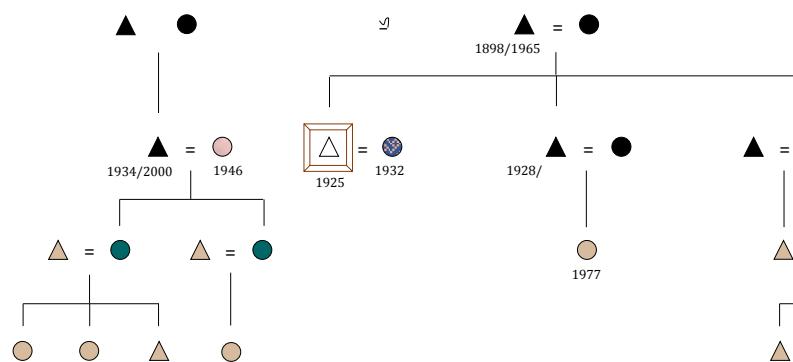
amicais residentes no interior do bairro, pelas redes de conhecimento aí residentes, pelas redes de proprietários e empregados do comércio tradicional do bairro e pelas redes amicais residentes no exterior do bairro. Constatamos que o preenchimento das redes sociais, em termos de género, inclui mais do dobro de elementos do género feminino em relação aos elementos do género masculino e, em termos de gerações, inclui mais do dobro de idosos em relação aos adultos e apenas um elemento praticamente adolescente, que pertence à rede familiar. Notamos, igualmente, que, com exceção do filho, foram, unicamente, elementos do género feminino que lhe prestaram grandes apoios e estes elementos integraram a família e as redes amicais.

O povoamento que esta entrevistada faz das suas redes, em termos de grandes apoios instrumentais prestados pela mesma aos elementos das suas redes, por seu turno, está formalizado em grandes apoios instrumentais prestados a uma amiga residente no exterior do bairro e ao filho. Observamos, também, que, tendencialmente, os nós das suas redes não possuem formação académica.

É raro sair do espaço urbano da Rua dos Arneiros e aí frequenta, sobretudo, a *Primeira Praceta Cafetaria*. Mesmo assim, vai, esporadicamente, à Damaia (onde moram a filha e a irmã) e visita Sesimbra com a filha, durante o mês de agosto (uma vez que a irmã, o cunhado, a sobrinha e a neta passam aí férias). Viajou, também, por outros locais do país, no contexto de passeios organizados por uma associação, sediada no exterior do bairro, que são muito requisitados, principalmente, por alguns residentes idosos do lado Nordeste da Rua dos Arneiros. Em 2015, integrou uma excursão à Itália e levou a neta.

**Pormenorização das redes e do povoamento das redes e do espaço e.24 (Eduardo Marques)**

Tem noventa e três anos, a terceira classe do antigo sistema de ensino e ultimou a carreira a trabalhar, profissionalmente, numa empresa, como canteiro. É casado, não tem filhos e vive só num apartamento posicionado no Bairro do Charquinho, um dos bairros que integra o Bairro de Benfica. A rede de parentesco é composta pela mulher, pela única irmã viva, pelos netos e filho desta, por uma sobrinha descendente de um irmão falecido, pela mulher de um irmão por afinidade (filho único da segunda mulher do pai), tendo este morrido, e pelas filhas, pelos maridos das filhas e netos desta. Trocou grandes apoios instrumentais com a mulher, pois enquanto trabalhou profissionalmente esta tratou das tarefas domésticas, o que continuou a acontecer quando se reformou, e trocou grandes apoios simbólicos com a mulher, quando se encontraram debilitados e quando esta teve uma doença muito grave, antes de ir para um lar. Troca pequenos apoios simbólicos com a mulher, a irmã, a cunhada e as sobrinhas por afinidade, sendo que prestou pequenos apoios instrumentais à cunhada por afinidade, quando fez várias tarefas agrícolas, entre outras tarefas, na quinta desta. Praticamente não tem interações com os restantes membros da família. Os familiares idosos não possuem experiências académicas, mas a sua rede de parentesco contém sobrinhos que passaram por estas experiências e fizeram uma licenciatura, como é o caso das duas sobrinhas por afinidade, sendo uma Licenciada em Direito e sendo a outra Licenciada em Arquitetura.



**LEGENDA:**

Grandes apoios instrumentais e simbólicos dados a mulheres e recebidos de mulheres

Pequenos apoios instrumentais dados a mulheres

Pequenos apoios simbólicos dados a mulheres e recebidos de mulheres

Familiares mortos

Não foram referidos apoios dados ou recebidos

Ego

Configuração do grupo doméstico atual

Família mais próxima a nível das representações

Figura 83 – Genealogia de Eduardo Marques (p.e.24)

A família que considera mais próxima é, no entanto, composta por um casal de ex-cunhados e o filho deste, que integraram a sua família quando esteve casado com a primeira mulher, da qual enviuvou. A ex-cunhada prestou-lhe grandes apoios

simbólicos e instrumentais, visto que lhe deu apoio moral, lhe tratou da roupa e preparou as refeições, desde que enviuvou até conhecer a presente mulher, mas também o ex-cunhado o apoiou moralmente, quando a primeira mulher faleceu, como contou nesta parte da entrevista:

*“Quando faleceu a minha mulher ajudaram-me, ajudaram-me bastante (...) fiquei abalado numa temporada e ajudaram-me bastante e essa cunhada (...) era a que me dava de comer (...) lavava-me a roupa e, pronto, fez o que pôde, mas fui eu também que disse: ‘Oh cunhada (...) deve compreender que eu tenho a minha vida e também não posso estar toda a vida a fazer isso.’. Ela foi logo franca e eu gostei disso: ‘Pronto, o cunhado é novo também pode arranjar outra mulher.’ (...) A melhor ajuda que eu tive foi nessa altura.”* (Eduardo Marques, 93 anos, Bairro do Charquinho).

O filho do casal, cuja profissão é otorrinolaringologista, prestou-lhe grandes apoios simbólicos, quando se encontrou com problemas de saúde, e continua a mostrar disponibilidade para lhe prestar estes apoios, mas, até agora, Eduardo remunerou os serviços prestados por este amigo:

*“Entrevistador: Com quem pode ou pôde contar na família sejam aqueles com quem reside ou os restantes e para quê?*  
*Entrevistado: (...) Se tiver qualquer problema (...) com quem posso contar é com esse meu sobrinho, com o otorrino (...) Já me ajudou, já, sim senhor (...) Por exemplo, já precisei dele para a garganta... para me ver a garganta, já precisei dele para os ouvidos. Agora, ultimamente, depois de ele ir para aquele hospital, lá para baixo, para Loures, é que não, mas quando estava no Hospital de Santa Maria era onde eu ia, precisava de qualquer coisa e era lá que eu ia ter com ele.”* (Eduardo Marques, 93 anos, Bairro do Charquinho).

Os grandes apoios prestados por estes três antigos familiares foram muito importantes para Eduardo, como são o convívio e a diversão que mantêm presentemente, e continua a considerar os elementos mais próximos da família, apesar de não pertencerem efetivamente à família, mas sim às redes amicais residentes no bairro, visto que o idoso optou por fazer uma recomposição familiar após a morte da primeira mulher.

Além dos mesmos três nós que lhe prestaram, e podem prestar em caso de necessidade, grandes apoios, relaciona-se com catorze vizinhos (cinco idosos, cinco idosas, um adulta e três adultos) residentes no seu prédio e tem mais catorze vizinhos (cinco idosas, três idosos, três adultos e três adultas) de outros prédios, próximos do seu, que considera um pouco menos próximos. Troca pequenos apoios simbólicos com os seus vizinhos mais e menos próximos, na forma de cumprimentos e algumas conversas, e pensa que estes nós amicais têm uma proximidade imediatamente a seguir aos três nós anteriores. As redes amicais residentes no bairro, com um carácter mais distante que as precedentes, são constituídas por quinze amigos idosos com quem se encontra na *Pastelaria Nilo*, antes e depois de ir à missa na *Igreja de Nossa Senhora do Amparo* ou em outras ocasiões. *“Fui à missa de manhã, antes... antes sentei-me no café, estive lá à espera dos meus amigos, apareceu um (...) estive à conversa mais ele. Depois, estava na hora de ir à missa, fui à missa, quando vim já lá estavam todos. Pronto! Estive lá até ao meio-dia. Ora, eu fui à missa das dez e meia (...) Sentei-me lá até ao meio-dia e depois cada um foi para as suas casas.”* (Eduardo Marques, 93 anos, Bairro do Charquinho). Um destes quinze amigos acompanha-o ao hospital (ou a outros locais onde não pode ir sozinho) e dá-lhe pequenos apoios instrumentais e grandes apoios simbólicos, visto que o transporta de carro e lhe dá o apoio moral necessário para resolver e aliviar problemas de saúde (ou outros problemas importantes). *“Olhe (...) que eu me lembre nunca... exceto um... exceto um que preciso de qualquer coisa, não é dinheiro que isso... dinheiro nunca pedi dinheiro nenhum, faz favor, mas favores já tenho pedido, já tenho pedido e ele tem... tem correspondido, não é dinheiro, mas coisas que eu lhe peço, até para me levar daqui ao hospital (...) Está sempre disponível.”* (Eduardo Marques, 93 anos, Bairro do Charquinho). As suas redes amicais residentes no interior do bairro

são, ainda, formadas por dez idosos, com quem frequenta o *Grupo Cultural Recreativo e Desportivo Os Kapas*, sediado em Benfica. Apesar de considerar que os seus amigos são estes cinquenta e seis nós (ex-familiares, vizinhos e frequentadores daqueles mesmos espaços semipúblicos), valoriza mais um conceito de amizade em que é feita uma integração no parentesco subjetivo, o que acontece com, aproximadamente, metade dos seus amigos: “(...) *Alguns até são amigos por serem amigos do meu amigo, está a perceber? São amigos do meu amigo...* Costuma-se dizer: “*Quem é amigo do meu amigo meu amigo é.*” E é assim... por acaso, são meus amigos por causa do meu amigo. O meu amigo apresentou-me, assim como já lhe apresentei também a ele, pronto, e ficam amigos sim senhor... amigos, é uma amizade... mas não é uma amizade, pronto, com o esforço de família.” (Eduardo Marques, 93 anos, Bairro do Charquinho).

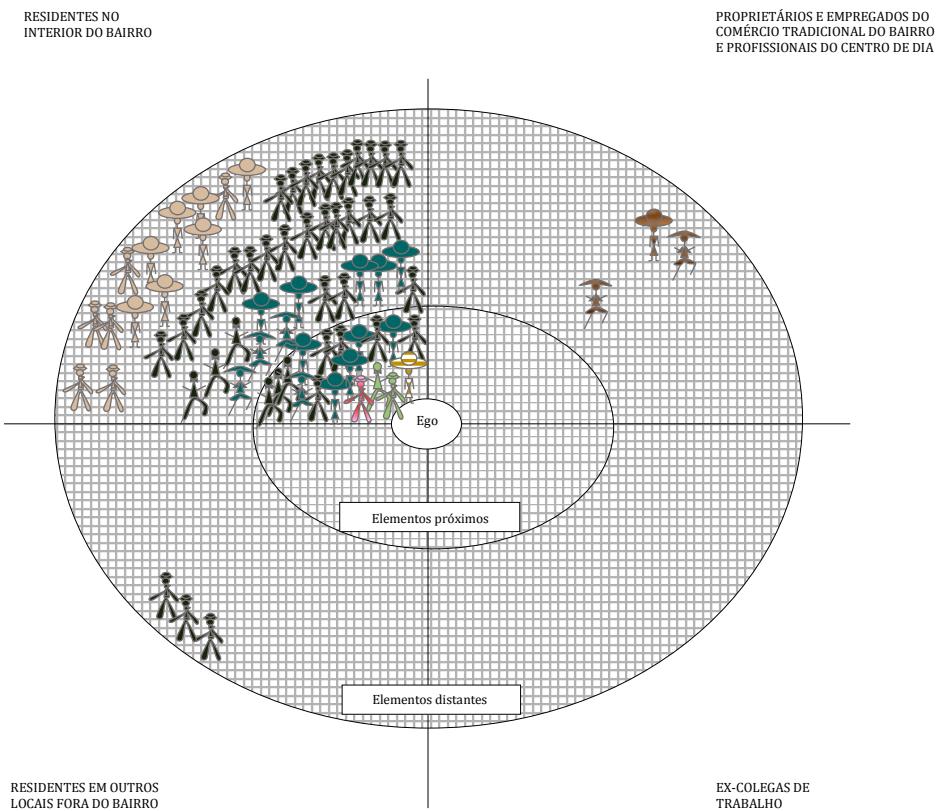
Não englobou nas suas redes sociais os colegas das aulas de Ginástica, que tomam lugar no *Centro de Dia do Charquinho*, tendo a referência a treze nós de conhecimento (seis idosos e sete idosas), alusivos à frequência mais numerosa da aula que acontece durante o verão, sido feita com fundamento etnográfico, o que também aconteceu relativamente às interações que mantêm com dois elementos (uma idosa e uma adulta) da Direção do *Centro de Dia do Charquinho* e com a Professora das Aulas de Ginástica do mesmo centro, de quem recebe pequenos apoios instrumentais. Este idoso não tem amigos residentes no exterior do bairro e as suas redes de conhecimento aí residentes são apenas formadas por três conhecidos idosos.

As redes sociais, aqui detalhadas, contêm noventa nós, que pertencem à rede de parentesco, às redes amicais residentes no interior do bairro, às redes de conhecimento ali residentes, às redes de profissionais empregados dentro do bairro e às redes de conhecimento residentes fora do bairro. Mais de metade destas redes sociais são preenchidas por elementos do género masculino e mais de dois terços destas redes correspondem a relações com idosos, sendo que as crianças e os adolescentes estão concentrados na rede de parentesco e completam menos de um décimo dos idosos. Observamos uma dádiva de apoios, que saem fora dos pequenos apoios simbólicos, concentrada no seio familiar e uma receção dos mesmos apoios concentrada no seio amical, apesar da permuta de grandes apoios instrumentais e simbólicos com a mulher. Notamos que recebeu grandes apoios simbólicos de mais indivíduos, relativamente aos indivíduos a quem os deu, e houve um número maior de indivíduos de quem recebeu grandes apoios instrumentais, relativamente ao número de indivíduos a quem os deu, bem como recebeu pequenos apoios instrumentais de um número de indivíduos igual ao número de indivíduos a quem os deu. Salvo a exceção do sobrinho, anterior à recomposição familiar a que procedeu, os seus amigos não possuem formações académicas.

Apesar da sua idade muito avançada, povoa o Bairro de Benficaativamente, onde almoça, pontualmente, nos restaurantes do bairro, bebe café numa cafetaria próxima de sua casa, frequenta, todos os domingos, a missa da *Igreja de Nossa Senhora do Amparo* e a *Pastelaria Nilo*, algumas vezes na companhia do ex-cunhado, com quem também vai ao *Centro Comercial Colombo*. “*Olhe, vamos beber uma imperial (...) umas vezes vamos ao Colombo, outras vezes é ali em Benfica<sup>152</sup> em qualquer... em qualquer café... Vamos beber uma imperial, pronto (...) Mas mais, mais, mais é no Colombo, é onde a gente se encontra mais (...)*” (Eduardo Marques, 93 anos, Bairro do Charquinho). Para além disso, Eduardo frequenta o *Grupo Cultural Recreativo e Desportivo Os Kapas*, onde assiste aos jogos da ‘bomba’ entre os idosos e conversa um pouco com os mesmos, bem como faz as aulas de Ginástica do *Centro de Dia do Charquinho*. No exterior do bairro, vai a casa da irmã e à quinta da cunhada por afinidade, que se situam nos arredores de Lisboa e faz, esporadicamente, determinados passeios da *Associação de Reformados de Benfica*.

<sup>152</sup> É interessante verificar que os residentes do Bairro do Charquinho e de outros locais de Benfica chamam ‘Benfica’ à zona onde foi construída a *Igreja de Nossa Senhora do Amparo*, também conhecida por ‘Baixa de Benfica’.

## A agência dos idosos residentes em dois bairros lisboetas



### LEGENDA:

#### ATORES/AGENTES:



#### APOIOS DADOS E RECEBIDOS:

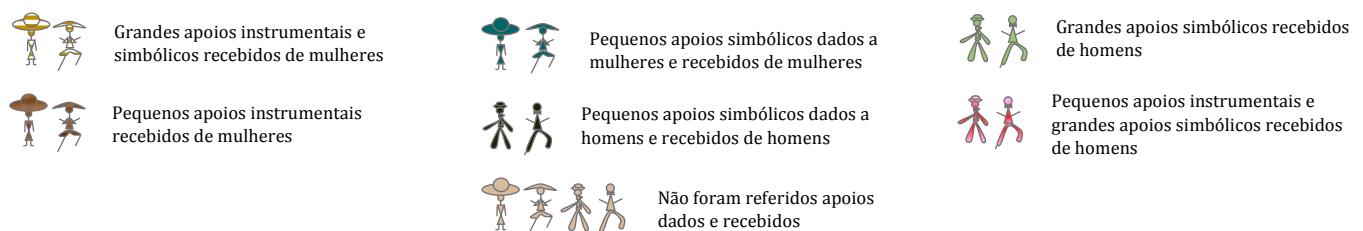


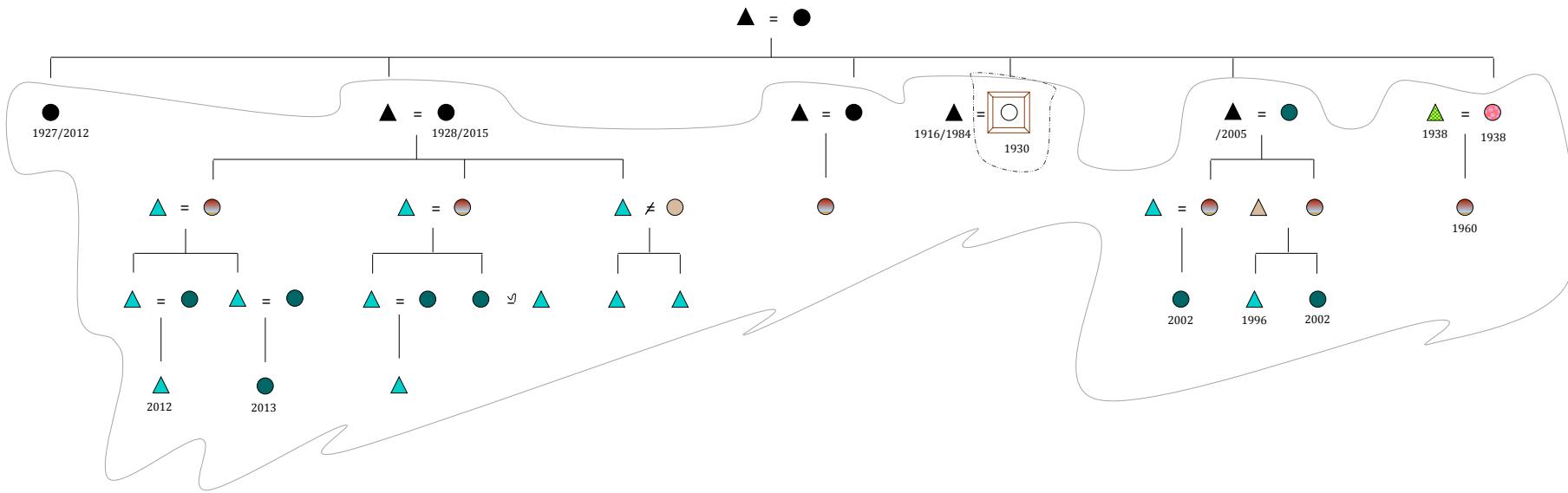
Figura 84 – Mapa das redes amicais e de conhecimento de Eduardo Marques (p.e.24)

A morfologia, um pouco íngreme, mas muito aberta, do espaço urbano do Bairro de Benfica motiva um povoamento ativo de certos lugares (públicos e semipúblicos) do mesmo bairro. Portanto, as saídas do domicílio acontecem diversas vezes por dia e, em algumas destas vezes, são demoradas (pois duram uma manhã inteira, por exemplo) e afastadas do domicílio, como acontece com as idas à *Igreja de Nossa Senhora do Amparo* e à *Pastelaria Nilo* ou ao *Centro Comercial Colombo*. Verificamos que as atividades levadas a cabo dentro do bairro ocorrem, sobretudo, no exterior do domicílio, o que é não só favorecido pelo espaço urbano do bairro, mas também promovido pelas redes amicais residentes no seu interior.

#### **Pormenorizações das redes e do povoamento das redes e do espaço e.27 (Cristina Patrício)**

Tem oitenta e oito anos, a quarta classe do antigo sistema de ensino e trabalha, profissionalmente, enquanto costureira por conta própria. É viúva, não tem filhos e vive só numa casa situada na Rua da Fé, do lado Este do Bairro de São José. Dos seus cinco irmãos (três irmãs e dois irmãos) e dos seus cônjuges somente estão vivos uma cunhada, uma irmã e o cunhado. Para além disso, tem dez sobrinhos (três sobrinhas casadas, os cônjuges, um sobrinho divorciado e três sobrinhas solteiras), treze sobrinhos-netos (seis nós constituem os sobrinhos-netos e as suas mulheres, uma sobrinha-neta vive em união de facto e cinco sobrinhos-netos, três homens e duas mulheres, são solteiros) e três sobrinhos-bisnetos (dois rapazes e uma rapariga, que são ainda crianças). Convive, esporadicamente, com todos os membros da família e considera que todos são próximos. Pôde contar com grandes apoios simbólicos da irmã e do cunhado, que se mostraram disponíveis para lhe prestar pequenos apoios instrumentais, quando esteve gravemente doente, em 2012, visto que o casal, não só a veio visitar depois de sair do hospital, como também a convidou para ir passar uns dias a sua casa. “(...) *A minha irmã queria que eu fosse lá passar uns dias, o meu cunhado a mesma coisa: ‘Anda, vens cá passar uns dias com a gente!’. ‘Não, deixem-me estar na minha casa sossegada que a minha cabeça anda muito à roda.’ (...) Ainda agora quando cá estiveram o meu cunhado dizia-me: ‘Anda com a gente, vem com a gente!’. ‘Não, por enquanto não, deixem-me estar sossegadinho que eu preciso da minha cabeça muito sossegada.’” (Cristina Patrício, 88 anos, lado Este do Bairro de São José). As seis sobrinhos foram-na visitar durante a hospitalização, mas a filha do mesmo casal é a sobrinha com quem convive mais regularmente e que mais a acompanhou durante esta doença e, mesmo, outros momentos mais recentes.*

Dos dezanove nós amicais de vizinhança (nove idosas, três idosos, três adultas, um adulto, dois adolescentes e uma criança do género masculino) contou com grandes apoios simbólicos de duas idosas e uma adulta – e, igualmente, de um nó de conhecimento que reside um pouco mais longe – na mesma situação de doença grave, como descreveu na entrevista: “(...) *Quando estive no hospital a mãe desses rapazinhos, são gémeos, os rapazinhos com vinte e um anos, foi uma pessoa simpática de não ter essa... valeu-me bastante, a mãe dela também, a minha vizinha do segundo andar também e uma senhora ali da Rua do Telhal, que eu praticamente não tenho assim grande amizade com ela, também me valeu bastante.*” (Cristina Patrício, 88 anos, lado Este do Bairro de São José). À vizinha idosa do seu prédio tinha dado grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais ao confortá-la e ao prestar-lhe cuidados quando a mesma se encontrou doente. Atualmente, troca pequenos apoios simbólicos com esta vizinha durante a noite. “*Eu se for preciso vou ao segundo andar... agora não... que havia lá uma senhora doente e a irmã é que estava a tratar dela e, às vezes, chamava-me para eu ir lá ajudar, a irmã agora foi para um lar, está a senhora sozinha. A senhora, às vezes, vem cá a baixo, eu moro no rés-do-chão, vem cá a baixo passar um bocadinho a ver televisão, ela tem televisão... para não estar sozinha lá em cima, está ali um bocadinho até às nove e meia, dez horas, depois vai-se embora, vai-se deitar.*” (Cristina Patrício, 88 anos, lado Este do Bairro de São José). Dá também grandes apoios simbólicos a outra vizinha idosa mais próxima que se acha extremamente doente, ao conversar com ela e ao dar-lhe uma palavra. As redes de conhecimento residentes no interior do bairro incluem vinte e cinco nós (dezassete idosas, quatro idosos e quatro adultas), que residem na vizinhança ou mais longe. Além dos dois proprietários do comércio tradicional da sua rua (peixaria e restaurante), relaciona-se com a Professora de Ginástica da Junta de Freguesia de Santo António, uma adulta residente dentro do bairro, que dá aulas de Ginástica (a baixo custo), bem como interage, pontualmente, com a Coordenadora do Departamento de Ação Social e o Presidente da Junta de Freguesia de Santo António, que também lhe dão outros pequenos apoios instrumentais, por via das suas competências, formalizados nas ofertas de alimentos e no acordo firmado pela junta de freguesia com o Holmes Place Avenida.



LEGENDA:

- Grandes apoios simbólicos recebidos de mulheres
- Grandes apoios simbólicos recebidos de mulheres com proposta sobre a prestação de pequenos apoios instrumentais
- Grandes apoios simbólicos recebidos de homens com proposta sobre a prestação de pequenos apoios instrumentais

- ▲ Pequenos apoios simbólicos dados a homens e recebidos de homens
- Pequenos apoios simbólicos dados a mulheres e recebidos de mulheres
- ▲ ● Familiares mortos
- △ ○ Não foram referidos apoios dados ou recebidos



Ego



Configuração do grupo doméstico atual

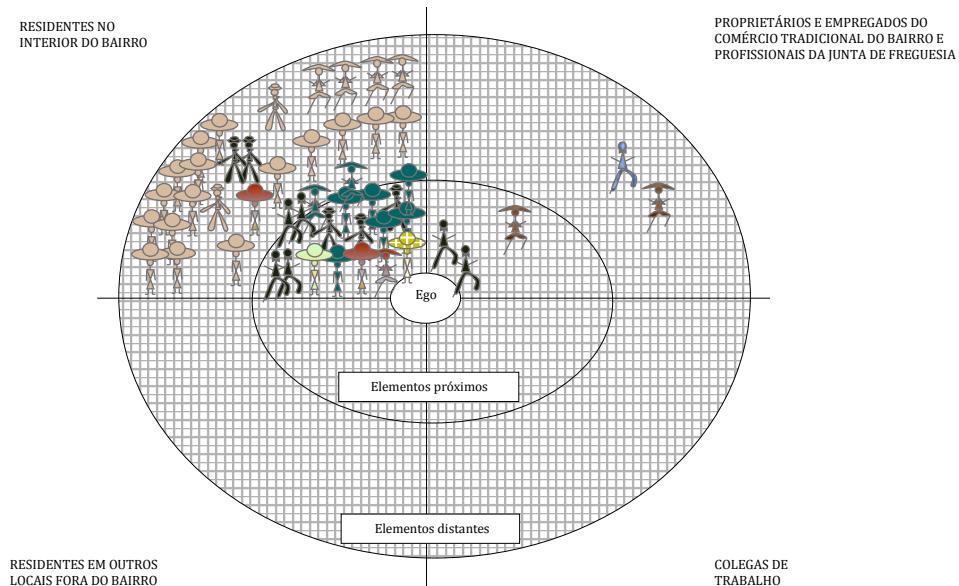


Família mais próxima a nível das representações

Figura 85 – Genealogia de Cristina Patrício (p.e.27)

## A agência dos idosos residentes em dois bairros lisboetas

Não considera que os integrantes das suas redes amicais pertençam à família, visto que não são, realmente, familiares, mas, unicamente, pessoas amigas. Estes amigos, tendencialmente, não possuem formação académica. Observamos, no presente caso, uma ausência de redes amicais e de conhecimento residentes no exterior do bairro.



### LEGENDA:

#### ATORES/AGENTES:



#### APOIOS DADOS E RECEBIDOS:

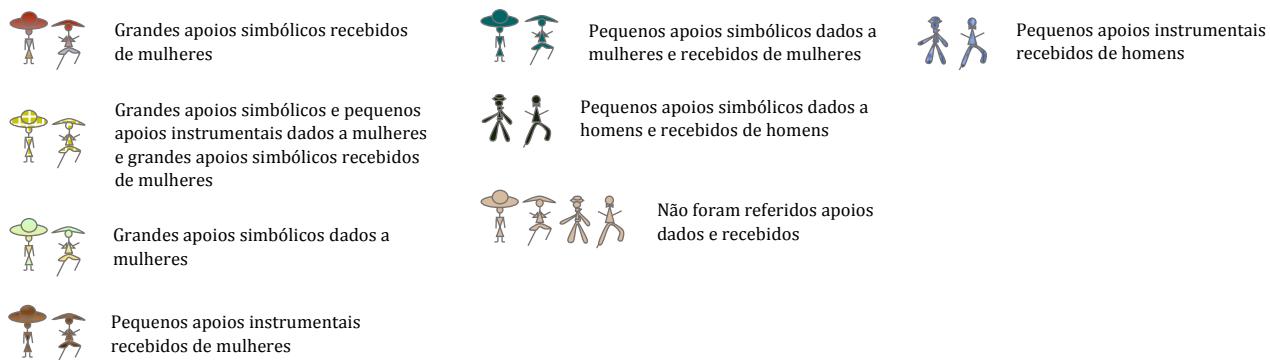


Figura 86 – Mapa das redes amicais e de conhecimento de Cristina Patrício (p.e.27)

Estas redes sociais contêm um tamanho equivalente a setenta e oito nós, distribuídos pelas rede de parentesco, redes amicais residentes no bairro, redes de profissionais dos serviços do bairro e redes de conhecimento aí residentes, sendo esta, em traços largos, a composição destas redes sociais. No entanto, em traços mais minuciosos, notamos que mais de metade do preenchimento destas redes sociais é constituído por elementos do género feminino e que o número de idosos é, ligeiramente, superior ao número de adultos. A presença de adolescentes e crianças nestas redes sociais deve-se, principalmente, à rede familiar. Observamos que as relações intergeracionais com adultos estão presentes em todas as redes que compõem estas mesmas redes sociais com principal destaque, contudo, para a rede de parentesco. Nesta última rede nenhum dos irmãos e dos cônjuges destes obteve uma formação académica e os sobrinhos, apesar de terem estudado um pouco mais, também não enveredaram por percursos académicos de nenhum tipo.

Os grandes apoios simbólicos são, essencialmente, recebidos de mulheres. Em doze elementos das redes, agora discutidas, que os prestaram somente um é do género masculino. Neste sentido, constatamos a preponderância de mulheres da família consanguínea a prestar estes apoios, como a irmã e, principalmente, os nós de parentesco alargado, o que acontece devido à morte de uma grande fração dos laços colaterais, do cônjuge e dos laços parentais e, igualmente, à ausência de laços de descendência. Com os outros familiares é evidente a troca, unicamente, de pequenos apoios simbólicos. Mesmo assim, estas redes sociais apresentam, também, nós de residentes dentro do bairro que deram esses grandes apoios, sendo observável o predomínio de mulheres idosas ali residentes a prestar esses apoios. Os grandes apoios simbólicos dados pela idosa repetiram esta tendência para a feminização dos apoios e foram em menor número do que os recebidos. De facto, encontramos menos grandes apoios simbólicos dados que recebidos, muito devido a uma restrição dos apoios dados aos nós de parentesco, que são aqueles de quem mais os recebeu. Por fim, observamos o surgimento de pequenos apoios instrumentais, ainda que pouco presentes, manifestos no prolongamento de situações de carência económica, parcialmente colmatadas pela junta, bem como observamos propostas familiares de prestação destes mesmos apoios, no prolongamento de situações de doença, recusadas pela entrevistada, que, noutro momento anterior, deu os mesmos apoios a uma vizinha idosa.

Cristina aos domingos raramente sai de casa, apesar de frequentar as aulas de Ginástica da *Junta de Freguesia de Santo António*, duas vezes por semana, e as aulas de Hidroginástica do *Holmes Place Avenida*, situado muito perto da Avenida da Liberdade, uma vez por semana, ir às compras, ir, duas a três vezes por semana, para os bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade e visitar, excepcionalmente, a casa de um número reduzido de vizinhas, o que resulta em saídas do domicílio entre uma a duas horas. No seguinte excerto da entrevista (Cristina Patrício, 88 anos, lado Este do bairro de São José) contou algumas atividades que tem e que não tem:

*“Entrevistador – E não vai à Igreja de São José?*

*Entrevistado – Eu raramente vou à igreja. Eu sou católica, não sou praticante. Eu só vou à igreja quando me apetece (...)*

*Entrevistador – E à Avenida? Vai todos os dias?*

*Entrevistado – Não, não vou todos os dias.*

*Entrevistador – Vai mais ou menos quantas vezes por semana?*

*Entrevistado – Conforme, duas, três vezes.*

*Entrevistador – E ali ao Jardim do Torel não vai?*

*Entrevistado – Ao Jardim do Torel nunca me dá para vir aqui para cima porque tenho que subir aquela rua toda e custa muito.*

*Entrevistador – E ao Campo Santana vai?*

*Entrevistado – (...) Também não vou porque tenho que subir isto tudo.*

*Entrevistador – E nos dias em que não vai à Avenida fica em casa?*

*Entrevistado – Fico em casa, tenho qualquer coisa para fazer (...)*

*Entrevistador – Mas, quer dizer, quando não vai à Avenida também não faz mais nada de especial?*

*Entrevistado – Não tenho mais nada de especial para fazer.*

*Entrevistador – Nem beber um cafzinho, nem nada?*

*Entrevistado – Não, não. Eu dantes bebia café, mas deixei de beber café... Quer dizer, se encontrar uma pessoa conhecida que me diga: 'Olha, vamos ali beber um café!', eu vou. Mas dizer todos os dias, todos os dias beber um café não vou.*

*Entrevistador – E às compras vai?*

*Entrevistado – E às compras vou, eu é que faço as minhas compras (...) faço ali ao pé de mim que há ali uns estabelecimentos (...).*

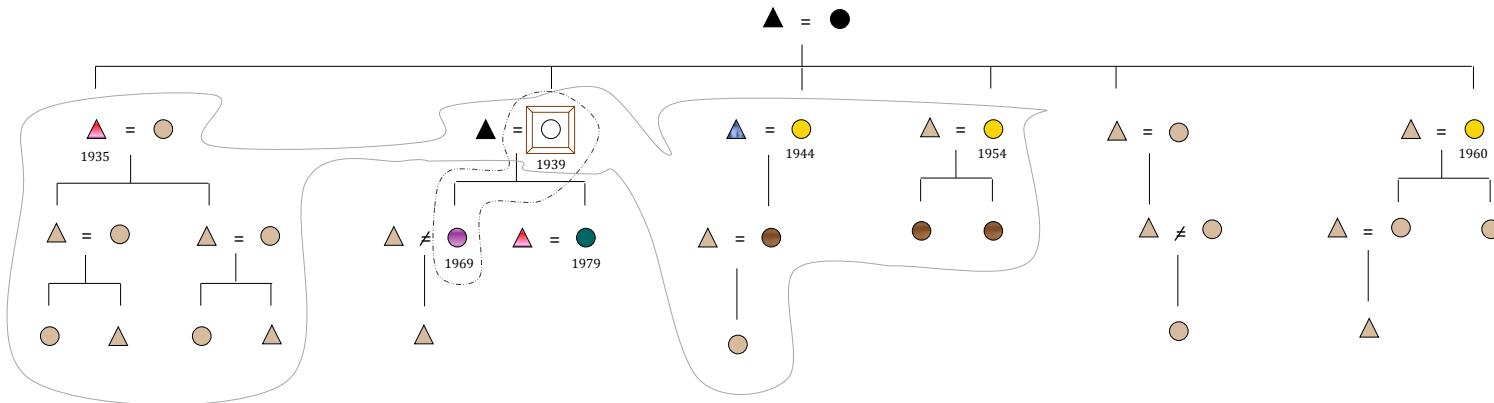
A morfologia íngreme do espaço urbano do Bairro de São José motiva, por um lado, um povoamento do espaço do mesmo bairro, geralmente, circunscrito às zonas mais próximas do domicílio, como é o caso das lojas de comércio tradicional e dos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade, mesmo com as exceções das deslocações ao lado Oeste do bairro, para fazer as aulas de Ginástica, e ao *Holmes Place Avenida* e, por outro lado, um povoamento do espaço do bairro mais confinado ao espaço doméstico, o que acontece quando se ausenta pouco tempo, ou quando passa um dia inteiro sem sair, do domicílio. De facto, a morfologia do bairro ocasiona saídas curtas da habitação, mesmo tendo a idosa programas *indoors*, como são as aulas de Ginástica e de Hidroginástica ou as visitas rápidas a certas vizinhas, sendo muito poucas as vizinhas que visita, e programas *outdoors*, como são os encontros nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade, um local plano, próximo da habitação, com lugares onde se pode sentar. Devido a uma certa fragilidade, decorrente da idade, e à sua situação económica só sai do bairro, habitualmente, uma vez por ano, altura em que vai comemorar o Natal na casa da irmã e do cunhado, edificada em Setúbal, aos quais se junta a sobrinha.

**Pormenorização das redes e do povoamento das redes e do espaço e.29 (Rita Negreiro)**

Tem setenta e nove anos, não tem escolaridade e findou a carreira como empregada doméstica. É viúva e vive com a filha mais velha numa casa (sem as condições necessárias para tomar banho) da Rua do Cardal de São José, posicionada no lado Este do Bairro de São José. A rede de parentesco é formada por duas filhas e por um neto (por parte da filha mais velha), mas relaciona-se com o neto muito excepcionalmente, bem como por cinco irmãos (dois homens e três mulheres), aos quais se juntam os cônjuges, os filhos e os netos dos mesmos. A filha mais velha é o único elemento da família com quem mantém contactos habituais, porque a filha mais nova, o genro, os irmãos e as suas famílias de procriação residem fora de Lisboa e, para além disso, não tem qualquer contacto com um destes irmãos e com a mulher, o filho e a neta deste. Troca pequenos apoios simbólicos com a filha mais nova (residente na vila de Sesimbra), nas conversas telefónicas que tem com esta, e recebeu grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais do genro, quando este a acompanhou moralmente e a transportou de carro desde Mafra, onde fez a recuperação de uma segunda operação às pernas, até São José e, ainda, quando lhe deu a televisão que tem hoje e lhe emprestou dinheiro, sendo que continua, presentemente, a dar-lhe os últimos apoios. A filha mais velha agride-a fisicamente e provoca uma coresidência conflituosa que é suportada com muito esforço. Pôde contar com grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais, por altura das mesmas operação e recuperação, de qualquer um dos outros irmãos com quem mantém contacto, que a foram visitar e lhe ofereceram diversos alimentos. Obtém, também, pequenos apoios instrumentais das três irmãs e de um cunhado, quando os mesmos lhe dão roupas e (ou) pequenas quantias em dinheiro. Salienta três sobrinhas, filhas de duas irmãs imediatamente a seguir a si, que lhe dão pequenos apoios simbólicos e instrumentais, porque vão visitá-la ao centro de dia, onde está integrada, levam-na de carro para as casas destas irmãs, onde é acolhida durante uma temporada por meio da dádiva de pequenos apoios instrumentais, e no regresso trazem-na para sua casa. Notamos, pois, que esta parte da família composta pelos irmãos com quem mantém contacto e pelas três sobrinhas, apesar de incluir, apenas, as relações de fratria e as relações advindas destas, vem colmatar as lacunas das relações de descendência, não somente devido aos conflitos motivados pela filha mais velha, mas também devido ao distanciamento espacial, que causa um distanciamento relacional, da filha mais nova. Neste trecho contou alguns dos apoios recebidos:

*“Quando preciso posso contar... depois tenho a irmã de Pombal (...), vou lá, dão-me roupas e tratam-me muito bem, acarinham-me (...) Ali a de Vale de Figueira... tratam-me todos muito bem (...) Vou. Ainda há pouco tempo lá também estive, ainda há pouco lá estive com eles todos, tivemos (...) Essa [uma irmã que reside na Bélgica] também é muito amiga... muito minha amiga, quando cá vem dá-me roupa, dá-me dinheiro, dá-me tudo (...) Às vezes, eu ia para o Pombal e ela também lá estava em altura de férias, queriam ir assim às compras e, então, eu ia com elas, quando ainda podia andar e eu dizia assim: ‘Ai! Que coisa tão bonita!’. ‘Ai! Gostas?’. ‘Gosto!’. ‘Se gostas leva!’ (...) Estas botas foram elas que me deram (...) Então, esta também que mora em Vale de Figueira, que tem uma menina que tem um café, também me ajuda muito, dá-me muita roupa, dá-me muita saia e muita roupa (...) E o meu cunhado, que é o da filha que tem o café, também quando vem cá dá-me sempre cinco euros... vinte euros (...)” (Rita Negreiro, 79 anos, lado Este do Bairro de São José).*

Em resposta à questão a respeito de quais os elementos pertencentes à rede familiar que considera mais próximos incluiu o irmão, bem como a cunhada, os sobrinhos, os cônjuges dos sobrinhos e os sobrinhos-netos, por parte deste, porque foi este irmão que viveu consigo os piores tempos da infância, altura em que passaram muita fome. Mas quando questionada sobre o motivo pelo qual não incluiu as irmãs, em casa de quem passa temporadas, respondeu que também considerava que estas irmãs, os cunhados, as sobrinhas, o cônjuge de uma sobrinha e a sobrinha-neta, por parte destas, integravam a família mais próxima, mas em segundo plano. Troca, sobretudo, pequenos apoios simbólicos com os familiares que lhe dão outros apoios.



LEGENDA:

- Pequenos apoios instrumentais recebidos de mulheres
- Grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais recebidos de mulheres
- Grandes apoios simbólicos e pequenos apoios instrumentais recebidos de homens
- Pequenos apoios instrumentais recebidos de homens
- Pequenos apoios simbólicos dados a mulheres e recebidos de mulheres
- Relações de crispação
- Familares mortos
- Não foram referidos apoios dados ou recebidos
- Ego
- Configuração do grupo doméstico atual
- Família mais próxima a nível das representações

Figura 87 – Genealogia de Rita Negreiro (p.e.29)

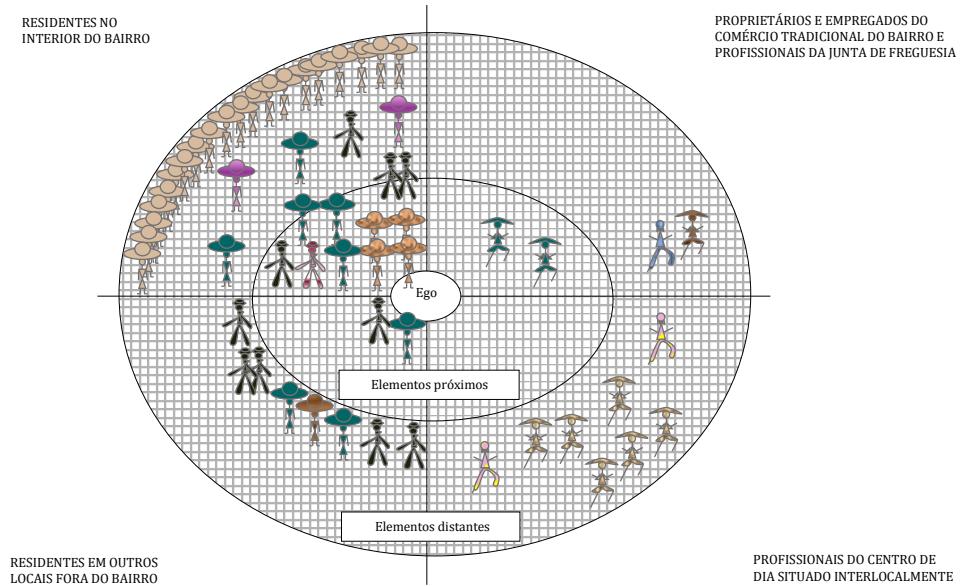
As redes amicais de vizinhança são compostas por cinco idosas que vivem na mesma rua ou no mesmo prédio e troca, por vezes, cumprimentos com mais vinte idosas que aí residem, tendo uma relação conflituosa com uma vizinha idosa do mesmo prédio que se queixa de má vizinhança e a ofende com agressões verbais, nas quais usa diversas asneiras. Quatro nós (de idosas) das redes amicais de vizinhança estão, hipoteticamente, disponíveis para lhe prestarem grandes apoios simbólicos em caso de necessidade, mas tem contado com o genro e os irmãos para a prestação dos mesmos apoios. As redes amicais residentes dentro do bairro, mas, geralmente, fora da vizinhança, são ocupadas por dois idosos próximos, que residem perto da vizinhança, sendo um destes Paulo Barros (r.e.18), a quem deu grandes apoios simbólicos, e por utentes da modalidade de centro de dia do *Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário Coração de Jesus e São José*, onde está, espacialmente e socialmente, integrada. As redes amicais mais próximas de utentes deste centro englobam uma idosa e um idoso que moram do lado Oeste do Bairro de São José, assim como um idoso e uma idosa que moram na vizinhança e um pouco longe da vizinhança, respetivamente, e considera três idosas e um idoso amigos mais distantes, tendo uma relação de crismação com uma destas idosas. Com as redes amicais residentes no interior do bairro, sejam as redes amicais de vizinhança ou as redes amicais residentes no exterior da vizinhança, troca, efetivamente, apenas pequenos apoios simbólicos. No próximo excerto da entrevista (Rita Negreiro, 79 anos, lado Este do Bairro de São José) enumerou os nós mais próximos de parte das suas redes amicais residentes no interior do bairro e, com exceção de uma idosa que reside no seu prédio, sociabiliza com estes nós nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade e no contexto de outras atividades:

*“Olhe, Dona Teresa [r.e.7], Dona Henriqueira [r.e.6], Dona Paula, Dona Manuela [r.e.5] e parece que não há mais ninguém (...) Ui! Mais distantes tenho lá para aí... muitas, mas às vezes falo, outras vezes não falo (...) Olhe, umas poucas lá da rua (...) Bem, elas sentam-se na Avenida, mas quando podem andar vão até aos Restauradores, vão até lá a cima um bocado... até Marquês de Pombal, não é? (...) Às vezes vou, mas sabe Deus como! (...) Às vezes. É raro a gente também sair dali [da Avenida]. Ao domingo vamos à missa, de manhã (...) O Senhor Paulo [r.e.18] também é muito simpático, a Dona Maria Rita também é muito simpática, mora lá no prédio (...)”.*

Relaciona-se com duas adultas que trabalham numa padaria (localizada na Rua das Pretas), onde vai diariamente, e interage também, muito esporadicamente, com a Coordenadora do Departamento de Ação Social e com o Presidente da Junta de Freguesia de Santo António, ambos dão-lhe pequenos apoios instrumentais, consubstanciados nas ofertas de alimentos. A sua rede contempla ainda oito nós de profissionais do centro de dia, situado interlocalmente, que estão incluídos em distintos níveis hierárquicos (a diretora, a assistente social, o psicólogo e a monitora, sendo que qualquer um destes possui formação académica, tal como o motorista e as três auxiliares, com níveis de escolaridade inferiores). Estes oito nós dão-lhe grandes apoios instrumentais, formalizados na prestação de serviços a baixo custo (ou seja, os utentes incorrem no pagamento de um valor simbólico, que é estipulado de acordo com o valor da reforma).

As redes amicais residentes fora do bairro são constituídas pelos restantes utentes do centro de dia e, mais precisamente, por uma idosa e um idoso que considera mais próximos, assim como três idosas e cinco idosos que considera mais distantes, tendo recebido pequenos apoios instrumentais de uma destas idosas, patentes na oferta de um bocado de mel. Todos os idosos, sejam os mais próximos ou os mais distantes, residem no Bairro do Sagrado Coração de Jesus, com exceção de uma idosa mais distante que reside nas proximidades deste mesmo bairro. Com estes indivíduos troca somente pequenos apoios simbólicos na forma de convívio e diversão, não colocando a hipótese de poderem ser prestados outros tipos de apoios. No entanto, pensa que as vizinhas mais próximas e os utentes do centro de dia pertencem à sua família, uma vez que aprecia bastante estas pessoas, exatamente do mesmo modo como aprecia os seus familiares. A rede de parentesco de Alice não

inclui elementos com formação académica, mesmo quando pensamos nas filhas e nos sobrinhos, e as suas redes amicais encontram-se nas mesmas circunstâncias.



LEGENDA:

ATORES/AGENTES:



APOIOS DADOS E RECEBIDOS:

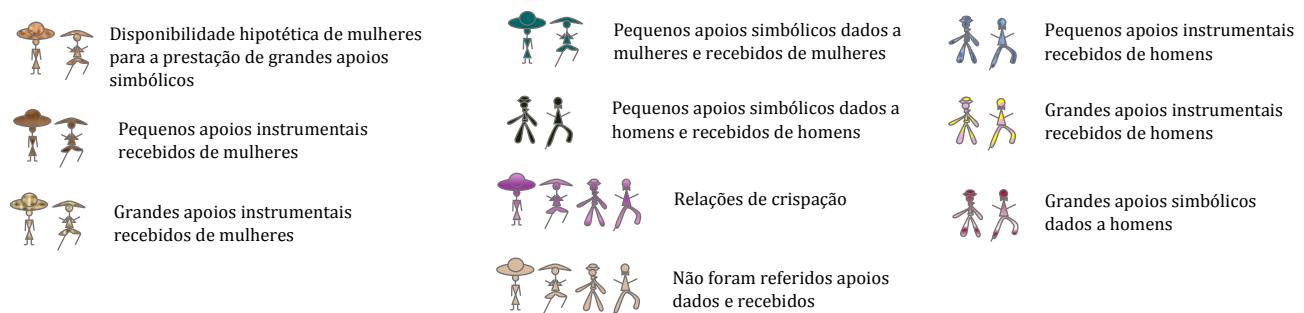


Figura 88 – Mapa das redes amicais e de conhecimento de Rita Negreiro (p.e.29)

Deste modo, as redes desta idosa perfazem um total de noventa e um nós, que estão distribuídos pela rede familiar, pelas redes amicais residentes no interior do bairro, pelas redes de conhecimento ali residentes, pelos profissionais empregados

na junta e no centro de dia, com localização interlocal, e pelas redes amicais residentes interlocalmente. Mais de metade do preenchimento destas redes sociais é composto por elementos do género feminino e idosos. A presença de adolescentes e crianças nestas redes sociais deve-se à rede de parentesco. As redes intergeracionais com adultos, por sua vez, têm origem na família e nos indivíduos que fazem trabalho profissional nas organizações locais e interlocais. O povoamento que esta idosa faz das suas redes sociais, ou seja, os apoios dados por esta às suas redes, está, quase apenas, limitado à prestação de pequenos apoios simbólicos aos indivíduos de quem recebe apoios, que, por vezes, transpõem os mesmos pequenos apoios simbólicos, mas dá grandes apoios instrumentais à filha mais velha, quando permite que resida na mesma casa. Sublinhamos a importância da família para os grandes apoios simbólicos e os pequenos apoios instrumentais, assim como a importância do centro de dia para os grandes apoios instrumentais e, igualmente, a importância da junta de freguesia para os pequenos apoios instrumentais.

Rita frequenta o centro de dia, onde se relaciona com os amigos idosos, geralmente, que não residem na vizinhança, com exceção de dois amigos idosos que não são utentes do centro e não são vizinhos. É com os últimos e com quatro nós amicais de vizinhança que aprecia sentar-se nos bancos (de jardim) da Avenida da Liberdade e ir à missa na *Capela de São José dos Carpinteiros*. Além disto, frequenta uma padaria (situada na Rua das Pretas) durante a manhã, antes de a transportarem para o centro de dia, e durante a tarde, depois de estar sentada nos bancos da “Avenida”, para onde vai quando chega do centro de dia, desde que esteja bom tempo. Estas atividades são levadas a cabo com esforço, apesar dos resultados positivos que obteve de uma operação às pernas realizada em 2016, e o espaço urbano do bairro não facilita a deslocação de pessoas nestas condições. Sai da cidade de Lisboa quando vai ao Pombal e a Vale de Figueira, passar uns dias em casa das irmãs, nas ocasiões em que participa nos passeios organizados pelo centro ou quando participa nos passeios e idas à praia organizados pela *Junta de Freguesia de Santo António*.